

# OS 120 DIAS DE SODDOMA

ou a escola da libertinagem

marquês



# Saade

TRADUÇÃO  
ALAIN FRANÇOIS

PREFÁCIO  
ELIANE ROBERT MORAES

ILUMI/URAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# Os 120 Dias de Sodoma Ou A Escola da Libertinagem

Marquês de Sade

# Sumário

MARQUÊS DE SADE

INTRODUÇÃO

ESTATUTOS

O ROMANCE DA ESCOLA DE LIBERTINAGEM DRAMATIS PERSONAE

HARÉM DAS MENINAS

HARÉM DOS RAPAZINHOS

OITO FODEDORES

PARTE PRIMEIRA

O PRIMEIRO DIA

O SEGUNDO DIA

O TERCEIRO DIA

PROGRAMA DOS TRABALHOS A EXECUTAR DURANTE O RESTO DA FESTA

O QUARTO DIA

O QUINTO DIA

O SEXTO DIA

O SETIMO DIA

O OITAVO DIA

O NONO DIA

O DECIMO DIA

O DECIMO PRIMEIRO DIA

O DECIMO SEGUNDO DIA

O DECIMO TERCEIRO DIA

O DECIMO QUARTO DIA

O DECIMO QUINTO DIA

O DECIMO SEXTO DIA

DECIMO SETIMO DIA

DECIMO OITAVO DIA

O DECIMO NONO DIA

O VIGESIMO DIA

O VIGESIMO PRIMEIRO DIA

O VIGESIMO SEGUNDO DIA

O VIGESIMO TECEIRO DIA

O VIGESIMO QUARTO DIA

[O VIGESIMO QUINTO DIA](#)

[O VIGESIMO SEXTO DIA](#)

[O VIGESIMO SETIMO DIA](#)

[O VIGESIMO NONO DIA](#)

[O TRIGESIMO DIA](#)

[ERROS QUE COMETI](#)

[PARTE SEGUNDA](#)

[PARTE TERCEIRA](#)

[PARTE QUARTA](#)

[NOTAS](#)

[TORTURAS SUPLEMENTARES](#)

[ADENDA](#)

# MARQUÊS DE SADE

(1740-1814)



*"A minha maneira de pensar, você diz, não pode ser aprovada. E que me importa? Bem idiota é aquele que adota uma maneira de pensar para os outros! Não foi a minha maneira de pensar que provocou a minha desgraça. Foi a maneira de pensar dos outros."*

A vinte e dois de outubro de 1786, Donatien-Alphonse-François de Sade, prisioneiro nas masmorras reais havia mais de sete anos, e confinado na Bastilha desde fevereiro de 1784, começava a revisão final de sua primeira grande obra, que intitulou OS 120 DIAS DE SODOMA. Alguns a consideram sua obra prima; não pode haver dúvida de que é o alicerce em que se apóia o resto de seus trabalhos. Se esta foi sua primeira grande obra, foi também o passo decisivo: três anos antes, Sade escrevera o DIÁLOGO ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO, no qual a ferocidade de seu ateísmo e o rigor de sua visão é evidente, mas, com os 120 DIAS DE SODOMA penetrou muito, demasiado, no reino do absolutismo filosófico, de onde não pode haver escapatória. Sade declarava então guerra total à sociedade que o julgara e prendera, e a virtude que ela pregava como sendo o bem definitivo. Se, até então, fora atraído, instintivamente, pelos pólos gêmeos do prazer e do vício, o poder total de seu intelecto entrava agora na luta. A partir de então, faria tudo que pudesse para ultrajar as leis tanto da Natureza como da religião. Sade estava determinado a chocar seus leitores, como escritor algum jamais o tentara na história da literatura. Tinha consciência plena do que queria. Depois de descrever seus personagens e o plano de ação nas primeiras páginas de OS 120 DIAS DE SODOMA, o autor adverte:

**"Aconselho o leitor excessivamente recatado a por meu livro imediatamente de lado, para não ficar escandalizado, pois é já evidente que não há muito de casto em nosso plano, e atrevemo-nos desde já a garantir que o haverá ainda menos na execução... E agora, leitor amigo, prepare seu coração e sua mente para a narrativa mais impura já feita desde que nosso mundo começou, um livro sem paralelos entre os antigos, ou entre nós, modernos..."**

Se Sade tinha conhecimento da importância da obra que estava empreendendo, tinha também consciência dos perigos a que tal manuscrito estava constantemente sujeito, dadas às condições e o lugar da sua composição. Arquetou, portanto, um plano que, pensou, reduziria ao mínimo a possibilidade do manuscrito se perder ou ser apreendido. Usando folhas de papel fino, de doze centímetros de largura, colou-as umas as outras de modo a firmar um rolo de doze metros de comprimento, que pensou seria relativamente fácil de ocultar. A partir de 22 de outubro trabalhou vinte noites consecutivas, das sete às dez horas, no fim das quais encheu um lado do rolo com uma letra microscópica; continuou então do outro lado, até completar o manuscrito<sup>1</sup> em 28 de novembro. Mas, todas as suas precauções foram em vão: quando a

Bastilha foi tomada, a maioria dos manuscritos que Sade deixara perdeu-se ou foi destruída, e nem rolo nem notas voltaram às mãos do autor. Deve ter sido especialmente ao manuscrito de OS 120 DIAS que Sade se referia ao escrever a seu procurador, Gaufridy, em maio de 1790, que sua perda lhe causara "lágrimas de sangue":

"Há momentos em que sou movido pelo desejo de juntar-me aos Trapezistas, e nada mais posso dizer a não ser que posso ir um belo dia e desaparecer por completo da cena". Nunca fui tão misantropo como desde que voltei para o seio dos homens; e se agora, a seus olhos, tenho a aparência de um estranho, podem estar certos de que produz em mim o mesmo efeito. Não fiquei parado durante minha detenção; calcule, meu caro causídico, que terminei quinze volumes para o tipógrafo; agora que estou livre, mal me resta um quarto desses manuscritos. Por um descuido imperdoável, minha mulher perdeu alguns e deixou apreender outros; treze anos de luta para nada! O grosso desses manuscritos ficou em minha cela na Bastilha, quando dali fui transferido para Charenton, a 4 de julho; a catorze, a Bastilha foi atacada e tomada e meus manuscritos, seiscentos livros que possuía, mobiliário no valor de duas mil libras, quadros preciosos, tudo foi lacerado, queimado, levado, pilhado: uma limpeza geral, nem uma palha deixaram: e tudo isso devido à pura negligência de Madame Sade. Teve dez dias inteiros para reaver minhas coisas; não podia ter deixado de saber que a Bastilha, que estava sendo abarrotada de canhões, pólvora e soldados, preparavase para um ataque, ou uma defesa. Então, porque não se apressou em salvar minhas coisas, meus manuscritos? — meus manuscritos, por cuja perda derramo lágrimas de sangue! Podem encontrar-se outras camas, mesas, cômodas, mas não se encontram outra vez as idéias perdidas... Não, meu amigo, não, não serei nunca capaz de expressar-lhe o meu desespero por sua perda, para mim irreparável<sup>2</sup>...

Justine, Juliette, Filosofia na Alcova e La Nouvelle Justine, representam tentativas de Sade de reconstruir, de uma forma ou de outra, os elementos que expandira em OS 120 DIAS, trabalho que supunha perdido, para sempre. Mas, embora Sade nunca o soubesse, o precioso rolo não fora destruído. Foi achado na mesma cela da Bastilha em que Sade estivera preso, por um tal Arnoux de SaintMaxim, e entrou depois na posse da família dos Villeneuve-Trans, que dele cuidou durante três gerações. No início do século atual, foi vendido a um colecionador alemão e publicado, em 1904, pelo psiquiatra alemão Dr. Ivan Bloch, sob o pseudônimo de Eugene Dühren. Bloch justificou a publicação da obra pela sua "importância científica... para médicos, juristas e antropólogos", acentuando em suas notas as "analogias espantosas" entre os casos citados por Sade e os registrados um século mais tarde por Krafft-Ebing. O texto de Bloch, contudo, segundo Lely observa, está repleto de "milhares de erros", os quais irreparavelmente o desnaturam e distorcem.

Depois da morte de Bloch, o manuscrito permaneceu na Alemanha até 1929, quando Maurice Heine, por ordem do Visconde Charles de..., foi a Berlim para adquiri-lo. De 1931 a 1935, o primoroso e autorizado texto de Heine, apareceu em três volumes de formato quarto, naquilo que se deve considerar a edição original da obra<sup>3</sup>.

## Eis o que Heine disse sobre OS 120 DIAS:

*Trata-se de um documento de valor singular, bem como do primeiro esforço, além do dos padres — e professores, para classificar as anomalias sexuais. O homem responsável por esta observação metódica, um século antes de Krafft-Ebing e Freud, merece, plenamente, a honra que lhe foi conferida pelos estudiosos, de ter as mais graves condições*

*psicopáticas conhecidas por "sadismo"<sup>4</sup>.*

## E Lely sobre OS 120 DIAS:

*Apesar das reservas que se devem fazer<sup>4</sup>, OS 120 DIAS, contém algumas das páginas mais admiráveis escritas pelo Marquês de Sade. A configuração, expressão e alcance das frases parecem mais aliados a sua correspondência... do que as suas outras obras. A Introdução, onde os recursos da sua arte se revelam na sua plenitude, na sua forma mais espontânea e mais nova, é sem dúvida a obra prima de Sade<sup>5</sup> ...*

Há outras obras mais acabadas, de maior mérito literário e de conteúdo filosófico mais desenvolvido, mas Heine e Lely têm razão: OS 120 DIAS DE SODOMA é o produto seminal de todos os escritos de Sade. É talvez a sua obra prima; no mínimo, é a pedra fundamental sobre a qual assenta o edifício maciço que construiu.



# INTRODUÇÃO

As prolongadas guerras com que Luiz XIV foi sobrecarregado durante o seu reinado, embora drenando o tesouro do Estado e exaurindo a substância do povo, continham, não obstante, o segredo que leva a prosperidade o enxame de parasitas sempre alerta as calamidades públicas, as quais, em vez de apaziguar, promover ou inventar, precisamente para mais vantajosamente lucrar com as mesmas. O final deste reinado tão sublime, foi talvez um dos períodos da história do Império Francês em que se viu emergir o maior número de fortunas misteriosas, de origens tão obscuras quanto a luxúria e o deboche que as acompanharam. Foi quase no final desse período, e um pouco antes do Regente ter tentado afugentar essa multidão de traficantes através do famoso Tribunal denominado Chambre de Justice, que quatro deles conceberam a idéia das orgias singulares que vamos relatar. Não se deve supor que era apenas a gente humilde e vulgar que se entregava a tais baixezas; os fidalgos da mais alta estirpe eram os primeiros. O Duque de Blangis, e seu irmão, o Bispo de..., cada um dos quais tinha acumulado uma fortuna imensa, são, em si próprios, prova concreta de que, a semelhança dos outros, a nobreza não perdia a oportunidade de enveredar por esse caminho da riqueza. Estas duas ilustres figuras, através de seus negócios e prazeres, intimamente associadas ao célebre Durcet e ao Presidente de Curval, foram as primeiras a iniciar o deboche que nos propomos relatar, e tendo comunicado o esquema a seus dois amigos, concordaram os quatro em assumir os papéis principais nessas orgias invulgares.

Durante mais de seis anos estes quatro libertinos, ligados por sua riqueza e gostos, pensaram estreitar seus laços por meio de alianças, em que o deboche tinha de longe um papel mais importante do que qualquer dos outros motivos que ordinariamente servem de base a tais vínculos. O que combinaram, foi o seguinte: o Duque de Blangis, viúvo três vezes, e pai de duas filhas que uma das esposas lhe dera, percebendo o interesse do Presidente Curval em casar-se com a mais velha, apesar de saber muito bem das familiaridades a que seu pai se entregava com ela, o Duque, vejam, concebeu subitamente a idéia de uma tríplice aliança.

"Você quer Julie por esposa", disse a Curval, "dou-lha sem hesitação, e imponho apenas uma condição a essa união: que você não tenha ciúmes se ela me continuar manifestando a complacência com que me vem brindando; e mais, quero que você empreste sua voz a minha para persuadir nosso bom Durcet a dar-me sua filha Constance, por quem, devo confessar, desenvolvi praticamente os mesmos sentimentos que você nutre por Julie".

"Mas", disse Curval, "sem dúvida sabe que Durcet, tão libertino quanto você..."

"Sei tudo que é preciso saber", retorquiu o Duque. "Nesta idade, e com nossa maneira de pensar, são essas coisas que nos detêm? Julga que quero uma esposa para ter uma amante? Quero uma esposa para poder servir meus caprichos, quero-a para velar um número infinito de pequenos deboches secretos que a capa do casamento maravilhosamente oculta. Enfim, quero-a pelas mesmas razões que você quer minha filha — julga que ignoro seu objetivo e seus desejos? Nós, libertinos, desposamos as mulheres para manter escravas; como esposas, tornam-se mais submissas do que como amantes, e você sabe o valor que damos ao despotismo nas alegrias que procuramos".

Foi nesse ponto que Durcet entrou. Seus dois amigos relataram a sua conversa e, deleitado por um incentivo que imediatamente o induziu a confessar os sentimentos que

também alimentava por Adelaide, a filha do Presidente, Durcet aceitou o Duque como genro, desde que Curval se tornasse seu sogro. Os três casamentos foram concluídos rapidamente, os dotes foram imensos, os contratos de casamento idênticos.

Não menos culpado que seus dois colegas, o Presidente acabou por confessar a Durcet, que com isso não manifestou o menor desagrado, que tinha um pequeno affair clandestino com sua própria filha; os três pais, cada um querendo não apenas preservar seus direitos, mas vendo logo a possibilidade de os alargar, concordaram unanimemente que as três jovens, ligadas a seus maridos apenas pelos laços do matrimônio, pertenceriam igualmente de corpo a todos, e prescreveram as punições mais severas para as que não acatassem qualquer das condições a que ficavam sujeitas.

Estavam quase a realizar seu plano quando o Bispo de... já intimamente ligado pelo prazer compartilhado aos dois amigos de seu irmão, se propôs contribuir com um quarto elemento para a aliança, se os outros três cavalheiros consentissem na sua participação no negócio. O elemento, a segunda filha do Duque, e portanto, sobrinha do Bispo, era já sua propriedade mais do que geralmente se imaginava. Mantivera relações com sua cunhada e os dois irmãos sabiam, sem sombra de dúvida, que a existência daquela donzela, que se chamava Aline, devia ser mais rigorosamente atribuída ao Bispo do que ao Duque; o primeiro, que tomara a criança a seu cuidado logo que ela deixara o berço, não ficara parado, como se pode supor, a medida que o tempo fazia florescer seus encantos. E assim, sob esse aspecto, era igual a seus amigos, e o produto que oferecia ao mercado era igualmente danificado ou degradado; mas, como os atrativos e a tenra idade de Aline ofuscavam até os de suas três companheiras, foi imediatamente incluída na barganha. Do mesmo modo que as outras três, o Bispo entregou-a, mas retendo os direitos do seu uso; e assim, cada um de nossos quatro personagens se achou marido de quatro esposas. Fez-se assim um acordo que, para conveniência do leitor, iremos recapitular:

O Duque, pai de Julie, tornou-se marido de Constance, filha de Durcet; Durcet, pai de Constance, tornou-se esposo de Adelaide, filha do Presidente;

O Presidente, pai de Adelaide, tornou-se marido de Julie, filha mais velha do Duque ;

E o Bispo, tio e pai de Aline, tornou-se marido das outras três mulheres, cedendo essa mesma Aline a seus amigos, mas retendo ao mesmo tempo iguais direitos sobre ela.

Foi numa estupenda propriedade do Duque, localizada em Bourbonnais, que tiveram lugar esses felizes enlaces, e deixo ao leitor imaginar como foram consumados e em que orgias; obrigados que somos a descrever outras, renunciaremos, ao prazer de relatar estas.

No seu regresso a Paris, a associação dos nossos quatro amigos tornou-se ainda mais firme; e como a nossa próxima tarefa é familiarizar o leitor com eles, antes de passarmos a desenvolvimentos individuais e mais minuciosos, alguns detalhes dos seus preparativos luxuosos servirão, ao que supomos, para lançar uma luz preliminar no caráter destes devassos.

A sociedade criada mantinha um fundo comum, o qual cada um de seus membros administrava durante seis meses; as quantias, atribuídas apenas a despesas no interesse do prazer, eram enormes. Sua riqueza excessiva punha ao seu alcance as coisas mais estranhas, e o leitor não deve surpreender-se ao saber que dois milhões eram gastos anualmente na compra de júbilo, e na satisfação da luxúria.

Quatro caftinas consumadas para recrutar mulheres, e um número igual de cáftens em

busca de homens, tinham o único dever de vasculhar a capital e as províncias e trazer tudo que, num gênero ou noutro, pudesse melhor satisfazer as exigências de sua sensualidade. Cada semana se realizavam regularmente quatro ceias, em quatro casas diferentes, nos quatro diferentes extremos de Paris. Na primeira dessas reuniões, dedicada exclusivamente aos prazeres da sodomia, só os homens estavam presentes; havia sempre a mão uns dezesseis rapazes, cujas idades variavam dos vinte aos trinta anos, e cujas imensas faculdades permitiam que nossos quatro heróis, vestidos de mulheres, saboreassem os deleites mais agradáveis. Os jovens eram selecionados com base no tamanho de seus membros, e quase se tornou obrigatório que esses soberbos membros fossem de tal magnificência, que nunca tivessem penetrado mulher alguma; esta cláusula era essencial, e como nada se economizava a título de despesas, só raras vezes não era cumprida. Mas, ao mesmo tempo, para provarem todos os prazeres, acrescentava-se a esses dezesseis maridos igual número de rapazes muito mais jovens, que deviam assumir o papel de mulheres. Estes rapazes variavam dos 12 aos 18 anos, e cada um precisava, para ser escolhido, de ter uma frescura, rosto, graça, encanto, ar, inocência e candura, muito além daquilo que nosso pincel poderia possivelmente pintar. Nenhuma mulher era admitida nestas orgias masculinas, durante as quais se executava tudo o que de mais libidinoso fora inventado em Sodoma e Gomorra. Na segunda ceia, havia moças de classe superior, as quais, nessas ocasiões, forçadas a abdicar de sua orgulhosa ostentação e da insolência habitual de sua classe, eram constrangidas, a troco do dinheiro que recebiam, a entregar-se aos caprichos mais irregulares, e muitas vezes até aos ultrajes que nossos libertinos tinham prazer em infligir-lhes. Compareciam doze dessas moças, e como Paris não podia fornecer um novo suprimento com a freqüência desejada, essas noitadas eram intercaladas em outras, nas quais se admitiam, no mesmo número das senhoras bem educadas, mulheres que iam de caftinas a esposas de funcionários. Há em Paris quatro ou cinco mil mulheres que pertencem a uma ou outra destas duas últimas classes, e cujas necessidades ou luxúria as obrigam a assistir a noitadas deste tipo; é apenas necessário dispor de bons agentes que as descubram, e os nossos libertinos, esplendidamente representados, viam com freqüência surgir espécimes milagrosos. Pouco adiantava a mulher ser honesta e decente, tinha de submeter-se a tudo: a libertinagem de Suas Senhorias, de uma variedade que nunca tinha limites, esmagava com horrores e infâmias quem, pela Natureza ou convenção social, devia estar isento de tais provações. Uma vez lá, era preciso estar-se pronto para tudo, e como os nossos quatro vilões tinham todos os gostos que acompanhavam o deboche mais baixo e crapuloso, a aquiescência fundamental a seus desejos não era de modo algum uma questão de inseqüência.

Os convidados da terceira ceia eram as criaturas mais vis e sórdidas que se podem possivelmente encontrar. Para quem conhece um pouco as extravagâncias do deboche, este refinamento parecerá inteiramente compreensível; é mais voluptuoso chafurdar na imundície, por assim dizer, com pessoas dessa categoria; esses exercícios oferecem o abandono mais completo, a intemperança mais monstruosa e o aviltamento mais total, e esses prazeres, comparados aos saboreados na noite anterior, ou aos indivíduos distintos em cuja companhia foram experimentados, emprestam um condimento agudo as atividades anteriores. Nestas terceiras ceias, sendo o deboche mais completo, nada se omitia que pudesse torná-las complexas e picantes. Durante as seis horas da ceia, surgia uma centena de prostitutas, e não era raro quase todas abandonarem a brincadeira. Mas não ganhamos nada em apressar nossa história, ou abordando assuntos que só podem ser tratados adequadamente na seqüência. Quanto a quarta ceia, era reservada a donzelas; só eram admitidas as que

contassem entre sete e quinze anos. Sua condição na vida não importava, o que contava era a sua aparência; tinham de ser encantadoras; quanto a sua virgindade, exigia-se evidência autêntica. Oh, incrível refinamento de libertinagem! Na realidade, não se tratava de quererem colher todas aquelas rosas, e mesmo que o quisessem, como o poderiam fazer? Essas flores intactas eram sempre em grande número, e dos nossos quatro libertinos, apenas dois eram capazes de proceder ao ato, sendo um dos dois restantes, o financista, absolutamente incapaz de uma ereção, e o Bispo absolutamente incapaz de sentir prazer, a não ser de uma maneira que sim, concordo, pode desonrar uma virgem mas que, todavia, deixa-a sempre perfeitamente intacta. Não importa; os vinte hímens tinham de estar presentes, e os que não fossem danificados pelo nosso quarteto de senhores, tornavam-se, diante de seus olhos, presa de algum de seus servos tão depravado quanto eles, e que mantinham constantemente alerta, pronto a qualquer chamada.

Além destas quatro ceias, havia uma outra, secreta e privada, todas as sextas-feiras, que reunia um número muito menor de pessoas, mas que era certamente muito mais dispendiosa. Os participantes limitavam-se a quatro donzelas de estirpe elevada, as quais, por estratégia ou dinheiro, eram subtraídas da casa de seus pais. As esposas dos nossos libertinos participavam quase sempre desse deboche, e sua extrema submissão, suas doces atenções e seus serviços, faziam dessas reuniões um sucesso cada vez maior. Quanto a atmosfera cordial dessas ceias, não é necessário dizer que nelas, a profusão, conseguia até superar a delicadeza; nenhuma custava menos de 10.000 francos, e rebuscava-se a França inteira e os países vizinhos para se poder reunir tudo o que houvesse de mais raro e requintado. Havia vinhos finos e licores em abundância, e mesmo no inverno, não faltavam as frutas de todas as estações; em resumo, pode ter-se a certeza de que a mesa do maior monarca do mundo não é posta com tanto luxo nem servida com igual magnificência.

Mas agora, vamos percorrer de novo nossos passos e fazer o possível por retratar, um a um, nossos heróis — descrever cada um, não em termos do belo, não de maneira que seduza ou cativa o leitor, mas simplesmente com as pinceladas da Natureza, a qual, a despeito de toda a sua desordem, é na realidade, muitas vezes sublime, mesmo quando é o mais depravada possível. É que — e por que não aproveitar a oportunidade para dizer de passagem — se o crime carece da espécie de delicadeza que se encontra na virtude; não é o primeiro sempre mais sublime, não tem infalivelmente um caráter de grandeza e sublimidade que supera, e o torna sempre preferível aos encantos frios e monótonos da virtude? Protesta-se a maior utilidade disto ou daquilo, é nossa função examinar as leis da Natureza, ou determinar se, sendo o vício tão necessário a Natureza quanto o é a virtude, não implantará ela em nós, em quantidade igual, a inclinação por um ou outra, segundo suas respectivas necessidades? Mas, continuemos.

Duque de Blangis. Aos dezoito anos senhor de uma fortuna colossal que suas especulações posteriores muito aumentaram, experimentou todas as dificuldades que descem como uma praga de gafanhotos sobre um jovem rico e influente, que não precisa de se negar seja o que for; acontece quase sempre, em casos assim, que a grandeza dos bens da pessoa torna-se a de seus vícios, e a pessoa limita-se tanto menos, quanto maiores forem os meios para se adquirir tudo. Se o Duque tivesse recebido algumas qualidades elementares da Natureza, talvez elas tivessem contrabalançado os perigos que o cercavam em sua posição, mas essa curiosa mãe, que as vezes parece colaborar com a sorte para que esta possa favorecer todos os vícios que dá a certos seres de quem espera atenções muito diferentes daquelas que a virtude supõe, e isso porque tem tanta necessidade de um como das outras, a

Natureza, dizia eu, ao destinar a Blangis uma imensa riqueza, meticulosamente o dotou de todos os impulsos, de todas as inspirações necessárias ao seu abuso. Juntamente com uma mente tenebrosa e muito depravada, concedeu-lhe um coração de pedra e uma alma decididamente criminoso, acompanhados de gostos desordenados e de irregularidade de caprichos, dos quais nasceu a pavorosa libertinagem a que o Duque estava preso em escala tão incomum. Nascido traiçoeiro, áspero, prepotente, bárbaro, egoísta, tão pródigo na procura do prazer como miserável em despesas úteis, mentiroso, glutão, bêbado, ignóbil, sodomita, adepto do incesto, dado ao assassinio, ao roubo, incendiário, não, nem uma única virtude para compensar essa série de vícios. O que estou dizendo! não só não chegou a sonhar uma simples virtude, como também as olhava com horror e muitas vezes afirmava que para ser verdadeiramente feliz neste mundo, o homem deve não só entregar-se a todos os vícios, mas também nunca se permitir uma virtude, e que não é apenas uma questão de fazer sempre o mal, mas também, e acima de tudo, de nunca fazer o bem.

"Oh! há muitas pessoas", o Duque costumava observar, que nunca agem mal a não ser quando a paixão as cega; depois, quando o fogo as deixa, seus espíritos então calmos, voltam pacificamente ao caminho da virtude e, desta maneira, passando a vida entre o conflito e o erro, o erro e o remorso, terminam seus dias de tal maneira que não se pode dizer que papel desempenharam na terra. Tais pessoas, continuava, devem ser seguramente miseráveis: sempre pairando, continuamente indecisas, passam a vida detestando de manhã o que fizeram na noite anterior. Certas de se arrependem dos prazeres que provam, delicias-se estremecendo, e logo se tornam ao mesmo virtuosas no crime, e criminosas na virtude. Todavia, acrescentava o nosso herói, "o meu caráter mais sólido é estranho a essas contradições; faço minha escolha sem hesitação, e como tenho sempre a certeza de encontrar prazer na mesma, não há nunca arrependimento que afete o seu encanto. Firme em meus princípios, porque os que criei são sólidos e foram formados muito cedo, procedo sempre de acordo com eles; fizeram-me compreender o vazio e a nulidade da virtude; odeio a virtude, e nunca me verão recorrer à mesma: persuadiram-me de que só através do vício o homem é capaz de experimentar a vibração moral e física que é a fonte da mais deliciosa voluptuosidade; por isso, entrego-me totalmente ao vício. Era ainda muito jovem quando aprendi a desprezar as fantasias da religião, ficando perfeitamente convencido de que a existência do criador é um absurdo revoltante, no qual nem as crianças continuam a acreditar. Não preciso de contrariar minhas inclinações para lisonjear um Deus; estes instintos foram-me dados pela Natureza, e seria irritá-la se lhes resistisse; se me deu maus instintos, é porque eram necessários a seus desígnios. Em suas mãos, sou apenas uma máquina que ela dirige como quer, e não há um só de meus crimes que a não sirva: quanto mais me incita a cometê-los, mais deles precisa; seria louco se lhe desobedecesse. Assim, nada se interpõe no meu caminho a não ser a lei, mas desafio a lei, meu ouro e meu prestígio conservam-na bem além do alcance dos instrumentos vulgares de repressão, que só deveriam ser empregados nos tipos comuns".

Se alguém levantasse a objeção de que, não obstante, todos os homens possuem idéias relativas ao justo e injusto, que só podem ser produto da Natureza, em virtude dessas noções serem encontradas em todas as pessoas e mesmo entre os primitivos, o Duque responderia afirmativa-mente, dizendo que sim, que essas idéias nunca passaram de relativas, que os fortes sempre consideraram excessivamente justo o que os fracos consideram flagrantemente injusto, e que bastaria uma inversão de posições para cada um poder mudar também seu modo de pensar; por isso, o Duque concluía que nada é realmente justo a não ser o que

provoca prazer, e o que é injusto é a causa da dor, que quem tira cem luízes do bolso de um homem faz uma coisa perfeitamente justa para si próprio, embora a vítima do roubo possa ver a ação com outros olhos; que, sendo portanto todas essas noções muito arbitrárias, são tolos os que se deixam tornar seus escravos. Era esse o tipo de argumento que o Duque usava para justificar as suas transgressões, e como era um homem dotado de espírito superior, seus argumentos tinham um toque decisivo. E assim, modelando sua conduta em sua filosofia, o Duque abandonara irrestrita-mente, desde sua meninice, as extravagâncias mais vergonhosas e extraordinárias. Seu pai, tendo morrido jovem e deixando-lhe, como indiquei, o controle de uma fortuna enorme, estipulara, no entanto, no testamento, que sua mãe, enquanto viva, deveria desfrutar de uma grande parte desse legado. Tal condição logo desagradou a Blangis: parecendo ser veneno a única maneira de evitar a submissão a essa cláusula, o velhaco logo decidiu usá-lo. Mas, nesse período, dava ainda seus primeiros passos na carreira do vício; não se atrevendo a agir por si própria. chamou uma de suas irmãs, com quem mantinha uma intriga criminosa, para se encarregar da execução, assegurando-lhe que, se obtivesse êxito, providenciaria para que fosse a beneficiária da parte da fortuna de que a morte privaria sua mãe. No entanto, a jovem ficou horrorizada com a proposta, e o Duque, vendo talvez que o segredo, confessado no momento errado, o poderia trair, decidiu ato contínuo ampliar seus planos de modo a incluir a irmã que esperara ter como cúmplice; conduziu as duas mulheres a uma de suas propriedades, de onde as infelizes nunca mais voltariam. Nada é mais encorajador do que a impunidade do primeiro crime. Uma vez superado esse obstáculo, um campo aberto pareceu acenar ao Duque. O veneno era usado imediatamente contra quaisquer pessoas que se opusessem aos seus desígnios. Dos crimes necessários. logo passou aos de puro prazer; foi presa de lamentável loucura que nos leva a achar prazer no sofrimento dos outros; observou que uma comoção violenta infligida a qualquer espécie de adversário é correspondida por uma sensação vibrante em nosso próprio sistema nervoso; o efeito desta vibração, excitando os espíritos animais que correm dentro das concavidades desses nervos, obriga-os a exercer pressão sobre os nervos eretores e a produzir, de acordo com essa perturbação: aquilo .a que se chama sensação lúbrica. Conseqüentemente, dispos-se a cometer roubos e assassinatos em nome do deboche e da libertinagem, do mesmo modo que outras pessoas, para inflamar essas mesmas paixões. se satisfazem procurando uma ou duas prostitutas. Aos vinte e três anos, o Duque, e três de seus companheiros de vício, a quem doutrinara na sua filosofia, fizeram uma festa cujo objetivo era depois assaltar uma diligência pública na estrada, para violentar os homens e as mulheres que nela viajassem, e depois, assassiná-los, fugindo em seguida com o dinheiro das vítimas (de que os conspiradores certamente não necessitavam) e voltarem os três, naquela mesma noite, para o Baile da ópera, a fim de terem um álibi perfeito. Este crime teve lugar ah! sim: duas virgens encantadoras foram violentadas e massacradas nos braços de suas mães; a esse se juntou uma lista interminável de horrores, e ninguém ousou suspeitar do Duque. Cansado da deliciosa esposa que seu pai lhe concedera antes de morrer, o jovem Blangis não perdeu tempo em unir seu espírito ao de sua mãe e sua irmã e de todas as suas outras vitimas. Por que tudo isso? Para poder casar com uma moça rica, desde logo, mas publicamente desonrada e que ele sabia muito bem ser amante de seu próprio irmão. A pessoa em questão era a mãe de Aline, uma das personagens da nossa novela que acima mencionamos. Esta segunda esposa, logo sacrificada como a primeira, deu lugar a uma terceira, que seguiu os passos da segunda. Era voz corrente que a enorme compleição do Duque era responsável pela destruição de todas as suas esposas, e como esta história gigantesca correspondia sob todos os aspectos a sua inspiração também gigantesca, o Duque deixou que a opinião criasse raízes e encobrisse a

verdade. O pavoroso colosso fazia realmente pensar em Hércules ou num centauro: Blangis tinha um metro e oitenta de altura, membros de grande resistência e energia, poderosos tendões, nervos elásticos, além de um semblante orgulhoso e masculino, grandes olhos negros, pestanas bonitas e pretas, nariz aquilino, dentes finos, excelente saúde e exuberância, ombros largos, um peito maciço mas, ao mesmo tempo, uma figura bem proporcionada, quadris esplêndidos, nádegas soberbas, as pernas mais bonitas do mundo, um temperamento de ferro, a força de um cavalo, o membro de um autentico macho, extraordinariamente hirsuto, dotado da capacidade de ejacular seu esperma um sem número de vezes num dia, quando quisesse, mesmo aos cinqüenta anos, que era a sua idade na época, uma ereção constante desse membro cujas dimensões eram exatamente trinta centímetros de comprimento por vinte de circunferência, e aí está o retrato do Duque de Blangis, desenhado com tanta exatidão como se o próprio leitor tivesse empunhado o lápis. Mas, se esta obra prima da natureza era violenta nos seus desejos, como seria, meu Deus! quando excitada pela voluptuosidade da bebedeira? Não era mais um homem, era então um tigre raivoso. Coitado de quem estivesse no momento servindo suas paixões; gritos assustadores, blasfêmias atrozes saídas do peito inchado do Duque, chamas pareciam sair-lhe dos olhos, espumava pela boca, relinchava como um garanhão, podia tomar-se pelo próprio deus da luxúria. Qualquer que fosse então a maneira de ter o seu prazer, suas mãos, necessariamente perdidas, movimentavam-se continuamente, e fora visto mais de uma vez estrangulando mulheres até a morte no instante de sua pérfida descarga. Uma vez restabelecida sua presença de espírito, seu frenesi pelas infâmias a que acabara de entregar-se era imediatamente substituído pela indiferença mais completa, e dessa indiferença, dessa espécie de apatia, nasciam quase imediatamente novas faíscas de lascívia. Quando jovem, o Duque era famoso por chegar a descarregar dezoito vezes por dia, e isso sem parecer mais fatigado na última ejaculação do que na primeira. Sete ou oito crises dentro do mesmo intervalo não lhe produziam ainda terror, apesar do seu meio século de existência. Durante cerca de vinte e cinco anos acostumara-se a sodomia passiva, e resistira as suas investidas com o mesmo vigor que caracterizava sua maneira de praticá-las ativamente quando, no momento seguinte, lhe agradava inverter os papéis. Uma vez apostou que podia agüentar cinqüenta e cinco investidas num dia, e assim fez. Dotado, como salientamos, de uma força prodigiosa, necessitava apenas de uma das mãos para violentar uma moça, o que muitas vezes provara. Um dia gabou-se de ser capaz de tirar a vida a um cavalo com suas pernas; montou o animal, e este caiu no momento previsto. Suas proezas a mesa ofuscavam, se isso é possível, o que demonstrava na cama. Não é possível imaginar-se a quantidade de comida ,que consumia. Comia regularmente três refeições por dia, todas excessivamente prolongadas e copiosas, e era normal beber as suas dez garrafas de Borgonha; chegara a beber trinta, e se fosse desafiado, chegaria a casa das cinqüenta; mas assumindo sua intoxicação o matiz de suas paixões, e tendo os licores e vinhos aquecido seu cérebro, ficava furioso, e eram então obrigados a amarrá-lo. E a despeito de tudo isso, quem acreditaria que uma criança decidida lançaria aquele gigante em pânico; verdade que o espírito raramente corresponde ao invólucro da carne que o cobre; assim que Blangis descobria que não podia usar sua perfídia ou deslealdade para eliminar seus inimigos, tornava-se tímido e covarde, e a simples idéia do menor combate igual levava-o a fugir até ao fim do mundo. Apesar disso, de acordo com o costume, estivera em uma ou duas campanhas, mas saiu-se tão mal que se retirou imediatamente do serviço. Justificando sua torpeza com a mesma soma de habilidade e arrogância, em altos brados proclamava que em virtude de sua poltronaria não passar do desejo de preservar-se, era completa-mente impossível, a qualquer pessoa, em seu juízo perfeito, condená-lo por isso.

Tenham-se em mente idênticos traços morais; em seguida, adaptem-se os mesmos a uma entidade, do ponto de vista físico, infinitamente inferior a que acabamos de descrever; tem-se então o retrato do Bispo de..., irmão do Duque de Blangis. A mesma alma negra, a mesma inclinação pelo crime, o mesmo desprezo pela religião, o mesmo ateísmo, mesmo logro e velhacaria, além de uma mente mais lisonjeira e hábil, mais a arte de levar suas vítimas a sua destruição, mas uma figura esguia, nada pesada, um corpo pequeno e magro, saúde periclitante, nervos muito delicados, um maior enfado na busca do prazer, coragem medíocre, um membro bastante comum, mesmo pequeno, mas profunda-mente hábil no manejo, produzindo tão pouco, de cada vez, que sua imaginação incessantemente o tornava capaz de experimentar o prazer tão freqüentemente quanto o seu irmão; suas sensações eram de uma agudeza notável, experimentava uma irritação tão prodigiosa, que caía freqüentemente em desmaios profundos ao descarregar, e perdendo quase sempre a consciência quando o fazia.

Tinha quarenta e cinco anos, feições delicadas, olhos bastante atraentes, mas uma boca indecente e dentes feios, um corpo pálido e desprovido de pelos, uma bunda pequena mas bem formada, e um membro de quinze centímetros de comprimento por doze de circunferência. Idólatra da sodomia ativa e passiva, mas eminentemente da última, passara a vida sendo enrabado e esse prazer, que nunca exige muito dispêndio de energia, estava mais de acordo com a modéstia de seus meios. Fala-remos de seus outros gostos no momento oportuno. No que respeita aos da mesa, levavaos quase tão longe quanto o Duque, mas com um pouco mais de sensualidade. O Monsenhor, não menos criminoso que seu irmão mais velho, possuía características que, sem dúvida, lhe permitiam igualar os celebrados feitos do herói que há pouco descrevemos; basta citar um deles para o leitor ficar sabendo de que é capaz, e se prepara e dispõe a fazer um homem que fez o seguinte:

Um de seus amigos, homem poderoso e rico, tivera em tempos uma intriga com uma jovem nobre que lhe dera duas crianças, uma menina e um menino. Entretanto, não pudera desposá-la, e a moça casara-se com outro homem. O amante da infeliz moça morreu ainda jovem, mas senhor, não obstante, de uma tremenda fortuna; não tendo parentes á prover, ocorreu-lhe legar tudo o que possuía as duas infelizes crianças, fruto daquele caso.

No seu leito de morte, confiou ao Bispo suas intenções, e entregoulhe as duas enormes doações: dividiu a quantia, colocou-a em duas bolsas e deu-as ao Bispo. confiando a educação dos dois órfãos a esse homem de Deus, e pedindo-lhe para entregar a cada uma, o que era seu, quando atingisse a maioridade. Ao mesmo tempo, estimulou o prelado a investir os fundos dos tutelados, para que entretanto duplicassem o seu valor. Afirmou, também, que era seu desejo deixar a mãe de seus filhos em eterna ignorância quanto ao que por eles fazia, e insistiu em que nada daquilo lhe fosse jamais revelado. Concluídas estas disposições, o moribundo cerrou os olhos, e o Monsenhor, viu-se senhor de cerca de um milhão, em dinheiro, e de duas crianças. O patife não demorou muito a deliberar o seu próximo passo: o moribundo não tinha falado com ninguém a não ser com ele, a mãe não devia saber de nada, e as crianças tinham apenas quatro ou cinco anos de idade. Fez constar que seu amigo, ao expirar, deixara sua fortuna aos pobres; o safado apossou-se dela no mesmo dia. Mas, arruinar aquelas infelizes crianças não era suficiente; de posse da autoridade do pai, o Bispo — que nunca cometia um crime sem imediatamente conceber outro — tirou as crianças do remoto pensionário em que estavam sendo educadas, e colocou-as na casa de certas pessoas a seu serviço, tendo logo resolvido fazê-las servir sua pérfida lascívia. Esperou que atingissem os treze anos de idade; o garoto, foi primeiro; o Bispo po-lo a seu uso, vergou-o a todos os seus deboches, como o menino era extremamente bonito, brincou com ele uma semana inteira.



Mas, com a menina, não foi a mesma coisa; atingiu a idade prescrita, mas era muito feia, fato que não mitigou a fúria lúbrica do Bispo. Satisfeitos os seus desejos, receou que as crianças, continuando vivas, descobrissem um dia o segredo que lhes interessava. Por isso as conduziu a uma propriedade de seu irmão, e certo de recapturar com um novo crime a centelha da devassidão que o prazer o fizera perder, imolou as duas crianças a suas paixões ferozes, e acompanhou sua morte com episódios tão picantes e cruéis, que a sua voluptuosidade renasceu no meio dos tormentos de que as rodeou. Infelizmente, a coisa é por demais conhecida: não há libertino, pelo menos um pouco embebido no vício, que não conheça a influência que o assassinio exerce sobre os sentidos, e a voluptuosidade da descarga que provoca. Trata-se de uma verdade geral da qual o leitor deve ser advertido imediatamente, antes de empreender a leitura de uma obra que vai tentar, sem dúvida, o amplo desenvolvimento deste sistema.

Tranquilo quanto ao que pudesse transpirar, o Monsenhor voltou para Paris para saborear os frutos de suas atrocidades, e sem o menor arrependimento por ter contrariado as intenções de um homem que, na situação em que estava, não podia derivar dor ou prazer das mesmas.

O Presidente de Curval era um pilar da sociedade: quase sessenta anos de idade. e desgastado pelo deboche num grau singular, oferecia ao olhar pouco mais que um esqueleto. Era alto. seco, magro. tinha dois olhos azuis baços. urna boca doentia e lívida, queixo saliente e um grande nariz. Cabeludo como um sátiro, de costas achatadas, e nádegas que pareciam mais uns trapos sujos e caídos nas coxas: a pele dessas nádegas era tão insensível e endurecida, graças a chicotadas, que se podia agarrar e apertar sem que ele tivesse a menor sensação. No centro de tudo aquilo exibia — sem necessidade de afastar aquelas bochechas — um imenso orifício cujo diâmetro enorme, o odor e a cor, mais pareciam as profundezas de uma privada bem carregada, do que um ânus; e, como coroação desses atrativos, contava-se entre as idiosincrasias deste porco sodomita, a de deixar sempre essa parte particular de si próprio em tal estado de sujeira, que ali se podia observar, a qualquer momento, uma camada de uns bons cinco centímetros de espessura. Debaixo de uma barriga tão enrugada quanto lívida e viscosa, percebia-se, no meio de uma floresta de cabelos, um instrumento que, em estado de ereção, podia ter tido cerca de vinte centímetros de comprimento por quinze de circunferência; mas, essa condição tornara-se mais rara e, para atingi-la, era necessária preliminarmente uma seqüência furiosa de coisas. Não obstante, o evento ocorria pelo menos duas ou três vezes por semana e, nessas ocasiões, o Presidente deslizava indiscriminadamente para todos os buracos que encontrava, embora lhe fosse infinitamente mais precioso o de trás dos rapazinhos. A cabeça do dispositivo do Presidente estava sempre exposta, porque se submetera a uma circuncisão, cerimônia que facilita grandemente o prazer, e a qual todas as pessoas amantes do prazer se deveriam submeter. Mas, um dos propósitos desta operação é fazer com que essas partes fiquem mais limpas; nada disso no caso de Curval: essa sua parte era tão imunda quanto a outra; a cabeça descoberta, naturalmente bastante grossa, para começar, tinha pelo menos uns dois centímetros e meio a mais na circunferência. Igualmente sujo no resto de sua pessoa, o Presidente, que tinha além disso gostos pelo menos tão odiosos quanto a sua aparência, tornara-se uma figura cuja proximidade um tanto mal cheirosa, não conseguia agradar a todo o mundo. No entanto, seus colegas não eram absolutamente da espécie que se escandalizasse com tais bagatelas, e evitavam simplesmente discutir a questão com ele. Poucos mortais são tão livres em seu comportamento ou tão debochados quanto o Presidente; mas, inteiramente esgotado,

absolutamente embriagado, tudo que lhe restava era a depravação e profligação libidinosa da libertinagem. Eram necessárias mais de três horas de excessos e dos excessos mais afrontosos para que alguém pudesse ter a esperança de inspirar-lhe uma reação voluptuosa. Quanto a sua emissão, embora em Curval o fenômeno fosse mais freqüente do que a criação, e pudesse ser observado uma vez por dia era, mesmo assim, tão difícil de conseguir, ou nunca ocorria, a não ser como resultado de coisas tão estranhas e muitas, vezes tão cruéis ou tão sujas, que os agentes de seus prazeres não raras vezes renunciavam a luta, desfalecendo, o que lhe originava uma espécie de raiva lúbrica e esta, através de seus efeitos, triunfava, de vez em quando, onde seus esforços falhavam. Curval estava de tal forma atolado no lamaçal do vício e da libertinagem, que lhe era virtualmente impossível pensar ou falar noutra coisa. Tinha permanentemente na boca as expressões mais aterradoras, do mesmo modo que os desígnios mais vis em seu coração, e esses, misturava com insuperável energia as blasfêmias e imprecações fornecidas pelo seu verdadeiro horror, sentimento que compartilhava com seus companheiros, por tudo que cheirasse a religião. Este desarranjo de espírito, aumentado ainda pela intoxicação quase contínua em que gostava de manter-se, dera-lhe, durante os últimos anos, um ar de imbecilidade e prostração que, segundo declarava, lhe provocavam o deleite mais precioso.

Nascido tão comilão quanto beberrão, era o único a altura do Duque, e no curso desta narrativa, teremos oportunidade de o observar fazer maravilhas que surpreenderão, sem dúvida, os comilões mais inveterados.

Fazia dez anos que Curval deixara de desempenhar suas obrigações judiciais; não era simplesmente questão de não ser mais capaz de as executar, mas creio mesmo que enquanto o foi, lhe devem ter pedido para deixar para sempre esses assuntos.

Curval levava uma vida muito libertina, sendo íntimo de todas as espécies de perversão, e quem o conhecia pessoalmente tinha fortes suspeitas de que sua vasta fortuna era apenas devida a dois ou três assassinatos execráveis. Seja como for, é muitíssimo, provável, a luz da história que se segue, que essa variedade de extravagância tivesse o condão de o agitar profundamente, e foi essa aventura, que atraiu certa publicidade infeliz, a responsável pela sua exclusão do Tribunal. Vamos relatar o episódio, a fim de dar ao leitor uma idéia do seu caráter.

Nas vizinhanças da residência de Durval, na capital, morava um miserável carregador de rua que, pai de uma encantadora menina, era suficientemente ridículo para ser uma pessoa de sensibilidade. Tinham já sido recebidas vinte mensagens de todas as espécies contendo propostas relativas a filha do pobre sujeito; ele e a mulher ficaram imperturbáveis, a despeito da barragem destinada a sua corrupção, e Curval, origem dessas embaixadas, apenas irritado pelo crescente número de recusas que elas tinham evocado, não sabia o que fazer para pôr suas mãos na moça e para a sujeitar a seus caprichos libidinosos, até que lhe ocorreu que bastava destruir o pai para conduzir a filha a cama. Dois ou três desordeiros, a serviço do Presidente, logo intervieram e antes de um mês, o pobre carregador estava implicado num crime imaginário que parecia ter sido cometido a sua porta, e que rapidamente o alojou nas masmorras da Conciergerie. O Presidente, como seria de esperar, logo se ocupou do caso, e não desejando que o mesmo se arrastasse, fez com que, no espaço de três dias, graças a sua desonestidade e ao seu ouro, o infeliz carregador fosse condenado a morrer na roda, sem ter jamais cometido crime algum, além de desejar preservar sua honra e salvaguardar a de sua filha.

Entretanto, as solicitações foram renovadas. A mãe foi convocada, e foi-lhe explicado que

só ela podia salvar o marido, que, se satisfizesse o Presidente, a coisa mais lógica seria o Presidente arrebatá-lo ao pavoroso destino que o aguardava. Eram impossíveis novas hesitações; a mulher informou-se; Curval conhecia perfeitamente bem a quem ela se dirigia, os conselheiros eram pessoas suas e deram respostas inequívocas: não devia perder nem um minuto. A pobre mulher levou sua própria filha, chorando, aos pés do seu juiz; este não podia ter sido mais liberal com suas promessas, nem menos ansioso por cumprir sua palavra. Não só receava que procedendo honrosamente e poupando o marido, o homem fizesse barulho ao descobrir o preço pago para salvar sua vida, como achou ainda, o velhaco, um outro deleite, um deleite mais agudo, providenciando para que lhe fosse dado o que desejava, sem ser obrigado a retribuir.

Este pensamento levou a outros; numerosas possibilidades criminosas entraram em sua cabeça, e seu efeito foi aumentar sua pérfida lubricidade. Eis como resolveu a questão, dando o máximo de infâmia e maldade a cena:

Sua mansão dava para um terreno onde as vezes eram executados criminosos em Paris, e em virtude deste delito particular ter sido cometido naquele bairro da cidade, certificou-se de que o castigo seria aplicado nessa determinada praça. A pobre mulher e a filha do desgraçado, chegaram a casa do Presidente a hora marcada; todas as janelas que davam para a praça estavam cuidadosamente fechadas, de modo que, das dependências onde se iria divertir com suas vítimas, nada se pudesse ver do que estava acontecendo lá fora. Conhecendo o minuto exato da execução, o malandro escolheu esse momento para deflorar a garotinha agarrada aos braços da mãe, e tudo foi arranjado com tanta felicidade, que Curval se descarregou na bunda da criança no momento em que seu pai expirava. Mal completara a sua proeza exclamou, abrindo uma das janelas que dava para a praça, "venham ver como cumpro minha palavra", e uma das suas duas princesas viu seu pai, e a outra seu marido, entregando a alma ao ferro do carrasco.

Ambas desmaiaram, mas Curval tinha previsto tudo: esse colapso foi a sua agonia, ambas tinham sido envenenadas, e não abriram mais os olhos. Apesar das precauções que tomara para ocultar a aventura inteira no mais profundo mistério, alguma coisa transpirou: nada se soube da morte das mulheres, mas houve suspeitas de que fora desonesto quanto ao caso do marido. Seus motivos eram mal conhecidos, e seu afastamento eventual do foro foi a consequência. A partir desse momento, não tendo de continuar mantendo as aparências, Curval precipitou-se para um novo oceano de erros e crimes. Por todos os lados procurava vítimas para sacrificar a perversidade de seus gostos. Através de um atroz refinamento de crueldade, refinamento, contudo, muito facilmente compreensível, as classes oprimidas eram aquelas em que mais gostava de arremessar os efeitos de sua perfídia raivosa. Tinha vários servos na rua, noite e dia, rebuscando mansardas e barracos, atrás daquilo que a miséria mais destituída pode proporcionar, e, a pretexto de ajuda, envenenava suas presas — o veneno era um de seus passatempos mais agradáveis — ou atraía-as a sua casa, e as sacrificava no altar de suas perversas preferências. Homens, mulheres, crianças: tudo era combustível para sua cólera, e em seu nome cometia excessos que teriam colocado mil vezes sua cabeça entre o cepo e a lâmina, não fosse o ouro que distribuía, e a estima de que desfrutava, fatores pelos quais era protegido mil vezes. Pode bem imaginar-se que tal ser não tinha mais religião que seus dois confrades; sem dúvida a detestava tão soberanamente quanto eles, mas em anos anteriores fizera mais por enfraquecê-la nos outros, porque, quando sua mente era sã, era também esperta, e soubera usá-la escrevendo contra a religião; era autor de vários livros cuja influência era prodigiosa, e esse sucesso, sempre presente em sua memória, constituía ainda

um de seus deleites mais caros.

Quanto mais multiplicarmos os objetos de nosso prazer<sup>6</sup>...

(a) ...os anos da infância doentia.

Durcet tem cinquenta e três anos; é baixo, pequeno, largo e corpulento; rosto agradável e simpático; pele muito branca: seu corpo, e principalmente os quadris e as nádegas, absolutamente semelhantes aos de uma mulher; sua bunda é viçosa e fresca, bochechuda, firme e com covinhas, mas excessivamente aberta, em virtude do hábito da sodomia; seu membro é extraordinariamente pequeno, mal chega a ter cinco centímetros de circunferência, e não tem mais de dez de comprimento; cessou inteiramente de endurecer; suas descargas são raras e irrequietas, longe de abundantes, e precedidas sempre de espasmos que o arremessam numa espécie de furor o qual, por seu turno, o leva ao crime; tem peito de mulher, e uma voz doce e agradável e, quando em sociedade, as melhores maneiras, embora sua mente seja sem dúvida tão depravada quanto a de seus colegas; companheiro de escola do Duque, brincam ainda diariamente um com o outro, e um dos maiores prazeres de Durcet é sentir seu ânus penetrado pelo enorme membro do Duque. E assim, caro leitor, são os quatro vilões em cuja companhia passaremos alguns meses. Fiz o possível por descrevê-los; se, como era meu desejo, tornei conhecidas suas profundezas mais secretas, nada na narrativa de suas várias loucuras nos espantará. Não consegui entrar em detalhes minuciosos quanto a seus gostos — fazer isso, agora, seria afetar o valor e prejudicar o esquema fundamental desta obra. Mas, a medida que fomos progredindo, só é necessário conservar um olhar atento em nossos heróis, para se poderem discernir sem dificuldade seus pecados característicos e o tipo particular de mania que melhor se adapta a cada um. Tudo que podemos praticamente dizer, de momento, é que eram geralmente susceptíveis de entusiasmo pela sodomia, que os quatro se faziam enrabar regularmente, que todos veneravam traseiros.

O Duque, contudo, em virtude da imensidade de sua arma e, sem dúvida mais por crueldade do que por gosto, fodia ainda bocetas com o maior prazer.

E o Presidente também, mas menos freqüentemente.

Quanto ao Bispo, o seu desprezo por elas era tal, que a mera vista de uma o deixava incapaz durante seis meses. Em toda a sua vida só fodera uma, a que pertencia a sua cunhada, e expressamente para conseguir um filho com o qual se permitir um dia os prazeres do incesto; já observamos como o conseguiu.

No que diz respeito a Durcet, idolatrava certamente bundas com o mesmo fervor do bispo, mas seu gozo das mesmas era mais acessório; seus ataques favoritos eram dirigidos a um terceiro santuário — mistério que será descoberto mais tarde. Mas prossigamos nos retratos essenciais a compreensão desta obra, e demos agora ao leitor uma idéia das quatro esposas destes dignos maridos.

Que contraste! Constance, esposa do Duque e filha de Durcet, era uma mulher alta, esguia, adorável como um quadro, e modelada como se as Graças tivessem tido prazer em embelezá-la, mas a elegância de sua figura, de modo algum diminuía sua frescura, não era por isso menos rechonchudamente carnuda, e as formas mais deliciosas adornadas por uma pele mais clara do que o lírio. induziam muitas vezes na suposição de que fora o próprio Amor o autor de sua formação. Seu rosto era um pouco comprido, seus traços maravilhosamente nobres, havia em seu olhar mais majestade que delicadeza, mais grandeza do que sutileza. Seus olhos eram grandes, pretos e cheios de fogo; sua boca extremamente pequena e

ornamentada pelos dentes mais bonitos que se podem imaginar, tinha uma língua estreita e macia, do rosa mais adorável, e seu hálito era mais doce que o perfume de uma rosa. Tinha seios grandes, o peito quase rosado, claro e firme como alabastro. Suas costas torneadas de maneira extraordinária, suas linhas descendo deliciosamente até a bunda mais artística e precisamente torneada que a Natureza durante muito produzira. Nada podia ser mais perfeitamente redondo, não muito grande, mas firme, branco, com covinhas; e quando estava aberta, o que costumava surgir era o orifício mais limpo, mais atraente e mais delicado. Um tom do rosa mais tenro sombreava essa bunda, encantador asilo dos prazeres mais doces da lubricidade, mas, Deus meu! não preservou durante muito tempo seus encantos. Quatro. ou cinco ataques e o Duque estragou todas aquelas graças, tão rapidamente desapareceram, e logo após o casamento Constance tornou-se a imagem de um bonito lírio a quem a tempestade tivesse arrancado as pétalas. Duas coxas redondas e perfeitamente moldadas apoiavam outro templo, com toda a probabilidade menos delicioso, mas oferecendo, a quem tivesse inclinação para ali orar, tantos atrativos que seria em vão que minha caneta os tentasse descrever. Constante era quase virgem quando o Duque a desposou, e seu pai, o único homem que a conhecera, deixara, como dizem, esse seu lado perfeitamente intacto. Os mais bonitos cabelos negros — caindo em caracóis naturais até os ombros e chegando quando assim se desejava, a bonita pele, da mesma cor, que escondia sua voluptuosa bocetazinha — feita para outro adorno que eu seria culpado se omitisse, e emprestava a essa angélica criatura, de cerca de vinte e dois anos, todos os encantos que a Natureza pode dar a uma mulher. A todas essas amenidades Constance acrescentava um espírito razoável e agradável, um espírito mais elevado do que devia ser, considerando a situação de melancolia que o destino lhe concedera, pois esse espírito a deixava sentir todo o seu horror e seria, sem dúvida, mais feliz se fosse dotada de percepção menos delicada.

Durcet, que a educara mais como cortesã do que como filha, e que se preocupara mais em dar-lhe talentos do que maneiras, nunca conseguira, no entanto, destruir totalmente os princípios de retidão e de virtude que a Natureza parecia ter tido prazer em gravar em seu coração. Não tinha religião formal, ninguém lhe mencionara alguma vez semelhante coisa, o exercício da crença não era tolerado no lar de seu pai, mas nem tudo isso embotara aquela modéstia, aquela humildade natural que nada tem a ver com quimeras teológicas e que, quando reside numa alma correta, decente e sensível, é muito difícil de obliterar. Nunca saíra da casa de seu pai, e o patife forçava, desde os doze anos, a servir seus prazeres crapulosos. Achou um mundo de diferença nos que o Duque com ela se embebeu, seu corpo foi visivelmente alterado por aquelas formidáveis dimensões, e no dia seguinte aquele em que o Duque a espoliou de sua virgindade, sodomisticamente falando, adoeceu perigosamente. Pensou-se que seu reto forra irreparavelmente danificado; mas sua juventude, saúde e alguns salutareos remédios locais, logo restauraram o uso daquela avenida proibida ao Duque, e a infeliz Constance, forçada a acostumar-se aquela tortura diária, e era apenas uma entre outras, recuperou-se inteiramente e adaptou-se a tudo.

Adelaide, esposa de Durcet e filha do Presidente, tinha uma beleza talvez superior a da Constance, mas de espécie inteiramente diferente. Tinha vinte anos, baixa e esguia, de construção extremamente leve e delicada, de beleza clássica, os cabelos loiros mais bonitos que se podem imaginar. Um ar interessante, uma aparência de sensibilidade distribuída por toda ela, e acima de tudo, seus traços, davam-lhe a 'qualidade de heroína de romance. Seus olhos extraordinariamente grandes eram azuis, exprimiam ao mesmo tempo ternura e decência; duas sobrancelhas cumpridas mas estreitas e acentuadamente delineadas

adornadas por uma testa não muito alta mas de tal encanto nobre, que se podia pensar que fosse o próprio templo da modéstia. Seu nariz, fino, um pouco arrebitado, descia assumindo um contorno quase aquilino; seus lábios inclinados para o fino, eram de um vermelho brilhante e maduro: um pouco grande, sua boca era o único defeito daquela fisionomia celestial, mas quando aberta, ali brilhavam trinta e duas pérolas. A Natureza parecia ter semeado no seio de rosas. Seu pescoço era um nada comprido, preso de modo singular e, ao que parecia um hábito natural, sua cabeça estava sempre ligeiramente inclinada para o seu ombro direito, especialmente quando prestava atenção ao que se dizia; mas com que graça essa interessante atitude a dotava! Seus seios eram pequenos, muito redondos, muito firmes, bem elevados, mas mal chegavam para encher a mão. Pareciam duas pequenas maçãs que um Cupido travesso tivesse roubado do pomar de sua mãe. Seu peito era um pouco estreito, era também um peito muito delicado, sua barriga macia como cetim, um pequeno montículo loiro não muito guarnecido de cabelos servia de peristilo ao templo em que Vênus parecia incitar uma homenagem. Esse templo era apertado a tal ponto, que era impossível inserir-lhe um dedo sem provocar um grito em Adelaide; não obstante, dois lustros tinham passado desde que, graças ao Presidente, a pobre criança deixara de ser virgem, nesse lugar, ou na deliciosa parte que nos falta esboçar. Oh! que atrações possuía este segundo santuário, que corrente na linha de suas costas, que magnificência no corte daquelas nádegas, que brancura tinham, e que estonteante rubor róseo! Mas, no seu todo, era pequeno em tamanho. Delicado em todas as suas linhas, era mais o esboço do que o modelo da beleza, parecia que a Natureza quisera apenas indicar em Adelaide o que tão majestosamente articulara em Constance. Espreite-se aquele apetecível traseiro e um botão de rosa se oferece ao olhar, e em toda a sua exuberância e no cor-de-rosa mais tenro que a Natureza deseja que se observe; mas apertado, minúsculo! Só as custas de trabalhos infinitos o Presidente navegara através daqueles estreitos, e só duas ou três vezes renovara com êxito esses assaltos.

Durcet, menos exigente, pouco a afligia sob esse aspecto, mas, desde que se tornara sua esposa, a troco de quantas outras complacências cruéis, com que quantidade de outras perigosas submissões não fora obrigada a comprar essa pequena gentileza? E, além disso, entregue aos quatro libertinos, como o estava pelo seu consentimento mútuo, quantas outras provações cruéis não tivera que sofrer, da espécie que Durcet lhe poupava, e de todas as outras. Adelaide tinha a mente que seu rosto sugeria, e isso é dizer, uma mente extremamente romântica, os lugares solitários eram os que preferia, e uma vez nesses lugares, derramava lágrimas involuntárias — lágrimas a que não prestamos suficiente atenção — lágrimas aparentemente rasgadas da Natureza por augúrio. Perdera recentemente uma amiga, uma moça que idolatrava, e esta assustadora perda perseguia constante-mente sua imaginação. Como estava totalmente familiarizada com seu pai, como sabia a que excessos levava seu comportamento louco, estava persuadida de que sua jovem amiga fora presa das vilanias do Presidente, pois nunca conseguira induzir a pessoa desaparecida a conceder-lhe certos privilégios. A coisa não era improvável. Adelaide imaginava que o mesmo lhe aconteceria um dia; tampouco isso era improvável. O Presidente, na sua opinião, não prestara a mesma atenção ao problema da religião que Durcet tivera no interesse de Constance, não, permitira o nascimento de todo esse disparate, que se fomentasse, supondo que seus escritos e discursos facilmente o destruiriam. Estava enganado: a religião é o alimento de que vivem as almas como a de Adelaide. Em vão o Presidente pregara, em vão a fizera ler livros, a moça continuava crente, e todas aquelas extravagâncias de que não compartilhava, que odiava, das quais era vítima, não conseguiram destruir as ilusões que continuavam sendo a felicidade de

sua vida. Escondia-se para orar a Deus, executava os deveres Cristãos. as escondidas, e era inflexível e severamente castigada pelo pai ou pelo marido, quando surpreendida por um ou por outro.

Adelaide tudo sofria pacientemente, plenamente convencida de que o Céu a recompensaria um dia. Seu caráter era tão gentil quanto seu espírito, e sua benevolência, uma das virtudes pela qual seu pai mais a detestava, chegava ao ponto extremo. Curval, a quem a classe desprezível dos pobres irritava, só pensava em humilhá-la, em deprimi-la ainda mais, ou em extrair vítimas delas; sua generosa filha, por outro lado, renunciaria a suas próprias necessidades para as conseguir para os pobres, e muitas vezes fora vista roubando para dar aos necessitados somas destinadas a seus prazeres. Durcet e o Presidente conseguiram finalmente repreender e martelar boas maneiras em Adelaide, e libertá-la daquela prática corrupta retendo absolutamente todos os meios com que a pudesse continuar. Adelaide, não tendo nada mais além das lágrimas para dar aos pobres, continuou não obstante a derramá-las em suas aflições, e seu espírito impotente mas firmemente sensível era incapaz de deixar de ser virtuoso. Um dia soube que uma pobre mulher ia prostituir sua filha ao Presidente, porque a extrema necessidade a isso a obrigava; o encantado velho patife estava já se preparando para a espécie de prazer de que mais gostava. Adelaide mandou vender um de seus vestidos e imediatamente fez com que o dinheiro fosse posto nas mãos da mãe; com essa pequena ajuda e uma espécie de sermão, desviou a mulher do crime que ia cometer. Ao saber o que sua filha fizera, o Presidente procedeu a tais violências com ela — Adelaide não era ainda casada — que ficou quinze dias de cama; mas de nada adiantou: nada podia deter os ternos impulsos daquela gentil alma.

Julie, esposa do Presidente, filha mais velha do Duque, teria eclipsado as duas mulheres anteriores se não fosse uma coisa que muitos consideram um defeito fundamental, mas que talvez tivesse por si própria despertado a paixão que Curval tinha por ela, tão verdade é que os efeitos da paixão são imprevisíveis, mais ainda, inconcebíveis, e seu desarranjo, resultado do desgosto e da saciedade, só pode ser igualado pelos seus vôos irregulares. Julie era alta, bem feita, apesar de muito gorda e carnuda, tinha os olhos castanhos mais bonitos do mundo, um nariz encantador, feições acentuadas e graciosas, os cabelos castanhos mais bonitos, um corpo claro do volume mais apetecível, uma bunda que podia ter facilmente servido de modelo ao que Praxíteles esculpiu, sua boceta era quente, reta, e provocava uma sensação tão agradável como tal lugar dificilmente consegue; suas pernas eram bonitas, seus pés encantadores, mas tinha a boca pior ornada, os piores dentes, e era por hábito tão suja em todas as outras partes do corpo, e principalmente nos dois templos de lubricidade, que nenhum ser humano, deixem-me repetir, ninguém, além do Presidente, ele próprio sujeito as mesmas deficiências e indiscutivelmente admirador das mesmas, mais ainda, ninguém, a despeito de seus atrativos, podia suportar Julie. Curval, no entanto, era tarado por ela; seus prazeres mais divinos surgiam quando beijava aquela boca nojenta, beijá-la fazia-o mergulhar em delírio, e quando a sua sujeira natural, longe de a censurar por isso, encorajava-a, alimentava-a, e conseguira finalmente acostumá-la a um perfeito divórcio da água. A esses defeitos, Julie acrescentava alguns outros, mas eram seguramente menos desagradáveis: era uma vasta glutona, tinha inclinação pela bebedeira, pouca virtude, e acredito se o tivesse tentado, a prostituição pouco terror lhe teria causado. Educada pelo Duque num abandono total de princípios e maneiras, adotara a filosofia das prostitutas, e era provavelmente uma estudante capaz de todas as suas doutrinas; mas, através de outro efeito curioso da libertinagem, muitas vezes acontece que a mulher que compartilha de nossos defeitos nos

agrada muito menos em nossos prazeres, do que aquela que só tem virtudes: a primeira assemelha-se a nós, não a escandalizamos; a outra, fica aterrorizada, e há um encanto muito certo a mais.

A despeito de suas proporções, o Duque brincava com sua filha, mas teve de esperar que ela tivesse quinze anos e, mesmo assim, não conseguiu evitar que Julie fosse consideravelmente danificada pela aventura, tanto, na realidade, que, ansioso por casá-la, foi forçado a por termo aos prazeres daquela variedade, e a contentar-se com delícias menos perigosas para ela, mas pelo menos tão fatigantes. Julie pouco lucrou com o Presidente, cujo membro, como sabemos, era excessivamente grosso e, além disso, por muito que fosse suja consigo própria, não podia de modo algum competir numa imundície de deboche como a que distinguia o Presidente do Tribunal, seu adorado esposo.

Aline, irmã mais jovem de Julie e, na realidade, filha do Bispo, possuía hábitos e defeitos, e um caráter, muito diferentes dos de sua irmã.

Era a mais jovem das quatro, acabara de fazer dezoito anos; tinha um rosto atraente, exuberantemente saudável e quase atrevido; um pequeno nariz arrebitado; olhos castanhos cheios de expressão e vivacidade; uma boca deliciosa; a figura mais contornada embora um tanto alta, bem carnuda: a pele um pouco escura mas macia e delicada; a bunda bem no lado amplo mas bem moldada, o par de nádegas mais voluptuoso que um libertino pode jamais observar, o montículo do amor com cabelos castanhos e bonito, a boceta um pouco baixa ou, como dizem, a l'anglaise, mas tão apertada quanto se pode desejar, e quando foi apresentada a assembléia, era integralmente virgem. E ainda o era na ocasião em que a festa que vamos relatar começou, e veremos de que maneira sua virgindade foi aniquilada. Quanto aos primeiros frutos de sua bunda, o Bispo calmamente os vinha colhendo diariamente durante os últimos oito anos, mas, sem, contudo, despertar em sua filha querida um gosto exagerado por esses exercícios: ela, apesar de seu ar travesso e atrevido, só cooperava por obediência e nunca insinuara que compartilhava do menor prazer nas infâmias de que era vítima todos os dias. O Bispo deixara-a na mais profunda ignorância, mal sabia ler ou escrever, e não fazia absolutamente a menor idéia da existência de religião; sua mente era natural, de criança, dava respostas divertidas, gostava de brincar, adorava imenso sua irmã, detestava o Bispo além de qualquer medida, e temia o Duque como se fosse o fogo. No dia do casamento, quando se viu nua e rodeada por quatro homens, chorou, e além disso, fez tudo que lhe mandaram, atuando sem prazer e com indiferença. Era sóbria, muito limpa, e não tendo outros defeitos além de sua indolência, a despreocupação reinava em todos os seus movimentos e ações, e em toda a parte de sua pessoa, a despeito da vivacidade anunciada por seus olhos brilhantes. Abominava o Presidente quase tanto quanto odiava seu tio, e Durcet, que não a tratava com excesso de consideração, parecia ser, não obstante, o único por quem não parecia ter repugnância.

São estes, portanto, os oito personagens em cuja companhia vamos permitir que o bom leitor viva. É chegado o momento de divulgar o objeto dos singulares prazeres que se propuseram.

Entre os autênticos libertinos, é geralmente aceito que as sensações comunicadas pelos órgãos da audição são as mais lisonjeiras, e nas quais as impressões são as mais vivas; como consequência, nossos quatro vilões, dotados de uma mente que fazia com que a voluptuosidade se implantasse no próprio núcleo de seus seres, tão profunda e esmagadoramente quanto pudesse penetrar, tinham, para isso, engendrado uma coisa realmente inteligente.



Trata-se do seguinte: depois de se terem embebido em tudo que melhor pudesse satisfazer seus sentidos através da lascívia, depois de terem estabelecido essa situação, o plano devia descrever-lhes, no maior detalhe e na devida ordem, todas as extravagâncias do deboche, todas as suas divagações, todas as suas ramificações, todas as suas contingências, tudo que se denomina em linguagem libertina, as suas paixões. Não se pode, simplesmente, conceber o grau em que o homem as varia quando sua imaginação se inflama; as diferenças entre os homens criadas por todas as suas outras manias, por todos seus outros gostos, podem ser excessivas, mas neste caso, são ainda mais, e quem conseguir isolar e categorizar e detalhar essas loucuras, talvez execute um dos trabalhos mais esplêndidos que se pode fazer sobre maneiras, e talvez um dos mais interessantes. Seria assim uma questão de achar alguns indivíduos capazes de contar todos esses excessos, de os analisar depois, de os prolongar, esmiuçar, graduar e englobar numa história que proporcionasse coerência e divertimento. Tal foi a decisão adotada. Após inúmeras investigações e inquéritos, localizaram quatro mulheres que tinham atingido as culminâncias — isso era necessário, no caso, a experiência era a coisa fundamental — quatro mulheres, dizia eu, que, tendo gasto suas vidas no deboche mais furioso, tinham chegado a um estado em que podiam proporcionar um relato exato de todas essas questões: e, como tinha havido o cuidado de selecionar quatro pessoas dotadas de uma certa eloqüência e um certo espírito, depois de muitas discussões, registros e disposições, as quatro estavam prontas a inserir, cada uma nas aventuras de sua vida, todas as mais extraordinárias fantasias do deboche, e a fazê-lo numa ordem e ritmo tais, que a primeira, por exemplo, desenvolveria na narrativa das atividades de sua vida as cento e cinquenta paixões simples e os desvios menos esotéricos ou mais comuns; a segunda, dentro da mesma estrutura, um número igual de paixões mais vulgares envolvendo um ou mais homens com uma ou várias mulheres; a terceira, devia também introduzir em sua narração cento e cinquenta caprichos dos mais criminosos e os que mais ultrajassem as leis da Natureza e da religião; e como todos esses excessos levam ao assassinato e esses crimes cometidos através da libertinagem são infinitamente vários e são igualmente tão numerosos como as ocasiões em que a imaginação inflamada dos libertinos adota diferentes torturas, a quarta devia adornar os eventos de sua vida com um meticuloso relato de cento e cinquenta exemplos diversos dos mesmos. Entretanto, os nossos libertinos, rodeados, como indiquei no começo, de suas esposas e de outros objetos de todas as espécies, deviam prestar estreita obediência, ser mentalmente aquecidos, e deviam acabar por extinguir, mediante suas esposas ou os outros vários objetos, a conflagração que as contadoras de histórias tivessem incendiado. Não há certamente coisa mais voluptuosa neste projeto do que a maneira luxuosa como foi executado, e é essa maneira e as diversas recitações, que compõem a presente obra; pelo que, depois do que já se disse, aconselho os modestos em excesso a porem meu livro imediata-mente de lado, se não querem ficar escandalizados, pois é já claro que em nosso plano não há muito de castidade, e desde já assumimos a responsabilidade de que em sua execução ainda há menos. Em virtude das quatro atrizes de que vimos falando desempenharem um papel essencial nestas memórias, acreditamos, mesmo que tenhamos de pedir por isso perdão do leitor, que é ainda nossa obrigação descrevê-las; elas irão narrar e representar: assim sendo, é possível que continuem por conhecer? Elimine-se toda a expectativa das belezas retratadas, embora houvesse sem dúvida nos planos disposições para empregar essas quatro criaturas, física e moralmente; seja como for, nem seus encantos ou anos eram fatores decisivos, mas antes seus espíritos e experiências a única coisa que contava, e com respeito as últimas, nossos amigos não podiam ter possivelmente escolhido melhor.

Madame Duolos, a quem foi confiada a tarefa de relatar as cento e cinquenta paixões simples; a mulher que respondia por esse nome tinha quarenta e oito anos de idade, ainda em boas condições e preservando vestígios de beleza; tinha olhos muito bonitos, uma pele excessivamente branca, e uma das bundas mais esplêndidas e rechonchudas que se têm visto por aí; a boca limpa e fresca, seios soberbos, bonitos cabelos castanhos, uma figura pesada mas nobre, e todo o ar e tom de uma brilhante prostituta. Passara a vida, como veremos, em lugares e em circunstâncias em que fora obrigada a estudar aquilo que vai relatar, e vê-la era realizar que se devia ter entregue a tarefa com sabedoria e verve, com vontade e interesse. Madame Champville era uma mulher alta de cerca de cinquenta anos, esguia, bem feita, com a qualidade mais voluptuosa em seu aspecto porte; uma fiel devota de Safo, tinha essa espécie de expressão mesmo em seus menores movimentos, em seus gestos mais simples, nas suas palavras mais ínfimas. Arruinara-se por causa de moças, e se não fosse essa predileção a que geralmente sacrificava tudo que conseguia ganhar na rua, podia ter uma vida bastante confortável. Durante muito tempo pertencera ao serviço público, e nos últimos anos vivia como fornecedora de favores, mas limitava sua clientela a respeitáveis patifes de certa idade; nunca recebia homens jovens, e essa prudente conduta era lucrativa e muito contribuía para melhorar seus negócios. Fora loira, mas uma cor mais venerável, a da sabedoria, começava a colorir seus cabelos; seus olhos eram ainda excessivamente atraentes, azuis, e continham a expressão mais agradável. Sua boca era adorável, ainda fresca, não lhe faltando nenhum dente, tinha o peito achatado, mas sua barriga era boa, mas nunca despertara inveja, seu montículo um tanto saliente, e seu clitóris saía uns sete centímetros quando bem aquecido; bastava mexer nessa sua parte para logo ficar em êxtase, e especialmente quando serviço era feito por uma mulher. Sua bunda era muito mole e gasta pelo uso, inteiramente descaída, enrugada, dilapidada e tão insensibilizada pelos costumes libidinosos que nos explicará ao contar sua história, que se podia fazer tudo que se quisesse sem que ela ali tivesse a menor sensação. Uma coisa estranha e garantidamente rara, acima de tudo em Paris: era tão virgem desse lado como uma moça saída de um convento, talvez, se não fosse a parte amaldiçoada que pôs em uso, e pôs em uso com pessoas que só se preocupavam com o extraordinário e que, conseqüentemente, gostavam desse lado, talvez, dizia eu, se não fosse essa parte, essa singular virgindade pudesse ter perecido com ela.

Madame Martaine, uma impotente matrona de cinquenta e dois anos, muito bem conservada e muito saudável, e dotada das nádegas maiores mais bonitas que se podem desejar, era exatamente o contrário quanto a aventuras. Devotara a sua vida ao deboche sodomítico, e estava tão bem familiarizada com o mesmo que só nele sentia prazer. Uma deformidade natural (fora abençoada por uma obstrução) não permitira que conhecesse qualquer outro, entregara-se totalmente a essa espécie de prazer, levada ao mesmo pela incapacidade de fazer qualquer outra coisa pelo hábito precoce, em consideração ao qual se agarrou logo a essa lubricidade, pelo que se dizia ser ainda deliciosa, pronta para enfrentar tudo o que surgisse, nada temendo. Os engenhos mais monstruosos não eram nada para ela, de fato eram esses que preferia, e a seqüência de nosso relato irá talvez revelá-la dando ainda sinais valorosos de luta dentro dos padrões de Sodoma, como a mais intrépida de suas devotas. Seus traços eram graciosos, mas os sinais de languidez e declínio começavam a embotar seus atrativos. e se não fosse a carne que ainda a sustinha, podia ser considerada desgastada e consumida.

Quanto a Madame Desgranges, era o vício e a lascívia em pessoa: alta, magra, cinquenta e seis anos, pálida e emaciada como um fantasma, olhos embaciados, lábios

mortos. oferecia a imagem do crime pronta a perecer por falta de resistência. Fora em tempos morena, havia quem sustentasse que tivera um corpo bonito: logo depois se tornara um mero esqueleto inspirador apenas de aversão. Sua bunda, murcha, desgastada, marcada, dilacerada, mais parecia papel marmóreo do que pele humana, seu ânus era tão escancarado, saído e rugoso, que as máquinas mais volumosas podiam, sem que desse por isso, penetrá-lo a seco. A título de graças complementares, esta generosa atleta Citereana, ferida em vários combates, não tinha um mamilo e três dedos. Mancava, e não tinha seis dentes e um olho. Podemos talvez saber em que ordem de ataques fora assim maltratada; mas uma coisa é certa: nada do que sofrera a fizera moderar seus modos, e se seu corpo era o retrato da feiúra, sua alma era o depósito de todos os crimes e vícios mais espantosos: incendiária, parricida, sodomita, tríbade, assassina, envenenadora, culpada de incesto, de estupro, ladra, de abortos e de sacrilégios, pode verdadeiramente afirmar-se que não há um único crime no mundo que essa vilã não tivesse cometido, ou fizesse com que outros cometessem em seu nome. Sua atividade era agora de intermediária; era uma das fornecedoras mais fortemente procuradas, e como a muita experiência acrescentava uma conversa mais ou menos agradável, fora escolhida para ocupar o lugar de quarta narradora, isto é dizer, aquela em cuja história se combinasse o maior número de infâmias e horrores. Quem melhor do que uma criatura que os tivesse cometido podia desempenhar esse papel?

Descobertas essas mulheres, e descobertas sob todos os aspectos como as desejavam, os amigos voltaram suas atenções para os acessórios. Desde o começo que planejavam rodear-se de um grande número de objetos inspiradores de sensualidade, de ambos os sexos, mas quando sua atenção foi chamada para o fato do único lugar em que se podia realizar convenientemente aquele festival ser o mesmo castelo na Suíça, propriedade de Durcet em que despachara Elvire, quando, dizia eu, foi observado que esse castelo de tamanho apenas moderado não podia albergar tantos habitantes e, o que é mais, podia ser insensato ou perigoso levar tanta gente, a lista de objetos foi reduzida a trinta e dois ao todo, incluindo as narradoras: a saber: quatro dessa classe, oito meninas, oito rapazes, oito homens dotados de membros monstruosos para os deleites da sodomia passiva, e quatro criadas. Mas, no recrutamento de tudo isso, houve o maior cuidado; um ano foi devotado a esses detalhes, e também uma enorme quantia em dinheiro, e foram essas as medidas que adotaram para obter os espécimes mais deliciosos que a França inteira podia oferecer a título de oito meninas: dezesseis inteligentes fornecedoras, cada uma acompanhada de dois subalternos, foram enviadas as dezesseis províncias principais da França, enquanto uma última se ocupava com o mesmo trabalho apenas em Paris. Cada uma dessas fornecedoras foi instruída para comparecer num determinado dia numa das propriedades do Duque, fora de Paris, e todas ali deviam comparecer, na mesma semana, exatamente dez meses depois da data de sua partida — foi esse o prazo que lhe foi dado para desenvolver sua atividade. Cada uma devia trazer nove objetos, o que faria um total de cento e cinqüenta e três meninas, entre as quais seriam escolhidas apenas oito.

As fornecedoras receberam instruções para enfatizarem o berço elevado, as virtudes e as feições mais deliciosas possíveis; deviam conduzir suas pesquisas de modo a conseguirem material principalmente de famílias eminentes, e não deviam trazer nenhuma moça sem conseguirem provar que tinha sido subtraída a força de conventos onde estivessem internadas meninas de qualidade, ou da casa de suas famílias, e de famílias de distinção. Tudo aquilo que não fosse superior a burguesia e não fosse integralmente virgem e impecavelmente bonito, seria recusado sem piedade; foram colocados espiões para vigiar a atividade dessas mulheres

e para prestar a sociedade relatos minuciosos e prontos do que estava acontecendo.

Para cada objeto adequado encontrado recebiam trinta mil francos, sendo todas as despesas por conta dos agentes. Os custos foram incríveis. No que respeita a idade, foi fixada entre doze e quinze anos; a material abaixo ou acima seria sumariamente rejeitado. Ao mesmo tempo, em circunstâncias idênticas, com os mesmos meios, e as mesmas despesas, dezessete agentes de sodomia vasculhavam do mesmo modo a capital e as províncias procurando rapazinhos, sendo seu comparecimento fixado para um mês depois da seleção das meninas. Quanto aos rapazes, a quem a partir de agora nos propomos chamar fodedores, o único critério era o tamanho do membro: nada abaixo de vinte e cinco ou vinte e sete centímetros de comprimento, e dezoito ou vinte de circunferência era aceitável. Oito homens se empenharam no reino para satisfazer esta exigência, e foi-lhes marcada uma entrevista um mês depois dos meninos. Embora a maneira como foram feitas e recebidas essas seleções não nos interesse grandemente, talvez não seja impróprio inserir, neste ponto, uma palavra sobre o assunto a fim de revelar ainda mais o gênio de nossos quatro heróis; creio que nada que sirva para ampliar a compreensão do leitor acerca destas figuras e para lançar luz numa festa tão extraordinária como a que vamos descrever, pode ser considerado irrelevante.

Chegado o momento de reunião de todas as meninas, todos convergiram para a propriedade do Duque. Algumas fornecedoras não tinham conseguido completar sua cota de nove, outras haviam perdido algumas no caminho, por doença ou fuga, pelo que apenas cento e trinta estavam presentes ao encontro marcado, mas que encantos, meu Deus! não creio que algum dia se tivessem reunido no mesmo lugar tantos encantos. treze dias foram dedicados a esse exame, e cada dia eram inspecionadas dez. Os quatro amigos formavam um círculo, no meio do qual colocavam a menina, vestida do mesmo modo que no momento de sua captura; a fornecedora responsável recitava a sua história. Quando faltava alguma das condições de berço elevado ou de virtude, a inspeção terminava, a criança era sumariamente rejeitada, sem apelo e mandada embora, e a fornecedora perdia tudo que tivesse gasto com ela. Depois, uma vez fornecidos todos os particulares vitais, a fornecedora era convidada a retirar-se, e a criança era interrogada para se determinar se era verdade o que tinha sido afirmado. Se tudo parecia bem, a fornecedora era chamada de novo, e levantava as saias da menina, per trás, de modo a mostrar suas nádegas ao grupo; era a primeira coisa que queriam examinar. O menor defeito nessa parte era motivo de rejeição imediata; se, pelo contrário, nada ali faltava, a menina recebia ordem para despir-se, ou era despida e, uma vez nua, desfilava cinco ou seis vezes, de um libertino para outro, e era voltada para um lado e para outro, apalpada, examinada nos mínimos detalhes, para se determinar se era nova, se usada, fazendo tudo isso friamente, para que a ilusão dos sentidos não perturbasse qualquer aspecto do exame. Isso feito, a criança era levada, ao lado de seu nome num voto, os examinadores escreviam aprovada ou reprovada, e assinavam; esses votos eram então colocados numa caixa, abstendo-se os eleitores de comunicar sua opinião uns aos outros; examinadas todas as meninas, a caixa foi aberta: para ser aceita, a moça precisava de ter o nome de nossos quatro amigos a seu favor. A ausência de um nome era suficiente para sua exclusão imediata e, em qualquer caso, inexorável, como já afirmei: as eliminadas foram logo expulsas, para longe, sós e sem guias, a não ser como sucedeu talvez com uma dúzia, com quem os nossos libertinos se divertiram depois de feita a escolha, e antes de as entregarem as suas fornecedoras.

Este turno resultou na exclusão de cinquenta candidatas, sendo as outras oitenta examinadas de novo, mas com muito maior rigor e severidade; o mínimo defeito provocava demissão instantânea. Uma delas, adorável como o dia, foi eliminada porque um de seus

dentes era um nada maior do que os outros; mais de vinte foram recusadas por seus pais não passarem de burgueses. Trinta foram eliminadas neste segundo turno, pelo que restavam apenas cinqüenta. Os amigos resolveram não continuar com o terceiro turno sem primeiro se libertarem de algum esperma através do próprio ministério dessas cinqüenta aspirantes, isso para que estando calmos todos os sentidos, sua escolha pudesse ser mais sólida. Cada um do quarteto se rodeou de uma equipe de doze ou treze crianças; os membros de cada equipe adotaram atitudes variadas, trocaram-se equipes, tudo foi dirigido pelas fornecedoras, e tudo foi executado com tal destreza, houve, numa palavra, tanta lubricidade na coisa, que o esperma voava, as temperaturas baixavam e outras trinta sumiram da corrida. Restavam vinte; isso era ainda uma dúzia a mais. Foram adotados outros expedientes para se conseguir calma, foram empregados todos os meios dos quais supostamente se pode extrair indiferença, mas as vinte continuavam, e como seria possível reduzir um número de criaturas tão maravilhosamente celestiais que se podia declarar que eram obra de uma divindade? Iguais em beleza, algo mais tinha de ser descoberto que pudesse pelo menos dar a oito delas alguma superioridade em relação as outras doze, e aquilo que o Presidente então propôs é realmente digno de toda a perturbação da sua mente. Isso não importa; a sugestão foi aceita: tratava-se de descobrir qual delas faria melhor uma coisa que as oito escolhidas seriam muitas vezes obrigadas a fazer. Quatro dias chegaram amplamente para decidir a questão, e finalmente, as doze foram mandadas embora, mas não em branco como no caso das outras; proporcionaram durante uma semana um divertimento completo e exaustivo, e depois foram entregues aos cuidados das fornecedoras que logo passaram a ganhar bom dinheiro com a prostituição de criaturas tão distintas como elas. Quanto as oito vencedoras, foram instaladas num convento até o dia da partida, e a fim de reservarem até ao período designado o prazer de delas desfrutarem, os quatro colegas não lhes tocaram até então.

Não serei temerário ao ponto de tentar descrever essas belezas: eram todas superiores em grau igual: as minhas pinceladas seriam necessariamente monótonas; limito-me a dar seus nomes e a afirmar sob minha palavra que é perfeitamente impossível obter uma idéia de tal grupo de graças, de atrativos, de perfeições, e se a Natureza desejasse dar ao Homem uma idéia daquilo que sua maior e mais sábia arte pode criar, não lhe apresentaria outros modelos.

A primeira chamava-se Augustine: tinha quinze anos, filha de um barão do Languedoque, e fora seqüestrada de um convento em

Montpellier.

A segunda chamava-se Fanny: era filha de um conselheiro do Parlamento da Bretanha e fora subtraída do próprio castelo de seu pai. A terceira chamava-se Zelmire: tinha quinze anos, era filha do Conde de Terville que a idolatrava. Levara-a um dia a uma caçada em uma de suas propriedades em Beauce, e deixara-a sozinha na floresta por um momento, sendo logo seqüestrada. Era filha única, com um dote de quatrocentos mil francos, e casaria no ano seguinte com um nobre. Foi a que mais sofreu e chorou com o horror de sua sorte. A quarta chamava-se Sophie: tinha catorze anos e era filha de um grande fidalgo que vivia na sua propriedade de Berry. Foi seqüestrada durante um passeio com sua mãe a qual, tentando defendê-la, foi arremessada ao rio, onde expirou aos olhos de sua filha.

A quinta chamava-se Colombe: era de Paris, filha de um conselheiro parlamentar; tinha treze anos e fora raptada ao voltar uma noite para o convento, com sua governanta, depois de ter ido a um baile de crianças. A governanta foi morta a punhaladas.

A sexta chamava-se Hébé: tinha apenas doze anos, filha de um capitão de cavalaria, um

nobre que vivia em Orléans. A jovem foi atraída e raptada no convento onde estudava; duas freiras tinham-se vendido. Não se pode imaginar coisa mais sedutora ou mais doce. A sétima chamava-se Rosette: tinha treze anos e era filha do Tenente-General de Chalon-sur-Saône. Seu pai acabara de morrer, encontrava-se com sua mãe no campo, perto da cidade, e foi raptada diante de seus parentes por agentes disfarçados de ladrões. A última chamava-se Mimi ou Michette: tinha doze anos, era filha do Marquês de Sénanges e fora raptada na propriedade de seu pai em Bourbonnais durante um passeio de carruagem que tinha sido autorizada a dar, na companhia de duas ou três mulheres do castelo. As mulheres foram assassinadas. Pode observar-se que os preparativos dessas loucuras custaram muito dinheiro e muitos crimes; para tais pessoas, a fortuna significa excessivamente pouco, e quanto ao crime, vivia-se então numa época em que não era de modo algum investigado e punido como agora. Por isso as coisas aconteciam, e tão bem, que não representando as investigações virtualmente nada, nossos libertinos nunca eram perturbados pelas conseqüências.

Aproximava-se o momento de examinar os meninos. Mais fáceis de obter, seu número era maior. Os agentes apresentaram cento e cinqüenta, e não será certamente exagero afirmar que igualavam, pelo menos, as meninas, tanto em seus deliciosos rostos como em suas graças infantis, sua candura, sua inocência, e sua elevada categoria. Trinta mil francos eram pagos por cada um, a mesma quantia paga pelas meninas, mas os empresários não arriscavam nada, porque sendo o jogo mais delicado e mais a gosto de nossos epicuros, fora decidido que nenhum corria risco de perder suas despesas, que embora os rapazes com quem fosse impossível chegar a acordo fossem rejeitados, seriam não obstante de algum modo utilizados, e portanto pagos da mesma maneira.

Seu exame foi conduzido como o das moças, foram verificados dez por dia, mas com a precaução muito sensata um pouco negligenciada com as meninas, com a precaução, dizia eu, de fazer proceder sempre o exame de uma descarga obtida com a ajuda dos dez em exame. Os outros chegaram a ficar meio decididos a banir o Presidente da cerimônia, tão cansados estavam da depravação de seus gostos; recearam, na seleção das meninas, ser vítimas de sua predileção amaldiçoada pela infância e degradação: o Presidente prometeu conter-se, e se manteve sua palavra, não é provável que tenha sido sem dificuldade, porque quando uma imaginação danificada ou doente se acostuma a essa espécie de ultrajes contra o bom gosto e a Natureza, ultrajes que tão grande-mente a lisonjeiam, não é coisa fácil restaurar tais pessoas no caminho da retidão: parece que o desejo de satisfazerem seus apetites, afasta a razão de seu julgamento. Desdenhando o que é verdadeiramente belo, adorando apenas o pavoroso, os pronunciamentos dos desejos correspondem a seus critérios, e o regresso aos sentimentos mais verdadeiros afigura-se-lhes um mal feito aos princípios de que mais lamentariam afastar-se. Foram unanimemente aprovadas cem esperanças, e essas decisões tiveram de ser reconsideradas cinco vezes para se chegar ao pequeno grupo que se desejava. Três vezes consecutivas cinqüenta sobreviveram a votação, e então, para reduzir esse número aos oito estipulados, os jurados foram compelidos a recorrer a medidas vulgares a fim de diminuir, de algum modo, a atração dos ídolos ainda glamorosos a despeito de tudo que tinham conseguido fazer com eles. Ocorreu-lhes a idéia de vestir os rapazes de moças: vinte e cinco foram eliminados com esse truque, emprestando ao sexo que veneravam o garbo daquele a que se tinham tornado indiferentes, depreciado o seu valor e arruinado quase toda a ilusão. Mas nada podia alterar a votação dos vinte e cinco restantes. Tudo foi em vão, em vão salpicaram seu esperma por todos os lados, em vão escreveram seus nomes nos votos no momento em que gozavam, em vão puseram em uso o expediente adotado com as moças, os

vinte e cinco provavam sempre invencíveis, e finalmente concordaram em tirar a sorte. Eis os nomes que deram aos felizes que ficaram, sua idade, nascimento e uma palavra ou duas acerca de suas aventuras; seus retratos? Afirmo: as feições do próprio Cupido não eram seguramente mais delicadas, e os modelos que Albani procurou para escolher as feições de seus anjos divinos devem ter sido certamente inferiores.

Zélamir tinha treze anos de idade: era filho único de um fidalgo de Poitou que o educara com o maior cuidado. Acompanhado por um único criado, fora enviado a Poitiers para visitar um parente; nossos bandidos armaram-lhes uma cilada, chacinaram o criado, e fugiram com a criança.

Cupidon tinha a mesma idade: estudava numa escola de La Flèche, e era filho de um fidalgo que morava nas vizinhanças da cidade. Foi armada uma cilada ao rapazinho, foi raptado durante um passeio dos alunos, ao domingo. Era o aluno mais bonito de sua escola. Narcisse tinha doze anos: era Cavaleiro de Malta. Fora raptado em Rouen, onde seu pai desempenhava um honroso posto compatível com sua nobreza; o rapaz estava a caminho do Colégio Louis-leGrand, em Paris, quando foi seqüestrado no meio da viagem.

Zéphyr, o mais delicioso dos oito, supondo-se que sua beleza excessiva podia permitir a possibilidade de escolha, era de Paris; ali estudava, num famoso internato. Seu pai, um distinto oficial, fez tudo que lhe foi possível para recuperar o filho, e fracassou; o dinheiro seduzira o diretor da escola que entregou sete exemplares, dos quais seis foram recusados. Zéphyr pôs a cabeça do Duque as voltas, e o tarado protestou que se fosse preciso pagar um milhão para enrabar o rapaz pagaria em dinheiro, na hora. Reservou-se a iniciação do rapazinho, a qual lhe foi geralmente concedida. Oh! terna e delicada criança, que desproporção, e que pavoroso destino te estavam reservados!

Céladon era filho de um magistrado de Nancy; foi capturado em Lunéville, onde fora visitar uma tia. Acabara de fazer catorze anos. Neste caso foi usada uma moça como isca. Céladon conheceu a moça, e a sem vergonha atraiu-o a armadilha fingindo amor por ele; o rapaz deixou-se cair, e foi facilmente seqüestrado.

Adonis tinha quinze anos; foi arrebatado em Plessis, onde freqüentava a escola. Era filho de um juiz do Tribunal de Apelação que fez um grande barulho, mas em vão, a captura foi tão bem planejada que ninguém soube. Curval, que era tarado pelo rapaz havia dois anos, conhecera-o na casa do pai, e foi ele quem forneceu os meios e as informações necessários ao seu deboche. Os outros ficaram grandemente surpreendidos ao acharem um bom gosto tão sensível numa cabeça tão depravada como a de Curval, e este, muito orgulhoso, aproveitou-se do evento para mostrar a Seus colegas que, como podiam claramente ver, ainda se podia permitir as vezes um paladar apurado. A criança reconheceu-o e começou a chorar, mas o Presidente consolou-a com a garantia de que seria ele a deflorá-la, e ao mesmo tempo que proferia aquelas palavras confortadoras, esfregava o seu enorme engenho naquelas frágeis nádegas. Curval pediu o rapazinho a assembléia; seu pedido não teve oposição. Hyacinthe tinha catorze anos; era filho de um oficial aposentado que vivia numa pequena cidade de Champagne. Adorava caçar e foi seqüestrado no campo, no momento em que seu pai fora imprudente a ponto de o deixar sozinho.

Giton tinha doze anos; foi raptado em Versailles no meio dos rapazes dos estábulos do Rei. Era filho de um homem de conseqüência de Nivernais, o qual havia apenas seis meses que o levava para Versailles. Foi muito simplesmente raptado quando passeava sozinho na avenida de Saint-Cloud. Tornara-se a paixão do Bispo, e ao Bispo foi o prêmio decretado.

Eram assim as divindades masculinas que nossos libertinos prepararam para sua lubricidade; veremos, no seu devido tempo e lugar, o uso que lhes foi destinado. Restavam cento e quarenta súditos, mas enquanto houvera muito discussão a respeito dos oito, não houve nenhuma com esta caça: nem um dos candidatos derrotados foi dispensado antes de ter servido algum propósito. Nossos libertinos passaram um mês com eles no castelo do Duque. Como estavam em vésperas de partir, como todos os arranjos práticos estavam completados, a companhia pouco mais tinha que fazer além de se divertir até o dia da partida. Quando estavam finalmente cheios de seu esporte, acharam uma maneira agradável de se libertarem daquilo que o proporcionara: vendendo os rapazes a um pirata turco, esquema pelo qual não haveria vestígios de nenhum deles, e que permitia ainda a recuperação de uma parte de seu custo. Foram enviados em pequenos grupos para um lugar perto de Monaco, o turco foi buscá-los para os levar para a escravidão, sem dúvida um pavoroso destino, mas um destino que, não obstante, divertiu imenso os nossos vilões.

Chegou então o momento de escolher os fodedores. Os que não correspondiam aos padrões, sendo adultos, não eram motivo de embaraço; sendo amadurecidos e homens razoáveis, bastava pagarlhes o seu incômodo, suas despesas de viagem, e mandá-los para casa. Os oito peritos que tinham contratado fornecer os fodedores tinham, além disso, muito menos obstáculos a vencer, uma vez que as especificações eram bastante concretas e as condições não faziam a menor diferença. Vieram assim cinquenta a reunião; entre os vinte maiores, foram escolhidos os oito mais jovens e atraentes, e como na seqüência nunca será feita praticamente qualquer menção a não ser aos quatro maiores desses oito, limitar-me-ei a falar dos mesmos.

Hercule, com um corpo talhado a imagem do deus cujo nome recebera, tinha vinte e seis anos e era dotado de um membro com vinte e um centímetros de circunferência por trinta e dois de comprimento. Nunca se viu coisa tão bonita e majestosa; este instrumento estava quase sempre duro, e apenas com oito descargas podia encher até a borda, segundo os testes revelaram, uma medida de meio litro; Hercule era também muito delicado, muito doce, e tinha um rosto interessante.

Antinoüs assim chamado porque tinha, a semelhança do favorito de Hadrian, juntamente com o membro mais bonito do mundo, a bunda mais voluptuosa, e isso é extremamente raro. Antinoüs brandia um dispositivo que media vinte centímetros de circunferência e vinte e cinco de comprimento. Tinha trinta anos, e um rosto digno de seus outros traços.

Bum-Cleaver arrastava um taco de formato tão divertido que lhe era quase impossível executar um ataque por trás sem rasgar a bunda da vítima, e daí o nome de que era portador (Clivador de Bundas). A cabeça de seu membro parecia o coração de um boi, tinha vinte e um centímetros de circunferência; atrás dela, o eixo media apenas vinte, mas era torto e tinha uma curva que rasgava o ânus ao penetrar nele, e esta qualidade, muito preciosa para libertinos gastos como os nossos, tornava-o singularmente disputado.

Invictus, assim chamado porque, o que quer que fizesse, sua ereção era perpétua, era dotado de um engenho de vinte e oito centímetros de comprimento por dezenove de circunferência. Membros maiores, com dificuldade em ficarem duros tinham sido recusados em seu benefício, porque Invictus, independentemente do número de descargas produzidas num dia, ficava de membro duro ao menor toque.

Os outros quatro tinham, aproximadamente, as mesmas dimensões e formato. Os quarenta e dois candidatos rejeitados proporcionaram entretenimento durante uma quinzena e,



depois dos amigos os terem feito dançar a sua música e os terem usado até ao osso, foram bem recompensados e mandados embora.

Nada restava agora a não ser a escolha das quatro damas de companhia, e esse estágio final foi sem dúvida o mais pitoresco. O Presidente não era o único dotado de gostos depravados; seus três amigos, e especialmente o Duque, estavam um pouco contagiados por sua mania, amaldiçoada, crapulosa e debochada, que leva as pessoas a acharem uma atração maior e mais picante num objeto velho, revoltante e imundo, do que naquilo que a Natureza mais divinamente moldou. A explicação desta fantasia é provavelmente difícil, mas ela existe em muitas pessoas; a desordem da Natureza traz consigo uma espécie de mancha que opera no tipo agudo com talvez tanta e até mais força do que em suas belezas mais regulares; está provado, além disso, que quando o membro do homem está duro, é o horror, a vilania, o espantoso, que agrada; bem, onde são essas coisas mais enfaticamente presentes do que nos objetos viciados? Se é a coisa imunda que agrada no ato lúbrico, então com certeza que quanto mais suja a coisa for, mais deve agradar, e é sem dúvida muito mais imunda nos corruptos do que nos intactos e perfeitos.

Não, quanto a isso não há dúvida. Além disso, a beleza pertence a esfera do simples, do comum, enquanto a feiúra é algo de extraordinário, e não há dúvida de que todas as imaginações ardentes preferem, na lubricidade, o extraordinário ao lugar comum. A beleza e a saúde só nos tocam de maneira simples; a feiúra, a degradação, dão golpes muito mais fortes, a comoção que criam é muito mais resistente, a agitação resultante deve ser por isso mais viva; a luz de tudo isto, não deve haver motivo de espanto no fato da imensa multidão das pessoas preferir ter seus prazeres com mulheres velhas, feias e até nojentas, e recusar moças bonitas e frescas, não há mais motivo de espanto nisso, dizia eu, do que no homem que prefere, para seus passeios, o terreno árido e agreste da montanha, aos monótonos caminhos da planície. Todas estas questões dependem de nossa constituição, de nossos órgãos, da maneira como somos afetados, e não está mais ao nosso alcance mudar nossos gostos a esse respeito, do que alterar a forma de nosso corpo.

Seja como for, tal era, como já afirmei, o gosto dominante do Presidente, e para dizer a verdade, o gosto que quase predominava em seus três confrades, pois quando chegou o momento de escolher as criadas, suas opiniões foram idênticas, e veremos através dessa escolha, que a mesma comprova a perturbação constitucional e a depravação a que acabamos de aludir.

Foram iniciadas as mais minuciosas investigações em Paris; foram finalmente localizadas as quatro criaturas desejadas; por mais repugnantes que seus retratos possam ser, o leitor permitir-me-á, não obstante, que os desenhe; fazê-lo é essencial ao aspecto das maneiras cuja elucidação é um dos principais objetivos desta obra. Maria era o nome da primeira; fora criada de um notório arruaceiro condenado recentemente a morte, sendo o seu castigo o chicote e o ferrete. Tinha cinqüenta e oito anos, não tinha quase cabelo, seu nariz era retorcido, seus olhos baços e reumosos, sua boca grande e cheia com seus trinta e dois dentes, sim, ali estavam todos, mas eram todos amarelos e como o enxofre; era alta, ossuda, tendo parido catorze filhos, os quais, dizia, estrangulara na sua totalidade com medo que se tornassem pessoas decentes. Sua barriga encrespava-se como as ondas do mar, e uma de suas nádegas fora devorada por um abscesso.

A segunda era conhecida por Louison; tinha sessenta anos, raquítica, corcunda, cega de um 'cilho e manca, mas tinha uma bunda ótima para a sua idade, e sua pele estava ainda em

muito boas condições. Era perversa como o diabo, e estava sempre pronta a cometer qualquer horror ou extravagância que lhe ordenassem.

Thérèse tinha sessenta e dois anos; era alta, magra, parecia um esqueleto, nem um único cabelo na cabeça, nem um dente na boca, e dessa abertura de seu corpo exalava um odor capaz de derrubar qualquer circunstante. Sua bunda estava cheia de feridas, e suas nádegas eram tão prodigiosamente frouxas que se podia enrolar sua pele em redor de uma bengala; o buraco dessa esplendida bunda parecia a cratera de um vulcão quanto a largura, e quanto ao aroma, a fossa de uma privada; em toda a sua vida, Thérèse declarava, nunca lavara sua bunda nem uma vez, por isso temos prova positiva de que a merda de sua infância ainda ali se encontrava. Quanto a sua vagina, era o receptáculo de tudo que era ímpio, de todos os horrores, um verdadeiro sepulcro cujo fedor era suficiente para provocar desmaios. Tinha um braço retorcido e mancava de uma perna.

A quarta chama-se Fanchon; seis vezes fora enforcada em efígie, e não há um único crime neste mundo que não tivesse cometido. Tinha sessenta e nove anos, nariz achatado, atarracada e pesada; era estrábica, quase não tinha testa, apenas dois dentes em seu abomaso e a ponto de caírem, erisipelas enfeitavam sua bunda inteira e hemorróidas do tamanho de punhos saíam de seu ânus, um pavoroso câncer consumia a sua vagina, e uma de suas coxas fora inteiramente queimada. Ficava completamente embriagada três quartas partes do ano, e nessa condição, sendo o seu estômago muito fraco, vomitava tudo. Apesar do bando de hemorróidas que o adornava, seu ânus era naturalmente tão grande que dele saíam pedacinhos e gases, e as vezes outras coisas, sem que desse por isso. Além de atuarem como criadas no luxuoso palácio de recreio que os quatro amigos tinham em mente. estas mulheres deviam dar também uma mão em todas as convocações e prestar todos os serviços e ministrasses lúbricos que delas pudessem ser exigidos. Assim que todas essas questões foram decididas e o verão começou, voltaram seus pensamentos para o transporte dos vários objetos que deviam tornar, durante a estada de quatro meses na propriedade de Durcet, sua habitação confortável e agradável. Foram dadas ordens para o transporte para o palácio de vastas quantidades de móveis e espelhos, viandas e vinhos e licores de todas as espécies, foram enviados trabalhadores e pouco a pouco os numerosos objetos foram conduzidos ao castelo onde Durcet, que fora na frente, os recebia, alojava e estabelecia, a medida que chegavam.

Mas chegou o momento de dar ao leitor uma descrição do famoso templo destinado a tantos sacrifícios luxuosos durante a projetada estação de quatro meses. Deve observar-se com que grande cuidado tinham escolhido um retiro isolado e remoto, como se o silêncio, a distância e a quietude, fossem os potentes veículos da libertinagem, como se tudo o que através dessas qualidades instila um terror religioso nos sentidos tivesse necessária e evidentemente de emprestar encanto adicional a lascívia. Vamos retratar este retiro não como em tempos era, mas no estado de embelezamento e da solidão mais perfeita que resultou dos esforços de nossos amigos.

Para se atingir o lugar era preciso ir primeiro a Basiléia; naquela cidade atravessava-se o Reno, do outro lado do qual a estrada se ia tornando cada vez mais estreita até se ter de abandonar a carruagem. Logo depois se entrava na Floresta Negra, nela se mergulhando cerca de quinze léguas, subia-se uma estrada difícil e tortuosa, coisa que, sem um guia, seria absolutamente impraticável. Pouco a pouco ia surgindo um povoado sinistro e feio de queimadores de carvão e guardas de caça; ali começava a propriedade de Durcet, e o

povoado era seu; como a população da pequena aldeia era composta quase inteiramente por ladrões ou contrabandistas, Durcet facilmente a favoreceu, e sua primeira ordem aos habitantes foi proibir-lhes, em quaisquer circunstâncias, a passagem de quem quer que fosse, para o castelo, depois de 1 de novembro, data em que a sociedade inteira nele devia estar reunida. Distribuiu armas pelos seus fiéis vassallos, concedeu-lhes certos favores que de há muito solicitavam, e a barreira foi baixada. Feito isso, firmemente presas as cancelas, poderemos ver através da descrição que se segue, a dificuldade de acesso a Silling, nome do castelo de Durcet.

Depois de passada a aldeia, começava a escalada de uma montanha quase tão alta como a de São Bernardo, e infinitamente mais difícil de subir, pois a única maneira de atingir o cume, era a pé; não que o caminho fosse proibido a bestas de carga, mas são tais os precipícios que por todos lados bordejam o caminho muito estreito a seguir, que se corre o maior risco indo montado; seis das mulas usadas para transportar suprimentos e comida pereceram, arrastando dois trabalhadores que pensaram montar as mesmas. São necessárias cinco horas para atingir o topo da montanha, e aí surge outra particularidade extraordinária, a qual, atendendo as precauções tomadas, se tornava uma barreira tão intransponível, que só os pássaros a venciam: o acidente topográfico a que nos referimos é uma fenda de cerca de sessenta metros de largura que divide a crista em duas partes, Norte e Sul, com o resultado de que, depois de se ter subido a montanha, é impossível, sem grande habilidade, voltar para trás, descendo-a. Durcet unira essas duas partes, entre as quais um precipício de mais de trezentos metros se abria, por uma fina ponte de madeira que foi destruída imediatamente após a chegada da última turma, e a partir desse momento, cessou toda a possibilidade de comunicação com o castelo de Silling. Porque, atravessada a ponte, atinge-se uma pequena planície de cerca de dois hectares de superfície; a planície é rodeada por todos os lados por penhascos agrestes que sobem até as nuvens, penhascos que envolvem a planície como uma cortina impenetrável. A passagem conhecida por caminho da ponte é portanto a única que se pode descer para se comunicar com a pequena planície; removida ou destruída a ponte, não há na terra inteira um único ser, não importa a espécie que se possa imaginar, capaz de atingir este pequeno pedaço de terra.

E é no centro deste espaço plano tão bem rodeado, tão solidamente protegido, que se encontra o castelo de Durcet. Um outro muro ainda, de dez metros de altura, o cerca; do outro lado do muro, um fosso cheio de água e extremamente profundo defende a última cerca alta e sinuosa; uma estreita e baixa passagem subterrânea conduz finalmente ao grande pátio interno em volta do qual se encontra a parte residencial, muito espaçosa, muito bem mobiliada, graças aos arranjos concluídos ultimamente; descortina-se uma longa galeria no primeiro andar. Quero observar que a descrição que farei dos apartamentos não corresponde ao que podem ter sido em tempos antigos, mas a maneira como foram arranjados e distribuídos de acordo com a concepção comum de nossos libertinos. Da galeria passa-se a um salão de jantar muito atraente provido de buffets em forma de torres, os quais, comunicando com a cozinha, permitiam que fosse prontamente servida comida quente a companhia, sem a ajuda de quaisquer criados. Deste salão de jantar, pendiam tapeçarias, aquecidas por dispositivos apropriados, e havia otomanas, excelentes poltronas e tudo que agrada aos olhos e é confortável, passando-se então para a grande sala de estar ou salão, simples, mas extremamente quente e equipado com os melhores móveis; comunicando com este salão, encontra-se uma câmara de assembléia destinada as narrações das mulheres. Era, por assim dizer, a arena dos torneios projetados, o lugar dos conchaves lúbricos, e como tinha sido

decorada em conformidade, merece uma descrição especial.

Seu formato era semicircular; cavados na parede circular encontravam-se quatro nichos cujas superfícies eram revestidas de grandes espelhos, e cada um era dotado de uma excelente otomana; esses quatro recessos foram construídos de modo a enfrentarem, todos o centro do círculo;

O diâmetro é formado por um trono, subido um metro e vinte acima do soalho e de costas para a parede reta, e destinado as narradoras; nesta posição, elas estavam não só bem diante dos quatro nichos destinados a seus auditores, mas, sendo o círculo pequeno, estavam suficientemente perto dos mesmos de modo a garantirem a audição de todas as palavras que proferissem, pois estavam colocadas como atores num teatro, e a assistência em seus nichos achava-se colocada como se estivesse observando um espetáculo num anfiteatro. Degraus desciam do trono, nos quais se deviam sentar os objetos de deboche trazidos para mitigar qualquer irritação sensória provocada pelas recitações; estas diversas bancadas, do mesmo modo que o trono, eram forradas de veludo preto ornado de franja dourada, e os nichos eram decorados com material semelhante e igualmente rico, mas em azul escuro. No fundo de cada nicho havia uma pequena porta que conduzia a uma dependência anexa que era usada quando, depois de terem chamado os objetos desejados, dos degraus, preferiam não executar na frente de todos os deleites para que tinham convocado os referidos objetos. Essas outras dependências eram providas de sofás e todos os outros móveis necessários a qualquer espécie de impureza. Dos dois lados do trono central, colunas isoladas chegavam até ao teto; essas colunas eram destinadas a agüentar os indivíduos que, por qualquer razão, pudessem merecer corretivo. Todos os instrumentos necessários para o aplicar pendiam dos ganchos fixados nas colunas, e essa vista imponente servia para manter a subordinação tão indispensável a festas desta natureza, subordinação na qual nasce quase todo o encanto da voluptuosidade nas almas dos perseguidores.

Esta sala semicircular dava diretamente para um aposento que formava o final desta parte residencial. Este aposento era uma espécie de boudoir, a prova de som, mas muito quente por dentro, muito escuro durante o dia, e destinava-se a entrevistas privadas e concursos retirados, ou a certos outros deleites secretos que serão revelados no curso do relato. Para atingir o outro corpo, era necessário voltar para trás, e uma vez na galeria, no final da qual era visível uma capela extremamente bonita, entrava-se na ala oposta que completava o circuito do pátio interno. Descobria-se uma esplêndida antecâmara dando para quatro soberbos aparta-mentos, tendo cada um, um boudoir e sala de banho; esplêndidas camas turcas com dosséis de damasco de três cores, com móveis correspondentes, adornavam essas suítes cujos boudoirs ofereciam tudo que de mais sensual a lubricidade possa imaginar. Essas quatro unidades, excepcionalmente bem aquecidas e confortáveis, destinavam-se aos quatro colegas, que nelas ficavam perfeitamente instalados. Em virtude do protocolo estipular que suas esposas deviam ocupar os mesmos aposentos, não lhes foram destinados quartos separados.

Em cima, o segundo pavimento continha aproximadamente o mesmo número de apartamentos, mas eram divididos de outra maneira; entrava-se, primeiro, de um lado, num vasto quarto contendo oito nichos, cada um dos quais dispo de uma pequena cama — eram os aposentos das moças, e ao lado, dois pequenos quartos para as mulheres que tomavam conta delas. Mais adiante, dois quartos bonitos haviam sido preparados para duas narradoras. Dando a volta e caminhando na direção oposta, encontrava-se um quarto

semelhante com oito nichos destinados aos rapazes, e ao lado, dois quartos destinados as duenhas que os supervisionavam; e ainda mais dois quartos, também semelhantes, para as outras duas narradoras. Oito agradáveis quartos, bons como o que se possa imaginar, formavam os aposentos dos fodedores, embora esses indivíduos pouco dormissem em suas próprias camas. Em baixo, no andar térreo, encontravam-se as cozinhas, e, perto das mesmas, seis pequenos quartos para as seis pessoas a quem estava confiada a preparação de comida: entre estas, contavam-se três cozinheiras conhecidas por sua arte; eram todas mulheres, pois as preferiram aos homens num festival de prazer como aquele, e acho justa a decisão. As cozinheiras eram ajudadas por três robustas criadas de copa, mas nenhuma das empregadas da cozinha aparecia nas orgias, não era esse o seu propósito, e se as regras impostas a esse respeito fossem violadas, isso era apenas porque a libertinagem não se detém em nada, e a verdadeira maneira de se prolongarem e multiplicarem os desejos próprios é tentar impor limites aos mesmos. Uma dessas serviçais devia cuidar dos numerosos animais levados para o castelo — a exceção das quatro senhoras de idade destinadas aos serviços de casa, não havia outros empregados além das três cozinheiras e suas ajudantes. Mas, a depravação, crueldade, asco, infâmia e todas as paixões antecipadas ou experimentadas, tinham erigido outro local do qual e uma questão de urgência darmos um esboço, porque as leis essenciais a revelação apropriada de nossa narrativa exigem que agora o retratemos com exatidão.

Havia uma pedra fatal, habilmente feita, que se podia erguer por - baixo do degrau do altar do pequeno templo Cristão que se avistava na galeria; sob essa pedra, observava-se uma escada em espiral, muito estreita e íngreme, cujos trezentos degraus nos podiam levar as entranhas da terra, a uma espécie de masmorra abobadada, isolada por uma tripla porta de ferro, c na qual se exhibia tudo que a arte mais cruel e a barbaridade mais refinada podem inventar de mais atroz, para paralisar as pessoas com terror, e para proceder a horrores. E ali, que tranqüillidade! a que ponto não podiam os vilões que arrastassem suas vítimas ter a certeza da impunidade! Que podiam recear? Estavam fora da França, numa província segura, nas profundezas de uma floresta desabitada, essa floresta num reduto do qual, em virtude das medidas tornadas, só as aves ou o ar se podiam aproximar, e estavam nas profundezas das entranhas da terra. Ai!, cem vezes ai! a infeliz criatura que no meio de tal abandono se achasse a mercê de um vilão sem lei e sem religião, a quem o crime divertisse, e cujo único interesse residisse em suas paixões, que a nada atendessem, a nada obedecessem além dos decretos imperiosos de seus apetites pérfidos. Não sei o que transpirará nesse pavoroso lugar, mas posso dizer, sem prestar a nossa narração um desserviço, que quando foi feita uma descrição da masmorra ao Duque, este reagiu tendo três descargas consecutivas.

Estando tudo finalmente pronto, tudo perfeitamente disposto, instalados os súditos, o Duque, o Bispo, Curval e suas esposas, com os quatro fodedores subalternos em sua caravana, partiram (Durcet e sua esposa, juntamente com todos os restantes, já tinham chegado, como dissemos) e não sem infinita dificuldade, chegaram finalmente ao castelo na noite de 29 de outubro. Assim que a atravessaram, Durcet fez cortar a ponte. Mas isso não foi tudo: depois de inspecionar o lugar, o Duque decidiu que, como todas as provisões se encontravam dentro da fortaleza, e portanto não tinham necessidade de ela sair, era precioso, para prevenir qualquer ataque externo, que pouco havia a recear, e fugas internas, cujas possibilidades eram praticamente nulas, era necessário, dizia eu, bloquear todas as entradas, todas as passagens que dessem acesso ao castelo, e absolutamente encerrarem-se em seu retiro como numa cidadela assediada, sem deixar a menor entrada ao inimigo, ao desertor

menos egresso. A recomendação foi posta em prática, barricaram-se a tal ponto que não havia mais vestígios do ponto onde eram as saídas; e então instalaram-se confortavelmente lá dentro.

Depois de adotadas as disposições que acabamos de citar, os dois dias que restavam até novembro foram destinados a descanso dos súditos, para que pudessem ter um aspecto fresco nas cenas de deboche que logo iriam começar, e durante esse intervalo, nossos amigos elaboraram um código de leis que, quando levado a perfeição e assinado, foi promulgado aqueles a quem dizia respeito. Antes de prosseguir na questão, é essencial tornar esses artigos de governo conhecidos do leitor o qual, depois da exata descrição que lhe fizemos de tudo, só tem agora que seguir a história, ligeira e voluptuosamente, sua mente por nada impedida, sua memória não perturbada por intrusões inesperadas.

# ESTATUTOS

A companhia deverá levantar-se todos os dias as 10 horas da manhã, hora a que os quatro fodedores que não estiverem de plantão na noite anterior deverão fazer uma visita aos amigos, devendo cada um trazer um rapazinho; deverão passar de um aposento para outro, sucessivamente. Deverão executar segundo a preferência e desejo dos amigos, mas durante os preliminares os meninos servirão apenas de perspectiva tentadora, pois foi decidido e planejado que os hímens das bocetazinhas das meninas permanecerão intactos até ao mês de dezembro, e suas bundas ficarão igualmente de reserva, do mesmo modo que as bundas dos oito rapazinhos, até ao mês de janeiro, oportunidade em que os respectivos selos serão quebrados, e isso para permitir que a voluptuosidade se irrite através do aumento de um desejo incessantemente inflamado e nunca satisfeito, estado que deve necessariamente conduzir aquela certa fúria lasciva que os amigos se esforçarão por provocar, considerando-a uma das situações mais altamente deleitáveis da lubricidade.

As onze horas, os amigos procederão para os aposentos destinados as meninas. Nesse lugar, será servido o desjejum consistindo de chocolate, ou torradas cozidas em vinho espanhol, ou outros restauradores apropriados. O desjejum será servido pelas oito meninas, nuas, ajudadas por Marie e Louison, destacadas no serralho das moças, estando as outras duas destacadas no dos rapazes. Se, durante o desjejum, os amigos resolverem cometer imprudências com as meninas, antes ou depois, estas deverão emprestar-se a isso com a resignação prescrita, e não poderão fugir a isso sem a conseqüente severa punição. Mas fica decidido que a essa hora não haverá exercícios secretos ou privados, e se houver vontade de um momento de devassidão, deverá ser conduzido abertamente e diante do público presente a refeição da manhã.

As meninas deverão adotar o costume geral de se ajoelharem sempre que avistarem um dos amigos, e nessa posição deverão ficar até lhes ser dada ordem para ficarem de pé; elas, as esposas e as mais velhas, são as únicas sujeitas a esta regras, das quais os outros estão dispensados, mas ninguém poderá jamais dirigir-se aos amigos a não ser por Meu Senhor.

Artes de deixarem os apartamentos das meninas, o amigo que estiver investido na função de administrador do mês (pretendendo-se que durante o espaço de um mês, um dos amigos fique encarregado da supervisão geral de tudo, cada um acedendo ao cargo na sua vez, e na ordem seguinte: Durcet, em novembro, o Bispo, em dezembro, o Presidente em janeiro e o Duque em fevereiro, portanto, o administrador do mês, antes de deixar o quarto das meninas, deverá inspecioná-las todas, para verificar se encontram-se no estado em que lhes foi dito que se mantivessem, do qual as mais velhas serão todas as manhãs avisadas, e que será determinado pela necessidade que existir de se manterem no referido estado.

Em virtude de ser estritamente proibido alguém aliviar-se, a não ser na capela, a qual foi preparada e destinada a esse fim, é proibido ali ir sem permissão individual e especial, o que será muitas vezes recusado.

E por boas razões, devendo o administrador do mês examinar escrupulosamente, imediatamente após o desjejum, todos os toaletes das meninas e no caso de contravenção descoberta no lugar acima designado ou no outro, a delinqüente será condenada a sofrer a pena de morte.

Os amigos irão então ali para os aposentos dos meninos. a fim de efetuar as mesmas inspeções e anunciar do mesmo modo a pena máxima aos infratores. Os quatro meninos que não tenham estado de manhã com os amigos, recebê-los-ão agora em seus aposentos, tirarão suas calças na sua frente, ficando os outro quatro em sentido, aguardando as ordens que lhes forem dadas. Os senhores poderão ou não entregar-se a brincadeiras lúbricas com os quatro que não tenham ainda visto naquele dia, mas o que fizerem, será em público; a essa hora, não haverá comércio íntimo.

À uma hora, as meninas e meninos, jovens e maduros, que tiverem obtido permissão para satisfazer necessidades urgentes, isto é, da espécie mais pesada, e essa permissão só raras vezes será concedida. e no máximo a um terço do súditos, aqueles, repetimos, dirigir-se-ão a capela onde tudo foi artisticamente disposto para os deleites voluptuosos que cabem neste aspecto. Em seu lugar encontrarão os quatro amigos que por eles esperarão até as duas horas. e nem mais um minuto, e que os distribuirão e ajustarão como julgarem apropriado as delícias dessa ordem que possam ter vontade de saborear.

Das duas as trens, serão servidas as duas primeiras mesas: jantarão simultaneamente, uns no grande aposento das meninas. ou outros no dos meninos: as três criadas da cozinha servirão essas duas mesas, Na primeira sentam-se as oito meninas e as quatro mais velhas: na segunda. as quatro esposas, os oito meninos e as quatro narradoras. Durante essa refeição. os Senhores ficarão na sala de estar e conversarão até às três horas. Precisamente, antes dessa hora. os oito fodedores ali surgirão. tão bem vestidos e adornados quanto lhes for possível.

Às três horas será servido o jantar dos senhores, e a honra da presença será privilégio exclusivo dos oito fodedores: esta refeição será servida pelas quatro esposas. inteiramente nuas. ajudadas pelas quatro mais velhas, vestidas de feiticeiras; às últimas caberá a tarefa de trazer os pratos das torres nas quais as criadas, do outro lado. os tiverem colocado, devendo esses pratos ser entregues às esposas. que os depositarão na mesa. No curso do jantar, os oito fodedores terão liberdade para mexer e tocar no corpo despido das esposas da maneira e no grau que lhes agradar, sem que as referidas esposas se possam permitir recusar ou defender; os fodedores poderão chegar mesmo ao ponto de empregar insultos e endurecer seus membros apostrofando-as com todas as invectivas que possam entender pronunciar.

Os amigos deverão levantar-se da mesa as cinco horas, momento em que apenas os Senhores (os fodedores recolher-se-ão até a hora da assembléia geral), os Senhores apenas, dizia eu, passarão para o salão, onde dois meninos e duas meninas, que todos os dias mudarão, em estado de nudez, lhes servirão café e licores: tampouco serão permitidas, nessa altura das atividades do dia. diversões que possam enervar os senhores; a conversação será limitada a simples gracejos.

Um pouco antes das seis horas, as quatro crianças que serviram, devem retirar-se prontamente para se vestirem. Exatamente as seis horas, os Senhores passarão para o aposento da assembléia já descrito. Cada um ocupará a respectiva alcova, devendo ser observada pelos outros a seguinte distribuição: no trono, a narradora, as bancadas abaixo do trono serão ocupadas pelas dezesseis crianças, dispostas de maneira a que quatro delas, isto é, dois meninos e duas meninas, fiquem situadas diretamente em frente de cada nicho; cada nicho terá na sua frente um quarteto semelhante; este quarteto será especialmente atribuído ao nicho diante do qual se encontra, não podendo os nichos dos lados fazer qualquer reivindicação ao mesmo, e esses quartetos serão diversificados todos os dias, não podendo o



mesmo nicho ter o mesmo quarteto. Cada criança em cada quarteto deverá ter uma ponta de uma guirlanda de flores artificiais presa a seu braço, ligando a outra ponta da guirlanda ao nicho, de modo que quando o proprietário do nicho desejar uma determinada criança de seu quarteto, só precisa de puxar a guirlanda, e a criança irá correndo, lançando-se aos pés de seu senhor.

Por cima do quarteto estará situada uma das mais velhas, adida ao quarteto, e responsável perante o chefe do nicho por esse quarteto. As três narradoras que não estiverem em serviço ativo como recitadoras durante o mês, ficarão sentadas no banco aos pés do trono, atribuído a mais ninguém, mas, não obstante, pronto para o que for necessário. Os quatro fodedores destacados para passar a noite com os amigos podem ficar ausentes da assembléia; ficarão em seus quartos, empenhados em se embelezarem para a noite que se aproxima, oportunidade em que grandes feitos se esperam regularmente deles. Quanto aos outros quatro, cada um ficará aos pés dos amigos, que estarão em seus nichos e em seus sofás ao lado da esposa cujo turno lhes competir. As esposas estarão permanentemente nuas, os fodedores usarão camisetas justas e calções de tafetá, cor-de-rosa, a narradora, do mês estará vestida como uma elegante cortesã, do mesmo modo que suas três companheiras, os meninos e meninas dos quartetos estarão sempre diferentes e esplêndida-mente vestidos, um quarteto em estilo asiático, outro espanhol, outro turco o outro grego, e no dia seguinte, de modo diverso; mas todas essas roupas serão de tafetá ou cambraia; em momento algum poderá a parte inferior do corpo ser interdita pelo vestuário, e a simples remoção de um alfinete deve ser suficiente para completamente a desnudar.

Quanto as mais velhas, deverão interpretar, alternadamente, freiras, fadas, feiticeiras e ocasionalmente, viúvas. As portas dos aposentos contíguos aos nichos estarão sempre entreabertas, e a temperatura dos aposentos deve ser conservada agradável mediante aquecedores, e guarnecida de tudo que for necessário aos vários deboches. Quatro velas arderão em cada aposento, e cinquenta no auditório.

Pontualmente, as seis horas, a narradora iniciará sua história, a qual os amigos podem interromper quando entenderem e com a freqüência que desejarem; essa narração prolongar-se-á até as dez horas da noite, e durante esse tempo, como seu objeto deverá inflamar a imaginação, serão permitidas todas as lubricidades, a exceção daquelas que possam ser prejudiciais ao programa aprovado de defloramentos, os quais devem ser sempre rigorosamente observados: a parte disso, os Senhores poderão fazer o que quiserem com seus fodedores, esposas, quartetos, mulheres do quarteto, e até com as narradoras se esse capricho lhes ocorrer, e isso no nicho ou no aposento contíguo. A narração será suspensa enquanto durarem os prazeres do amigo cujas necessidades a tenham interrompido, e quando tiver terminado, e estiver sentado, a narração prosseguirá. A refeição da noite será servida as dez horas. As esposas, narradoras e as oito meninas tratarão sem demora, de jantar sozinhas, nunca sendo admitidas mulheres na ceia dos homens, e os amigos ceiarão com os quatro fodedores não escalados para a noite, e com quatro meninos. Ajudados pelas mais velhas, os outros quatro servirão.

Concluída a refeição da noite, os Senhores passarão ao salão para a celebração daquilo a que se chamam orgias. Todos ali se dirigirão, os que cearam separados e os que comeram com os amigos, só sendo dispensados os quatro fodedores destacados para a noite.

O salão deve estar aquecido a uma temperatura invulgar, e iluminado por candelabros. Todos os presentes estarão nus: narradoras, esposas, meninas, meninos, velhas, fodedores,

amigos, tudo será confusão, todos se deitarão no chão, e seguindo o exemplo dos animais, se trocarão, misturarão, abraçarão, copularão incestuosamente, adulterosamente, sodomisticamente, sendo os defloramentos permanentemente proibidos, a companhia entregarse-á a todos os excessos e deboches que melhor possam aquecer a mente. Quando chegar o momento desses defloramentos, será nesse momento, e nessas circunstâncias, que essas operações serão executadas, e uma vez indicada a criança, estará à disposição para todos os prazeres, de todas as maneiras, e a todos os momentos. As orgias cessarão precisamente as duas horas da madrugada, surgindo os quatro fodedores designados para os exercícios noturnos em elegantes roupas íntimas, conduzindo cada um o amigo que lhe compete, para a cama, devendo cada amigo ser provido também de uma das esposas ou de um súdito deflorado, quando os houver, ou de uma narradora ou de uma velha para passar a noite a seu lado e do seu fodedor, e tudo isso de acordo com a sua disposição, havendo apenas uma condição, a de se submeter a prudentes arranjos dos quais resulte a variação de companhia dos amigos todas as noites, ou a possibilidade da mesma.

Tal será a ordem da prática diária. Além disso, cada semana das dezessete prescritas como período de estada no castelo, deverá ser assinalada por um festival. Haverá, primeiro, casamentos, cujos detalhes particulares serão conhecidos no momento e lugar apropriados. Mas, como os primeiros enlaces serão realizados entre as crianças mais jovens, incapazes de os consumarem, não poderão de modo algum perturbar o programa estabelecido para os defloramentos. Sendo os casamentos entre adultos pós-

defloramentos, sua consumação nada prejudica, uma vez que, na sua efetivação, os amigos apenas desfrutam o que foi já desfrutado.

As quatro velhas, responsáveis pelo comportamento de suas quatro crianças deverão, quando ele não for satisfatório, comunicar ao administrador do mês, realizando-se todos os sábados uma reunião comum relativa a castigos, no momento das orgias. Será preparada para esse momento uma lista exata dos delitos acumulados.

No que respeita ao mau comportamento das narradoras, seu castigo será metade do das crianças, porque seus talentos servem um propósito, e o talento deve ser sempre respeitado. Quanto aos erros de conduta das esposas, serão sempre recompensados com castigos em dobro dos atribuídos as crianças.

Sempre que um súdito se recusar de algum modo a fazer o que dele for exigido, mesmo quando incapacitado ou quando a coisa for impossível, será punido com a máxima severidade; é uma obrigação providenciar, descobrir os modos e meios.

A menor manifestação de jovialidade, ou a menor evidencia de desrespeito ou de falta de submissão durante as atividades de deboche, será considerada uma das faltas mais graves e será uma das mais cruelmente punidas.

Qualquer homem apanhado em flagrante delito com uma mulher será castigado com a perda de um de seus membros, se não lhe tiver sido concedida autorização para desfrutar essa mulher.

O menor ato religioso por parte de qualquer súdito, seja ele quem for, será punido com a morte.

Os Senhores são expressamente encorajados a empregarem apenas, em todas as reuniões, a linguagem mais lasciva, as observações indicadoras do maior deboche, as expressões mais imundas, mais abomináveis e mais blasfemas.

O nome de Deus nunca será pronunciado, a não ser quando acompanhado de invectivas ou imprecensões, e assim qualificado, deverá ser repetido tantas vezes quantas possível.

No que respeita a seu tom, deverá ser permanente e extremamente brutal, e excessivamente imperioso ao se dirigirem as esposas ou as meninas, mas adulator, indecoroso e depravado, ao se dirigirem aos homens a quem os amigos, com eles adotando o papel de mulheres, devem considerar seus maridos.

Qualquer amigo que deixar de acatar qualquer destes artigos, ou que meter em sua cabeça atuar de acordo com um único vislumbre de senso comum ou de moderação, e acima de tudo passar um só dia sem se recolher perdido de bêbedo, será multado em dez mil francos. Sempre que um dos amigos experimentar a necessidade de se aliviar, pesadamente, será obrigada a acompanhá-lo, para ajudar nas obrigações que durante essa atividade ele lhe indicar, uma mulher da classe que achar apropriada.

Nenhum súdito, homem ou mulher, poderá executar deveres de limpeza, sejam quais forem, e acima de tudo os resultantes do alívio de necessidades pesadas, sem permissão expressa do administrador do mês, e se este a recusar, a despeito dessa recusa o súdito se submeter a essa necessidade, seu castigo será dos mais rigorosos. As quatro esposas não terão prerrogativas de qualquer espécie em relação as outras mulheres; pelo contrário, serão as vezes tratadas com o máximo rigor e desumanidade, e serão freqüentemente empregadas nos trabalhos mais aviltantes e dolorosos, tais como por exemplo a limpeza das privadas particulares e comuns estabelecidas na capela. Essas privadas só serão limpas uma vez por semana, mas sempre por elas, e serão severamente castigadas se resistirem ao trabalho, ou se o executarem de modo não apropriado.

Na hipótese de algum súdito tentar evadir-se durante as reuniões da assembleia, será instantaneamente punido com a morte, seja ele quem for.

As cozinheiras e suas ajudantes serão respeitadas, e se algum dos amigos violar este artigo, pagará uma multa de mil luizes em ouro. No que respeita as multas, serão todas empregadas, especialmente, após o regresso a França, nas despesas relativas a novas festas, desta espécie, ou de outra.

Regulados todos os negócios e publicado este regulamento a 30, o Duque passou a manhã de 31 inspecionando tudo, fazendo repetir em voz alta os estatutos, e examinando escrupulosamente as instalações não tivesse escapado alguma possibilidade favorável a qualquer assalto ou fuga.

Depois de concluir que era preciso ter asas ou o poder do diabo para entrar ou sair, comunicou tal fato a sociedade, e devotou a noite a arengar as mulheres. Por ordem sua, foram todas convocadas ao auditório, e subindo naquela espécie de tribuna ou trono destinado as narradoras, eis mais ou menos o discurso que lhes fez.

"Frágeis e agrilhoadas criaturas destinadas exclusivamente a nossos prazeres, creio que não vos iludistes supondo que a ascendência igualmente absoluta e ridícula que vos é dada no mundo exterior vos seria concedida neste lugar; mil vezes mais subjugadas do que os possíveis escravos, só deveis esperar humilhação, e a obediência é a única virtude cujo uso vos recomendo: ela e nenhuma outra serve ao vosso estado presente. Acima de tudo, não vos entre na cabeça depender do mínimo de vossos encantos; somos completamente indiferentes a essas armadilhas e, podeis acreditar, tais engodos não dão resultado conosco. Tende incessantemente em mente que faremos uso de vós todas, mas que nem uma única de vós

necessita de se iludir imaginando que é capaz de nos inspirar qualquer sentimento de piedade. Levantados em fúria contra os altares que nos conseguiram arrebatam alguns grãos de incenso, nosso orgulho e nossa libertinagem estilhaçam-nos assim que a ilusão satisfaz nossos sentidos, e o desprezo quase sempre seguido do ódio assume instantaneamente a preeminência até então ocupada pela nossa imaginação. O que, além disso, nos poderíeis oferecer que não conheçamos já de cor, que nos ofertareis que não esmaguemos sob nossos calcanhares, muitas vezes no próprio momento em que o delírio nos transporta?

"Inútil esconde-lo de vós: vosso serviço será árduo, será doloroso e rigoroso, e as menores delinqüências serão imediatamente retribuídas com punições corporais e angustiantes; por isso, devo recomendar-vos uma pronta obediência, submissão, e uma total auto-abnegação que vos permita satisfazer apenas nossos desejos; deixai que eles sejam vossas únicas leis, correi ao encontro deles, antecipai-os, provocai-os. Não que tenhais muito a lucrar com essa conduta, mas simplesmente porque, não a observando, muito tereis a perder.

"Pensai um pouco em vossas circunstâncias, pensai no que sois, no que somos, e possam essas reflexões fazer-vos estremecer — estais fora das fronteiras da França, nas profundezas de uma floresta inabitável, nas alturas de montanhas despidas; os caminhos que vos trouxeram foram destruídos atrás de vós a medida que neles avançastes. Estais encerradas numa cidadela impregnável; ninguém na terra sabe que aqui estais, estais fora do alcance de vossos amigos, de vossos parentes: no que respeita ao mundo, estais já mortas, e se ainda respirais, é por prazer nosso, e apenas para ele. E quem são as pessoas a quem estais agora subordinadas? Seres de uma profunda e reconhecida criminalidade, que não têm deus além de sua lubricidade, leis além de sua depravação, cuidados além de seu deboche, sem deus, sem princípios, devassos descrentes, dos quais o menos criminoso está conspurcado por mais infâmias do que poderíeis contar, e aos olhos de quem a vida de uma mulher — que estou dizendo, a vida de uma mulher — a vida de todas as mulheres a face da terra, é tão insignificante, como o esmagar de uma mosca. Poucos excessos haverá, sem dúvida, a que não seremos levados; não permiti que um deles vos assombre, emprestai-vos a todos sem pestanejar, e ao se vos deparar seja o que for, mostrai paciência, submissão e coragem. Se, infelizmente, alguma de vós sucumbir a intemperança de nossas paixões, deixai que ela bravamente se ajuste a seu destino: não existiremos para sempre neste mundo, e a coisa mais afortunada que pode acontecer a mulher é morrer jovem. Nossas ordenações foram-vos lidas: são muito sensatas e bem designadas para vossa segurança e nosso prazer; obedeci as mesmas cegamente, e esperai o pior de nós, se vosso mau comportamento nos irritar. Algumas de vós têm laços conosco, eu sei, e talvez eles vos animem, e talvez vos dêem esperança; incorrereis no erro mais grave, dando-lhes muita importância: não há elo de sangue sagrado na opinião de pessoas como nós, e quanto mais assim vos parecer mais a sua ruptura estimula a perversidade em nossos espíritos. Filhas, esposas, é a vós, portanto, que agora me dirijo: não esperai de nós qualquer prerrogativa, quero advertir-vos de que sereis tratadas com maior severidade do que as outras, e isso para vos fazer sentir com que desdém encaramos os laços com que talvez penseis constrangir-nos.

"Além disso, não esperai simplesmente que especifiquemos as ordens que queremos que executeis: um gesto, um relance, muitas vezes simplesmente um de nossos sentimentos internos anunciará nosso desejo, e vós sereis tão severamente castigadas se não o adivinhardes, como o serias se, depois de notificadas, o ignorasses ou não acatasses. A vós compete interpretar nossos movimentos, nossos relances, nossos gestos, interpretar nossas

expressões, e acima de tudo não cometer erros quanto a nossos desejos. Suponhamos, por exemplo, que esse desejo era ver uma parte particular de vosso corpo e que, por falta de jeito, nos seria mostrada outra — compreendeis até que ponto tal desprezo seria perturbador para nossa imaginação, e tendes consciência dos riscos em que se incorre gelando a mente de um libertino que, presumamos, espera uma bunda para a sua descarga, e a quem uma louca apresenta uma boceta.

"De modo geral, mostrai vossa frente muito pouco a nossos olhos; lembrai-vos de que essa parte asquerosa, que só a alienação de sua sabedoria pode ter permitido que a Natureza criasse, é sempre a que achamos mais repugnante. E relativamente a vossas bundas propriamente ditas, há precauções a observar: não só será de bom aviso, quando a apresentardes, esconder o odioso covil que a acompanha, mas a vós compete evitar a exibição, em certos momentos, de uma bunda nesse certo estado em que as outras pessoas a esperam sempre encontrar; provavelmente, me faço entender; e, além disso, as quatro duenhias vos darão mais tarde instruções- que completarão a explicação de tudo.

"Em resumo: arrepiai-vos, estremecei, antecipai, obedecei — e com tudo isso, se não fordes muito afortunadas, talvez não sejais completamente miseráveis. Nada de intrigas entre vós, nada de alianças, nada dessa ridícula amizade entre moças que, abrandando o coração num sentido, por outro o tornam mais mal humorado e menos bem disposto a humilhação, única e simples, a que por nós estais fadadas; considerai que não é em absoluto como seres humanos que vos retemos, mas exclusiva-mente como animais que se alimentam a troco de serviços, e que destroem a golpes quando se recusam a trabalhar.

"Já vistes com que rigor estais proibidas de tudo que se assemelhe seja a que ato de religião for. Advirto-vos: poucos crimes serão mais severamente punidos do que esse. É por demais sabido que entre vós há ainda algumas tolas incapazes de se levarem a abjurar esse Deus infame e a abominar a sua veneração; quero que saibam que essas imbecis serão escrupulosamente examinadas, e não há extremidade que não sofram se tiverem a infelicidade de ser apanhadas em flagrante. Elas que se convençam, essa estúpidas criaturas, que se persuadam, a partir de agora, que no mundo inteiro, não há hoje vinte pessoas que se agarrem a essa louca noção da existência de Deus, e que a religião que ele invoca, não passa de uma fábula ridiculamente inventada por trapaceiros e impostores, cujo interesse em nos enganar é atualmente mais do que claro. Em resumo, decidi por vós próprias: se Deus existisse e tivesse algum poder, permitiria que a virtude que o honra, e que professais, fosse sacrificada ao vício e a libertinagem como o vai ser? Permitiria esse Deus todo poderoso que uma frágil criatura como eu, que, a sua face, não passaria de um carrapato diante de um elefante, permitiria ele, dizia eu, que esta frágil criatura o insultasse, o escarnecesse, o desafiasse, o ofendesse como eu o faço, temerariamente, por minha exclusiva vontade, a cada instante do dia"?

Concluído o pequeno sermão, o Duque desceu da cadeira e, a exceção das quatro velhas e das quatro narradoras, que sabiam muito bem que ali estavam apenas como sacrificadoras e sacerdotisas ao invés de vítimas, a exceção dessas oito pessoas, dizia eu, todo o mundo irrompeu em lágrimas, e o Duque, não muito comovido com a cena, deixou que a representasse e conjeturassem, falassem e se queixassem uns aos outros, na perfeita certeza de que as oito espiãs fariam um rigoroso relatório de tudo; e lá foi embora para passar a noite com Hercule, o membro do grupo de fodedores que se tornara o seu favorito mais íntimo na capacidade de amante, continuando a pequena Zéphyr a ter, como amante, o primeiro lugar em seu coração. Como, na manhã seguinte, tudo ia começar, o mecanismo ia dar início ao seu

funcionamento, todos completaram seus arranjos finais, foram dormir profundamente e, de manhã, ao bater das dez horas, a cortina levantou-se para uma cena de libertinagem que continuaria sem parar, em estrita obediência as prescrições, até ao dia 28 de fevereiro, inclusive.

E agora, leitor amigo, prepare seu coração e sua mente para a narrativa mais impura já feita desde que nosso mundo começou, livro que não tem paralelo entre os antigos, ou entre nós modernos. Imagine agora que, todos os prazeres obtidos sancionados pelas boas maneiras ou desfrutados por essa boba em quem você fala incessantemente, mas de quem não sabe coisa alguma, e a quem chama Natureza; imagine, dizia eu, que todos esses modos de obter prazer serão expressamente excluídos desta antologia, ou que quando, por acaso, eles aqui surgirem, serão sempre acompanhados por um crime ou coloridos por alguma infâmia.

Muitas extravagâncias aqui ilustradas, merecerão sem dúvida o seu desagrado, sim, estou bem ciente disso, mas há entre elas algumas que o aquecerão a ponto de lhe custar algum sêmen, e isso, leitor, é tudo o que lhe pedimos; se não dissemos tudo, analisamos tudo, não nos taxe de parcialidade, porque não podemos adivinhar aquilo que mais lhe agrada. Pelo contrário, a você compete aproveitar o que lhe agrada e deixar o resto, outro leitor fará o mesmo, e, pouco a pouco, todos se acharão satisfeitos. Trata-se da história do magnífico banquete: seiscentos pratos diferentes se oferecem ao seu apetite; você vai comer de todos? Não, seguramente não, mas essa prodigiosa variedade alarga os limites de sua escolha e, encantado com esse aumento de possibilidades, certamente não lhe ocorre arengar o anfitrião que o regala. Faça a mesma coisa: escolha e deixe o resto sem reclamar contra esse resto, simplesmente por não lhe poder agradar. Considere que esse resto encanta alguém, e seja um filósofo.

Quanto a diversidade, é autêntica, pode estar certo disso; estude intimamente a paixão que a primeira vista parece assemelhar-se perfeitamente a outra, e verá que há uma diferença, e que, por muito pequena que seja, possui precisamente o refinamento, o toque que distingue e caracteriza a espécie de libertinagem em que aqui estamos envolvidos.

Além disso, misturamos essas seiscentas paixões no relato das narradoras. Trata-se de outra coisa da qual é melhor advertir o leitor, de antemão: seria monótono demais catalogar essas paixões, uma a uma, fora do corpo da história. Mas como alguns leitores não muito versados nestas questões podiam confundir talvez as paixões designadas, com a aventura ou simples evento na vida da narradora, cada uma dessas paixões foi cuidadosamente distinguida por uma anotação a margem: uma linha, acima da qual se encontra o título que pode ser dado a paixão. Essa marca indica o lugar exato onde tem início o relato das paixões, o final do parágrafo indica sempre onde termina<sup>7</sup>.

Mas como num drama desta espécie, participam numerosas pessoas, a despeito do cuidado que tivemos nesta introdução, ao descrever e designar cada uma delas... prepararemos um índice que conterá o nome idade de cada ator, juntamente com um breve esboço de todos eles; para que se o leitor, ao avançar na obra, encontrar aquilo que lhe pareça uma figura desconhecida, possa fazer simplesmente referência a esse índice e, se este pequeno auxiliar de sua memória não for suficiente, aos retratos mais minuciosos dados anteriormente.

# O ROMANCE DA ESCOLA DE LIBERTINAGEM

## DRAMATIS PERSONAE

Duque de Blangis, cinqüenta anos, construção de sátiro, dotado de um membro monstruoso e de prodigiosa resistência; pode ser considerado depositário de todos os vícios e crimes. Matou sua mãe, irmã e três esposas.

Bispo de... é seu irmão; quarenta e cinco anos de idade, mais magro e delicado do que o Duque; uma boca sórdida. É velhaco, hábil, fiel sectário da sodomia, ativa e passiva, tem um desprezo absoluto por todas as outras espécies de prazer, provocou a morte cruel de duas crianças cuja grande fortuna lhe foi confiada; é um tipo nervoso, tão sensível que quase desmaia ao ter uma descarga.

Presidente de Curval, sessenta anos, magro, fraco, olhos encovados baços, boca repugnante, a imagem ambulante da baixa licenciosidade libertinagem, pavorosamente sujo seu corpo e atribuindo voluptuosidade a isso. Foi circuncidado, sua ereção é rara e difícil, contudo tem lugar, e ejacula quase todos os dias. Seus gostos induzem-no a preferir homens; apesar disso, não repudia uma virgem. Quanto as singularidades de seus gostos, tem uma predileção pela idade avançada e por tudo que lhe seja semelhante em imundície. É dotado de um membro praticamente tão grosso como o do Duque. Nos últimos anos parece exausto pelo deboche e bebe imenso. Deve sua fortuna exclusivamente a assassinatos, e é nominalmente culpado de um, um crime pavoroso, cujos detalhes se incluem na biografia dada anteriormente. Ao descarregar, experimenta uma espécie de fúria lúbrica; leva-o a ações cruéis.

Durcet, banqueiro, cinqüenta e três anos, grande amigo do Duque, seu companheiro de escola; é baixo, atarracado e gorducho, mas seu corpo é saudável, bonito e claro. Tem figura de mulher, e todos os gostos do sexo fraco; privado pela sua pouca firmeza de dar prazer as mulheres, imita o sexo feminino e faz-se foder a si próprio a qualquer hora do dia ou da noite. É também um grande adepto de um bom abocamento, é o único expediente capaz de lhe permitir prazeres de gente. Seus prazeres são seu único deus, e está constantemente preparado a tudo sacrificar por eles. É esperto, hábil e cometeu uma profusão de crimes; envenenou a mãe, a esposa e a sobrinha a fim de garantir a sua herança. Seu espírito é estóico, inflexível o seu coração, e absolutamente insensível a piedade. Seu membro não endireita mais, suas ejaculações são muito raras; seus instantes de crise são precedidos de uma espécie de espasmo que o lança numa fúria lúbrica, perigosa para quem estiver servindo suas paixões. Constance, esposa do Duque, filha de Durcet; vinte e dois anos, uma beleza Romana, com mais majestade do que finura, gorda mas bem construída, um corpo soberbo, uma bunda única, um modelo de bunda, olhos e cabelos muito negros. Não é destituída de espírito ou inteligência, e sente bem demais o horror de seu destino. Um grande fundo de virtude que coisa alguma conseguiu destruir. Adelaide, esposa de Durcet, filha do Presidente; uma adorável criatura, tem vinte anos, loira, olhos muito ternos de um azul animado, tem em si tudo de uma heroína de romance. Um pescoço comprido e bem preso, seu único defeito é a boca, que é um nada grande. Seios pequenos e uma bunda pequena, mas tudo isso, embora delicado, é claro e bem modelado. Mente dada a fantasia, um coração meigo, excessivamente virtuosa e crente; pratica secretamente a religião Cristã.

Julie, esposa do Presidente, filha mais velha do Duque; tem vinte e quatro anos, gorda, bonitos olhos castanhos, nariz gracioso, feições agradáveis e vincadas, mas uma boca

espantosa. Tem pouca virtude e até uma tendência acentuada para a falta de limpeza, o alcoolismo, gulodice e prostituição. Seu marido adora-a por sua boca defeituosa; esta singularidade agrada aos gostos do Presidente. Nunca recebeu princípios ou religião.

Aline, sua irmã mais jovem, suposta filha do Duque, realmente filha de uma das esposas do Duque e do Bispo; tem dezoito anos, um rosto muito agradável e atraente, ótima saúde, olhos castanhos, nariz arrebitado, um ar atrevido, embora seja profundamente indolente e preguiçosa. Não parece ter ainda temperamento, e muito sinceramente detesta as infâmias de que é vítima. O Bispo batizou-a por trás aos dez anos. Foi deixada em ignorância crassa, não sabe ler nem escrever, detesta o Bispo e receia grandemente o Duque. É muito ligada a sua irmã, é sóbria e arrumada, fala quase como uma criança; sua bunda é encantadora.

Duclos, a primeira narradora; quarenta e oito anos, preserva seu aspecto, está em boas condições de saúde, tem a melhor bunda que já se viu. Morena, cheia, boa distribuição de carnes.

Champville tem cinqüenta anos; é esguia, bem feita, olhos lascivos, é tríbade, e tudo nela o proclama. Atualmente é caftina. Em tempos foi loira, tem olhos bonitos, é grande de clitóris e sensível nessa parte, tem uma bunda gasta pelo serviço, mas, não obstante, é virgem nesse lugar.

Martaine tem cinqüenta e dois anos; é também agenciadora, matrona, saudável e vigorosa; obstruções interiores só lhe permitiram conhecer os prazeres da Sodomia, para os quais parece ter sido realmente criada, porque, independentemente de sua idade, tem a bunda mais nobre do mundo; é ampla e grande e, tão habituada a introduções, que pode acomodar os maiores engenhos sem pestanejar. Tem ainda feições bonitas, mas começam a murchar.

Desgranges tem cinqüenta e seis anos; é ainda a maior vilã de todos os tempos; é alta, esguia, pálida, e foi em tempos morena, é a personificação do crime. Sua bunda ressequida, parece papel, ou pergaminho, seu orifício é imenso. Só tem um seio, faltam-lhe três dedos e seis dentes, fructus belli. Não há um único crime que não tenha cometido ou engendrado, sua conversa é agradável ao ouvido, tem espírito, e é geralmente uma das caftinas mais altamente respeitadas da sociedade.

Marie, a primeira duenha, é a mais jovem aos cinqüenta e oito; foi chicoteada e ferreteada, e foi criada de ladrões. Seus olhos são embaçados e tem corrimento, seu nariz é retorcido, os dentes amarelos, uma nádega comida por um abscesso. Foi mãe e matou seus catorze filhos.

Louison, a segunda duenha, tem sessenta anos; é pequena, manca, só tem um Cilho e corcunda, mas mesmo assim tem ainda uma bunda muito bonita. Está sempre pronta para o crime, e é extremamente perversa. Ela e Marie foram nomeadas governantas das meninas, e as duas seguintes, dos rapazes.

Thérèse, tem sessenta e dois anos, parece um esqueleto, não tem cabelo, nem, dentes, uma boca nojenta, uma bunda cheia de cicatrizes, com um diâmetro de orifício excessivamente generoso. Imunda e fétida num grau atroz; tem um braço retorcido e manca. Fanchon, sessenta e nove anos, foi seis vezes enforcada em efígie, perpetrou todos os crimes que existem; é estrábica, tem o nariz achatado, forte, sem testa, só tem dois dentes. Erisipelas cobrem sua bunda, hemorróidas saem do seu ânus, um cancro venéreo corrói seu útero, tem uma coxa queimada e um câncer consome seu peito. Está constantemente embriagada e vomita, e peida e caga por toda a parte, o tempo todo, sem dar por isso.





# HARÉM DAS MENINAS

Augustine, filha de um barão de Langedoque, quinze anos de idade, rosto bonito e alerta.

Fanny, filha de um conselheiro bretão, catorze anos, um ar doce e meigo.

Zelmire, filha do Conde de Terville, senhor de Beauce, quinze anos, um ar nobre, e uma alma muito sensível.

Sophie, filha de um fidalgo de Berry, feições encantadoras, catorze anos.

Colombe, filha de um Conselheiro do Parlamento de Paris, treze anos, saúde exuberante.

Hébé, filha de um oficial de Orléans, um ar muito libertino, olhos encantadores, doze anos.

Rosette e Michette, duas adoráveis virgens. A primeira tem treze anos e é filha de um oficial de Chalon-sur-Saone, a outra, tem doze, e é filha do Marques de Sénanges; foi seqüestrada da casa de seu pai em Bourbonnais.

Suas figuras, o resto de seus traços, e principalmente suas bundas, estão além de todas as descrições. Foram escolhidas entre cento e trinta meninas.

# HARÉM DOS RAPAZINHOS

Zélamir, treze anos, filho de um fidalgo de Poitou.

Cupidon, mesma idade, filho de um fidalgo de perto de La Flèche.

Narcisse, doze anos, filho de um nobre de Rouen. Cavaleiro de Malta.

Zéphyr, quinze anos, filho de um general que vive em Paris. Destinado ao Duque.

Céladon, filho de um magistrado de Nancy. Tem catorze anos. Adonis, filho de um Juiz da Corte de Apelação de Paris; quinze anos, destinado a Curval.

Hyacinthe, catorze anos, filho de um oficial aposentado de Champagne.

Giton, pagem do Rei, doze anos, filho de um fidalgo de Nivernais. Não há pena capaz de representar as graças, as feições e os encantos destas oito crianças superiores a tudo que a língua possa dizer, e escolhidas, como sabeis, entre um grande número.

# OITO FODEDORES

Hercule, vinte e seis anos, muito bonito, mas também um mau caráter, favorito do Duque; seu membro mede vinte e um centímetros de circunferência por trinta e dois de comprimento. Descarga abundante.

Antinous, trinta anos. Um ótimo exemplar de homem, seu membro tem vinte centímetros de circunferência por vinte e cinco de comprimento.

Bum-Cleaver (Clivador de Bundas), vinte e oito anos, o ar de um sátiro; seu majestoso membro é torto como um sabre, sua cabeça, ou glande, é enorme, tem vinte e um centímetros de circunferência, tendo o eixo, vinte de comprimento. Uma curva bela em seu majestoso membro.

Invictus tem vinte e cinco anos, é extremamente feio, mas saudável e vigoroso; o grande favorito de Curval, está continuamente excitado, seu membro tem vinte e oito centímetros de comprimento por dezenove de circunferência.

Os outros medem entre vinte e dois e vinte e sete centímetros de comprimento, e dezoito a vinte de circunferência, e variam entre vinte e cinco e trinta anos.

Final da Introdução. Omissões que fiz na mesma:

1. Devo dizer que Hercule e Invictus são, um, mau caráter, e o outro, muito feio, e que nenhum dos oito conseguira ainda desfrutar um homem ou uma mulher.
2. Que a capela era usada como toailete, e dar detalhes de seu uso.
3. Que as caftinas e cáftens, tinham assassinos a seu lado e sob as suas ordens, durante os seqüestros.
4. Dar mais alguns detalhes acerca dos seios das velhas e falar do câncer de Fanchon. Também mais alguns retoques na descrição do rosto das crianças.

# PARTE PRIMEIRA

AS 150 PAIXÕES SIMPLES, OU AS QUE PERTENCEM À PRIMEIRA CLASSE, E QUE COMPÕEM OS TRINTA DIAS DE NOVEMBRO PAS

SADOS A OUVIR A NARRAÇÃO DE MADAME DUCLOS; NAS QUAIS SE INTERCALAM OS FEITOS ESCANDALOSOS NO CASTELO DURANTE ESSE MÊS; TUDO ANOTADO SOBA FORMA DE DIÁRIO.

## O PRIMEIRO DIA

A companhia levantou-se no dia 14 de novembro as dez horas da manhã, segundo se especificava nos estatutos que os Senhores tinham mutuamente jurado observar fielmente sob todos os particulares. Os quatro fodedores que não tinham compartilhado do leito dos amigos, ao acordarem, levaram Zéphyr ao Duque, Adonis a Curval, Narcisse a Durcet e Zélamir ao Bispo. As quatro crianças eram muito tímidas, até mais bizarras mas, encorajadas por seus guias, executaram muito bem suas tarefas, e o Duque descarregou. Seus três colegas, mais reservados e menos pródigos com seu sêmen, tinham em depósito a mesma quantidade que o Duque, mas não distribuíram nenhum.

Às onze horas, passaram para os aposentos das mulheres onde as jovens oito sultanas surgiram nuas, e nesse estado serviram chocolate, ajudadas e dirigidas por Marie e Louison, que presidiam ao serralho. Houve uma grande dose de apalpação e agarramento, e as pobres oito meninas, infelizes vítimas da lubricidade mais gritante, coraram, esconderam-se atrás de suas mãos, tentaram proteger seus encantos, e imediatamente mostraram tudo assim que observaram que sua modéstia irritava e aborrecia seus senhores. O Duque levantou-se como uma bala e mediu a circunferência de seu engenho contra a esguia e pequena cintura de Michette: a diferença não excedia sete centímetros. Durcet, o administrador do mês, conduziu os exames prescritos e fez as sondagens necessárias; verificou-se que Hébé e Colombe tinham errado. seu castigo foi imediatamente pronunciado e fixado para o sábado seguinte na hora da orgia. As duas choraram. Ninguém se comoveu.

Dirigiram-se então aos aposentos dos rapazinhos. Os quatro que não tinham aparecido de manhã. ou sejam. Cupidon. Céladon, Hyacinthe e Giton, descobriram seus traseiros de acordo com a ordens. e o espetáculo proporcionou um instante de divertimento. Curval beijouos a todos na boca, e o Bispo passou um momento mexendo em seus membros, enquanto o Duque e Durcet faziam outra coisa. Terminada a inspeção. verificou-se que não havia infrações.

A uma hora os Senhores dirigiram-se a capela onde. como sabemos, estavam instaladas as facilidades sanitárias. Tendo os cálculos das exigências da noite levado a recusa de um bom número de pedidos. somente Constance, Duelos, Augustine, Sophie. Zélamir, Cupidon e Louison compareceram; todos os outros tinham pedido permissão e receberam ordem para agüentar até a noite. Nossos quatro amigos. instalados em redor do mesmo assento construído especialmente, fizeram com que os sete súditos ocupassem o assento um após o outro, e depois retiraram-se quando acharam que o espetáculo era suficiente. Desceram para o salão onde, enquanto as mulheres jantavam, conversaram e riram até chegar a hora de lhes ser servida a sua refeição. Cada um dos quatro amigos instalou-se entre dois fodedores, de

acordo com a regra que bania todas as mulheres de sua mesa, e as quatro esposas nuas, ajudadas pelas velhas vestidas de gréias, serviram então o jantar mais magnificente e succulento que se possa imaginar. Ninguém mais delicado, mais hábil do que as cozinheiras que tinham levado, e eram tão bem pagas e tão abundantemente providas, que tudo não podia deixar de ser um brilhante sucesso. Como a refeição da tarde devia ser menos pesada do que a da noite, restringiram-se a quatro soberbos pratos. cada um composto de doze iguarias. Vinho Borgonha com os frios, Bordeaux com as entradas, champagne com os assados, Hermitage com os pratos do meio, e Tokay e Madeira com a sobremesa.

Os espíritos subiram pouco a pouco: os fodedores, a quem os amigos tinham toda a liberdade com suas esposas, tratavam estas de maneira um tanto ríspida. Constante chegou a ser quase derrubada, mesmo agredida, por ter demorado a trazer um prato a Hercule o qual, vendo-se progredir nas boas graças do Duque, pensou que podia levar a insolência ao ponto de espancar e molestar sua mulher: o Duque achou isso muito divertido. Curval, de mau humor na altura da sobremesa arremessou um prato ao rosto de sua esposa, que só não lhe abriu a cabeça ao meio porque ela se desviou. Ao ver um de seus vizinhos ficar de membro duro, Durcet, embora estivessem ainda a mesa, prontamente desabotoou suas calças e apresentou sua bunda. O vizinho logo lhe colocou sua arma; concluída a operação, voltaram de novo a beber como se nada tivesse acontecido. O Duque, logo imitou a pequena infâmia de seu velho amigo e apostou que, por muito grande que fosse o membro de Invictus, era capaz de esvaziar calmamente três garrafas de vinho enquanto fosse enrabado por ele. Que facilidade. que tranqüilidade, que desprendimento de libertinagem! Ganhou o que apostou, e como não estavam bêbados de estômago vazio, e essas três garrafas caíram em cima de pelo menos mais quinze, a cabeça do Duque começou, suave-mente, a andar a roda. O primeiro objeto que avistou foi sua mulher, chorando por causa da afronta que recebera de Hercule. e essa visão a tal ponto inspirou o Duque, que este não perdeu nem um instante em lhe fazer coisas excessivas demais para descrever neste momento. O leitor observará até que ponto somos comedidos no começo, e até que ponto são indecisos nossos esforços no sentido de fazer um relato coerente destas questões; esperamos que nos desculpe o fato de fecharmos a cortina num considerável número de pequenos detalhes. Prometemos levantá-la um pouco mais tarde.

Nossos campeões dirigiram-se, finalmente, ao salão, onde novos prazeres e mais deleites os aguardavam. O café e os licores foram distribuídos pelo encantador quarteto formado por Adonis e Hyacinthe, dois apetitosos rapazinhos, e duas lindas virgens, Zelmire e Fanny. Thérèse, uma das duenhas, supervisionava as crianças, pois fora decretado que sempre que duas ou mais crianças estivessem juntas, uma duenha devia estar presente. Nossos quatro libertinos, meio embriagados mas, não obstante, determinados a acatar suas leis, contentaram-se com beijos, em passar as mãos, mas sua inteligência libertina sabia como temperar essas brandas atividades com todos os refinamentos do deboche e da lubricidade. Pensou-se durante um momento que o Bispo ia ter de entregar seu sêmen a troco das coisas extraordinárias que estava arrancando de Hyacinthe, ao mesmo tempo que Zelmire o masturbava. Seus nervos estavam já tremendo, uma crise eminente começava a tomar conta de seu inteiro ser, mas, dominou-se, os objetos tentadores prontos a triunfar sobre seus sentidos foram afastados aos rodopios e, sabendo que havia ainda um dia inteiro de trabalho na sua frente, o Bispo poupou o seu melhor para a noite. Foram bebidas seis espécies diferentes de licor, e três de café e, soando finalmente a hora, os dois casais retiraram-se para se vestirem.

Nossos amigos tiraram uma soneca de quinze minutos, e dirigiram-se depois a sala do

trono, lugar onde os auditores deviam escutar as narrações. Os amigos tomaram seus lugares nos sofás, tendo o Duque o adorado Hercule a seus pés, perto dele, nua, Adelaide, esposa de Durcet e filha do Presidente, e no quarteto a sua frente, e ligados ao nicho por uma guirlanda de flores, como se explicou, Zéphyr, Giton, Augustine e Sophie, vestidos de pastores, supervisionados por Louison, que, vestida de velha camponesa, fazia o papel de sua mãe.

Aos pés de Curval, encontrava-se Invictus, em seu sofá, Constance, esposa do Duque e filha de Durcet, e por quarteto, quatro espanhoizinhos, cada um com seu traje, e o mais elegante possível: eram Adonis, Céladon, Fanny e Zelmire; Fanchon, vestida de duenha, vigiava as crianças.

O Bispo tinha Antinous a seus pés, sua sobrinha Julie no sofá, e quatro pequenos selvagens quase nus por quarteto. Os rapazes: Cupidon e Narcise; as meninas: Hébé e Rosette; uma velha amazona, interpretada por Thérèse, tomava conta dos quatro.

Durcet tinha Bum-Cleaver como fodedor, perto e reclinada. Aline, filha do Bispo e, na sua frente, quatro pequenas sultanas, os meninos vestidos como as meninas, e esse refinamento enfatizava no último grau o rosto encantador de Zélamir, Hyacinthe, Colombe e Michette. Um velho escravo árabe, representado por Marie, presidia a este quarteto.

As três narradoras, magnificamente vestidas como cortesãs parisienses de classe superior, estavam sentadas por baixo do trono, num sofá, e Madame Duelos, a narradora do mês, com um vestido decotado e muito elegante, bem maquilada e carregada de jóias, tendo ocupado o seu lugar no palco. Assim deu início a história do que ocorrera em sua vida, relato no qual devia inserir, com todos os detalhes pertinentes, as primeiras cento e cinqüenta paixões designadas pelo título de paixões simples:

Não é empreendimento pequeno, Senhores, tentar falar perante um círculo como o vosso. Acostumados ao que de mais sutil e delicado as letras produzem, como, é caso para se perguntar, podereis suportar os períodos mal formados e as imagens deselegantes de uma humilde criatura como eu, que não recebeu outra educação além da proporcionada pela libertinagem. Mas, vossa indulgência tranqüilizava-me; pedem-me apenas o natural e o verdadeiro, e atrevo-me a dizer que, o que disso vos proporcionarei, merece vossa atenção.

Minha mãe tinha vinte e cinco anos quando me trouxe ao mundo, e eu fui sua segunda filha; a primeira, fora também filha, seis anos mais velha do que eu. O nascimento de minha mãe nada teve de distinto. Cedo perdeu o pai e a mãe, e como eles moravam perto do mosteiro de Récollet, em Paris, quando se viu. órfã, abandonada e sem recursos, obteve permissão desses bons padres para pedir para as almas em sua igreja. Mas, como tinha alguma juventude e saúde, logo atraiu sua atenção, e subiu gradualmente da igreja em baixo, para os quarto em cima, de onde desceu com um filho. Foi como consequência dessa aventura que minha irmã viu a luz, e é mais do que provável que meu próprio nascimento possa ser acertadamente atribuído a mesma causa.

Contudo, contentes com a docilidade de minha mãe e vendo como ela fazia a comunidade prosperar e florescer, os bons padres recompensaram seus trabalhos concedendo-lhe aquilo que pudesse ganhar com o aluguel dos bancos em sua igreja; mal minha mãe acabou de conseguir esse cargo, logo casou, por ordem de seus superiores, com um dos carregadores de água da casa, o qual, imediatamente, e sem a menor repugnância, adotou minha irmã e eu.

Nascida na Igreja, morei por assim dizer mais na Casa de Deus do que na nossa própria; ajudava minha mãe a arrumar os bancos, secundava o sacristão em suas várias operações,

teria dito Missa se fosse necessário, embora não tivesse feito ainda cinco anos.

Um dia, voltando de minhas santas ocupações, minha irmã perguntou-me se tinha encontrado o Padre Laurent...

Respondi-lhe que não.

"Bem, então fique alerta", disse ela, ele anda procurando você, sei que anda, ele quer mostrar a você o que mostrou a mim. Não fuja, olhe bem nos olhos dele sem ter medo, ele não vai tocar em você, mas mostra uma coisa muito engraçada, e se você deixar ele fazer, recebe muito dinheiro. Ele já mostrou a mais de quinze por aqui. É o que ele gosta mais, e deu um presente a todo mundo".

Os Senhores podem bem imaginar, que nada mais foi necessário para eu não só não evitar o Padre Laurent, mas para me induzir a procurar por ele; nessa idade a voz da modéstia é, quando muito, um sussurro, e não é seu silêncio até o momento em que se deixa a tutela da Natureza é prova certa de que esse sentimento artificial é muito menos produto do treinamento dessa mãe original do que fruto da educação? Voei instantaneamente para a igreja, e no momento em que atravessava um pequeno pátio localizado entre a entrada do adro e do mosteiro, esbarrei de frente com o Padre Laurent. Era um monge de cerca de quarenta anos, com um rosto muito bonito. O bom padre deteve-me.

"Onde vai, Françon", perguntou.

"Arranjar os bancos, Padre".

"Não tenha medo, não tenha medo, sua mãe trata disso", disse o monge. "Venha, venha comigo", e levou-me para um aposento escondido, perto dali. "Vou mostrar uma coisa que você nunca viu". Sigo o Padre, entramos, ele fecha a porta, e pondo-se bem na sua frente:

"Bem, Françon", diz, tirando um membro monstruoso de suas calças, um instrumento que quase me derrubou de medo; "diga-me", continua, ao mesmo tempo que se masturba, "já viu alguma coisa igual a esta?... usa-se para foder, e aquilo que você vai ver, aquilo que vai sair dela num momento ou dois, é a semente da qual você foi criada. Já mostrei a sua irmã, já a mostrei a todas as meninas de sua idade, dê a sua mão, ajude um pouco, ajude a sair, faça como sua irmã, ela já fez sair umas vinte vezes ou mais... Mostro o meu pau, e depois que julga que eu faço? Salpico meu sêmen na cara delas... É minha paixão, minha filha, não tenho outra ... e você está quase a assistir".

E ao mesmo tempo senti-me completamente encharcada com um borrifo branco, esopou-me dos pés a cabeça, algumas gotas acertaram até em meus olhos, pois minha cabecinha dava-lhe na abertura das calças. Entretanto, Laurent gesticulava: "Ah! sêmen lindo, o querido sêmen que estou perdendo", exclamou, não, olhe para você! está toda coberta dele". Adquirindo gradualmente controle de si próprio, guardou calmamente a sua ferramenta e afastou-se, colocando doze sob minha mão e sugerindo que lhe levasse uma amiguinha.

Como podem prontamente imaginar, não podia estar mais ansiosa por correr e contar tudo a minha irmã; ela limpou-me, tendo o máximo cuidado em não esquecer alguma mancha, e ela que tinha permitido que eu ganhasse minha pequena fortuna, não deixou de exigir metade de meu salário. Instruída por este exemplo, não deixei, na esperança de uma divisão semelhante dos lucros, de procurar tantas meninas para o Padre Laurent quantas pude encontrar. Mas, levando-lhe uma que ele já conhecia, não a aceitou, embora me desse três sous a título de encorajamento.



"Nunca vejo a mesma duas vezes, minha filha" disse o Padre, tragame uma que eu não conheça, nunca as que dizem que já tiveram negócios comigo".

Agi com mais sucesso; no espaço de três meses, apresentei ao Padre Laurent mais de vinte meninas novas, com as quais, a bem do seu prazer, empregou o mesmo método que usara comigo. Além da estipulação de que lhe fossem estranhas, havia uma outra relativa a idade, e parecia ser de extrema importância: não queria meninas de menos de quatro nem de mais de sete anos. E minha pequena fortuna não podia ir melhor, quando minha irmã, vendo que eu estava penetrando em seus domínios, me ameaçou de divulgar tudo a minha mãe, se não parasse aquele esplêndido comércio; fui obrigada a renunciar ao Padre Laurent.

Contudo, minhas funções de procuradora continuaram a conservarme nas vizinhanças do mosteiro; no dia em que fiz sete anos encontrei um novo amante, cujo capricho preferido, embora muito infantil, era, não obstante, um tanto mais sério. Chamava-se Padre Louis, era mais velho que Laurent, e tinha uma qualidade não identificável em seu comporta-mento, que era muito mais libertino. Aproximou-se silenciosamente de mim na porta da igreja quando eu ia entrando, e fez-me prometer que iria a seu quarto. Primeiro fiz algumas objeções, mas quando me assegurou que três anos antes minha irmã o visitara, e recebia meninas da minha idade todos os dias, fui com ele. Mal chegamos a sua cela, fechou a porta a chave e, depois de deitar um elixir num copo fez-me engolir e, depois, mais duas copiosas medidas da mesma coisa. Dado este passo preparatório, o reverendo, mais afetuoso que seu confrade, começou me beijando e, tagarelado todo o tempo, desabotoou meu avental e, levantando-me a saia até a cintura, pôs as mãos, a despeito de minha débil resistência, nas partes anteriores que acabara de trazer a luz; e depois de as ter cuidadosamente apalpado e considerado, perguntou se eu não queria mijar. Singularmente levada a essa necessidade pela forte dose que momentos antes me fizera beber, afirmei que a vontade de fazer era maior do que nunca, mas que eu não a queria satisfazer na sua frente.

"Oh, meu Deus, faça! Sim, sua marota", disse o safado, "por Deus, sim, você vai mijar na minha frente, e o que é pior, vai mijar em mim". "Olhe", continuou, tirando o seu pau das calças, "aqui está a ferramenta que você vai molhar, vamos, mije um pouco nela".

Então levantou-me e colocou-me em cima de duas cadeiras, um pé numa, o outro pé na outra, afastou as duas cadeiras tanto quanto possível, e depois fez-me ficar de cócoras. Segurando-me nessa posição, colocou um vaso por baixo de mim, instalou-se num pequeno banco a altura do vaso; seu engenho estava em uma de suas mãos, diretamente por baixo de minha boceta. Uma de suas mãos apoiava minhas ancas, com a outra se masturbava, e estando minha boca ao nível da sua, beijou-a.

"Vamos, minha pequenina, mije", exclamava ele, "inunde meu pau com esse líquido encantador cujo calor exerce tal agitação em seus sentidos. Mije, meu coração, vamos, mije logo e tente inundar meu sêmen".

Louis ficou animado, excitou-se, era fácil ver que esta operação invulgar era a que seus sentidos mais prezavam; o êxtase mais doce, mais delicado coroou aquele próprio momento quando o líquido com que enchera meu estômago começou a sair em abundantes esguichos dentro de mim, e simultaneamente enchemos o mesmo vaso, ele de esperma, eu de urina. Concluído o exercício, Louis fez praticamente o mesmo discurso que eu ouvira de Laurent, queria transformar sua putazinha em procuradora, e desta vez, não me importando com as ameaças de minha irmã, levei decididamente todas as meninas que conhecia ao Padre Louis. Ordenou a cada uma delas que fizesse a mesma coisa, e como não sentia compunção vendo

qualquer delas uma segunda ou terceira vez, e me dava sempre uma compensação separada, que nada tinha a ver com os honorários adicionais que extraía de minhas pequenas camaradas, seis meses depois vi-me senhora de uma somazinha razoável, que era inteiramente minha; só precisava de a esconder de minha irmã.

"Duelos", disse o Presidente, interrompendo-a nesse ponto", creio que lhe dissemos que suas narrações devem ser decoradas com os detalhes mais numerosos e minuciosos; a maneira precisa e o grau em que podemos julgar que a paixão que descreve se relaciona com as maneiras humanas e o caráter do homem, é determinada pela sua vontade de não ocultar nenhuma circunstância; e, o que é mais, a mínima circunstância pode ter uma imensa influência na procura dessa espécie de irritação sensória que esperamos de suas histórias". "Sim, meu Senhor", Duelos respondeu, "fui avisada para não omitir nenhum detalhe e para entrar nos detalhes mais minuciosos sempre que sirvam para lançar luz na personalidade humana, ou na espécie de paixão; terei negligenciado alguma coisa neste relato"?

"Negligenciou", disse o Presidente; "não faço a menor idéia do pau do seu segundo monge, nem da sua descarga. Além disso, ele mexeu na sua boceta, diga, e você acariciou o seu engenho? É isso a que chamo detalhes esquecidos".

"Perdão, meu Senhor", disse Duelos, "vou já reparar esses enganos, e evitá-los no futuro. O Padre Louis possuía um membro muito comum, maior de comprimento do que circunferência e, em geral, de formato comum; na realidade, recordo-me que ficava muito pouco duro, e só quando a crise chegava, adquiria um pouco de firmeza. Não, ele não esfregava - minha boceta, ficava satisfeito abrindo-a um pouco com os dedos para deixar sair a urina com maior facilidade. Trouxe seu pau muito perto duas ou três vezes, e sua descarga era rápida, intensa e breve; de sua boca só saíam as palavras: "Ah, sêmen! mijá, minha filha, mijá fonte bonita, mijá, está ouvindo, mijá, não vê eu gozar"? E enquanto dizia isso, dava alternadamente beijos em minha boca. Não eram excessivamente libertinos".

"É isso, Duelos", Durcet disse, "o Presidente tinha razão; não consegui visualizar coisa alguma a base de seu primeiro relato, mas agora tenho o homem bem no meu foco".

"Um momento, Duelos", disse o Bispo, ao observar que ela ia continuar. "Tenho na minha conta uma necessidade muito mais imperiosa do que mijar, está-me apertando há uma eternidade, e tenho a impressão que é preciso satisfazê-la".

Dizendo isso, levou Narcisse para a sua alcova. Os olhos do prelado chispavam fogo, o pau batia-lhe na barriga, espuma aflorava-lhe aos lábios, era o sêmen confinado que desejava absolutamente escapar, e que só podia ser liberado por meios violentos. Arrastou sua sobrinha e o rapazinho para os seus aposentos. Tudo parou; uma descarga era considerada coisa portentosa demais para não se suspender tudo no momento em que alguém estivesse para produzir uma; tudo devia concorrer para torná-la deliciosa. Mas, naquela ocasião, a Natureza não correspondeu aos desejos do Bispo, e alguns minutos depois de se ter retirado para seus aposentos, emergiu dos mesmos, furioso, no mesmo estado de ereção, e dirigindo-se a Durcet, administrador durante o mês de novembro:

"Ponha este malandro na lista dos castigos de sábado", disse, empurrando a criança a uns metros de distância, e dê-lhe um castigo severo, se faz favor".

Era aparente que o rapazinho não fora capaz de satisfazer o Monsenhor, e Julie segredou no ouvido de seu pai o que acontecera. "Bem, por Deus, escolha outro", exclamou o Duque, "escolha alguém dos nossos quartetos, se nada lhe agrada no seu".

"Ah, minha satisfação agora seria muito além do desgraçado pouco que era suficiente há um momento", disse o prelado. Sabem a que ponto somos levados por um desejo contrariado; preferia restringir-me, mas nada de pena desse pobre diabo", continuou, "é o que recomendo..."

"Mas fique tranqüilo, meu caro Bispo", disse Durcet, "prometo dar-lhe um bom castigo, é uma ótima idéia para dar um bom exemplo aos outros. Lamento vê-lo nesse estado; tente outra coisa; deixe-se enrabar".

"Monsenhora", Martaine disse, "sinto-me grandemente disposta a satisfazer Vossa Excelência se o desejar..."

"Não, Cristo, não!" exclamou o Bispo, "você não sabe que há mil ocasiões em que não se deseja uma bunda de mulher? Eu espero, eu espero... deixe Duclos continuar, a noite eu trato disso. Tenho de encontrar o que quero. Continue, Duclos".

E os amigos, tendo dado boas gargalhadas em face da franqueza libertina do Bispo — "há mil ocasiões em que não se deseja uma bunda de mulher" — a narradora prosseguiu nestes termos:

Não foi muito tempo depois de eu ter atingido os sete anos de idade que um dia, seguindo meu costume de levar uma de minhas camaradas ao Padre Louis, encontrei outro monge com ele em sua cela. Como isso nunca tinha acontecido, fiquei surpreendida e quis sair, mas depois de Louis nos tranqüilizar, minha amiguinha e eu decididamente entramos.

"Então, Geoffrey"? Louis disse a seu companheiro, empurrando-me para ele, "eu não lhe disse que era bonita"?

"Mas sim, é muito bonita", Geoffrey respondeu, sentando-me no seu colo e dando-me um beijo. "Quantos anos tem minha filha"?

"Sete Padre".

"Menos cinqüenta do que eu", disse o bom padre, beijando-me de novo.

E durante este pequeno diálogo, o xarope estava sendo preparado e, era costume, cada uma de nós bebeu três grandes copos mas, eu não costumava beber quando levava algum brinquedo a Louis, porque ele só pretendia um borrião da menina que eu lhe levava, porque eu não ficava geralmente para a cerimônia, mas demora, por todas essas razões, fiquei atônita com num tom da mais ingênua inocência perguntei:

"E por que quer que eu beba, bom Padre, quer que eu mijie"?

"Sem dúvida, minha filha", respondeu Geoffrey, que continuava me apertando no seu colo, entre suas coxas, e cujas mãos tateavam já a minha frente, "claro, quero que você mijie, e a aventura vai ser comigo; será talvez um pouco diferente da outra que experimentou. Vamos para minha cela, deixemos o Padre Louis com sua amiguinha, e vamos trabalhar os dois; voltaremos quando tivermos terminado".

Saímos; antes de ir, Louis disse-me ao ouvido que fosse boazinha com seu amigo, e disse que eu não me arrependeria. A cela de Geoffrey não era muito longe da de Louis, e atingimo-la sem ser vistos. Mal entramos, Louis barricou a porta e mandou-me tirar a saia. Obedeci, ele mesmo puxou minha combinação até o umbigo, tendo-me sentado na borda de sua cama, abriu minhas coxas, tanto quanto elas permitiam, empurrando-me ao mesmo tempo para trás, de modo a que minha barriga ficasse inteiramente a mostra, e meu peso apoiado

inteiramente na base de minha espinha. Mandou-me ficar naquela posição, e começar a mijar no momento em que me desse uma ligeira palmada com a mão. Depois, escrutinando-me durante um momento, naquela atitude, com uma das mãos separou os lábios de minha boceta, enquanto com a outra desabotoava suas calças e, com movimentos rápidos e enérgicos, começou a agitar um pequeno membro escuro e atrofiado, que não parecia muito inclinado a responder aquilo que dele se exigia. Para lhe dar certo encorajamento, nosso homem preparou-se para fazer sua obrigação, e procedeu a seu costume favorito, aquele que lhe dava o maior gozo possível — pôs-se de joelhos, no meio de minhas pernas, passou um instante observando o pequeno orifício diante de seus olhos, diversas vezes aplicou sua boca ao mesmo, balbuciando algumas frases luxuriosas de que não me lembro porque na época não as compreendia, e continuou agitando aquele obstinado e pequeno membro, o qual, embora ferozmente manuseado, não se movia. Finalmente, colou seus lábios aos de minha pequenina boceta, recebi o sinal, e despejando imediatamente o conteúdo de minha bexiga na boca do cavalheiro, encharquei-o com uma torrente de urina que ele engoliu com igual velocidade aquela com que eu a derramava em sua goela. Nesse momento, seu membro desfraldou-se e sua cabeça orgulhosamente erguida palpitou contra uma de minhas coxas: sentia derramar bravamente sua debilitada e estéril emissão varonil. Tudo fora tão bem feito, que ele engoliu as últimas gotas no mesmo momento em que seu pau, confuso pela vitória, chorava lágrimas de sangue pela mesma.

Tremendo por todos os lados, Geoffrey levantou-se, e observei que não tinha mais por ídolo, uma vez extinto o incenso, o mesmo fervor religioso que tivera enquanto o delírio, inflamando sua homenagem, sustinha ainda a sua glória: um tanto abruptamente deu-me doze sous, abriu a porta sem me pedir, como os outros, que lhe levasse meninas (era evidentemente fornecido por outra pessoa) e, indicando o caminho da cela de seu amigo, disse-me para ir para lá, acrescentando que estava com muita pressa, que tinha suas obrigações a desempenhar, que não me podia conduzir, e depois fechou a porta sem me dar oportunidade de lhe responder.

"Não há dúvida", disse o Duque, "são inúmeros os que não podem em absoluto suportar o instante em que a ilusão se desfaz. Parece que o orgulho sofre quando se deixa uma mulher ver o homem em tal estado de fraqueza, e o desgosto parece ser o resultado da frustração que se experimenta nesses momentos".

"Não", disse Curval, a quem Adonis, de joelhos, tocava uma punheta, e cujas mãos mexiam em Zalmire, "não, meu amigo, o orgulho nada tem a ver com isso, mas o objeto destituído, no sentido mais profundo, de todo o valor, a exceção daquele com que nossa luxúria o dota, esse objeto, dizia eu, mostra-se a si próprio como na verdade é, uma vez apaziguada nossa lubricidade. Quanto mais violenta tiver sido a irritação, mais o objeto fica destituído de sua atração quando essa irritação cessa de a sustentar, do mesmo modo que ficamos mais ou menos fatigados depois de uma maior ou menor exercício, e essa aversão, que depois sentimos, não passa do sentimento de uma alma saciada a qual a felicidade é desagradável, porque a felicidade o acaba de cansar".

"Mas dessa aversão, de qualquer maneira", disse Durcet, "nasce muitas vezes um plano de vingança, cujas conseqüências fatais são muitas vezes observadas".

"Sim, mas isso é outra questão", Curval respondeu, "e como a seqüência destas narrações nos dá, talvez, exemplos do que estamos dizendo, não antecipemos mediante dissertações, aquilo que em si próprio se produzirá naturalmente".

"Presidente, seja franco", disse Durcet: "estando a ponto de ficar alucinado, acredito que no momento presente prefira sentir o prazer do gozo a discutir coisas desagradáveis".

"Nada disso, absolutamente", disse Curval, "estou frio como o gelo... Verdade, sim", continuou, beijando os lábios de Adonis, "que esta criança é encantadora... mas não se pode foder; não conheço coisa pior que vossos malditos regulamentos... somos obrigados a ficar reduzidos a coisas... a coisas... continue, Duelos, continue, porque tenho a impressão de que posso perpetrar uma loucura, e quero que minha ilusão fique intacta, pelo menos até ir para a cama".

O Presidente, percebendo que seu engenho se começava a rebelar, mandou as duas crianças de volta a seus postos e, deitando-se ao lado de Constance, que bonita como era, não conseguia mesmo assim excitá-lo tanto, pediu outra vez a Duelos, que continuasse sua história; ela recomeçou imediatamente, como segue:

Reuni-me a minha amiguinha. Louis já tinha terminado; não muito satisfeitas, saímos juntas do mosteiro, eu quase resolvida a não voltar. O tom de Geoffrey magoara meu orgulho, e sem me preocupar mais com as origens de meu desagrado, não gostei de sua causa aparente, nem de suas conseqüências. Contudo, estava escrito em meu destino que teria ainda algumas aventuras naquele piedoso retiro, e o exemplo de minha irmã, que tinha, segundo me disse, feito negócio com catorze de seus habitantes, convencer-me-ia de que estava ainda longe do final de minha viagem. Três meses depois deste último episódio, notei as aberturas que me eram feitas por outro desses reverendos padres, este, um homem de cerca de sessenta anos. Inventou toda a espécie de pretextos para me atrair a seu quarto; um deles triunfou, tão bem, de fato, que um belo domingo de manhã ali me encontrei, sem saber como ou por que acontecera. O velho safado, conhecido por Padre Henri, trancou a porta mal eu passara o limiar, e abraçou-me com extremo calor.

"Ah, diabinho!" exclamou o bom Padre, transportado de alegria". Agora te peguei, desta vez você não escapa, ha!"

O tempo estava extremamente frio na época, meu nariz estava pingando, como é normal nas crianças, no inverno; tirei um lenço. "Que é isso? Que é isso? Cuidado com isso", advertiu Henri, "eu é que faço essa operação, meu amor".

E depois de me deitar em sua cama, com minha cabeça um pouco de lado, sentou-se a meu lado, na cama, e pôs minha cabeça no seu colo. Observou-me avidamente, seus olhos pareciam prontos a devorar a secreção que escorria de meu nariz. "Oh, carinha ranhosa", disse, começando a latejar, "como vou chupá-la". Com isso, debruçando-se para mim, e pondo meu nariz em sua boca, não só devorou todo o mucus entre meu nariz e minha boca, mas enfiou lubricamente a ponta da língua em cada uma de minhas narinas, uma pós a outra, e com tanta sabedoria que me provocou dois ou três espirros que redobraram o corrimento que desejava, e tão avidamente devorava. Mas, Senhores, não me perguntem detalhes acerca desse camarada, nada mostrou, e se foi por não ter feito nada, ou por o ter feito em suas calças, não consegui ver nada, e no meio da chuva de seus beijos e lambidelas lascivas não notei nada de extraordinário que pudesse denotar um êxtase, e conseqüentemente, minha opinião é que ele não descarregou. Toda a minha roupa estava em seu lugar, até suas mãos ficaram quietas, e dou-lhes a minha palavra de que a fantasia desse libertino podia ser executada na menina mais respeitável e menos iniciada do mundo, sem que ela ,desse supor que nisso tudo havia algo de lascivo.

Mas o mesmo se não pode dizer da oportunidade que se me deparou no próprio dia em que fiz nove anos. O Padre Etienne, era esse o nome do libertino, tinha pedido diversas vezes a minha irmã que me levasse até ele, e ela fez-me prometer que eu iria sozinha, pois não queria acompanhar-me, com medo que minha mãe, que já cheirava alguma coisa no ar, descobrisse; bem, estava planejando fazer uma visita ao bondoso sacerdote quando, um dia, o encontrei num canto da igreja, perto da sacristia. Sua maneira era tão graciosa, falava de modo tão persuasivo que não precisou de me arrastar a força. O Padre Etienne tinha cerca de quarenta anos, saudável, robusto, um camarada e tanto. Mal fechou a porta e já me perguntou se eu sabia como esfregar um pau.

"Que é isso!", respondi, corando até as orelhas, "nem mesmo sei que o senhor está dizendo".

"Bem, então eu explico, menina levada", disse, derramando beijos apaixonados em minha boca e olhos, "meu único prazer neste mundo é educar meninas, e as lições que dou são tão boas, que são inesquecíveis. Comece por tirar a saia, porque se vou ensinar você como se deve fazer para eu sentir prazer, é justo que ao mesmo tempo a ensine a recebê-lo, a lição só pode ter êxito se nada nos impedir. Vamos lá. Começemos por você. O que você tem aqui", disse ao mesmo tempo que punha a mão no meu montículo, "chama-se boceta, e o que você precisa de fazer para despertar sensações muito felizes é isto: com um dedo — um dedo chega — esfregue ligeiramente esta pequena protuberância aqui. Chama-se, a propósito, clitóris". Segui as instruções.

"Vamos, assim, amorzinho, com uma das mãos aqui, deixe um dedo da outra penetrar gradualmente nesse delicioso burquinho..." O Padre ajustou minhas mãos.

"Isso mesmo... Bem! Você não sente nada"?, perguntou, fazendo-me continuar minha tarefa.

"Não, Padre, sinceramente não sinto nada", respondi ingenuamente. "Ah, é porque você é muito novinha, mas dentro de dois anos vai ver o prazer que dá".

"Espere", interrompi, "acho que está acontecendo alguma coisa".

E com todo o vigor' imaginável esfreguei os lugares que me ensinara... Sim, sem dúvida, umas vagas sensações convenceram-me de que começara uma coisa que valia a pena continuar, e o intenso uso que desde então faço deste exercício proporcionador de alívio, persuadiu-me mais de uma vez, da competência de meu mestre. "E agora é a minha vez", disse Etienne, "porque o seu prazer desperta meus desejos, e eu preciso simplesmente de compartilhar dos mesmos, meu anjo. Vamos lá; segure aqui", disse, convidandome a agarrar uma ferramenta tão monstruosa que minhas duas mãozinhas mal conseguiam fechar-se nela, "pegue, minha filha, isto chama-se um pau, e este movimento", continuou guiando meu pulso em movimentos bruscos, "esta ação, chama-se uma punheta. Assim, mediante esta ação, você está esfregando meu pau. Vamos, minha filha, faça força. Quanto mais rápido e persistente o seu movimento, mais apressa um momento que, acredite, eu adoro. Mas lembre-se de uma coisa essencial", acrescentou, sempre guiando minhas mãos já voando, "tenha sempre o cuidado de deixar a ponta descoberta. Nunca deixe esta pele, chamada prepúcio, cobrir a ponta, chamada glândula, pois todo o meu prazer sumiria. Isso mesmo; vamos logo ver uma coisa, minha filhinha", o professor continuou, "veja eu fazer em você, o que você faz em mim".

E apertando-se contra meu peito, ao mesmo tempo que falava e eu continuava em

movimento, colocou suas mãos com tanta habilidade, mexia o dedo com tamanha arte que o prazer finalmente me empolgou, e é sem sombra de dúvida que a ele devo minha iniciação. E então, minha cabeça a roda, abandonei minha tarefa, e o reverendo, que ainda não estava pronto para completá-la, consentiu em esquecer seu prazer por um momento, a fim de se dedicar exclusivamente a cultivar o meu; e quando me tinha feito saborear todo esse prazer, fez-me recomeçar o trabalho que meu êxtase me obrigara a interromper, e muito expressamente me ordenou que me concentrasse estritamente no que fazia, e me preocupasse exclusivamente com ele. Assim fiz com toda a minha alma. Era mais que justo: sem dúvida lhe devia muitos agradecimentos. Comecei a trabalhar com tanta alegria, e observei tão fielmente todas as suas instruções que o monstro, vencido por vibrações tão rápidas, cuspiu finalmente toda a sua raiva e me cobriu com o seu veneno. Então Etienne pareceu ficar fora de si, transportado pelo delírio mais voluptuoso; ardentemente beijou minha boca e esfregou minha boceta, e a perturbação de sua voz mais enfaticamente declarava o seu transtorno. Expressões grosseiras, misturadas a outras da espécie mais amorosa caracterizaram esse transporte, que durou bastante tempo, e do qual finalmente o galante Etienne, tão diferente de seu colega engolidor de mijo, emergiu para me dizer que eu era encantadora, que grandemente esperava que eu voltasse, e que me trataria sempre como naquele momento: apertando uma moeda de prata em minha mão, levou-me de volta ao lugar onde me encontrara e deixou-me maravilhada, emocionada e encantada com essa última boa fortuna. Sentindo-me muito melhor a respeito do mosteiro, decidi voltar mais vezes no futuro, persuadida de que, quanto mais fosse avançando nos anos, mais agradáveis as aventuras que ali me esperavam. Mas o destino chamou-me para outro lugar; eventos mais importantes me esperavam num mundo novo, e ao chegar em casa ouvi as notícias que logo entristeceram a felicidade produzida em mim pelo resultado de minha última experiência.

Uma campainha soou nesse momento no salão; era o anúncio da ceia. Após o que, Duolos, muito aplaudida pelo auspicioso começo que tivera, desceu do palco, e, depois de terem feito alguns ajustamentos para reparar a desordem em que os quatro pareciam estar, os amigos voltaram seu pensamento para novos prazeres, e precipitaram-se para saber o que como lhes reservara.

A refeição foi servida pelas oito meninas, nuas. Tendo tido o bom senso de deixar o salão alguns minutos antes, estavam prontas no momento em que os senhores entraram naquele ambiente. Os companheiros a mesa totalizavam vinte; o quarteto libertino, os oito fodedores, os oito meninos. Mas, furioso ainda com Narcisse, o Bispo quis vetar sua presença no banquete, e como era perfeitamente natural que dessem tolerância aos caprichos uns dos outros, e os observassem mutuamente ninguém ergueu sua voz para contestar a sentença, e o pobre coitadinho foi confinado num quarto escuro para aguardar os estágios das orgias em que talvez Monsenhor pudesse ter inclinação para fazer de novo as pazes com ele. As esposas e narradoras, comendo separadas, tinham concluído sua refeição apressadamente a fim de estarem prontas para as orgias, e as velhas dirigiam o movimento das oito meninas, e o jantar começou.

Esta refeição, muito mais pesada do que a que se comia mais cedo, era servida com muito mais opulência e esplendor. Começou por uma sopa de mariscos, e frios compostos de vinte variedades; seguiram-se vinte entradas, que logo deram lugar a outras vinte mais leves compostas inteiramente de peito de galinha e outros animais preparados de todas maneiras possíveis. Mas os assados ofuscaram tudo isso; tudo que de mais raro se pode imaginar foi servido. Depois surgiram massas frias, e logo após vinte e seis entremets de todas as

descrições e formas. A mesa foi limpa, e o que acabara de ser retirado foi substituído por um desfile de doces quentes e frios. Finalmente surgiu a sobremesa: um prodigioso número e variedade de frutas, embora se estivesse no inverno, depois gelados, chocolate e os licores que foram tomados a mesa. Quanto a vinhos, variaram com cada serviço: Borgonha com o primeiro duas qualidades de vinho italiano com o segundo e terceiro; Reno com o quarto; com o quinto vinhos do Ródano; champagne com o sexto; duas qualidades de vinho grego com os outros dois. Os espíritos estavam extraordinariamente excitados porque, ao contrário do almoço, não era permitido durante o jantar repreender as criadas, ou com a mesma severidade; essas criaturas, sendo a própria quinta essência daquilo que a companhia tinha para oferecer, deviam ser tratadas com um pouco mais de cuidado, mas, por outro lado, os amigos permitiam-se uma série furiosa de impurezas com elas.

Meio embriagado, o Duque disse que não tocava noutra gota, a partir daquele momento seria a urina de Zelmire ou nada, e esvaziou dois grandes copos que obteve fazendo a criança subir em cima da mesa e agachar-se no seu prato. "Ora, não há nada de errado em beber mijo jovem fraco", disse Curval e, chamando Fanchon, declarou: "Vem aqui, venerável puta, vou matar minha sede na própria fonte". E enfiando sua cabeça entre as pernas da velha encarquilhada, avidamente sugou as torrentes impuras de urina venenosa que ela arremessou em seu estomago. E então sua palavra aqueceu e discutiram vários problemas filosóficos e consideraram diversas questões relativas a maneiras; deixo ao leitor imaginar a pureza dos discursos e a elevação de sua moralização. O duque empreendeu um encômio a libertinagem, e provou que ela era natural, e que quanto mais numerosas as extravagâncias, melhor servem o criador de nós todos. Sua opinião era geralmente aclamada, entusiasticamente aplaudida, e levantaram-se para ir pôr em prática as doutrinas que acabavam de ser estabelecidas. Tudo estava pronto no salão das orgias: as mulheres lá estavam, já nuas, deitadas em pilhas de almofadas no chão, promiscuamente misturadas entre os catamitos que se tinham apressado da mesa um pouco depois da sobremesa. Nossos amigos cambaleavam ao entrar: duas velhas despiram-nos, e caíram em cima do rebanho como lobos assaltando um redil. O Bispo, cujas paixões tinham sido cruelmente irritadas pelos obstáculos que antes encontrara, jogou as mãos a sublime bunda de Antinous, ao mesmo tempo que Hercule o enfiava no espeto, e vencido por esta última sensação e pelo serviço importante sem dúvida muito desejado que Antinous lhe prestava, cuspiu finalmente torrentes de sêmen tão impetuosas e pungentes, que desfaleceu em êxtase. Os ardis de Baco tinham os sentidos fascinados satisfeitos pelo excesso, entorpecidos pela luxúria; nosso herói passou desse desmaio a um sono tão profundo que teve de ser carregado para a cama. O Duque estava encantado. Curval, lembrando-se do que Martaine oferecera ao Bispo, recheou-a, ao mesmo que sua bunda era tampada. Mil outros horrores, mil outras infâmias acompanharam e se sucederam a essas, e nossos três indomitáveis campeões — porque o Bispo não pertencia mais a este mundo — nossos valorosos atletas, dizia, escoltados pelos quatro fodedores de plantão noturno, que não tinham participado do festim, mas que então os foram buscar, retiraram-se com as mesmas esposas que tinham partilhado de seus divãs durante a narração. Infelizes vítimas de sua brutalidade, nas quais é mais provável que derramassem mais ultrajes do que carinhos e nas quais, é igualmente provável, inspirassem mais aversão do que prazer...

Tais foram os eventos que transpiraram no primeiro dia.

## O SEGUNDO DIA



A companhia despertou a hora habitual. O Bispo, inteiramente recuperado de seus excessos, e que, acordando as quatro horas da madrugada, ficara profundamente chocado ao verificar que o tinham deixado ir para a cama sozinho, chamou Julie e o seu fodedor da noite para ocuparem seus postos. Responderam imediatamente a chamada, e nos seus braços o libertino mergulhou de novo num mar da novas impurezas.

Quando, de acordo com os regulamentos, o desjejum tinha sido tomado nos aposentos das meninas, Durcet fez as suas inspeções e, independentemente de todos os argumentos que ouviu, novas delinqüências surgiram a seus olhos. Michette era culpada de uma espécie de falta e Augustine, a quem Curval ordenara que se conservasse o dia todo num certo estado, estava no estado absolutamente oposto; declarou que se tinha esquecido, pediu mil desculpas, e prometeu que não aconteceria de novo, mas o quadriunvirato era inexorável, e ambos os nomes foram inscritos na lista de castigos a serem aplicados no primeiro sábado.

Grandemente descontente com a inépcia de todas aquelas meninas na arte da masturbação, aborrecido pelos efeitos da falta de jeito que fora obrigado a sofrer na noite anterior, Durcet propôs que se destinasse uma hora, durante a manhã, para lhes dar lições, e que os amigos se revezassem levantando-se uma hora mais cedo, sendo estabelecido um período de exercício, das nove as dez — um dos amigos levantar-se-ia as nove todas as manhãs, dizia, para participar do treinamento. Foi decidido que o supervisor ficaria confortavelmente sentado numa cadeira no meio do harém e que cada menina, indicada e orientada por Duelos, a melhor punheta do castelo, demonstraria no amigo, dirigiria a mão das meninas, seus movimentos, explicaria as sutilezas do ritmo, a velocidade necessária, e com isso dependia da condição do paciente, e explicaria também as atitudes e posturas mais importantes para o sucesso da operação; além disso, foram fixados castigos para as que, duas semanas após, a despeito das lições, não revelassem proficiência naquela arte. Foi enfatizado as meninas que, segundo as doutrinas eclesiásticas, a glande devia ficar sempre descoberta, e que a mão não empregada na ação devia ser entretanto continuamente usada para excitar as áreas adjacentes, segundo a fantasia particular do paciente.

A proposta do banqueiro agradou a todos; Duelos foi informada, aceitou a nomeação, e no mesmo dia fez um manequim para o efeito, no qual, as crianças, em suas horas vagas, podiam exercitar seus pulsos e manter os necessários graus de agilidade e flexibilidade. A Hercule foi confiada idêntica missão nos aposentos dos rapazes; sendo eles, como sempre, mais talentosos nesta técnica do que as meninas, porque, no caso dos rapazes, é apenas uma questão de fazerem nos outros aquilo que fazem em si próprios, uma semana foi suficiente para os transformar no mais delicioso corpo de punheteiros que se pode imaginar. Nessa manhã particular, nenhum tinha cometido faltas, e tendo o comportamento de Narcisse na véspera provocado a recusa de todas as permissões, a capela ficou vazia a exceção de Duelos, dois fodedores, Julie, Thérèse, Cupidon e Zelmire. Curval estava duro como uma vareta, Adonis inspirara-lhe uma espantosa temperatura elevada quando, de manhã, visitara os rapazes, e pensou-se geralmente que explodisse ao observar Thérèse e os dois fodedores resolverem seus problemas; mas conseguiu controlar-se.

A refeição do meio dia foi a coisa habitual, mas o querido Presidente, depois de beber uma quantidade 'singular e de ter brincado ainda mais enquanto comia, ficou de novo todo inflamado quando o café foi servido por Augustine, Zélamir e Cupidon, dirigidos pela velha Fanchon, a quem por capricho, ordenaram que ficasse nua como as crianças. Nesse contraste nasceu o novo furor lúbrico de Curval, e permitiu-se algumas extravagâncias escolhidas as

custas de Zélamir e da duenhã; essa conduta desordeira custou-lhe, finalmente, o seu sêmen.

O Duque, de lança em riste, carregou sobre Augustine; zurrou, praguejou, tornou-se desarrazoado, e a pobre coisinha, toda trêmula, fugia como uma pomba diante de uma ave de rapina pronta para o ataque. Contudo, limitou-se a alguns beijos libertinos, e contentou-se em dar-lhe uma lição preliminar das que ia iniciar na manhã seguinte. Os outros dois, menos animados, tendo começado já suas sextas, nossos dois campeões imitaram-nos, e o quarteto só despertou as seis horas, hora a que começava a narração na ala do trono.

Os quartetos da véspera tinham sido alterados quando as pessoas e roupas, e nossos amigos tinham por companheiros de divã, os seguintes: o Duque, partilhava seu nicho com Aline, a filha do Bispo, e conseqüente-mente sua sobrinha: ao lado do Bispo, sua cunhada Constance, esposa do Duque e filha de Durcet; Durcet estava com Julie, filha do Duque e esposa do Presidente; para poder despertar do sono, e despertar para mais. Curval tinha consigo Adelaide, esposa de Durcet, uma das criaturas deste mundo com quem tinha mais prazer em provocar, por causa de sua virtude e piedade. Começou por algumas piadas sujas. e depois de lhe ordenar que mantivesse uma posição que agradava a seus gostos durante toda a sessão, mas que a pobre mulher viu que era muito fatigante de manter, ameaçou com tudo que sua cólera podia produzir se mexesse ou lhe causasse um momento de aborrecimento. Estando tudo agora pronto. Duolos subiu a plataforma e continuou sua narração assim:

Três dias tinham passado desde que minha mãe aparecera em casa; seu marido, muito mais preocupado com seu dinheiro e pertences do que com ela, resolveu entrar no seu quarto, onde costumavam esconder seus bens mais preciosos; e qual não foi a sua surpresa quando, em vez daquilo que procurava, achou apenas uma nota, escrita por minha mãe dizendo que tivesse paciência com o prejuízo porque, tendo decidido deixá-lo para sempre, e não tendo dinheiro seu, fora forçada a tirar tudo o que pudera. Quanto ao resto, a culpa era dele pelo duro uso que dela fizera, obrigando-a abandoná-lo e a deixar-lhe duas filhas que eram, no entanto, mais valiosas do que aquilo que tirara. Mas o velho estava longe de considerar iguais o que tinha agora e o que acabara de perder, e graciosamente nos mandou embora, com o pedido de nem sequer dormirmos na casa naquela noite, o que é evidência convincente de que existia alguma discrepância entre seu modo de pensar e o de minha mãe.

Não muito preocupadas com um cumprimento que nos dava plena liberdade de nos lançarmos, sem impedimentos, num pequeno modo de vida que começava a agradar-nos tanto, minha irmã e eu só pensamos em pegar nossas poucas coisas e dizer um adeus tão rápido a nosso querido padrasto, quanto aquele que nos resolvera dizer. Sem perder um minuto, saímos, e enquanto decidíamos como melhor enfrentar nosso destino, tomamos um quarto pequeno na vizinhança. Nossos primeiros pensamentos foram para o que podia ser o destino e paradeiro de nossa mãe; não tínhamos a menor dúvida de que tinha ido para o mosteiro, tendo decidido viver secretamente com algum padre, ou então estava teúda e manteúda nalguma casa vizinha da igreja, e era essa a opinião que tínhamos, sem nos causar grande preocupação, quando um frade do mosteiro nos trouxe uma nota que confirmou nossas conjecturas. A substância da nota era que seria de bom aviso que fôssemos, imediata-mente após o escurecer, falar com o Padre Superior do mosteiro, autor da nota; esperaria por nós, na igreja, até as 10 horas e nos levaria ao lugar então ocupado por minha mãe, cuja felicidade e paz sinceramente queria que compartilhássemos. Muito insistentemente dizia que não faltássemos e, acima de tudo, que ocultássemos nossos movimentos com todos os cuidados

possíveis; porque era essencial que nosso padrasto não soubesse de nada do que estava sendo feito em nome de nossa mãe e de nós próprias. Minha irmã, com quinze anos na época, e por isso mais esperta e razoável do que eu, que tinha apenas nove, depois de ter despedido o portador da carta respondendo-lhe que ia pensar no seu conteúdo, confessou que achava todas aquelas manobras muito estranhas.

"Françon", disse ela, "não vamos. Há qualquer coisa errada nisto. Se fosse uma proposta honesta, mamãe teria acrescentado uma palavra ou feito algum sinal. O Padre Adrien, seu melhor amigo, partiu há mais de três anos. e desde então ela só entra no mosteiro quando passa por perto, e não voltou a ter mais nenhuma intriga por lá. Que a teria levado a escolher esse lugar para se esconder? O Padre Superior não é seu amante nem nunca foi. Sei, é verdade, que ela o divertiu duas ou três vezes, mas ele não é homem que perca a cabeça por uma mulher por razão tão simples: é ainda mais inconstante e brutal para as mulheres depois de satisfeito o seu capricho. E portanto, que o terá levado a manifestar tamanho interesse por nossa mãe? Há qualquer coisa esquisita, estou-lhe dizendo. Nunca gostei desse velho Superior; é perverso e severo, e é um bruto. Uma vez trancou-me no quarto, onde estavam mais três padres, e depois do que me aconteceu nesse dia, jurei que não voltava a pôr lá os pés. Se quer o meu conselho, deixe esses monges nojentos em paz. Não vejo razão para não lhe dizer agora, Françon, tenho uma conhecida, uma boa amiga, atrevo-me a dizer; seu nome é Madame Guérin, há dois anos que frequento a sua casa, e durante todo esse tempo não passou uma semana sem que me arrumasse uma coisa boa. Mas nada dos tostões do mosteiro; recebo pelo menos três coroas de cada vez. Veja, minha irmã, continuou, mostrando-me uma bolsa contendo mais de dez luízes, "você pode ver que sou capaz de abrir meu próprio caminho no mundo. Meu conselho é você fazer o que faço. Guérin aceita você, estou certa, ela viu você de relance faz uma semana quando me veio buscar para uma festa, e disse-me que lhe fizesse uma proposta, e disse que, jovem como você é, tem sempre um lugar garantido. Faça como eu, estou-lhe dizendo, e logo ficaremos bem. É tudo que queria dizer a você; pago suas despesas de hoje, mas a partir de amanhã não conte comigo, irmãzinha. Cada um por si neste mundo. É isso mesmo. Ganhei este dinheiro com meu corpo e meus dedos, faça você o mesmo. E se tiver escrúpulos, fale com o diabo, mas não me procure; bem, já disse o que penso, e digo-lhe agora, que mais depressa minha língua cresceria meio metro do que lhe daria um copo de água de graça. Quanto a nossa mãe, não me interessa o que lhe aconteceu, na verdade, mesmo que seja o pior, fico encantada, e faço votos para que essa puta esteja bastante longe para nunca mais a encontrar enquanto for viva. Sei bem as coisas que fez para eu não entrar no comércio, e enquanto me dava ótimos conselhos, a puta fazia coisas três vezes piores. Por isso, o diabo que a carregue e acima de tudo, que não a traga de volta, é só isso que me interessa". Não tendo, para dizer a verdade, um coração mais meigo, nem uma alma mais generosa que minha irmã, foi em toda a boa fé que fiz eco das invectivas com que ela distinguiu essa excelente mãe, e agradecendo a minha irmã as úteis palavras que prometeu proferir em meu nome, prometi-lhe, por meu turno, segui-la até a casa dessa mulher e, uma vez adotada, por termo a minha dependência nela. Quando a não irmos ao mosteiro, estávamos de pleno acordo. "Se na realidade está feliz, tanto melhor para ela", comentei, "e nesse caso podemos procurar nosso próprio bem-estar sem termos que nos submeter ao mesmo destino. E se for uma armadilha para nós, temos de evitá-la". Minha irmã, então, abraçou-me.

"Esplêndido", disse ela. "vejo que você é uma boa menina. Não se preocupe. vamos ganhar uma fortuna. Sou bonita, e você também; aprenderemos o que quisermos. maninha,

mas não se prenda a ninguém, lembre-se disso. Um hoje, outra amanhã. Temos de ser putas. Putas de corpo e alma. Quanto a mim, continuou, já sou, como você pode ver, e não há nenhum confessor, ou padre, ou conselho, ou ameaça, que possa estragar minhas coisas. Por Deus, se for preciso mostro minha bunda na rua, com a mesma calma com que tomo um copo de vinho. Faça como eu. Françon, seja agradável e consegue tudo o que quiser dos homens: o comércio é um pouco difícil no começo, mas você acostuma-se e as coisas melhoram. Tantos homens, tantos gostos. No começo já sabe, um quer isto, outro quer aquilo. Mas isso não importa, você está lá para lhes agradar e prestar serviço; o cliente tem sempre razão. Não é preciso muito tempo, e logo o dinheiro está em nossas mãos".

Confesso que fiquei admirada ao ouvir observações daquelas de uma moça tão nova, que sempre me parecera decente. Mas como o meu coração batia em harmonia com o que ela dizia, logo lhe comuniquei que estava não só disposta a duplicar todas as suas ações, mas até preparada para ir muito mais longe, se necessário. Encantada comigo, caiu nos meus braços, e como se estava fazendo tarde, mandamos buscar um frango e um bom vinho, e comemos e dormimos juntas, tendo decidido ir logo de manhã cedo ao estabelecimento de Madame Guérin, e pedir-lhe que me incluísse no número de suas pensionistas.

Foi durante a ceia que minha irmã me ensinou tudo que eu ainda ignorava a respeito de libertinagem. Despiu-se na minha frente, e posso garantir que era uma das criaturas mais bonitas que havia em Paris naquela época; a pele mais branca, o corpo mais agradável a figura mais flexível e intrigante, os olhos azuis mais adoráveis, e tudo o resto correspondentemente bom. Soube também há quanto tempo Guérin promovia os seus interesses, e com que prazer procurava os seus clientes os quais, nunca cansados dela, a requisitavam constantemente. Mal tínhamos acabado de nos deitar quando nos ocorreu que devíamos ter dado uma resposta do Padre Superior, pois nossa negligência deixá-lo-ia aborrecido, e enquanto estivéssemos em seu bairro da cidade era importante não o irritar. Mas que podíamos agora fazer? O relógio bateu onze horas; resolvemos deixar que as coisas tomassem o seu curso.

A aventura significava provavelmente muita coisa para o Superior, pensamos, e por isso não era difícil deduzir que agia mais em seu nome do que no da suposta felicidade que mencionava em sua comunicação; de qualquer modo, a meia-noite acabava de soar quando ouvimos bater suavemente na porta. Era o próprio Superior; estivera nos esperando. disse, desde as duas da tarde, devíamos pelo menos ter dado uma resposta e, sentando-se na borda de nossa cama, informou que nossa mãe decidira passar o resto de seus dias num pequeno apartamento secreto que havia no mosteiro e no qual se divertia imenso, divertimento que incluía ainda a companhia dos chefões da casa que a visitavam e passavam metade do dia com ela e com outra mulher, companheira de nossa mãe; dependia apenas de nós aumentar esse número, mas, como éramos muito novas para lá ficar permanentemente, seríamos contratadas por um período de três anos, no fim do qual, ele jurava, nos seria dada a liberdade e mil coroas a cada uma; acrescentou que fora incumbido por nossa mãe de nos garantir que lhe faríamos um grande favor se fôssemos partilhar da sua solidão.

"Padre", minha irmã cometeu a imprudência de dizer, "agradecemos sua proposta. Mas, na nossa idade, não temos inclinação para nos vermos trancada num claustro para ser putas de padres, estamos fartas disso".

q Superior renovou seus argumentos, falou com um calor e uma energia que ilustravam seu poderoso desejo de ver a coisa suceder; final-mente, observando que estava destinada ao

fracasso, lançou-se quase em fúria sobre minha irmã.

"Muito bem, putazinha", exclamou, "pelo menos satisfaça-me uma vez mais antes de me retirar".

E desabotoando suas calças, ficou escarranchado nela: minha irmã não ofereceu resistência, persuadida de que permitindo que ele satisfizesse sua vontade, mais depressa se livraria dele. E o obsceno sujeito, prendendo-a entre os joelhos, começou a brandir e depois a abusar de um engenho duro e um tanto grosso, avançando-o até menos de um centímetro do rosto de minha irmã.

"Cara bonita", disse ofegante, "carinha de puta, como a vou encharcar com o meu sêmen, por Deus" !

E logo após as comportas abriram-se, o esperma voou, e o rosto inteiro de minha irmã, especialmente seu nariz e boca ficaram cobertos com a evidência da libertinagem de nosso visitante, cuja paixão podia não ter sido tão simplesmente satisfeita de seu desígnio ao nos procurar tivesse sucesso. Mais complacente agora, o único pensamento do homem de Deus, era fugir; depois de ter deixado uma coroa na mesa e reaceso sua lanterna:

"Vocês são duas bobas, vagabundas", disse-nos. "Estão arruinando sua chance neste mundo: Que o Céu vos castigue pela vossa loucura fazendo-vos viver dias maus, e possa eu ter o prazer de vos ver na miséria; minha vingança seria essa, e é isso que vos desejo".

Minha irmã, ocupada limpando seu rosto, retribuiu-lhe sua estupidez em espécie, e, depois de fechada a porta nas costas do Superior, passamos a noite em paz.

"Você viu uma de suas habilidades favoritas", disse minha irmã. "Ele é louco por descarregar no rosto das moças. Se se limitasse a isso... mas o malandro tem muitas outras excentricidades, e algumas são tão perigosas que tenho realmente medo..."

Mas minha irmã estava com sono, adormeceu sem completar a sua frase, e trazendo o amanhã novas aventuras, não pensamos mais naquela.

Levantamo-nos muito cedo; depois de nos enfeitarmos o máximo possível, dirigimo-nos a casa de Madame Guérin. Essa heroína vivia na rua Soli, num apartamento térreo muito bonito que compartilhava com seis moças altas, de dezesseis a vinte e dois anos, todas de esplêndida saúde e muito bonitas. Mas, Senhores, queiram ter a bondade de permitir que adie a sua descrição até surgir, na história, o momento oportuno. Encantada com o projeto que levou minha irmã para uma longa estada, Madame Guérin saudou-nos cordialmente e com o maior prazer nos mostrou nossos quartos.

"Por muito jovem que esta criança pareça", minha irmã disse quando me apresentou, "garanto, que a servirá bem. É calma, cuidadosa, tem um caráter muito bom, e alma de puta consumada. Nos seus conhecimentos deve ter alguns velhos lascivos que gostem de crianças; bem, ela é exatamente o que eles querem ... ponha-a a trabalhar".

Voltando-se para mim, Guérin perguntou se estava disposta a fazer qualquer coisa.

"Sim, Madame", respondi com uma espécie de ar indignado, que lhe agradou, "qualquer coisa, desde que compense".

Fomos apresentadas a nossas novas companheiras, que já conheciam minha irmã muito bem, e por uma questão de amizade por ela prometeram cuidar de mim. Sentamo-nos e jantamos todas juntas, e foi assim, Senhores, em poucas palavras, que me instalei em meu

primeiro bordel.

Não fiquei muito tempo desempregada; nessa mesma noite chegou um velho negociante, embrulhado numa capa; Guérin selecionou-o para meu primeiro cliente e combinara o encontro.

"Ah, desta vez", disse ao velho libertino, fazendo-me avançar, "se gosta delas ainda sem pêlos, Senhor Duclos, ficará encantado com o artigo, ou o seu dinheiro de volta. Nem um cabelo em seu corpo". "Verdade", disse o original velho, olhando para mim, "parece uma criança, realmente. Quantos anos tem, pequenina"?

"Nove, Senhor".

"Nove anos ... Bem, bem! é assim que eu gosto Madame Guérin, é assim que eu gosto, sabe. Até mais novas, se conseguir alguma. Ora, Deus seja louvado, elas estão prontas desde a desmama".

E rindo sinceramente das suas observações, Guérin retirou-se, deixando-nos sozinhos. O velho libertino, então, aproximou-se, e beijou-me na boca duas ou três vezes. Com uma de suas mãos guiando a minha, fez-me retirar de suas calças um pequeno instrumento que não podia ser mais mole; continuando a agir mais ou menos em silêncio, desapertou minha saia, deitou-me no divã, com a blusa levantada até ao peito, montou em cima de minhas coxas, que separara tanto quanto possível; com uma das mãos abriu minha bocetazinha ao mesmo tempo que com a outra pôs todo o seu vigor em manipular sua débil máquina. "Ah, passarinho lindo", disse enquanto se agitava e suspirava de prazer, "ah, como eu te domesticaria se ainda fosse capaz disso, mas não posso mais. Não há remédio para isso, em quatro anos o biltre deste pau deixará de ficar duro. Abre, abre, minha querida, abre as pernas". E finalmente, depois de quinze minutos de luta, observei meu homem suspirar e arquejar com maior energia. Algumas pragas emprestaram vigor a sua expressão, e senti a área em redor de minha boceta inundada da semente quente e espumosa que o malandro, incapaz de disparar para dentro, tentava empurrar com a ponta de seus dedos.

Mal acabara de fazer isso e partiu como um relâmpago, e eu estava ainda limpando-me quando meu galante homem saía para a porta, e descia a rua. E foi assim, Senhores, que passei a chamar-me Duelos; a tradição na casa determinava que cada moça adotasse o nome de seu primeiro cliente. Obedeci ao costume.

"Um momento", disse o Duque. "Demorei a interromper, até você fazer uma pausa; chegou o momento. Gostaria de mais informações sobre dois pontos: primeiro, voltou a ter notícias de sua mãe, conseguiu descobrir o que lhe aconteceu? Segundo, há alguma causa para a antipatia que você e sua irmã tinham por ela, ou acha que esses sentimentos foram naturalmente inculcados em si e na sua irmã? Isto diz respeito ao coração humano, e é nisso que concentramos nossos maiores esforços".

"Meu Senhor", Duelos respondeu, "nem eu nem minha irmã tivemos jamais a menor notícia dessa mulher".

"Excelente", disse o Duque, "nesse caso é tudo muito claro, não acha Durcet"?

"Incontestavelmente", respondeu o banqueiro. "Nem uma sombra de dúvida, e você teve muita sorte em não ter caído nessa. Nenhuma de vocês teria voltado a sair".

"É incrível", comentou Curval, "o progresso que essa mania fez com o público".

"Não acho; afinal das contas não há nada mais delicioso", respondeu o Bispo.

"E o segundo ponto"? perguntou o Duque, dirigindo-se à narradora. "Quanto ao segundo ponto, meu Senhor, isto é, a razão da nossa antipatia, acho difícil explicá-la, mas era tão violenta em nossos dois corações que ambas juramos, provavelmente, e com toda a facilidade, envenená-la se não tivéssemos conseguido, como aconteceu, libertar-nos dela por outros meios. Nossa aversão tinha atingido a máxima intensidade, e como nada de declarado ocorreu que lhe desse origem, é mais do que provável que esse sentimento fosse inspirado em nós pela Natureza".

"Mas onde está a dúvida", disse o Duque. "Todos os dias acontece ela implantar a inclinação mais violenta para se cometer aquilo a que os mortais chamam crimes, e se você a tivesse envenenado vinte vezes, esse ato não teria passado do resultado da inclinação para o crime que a Natureza lhe deu', inclinação para a qual ela deseja chamar a sua atenção dotando-a de uma hostilidade tão poderosa. É loucura supor que se deve alguma coisa à mãe. E portanto, em que baseia essa gratidão, por que motivo se deve ser grato. se a mãe gozou quando alguém a fodeu? Isso é suficiente, sem dúvida. Quanto a mim, só vejo nisso motivo de ódio e zombaria. Dá-nos essa nossa mãe felicidade ao nos dar vida...? .Duvido. Lança-nos num mundo cheio de perigos, e uma vez nele, só nos resta defendermo-nos como pudermos. Recordo-me muito bem de ter, há muito tempo, uma mãe que despertava em mim os mesmos sentimentos que Duelos sentia pela sua: abominava-a. Assim que me foi possível, despachei-a para o outro mundo; oxalá que esteja torrando; nunca senti, em minha vida. um prazer tão apurado como no dia em que ela encerrou os olhos para sempre".

Nessa altura ouviram-se uns soluços pavorosos num dos quartetos. No do Duque; após um cuidadoso exame descobriu-se que a jovem Sophie irrompera em lágrimas. Dotada de um coração diferente do dos vilões, sua conversação trouxera-lhe à mente a lembrança querida daquela que lhe dera a vida e que perecera num esforço para a proteger quando foi seqüestrada; oferecida à sua terna imaginação, essa cruel visão, resultara num mar de lágrimas.

"Ah, por Deus, agora"! disse o Duque," esplêndido. É pela mamãe que está chorando, minha carinha ranhosa? Vem aqui, vem, deixame consolar-te".

E o libertino, aquecido pelo que tinha acontecido, por suas palavras. e pelos efeitos que tinham produzido, exibiu um pau atroador que aparentemente se precipitava para uma descarga. Marie, a duenha do quarteto, empurrou mesmo assim a criança. Suas lágrimas corriam abundantemente por seu rosto, o hábito de noviça que usava parecia emprestar ainda mais encanto à magoa que embelezava a sua expressão: era impossível uma criatura ser mais adorável. "Santo patife", disse o Duque, levantando-se fora de si, "que bonita boca cheia temos aqui. Vou fazer o que Duelos acaba de dizer... espalhar meu sêmen na boceta dela... Dispam-na".

E todos aguardaram silenciosamente o resultado daquela pequena escaramuça.

"Oh! meu Senhor, meu Senhor! exclamou Sophie, lançando-se aos pés do Duque," respeitei pelo menos minha mágoa, choro o destino de minha mãe, queria-lhe muito, morreu defendendo-me, nunca mais a verei. Tende piedade de minhas lágrimas, concedei-me esta noite de resguardo".

"Você é louca": o Duque exclamou, agitando seu pau ameaçador, "nunca julguei que esta cena pudesse ser tão voluptuosa. Fora com a roupa dela, estou dizendo para lhe tirem a roupa", trovejou para Marie. "já devia estar nua".

E Aline, deitada no divã do Duque, derramou lágrimas quentes, o mesmo fazendo Adelaide, que reprimiu um soluço na alcova de Curval; este último, não participando de modo algum da dor daquela adorável criatura. verberou violentamente sua companheira de diversão por ter mudado da posição em que lhe ordenara que ficasse e, isso feito, voltou um olhar apreciador para a deliciosa cena cujo desfecho extremamente lhe interessava.

As roupas de Sophie são retiradas sem a menor consideração por seus sentimentos, é colocada na posição que Duelos descreveu, o Duque anuncia que está prestes a descarregar. Mas como poderá fazer a coisa? Aquilo que Duelos relatou foi executado por um homem virtualmente incapaz de uma ereção, e capaz de dirigir a descarga de seu flácido pau para onde desejava. Tal não era agora o caso; a pavorosa cabeça do engenheiro do Duque não tinha a menor inclinação para baixar o terrível olhar com o qual parecia inclinada a amedrontar o céu; parecia necessário, por assim dizer, colocar a criança em cima. Ninguém sabia o que fazer, e quanto mais obstáculos surgiam,, mais o enraivecido Duque fungava e blasfemava. Desgranges veio finalmente em socorro; nada que pertencesse à libertinagem era desconhecido dessa sábia velha dama. Pegou na criança e colocou-a tão habilidosamente em seus joelhos que, qualquer que fosse a posição adotada pelo Duque, o extremo de seu pau não podia deixar de cutucar sua vagina. Duas criadas surgiram para segurar as pernas de Sophie, e se fosse a hora de seu defloramento, não poderia ter exibido a mercadoria em condições mais favoráveis. Mas havia ainda outra coisa a resolver: era necessária uma mão inteligente para fazer com que a torrente transbordasse suas margens e dirigir a inundação exatamente ao seu destino. Blangis não desejava confiar uma questão tão importante a uma criança inexperiente.

"Chame Julie", sugeriu Durcet, "ela serve; está começando a esfregar o pau como um anjo".

"Bali", resmungou o Duque, "eu conheço essa puta desajeitada. E ela conhece o pai. Não, fica cheia de medo, e estraga tudo".

"Pela minha alma, recomendo um rapaz para esse trabalho", disse Curval; "e Hercule? Seu pulso é um chicote".

"Só quero Duelos", respondeu o Duque, "é a nossa melhor artista, permitam que ela deixe seu posto por um momento ou dois". Duelos desce, rejubilando de orgulho por ter 'merecido uma preferência tão distinta. Enrola a manga até ao cotovelo e agarra o enorme instrumento do nobre cavaleiro, começa a agitar aquela lança, conserva a pele da frente bem puxada para trás, move-a com tamanha arte, agita-a como um êmbolo tão simultânea e perfeitamente ritmado com o estado em que se encontra o seu paciente, que a bomba explode finalmente bem no orifício que pretende cobrir, inundando-o. O Duque guincha, pragueja, explode. Duelos continua imperturbável, avalia seus movimentos pelo grau de prazer que produzem. Antinous, apropriadamente situado para a sua função, delicadamente empurra o esperma para a vagina à medida que escorre da torneira, e o Duque, vencido pelas sensações mais deliciosas, morrendo de prazer, vê ir ficando gradualmente frouxo, entre os dedos de sua instrumentista, aquele membro orgulhoso e vigoroso cujo ardor foi tão poderosamente comunicado ao resto de si próprio. Recosta-se no sofá, Duclos volta para o trono, a criança limpa-se, é consolada, e reúne-se a seu quarteto, e o recital continua, deixando os espectadores convencidos de uma verdade da qual, acredito, já há muito tempo estavam compenetrados: de que a idéia do crime pode sempre incendiar os sentidos e levar-nos à lubricidade.

Fiquei grandemente surpreendida, disse Duelos, retomando o fio de sua narrativa, ao ver



todas as minhas companheiras rindo quando voltei e me perguntarem se me tinha lavado, e dizerem mil coisas que provavam estarem perfeitamente informadas do que acabava de acontecer. Minha surpresa não durou muito tempo; conduzindo-me a um quarto adjacente àquele que geralmente tinham lugar as festas e no qual eu estivera momentos antes trabalhando, minha irmã mostrou-me um orifício que dava para o divã e através do qual era fácil ver tudo que ali se passava. Contou-me que as moças achavam divertido observar o que os homens faziam a suas colegas; eu podia fazer a mesma coisa sempre que quisesse, desde que outra não tivesse chegado primeiro: Não era raro ocorrer, disse-me minha irmã, fazer aquele respeitável orifício parte de mistérios que me seriam revelados mais tarde. A semana não terminou sem que tivesse oportunidade de aproveitar seus conselhos: uma manhã um homem chegou e perguntou por uma moça chamada Rosalie, uma das loiras mais bonitas que se pode imaginar; fiquei curiosa e fui ver o que acontecia. Escondi-me e observei a seguinte cena.

O homem com quem tinha de se defrontar não tinha mais de vinte e seis ou trinta anos. Assim que ela entrou, ele fez sentar num banco muito alto usado especialmente naquela "cerimônia. Depois de sentada, retirou todas as travessas e grampos e todo o caminho até o chão flutuou numa nuvem o soberbo cabelo doirado que adornava a cabeça de Rosaline. Tirou um pente do bolso, penteou o cabelo dela, agarrou-o às mãos cheias, enrolou-o, beijou-o, fazendo acompanhar todos os gestos de palavras de elogio à beleza daquele cabelo pelo qual tinha um interesse tão agudo e exclusivo. Finalmente, de suas calças tirou um pau pequeno e bonito, já bastante duro, e prontamente o enrolou nos cabelos de sua Dulcinéia; depois de bem embrulhado, começou a esfregar sua lança e descarregou, passando ao mesmo tempo seu outro braço em redor do pescoço de Rosalie e aplicando os lábios à sua boca. Libertou-se de seu defunto, e vi o cabelo de minha companheira embotado pelo refulgente sêmen do sedutor; limpou-o, voltou a arrumá-lo, e nossos amantes separaram-se.

Um mês mais tarde, outro veio procurar minha irmã; este personagem, disseram as outras, merecia ser observado, pois tinha uma especialidade muito barroca. Era um homem de cerca de cinquenta anos. Entrou direto, sem quaisquer preâmbulos, sem um carinho, exibiu seu traseiro a minha irmã, que sabia o seu papel na perfeição; manda-a tomar seu lugar na cama, fica de costas para ela, minha irmã agarra-se daquela velha bunda flácida e encarquilhada, introduz seus cinco dedos naquele orifício e começa a torcê-lo, forçá-lo e atormentá-lo com tanta força que a cama geme. Seja como for, sem trazer outras coisas à luz, nosso homem retorce-se, contrai-se, segue os movimentos de minha irmã, empresta-se luxuriosamente àquele pavoroso abuso, exclama que está gozando, goza e afirma que aquele é o maior prazer conhecido. Levou realmente uma surra furiosa, minha irmã está transpirando; mas que coisa branda! que falta de imaginação!

Embora o cavalheiro com quem estive logo após não fosse mais difícil de satisfazer, parecia pelo menos mais voluptuoso e, em minha opinião, sua mania tinha um matiz mais libertino. Era um homem atracado de cerca de quarenta e cinco anos, baixo, forte, mas enérgico e bem disposto. Não conhecendo ninguém com sua predileção, meu primeiro ato, logo que ficamos a sós, foi levantar minha saia até o umbigo: um cão confrontado por um chicote, não poderia ficar mais infeliz: "Meu Deus, querida, nada de boceta, por favor, esconda isso". Assim dizendo, puxou minha saia com mais pressa do que eu a tinha levantado. "Estas putazinhas", murmurou, fazendo uma careta, "só têm bocetas para mostrar". Talvez não consiga uma descarga esta noite por causa desse espetáculo... a não ser que consiga afastar a maldita imagem dessa boceta de minha cabeça". Após o que me voltou de costas e

metodicamente levantou minhas saias por trás. Guiando-me e conservando sempre minhas saias levantadas, fez-me andar de um lado para outro a fim de observar o movimento de minhas nádegas quando caminhava, e fez-me depois aproximar da cama, na qual me mandou deitar de barriga para baixo. Depois, com a mais escrupulosa atenção examinou minha bunda, protegendo seus olhos com uma das mãos para evitar o espetáculo de minha boceta, da qual, ao que parecia, tinha um pavor mortal. Finalmente, depois de me ter advertido de que devia fazer tudo que pudesse para esconder essa parte indigna (emprego a sua expressão) de seus olhos, agarrou minha bunda com ambas as mãos e lascivamente a manipulou por todos os lados: abriu, fechou de novo, apertou e espremeu, aplicando-lhe às vezes a boca, e uma vez ou duas senti até seus lábios no orifício; mas não tocara ainda em si próprio, nada se podia vislumbrar. Não obstante, deve ter sentido alimentarem as pressões ocultas e aprontou-se para' o desenlace de seu pequeno ritual. "Deite-se", ordenou, arremessando algumas almofadas no chão, "sim, ali, isso mesmo, está bem... abra as pernas, a bunda um pouco mais levantada, e o buraco tão aberto quanto possível; vamos, abra mais", continuou, observando minha docilidade. E então, pegando num banco e colocando-o entre minhas pernas, sentou-se de modo que seu pau, que agora retirava de suas calças e começava a vibrar, ficasse por assim dizer ao nível do orifício ao qual estava oferecendo uma libação. Seus movimentos passaram a ser mais rápidos, com uma das mãos masturbava-se e com a outra afastava minhas nádegas, e alguns elogios aduladores temperados com uma quantidade de linguagem rude constituíam a sua fala. "Ah, Todo Poderoso desgraçado, olha, que bunda linda", exclamava, "que burquinho doce, e como o vou encharcar todo". Manteve sua palavra. Senti-me encharcada; seu êxtase pareceu aniquilar o libertino. Ah, como é verdade que as homenagens prestadas neste templo são sempre mais ardentes do que o incenso que se queima no outro; e meu venerador partiu depois de prometer voltar, pois asseverou que eu satisfizera muito bem seus desejos. Voltou realmente no dia seguinte, mas não me foi fiel, sua inconstância levou-o à bunda de minha irmã; observei-os, vi tudo: todos os aspectos do rito foram absolutamente os mesmos, e minha irmã emprestou-se ao mesmo com a mesma boa vontade.

"Sua irmã tinha a bunda bonita"? inquiriu Durcet.

"É fácil concluir, meu Senhor", Duclos respondeu. "Um famoso pintor incumbido de pintar uma Vênus com um traseiro magnífico pediu-lhe no ano seguinte que fosse seu modelo depois de ter, segundo disse, consultado todas as procuradoras de Paris sem ter encontrado coisa igual".

"Está bem, como temos aqui algumas meninas da mesma idade, compare a bunda de sua irmã," continuou o financeiro, "com as bundas que se encontravam no salão".

Os olhos de Duclos pararam em Zelmire, e disse a Durcet que era impossível, não apenas a respeito da bunda, mas até do rosto, encontrar alguém mais parecido com sua irmã.

"Nesse caso", disse Durcet, "Zelmire, venha cá, apresente suas bochechas".

A menina pertencia realmente a seu quarteto; a encantadora criança aproximou-se toda trêmula. Foi colocada aos pés do divã, e mandada deitar de barriga para baixo, seu traseiro foi levantado com almofadas, o pequeno orifício bem à vista. O pau do lascivo começa a subir, e começa a beijar e acariciar o que está debaixo de seu nariz. Ordena a Julie que lhe toque uma punheta, ela começa, suas mãos andam para cá e para lá, agarrando vários objetos, a luxúria aquece seu cérebro, sob o voluptuoso tratamento de Julie seu pequeno pau está prestes a endurecer, o lascivo pragueja, o sêmen corre, e a campainha toca para o jantar.

Como reinava em todas as refeições a mesma profusão, descrever uma é descrever todas; mas como quase todo mundo tinha descarregado, houve uma necessidade geral de recuperação de forças, e portanto, os amigos beberam imenso nessa ceia. Zelmire, a quem apelidaram de irmã de Duclos, foi regalada num grau invulgar nas orgias subseqüentes, e todo mundo teve simplesmente de beijar a sua bunda. O Bispo lá deixou uma poça de sêmen, os outros três voltaram a endurecer com ela, e foram dormir como na noite anterior, isto é, cada um com a esposa que tivera no divã, e com um dos fodedores que não apareciam desde o almoço.

## O TERCEIRO DIA

O Duque estava em pé as nove horas. Foi o primeiro a oferecer-se como voluntário para ajudar nas lições que Duclos ia ministrar às meninas. Instalou-se numa poltrona e durante uma longa hora submeteu-se a várias carícias, masturbações, poluições, e a uma ampla variedade de truques executados por cada uma daquelas criancinhas as quais foram, o tempo todo, guiadas e supervisionadas por sua professora: e como se pode prontamente imaginar, seu temperamento inflamado foi furiosamente despertado pela cerimônia. Foi obrigado a fazer esforços incríveis para preservar seu sêmen de uma perda, mas, mais ou menos se controlando, conseguiu conter-se e voltar para seus amigos em triunfo, jactando-se de ter aguentado um assalto que desafiava 'qualquer um deles a suportar com igual fleuma. Isso provocou apostas consideráveis, as quantias subiram, acabando por ser imposta uma multa de cinquenta luízes a quem descarregasse durante as lições.

Em vez do desjejum e das habituais inspeções, a manhã foi empregada no estabelecimento de um programa para as dezessete orgias planejadas para cada fim de semana, e na fixação definitiva das datas dos defloramentos agora que, depois de conhecerem melhor os súditos do que até então, podiam legislar sobre a matéria. Em virtude desse calendário regular da maneira mais decisiva todas as operações a executar durante a campanha, achamos necessário fornecer uma cópia ao leitor: quer-nos parecer que, depois de o conhecer e de estar familiarizado com os vários destinos dos súditos, poderá ter um interesse maior nas suas pessoas individuais.

## PROGRAMA DOS TRABALHOS A EXECUTAR DURANTE O RESTO DA FESTA

No dia 7 de novembro, quando se encerra a primeira semana, os Senhores procederão, de manhã, ao casamento de Michete e Giton, e esses indivíduos casados, cuja idade proíbe de conjugarem, como sucede também com os três casais seguintes, serão separados na sua noite de núpcias, pois deixá-los juntos seria tão fútil quanto esta ridícula cerimônia que serve apenas para criar diversão durante o dia. Na mesma noite, os castigos acumulados e registrados pelo administrador do mês, serão aplicados.

No dia 14. os Senhores efetuarão do mesmo modo o casamento de Narcisse e Hébé, com as mesmas cláusulas citadas acima.

No dia 21, do mesmo modo, casarão Colombe e Zélamir.

No dia 29. Cupidon e Rosette.

No dia 4 de dezembro. tendo as narrações de Champville preparado o caminho dos

empreendimentos seguintes, o Duque deflorará Fanny.

No dia 5, a mesma Fanny casará com Hyacinthe o qual, na presença da companhia reunida, procurará prazer com sua jovem esposa. Assim será o festival da quinta semana, e os corretivos terão lugar à noite como de hábito, porque os casamentos serão celebrados de manhã.

No dia 8, Curval deflorará Michette.

No dia 11, o Duque deflorará Sophie.

No dia 12, para celebrar o festival da sexta semana, Sophie casará com Céladon, e as cláusulas citadas para o casamento acima mencionado, aplicar-se-ão a este; isso não se repete quanto aos que seguem.

No dia 15, Curval deflorará Hébé.

No dia 18, o Duque deflorará Zelmire, e no dia 19, para celebrar o festival da sétima semana, Adonis casará com Zelmire.

No dia 20, Curval deflorará Colombe.

No dia 25, Dia de Natal, o Duque deflorará Augustine, e no dia 25, para o festival da oitava semana. Zéphyr casará com Augustine.

No dia 29. Curval deflorará Rosette, e todos estes arranjos foram feitos para garantir que Curval, não tão bem dotado de membro como o Duque, seja provido de meninas mais jovens.

No dia 1° de janeiro, primeiro dia do ano e ocasião em que as novas narrações de Martaine devem ter influenciado as imaginações a considerarem novos prazeres, serão inaugurados os defloramentos sodomísticos, os quais serão realizados na ordem seguinte:

No dia 19 de janeiro, o Duque sondará a bunda de Hébé.

No dia 2, em celebração da nona semana, Hébé, cuja profundidade na frente foi medida por Curval, e atrás pelo Duque, será entregue a Hercule, o qual, perante a companhia reunida, a empregará em propósitos a especificar na ocasião.

No dia 14, Curval enrabará Zélamir.

No dia 6, o Duque enrabará Michette; no dia 9, em celebração da décima semana, a referida Michette, que foi deflorada por Curval, e cuja bunda foi experimentada pelo Duque, será entregue a BumCleave, que a poderá aproveitar, etc. etc.

No dia 11, o Bispo sodomizará Cupidon.

No dia 13, Curval sodomizará Zelmire.

No dia 15, o Bispo sodomizará Colombe.

No dia 16, para o festival da décima primeira semana, Colombe, cuja boceta foi deflorada por Curval, a bunda pelo Bispe, será entregue a Antinous, que a aproveitará, etc.

No dia 17, o Duque enrabará Giton.

No dia 19, Curval enrabará Sophie.

No dia 21, o Bispo enrabará Narcisse.

No dia 22, o Duque enrabará Rosette.

No dia 23, para o festival da décima segunda semana. Rosette será entregue a Invictus.

No dia 25, Curval marchará para o traseiro de Augustine. No dia 25, o Bispo entrará no de Fanny.

No dia 30, para o festival da décima terceira semana, o Duque tomará Hercule por marido e Zéphyr por esposa. e o casamento será realizado e consumado perante os alhos de todo mundo. o mesmo sucedendo aos três outros que se seguem.

No dia 6 de fevereiro, para o festival da décima quarta semana, BumCleave tornar-se-á marido de Curval. e Adonis, esposa.

No dia 13 de fevereiro, para o festival da décima - quinta semana. Antinous será feito marido do Bispo, e Céladon. esposa.

No dia 20 de fevereiro, para o festival da décima sexta semana, Invictus casará como marido, com Durcet, e Hyacinthe, como esposa. Quanto ao festival da décima sétima semana, por cair no dia 27 de fevereiro, véspera da conclusão das narrações, será celebrado por sacrifícios para os quais os Senhores reservam in petto a escolha das vítimas.

Estas disposições permitem a obliteração de todas as virgindades em 30 de janeiro, a exceção dos quatro meninos com quem os Senhores casarão como esposas, e a quem estão ansiosos por conservar intactos até o dia dos casamentos, a fim de que seu divertimento dure até o final da festa.

À medida que os objetos forem sendo progressivamente despucelados, tomarão o lugar de esposas nos divãs durante as narrações e, à noite, dormirão com os Senhores, alternadamente, e a sua escolha, juntamente com as últimas quatro bichas que os Senhores tomarão como esposas durante o último mês.

A partir do momento em que uma menina ou um rapaz despucelado tiver substituído a esposa no divã, essa esposa será repudiada. A partir desse momento, ela cairá no descrédito geral, e terá categoria inferior a das criadas.

No que diz respeito a Hébé, de doze anos, Michette. doze anos, Cotombe, treze e Rosette catorze, a medida que fossem sendo entregues aos fodedores e por eles aproveitadas, cairão também em descrédito, só sendo a partir de então usadas em propósitos rigorosos e brutais, terão a mesma categoria das esposas repudiadas, e serão tratadas com o máximo rigor. E a partir de 24 de janeiro todas quatro terão descido ao mesmo nível inferior.

Este programa estabelece que ao Duque cabem nove pucelagens: na boceta, de Fanny, Sophie, Zelmire e Augustine, e na bunda, de Hébé, Michette, Giton, Rosette e Zéphyr.

A Curval cabe a pucelagem da boceta de Michette, Hébé, Colombe, e Rosette, e da bunda, de Zélamir, Zelmir, Sophie, Augustine e Adonis, um total de nove defloramentos.

A Durcet, que não fode mesmo, reserva-se a pucelagem da bunda de Hyacinthe, que, na capacidade de esposa com ele casará.

E ao Bispo, que só gosta de bunda, reserva-se o depucelamento sodomístico de Cupidon, Colombe, Narcisse, Fanny e Céladon. Tendo o dia inteiro sido dedicado a preparação deste programa e ao debate do mesmo, e não se tendo encontrado ninguém em falta, todos se prepararam para a narração cuja hora chegara: assim. todo mundo ocupou o seu lugar, e a ilustre Duelos subiu ao palco. Assim prosseguiu:

Um jovem, cuja mania, embora em minha opinião não muito libertina, é não obstante suficientemente curiosa, apareceu na casa de Madame Guérin pouco depois da aventura de

que falei ontem. Queria sempre uma ama jovem e saudável; chupava as mamas da boa mulher e derramava o seu sêmen nas coxas dela ao mesmo tempo que regurgitava com o seu leite. Seu pau pareceu-me desprezível e fraco, toda a sua pessoa um tanto insignificante, e sua descarga era tão branda quanto sua atuação era benigna.

Outro surgiu no mesmo quarto do dia seguinte; sua mania provará, sem dúvida, mais interessante para os Senhores. Insistia em ter a sua mulher coberta por um lençol, de modo que seu rosto e peito ficassem inteiramente escondidos dele, a única parte de seu corpo que queria ver, e que tinha de ser da mais alta qualidade, era a bunda, tudo o resto nada lhe dizia, e garantiu a Madame Guérin que uni simples relance em qualquer outra parte o irritaria enormemente. Guérin chamou uma mulher de fora: era feia que doía e tinha quase cinqüenta anos, mas suas nádegas pareciam as de Vênus, nunca vi nada tão bonito.

Fiquei ansiosa por espreitar a operação: a velha duenha, bem embrulhada, recebeu logo ordem para se deitar de barriga para baixo na borda da cama. Nosso libertino, um homem de cerca de trinta anos e que me pareceu um cavalheiro distinto. levantou-lhe as saias acima dos quadris, fica estarrecido com o que seus olhos vêem e lisonjeia seus gostos. Toca, abre e afasta aquelas soberbas nádegas. derrama beijos apaixonados nelas, e sua imaginação mais incendiada pelo que supõe, do que por aquilo que realmente veria se descobrisse a mulher e até se ela fosse bonita, sonha que está em transações com a própria Afrodite, ao cabo de breve carreira, seu engenho endurece graças aos trancos e puxões que lhe dá, e derrama uma chuva quente sobre o conjunto da sublime bunda exposta ao seu olhar. Sua descarga foi aguda e impetuosa. Estava sentado de frente para o ídolo adorado: uma de suas mãos abriu-o enquanto a outra o poluía. e gritou dez vezes seguidas:

"Ah. que bunda bonita! Ah, que delícia afogar uma bunda assim em sêmen". Levantou-se depois de terminar, e saiu sem manifestar o mínimo desejo em saber com quem tratara.

Um jovem abade procurou minha irmã pouco tempo depois. Era novo e bonito, mas mal se podia discernir seu pau, tão pequeno e mole que era. Deitou sua companheira ao comprimento no divã, ajoelhou-se entre suas coxas, agarrando suas nádegas com ambas as mãos, esfregando com uma delas o bonito orifício no meio das mesmas. Entretanto. levou sua boca a boceta de minha irmã. Esfregou-lhe o clitóris com a língua, e procedeu tão habilidosamente, tão harmoniosamente sincronizou as duas atividades, que dentro de. três minutos mergulhara-a em delírio: vi a cabeça dela agitar-se, seus olhos começarem a girar, e o patife exclamar: "Ah, meu querido Reverendo Pai, estou morrendo de prazer".

O costume do abade era simplesmente engolir o líquido que sua destreza libertina fazia correr; e isso não deixou então de fazer, arquejando todo, e agitando-se enquanto mergulhava em minha irmã: vi-o cuspir evidência indubitável da sua virilidade no chão. Minha vez chegou no dia seguinte, e creio que posso afirmar: Senhoras, que foi uma das operações mais doces a que já me submeti em toda a minha vida: o patife naquele abade colheu os meus primeiros frutos, e foi na sua boca que lancei meu primeiro sêmen. Mais ansiosa do que minha irmã em lhe dar prazer a troco do que me causara, irrefletidamente agarrei seu pau que ainda pingava, e minha pequena mão respondeu aquilo que sua boca fizera sentir de deleite.

O Duque não conseguiu deixar de interromper neste ponto. Excitado em grau elevado pelas poluições que sofrera naquela mesma manhã, teve a idéia de que aquela espécie de esporte lúbrico executada com a fascinante Augustine, cujos olhos faiscantes e travessos anunciavam o temperamento mais precoce, o aliviaria de uma carga de sêmen que estava atormentando seus testículos de forma pavorosa. A menina fazia parte de seu quarteto,

achava-a bonita, estava destinada a ser deflorada por si, chamou-a. Nessa noite particular tinha um lenço enrolado na cabeça, estava vestida de camponesa, e parecia mais encantadora naquele traje. A duenha levantou-lhe as saias e estabeleceu-a na posição que Duclos representara. Primeiro, o Duque agarrou as nádegas, ajoelhou-se, levou um dedo ao clitóris e titilou a sua borda, preparou o clitóris que essa simpática criança tinha já em crescimento considerável, e chupou-o. As pessoas do Languedoque são fogosas, dizem, e Augustine provou que é verdade; o fogo subiu-lhe aos bonitos olhos, suspirou e arquejou e gemeu, suas coxas levantavam-se mecanicamente, e o Duque ficou satisfeito ao engolir um esguicho de sêmen jovem que em toda a probabilidade corria pela primeira vez. Mas a alegria raras vezes é sucedida pela alegria. Há libertinos tão endurecidos pelo vício que quanto mais simples, delicadas e banais as coisas que fazem, menos efeito têm em suas mentes execráveis. A esse número pertencia o nosso querido Duque, engoliu o delicioso esperma da criança sem que o seu se dignasse correr; todos os presentes observavam a chegada do momento em que, porque não há ninguém mais ilógico do que os libertinos, dizia eu, em que atribuiria a culpa de sua falta de reação à pobre menina sua vítima que, toda trêmula por ter cedido a natureza, escondia seu rosto com as mãos e lutava por se libertar e voltar ao seu lugar.

"Traga-m outra", ameaçou o Duque, deitando um olhar furioso a Augustine, "chupo todas elas, se isso for preciso para perder meu sêmen".

Zelmire, a segunda garota de seu quarteto, foi levada a sua presença, pois pertencia também ao patrimônio do Duque. Embora da mesma idade de Augustine, a dor de seu sofrimento roubara-lhe o poder de saborear um prazer que, quem sabe, se não fosse isso, a Natureza podia ter permitido que usufruísse. Saias levantadas, duas pequenas coxas mais brancas do que alabastro, um pequenino monte de veneração surgiu, almofadado por uma base peluda que começava a aparecer. É ajustada, obrigada a ceder, obedece automaticamente, mas suor, esforço, e o ávido chupar, nada fazem acontecer ao Duque. Quinze minutos disso e já se levanta numa fúria, e precipitando-se para seu aposento anexo, com Hercule e Narcisse, exclama:

"Ah, bolas", rosna. "Vejo agora, claramente, que essa caça não me interessa" — é as duas meninas que faz alusão — "mas com esta é outra coisa".

Não se sabe a que excessos se entregou, mas mal passara um instante, e os gritos e berros declararam que ganhara o dia, e provado que os rapazes são sempre implementos muito mais certos na descarga do que as mais adoráveis moças. Entretanto, o Bispo encerra-se do mesmo modo com Giton, Zélamir e Invictus, e os gritos que acompanharam sua descarga, chocando os ouvidos da assembléia, acalmaram os dois irmãos, os quais recorreram provavelmente a expedientes semelhantes, permitindo que se preparassem para ouvir o resto da história que nossa heroína retomou nestes termos:

"Passaram-se cerca de dois anos sem que alguém de interesse surgisse na casa de Madame Guérin; os cavalheiros que freqüentavam a casa, tinham gostos comuns demais para merecerem descrição, ou então tinham gostos análogos aos que descrevi; e então, um dia, recebi ordens para me preparar, e acima de tudo para lavar muito bem minha boca. Um homem forte, de cerca de cinqüenta anos, estava ao lado da dona da casa.

"Aqui está", disse Madame. "Tem apenas doze anos, Senhor, tão limpa e arrumada como se tivesse acabado de sair da barriga da mãe, e pode acreditar em mim".

O cliente inspeciona-me, faz-me abrir . a boca, examina meus dentes, cheira meu hálito

e, satisfeito, evidentemente, por achar tudo em ordem, vai comigo para o santuário destinado ao prazer. Sentamo-nos de frente e muito perto um do outro. Ninguém podia ser mais solene nem mais fleumático do que meu galã. Olha friamente para mim, estuda-me com os olhos semi-cerrados, não faço a menor idéia onde tudo aquilo me levará, e interrompendo finalmente seu silêncio, manda-me acumular uma boca cheia de saliva. Obedeço, e assim que calcula que minha boca deve estar cheia, lança-se a meu pescoço, coloca apaixonadamente suas mãos em redor de minha cabeça, imobilizando-a. e colocando seus lábios aos meus, bombeia, chupa. engole avidamente todo o liquido fascinante que reuni, e que parece suficiente para o por num êxtase esmagador. Chupa minha língua para dentro de sua boca com igual furor, e quando percebe que está seca. e sente que minha boca está vazia, manda-me repetir a operação. Reitera a dele, depois sou eu, depois é ele e assim umas oito ou dez vezes.

Chupou minha saliva com uma avidez tão furiosa que arrasou meu peito e pulmões. Pensei que finalmente algumas centelhas de prazer fossem coroar seus transportes: estava enganada. Sua apatia, da qual emergiu apenas durante curtos instantes de sua intensa chupação, envolvia-o de novo assim que me esvaziara, e quando finalmente lhe disse que não agüentava mais, começou a olhar-me a distância, fitando-me como no princípio, depois levantou-se, e sem uma palavra, pagou a Guérin, e saiu.

"Ah, coisa boa"! exclamou Curval, "sou mais feliz do que ele, porque estou gozando".

Todos ergueram a cabeça, e todos viram o querido Presidente fazer a Julie, sua esposa, a quem naquele dia tinha por companheira de divã, a mesma coisa que Duelos acabara de relatar. Era geralmente sabido que aquela paixão agradava admiravelmente a seus sentidos; Julie proporcionava-lhe enorme prazer daquela maneira, Duelos, não tivera igual sorte com o seu galã. Mas foi certamente falta dele; não conseguindo apreciar o que certas bocas, em certas condições, podem oferecer, nada conseguiu da de Duelos, enquanto o Presidente obtinha satisfação da de Julie.

Um mês depois, disse Duelos, que fora convidada a continuar, tive um negócio com um chupador que me assaltou por assim dizer na mesma fortaleza, mas de um ângulo inteiramente diferente. Este último era um idoso abade que, depois de ter previamente beijado e acariciado minha bunda durante mais de meia hora, introduziu sua língua no seu orifício, fê-la penetrar bem fundo, dardejando a esquerda e direita, voltando para um lado e para outro, tudo com uma arte tão surpreendente que pensei senti-la nas profundezas de minhas entranhas. Mas este meu abade, muito menos fleumático, ao mesmo tempo que usava uma das mãos para afastar minhas nádegas, usava a outra para se masturbar muito voluptuosamente, e ao descarregar puxou meu ânus para seu rosto com tal violência e lambeu-o tão lubricamente que meu êxtase coincidiu com o seu. Depois de terminar, passou outro momento examinando minhas nádegas, fitando o orifício que acabava de alargar, e não pode deixar de lhe colar uma última vez seus lábios; depois saiu precipitadamente. garantindo-me que voltaria freqüentemente, por ter ficado muito satisfeito com minha bunda. Manteve sua promessa, e durante seis meses veio visitar-me duas a três vezes por semana, as vezes quatro, executando regularmente a mesma operação à qual fiquei tão acostumada, que, cada vez que executava seu projeto, eu quase morria de prazer — um aspecto do rito que pouco o parecia preocupar, porque, pelo que me foi possível observar, não tinha inclinação para verificar se meu trabalho me agradava; isso não parecia interessá-lo. E na realidade, quem sabe? Os homens são realmente extraordinários; se ele soubesse, talvez meu prazer lhe desagradasse".

E agora Durcet, a quem a história inflamara, a semelhança do velho padre, queria chupar



uma bunda ou outra, mas não queria de menina. Chamou Hyacinthe, que de todos, lhe agradava mais. Instalou o rapazinho, beijou-lhe a bunda, esfregou-lhe o pequeno pau e chupou-o. Pelo tremor nervoso de seu corpo, pelo espasmo que geralmente anunciava a sua desgraça, pensou-se que a perniciosa pequena anchova que Aline bombeava para baixo e para cima, o melhor que podia, iria finalmente despejar sua semente, mas não, o financista era avarento quando se tratava de se separar de seu sêmen, simplesmente não podia, ou não queria, endurecer. Ocorre a todos a substituição do objeto, e Céladon substitui Hyacinthe, mas de nada valeu, nem o mínimo progresso se nota. O toque oportuno da campainha anunciando a ceia, salva a honra do banqueiro.

"Ora", disse, rindo com seus confrades, "não tive culpa, vocês viram que eu estava quase a triunfar; essa maldita ceia atrasou um pouco. Bem, por Deus, vamos dar uma volta pela mesa, voltarei ainda mais ardente para o torneio de Cupido depois de ter sido coroado por Baco".

A refeição da noite foi igualmente succulenta e jovial, bem. lúbrica como sempre, e foi seguida de orgias no curso das quais se perpetrou uma abundância de infâmiazinhas. Muitas bocas e bundas foram chupadas, mas uma das brincadeiras mais curiosas foi um jogo em que se escondia o rosto e o peito de cada menina, e apostavam na sua identificação a base do estudo de sua bunda. O Duque enganouse algumas vezes, mas os outros não, porque estavam por demais acostumados ao uso dessas regiões. Os amigos recolheram-se para a noite, e a manhã trouxe mais e novos prazeres, e algumas reflexões.

## O QUARTO DIA

Desejando veementemente distinguir imediatamente qual dos jovens, dos dois sexos deveria, num sentido depucelatório pertencer a cada um. os amigos decidiram fazer com que usassem, independentemente do traje e, no extremo oposto, quando despídos, uma fita no cabelo que indicasse a quem pertencia a criança individual. Foram assim escolhidas as cores: O Duque adotou o corde-rosa e verde: quem usasse uma fita verde na frente seria sua propriedade na boceta; de modo semelhante, quem usasse uma fita verde atrás, seria seu na bunda. E assim Fanny, Zelmire, Sophie e Augustine logo afixaram uma fita cor-de-rosa em um dos lados de seu penteado; Rosette, Hébé, Michette, Giton e Zéphyr prenderam um favor verde a seu cabelo de modo a cair para a nuca, atestando assim os direitos do Duque a suas bundas.

Curval escolheu preto para a frente, amarelo para trás; assim, Michette, Hébé, Colombe e Rosette passaram a usar constantemente uma fita preta a frente; Sophie, Zelmire, Augustine, Zelamir e Adonis pregaram uma fita amarela por cima da nuca.

Durcet identificou seu Hyacinthe com uma fita lilás caída para trás, e o Bispo, que detinha o título de cinco bundas para deflorar sodomisticamente, ordenou que Cupidon, Narcisse, Céladon, Colombe e Fanny usassem uma fita violeta atrás.

Essas fitas não poderiam ser, nunca, independentemente da postura do súdito, negligenciadas ou usadas impropriamente, e foi assim, através desse simples arranjo, que os amigos podiam dizer sempre, num relance, aquilo que lhes pertencia, e como.

Curval, que passara a noite com Constance, tinha amargos queixumes a fazer dela de manhã. Não se sabe com clareza a verdadeira razão da confusão, nem tampouco precisamente em que esta consistia; tão é necessário para desagradar a um libertino. Mas a

coisa fora mais do que suficiente para a fazer inscrever na lista dos castigos de sábado, e ele estava fazendo as acusações quando a adorável criatura declarou que estava grávida; Curval, além de marido o único homem de quem era possível suspeitar como agente do negócio, não tivera encontro carnal com ela a não ser no início da festa, isto é, quatro dias antes. Os nossos libertinos ficaram contentes com as novidades, vendo no evento grande possibilidade de delícias clandestinas, e o Duque exultou com esse golpe de fortuna. De qualquer maneira, a declaração valeu-lhe isenção do castigo que de outro modo teria de sofrer por ter desagradado a Curval.

Seria poupada: os libertinos preferiam deixar os frutos na árvore a amadurecer, uma mulher grávida divertia-os, e o que se prometiam a si próprios, para mais tarde, encantava ainda mais lascivamente suas pérfidas imaginações. Constante foi dispensada dos serviços à mesa, de castigos e de outras tarefas a realização das quais o seu estado não mais tornava voluptuoso de observar, mas era ainda obrigada a comparecer nos divãs, e até ordem em contrário, a compartilhar a cama de quem a quisesse escolher para a noite.

Foi Durcet quem, nessa manhã, contribuiu com sua presença para os exercícios de poluição, e como seu pau era extraordinariamente pequeno, deu as crianças um problema maior do que aquele que a maciça construção do Duque suscitara. Contudo, empenharam-se atentamente no trabalho. Mas o pequeno banqueiro, que fizera papel de mulher durante a noite inteira, não podia suportar o de homem. Estava inflexível, intratável, e a habilidade daquelas oito encantadoras alunas combinada a de sua talentosa professora não conseguiu, depois de tudo terminado, chegar mesmo a fazer levantar o seu nariz. Deixou a sala de aula em triunfo, e como a impotência sempre provoca essa espécie de disposição a que o idioma da libertinagem chama de provocante, suas inspeções foram espantosamente severas. Rosette, nas meninas, e Zélamir nos rapazes, foram as vítimas desse rigor: uma não estava como lhe tinham ordenado — este enigma será explicado mais tarde — o outro, infelizmente, tinha-se desfeito do que lhe tinham ordenado que conservasse.

Os presentes as latrinas públicas totalizaram apenas sete: Duelos, Marie, Aline e Fanny, dois fodedores de segunda classe e Giton. Curval, que fez um considerável esforço de endurecimento durante o dia, ficou exaltadíssimo com Duclos. O jantar, durante o qual sua conduta e comentários foram realmente muito libertinos, não o acalmou nem um pouco, e o café servido por Colombe, Sophie, Zéphyr e seu querido amigo Adonis, incendiou sua cabeça. Pos as mãos nesse mesmo Adonis, derrubou-o num sofá, e ao mesmo tempo que rogava uma porção de pragas, enfiou seu enorme membro entre as coxas do rapazinho (abordando-o por trás) e como essa ferramenta descomunal saía uns bons quinze centímetros do outro lado, ordenou vigorosamente a Adonis que bombeasse o que sobrava, e ele próprio passou a fazer o mesmo ao rapaz por cima do pedaço de carne no qual Adonis estava escarranchado. Ao mesmo tempo, apresentava a assembléia uma bunda tão imunda quanto aberta, cujo orifício impuro começou a exercer uma potente atração no Duque. Vendo aquela bunda ao alcance, dirigiu seu pau vivaz para o buraco, continuando ao mesmo tempo a chupar a boca de Zépnyr, operação que começara antes da nova idéia lhe ter ocorrido.

Curval, que não esperava semelhante ataque, emitiu peãs blasfêmias de alegria. Dançou com deleite, abriu-se ainda mais, retesou-se; no mesmo instante o sêmen jovem e fresco do encantador rapaz a quem masturbava começou a pingar na enorme cabeça de seu próprio perturbado instrumento. Esse sêmen quente que sente molhá-lo, os reiterados golpes do Duque que começa também a descarregar, tudo isso apressa sua alma de guerreiro, a arma é

aprontada, o canhão explode, torrentes de sêmen espumoso inundam a bunda de Durcet porque o banqueiro se pôs prontamente ao alcance, para que, segundo disse, nada se perdesse, e as gordas nádegas brancas de Durcet são submersas num licor encantador que de longe teria preferido como lavagem de seus intestinos.

Tampouco o Bispo estava parado; chupava um atrás do outro, até ao âmago, os divinos ânus de Colombe e Sophie. Mas sem dúvida fatigado pelos exercícios, não manifestava uma centelha de vida, e a semelhança dos outros libertinos tornados injustos pelo capricho e desgosto, invectivava furiosamente essas duas deliciosas crianças, responsabilizando-as pelas duas faltas bem merecidas de sua debilitada armadura. Os Senhores dormiram alguns minutos; depois são horas de ouvir o relato, e se preparam para ouvir o amável Duclos, que assim recomeça a sua narração:

"Por essa altura ocorreram algumas mudanças na casa de Madame Guérin, disse a nossa heroína. Duas moças muito bonitas tinham conhecido uns idiotas que resolveram ansiosamente fazê-las teúdas e manteúdas e a quem elas enganavam da mesma maneira que todas nós. Para preencher as vagas nas fileiras, nossa querida mãe pôs-se em campo e fixou seus olhos na filha de um taberneiro da rua SaintDenis, de treze anos de idade, e uma das criaturas mais atraentes do mundo inteiro. Mas a mocinha, tão bem educada quanto piedosa, resistia com sucesso a todos os engodos quando Madame Guérin, tendo um dia empregado o estratagema mais hábil para atrair a sua casa, imediatamente a pôs nas mãos da invulgar pessoa que me proponho descrever a seguir. Era um eclesiástico de cinqüenta e cinco ou cinqüenta e seis anos, mas tão jovem e vigoroso que não aparentava mais de quarenta. Não há na Europa homem mais talentoso em levar meninas ao vício, e como isso era sua única arte, desenvolvida até um grau sublime, transformara-a em seu único prazer. Seu inteiro deleite carnal consistia em extirpar os preconceitos infantis e os terrores não naturais, em cultivar o desprezo como virtude, em pintar o vício nas cores mais estonteantes. Nada omitia: imagens sedutoras, promessas lisonjeiras, exemplos deliciosos, a tudo recorria, tudo era brilhantemente manipulado, sua arte impecavelmente sintonizada com a idade da criança e o seu estado de espírito, e nunca errava o alvo. Com duas horas de conversa, fazia seguramente uma prostituta da menina mais bem educada e mais razoável de Paris; há trinta anos que se dedicava a esse esforço missionário na capital, e uma vez garantira a Madame Guérin, que se contava entre seus melhores amigos, que tinha a seu crédito mais de dez mil meninas a quem pessoalmente seduzira e mergulhara na libertinagem. Prestava serviços semelhantes a pelo menos quinze procuradoras, e quando não estava enfrentando um problema particular a pedido de outrem, estava ocupado fazendo pesquisas por conta própria e para seu próprio prazer profissional, corrompendo energicamente quem surgisse em seu caminho, e despachando depois suas vítimas para as suas clientes empresárias. Agora, a coisa mais extraordinária e que me obriga, Senhoras, a citar o exemplo deste indivíduo invulgar, é que ele nunca gozava o fruto de seus labores. Encerrava-se a sós com a criança, mas, a despeito de sua vasta compreensão, da agilidade de sua mente, de sua eloqüente persuasão, costumava sair sempre da conferência grandemente inflamado. Percebia-se que, sem sombra de dúvida, a operação irritava seus sentidos, mas era impossível descobrir quando ou onde os satisfazia. O mais apertado escrutínio nada revelava além de um brilho prodigioso em seu olhar, pois assim que concluía seus discursos, fazia alguns movimentos de contração com as mãos na frente de suas calças, dentro das quais se podia dizer que havia uma ereção definida, produzida pelo diabólico trabalho a que se dedicava; mas não passava disso.

Chegou na casa, foi-lhe concedida uma entrevista privada com a jovem criada, eu

observei os trabalhos: a consulta foi prolongada, a linguagem do setor era espantosamente patética, a criança chorou, aqueceu, parecia entrar em acessos entusiásticos; foi nesse momento que os olhos do orador mais se inflamaram, e foi nesse momento que observamos os movimentos na frente de suas calças. Pouco tempo depois levantou-se, a criança estendeu seus braços como se o quisesse abraçar, beijou-a de maneira grave e paternal, sem o menor vestígio de lascívia. Partiu, e três horas mais tarde a garotinha chegava com sua bagagem a casa de Madame Guérin.

"E o homem"? perguntou o Duque.

"Desapareceu assim que terminou seu sermão", respondeu Duolos. "Sem voltar para ver o resultado de seu trabalho"?

"Não meu Senhor, não tinha dúvidas a esse respeito. Nunca fracassara".

"Ora aí está um personagem extraordinário", admitiu Curval. "Que acha Vossa Graça disso"?

"Suspeito", respondeu o Duque, "que a sedução proporcionava todo o calor necessário e que ele descarregava dentro das calças".

"Não", interrompeu o Bispo "acho que estão subestimando o homem: tudo isso era simplesmente uma espécie de preparação para seus deboches, e depois de sair, aposto que ele ia consumir outros maiores".

"Majores"? exclamou Durcet. "E que deleite mais encantador, mais voluptuoso pode haver do que usufruir do objeto que se cria"?

"Já sei"! falou o Duque, "atrevo-me a dizer, que já descobri: tudo isso, exatamente como dizem, era meramente preparatório em caráter, a corrupção de meninas aquecia sua imaginação, depois ele ia mergulhar sua ferramenta em rapazes... Aposto que era enrabador, sim, é claro".

Perguntaram a Duolos se ela tinha alguma evidência em apoio dessa conjectura, e se o reverendo seduzia ou não meninos? Nossa narradora respondeu que não tinha provas da coisa, e a despeito da alegação extremamente provável do Duque, todos continuaram mais ou menos em suspenso quanto ao caráter do estranho pregador; depois de ter sido unanimemente acordado que a mania era verdadeiramente deliciosa, mas que era necessário consumir a obra ou fazer pior mais tarde, Duolos prosseguiu na sua história:

No dia seguinte ao da chegada de nossa jovem noviça, que se chamava Henriette, apareceu no estabelecimento um velho lúbrico excêntrico que nos pôs ambas, Henriette e eu, a trabalhar ao mesmo tempo. Este último libertino só tinha prazer observando através de um buraco as atividades voluptuosas que transpiravam num quarto contíguo, adorava espí-las, achava assim, no prazer dos outros, o alimento divino de sua própria lubricidade. Instalou-se no quarto que mencionei, o mesmo em que eu e minhas companheiras muitas vezes nos divertíamos observando os libertinos em ação. Foi-me confiada a missão de o divertir enquanto espiava pelo buraco na parede, e a jovem Henriette entrou na arena juntamente com o chupador de bunda que descrevi ontem. A gerência considerava as voluptuosas excentricidades desse patife exatamente a espécie de espetáculo que meu observador adorava, e a fim de despertar melhor o ator, e para que ele tornasse a cena ainda mais lasciva e agradável aos olhos, foilhe dito que se tratava de uma noviça e que o seu debut seria com ele. O ar de modéstia e infantil da criadinha de taberna rapidamente o convenceram disso; e

por isso estava tão quente e lascivo em suas malignas habilidades como era possível; nada podia estar mais longe de seu espírito do que o poder estar sendo observado. Quanto a meu velho janota, seu olho colado no buraco, uma das mãos em minha bunda, a outra no seu pau, que gentilmente agitava, parecia conservar o progresso de seu êxtase a par daquele que observava. "Ah, que espetáculo!" disse repetidas vezes: "que bunda linda tem a garota, e como ele sabe chupá-la". Finalmente, depois da descarga do amante de Henriette, o meu pegou-me nos seus braços e, depois de me beijar por um momento, fez-me voltar, acariciou, beijou, lascivamente lambeu meu traseiro, e derramou a evidência de sua virilidade em minhas bochechas.

"Enquanto se masturbava"? perguntou o Duque.

"Sim, meu Senhor", respondeu Duelos, "e masturbando um pau cuja incrível pequenez, garanto, não vale o incômodo da descrição".

O cavalheiro que se seguiu em minha lista, Duclos continuou, não merecia talvez ser incluído em meu relato, se não fosse um elemento, um elemento bastante vulgar, posso afirmar, que distinguia seus prazeres aliás rotineiros, e essa pequena circunstancia ilustra até que ponto a libertinagem é capaz de degradar todos os sentimentos do homem de modéstia, virtude e decoro. Essa pessoa não desejava ver; desejava ser vista. Sabendo que há homens cujo capricho é observarem os outros na obtenção do prazer, fez com que Guérin descobrisse um homem assim, o escondesse, e disse que ia representar um drama para esse homem. Guérin mandou imediatamente procurar o homem que eu distraíra dias antes através da divisão, e sem lhe dizer que o executante que ele ia ver sabia que seria observado — isso teria interferido na realização de suas paixões — fê-lo acreditar que ia observar um mistério realmente muito arcano.

O inspetor e minha irmã foram colocados no quarto com o buraco, o ator e eu fomos para o aposento contíguo. Era um homem de cerca de vinte e oito anos, bonito e forte. Informado da localização do buraco, discretamente colocou-se numa posição em que melhor podia ser observado, e fêz-me tomar lugar a seu lado. Masturbei-o. Assim que seu pau adquiriu uma boa curvatura, levantou-se, exibiu sua ferramenta ao inspetor, voltou-se, mostrou sua bunda, levantou minha saia e mostrou a minha, ajoelhou-se na minha frente, esfregou a ponta de seu nariz em meu anus, afastou minhas nádegas, exibindo tudo com tanto cuidado e com deleite, e descarregou masturbando-se, segurando sempre minha saia e mantendo minha bunda bem na frente do buraco do observador, de tal maneira que quem estivesse do outro lado da parede via simultaneamente, naquele momento decisivo, minha bunda e o dispositivo irado de meu amante. Se este estava no sétimo céu, Deus sabe o que estava acontecendo no quarto do lado; minha irmã contou-me mais tarde que tivera um louco atrás de si, que jurou nunca ter gozado tanto, e depois disso, suas nádegas foram lavadas por uma torrente não menos impetuosa do que aquela que encharcara as minhas.

"Se o seu homem tinha realmente um bom pau e uma bunda bonita", opinou Durcet, "a situação justificava plenamente uma generosa descarga".

"Deve ter sido delicioso", acrescentou Duelos, "porque seu engenho era muito longo, bastante grosso, e sua bunda tão macia e doce, rechonchuda e atraentemente formada como a do deus do amor". "Você afastou as nádegas do homem"? inquiriu o Bispo. "Você mostrou o respiradouro dele ao inspetor"?

"Sim, meu Senhor", disse Duclos, "ele mostrou o meu, eu mostrei o dele, apresentou-o

com incomparável sugestão".

"Já fui testemunha de uma dúzia dessas cenas", Durcet anunciou, "que me custaram uma fortuna em sêmen; não há coisa mais deliciosa de ver ou fazer. Refiro-me a ambas: porque é igualmente agradável observar alguém ou querer ser observado".

Outro indivíduo, com aproximadamente os mesmos gostos, Duclos continuou, levou-me às Tulherias uns meses mais tarde. Queria que eu abordasse homens e os masturbasse a quinze centímetros de sua cara, enquanto se escondia atrás de cadeiras dobradiças; e depois de eu ter masturbado sete ou oito, instalou-se num banco de um dos caminhos mais freqüentados, levantou minha saia por trás, e exibiu minha bunda a todo mundo, pôs seu pau no ar e mandou-me masturbá-lo à vista de metade de Paris, o que, mesmo sendo de noite, provocou um escândalo tão grande que na altura em que o mais cinicamente soltou seu sêmen, havia mais de dez pessoas a nossa volta, e fomos obrigados a fugir a fim de evitar a vergonha pública.

Quando relatei esta aventura a Guérin, ela riu aprovadamente e disse que conhecera uma vez um homem em Lyon (onde as caftinas iniciam suas atividades cedo na vida), um homem, dizia eu, cuja mania era certamente vulgar. Disfarçava-se de mercúrio público, ele próprio em busca de visitantes para se divertirem com as duas moças a quem pagava e mantinha exclusivamente com esse propósito, e depois escondia-se num canto para observar seus clientes em ação: a moça, cuja renda dependia de sua habilidade nesses momentos, guiava o libertino que tinha em seus braços e dava infalivelmente a seu patrão uma visão completa de seu pau e de sua bunda, o que para ele constituía o prazer que estava de acordo com o paladar de nossa falsa caftina, aquele que conseguia soltar seu sêmen".

Duclos, tendo terminado seu recital mais cedo nessa noite, foi o tempo que faltava para a hora da ceia dedicado a algumas lubricidades requintadas, e como o exemplo do cínico incendiara seus atrevidos cérebros, os amigos não se isolaram em seus camarins, mas divertiram-se bem a vista uns dos outros. O Duque mandou Duclos tirar suas roupas, fê-la inclinar-se e apoiar-se nas costas de uma cadeira, e ordenou a Desgranges que o masturbasse nas nádegas da camarada, de tal maneira que a cabeça de seu pau roçasse no orifício de Duclos a cada bombada. A isso acrescentou-se um certo número de outros episódios cuja apresentação apropriada de nosso material nos proíbe de revelar nesta fase; mas o fato subsiste, o respiradouro inferior de nossa cronista ficou completamente encharcado e o Duque, lindamente servido e inteiramente cercado descarregou acompanhado de seus berros e blasfêmias que indicavam a que ponto sua mente fora estimulada. Curval fez-se enrubar, o Bispo e Durcet, por seu lado, fizeram coisas realmente estranhas com ambos os sexos; depois servida a ceia.

Depois do ágape, realizou-se um baile: os dezesseis jovens, os quatro fodedores e as quatro esposas executaram três quadrilhas, mas todos os participantes do baile estavam nus, e nossos devassos, reclinados indolentemente em sofás, divertiram-se deliciosamente com todas as diferentes belezas que uma atrás da outra lhes eram oferecidas pelas diversas atitudes que os dançarinos eram obrigados a assumir. Os Senhores tinham as narradoras a seu lado, e essas damas manuseavam-nos mais depressa ou mais devagar, segundo o prazer que experimentavam; mas, um tanto fatigados pelos devaneios do dia, ninguém descarregou, e foram todos para a cama adquirir a resistência necessária a todas as novas infâmias do dia seguinte.

# O QUINTO DIA

Nessa manhã era dever de Curval emprestar sua presença na academia de masturbação, e como as meninas começavam a fazer progressos palpáveis, só com dificuldade resistiu aos embates e movimentos e a variada mas universalmente lúbrica postura dessas oito encantadoras virgens. Desejando conservar sua arma carregada, retirou-se sem a disparar, foi anunciado o almoço, e a mesa, os amigos decretaram que os quatro apaixonados dos Senhores, a saber: Zéphyr, favorito do Duque; Adonis, amado de Curval; Hyacinthe, amigo de Durcet e Céladon, com quem o Bispo estava comprometido, seriam, a partir de então, admitidos a todas as refeições, jantariam ao lado de seus amantes em cujos aposentos deveriam igualmente dormir, favor que compartilhariam com os fodedores e as esposas; o que eliminou uma cerimônia normalmente representada, pois como o leitor se recorda, todas as manhãs, os quatro fodedores de folga iam buscar os quatro rapazinhos. Deviam a partir de então vir sozinhos, e quando os Senhores fossem aos aposentos dos meninos, passariam a ser recebidos, de acordo com os regulamentos, apenas pelos restantes quatro.

O Duque, que nos últimos dois ou três dias andava de amores com Duelos, cuja bunda achava soberba e a língua agradável, determinou que ela também dormisse no seu quarto, e uma vez estabelecido o prece-dente, Curval resolveu levar Fanchon, por quem estava apaixonadamente animado, para o seu. Os outros dois decidiram esperar um pouco mais, antes de resolverem quem iria ocupar esse quarto posto de distinção em seus aposentos.

Foi igualmente resolvido, nessa manhã, que os quatro jovens amantes que acabavam de ser escolhidos se vestiriam habitualmente, sempre que não fossem obrigados a usar roupas de fantasia, como quando formavam os quartetos, se vestiriam, dizia eu, com as roupas e nos estilos que vou descrever: uma pequena jaqueta, justa ao corpo, de tecido leve, de corte semelhante a um uniforme prussiano com uma abertura nas costas, mas muito mais curta, mal chegando a meio da coxa; esta jaqueta, como todos os uniformes abotoada no peito e no respiradouro, era de cetim cor-de-rosa forrado de tafetá branco, punhos e ornamentos brancos, e por baixo deviam usar uma espécie de colete também de cetim branco, e calções iguais; mas os calções tinham atrás uma janela em forma de coração, de abrir e fechar, sob a qual se pudesse introduzir a mão e apalpar a bunda sem a menor dificuldade; a janela conservava-se fechada mediante uma fita amarrada num grande laço, e quando se desejasse que a criança ficasse completamente exposta nessa parte, só era necessário desfazer o laço, que era da cor selecionada pelo amigo a quem a pucelagem pertencia. O cabelo, descuidadamente arrumado, deveria estar totalmente solto atrás, e seria simplesmente amarrado por uma fita da cor apropriada. Seus penteados seriam coloridos com um pó fortemente perfumado, entre cinzento e cor-de-rosa, e as sobrancelhas deviam ser cuidadosamente arrancadas e enfatizadas com lápis preto, um leve toque de rouge aplicado nas faces, tudo isto realmente realçava sua beleza natural; suas cabeças nunca estariam cobertas, suas pernas sempre cobertas por meias de seda preta brocadas em rosa, e agradavelmente calçados com chinelos cinzentos presos por um laço cor-de-rosa. Um plastrão de gaze creme, muito voluptuosamente colocado, combinava muito bem com um franzido de renda; quando os quatro estivessem assim vestidos, pode ter-se certeza de que nada no mundo era tão encantador de olhar, como esses quatro rapazinhos.

No momento em que lhes foram concedidos seus novos privilégios, outros foram abolidos: todas as permissões, da espécie que às vezes lhes era concedida de manhã, eram agora absolutamente recusadas, mas passavam a ter sobre as esposas todos os direitos de

que os fodedores usufruíam; podiam maltratar as mulheres como lhes apetece e não só na hora das refeições, não, mas a qualquer hora do dia, sempre que quisessem, e podiam contar com uma certa simpatia para o seu lado na hipótese de disputa com as esposas.

Resolvidas estas questões, foram conduzidas as inspeções usuais; a adorável Fanny, a quem Curval dera ordens para permanecer num estado assim e assado, foi apanhada no estado contrário (na continuação elucidaremos este ponto obscuro) : seu nome foi inscrito na folha de castigos. Entre os jovens cavalheiros, Giton fez aquilo que fora proibido de fazer; nome na lista. Depois de completadas as funções na capela, por parte dos muito poucos súditos que ali se encontravam para as executar, os amigos foram jantar.

Foi a primeira refeição em que os quatro amantes se reuniram aos amigos na mesa. Tomaram seus lugares, cada um sentando-se a direita do amigo que o adotara, estando o fodedor favorito do amigo sentado à esquerda. Estes quatro convivas adicionais emprestaram um encanto maior à refeição; todos quatro foram muito gentis, muito doces, e estavam começando a se acomodarem muito bem ao tom geral do lar. O Bispo, no seu melhor espírito naquele dia, beijou Céladon virtualmente sem interrupção durante o curso da refeição, e como esse infante fazia parte do quarteto escolhido para servir café, saiu da mesa um pouco antes da sobremesa. Quando o Monsenhor, que se preparara para ter o menino como uma esplêndida sobremesa, o viu inteiramente nu no salão, perdeu todo seu autocontrole.

"Jesus"! exclamou, sua face rubra, "como não posso fecundar sua bunda, posso pelo menos fazer o que Curval fez ontem em sua albarda".

E assim dizendo, agarrou o pequeno malandro bem disposto, deitou-o de barriga para baixo, e enfiou seu pau nas bonitas coxas do menino. O libertino perdeu-se nas nuvens, o cabelo de sua arma roçava o bonito orifíciozinho que estava desejoso por perfurar: uma de suas mãos apalpava as deliciosas nádegas do pequeno cupido, enquanto a outra estava ocupada masturbando Céladon. E o que era mais, colava sua boca na da adorável criança, chupando-lhe o ar dos pulmões, e engolindo a saliva de sua boca. A fim de excitar seu irmão, o Duque criou um espetáculo libertino colocando-se em frente do Bispo e passando a lambar o ânus de Cupidon, os outros dois meninos servindo café naquele dia. Curval aproximou-se e fêz-se masturbar por Michette, e Durcet oferecia ao prelado o panorama das nádegas abertas de Rosette. Todos procuravam ajudá-lo a conseguir o êxtase a que claramente aspirava; ocorreu, seus nervos tremeram, seus dentes bateram, os olhos brilharam, teria sido um objeto aterrador para qualquer pessoa, menos para aqueles três que conheciam bem demais os efeitos terríveis que a alegria tinha naquele homem de Deus. O sêmen irrompeu finalmente e correu pelas nádegas de Culidon, pois esse esperto ajudante conseguira no último momento deslizar por baixo de seu camarada de modo a receber o tesouro que de outro modo podia ter-se perdido inteiramente.

Chegada a hora da narração, prepararam-se. Por uma coincidência invulgar, todos os pais acharam suas filhas a seu lado nos divãs. Mas os Senhores não ficaram alarmados. Duclos começou a falar.

"Em virtude dos Senhores não terem-se ordenado que fizesse um relato — dia a dia — do que me aconteceu na casa de Madame Guérin, mas simplesmente relatasse as coisas mais extraordinárias que assinalaram alguns desses dias, omitirei certos episódios não muito interessantes que datam de minha infância, porque não passariam de tediosas repetições do que já relatei. E assim direi que tinha acabado de completar dezesseis anos, não sem ter adquirido uma riqueza de experiência em meu métier, quando o destino quis que eu .tivesse um



libertino cujo capricho diário merece ser citado. Era um juiz sóbrio, muito grave, de cerca de cinqüenta anos, um homem que, a acreditar em Madame Guérin, que me disse conhecê-lo há muitos anos, regularmente executava todas as manhãs o capricho bizarro com que vou entreter os Senhores. Sua fornecedora habitual atingira a idade de aposentadoria e recomendara-lhe que se entregasse aos cuidados de nossa querida mãe; foi assim a sua primeira visita a casa, e começou por mim.

Instalou-se sozinho no quarto com o buraco na parede, entrei no outro quarto com um carregador, um saboiano, se não me engano; bem, era um homem comum, mas saudável e forte: essas qualificações eram suficientes para o juiz, que não se importava com idade ou aspecto. Coloquei-me, bem a vista, e o mais perto possível do buraco, para masturbar meu honesto labrego, que sabia o que se pretendia dele, e deve ter pensado que era uma maneira bem simpática de ganhar a ceia. Depois de ter sem reservas cumprido todas as instruções que o bom juiz me dera. depois de ter feito tudo que meu camponês podia desejar de mim, fi-lo descarregar num prato de porcelana, e tendo espremido a última gota de seu pau, corri para o quarto do lado. Meu homem está esperando em êxtase, pega no prato, engole o sêmen quente, seu próprio irrompe; com uma das mãos encorajo sua ejaculação, com a outra recolho em minha mão cada grama preciosa que escorre e, entre os jatos, levantando rapidamente minha mão até a boca do velho levado, com grande destreza e agilidade faço com que engula seu próprio sêmen com a mesma rapidez com que o elimina.

E foi tudo; nada de apalpar, de esfregar, de beijar, nem mesmo levantou minha saia, e erguendo-se de sua cadeira com o mesmo aplomb com que entrara, pegou sua bengala e saiu, dizendo que eu trabalhava muito bem, assim pensava, e tinha compreendido muito bem seu caráter. No dia seguinte arranjam um trabalhador, pois queria um diferente cada dia, bem como a mulher. Minha irmã operou para ele, saiu contente, voltou no dia seguinte, e durante minha estada em casa de Madame Guérin não vi um dia em que não chegasse pontualmente às nove horas, e nunca levantou uma única saia, embora fosse atendido por algumas mulheres lindas.

"Ele tinha alguma inclinação por ver a bunda desses homens"? Curval quis saber.

"Tinha sim, Senhor Presidente", Duclos respondeu. "Enquanto divertíamos o homem cujo sêmen ele comia, tínhamos de ter o grande cuidado de o voltar de um lado para o outro, e o homem por seu turno, voltava também a mulher em todas as direções". "Está certo", disse Curval, "faz sentido. Mas se não fosse isso não teria compreendido nada".

Pouco tempo depois, Duelos continuou, a força do harém aumentou com a chegada de uma moça de trinta anos, muito atraente, mas com o cabelo tão vermelho quanto o de Judas. Inicialmente, pensamos que se tratava de um novo recruta, mas não, logo nos desenganou explicando que vinha apenas por causa de uma pessoa. O homem a quem se destinava esta última heroína logo chegou também: era um importante financista de aspecto imponente, e sua singularidade de gosto, uma vez que a moça a ele destinada não teria sido desejada por qualquer outra pessoa, essa singularidade, dizia eu, provocou em mim o maior desejo de os observar em ação. Mal tinham entrado no quarto e já moça tirava até as costuras de sua roupa, e revelava um corpo muito razoável e rechonchudo.

"Muito bem, corra, pule, salte", disse o financista, "você sabe muito bem que gosto delas todas suadas".

E então a ruiva começa a dar saltos, a correr a volta do quarto, pulando como uma

cabra, e nosso homem mantém seus olhos fixos nela enquanto se masturba; estas atividades continuaram durante bastante tempo e ninguém podia dizer a que ponto levariam. Quanto a moça nadava em suor, aproximou-se do libertino, levantou um braço e fê-lo cheirar sua axila onde o suor caía por todos os cabelos. "Ah, é isso, é isso mesmo!" exclamou o magnata, olhando com furiosa aprovação para o braço pegajoso a um centímetro de seu nariz, "que odor! que perfume!"

Depois, ajoelhando-se na frente dela, cheirou o interior de sua vagina e o aroma de seu ânus, mas voltava constantemente a axila, talvez porque essas partes o lisonjeavam mais, ou porque achava o bouquet superior, era sempre ali que sua boca e nariz acorriam com o maior fervor. Finalmente, um dispositivo um tanto comprido mas não muito grosso, dispositivo com que em vão lutava há uma hora, decidiu acordar e dar uma olhada pelo ambiente. A moça toma o seu lugar, o financista vai por trás e aloja sua anchova na axila da mulher, ela comprime o braço, exercendo o que julgo deve ter sido um poderoso aperto; entretanto, sua postura permite que o cavalheiro goze a visão e odor da outra axila, deita-lhe a mão, enterra a sua tromba na mesma e descarrega ao mesmo tempo que lambe aquela axila, a qual devora por lhe dar tão grande deleite. "E a criatura tinha de ser ruiva"? perguntou o Bispo. "Era sine qua non"?

"Absolutamente", Duolos respondeu. "Essas mulheres, como o Monsenhor sabe, exsudam um aroma subaxilar infinitamente muito mais violento, e seu sentido de olfato uma vez excitado, não há dúvida a esse respeito, por odores amadurecidos, exacerba imediatamente seus órgãos de prazer.

"Claro", concordou o Bispo. "Mas, por Deus, acho que teria preferido cheirar o ânus dessa mulher a fungar na sua axila".

"Ah, ah"! disse Curval, "muita coisa se pode dizer em favor de uma coisa e outra, e deixe-me garantir-lhe que se experimentar os braços, os achará perfeitamente deliciosos".

"O que quer dizer, suponho", comentou o Bispo, "que o Senhor Presidente acha esse cozinhado a seu gosto"?

"Claro, já provei", Curval respondeu, "e além de certas ocasiões em que acrescentei outros episódios a esse, protesto-lhe que a coisa só por si conseguiu tirar-me sêmen".

"Oh sim, esses episódios imagino o que devem ter sido", interrompeu o Bispo, "você cheirava a bunda..."

"Um momento, por favor", interrompeu o Duque. "Não o obrigue a confessar-se, Monsenhor, ele nos diria coisas que ainda não devemos ouvir; continue, Duolos, não deixe esses palradores entrarem em seus domínios".

Recordo-me do período, prosseguiu nossa narradora, em que durante mais de seis semanas Madame Guérin absolutamente proibiu minha irmã de se lavar, obrigando-a, pelo contrário, a conservar-se no estado mais mal cheiroso e impuro que se possa imaginar; não tínhamos indicação alguma das intenções de Madame até que um dia chegou um velho safado de nariz vermelho que, em tom meio embriagado e muito desagradável, perguntou a Guérin se a puta estava pronta. "Oh, meu Deus, claro que está", Guérin respondeu. São apresentados, colocados no quarto, e eu vôo para o cubículo; mal coleí o olho e já vejo minha irmã nua na frente de um grande bidê cheio de champagne e nosso homem, armado com uma grande esponja, lavando-a, atentamente, e cuidadosa-mente recuperando cada gota de sujeira que sai de seu corpo.

Minha irmão não lavava qualquer parte de seu corpo fazia tanto tempo, porque recebeu ordem estrita para não lavar o seu traseiro. Que o vinho logo tomou um tom acastanhado e sujo, e provavelmente um odor que não podia ter sido muito agradável. Mas quanto mais corrupto o vinho ficava como resultado da sujeira que para ele corria. mais encantado ficava nosso libertino. Provou um pouco, achou delicioso, procurou um copo e, enchendo-o até a borda seis ou sete vezes, esvaziou-o bebendo a pútrida e desagradável bebida na qual acabara de lavar um corpo há tanto tempo cheio de impurezas. Depois de beber o último copo, pegou em minha irmão e deitou-a na cama de barriga para baixo, e em suas nádegas e orifício bem abertos, derramou torrentes de imodesto sêmen levado a ebulição pelos detalhes sujos de sua desagradável mania.

Mas outro visitante, mais desagradável ainda, atraía repetidas vezes meu olhar. Havia na casa uma dessas mulheres chamadas escoteiras ou trotadoras, para empregar o termo dos bordéis, cuja função é andar na rua dia e noite em busca de novas recrutas. Com mais de quarenta anos, esta criatura tinha, além de encantos desvanecidos que nunca tinham sido excepcionais, o pavoroso defeito que consiste em pés mal cheirosos. E foi por isso, nada mais, que Marquês de... se enamorou. Chega o Marquês, Dame Louise — era esse o seu nome — é-lhe apresentada, acha-a soberba, e depois conduzi-la ao santuário do amor, "Por favor tire os sapatos", diz o aristocrata. Louise, que recebera ordens para usar os mesmos sapatos e meias durante um mês, oferece ao Marquês um pé que teria feito um homem de menor delicada discriminação fugir imediatamente: mas, como dizia, a própria imundície e qualidade nauseabunda eram precisamente aquilo que nosso nobre mais adorava. Pega no pé, beija-o com fervor, com sua boca afasta cada dedo, um após outro, com sua língua retira de cada espaço, e fá-lo com incomparável entusiasmo, a sujeira negra e fétida que a Natureza ali deposita e que, com um pequeno encorajamento, facilmente aumenta por si própria. Não só leva essa porcaria inqualificável a boca, mas engole-a, saboreia-a, e o sêmen que perde, ao mesmo tempo que se masturba, é prova inequívoca do excessivo prazer que o feito lhe dá.

"Isso é demais para mim", foi o simples comentário do Bispo. "Então acho melhor explicar-lhe", disse Curval.

"O quê? Você gosta disso!!

"Observe", o Presidente respondeu.

Os outros levantaram-se, saíram de seus nichos, rodearam-no, e viram

o extraordinário libertino, no qual se reiniciam todos os gostos da lascívia mais crapulosa, acarinhar o indescritível pé que lhe foi estendido por Fanchon, aquela serva idosa e abominável que já descrevemos. O êxtase de Curval chupando e lambendo esse pé era indescritível.

"Não vejo nada de extraordinário", Durcet disse, "basta ficar um pouco endurecido, e todas essas infâmias assumem um significado mais rico: a saciedade inspira-se na libertinagem que as executa sem hesitação. Acaba-se por não suportar mais o lugar comum, a imaginação fica vexada. e a escassez de nossos meios, a fraqueza de nossas faculdades, a corrupção de nossas almas leva-nos a essas abominações".

Deve ter sido esse o caso, Duelos continuou, com o velho General..., um dos melhores clientes de Madame Guérin. As mulheres que exigia tinham de estar danificadas pela Natureza, pela libertinagem, ou pelos efeitos da lei; numa palavra, não queria uma que não fosse cega de um olho, manca, corcunda, parálitica ou destituída de uma perna ou braço, sem dentes, ou mutilada nos membros, ou chicoteada e marcada por qualquer ato de justiça, e queria-as

sempre de idade madura.

Na cena que testemunhei tinha uma mulher de cerca de cinqüenta anos, com a marca de ladra pública, e a quem, além disso, faltava um olho. Na sua opinião, essa degradação dupla figurava como um tesouro. Fechou-se com ela, e mandou-a despir-se, extasiadamente beijou os indubitáveis sinais do crime em seus ombros, ardentemente chupou cada ruga e rego daquelas cicatrizes que dizia terem sido ganhas honradamente. Isso feito, transferia sua atenção para a bunda da mulher, abria-lhe as nádegas, apreciadoramente beijava mirrado o orifício que elas defendiam, chupou-o durante uma eternidade, e depois colocando-se atrás da mulher, esfregou seu pau nas cicatrizes que atestavam o triunfo da justiça, e quando o fazia, elogiava-a por ter cometido um feito exemplar; e depois, inclinandose para a sua bunda, derramava mais beijos no altar a que prestara tão longa homenagem, e salpicava uma abundância de sêmen nas inspiradoras marcas que tanto tinham incendiado seu espírito de guerreiro".

"Oh, por Deus"! exclamou Curval, cujo cérebro estava em fermento lúbrico naquele dia", vejam meus amigos, observem pelos sinais deste pau duro, a chama que a paixão descrita me incendeia".

E chamando Desgranges:

"Vem aqui, veada impura", continuou no mesmo tom," vem, tu que te pareces com o que acabamos de ouvir descrever; vem, me dá o mesmo prazer que ela deu ao general".

Desgranges aproxima-se. Durcet, o seu amigo em excessos, ajuda o Presidente a despi-la. Inicialmente a mulher faz algumas objeções; isso não os perturba e continuam, ralhando com ela por desejar esconder uma coisa pela qual deve ser mais felicitada pela sociedade. Suas costas marcadas vêm a luz finalmente, e há um "T" e um "P" que afirmam que duas vezes sofreu a provação desonrosa cujos vestígios não obstante completamente incendeiam as ânsias impudicas de nossos libertinos.

O resto daquele corpo gasto e estragado — a bunda de pergaminho ou couro velho, o buraco amplo e insalubre brilhando no seu centro, a teta mutilada, os três dedos perdidos, a perna mais curta que a faz mancar, a boca destituída de dentes — tudo combina para estimular o nosso par libertino. Durcet chupa-a pela frente, Curval posteriormente, e embora objetos da maior beleza e nas melhores condições estivessem diante de seus olhos e prontos a fazer o impossível para satisfazer o mínimo de seus desejos, mesmo assim, era com aquilo que a Natureza e a vilania tinham desonrado, dilapidado, com o objeto mais imundo e menos apetecível que nossos dois patifes, naquele momento fora de si próprios, se preparavam para saborear os prazeres mais deliciosos... E agora dêem-se uma explicação do homem — aqui estão dois homens que parecem estar disputando o que parece um cadáver, como dois mastins selvagens se batendo por um corpo; aí estão, dizia eu, dois eminentes cidadãos que, depois de se terem entregado aos excessos loucos, irrompem finalmente seu sêmen, e independentemente da exaustão causada por tais feitos, iriam muito possivelmente em frente para executar outros da mesma espécie crapulosa e infame, e executá-los sem sombra de demora, se não fosse a campainha da ceia anunciar outros prazeres bem dignos de sua consideração.

q Presidente, desesperado com sua perda de sêmen, e que em casos assim só se recuperava comendo e enxaguando-se em excesso, correu ao trabalho e empanturrou-se como um porco. Adonis masturbou Invictus e deu-lhe um pouco de sêmen a beber, mas não

contente com esse último ultraje, que fora executado ao mesmo tempo, Curval levantou-se, disse que sua imaginação propunha umas habilidades um tanto mais deliciosas, e sem outra explicação, levou Fanchon, Adonis e Hercule para outro aposento e só reapareceu no momento das orgias; mas conduziu-se, então, tão brilhantemente, que conseguiu uma vez mais cometer mil novos horrores, cada um mais extraordinário do que o outro, mas que não podem, lamentamos, sem relatados ao leitor, pelo menos por enquanto, pois a estrutura de nossa narrativa obriga-nos a adiar essa descrição.

E depois, cama. Curval, o insondável Curval, a quem nessa noite cabia a divina Adelaide, sua filha, Curval, que podia ter passado a noite mais deliciosa com ela, foi encontrado na manhã seguinte estremecendo por cima da horrível Fanchon, com quem executara outras abominações durante a noite inteira, enquanto Adonis e Adelaide, expulsos do seu divã, estavam, um numa pequena cama à distância, e o outro, deitado em cima de um colchão, no chão,

# O SEXTO DIA

Era a vez do Monsenhor ajudar nas masturbações; apresentou-se. Se os discípulos de Duclos fossem meninos, o Monsenhor não seria talvez capaz de lhes resistir. Mas a fendazinha abaixo do umbigo era a seus olhos uma pavorosa blasfêmia e se as próprias Graças o tivessem rodeado, e avistasse essa imperfeição, nada mais seria necessário para o acalmar. E assim opôs uma resistência indomável, e acredito até que seu pau ficou mole e as operações continuaram. Nada podia ser mais claro do que o fato dos Senhores estarem extremamente ansiosos por acharem faltas nas oito meninas, de modo a permitirem-se, no dia seguinte, que era o sábado fatal da retribuição, dizia eu, a permitirem-se nessa altura o prazer de punir todas as oito. Já tinham seis na lista; a doce e bonita Zelmire fez a sétima: mereceria ela, em toda a boa fé, essa correção, ou seria simplesmente o fato do prazer de infligirem a penalidade proposta ter vencido na luta com a estrita equidade? Deixamos a questão a decisão da sábia consciência do Duque; nossa tarefa é simplesmente registrar eventos. Uma dama muito razoável inflou as fileiras dos canalhas: foi a gentil Adelaide. Durcet, seu esposo, parecia ansioso por estabelecer um exemplo perdoando-lhe menos do que às outras, e sucede que foi a ele próprio que ela desapontou. Levava-a a um certo lugar onde os serviços que fora forçada a prestar-lhe, depois de certas de suas funções, foram menos do que absolutamente limpos ou saborosos; nem todo mundo é tão depravado quanto Curval, e embora Adelaide fosse sua filha, não tinha nenhum de seus gostos. Ela pode ter-se recusado. Ou pode ter feito pobrememente. Ou, também, podia tratar-se apenas de uma brincadeira de Durcet. Fosse qual fosse a causa, foi inscrita na lista de castigos, perante a vasta satisfação de quase todos os interessados.

Em virtude do exame dos aposentos dos meninos nada ter revelado, os amigos moveram-se para os prazeres arcanos da capela, prazeres tão mais picantes e extraordinários porquanto até os que pediam permissão para ali ir e os gozar eram usualmente proibidos de entrar. Constance, dois fodedores subalternos e Michette, foram os únicos a assistir a festa dessa manhã.

Ao jantar, Zéphyr, de quem cada dia estavam mais orgulhosos, pelos encantos que cada vez mais o pareciam 'embelezar e pela libertinagem voluntária em que fazia grandes progressos, Zéphyr, dizia eu, insultou Constance que, embora não mais criada, comparecia sempre a refeição do meio dia. Chamou-lhe fabricante de bebes e deu-lhe vários socos na barriga para a ensinar, disse, a pôr ovos com seu amante, depois beijou o Duque, acariciou-o, deu alguns puxões afetuosos em seu pau, e conseguiu incendiar com tanto êxito o cérebro desse herói, que Blangis jurou que a tarde não passaria sem molhar Zéphyr com esperma; e o pequeno safado pôs em dúvida a afirmação do Duque, desafiando-o a fazê-lo imediatamente. Como Zéphyr tinha de servir o café, saiu um pouco antes da sobremesa e voltou nu, com a xícara do Duque. Mal se instalaram no salão, o Duque, muito animado, começou por dizer uma ou duas piadas sujas; depois chupou a boca e o pau da criança, sentou o rapazinho numa cadeira, sua bunda ao nível da sua boca, e, avidamente sugou o seu orifício durante quinze minutos. Seu pau finalmente se rebelou, adornou sua cabeça erguida, e o Duque viu muito claramente que a homenagem, afinal de contas, exigia certo incenso. Contudo, seu contrato proibia tudo a exceção do expediente empregado na véspera; o Duque resolveu portanto emular seus associados. Mandou Zéphyr deitar-se no sofá, enfiou seu engenho entre as coxas do menino, mas o que aconteceu a Curval aconteceu também ao Duque: seu dispositivo

sobrava uns quinze centímetros do outro lado.

"É melhor você fazer como eu fiz", aconselhou Curval, "esfregue a criança contra seu pau, molhe sua glândula com a porra do garoto". Mas, o Duque, achou mais agradável empalar dois ao mesmo tempo. Pediu a seu irmão que pusesse Augustine no lugar, suas nádegas comprimidas contra as coxas de Zéphyr e o Duque, fodendo por assim dizer, simultaneamente, um menino e uma menina, para dar um pouco mais de lubricidade a cena, esfregava o pau de Zéphyr nas nádegas bonitas, redondas e claras de Augustine, e encharcou-as com o esperma da criança que, como se pode facilmente imaginar, estava muitíssimo quente por tal tratamento, e logo esguichou abundantemente.

Curval, que achou muito convidativa a perspectiva geral, e que viu a bunda do Duque, bem aberta e clamando cheia de razão por um pau — como acontece a bunda de todos pederastas nos momentos em que seu pau está levantado — Curval, dizia eu, preparou-se para pagar em espécie o que recebera na noite anterior, e o querido Duque, mal sentiu as sacudidas voluptuosas ocasionadas pela introdução, já sua porra batendo asas quase ao mesmo tempo que a de Zéphyr, o deixava, encharcando as bordas inferiores do templo cujas colunas Zéphyr estava molhando. Mas, Curval, não descarregou, e retirando seu engenho orgulhoso e feroso da bunda do Duque, ameaçou o Bispo, que de modo semelhante se esfregava entre as coxas de Giton, ameaçando-o de sofrer mesmo destino que o Duque acabava de experimentar. O Bispo lança um desafio, este é aceito, trava-se a batalha, o Bispo é enrabado e, entre as coxas da adorável criança que está acariciando, prossegue deliciosamente até perder uma gota de porra libertina dele tão deliciosamente arrancada. Contudo, um benevolente espectador de tudo aquilo, Durcet, não tendo ninguém além de Hébé e a Duenha para atender a suas necessidades, e embora meio embriagado, não desperdiçava de modo algum suas oportunidades e estava tranqüilamente perpetrando infâmias cujo momento de descrição não chegou ainda. Mas a calma desceu finalmente no campo, os vários guerreiros dormiram um pouco, e acordaram de novo as 6, hora a que a dotada língua de Duclos lançaria a fundação de novos prazeres.

Os quartetos nessa noite exibiam certas mudanças sexuais: isto é dizer, todas as meninas estavam vestidas de marinheiros, os rapazinhos de prostitutas, o efeito era adorável, nada apressa tanto a lascívia quanto uma pequena inversão voluptuosa; adorável ver nos rapazinhos aquilo que os fazem parecidos com as meninas, e estas muito mais interessantes quando tomam, a bem do prazer, o sexo que se gostaria que elas tivessem. Cada amigo e sua esposa, no divã, naquele dia; trocaram cumprimentos por causa desse arranjo muito religioso, e estando todos prontos a ouvir, Duclos recomeçou suas histórias lascivas.

"Havia, na casa de Madame Guérin, uma certa mulher de cerca de trinta anos, loira, um tanto forte, mas invulgarmente clara e saudável; seu nome era Aurore, tinha uma boca encantadora, ótimos dentes e uma língua voluptuosa, mas — quem acreditaria em semelhante coisa — por defeito de educação ou fraqueza de estômago, costumavam sair constantemente daquela boca quantidades prodigiosas de vento, e acima de tudo, depois de ter ingerido copiosas refeições, era capaz, durante uma hora, de emitir uma corrente de arrotos suficientemente poderosos para movimentar um moinho de vento. Mas tem razão quem diz que não há nenhum defeito que não seja um pouco apreciado por alguém, e nossa bela moça, graças a este, tinha um dos seguidores mais ardentes; era um esclarecido e grave professor de Escolasticismo na Sorbonne, o qual, cansado de perder seu tempo provando a existência de Deus em sua escola, vinha as vezes a nosso bordel para se convencer a si próprio da

existência das criaturas de seu querido Deus. Mandava sempre avisar de sua chegada, e Aurore alimentava-se então como se estivesse morrendo de fome. Curiosa por ver aquele piedoso colóquio, corro para o buraco de observação; meus amantes cumprimentam-se um ao outro, observo alguns carinhos preliminares, todos dirigidos a boca, depois, com extrema delicadeza, nosso reitor senta sua companheira numa cadeira, senta-se na frente desta e, tomando suas mãos, deposita suas relíquias entre as mesmas, vestígios tristes e velhos, no estado mais deplorável.

"Vamos", encoraja-a, vamos, minha adorada. Vamos; você conhece o meio pelo qual posso sair desta condição lânguida, peço que o adote imediatamente, porque me sinto muito apressado em prosseguir". Com uma das mãos agita a amolecida ferramenta do doutor, com a outra puxa-lhe a cabeça para perto da 'sua, cola os lábios à sua boca e, sem demora, dispara, um atrás do outro, sessenta arrotos pela sua goela abaixo. Impossível representar o êxtase deste servo de Deus; estava nas nuvens, inspirava, engolia tudo que lhe ofereciam, podia mesmo pensar-se que a idéia de perder o menor soprozinho de ar o perturbaria imenso, e ao mesmo tempo que tudo isto acontecia, suas mãos mexiam ao acaso os seios de minha colega, e debaixo de suas saias, mas essas apalpadelas não eram mais que episódicas; o objeto único e capital era aquela boca que o esmagava com suspiros e estrondos digestivos. Seu pau, aumentado finalmente pelas voluptuosas vibrações que a cerimônia lhe causava, descarregou na mão de minha companheira, e começou a fazer um discurso, no qual protestou nunca ter gozado tanto em sua vida.

Algum tempo depois disto, surgiu na casa um homem um tanto mais extraordinário, com um problema particular em mente, e bem merece ser mencionado neste catálogo de maravilhas naturais. Guérin mandara-me comer nesse dia, só faltou forçar-me a comer tão copiosamente como pouco tempo antes eu vira Aurore fazer. Guérin teve o cuidado de me fazer servir tudo que sabia de que eu gostava, e, tendo-me informado, ao sairmos da mesa, de tudo que devia fazer com o velho libertino com quem tencionava unir-me, fêz-me engolir três grãos de emético dissolvidos num copo de água quente. O velho pecador chegou, era um rato de bordel que eu já vira dúzias de vezes sem ter-me despertado a curiosidade de perguntar o que vinha procurar. Abraça-me, enfia uma língua suja e desagradável em minha boca, e a ação do emérito que eu tinha bebido é complementada pelo seu hálito fedido. Vê que meu estomago está prestes a subir, está em êxtase. "Coragem, querida", exclama, "seja corajosa, não tenha medo, não vou perder nem uma gota". Sabendo de antemão tudo o que quer de mim, sento-o no divã, coloco sua cabeça na borda; suas pernas estão abertas, desabotô suas calças, retiro um instrumento frouxo e raquítico, que não dá sinais de endurecer, sacudo, aperto, esfrego e puxo, o homem abre sua boca; esfregando-lhe sempre seu pau, recebendo sempre o contato de suas mãos impudicas que percorrem minhas nádegas, a queima roupa lanço em sua boca o jantar imperfeitamente digerido que o vomitório arrancou a meu estômago. Nosso homem está fora de si, rola os olhos, arqueja, mastiga apressadamente o vômito, vai a meus lábios em busca de mais daquela ejaculação impura que o intoxica, não perde realmente uma gota, e quando lhe parece que a operação está em risco de acabar, provoca uma repetição da mesma inserindo habilmente sua língua pavorosa em minha boca, e seu pau, aquele pau que mal conseguia tocar por causa de meus vômitos convulsos, aquele pau, aquecido pelas infâmias, fica rubro, levanta-se sozinho, e chora em meus dedos a prova insuspeita das impressões que aquelas atividades faltosas lhe causavam.

"Ah, pelo pau de Deus", disse Curval, " trata-se realmente de uma paixão deliciosa, mas não obstante susceptível de ser melhorada".



"E como"? perguntou Durcet, numa voz denotando sinais de lubricidade.

"Como"? Curval repetiu, "ora, escolhendo a comida e a companheira". "Companheira? Mas é claro. Você preferia Fanchon". "Mas é lógico". "E a comida"? Durcet continuou, enquanto Adelaide lhe esfregava o pau.

"Comida"? murmurou o Presidente, " ora, acho que a obrigava a devolver-me, e da mesma maneira, o que lhe tivesse introduzido". "Quer dizer", gaguejou o financista, começando a perder todo o controle de si próprio, "você vomitava na boca dela, ela engolia e depois devolvia tudo a você"?

"Precisamente".

E cada um correndo para seu aposento, o Presidente com Fanchon, Augustine e Zélamir; Durcet, com Desgranges, Rosette e Invictus: os trabalhos foram interrompidos durante trinta minutos. Depois os dois devassos voltaram.

"Ah", disse o Duque com ar de repreensão a Curval, o primeiro a surgir, "vocês estiveram fazendo coisa feia".

"Ah, um pouco disto, um pouco daquilo" respondeu o Presidente, "é a felicidade de minha vida, você sabe. Não tenho muita paciência com prazeres moderados ou limpos".

"Mas espero que lhe tenham tirado algum esperma"?

"Chega de besteira", disse o Presidente, "acha que todo mundo é como você derramando esperma a torto e a direito cada seis minutos? Eu não, deixo esses efeitos e essa prodigalidade irresponsável a você e aos campeões vigorosos como Durcet", continuou, vendo o financista sair cambaleando de seu aposento. "Sim", disse Durcet, "sim, é verdade, é impossível resistir à moça. Desgranges é tão imunda em palavras, atos e corpo, é tão hábil, tão adequada sob todos os aspectos..."

"Bem, Duclos", disse o Duque, " continue com sua história, pois se não o calamos, o indiscreto camaradinho vai contar-nos tudo que fez, sem considerar uma única vez que a revelação dos favores recebidos por uma mulher bonita é uma pavorosa quebra das boas maneiras".

E Duclos voltou obedientemente à sua história.

Em virtude, disse nossa cronista, dos cavalheiros gostarem tanto dessa espécie de divertimento, lamento muito que não conseguissem dominar seu entusiasmo um minuto mais, porque os efeitos daquilo que ainda hoje revelarei, atingem, estou certa, esse objetivo de maneira muito mais precisa. Precisamente aquilo que o Senhor Presidente declarou faltar para a perfeição da paixão que acabo de descrever, estava inteiramente presente na que se segue; que pena, repito, que não a tenha conseguido relatar a tempo. O exemplo do velho Presidente Saclanges proporciona, sob todos os particulares, e palavra por palavra, toda a singularidade que o Senhor de Curval parecia desejar. A título de companheira, Guérin escolheu a decana de nosso capítulo: uma vigorosa e alta moça de cerca de sessenta e cinco anos, grande e crônica bêbeda, grosseira, com uma boca nojenta, verdadeira mulher de peixe, embora de modo algum destituída de atração; o bom Presidente chega, jantam os dois, ambos ficam perdidos de bêbedos, os dois perdem a cabeça, um vomita na boca do outro, um engole a porcaria, depois o outro vomita na boca do primeiro, este agora engole e assim por diante, até que finalmente desfalecem nos escombros da ceia, isto é, na porcaria que derramaram pelo quarto inteiro. E depois, sou enviada a refrega, pois minha companheira de trabalho não tem mais um

grama de resistência, na realidade perdeu a consciência. Mas é esse, segundo o ponto de vista do libertino, o momento crucial; encontro-o disposto, seu pau direito e duro como uma vareta de ferro; agarro em seu instrumento,

o Presidente gagueja, pragueja, puxa-me para perto, chupa minha boca, e descarrega como um touro, ao mesmo tempo que se retorce e volta e continua a chafurdar na sua porcaria.

A mesma moça, um pouco mais tarde, participou num drama que seguramente não foi muito menos suje; um monge de certa conseqüência, que lhe pagou muito liberalmente, pôs-se na frente da barriga de minha companheira, depois de ter aberto e imobilizado suas coxas, atando-as a pesadas peças de mobiliário. Foram trazidas diversas espécies de comida e servidas ao monge, o qual mandou colocar as iguarias na barriga descoberta da mulher. O feliz camarada pega então nos pedaços que vai correr, e mergulha-os um a um na boceta aberta da Dulcinéia, e só os consome depois de terem sido completamente impregnados pelo condimento que a vagina segrega.

"Ha"! exclamou o Bispo, "uma maneira de jantar inteiramente nova".

"E uma maneira que lhe não agradaria, meu Senhor"? disse Duelos. "Pela barriga de Deus, não"! respondeu o homem da Igreja, "não gosto de boceta a esse ponto".

Muito bem, replicou nossa narradora, empreste um ouvido ao item com que vou encerrar as narrações desta noite, estou persuadida de que o divertirá mais.

Estava com Madame Guérin há oito anos — acabara de fazer dezessete anos — e durante esse período não passara um dia sem que eu visse um certo recebedor-mor chegar a casa todas as manhãs, e ser recebido com as manifestações mais calorosas. A gerência tinha-o em conta muito elevada; homem de quase sessenta anos, rotundo, baixo, parecia o Senhor Durcet sob muitos aspectos. À semelhança do Senhor, tinha um ar de frescura e juventude, e era também rechonchudo; exigia uma moça diferente cada dia, e as da casa nunca eram usadas a não ser em emergências, ou quando alguém contratado lá fora faltava ao encontro. O Senhor Dupont, assim se chamava nosso homem, era exatamente tão discriminador em sua escolha das moças, quanto era fastidioso em seus gostos, simplesmente não permitia que uma puta satisfizesse suas necessidades, a não ser nos casos raro e extremos que mencionei; queria, pelo contrário, mulheres trabalhadoras, empregadas em lojas, especialmente modistas ou costureiras. Sua idade e colorido tinham também de satisfazer as especificações: Precisavam de ter de quinze a dezoito anos, nem mais nem menos, e, mais importante de tudo, sua bunda devia ser docemente moldada, uma bunda tão absolutamente limpa que, a menor marca, um mero grão de qualquer coisa agarrado ao ânus, era motivo de rejeição. Quando eram virgens, pagava duas vezes mais.

Tinham-se feito planos e esperava-se realmente nesse dia a chegada de uma jovem bordadeira, de dezesseis anos, cuja bunda era geralmente aclamada pelos conhecedores como um verdadeiro modelo daquilo que uma bunda deve ser; o Senhor Dupont não conhecia o tesouro que lhe ia ser oferecido, e sucede que a moça mandou recado que nessa manhã particular não podia sair da casa de seus pais, e que as coisas deveriam realizar-se sem ela. Guérin, sabendo que Dupont nunca me pusera os olhos em cima, ordenou que me vestisse imediatamente de caixeirinha, saísse, tomasse uma carruagem no final da rua, e descesse de novo a porta do bordel, tudo isso quinze minutos depois de Dupont ter entrado na casa; devia representar meu papel com cuidado e fazer-me passar por aprendiz de costureira. Mas, a

consideração mais importante de todas era o chá de erva-doce: devia sem demora encher meu estômago com um litro do mesmo, e devia beber imediatamente o grande copo de licor de bálsamo que ela me deu; logo saberão o efeito pretendido. Tudo correu muito bem; felizmente fomos avisadas com algumas horas de antecipação, e isso nos permitiu fazer rigorosos preparativos. Cheguei a casa com um ar meio idiota, fui apresentada ao financista que direta-mente me escrutinizou de perto, mas como eu estava alerta à minha conduta, nada conseguiu descobrir acerca de minha pessoa que pudesse contradizer a história que fora inventada para ele.

"É virgem"? pergunta Dupont.

"Não naquele lugar", diz Guérin, apontando para minha barriga, "mas respondo pelo outro lado".

E a mentira dela foi a mais descarada. Pouco importa; nosso homem acreditou, e isso foi suficiente.

"Levante as saias, vamos, depressa", diz Dupont.

Guérin levanta minhas saias por trás, puxando-me para si e expondo assim inteiramente o templo no qual o libertino fazia suas orações. Fixa o olhar, durante um momento apalpa minhas nádegas, abre-as com ambas as mãos, e evidentemente satisfeito, anuncia que a bunda é adequada a seus propósitos. Depois, faz-me diversas perguntas relativas a minha idade, profissão, e contente com minha falta inocência e o ar de nascida ontem que afeto, faz-me acompanhá-lo ao aposento, pois havia um que lhe era exclusivamente destinado na casa de Madame Guérin: não gostava de ser observado durante o trabalho, e estava certo de o não ser nesse lugar. Depois de entrarmos os dois, cuidadosamente fecha e tranca a porta, olha-me durante um momento, e então, de maneira um tanto brutal — a brutalidade caracterizou-o durante toda a cena — perguntou-me se era verdade que nunca tinha levado na bunda. Como meu papel exigia ignorância total do significado de tal expressão, fi-lo repeti-la, declarei que continuava sem entender, e quando através de gestos menos ambíguos me comunicou o que queria dizer, respondi, com um ar simulado de modéstia e receio, que me consideraria uma moça muito infeliz se alguma vez me tivesse emprestado a semelhantes infâmias. Logo me mandou tirar minhas saias, mas apenas as saias, e depois de lhe ter obedecido, tapando minha frente com a blusa, levantou-as acima de minhas nádegas até a altura de meu peito; mas quando me despia, meu lenço escorregou, revelando meus seios. Ficou incensado.

"O diabo que carregue essas tetas", exclamou; "quem lhe mandou fazer isso? É isso que detesto em vocês, todas têm o descaramento de mostrar essas miseráveis borbulhas".

Apressando-me em cobrir meus seios, aproximei-me para lhe pedir perdão, mas ao observar que ia mostrar minha boceta graças à posição que dia adotar, perdeu sua calma uma segunda vez: "Mas, meu Deus! Não pode ficar quieta"? gritou, agarrando-me pelos quadris e fazendo-me voltar para não haver perigo de ver nem de relance outra coisa além de minha bunda," fique assim, sua desgraçada, importo-me tanto com sua boceta quanto com seu peito, comigo só precisa da bunda".

Assim dizendo, pôs-se de pé e guiou-me até a borda da cama, na qual me instalou, de maneira a que a metade superior de meu corpo ficasse na cama, sentando-se num banco muito baixinho, achou-se colocado entre minhas pernas bem abertas, e sua cabeça ao nível de minha bunda. Olha durante um momento, e depois, decidindo que não estou como devia, levanta-se, pega numa almofada, coloca-a sob minha barriga, arqueando assim um pouco mais

minha bunda; volta a sentar-se, examina, e tudo faz com o sangue frio e a confiança do libertino amadurecido e inveterado. Passa um momento, e depois agarra em minhas nádegas, afasta-as, assenta sua boca no buraco, cola seus lábios hermeticamente ao mesmo, e, de acordo com o sinal que me dá e em obediência à considerável pressão que acumulou dentro de mim, solto um estrondoso peido, possivelmente o mais explosivo que já recebeu em sua vida inteira; vai pela sua goela abaixo e o nosso herói recua furioso.

"Que diabo" ! exclama, "você tem coragem de peidar em minha boca"?

E imediatamente volta a colar sua boca ao meu ânus.

"Sim, Senhor", digo ao soltar uma nova descarga, "é assim que faço com os cavalheiros que beijam minha bunda".

"Muito bem então! peide, se precisa, sem vergonha, se não pode evitar, digo, peide o mais que puder e com toda a força".

A partir desse momento, afasto todo constrangimento, nada pode exprimir minha urgência ou desejo de soltar os ventos tempestuosos produzidos pela poção que bebera mais cedo; nosso homem fica emocionado, recebe alguns na boca, outros nas narinas. Depois de quinze minutos deste exercício, deita-se no sofá, puxa-me para si, seu nariz colado ainda entre minhas nádegas, ordena-me que o masturbe e ao mesmo tempo continue uma cerimônia que lhe cria prazeres tão requintados. Peido, esfrego-lhe o pau, manipulo um pequeno instrumento frouxo e pouco mais comprido ou grosso que meus dedos, mas as custas de puxões, safanões e peidos, o instrumento, finalmente, endireita. O aumento do prazer de nosso cavalheiro, a aproximação do momento crítico é anunciada por uma nova iniquidade: é agora sua língua que provoca meus peidos, é sua língua que como um mangual dardeja bem fundo dentro de meu ânus a fim de agitar os ventos, é contra sua língua que quer que assope esses zéfiros, perde a cabeça, não está mais de posse de suas faculdades, é claro, e seu pequeno e debilitado engenho tristemente borrija sete ou oito gotas de esperma aguado e acastanhado em meus dedos; e então recupera suas faculdades. Mas como sua brutalidade nata fomentou sua distração, logo a substitui, e mal me dá tempo para me refazer. Pragueja, murmura e diz palavrões, numa palavra oferece-me a horrenda imagem do vício que mitigou sua sede, e sou transformada no alvo de uma delicadeza inqualificável que, uma vez ofuscado seu brilho, tenta achar vingança no desprezo pelo objeto adorado que acabara de cativar seus sentidos.

"Aí está um homem que prefiro aos outros", disse o Bispo. "E você sabe se ele conseguiu a pequenina ajudante de aprendiz de dezesseis anos no dia seguinte"?

"Sim, Monsenhor, conseguiu realmente, e no outro dia uma virgem de quinze anos ainda mais bonita. Como poucos homens costumavam pagar tanto, poucos eram tão bem servidos".

Como essa paixão estimulou cabeças tão bem familiarizadas com essa espécie de perturbação, e tendo-lhes incutido no espírito um gosto que todos adoravam, os Senhores, simplesmente, não puderam esperar mais tempo para fazer uso do mesmo. Cada um deles colheu os frutos ventosos que se podia colher, não negligenciando outros semelhantes, chegou então a hora da ceia, com seus prazeres que se misturavam com todas as infâmias cuja descrição tinham acabado de ouvir, o Duque embriagou Fanchon e fez com que a velha coisa estonteada lhe vomitasse dentro da boca, Durcet fez com que o harém inteiro peidasse, e no curso da noite engoliu pelo menos sessenta bocas cheias de ar impuro. Quanto a Curval, no cérebro de quem bailavam alegremente todas as espécies de extravagâncias, declarou que tinha vontade de executar certas orgias solitárias e foi para o longínquo aposento,

acompanhado de Fanchon, Marie, Desgranges e trinta garrafas de champagne. Mais tarde, os quatro tiveram de ser carregados de volta à sociedade, pois foram descobertos flutuando numa verdadeira maré de seu próprio excremento, e o Presidente estava dormindo, sua boca colada a de Desgranges, que ainda vomitava com grande dificuldade. Os outros três amigos desempenharam-se não menos brilhantemente, realizando feitos idênticos ou diferentes; passaram também seus períodos de orgia bebendo, estontearam seus pequenos ministros e pularam seus vômitos, fizeram com que as meninas peidassem, sinceramente não tenho espaço para contar tudo o que fizeram, e se não fosse Duclos, que, friamente, manteve o seu juízo, e que quando este abandonou ou outro assumiu o governo das loucuras, preservou a ordem, e pôs os foliões na cama, se não fosse Duclos, repito, é muito provável que a Alvorada cor-de-rosa, abrindo os portões do palácio de Apoio, os tivesse encontrado mergulhados ainda em seus excrementos, muito mais como suínos do que como heróis.

Mais necessitados de repouso do que de outra coisa, todos dormiram sozinhos nessa noite, se enroscaram nos braços de Morfeu, recuperaram um pouco de resistência para o estrênuo dia que os esperava.

## O SETIMO DIA

Os amigos não participaram das lições das nove horas de Duclos. Esgotados pelas desordens da noite, receando, além disso, que essa operação resultasse na perda de algum esperma a uma hora tão matutina e pensando, finalmente, que a cerimônia acelerasse sua indiferença por al rias e objetos cujo interesse e integridade era sem dúvida de seu interesse manter durante algum tempo, concordaram que, a partir desse dia, fosse um dos fodedores a ocupar seu lugar nos exercícios da manhã.

Foi conduzida a inspeção e observação, e faltava apenas uma menina para que todas as oito fossem consideradas suscetíveis de corretivo, e essa, a adorável e misteriosa Sophie, estava acostumada a cumprir todos os seus deveres; por muito ridículos que lhe pudessem parecer, ela, não obstante, respeitava-os, mas Durcet, que anteriormente conferenciara com Louison, sua governanta, tão habilmente a fez cair na armadilha, que foi declarada em falta e, como consequência, acrescentada ao registro fatal. A doce Aline, sujeita igualmente a apertado escrutínio, foi também considerada culpada, e foi assim que a lista da noite continha o nome das oito meninas, de quatro rapazinhos, e duas esposas.

Cumpridas essas tarefas, os Senhores concentraram seus pensamentos no casamento que abrilhantava o festival que acentuava o final da primeira semana. Não foram concedidas, nesse dia, permissões para visitas a capela, o Monsenhor vestiu-se pontificalmente, e dirigiram-se ao altar. O Duque, representando o pai da noiva, e Curval, que representava o do jovem noivo, conduziram Michette e Giton. Ambos estavam extraordinariamente impecáveis em suas roupas de cerimônia, mas também inversamente, isto é, o menino vestido de menina, e a menina usando roupas de rapaz. Lamentamos dizer que a seqüência que originalmente estabelecemos para o tratamento de nosso assunto, nos obriga a adiar um pouco mais o prazer que o leitor sem dúvida terá ao conhecer os detalhes desta cerimônia religiosa; mas o momento apropriado para os descrever chegará, sem dúvida, e provavelmente bem depressa.

Os Senhores passaram ao salão. Foi enquanto esperavam pelo jantar que nossos quatro libertinos, enclausurados com o encantador casal, o fizeram despir suas roupas, e o obrigaram a executar tudona esfera do ritual matrimonial que sua idade permitia, com a única exceção da

introdução do membro viril na pequena vagina da menina, introdução essa que podia muito bem ter sido feita, porque o menino endireitou muito satisfatoriamente, mas foi posto na ordem para que nada pudesse estragar uma flor destinada a ser arrancada por outros. Mas, à parte isso, foi-lhes permitido que se apalpassem e acariciassem um ao outro: a jovem Michette poluiu seu maridozinho e Giton, ajudado por seus senhores, masturbou sua jovem esposa com toda a doçura que se pode imaginar. Contudo, estavam ambos começando a realizar plenamente a escravidão em que se encontravam, e esse reconhecimento evitou o nascimento em seus corações da alegria voluptuosa, mesmo da alegria que seus poucos anos lhes permitiam experimentar.

Jantaram, o noivo e a noiva assistiram a festa, mas ao café, tendo as cabeças pegado fogo por sua causa, foram despidos, o mesmo sucedendo a Zélamir, Cupidon, Rosette e Colombe, que estavam servindo o café. Curval deitou a mão ao marido, o Duque capturou a noiva, e os dois homens atacaram as coxas do casal ali mesmo. O Bispo, que desde que o café fora servido ficara entusiasmado com ele, atacou àvidamente o encantador traseiro de Zélamir, o qual lambeu, chupou, e ao qual arrancou uns peidos, e logo conseguiu trespassar o menino do mesmo modo, enquanto Durcet cometia as pequenas vilanias de sua preferência no adorável traseiro de Cupidon. Nossos dois atletas principais não descarregaram; um deles logo prendeu Rosette, o outro, Colombe, enfiaram seus paus nas pernas das crianças, do mesmo modo que o tinham feito com Michette e Giton, ordenando-lhes que os masturbassem com suas bonitas mãozinhas, e de acordo com as instruções que vinham recebendo, surgindo a ponta daqueles monstruosos paus do outro lado da bifurcação das pernas de Rosette e Colombe; e, ao mesmo tempo que os jovens trabalhavam, os libertinos confortavelmente apalpavam as bundas deliciosas e frescas de seus ajudantes. E, mesmo assim, nada de esperma; os Senhores sabiam muito bem que tinham pela frente deliciosas tarefas nessa noite, e por isso, agiam circunspectamente. Os privilégios do jovem casal foram ab-rogados, seu casamento, embora realizado de acordo com todas as formalidades, tornou-se uma piada; cada um deles voltou para seu quarteto, e a companhia estabeleceu-se no auditório. Duclos retomou a sua história.

"Um homem com mais ou menos as mesmas predileções do financeiro, cujos feitos terminaram o recital de ontem a noite, será o atleta com quem, desde que isso seja do agrado de Vossas Senhorias, terá início o de hoje. Era um procurador da coroa, de cerca de sessenta anos, e não só suas excentricidades eram invulgares, como também, para as praticar, só queria mulheres mais velhas do que ele. Guérin deu-lhe uma de suas amigas, uma velha procuradora cujas flácidas nádegas se pareciam imenso com um velho pergaminho usado para guardar tabaco. Era esse, não obstante, o objeto empregado nos prazeres de nosso libertino. Ajoelhou-se debaixo daquela decrépita bunda e beijou-a com ardor; peidos explodiram em seu nariz, ficou estático, abriu a boca, a dama abriu seu respiradouro, sua língua foi entusiasticamente em busca dos doces ventos sussurrando naquele túnel. Não conseguiu resistir ao delírio em que a operação o mergulhava. De suas calças retira um pequeno instrumento idoso, pálido e trêmulo, um objeto tão desfavorecido como aquele que endeusa. "Ah! Peida, minha velha doçura, peida perdidamente, peida abundantemente", exclama ao mesmo tempo que se masturba com todo o vigor. "Peida, meu amor, pois só teus peidozinhos quebram o encanto que prende este príncipe adormecido". A procuradora redobra de esforço, e, bêbedo de alegria, o libertino alivia seu fardo: nas pernas de sua deusa caem duas ou três gotinhas infelizes do esperma responsável por todo o seu deleite. Oh terrível efeito do exemplo! Quem poderia acreditar? No mesmo instante, e como se tivessem recebido um sinal,

nossos quatro libertinos chamam individualmente as duenhãs de suas quadrilhas. Lançam mãos ávidas aquelas bundas fedorentas e imundas, solicitam peidos, obtem-nos, e estão plenamente preparados para serem tão felizes quanto o procura-dor da coroa, mas controlam-se, porque se lembram dos prazeres que os esperam nas orgias; pelo que despedem suas Vênus, e Duelos continua :

Darei pouca ênfase a paixão seguinte, disse nossa amável criatura, porque realizo que há entre vós, Senhores, poucos devotos da mesma: contudo, recebi ordens para contar tudo, e obedeço. Um homem muito jovem, com um rosto muito bonito, costumava achar muito interessante lamber minha boceta uma vez por mês, e num determinado período. Eu ficava deitada de costas, minhas pernas bem abertas, costumava ajoelhar-se na minha frente, e chupar, puxando com ambas as mãos meus quadris, de modo a aproximar mais minha boceta. Engolia esperma e sangue, e procedia com tal habilidade, trabalhava com tamanha vontade, e era um rapaz tão bonito, que eu costumava gozar. Masturbava-se a si próprio, atingia o sétimo céu, nada lhe podia evidentemente dar tanto prazer, e a descarga mais quente, mais ardente, verificada durante a ação, sempre me convencia de sua boa disposição. No dia seguinte, costumava sempre visitar Aurore, logo depois minha irmã, e no curso do mês, passava todas nós em revista, e fazia sem dúvida ao mesmo tempo o circuito de todas as outras casas de putas de Paris.

Mas, Senhores, acredito que concorram no meu julgamento quando digo que o capricho acima mencionado não é mais singular do que o de outro cavalheiro, um velho amigo de Guérin, que o fornecia há muitos anos. Guérin afirmou-nos que toda sua alegria consistia em comer ovulações desprendidas e em chafurdar em abortos; era notificado sempre que uma moça se encontrava nesse estado, e corria para a casa e engolia o embrião, quase desmaiando de satisfação.

"Conheci esse homem", disse Curval. "Sua existência e gostos são tão autênticos como tudo o que existe no mundo".

"Talvez", disse o Bispo. "E eu conheço uma coisa tão certa como o seu homem, e essa é que eu não o imitaria".

"E por que"? perguntou o Presidente. "Estou convencido de que produziria uma ótima descarga, e se Constance me der sua permissão, pois ouvi dizer que se encontra grávida, ora, posso prometer-lhe que irei buscar o Senhor seu filho muito antes dele estar pronto, e vomito-o como uma sardinha".

"Oh todo o mundo conhece o seu horror por mulheres grávidas", exclamou Constance, "e todo mundo sabe também que você só se libertou da mãe de Adelaide porque ela concebeu uma segunda vez, e se Julie tivesse seguido meus conselhos, teria sido cuidadosa".

"Claro que é perfeitamente exato que não gosto de progênie", respondeu Curval, "e que quando a besta é carregada, aviva um desprezo furioso em mim, mas imaginar que matei minha mulher por esse motivo, é estar gravemente enganado. Puta que você é, meta em sua cabeça que não preciso de razões para matar uma mulher; acima de tudo, uma puta que, se fosse minha, não deixaria com certeza parir".

Constance e Adelaide começaram a chorar, e esse breve diálogo revelou um pouco do ódio secreto que o Presidente tinha pela encantadora esposa do Duque o qual, pelo seu lado, longe de apoiar na discussão, respondeu a Curval, dizendo-lhe que devia saber perfeitamente bem que ele, Blangis, tinha igual asco por filhos, e que embora Constance

estivesse grávida, não dera ainda à luz. Nesse ponto, as lágrimas de Constance correram mais depressa; estava no divã de seu pai, e Durcet, não se dispondo a confortá-la, advertiu sua filha de que se não parasse imediatamente de choramingar, independentemente de seu estado, a expulsaria do auditório a pontapés no rabo. A infeliz criatura derramou em seu coração as lágrimas por que foi censurada, e ficou satisfeita por dizer: "Ah, Deus Poderoso! que infeliz sou, mas é o meu destino, devo suportá-lo". Adelaide, que chorava também no divã do Duque, e cujo desgosto o Duque movia céus e terra por aumentar, conseguiu também secar suas lágrimas, e esta cena, um tanto trágica, embora muito alegre para as almas vis de nossos quatro libertinos, terminou, e Duolos retomou a sua narração:

No estabelecimento de Guérin havia um aposento de construção muito curioso, usado sempre por um homem. Tinha um soalho duplo, e esta estreita área entre os dois andares, onde havia apenas espaço para a pessoa se deitar, servia para alojar a invulgar casta de libertino, no interesse de cuja paixão eu tinha emprego regular. Pegava numa moça e, descendo por uma porta falsa, deitava-se e colocava-se de maneira que sua cabeça ficasse diretamente por baixo de um buraco feito no soalho acima; a moça que o acompanhava, só tinha por obrigação masturbá-lo, e eu, localizada em cima, só tinha que fazer a mesma coisa a um segundo homem. O buraco, obscuro e aparentemente uma falha natural nas tábuas, estava aberto como por negligência, e eu, procedendo em nome da arrumação, ansiosa por não sujar o soalho, ao mesmo tempo que o masturbava, dirigia seu esperma de modo a que ele caísse, através do buraco, na cara do cavalheiro em baixo. Tudo era feito com tal habilidade, que nada parecia fora de seu lugar, e a operação era sempre um sucesso; no momento em que o esperma arrancado da pessoa acima salpicava o nariz da pessoa masturbada em baixo, esta última soltava o seu, e era tudo.

Entretanto, a idosa dama que mencionei anteriormente reapareceu, mas desta vez para defrontar um campeão diferente. Este, um homem de cinqüenta anos, mandou-a tirar a roupa, e depois, lambeu-lhe todos os orifícios de seu velho corpo; bunda, boceta, boca, narinas, axilas, ouvidos, nada omitiu, e em cada chupada, o safado engolia o que conseguia. E foi ainda mais longe, fazendo-a mastigar pedaços de doces que depois chupava para sua própria boca, e engolia. Mandava-a encher a boca de vinho, com o qual gargarejava ou bochechava, e bebia-o também; e todo o tempo seu pau ficava num estado de ereção tão furiosa, que o esperma parecia pronto a voar sem ajuda. Sentia final-mente o momento cruciante, e então lançava-se para cima da velha e dardejava sua língua pelo menos seis vezes em seu anus, e descarregava como um louco".

"Ah, por Deus"! disse Curval, "você é capaz de dizer agora que a juventude e beleza são indispensáveis à atração do esperma? Ora, uma vez mais é o ato imundo que causa maior prazer: e quanto mais imundo, mais voluptuosamente se derrama o esperma".

"Trata-se de sais picantes", Durcet concordou, "que saindo do objeto que serve nossa lascívia, penetram em nós, e irritam nossos espíritos animais, deixam-nos em comoção; ora bem, quem duvida então que tudo que é faltoso, maculado, ou imundo, segrega uma maior quantidade desses sais e tem por isso uma maior capacidade para estimular e determinar nossa descarga"? Esta tese foi sobriamente discutida durante algum tempo; como havia muito trabalho a executar depois da ceia, foi esta servida mais cedo do que era costume, e, a sobremesa, as meninas, todas condenadas à penitência, dirigiram-se ao salão, onde seriam corrigidas juntamente com os quatro meninos e as duas esposas igual-mente sentenciadas. Isso fazia catorze vítimas: as oito meninas, cujos nomes o leitor conhece, Adelaide e Aline, e



quatro rapazes: Narcisse, Cupidon, Zélamir e Giton. Já embriagados pela antecipação do deleite particular que os aguardava, e do qual gostavam num grau incrível, completaram sua intoxicação ingerindo uma prodigiosa quantidade de vinhos e licores e, depois, deslocaram-se para o salão onde os pacientes os aguardavam, e era tal o estado comum dos Senhores, tão apatetados estavam, com tal fúria lasciva entraram, que não há certamente ninguém no mundo que deseje trocar de lugar com aqueles infelizes réus.

A assistência às orgias foi limitada nesse dia aos delinqüentes e às quatro velhas que ali estavam como criadas; todo o mundo estava nu, todos tremendo, todos chorando e se perguntando o que esperar quando o Presidente, ocupando lugar numa cadeira de braços, pediu a Durcet que anunciasse o nome de cada criminoso, e citasse sua falta. O rosto de Durcet estava tão irado quanto o de seus colegas, pegou no livro, e passou a ler do mesmo, mas encontrou dificuldades e não conseguiu prosseguir; o Bispo veio em seu auxílio, e embora tão bêbedo quanto o banqueiro, controlou seu vinho com mais sucesso e, em voz alta, leu, um após outro, os nomes dos culpados e suas faltas; e, depois de cada citação, o Presidente pronunciou a sentença, de acordo com as faculdades físicas e a idade do criminoso, mas os castigos decretados foram em todos os casos extremamente severos. Concluída esta cerimônia, foram aplicados os castigos. Estamos desesperados, porque uma vez mais somos forçados pelo desígnio de nossa história, a fazer um pequeno desvio: sim, devemos, de momento omitir a descrição desses corretivos lúbricos, mas nossos leitores não se voltarão contra nós; eles compreendem nossa incapacidade de lhes dar completa satisfação no momento presente; mas, podem estar certos, sua hora chegará.

A cerimônia demorou muito tempo. Havia catorze súditos a punir, e alguns episódios muito agradáveis interromperam os trabalhos. Não há dúvida a esse respeito, tudo foi delicioso, pois nossos safados descarregaram, todos quatro, e retiraram-se tão esgotados, tão bêbedos de vinho e prazer, que se não fossem os quatro fodedores que os foram buscar, podiam não ter chegado a seus aposentos onde, a despeito de tudo que tinham feito, foram executadas novas explorações lúbricas.

O Duque, que tinha Adelaide por companheira de noite, não a quis. Ela era uma das delinqüentes punidas, e tão bem punida por Blangis, que este, tendo derramado até a última gota seu esperma em sua honra, não tinha mais necessidade da infeliz nessa noite, e relegando-a a uma almofada no chão, deu seu lugar a Duclos, mais firmemente instalada em suas boas graças do que nunca.

## O OITAVO DIA

Tendo os exemplos do dia anterior causado uma profunda impressão, não se encontrou ninguém, ninguém se podia encontrar em falta no dia seguinte. As lições continuaram, foram executadas nos fodedores, e como o dia não produzisse qualquer evento extraordinário até ao desjejum, começaremos nosso relato por esse pequeno rito. O café foi servido por Augustine, Zelmire, Narcisse e Zéphyr. Começaram de novo as fodas nas coxas, Curval deitou a mão a Zelmire, o Duque a Augustine, e depois de terem admirado e beijado suas bonitas bundas as quais, verdadeiramente não sei por que, possuíam nesse dia um encanto, uma atração, um tom avermelhado que os amigos não tinham até então observado, depois, dizia, de nossos amigos libertinos terem cuidadosamente beijado e acariciado aquelas requintadas bundazinhas, foram solicitados peidos as mesmas; o Bispo, que tinha Narcisse a seu lado, já tomara essa precaução, Zéphyr podia ouvir-se ecoando na boca de Durcet — por que não imitá-las?

Zelmire conseguiu, mas Augustine esforçou-se e contraiuse, o Duque ameaçou-a com novo martírio no sábado, com um castigo tão severo quanto aquele que sofrera na véspera, mas apertos e contrações, ameaças e imprecações, tudo era em vão, nada emergia da pobre criaturazinha, estava já em lágrimas quando finalmente um soprozinho saiu, e satisfez o Duque que inspirou o aroma e, altamente satisfeito com esta marca de docilidade da adorável criança de quem gostava tanto, acampou seu enorme engenho entre suas coxas, depois retirou-o quando estava prestes a descarregar, e inundou totalmente suas duas nádegas. Curval fizera o mesmo a Zelmire, mas o Bispo e Durcet, contentaram-se com aquilo que é conhecido por passo de ganso; mais tarde, depois da sesta, passaram ao auditório onde a esplêndida Duclos, arrumada nesse dia com tudo que pudesse levar com mais sucesso o observador a esquecer sua idade, parecia ainda mais adorável sob o candelabro, e nossos libertinos, muito quentes com a longa contemplação da nossa narradora, não lhe permitiram que subisse à plataforma sem primeiro exhibir suas nádegas à assembléia.

"Uma bunda magnífica, juro por minha alma", disse Curval. "Oh, sim, realmente, meu amigo", disse Durcet, "garanto que não há muitas mais dignas de tais elogios".

Ouvidos estes encômios, nossa heroína baixou as saias, tomou seu lugar, e retomou sua narração da maneira que o leitor observará, se lhe agrada continuar, o que, a bem do prazer, o aconselhamos a fazer.

"Um reflexo e um evento foram responsáveis, Senhores, pela mudança nos campos de batalha; os combates que a partir de agora relatarei, foram travados noutras imediações. A reflexão foi muito simples: observei a lamentável condição de minha bolsa, e imediatamente me pus a pensar. Estava há nove anos na casa de Madame Guérin, e, embora, durante esse tempo, tivesse gasto muito pouco dinheiro, achei-me então com menos de cem luízes; essa mulher, extremamente esperta e nem uma única vez surda ao apelo de seu bem-estar, achava sempre maneira de embolsar dois terços das receitas da casa, e de impor novas deduções ao que sobrava. Essas práticas desagradavam-me e, sujeita as repetidas solicitações de outra procuradora, Madame Fournier, que apenas queria que eu me instalasse a seu lado, e sabendo que essa Fournier recebia debochados velhos de tom mais elevado e meio superiores a clientela de Guérin, decidi sair de uma, e jogar minha sorte na outra. Quanto ao evento que emprestou apoio a idéia, foi a perda de minha irmã: tinha por ela um enorme afeto, e não podia continuar numa casa onde tudo me recordava dela, mas da qual estava ausente. Durante seis meses minha querida irmã recebera visitas de um homem alto, moreno e silencioso, cujo rosto eu achava extremamente desagradável. Afastavam-se os dois, e eu não sei como passavam seu tempo porque minha irmã nunca quis discutir o que faziam, e nunca amaram num lugar onde eu pudesse observar seu negócio. Seja como for, ela veio a meu quarto uma bela manhã, abraçou-me, e disse-me que sua fortuna estava feita, ia ser amante do homem alto de quem eu não gostava, e soube apenas que o fator decisivo na conquista era a beleza de suas nádegas. E com isso deume seu endereço, acertou suas contas com a Guérin, deu um beijo de despedida em cada uma de nós, e partiu. Podem estar certos de que não deixei de ir ao endereço que ela indicou, porque queria vê-la. Foi dois dias depois de sua partida; cheguei, perguntei por minha irmã, e minha pergunta foi respondida com um encolher de ombros e expressões duvidosas. Vi com toda clareza que minha irmã fora lograda, porque não posso imaginar que me privasse do prazer de sua companhia. Quando relatei a coisa a Guérin, e me queixei do que acontecera, um sorriso maligno surgiu em seu rosto. Recusou qualquer explicação; por isso concluí que ela participara dessa misteriosa aventura, mas não queria que me envolvesse na mesma. Tudo isso teve um profundo efeito em mim, e trouxe um rápido

termo a minha indecisão; como, Senhores, não terei oportunidade de voltar a falar dessa adorada irmã, no futuro, posso dizer agora que, a despeito das investigações que fiz e de todos os meus esforços para a encontrar, nunca consegui descobrir o que lhe aconteceu.

"Não me atrevo a dizer", observou Desgranges, "porque, vinte e quatro horas depois de a ter deixado, não estava mais viva. Não, ela não enganou você; pelo contrário, ela é que foi lograda. Mas, como você suspeitou, Guérin sabia o que estava acontecendo".

"Deus Misericordioso! que me está dizendo"? exclamou Duclos. "Ai, embora privada de sua presença, imaginei que estivesse viva".

"Erradamente", respondeu Desgranges, "Ela contou-lhe a estrita verdade: foi na realidade a beleza de suas nádegas, a espantosa superioridade daquela notável bunda que lhe trouxe a aventura em que pensou vir a ganhar uma fortuna, mas na qual conquistou penas a morte".

"E o homem alto e silencioso"? Duclos perguntou.

"Não passava de um bajulador na história, trabalhava para outra pessoa".

"Mesmo assim, digo-lhe uma coisa, ele visitou-a assiduamente durante seis meses".

"Para a enganar", Desgranges respondeu; "mas continue com sua história, estes esclarecimentos podem provar tediosos para Suas Senhorias, e se desejarem ouvir mais detalhes da questão, podem ficar certos de que a anedota figurará em seu depoimento".

"E poupe-nos as demonstrações emocionais, Duclos", o Duque disse secamente, ao notar que ela não conseguia mais reter algumas lágrimas involuntárias, "não nos interessam muito lamentações e tristezas; na verdade, todas as obras da Natureza podem ir pelos ares e parar no inferno, que não daremos nem um ai. Deixe as lágrimas aos idiotas e às crianças, e não deixe que elas sujem as faces de uma mulher desempoeirada e esclarecida, da espécie que estimamos".

Com essas palavras, nossa heroína controlou-se e recomeçou imediatamente sua narrativa.

Em virtude das duas razões que acabo de apresentar a Vossas Senhorias, decidi partir; Fournier ofereceu-me melhores acomodações, uma mesa de longe mais interessante, trabalho muito mais remunerador embora mais árduo, uma parte igual nas receitas, e nada de taxas de serviço.. Fui imediatamente ao seu encontro. Nessa época ocupava uma casa inteira, e cinco bonitas moças compunham seu serralho; comigo, seis. Permitam-se que faça de novo, como anteriormente, quando descrevi o estabelecimento da Guérin: não retratarei minhas companheiras de armas até "surgirem, uma a uma, na arena.

Na manhã de minha chegada, foi-me dado um projeto, pois Fournier dirigia uma casa atarefadíssima, pessoas entravam e saíam constante-mente, cada uma de nós recebia muitas vezes cinco ou seis clientes no espaço de um dia; mas, continuarei, como até agora, a selecionar apenas aqueles que, por sua singularidade ou malícia, são suscetíveis de prender vossa atenção.

O primeiro homem que recebi em minha nova habitação, era um oficial de intendência, de cerca de cinqüenta anos. Fez-me ajoelhar ao lado da cama com meu queixo apoiado na borda; instalou-se na cama, também de joelhos, e por cima de mim. Esfregou seu pau bem em frente de minha boca, mandando que a conservasse bem aberta; não perdi nem uma gota, e o obsceno camarada divertiu-se prodigiosamente com as contorções e vômitos que aquela horrível lavagem de boca me causara.

Talvez prefiram que agrupe as outras quatro aventuras desta categoria que vivi na casa de Madame Fournier, embora os Senhores compreendam que esses encontros foram separados, no tempo. Estou certa de que o relato será longe de desagradável ao Senhor Durcet, e talvez muito oportuno, e durante o resto da noite gentilmente me permitirá que o distraia com relatos de uma paixão pela qual tem entusiasmo, e que me proporcionou a honra de o ter conhecido.

"Que é isso"? exclamou Durcet, "você vai-me fazer desempenhar um papel na sua história"?

"Com sua graciosa permissão, meu Senhor", Duclos respondeu. "Simplesmente avisarei os Senhores quando atingir o ponto em que o Senhor Durcet entra".

"Mas minha modéstia... que coisa! Perante estas meninas, você vai mesmo revelar todas as minhas torpezas a seus ouvidos inocentes"? E depois de todos terem gargalhado com os caprichosos receios do banqueiro, Duclos retomou sua narrativa.

Outro libertino, muito mais velho e de modo diferente odioso, sucedeu ao que mencionei há momentos, e veio fazer-me uma segunda representação da mesma mania; mandou-me deitar ao comprido, nua, na cama; deitou-se também, sua cabeça voltada para meus pés, enfiou seu pau em minha boca, e sua língua em minha boceta, e tendo adotado esta atitude, fêz-me retribuir as titilações voluptuosas que declarou sua língua sem dúvida me provocaria. Chupei o melhor que consegui; tocou em minha pucela, lambeu, borbulhou, derramou e, sem dúvida, em todas estas manobras, trabalhou infinitamente mais em seu nome do que em meu. Seja qual for a verdade, nada senti, e fiquei extremamente feliz por não ter ficado horrivelmente revoltada com o negócio; seguiu-se a descarga do devasso, uma operação que, de acordo com os veementes desejos de Fournier, pois ela me dera conhecimento prévio de tudo, uma operação, dizia, que me esforcei por tornar tão lúbrica quanto possível, chupando, extraindo o suco de seu pau com meus lábios, gargarejando com ele em minha boca, e passando minha mão em suas nádegas e titilando seu ânus, detalhe este que afirmou lhe agradava imenso, e que por seu lado executava em mim o melhor que sabia... Completado o negócio, nosso homem retirou-se, garantindo a Madame Fournier que nunca sentira tanto prazer como comigo.

Pouco depois desta minha última aventura, surgiu em nossa casa uma velha bruxa de cerca de setenta anos; fiquei curiosa por saber o que ali a levava, parecia ter um ar de expectativa, e, sim, disseram-me que aguardava um cliente. Extremamente ansiosa por saber qual o uso que alguém daria a tal saco de ossos, perguntei a minhas colegas se não havia um quarto de onde se pudesse espreitar os combates, como na casa de Madame Guérin. Uma de minhas amigas respondeu que realmente existia essa possibilidade, e conduziu-me a um aposento equipado não com um, mas com dois buracos; ocupamos nossos postos, e eis o que vimos e ouvimos, porque a parede não passava de uma simples divisão, e o som atravessava-a com tal facilidade, que não perdemos uma palavra. A velha dama chegou primeiro. Viu-se no espelho, retocou-se, fez ajustamentos, como se pensasse que seus encantos eram ainda capazes de conquistar. Alguns minutos mais tarde, entra o sedutor; tinha no máximo sessenta anos, comissário de impostos, um homem muito bem na vida e que preferia gastar seu dinheiro com mulheres velhas e desgastadas como aquela, em vez de moças bonitas; e por quê? Uma singularidade de gosto que os Senhores compreendem e, na realidade, explicam admiravelmente. Avança, observando sua Dulcinéia; esta faz-lhe uma respeitosa vênia.

"Deixa de besteira, velha puta", diz o devasso, "não me interessam maneiras elegantes.

Tira a roupa... Mas espera um momento. Você tem algum dente"?

"Não, Senhor, nem um", responde a dama, abrindo sua boca nojenta. "Pode ver, se lhe agrada, Senhor".

Logo após, Sua Senhoria agarra a cabeça da mulher, e deposita em seus lábios os beijos mais apaixonados que já vi em toda minha vida; não beijou apenas, mas chupou, devorou, amorosamente enfiou a língua ate onde conseguiu naquela pútrida goela, e a querida vovó, a quem não faziam coisa semelhante há muitos anos, respondeu com uma ternura que... teria grande dificuldade em descrever aos Senhores.

"Muito bem", disse o funcionário, "chega. Tira a roupa".

Entretanto, ele abre também sua calça, e revela um pequeno membro murcho e escuro, no qual nada há que prometa uma ereção. Contudo, a velha moça está nua, e com uma afronta inqualificável, oferece a seu amante o espetáculo de um corpo velho, amarelo e encarquilhado, seco, sem formas e sem carne, a plena descrição do qual, independentemente das fantasias dos Senhores em- tal matéria, os encheria tanto de horror, que é preferível não continuar; mas, longe de enojado, de sentir repulsa e ficar perturbado por aquilo que saúda seu olhar, nosso libertino fica positivamente encantado; estático, agarra sua amada, arrasta-a para onde está sentado em uma cadeira, mexe nela toda enquanto aguarda a remoção de seu último ponto da roupa, de novo dardeja sua língua na boca dela e voltando-a, rende durante um momento homenagem ao reverso da medalha. Vi muito distintamente quando acariciava suas nádegas — mas que estou dizendo? Nádegas? Antes o vi manipular os dois trapos enrugados que caíam em ondas de suas ancas e pendiam sobre suas coxas. De qualquer modo, separou-as, voluptuosamente colou seus lábios a infame cloaca que elas cobriam, repetidas vezes lhe enfiou a língua, e, ao mesmo tempo que suava de felicidade sobre aquela ruína, ela lutava por dar alguma firmeza ao dispositivo moribundo que esfregava.

"Vamos ao âmago da questão", disse o amado; "sem minhas habilidades favoritas, todas as suas tentativas serão em vão. Já lhe disseram"?

"Sim, Senhor, já me disseram".

"E você sabe que tem de engolir"?

"Sim, meu querido, eu engulo, oh sim, meu chuchu, meu amor, eu engulo, vou devorar cada gotinha que meu patinho fizer".

E então o libertino deposita-a no leito, sua cabeça voltada para os pés do bem amado, ele imediatamente enfia seu débil engenho entre suas gengivas, empurra-o valentemente até aos testículos, retorce-se até agarrar as pernas de seu doce e as escarranchar em seus ombros, seu focinho òtimamente colocado entre as nádegas da criatura. Sua língua passeia fundo no requintado buraco; a abelha em busca do néctar da rosa não chupa mais voluptuosamente; a dama também chupa, nosso herói começa a agitar-se. "Ah, esperma" exclama depois de quinze minutos de ginástica libidinosa, "chupa, chupa, chupa e engole puta imunda, engole, está saindo, pelo rosto de Jesus, está saindo, não sente"? 'E derramando beijos por todos os lados, beijando tudo que encontra, coxas, vagina, nádegas, ânus, tudo é lambido, tudo é chupado, a velha puta engole, e a pobre velha ruína, que retira um dispositivo tão débil quanto o que introduziu, e que aparentemente descarregou sem ereção, sai cambaleando cheio de vergonha de seus transportes, e tão prontamente quanto pode dirige-se à porta, a fim de evitar a vista temperadora do espantoso objeto que acabava de o seduzir em sua fraqueza.

"E a velha puta"? inquiriu o Duque.

A velha puta tossiu, cuspiu, assoou o nariz, vestiu-se com a possível brevidade, e foi embora.

Alguns dias mais tarde, a mesma companheira graças a qual me fora permitido desfrutar o espetáculo desta cena, teve sua vez. Era uma moça loura de cerca de dezesseis anos, com a fisionomia mais interessante do mundo; avidamente agarrei a oportunidade de a ver trabalhar. O homem com quem ela ia conferenciar era pelo menos tão velho quanto o comissário de impostos. Fê-la ajoelhar entre suas pernas, imobilizou-lhe a cabeça segurando ambas as suas orelhas, e enfiou em sua boca espantada um pau que me pareceu mais sujo e menos apetitoso do que um trapo abandonado na água do esgoto. Ao observar aquele pavoroso naco aproximar-se de seus lábios limpos e saudáveis, minha pobre colega quis recuar, mas não era a toa que nosso cavalheiro a segurava como um spaniel pelas orelhas.

"Que diabo é isso"? balbuciou. "Você vai ser difícil"?

E ameaçando chamar Fournier, que sem dúvida lhe tinha recomendado a atitude mais conciliatória, triunfou sobre as hesitações da moça. Ela abre seus lábios, recua, abre-os de novo e finalmente, cheia de ânsias e náuseas, aceita na mais doce das bocas, a mais infame das relíquias: a partir desse momento, as palavras do vilão são extremamente grosseiras.

"Ah, sua vagabunda", gritou enfurecido, "você tem escrúpulos, não tem, de chupar o melhor pau da França? Você acha que se devem lavar os colhões apenas por sua causa? Bem, foda-se, sua puta; chupa, ouviu? Chupa a carne doce".

Agradecendo calorosamente a esses sarcasmos e a repulsa que notou estar inspirando em minha companheira, porque é verdade, Senhores, que o asco que nos despertais se torna o moscardo que acorda vosso prazer, excita vossa lascívia; tornando-se mais ardente, dizia. o libertino mergulhou em êxtase e deixou na boca da moça a evidência mais definida de sua virilidade. Menos complacente do que a velha, nada engoliu, e muito mais revoltada, vomitou momentos depois tudo que tinha no estomago, e nosso libertino, arrumando-se sem prestar grande atenção ao que se passava, ria com um ar de desprezo entre os dentes, divertido com as cruéis conseqüências de sua libertinagem.

Minha vez chegou depois. Mas, mais feliz do que minhas antecessoras, foi ao próprio Cupido que me entregaram, e depois de o ter satisfeito, só me restou admiração pelo fato de um jovem tão simpático ter gostos tão peculiares. Chega, manda-me tirar a roupa toda, e deita-se na cama e ordena-me que fique de cócoras por cima de seu rosto, e com minha boca trate de provocar uma descarga num pau muito medíocre, pelo qual, contudo, manifesta louvor, e cujo esperma me ordena que engula assim que começar a correr.

"Mas não perca a oportunidade", o libertino acrescenta, "entretanto, quero que sua boceta inunde minha boca de urina, prometo engolir tudo enquanto você engole meu esperma, e ficarei encantado se puder cheirar alguns peidos dessa esplêndida bunda".

Dediquei-me a tarefa e executei simultaneamente meus três serviços com tanta habilidade e graça, que a pequena anchova logo vomitou toda a sua fúria em minha boca; engoli de boa vontade, meu Adonis do mesmo modo não perdeu tempo com o mijo que saía de minha fenda e, enquanto bebia, aspirava a fragrância que uma corrente ininterrupta de peidos levava a suas narinas.

"Realmente, Mademoiselle", murmurou Durcet, "você bem podia ter dispensado

revelações que recordam minha infância".

"Ha"! disse o Duque rindo alegremente, "muito bem! Você, que hoje mal tem coragem de olhar para uma boceta, gostava então que elas lhe mijassem nos velhos tempos"?

"É verdade", disse Durcet, "coro de vergonha, pois que coisa pode ser mais pavorosa do que ter mais torpezas na consciência? Oh, sinto hoje o pesado fardo do remorso, meu amigo... Oh! deliciosas bundas"! exclamou, beijando em seu entusiasmo a de Sophie, a quem chamara para um momento de carícia, "Oh bundas divinas. corno me censuro pelo incenso de que vos privei! Oh fundamentos deliciosos, prometo-vos um sacrifício expiatório, juro por vossos altares nunca mais me desviar, enquanto vivo, dos caminhos da retidão".

E tendo ficado um tanto quente com aquele esplendido traseiro, o libertino pôs a noviça numa posição que era indubitavelmente muito indecente, mas que lhe permitia, como vimos acima, que sua anchova fosse chupada ao mesmo tempo que chupava a bunda mais bonita, fresca e voluptuosa. Mas Durcet, então indiferente demais, saciado daquele prazer, só raras vezes o achava revigorante; podia chupar-se o que se quisesse, ele podia fazer a mesma coisa até seus lábios rebentarem, era sempre a mesma coisa: retirava no mesmo estado de colapso, e maldizendo e praguejando contra a menina, adiava regularmente até um momento mais feliz os prazeres que a Natureza então lhe negava.

Nem todos foram assim infelizes; o Duque, que passara a seu aposento com Zélamir, Clivador de Bundas e Thérèse, emitia gritos e berros que atestavam sua felicidade, e Colombe, tossindo e cuspidando com grande aflição, deixou poucas dúvidas acerca do templo onde fizera suas orações. Quanto ao Bispo, reclinado em seu divã da maneira mais natural, com as coxas de Adelaide esfregando seu nariz e seu pau na boca dela, estava no sétimo céu, pois recebia brande abundância de peidos da jovem; Curval, num estado extremamente correto, pregava a pequena boca de Hébé com seu prego disforme, e derramava seu esperma ao mesmo tempo que recorria a outras habilidades.

Chegou a hora da refeição. O Duque pretendia por a tese de que se a felicidade consiste na satisfação inteira de todos os sentidos, era difícil alguém ser mais feliz do que eles.

"A observação não é de um libertino", disse Durcet. "Como se pode ser feliz, quando nos podemos satisfazer constantemente? A felicidade não consiste na consumação do desejo, mas no próprio desejo, na remoção dos obstáculos colocados na frente do que se deseja. Bem, qual é a perspectiva aqui? Só precisamos de desejar para ter. "Juro", continuou, "que desde que aqui cheguei, nem uma vez meu esperma correu per causa dos objetos que me rodeiam no castelo. Todas as vezes descarreguei pelo que aqui não está, pelo que se encontra ausente deste lugar, e é assim", declarou o financista, "que, de acordo com minha crença, há uma coisa essencial a menos em nossa felicidade. É o prazer da comparação, prazer que só pode surgir da observação de pessoas desgraçadas, e aqui não se vê nenhuma. É a vista daqueles que nem por sombras usufruem o que eu usufruo, e que sofrem, que surge o encanto de se poder dizer consigo próprio: Sou portanto mais feliz do que elas. Onde quer que os homens possam ser iguais, e onde não houver tais diferenças, a felicidade também nunca existirá: é a história do homem que só compreende bem o que é a saúde, depois de ter estado doente".

"Nesse 'caso", disse o Bispo, "você afirma que é uma verdadeira fonte de prazer a observação e contemplação das lágrimas das pessoas vitimadas pela miséria"?

"Evidentemente", Durcet respondeu. "No mundo inteiro talvez não haja voluptuosidade que mais lisonjeie os sentidos do que aquela que acabava de citar".

"O quê? Você não socorreria os desgraçados e miseráveis"? exclamou o Bispo que manifestou o mais genuíno agrado em fazer com que Durcet explorasse uma questão cujo exame era tanto do agrado de todos e a respeito da qual, todos viam, o financista podia manifestar sólidas opiniões.

"A que chama você socorrer"? respondeu Durcet. "E que a voluptuosidade que sinto e que é resultado dessa doce comparação da sua condição com a minha, deixaria de existir se eu os socorresse: libertando-os do estado de miséria, faria com que saboreassem um instante de felicidade, destruindo assim o prazer proporcionado pela comparação".

"Portanto, é necessário", raciocinou o Duque, "devemos, de uma maneira ou de outra, para melhor estabelecer essa distinção indispensável à felicidade, devemos, dizia, agravar bastante seu calvário".

"Não há dúvida a esse respeito", disse Durcet, "e isso explica as infâmias de que fui acusado toda minha vida. Os que ignoram perfeitamente meus motivos", o banqueiro continuou, "chamam-se duro, feroz, bárbaro, mas, rindo de todas essas denominações, continuo alegremente; provooco, atrevo-me a dizer, aquilo que os idiotas descrevem como atrocidades, mas com isso evoco distinções criadoras de prazer e faço muitas comparações deliciosas".

"Vamos", disse o Duque, "confesse, meu caro amigo: admita que mais de vinte vezes você engendrou a ruína de pessoas pobres, simplesmente para com isso servir os perversos gostos que acaba de reconhecer".

"Mais de vinte"? disse Durcet. "Mais de duzentas, meu amigo, e sem o menor exagero, posso enumerar mais de quatrocentas famílias reduzidas a mendicância, estado em que agora não se encontrariam se não fosse eu".

"E", disse Curval, "imagino que você lucrou com a sua ruína"?

"Ora, claro, isso sucedeu com freqüência, mas devo também confessar que inúmeras vezes não agi para lucrar, mas simplesmente para desfazer, em nome de uma certa maldade que quase sempre desperta em mim os órgãos da lubricidade; meu pau positivamente pula quando faço mal, no mal descubro precisamente aquilo que é necessário para estimular em mim todas as sensações do prazer, e faço mal por essa razão, apenas por ela, sem qualquer motivo ulterior".

"Pela minha alma", declarou o Presidente, "confesso que nada me agrada tanto quanto esse gosto. Quando, pertencendo ao Parlamento, devo ter votado cem vezes a favor do enforcamento de pobres diabos; eram todos inocentes, sabem, e nunca me entreguei a essas pequenas injustiças sem experimentar, bem no fundo de mim, a titilação mais voluptuosa: nada mais era preciso para inflamar meus colhões, nada os aquecia com tanta certeza. Podem imaginar como me sinto quando faço pior".

"É certo", disse o Duque, cujo cérebro começava a ferver enquanto apalpava Zéphyr", que o crime tem suficiente encanto em si próprio para incendiar todos os sentidos, sem ser necessário recorrer a outro expediente; ninguém compreende melhor do que eu que as enormidades e malversações, mesmo aquelas no extremo mais oposto do mau comportamento libertino, são tão capazes de incitar uma ereção como as que residem diretamente dentro da esfera da libertinagem. O homem que vos fala neste mesmo momento deve espasmos ao roubo, fogo posto, e está perfeitamente certo de que não é o objeto das intenções libertinas que nos incendeia, mas a idéia do mal, e que conseqüentemente é só



graças ao mal e apenas em seu nome que ficamos de pau duro, não graças ao objeto, e se esse objeto fosse destituído do poder de fazermos mal, nosso pau murcharia, não nos interessaria mais".

"Que pode haver de mais certo do que isso"? perguntou o Bispo. "E daí nasce outra certeza: os maiores prazeres derivam das fontes mais infames. A doutrina que deve governar perpetuamente nossa conduta é a seguinte: quanto mais prazer se procura nas profundezas do crime, mais pavoroso o crime deve ser; quanto a mim, Senhores, acrescentou o Bispo, "se me permitem falar pessoalmente, afirmo que atingi um ponto em que não sou mais vulnerável a sensação que estão discutindo, não mais a experimento, dizia, como resultado de crimes maiores ou menores, e se os que perpetro não combinarem tanto de atroz, baixo, odioso, doloso e traiçoeiro como se possa possivelmente imaginar, a sensação não é apenas vaga, não há mesmo sensação alguma".

"Muito bem", disse Durcet, "é possível cometer crimes como aqueles que nossa mente cobiça, crimes como os que acabam de ser mencionados? Pela minha parte, devo declarar que minha imaginação sempre ultrapassou minhas faculdades; faltam-me os meios para fazer o que devia, aquilo que concebo mil vezes melhor e mais do que fiz,- e queixo-me da Natureza que, embora dando-me o desejo de a ultrajar, sempre me privou dos meios para o fazer".

"Há apenas", disse Curval, "dois ou três crimes a cometer neste mundo, e esses, vez praticados, nada mais há a dizer; tudo o resto é inferior, deixa-se de sentir. Ah, quantas vezes, por Deus, não desejei ser capaz de assaltar o sol, arrebatá-lo do universo, fazer a escuridão geral, ou usa,essa estrela para queimar o mundo! ah, isso seria um crime, oh sim, e não um pecadinho como os que praticamos que se limitam num ano inteiro a metamorfosear uma dúzia de criaturas em pedaços de barro".

Logo após, seus espíritos alegres e quentes, como duas ou três das meninas já tinham observado, e começando seus paus a subir, saíram da mesa e foram em busca de bocas bonitas, nas quais derramar as torrentes do licor cujas convulsões demasiadamente insistentes promoviam a prática de tantos horrores. Nessa noite limitaram-se a prazeres de boca, mas inventaram cem maneiras de os variar, e depois de correrem, os quatro, uma magnífica corrida, nalgumas horas de repouso procuraram achar a resistência necessária para começar de novo.

## O NONO DIA

Nessa manhã Duclos expressou sua opinião, dizendo que achava prudente oferecer às meninas novos pacientes para substituir os fodedores então empregados nos exercícios de masturbação, ou terminar suas lições, pois considerava sua educação suficientemente adiantada. Duolos, muito astutamente, acentuou que o uso contínuo dos jovens conhecidas por seu título de fodedores, podia resultar na espécie de intriga que os Senhores desejavam especialmente evitar; além disso. acrescentou. nesses. exercícios, os jovens não serviam absolutamente para nada; como tinham inclinação para descarregar imediatamente assim que lhes tocavam, sua inconstância ou incontinência devia ser certamente melhor explorada, as bundas dos Senhores só tinham a perder se o programa continuasse sem alteração. Foi portanto decidido que as lições terminassem: de um modo geral tinham sido um sucesso, havia já entre as meninas algumas que esfregavam paus superiormente: Augustine, Sophie e Colombe podiam ser fàcilmente igualadas, quanto à habilidade e agilidade de pulso, às

melhores esfregadoras da capital. De todas, Zelmire era a menos apta: não que lhe faltasse agilidade ou que uma considerável ciência não fosse conspícua em todos seus movimentos, não, era seu caráter terno e melancólico que se levantava no seu caminho, parecia incapaz de esquecer suas tristezas, estava sempre melancólica e pensativa. Durante a inspeção do desjejum dessa manhã, sua duenha afirmou que surpreendera a criança na noite anterior numa atitude de oração, flagrantemente de joelhos, antes de se deitar; Zelmire foi chamada, interrogada, foi-lhe perguntado o objeto de suas orações: primeiro recusou-se a responder, depois, ao ouvir as ameaças, começou a chorar, admitiu que tinha pedido a Deus que a libertasse dos perigos a que estava sujeita, e tinha pedido acima de tudo ajuda antes de sua virgindade ser perdida. O Duque declarou então que ela merecia morrer, e fê-la ler os artigos que tratavam especificamente do assunto.

"Muito bem", suspirou, "matem-me, pelo menos o Deus que invoco terá piedade de mim, matem-me antes de me desonrarem, e a alma que Lhe devoto voará pelo menos em pureza para Seu seio. Serei poupada ao tormento de ver e ouvir tantos horrores todos os dias". Uma resposta onde reinava tal quantidade de virtude, de cândida inocência e de graciosa amenidade, levou nossos libertinos a endireitarem-se prodigiosamente. Houve vozes que exigiram seu despucelamento instantâneo, mas o Duque, recordando seus cortes do contrato inviolável que tinham subscrito, satisfez-se em propor — e sua sugestão foi unanimemente aprovada — que fosse condenada a violento castigo no sábado seguinte, e que, entretanto, se ajoelhasse e durante quinze minutos pusesse na boca e chupasse o pau de cada um dos amigos, e que lhe fosse dada, a título de advertência, a certeza de que se repetisse seu erro, isso lhe custaria decididamente sua vida, pois seria julgada e punida no rigor máximo da lei. A pobre coisinha rastejou para cumprir a primeira parte de sua penitência, mas o Duque, a quem a cerimônia tinha excitado, e que depois de pronunciar a sentença mexera prodigiosamente em sua bunda, como vilão que era, disparou sua semente incandescente na pequena e bonita boquinha, ameaçando-a ao mesmo de a estrangular se cuspsse uma única gota, e a pobre coitadinha tudo engoliu, não sem furiosas repugnâncias. Os três outros foram chupados de modo semelhante, um após o outro, mas nada produziram, e depois da visita habitual aos aposentos dos meninos e da excursão à capela, que nessa manhã produziu pouco porque quase ninguém conseguiu permissão para comparecer, a refeição foi servida, e então os Senhores entraram no salão para o café.

Foi servido por Fanny, Sophie, Hyacinthe e Zélamir: Curval teve vontade de foder as coxas de Hyacinthe, e obrigou Sophie a colocarse numa posição que lhe permitisse chupar o pedaço de seu pau que saía do outro lado das pernas apertadas de Hyacinthe. A cena foi agradável e inspiradora, esfregou o pauzinho do menino que mantinha encostado à sua barriga, e Hyacinthe descarregou no rosto de Sophie: o Duque. que em virtude das dimensões de seu pau era o único que podia imitar esse desempenho, arranjou-se de modo semelhante com Zélamir e Fanny, mas o menino não atingira ainda a idade da descarga, e assim, o nobre teve de passar sem o episódio muito agradável que Curval considerava tão simpático. Depois de acabarem, Durcet e o Bispo encarregaram-se das quatro crianças e fizeram-nas chupar seus paus, mas nenhum descarregou e, depois de uma breve soneca, a companhia deslocou-se para o auditório, onde, tendo todos ocupado seus lugares. Duolos prosseguiu com suas revelações.

"Perante outro público qualquer, disse a amável moça. poderia ter receio de abordar o assunto das narrativas com as quais será ocupada toda esta semana. mas, por muito crapuloso que ele seja, estou por demais familiarizada com vossos gostos. Senhores, para

ficar de algum modo apreensiva. Não, creio que não vos desagradarei; bem pelo contrário, estou convencida de que acharão minhas anedotas agradáveis. Devo, no entanto, advertir os Senhores de que vão ouvir acontecimentos abomináveis e imundos: mas que ouvidos poderiam estar melhor preparados para os ouvir? Vossos corações amam-nos e desejam-nos. e por isso entro no assunto sem novas delongas ou evasivas.

Na casa de Madame Fournier tínhamos um velho cliente de confiança conhecido por Cavaleiro, não sei por que, ou quando lhe foi dado o título; era seu costume fazer-nos uma visita todas as noites, e o pequeno rito que com ele regularmente desempenhávamos era igualmente simples e bizarro: desabotoava sua calça e nós formávamos fila e, uma após outra, depositávamos um monte dentro da mesma. Depois de todas termos cumprido nosso dever, abotoava suas calças e partia com grande pressa, levando sua carga consigo. Enquanto era abastecido, esfregava seu pau durante um instante ou dois, mas nunca ninguém o viu descarregar, e ninguém sabe para onde ia ou que fazia com sua carga de merda.

"Oh, por Jesus"! murmurou Curval, que nunca ouvia uma coisa sem ter vontade de a fazer imediatamente, "vou arranjar alguém que cague em minhas calças, e vou guardar o tesouro a noite inteira".

E ordenando a Louison que lhe fizesse esse serviço, o velho libertino proporcionou a assembléia um espetáculo aumentado da extravagância cujo relato acabava de ser feito.

"Bem, continue", disse fleumáticamente, fazendo um gesto para Duclos e voltando a instalar-se em seu divã, "não há nada de anormal, e espero que seja apenas a adorável Aline, minha encantadora companheira da tarde, a achar inconveniente. Quanto a mim, meio quilo de merda na vizinhança é perfeitamente agradável.

E Duelos retomou sua história.

Avisada de antemão, disse Duelos, de tudo que devia ter lugar na casa do libertino onde me mandaram, vesti-me de rapaz.. e como tinha apenas vinte anos, cabelos e rosto bonitos, a roupa ficava-me muito bem. Antes de partir, tive o cuidado de fazer em minha calça aquilo que o Senhor Presidente acaba de ordenar que se fizesse na sua. Meu homem esperava-me na cama, aproximo-me, beija-me lubricamente duas ou três vezes, diz-me que sou o rapazinho mais bonito que seus olhos já admiraram, e enquanto me elogia desabotoa minha calça. Oponho uma débil resistência com o único propósito de inflamar ainda mais seus desejos, ele suplica-me, insta, consegue o que quer, mas como poderei descrever o êxtase de que fica possuído ao perceber o pacote que trago comigo, e a confusão colorida em que transformou minhas nádegas.

"Ora, que é isso"? pergunta. "Você tem merda na calça, não tem? Mas, seu sem vergonha, isso é muito feio, você sabe. Como é possível uma coisa dessas"?

E rápido como uma bala, mantendo-me de costas para ele e de calça aberta, começa a esfregar e sacudir seu pau, passa-o em mim, e salpica seu esperma em meu traseiro cheio de merda, enfiando ao mesmo tempo sua língua em minha boca.

"Você quer dizer", exclamou o Duque", que se absteve de tocar nalguma coisa? Não mexeu em nada"?

"Não, meu Senhor", Duelos respondeu, "conto tudo que transpirou, não escondo detalhe algum: mas tende um pouco de paciência, Senhor, e gradualmente atingiremos circunstâncias mais agradáveis".

"Vem", disse uma de minhas companheiras, "vamos observar um camarada verdadeiramente engraçado".

Dirigimo-nos ao buraco na parede, depois de informadas de que no quarto contíguo, que fora selecionado para suas atividades, havia uma cadeira furada por baixo da qual se encontrava um vaso de noite, que há quatro dias meticulosamente enchíamos, e no qual havia pelo menos uma dúzia de montes grandes. Nosso homem chega. Era um velho recebedor de impostos de cerca de setenta anos. Fecha a porta, vai direito ao vaso que sabe estar transbordando com os doces que encomendou para seu esporte. Pega no vaso e, sentando-se numa cadeira de braços, passa uma hora olhando amorosamente para o tesouro do qual é agora proprietário; cheira, aspira, toca, mexe, parece levantar um monte após o outro para melhor contemplar. Finalmente, estático, de sua calça retira um velho trapo sujo e negro que chacoalha e fustiga com toda sua força; uma das mãos esfrega, e outra mergulha no vaso e cava mãos cheias da divina unção. Unge seu instrumento, mas este continua tão frouxo como dantes. Há momentos, afinal das contas, em que a Natureza é tão teimosa que até os excessos de que mais gostamos deixam de acordar uma reação. Fez tudo que pode, e em vão, pois nada resultou ou gloriosamente se levantou, mas, através do abuso infligido pela mesma mão que fora mergulhada na porcaria, a ejaculação ocorreu, o homem tremeu, vibrou, recuou, cheirou, respirou profundamente, esfregou seu pau e descarregou no monte de merda que tanto o inspirara.

Outro cavalheiro jantou comigo nessa noite. Estamos sós e foram trazidos doze pratos cheios das mesmas carnes, os quais foram combinados com os restos de um prato anterior. O homem cheirou estes pratos novos, provou seus aromas, e depois de ter acabado de comer, mandou-me esfregar seu pau no prato que lhe pareceu mais bonito.

Um jovem procurador da coroa costumava pagar segundo o número de enemas que éramos capazes de receber de sua mão; quando cruzei espadas com ele, concordei em aceitar sete, ele mesmo os ministrou a todos; assim, sete vezes tive de subir numa pequena escada, enquanto ele, colocado por baixo de mim, se masturbava até eu derramar em seu pau a carga inteira com que lubrificara meus intestinos".

Como se pode facilmente imaginar, a noite inteira foi dedicada a atividades sujas de aproximadamente a mesma espécie que fora tratada na história, e que os Senhores se voltaram para essa espécie de esporte será tanto mais facilmente compreensível à luz de seu entusiasmo geral por essa paixão; foi, é claro, Curval quem levou a questão mais longe, mas seus três colegas pouco menos entusiasmados se mostraram com as novidades que lhes surgiram pela frente. Os oito montes fumegantes das meninas foram dispostos entre os pratos da ceia, e durante as orgias a competição foi ainda maior pelos dos meninos: e assim terminou o nono dia, cujo termo viram chegar com o maior dos prazeres, pois tinham grandes expectativas no amanhã, destinado a proporcionar-lhes anedotas mais amplamente detalhadas, tratando de um assunto que adoravam.

## O DECIMO DIA

(Não esquecer de ser mais guardado no começo, e de revelar mais gradualmente o que se pretende esclarecer).

Quanto mais avançamos, mais rigorosamente podemos informar o leitor acerca de certos fatos que, na parte inicial da história, não nos foi possível mais do que insinuar. Por exemplo,

podemos agora revelar o propósito das visitas e das investigações matinais nos aposentos das crianças, a causa de seus castigos quando no curso dessas inspeções se encontravam delinqüentes, e quais as delícias que os Senhores saboreavam na capela: os súditos eram expressamente proibidos de ir ao toailete ou a qualquer outro lugar para movimentar seus intestinos, sem permissão particular e individual, isso para que se conservassem reservas que pudessem ser distribuídas, quando surgisse a oportunidade, aos que as desejassem. A visita servia para determinar se alguém tinha deixado de acatar essa ordem; o administrador do mês inspecionava, cuidadosamente, todos os vasos de noite e outros receptáculos, e se encontrasse algum que não estivesse vazio, o súdito em questão era imediatamente inscrito no registro das punições. Contudo, estava prevista a hipótese de alguém não poder agüentar mais tempo: esses, seriam levados, um pouco antes da refeição do meio dia, a capela, que os Senhores tinham convertido numa privada preparada de modo que nossos libertinos podiam gozar o prazer que a satisfação dessas necessidades prementes tinha o poder de lhes proporcionar, e os outros, que tinham sido autorizados, ou que conseguiram reter suas cargas, tinham oportunidade de se desfazer das mesmas em outros momentos, durante o dia, e da maneira que mais agradava aos amigos, e acima de tudo, da maneira particular da qual serão subseqüentemente dados detalhes completos, pois tais detalhes englobam todas as maneiras de se usufruir este voluptuoso deleite.

E havia ainda outro motivo que levava a distribuição de castigos, e era o seguinte: aquilo a que se chama em França, cerimônia do bidê, não era exatamente do agrado de nossos amigos; Curval, por exemplo, não podia suportar que as pessoas com quem chegasse a vias de fato se lavassem; a atitude de Durcet era idêntica, e então um e outro notificavam suas duenhas dos súditos com quem planejavam divertir-se no dia seguinte, e tais súditos eram proibidos de se limparem, escovarem ou lavarem, fosse como fosse, e em que circunstâncias fosse, e os outros dois amigos que não compartilhavam deste horror pela limpeza, e para quem a porcaria não era de modo algum essencial, concorriam não obstante com Curval e Durcet, ajudavam a manter um agradável estado de coisas, e se depois de lhe ser dito que se conservasse impuro, um súdito resolvesse estar limpo, era imediatamente acrescentado a lista fatal.

Foi isso que sucedeu nessa manhã a Colombe e Hébé; tinham cagado durante as orgias da noite anterior e, sabendo que estavam escaladas para servir o café no dia seguinte, Curval, que planejava divertir-se com ambas e que as tinha até avisado que esperava que peidassem, recomendou que as coisas ficassem como estavam. As crianças nada fizeram até irem dormir. Chegou a inspeção, e Durcet, ciente das instruções dadas por Curval, ficou perfeitamente espantado ao verificar que as duas estavam limpas como um alfinete; esquecimento, foi a desculpa que ofereceram, mas seus nomes foram, não obstante, para o registro.

Nessa manhã, não foram concedidas permissões para visitas a capela. (Gostaríamos que o leitor fizesse um esforço por se lembrar do significado desta expressão; isso poupa-nos o ter que repetir nossas explicações). Os cálculos das necessidades durante o período das narrações proibiam qualquer prodigalidade até esse momento. A partir desse dia, foram suspensas as lições de masturbação dos rapazes, pois elas tinham servido inteiramente seu propósito, e cada um dos meninos esfregava paus com a mesma competência da puta mais hábil de Paris. Zéphyr e Adonis lideravam o grupo em habilidade, velocidade e destreza, e deve haver poucos paus que não ejaculassem até sangrar se fossem ministrados por mãos tão ágeis e deliciosas como as suas.

Nada digno de menção ocorreu até a hora do café; foi servido por Giton, Adonis, Colombe e Hébé; as quatro crianças tinham sido alimentadas, a título de preparativo, com todas as decorações mais capazes de provocarem ventos, e Curval, que se propusera ser tratado a peidos, recebeu uma generosa quantidade dos mesmos. O Duque fêz-se chupar, ou antes, lamber, por Giton, cuja pequena boca não conseguia simplesmente engolfar a enorme máquina que lhe era entregue. Durcet executou alguns horrores escolhidos com Hébé, o Bispo fodeu as coxas de Colombe. Soaram as seis horas, dirigiram-se ao auditório onde, depois de todos terem tomado seus lugares, Duclos começou a contar o que vamos ler.

"Uma nova companheira chegara recentemente a casa de Madame Fournier; em virtude do papel que ela desempenha no relato da paixão que se segue, acho que devo fazer, pelo menos, um esboço da mesma. Era uma jovem costureira, debochada pelo sedutor que já mencionei ter observado em casa da Guérin, e trabalhava também para Fournier. Tinha catorze anos, cabelos castanhos, olhos castanhos brilhantes, o rostozinho mais voluptuoso do mundo, pele branca com um lírio e macia como cetim, e muito bem feita de corpo, embora um tanto inclinada para a gordura, desvantagem essa de que resultava a bunda mais doce, engraçada e rechonchuda, a melhor talvez que se podia encontrar em Paris. Eu estava instalada no buraco da parede, e logo observei o homem que a ia deflorar. porque se tratava de uma virgem dos dois lados, nada podia ser mais claro. Tal guloseima só podia ser dada a pessoa muito querida da casa: era o venerável Abade de Fierville, famoso igualmente por sua riqueza e devassidão, e tinha gota até na ponta dos dedos. Chega coberto até aos olhos por uma manta, instala-se no aposento, examina todo o equipamento que vai usar, prepara tudo, e então chega a menina; chama-se Eugénie. Um tanto assustada com a cara grotesca de seu primeiro amante, baixa os olhos e cora.

"Vem aqui, vem aqui", diz o libertino, "e mostre seu traseiro". "Oh, Senhor..." murmura a coisinha.

"Vem, vem", berra o velho safado, nada pior que estas noviças; não conseguem entender que alguém queira olhar para uma bunda. Bem, pelo Senhor, tira essa maldita saia".

E, aproximando-se mais, com medo de desagradar a Fournier, a quem prometeu ser muito obediente, finalmente puxa a saia para cima.

"Mais alto, está ouvindo, mais para cima", exclama o deleitado malandro. "Acha que vou me incomodar a ter que fazer isso"?

E no devido tempo a bonita bunda fica completamente exposta. O homem de Deus escrutiniza-a, fá-la ficar de pé, manda-a inclinar para a frente, ordena-lhe que junte e aparte as coxas uma contra a outra, e depois que as afaste e, inclinando-a para a cama, passa um momento esfregando rudemente, perdão, desajeitadamente, todos os seus segredos da frente, que trouxe à luz e com os quais cutuca e empurra a imaculada bunda de Eugénie, como se para eletrificar-se, como se para atrair algum calor essencial daquela adorável criança. Disse passa a beijos, cai de joelhos para ficar mais a vontade, e afastando com ambas as mãos, tanto quanto possível, aquelas soberbas nádegas, sua língua e lábios vasculham em busca do tesouro.

"Têm razão", diz, "sua bunda é passavelmente boa. Você cagou recentemente"?

"Há momentos, Padre", responde a pequenina. "Madame mandou-me fazer antes de subir".

"Muito bem... e então não há mais nada em seus intestinos", diz o devasso. "Bem, vamos

ver".

E pegando na seringa, enche-a de leite, volta para trás de seu objeto, grande a agulha, mergulha-a no respiradouro, e injeta o fluido. Como lhe disseram o que esperar, Eugénie submete-se a tudo; mal o remédio chega a suas entranhas, o Padre deita-se na cama e ordena a Eugénie que se aproxime sem demora e se escarranche nele. "Agora", diz o libertino, "se você tem alguma coisa a fazer, tenha a bondade de o fazer em minha boca". A pobre criatura tomou seu lugar como lhe disseram, faz força, o libertino masturba-se, sua boca, colada hermeticamente ao ânus da menina, sorve até a última gota o precioso líquido que escorre. Tudo engole, dando provas do maior escrúpulo a esse respeito, e justamente quando engole a última boca cheia, seu esperma escapa, e é lançado num delírio. Mas que estranha disposição é essa, essa nuvem de desprezo que, a semelhança de quase todos os libertinos, vem escurecer a mente depois de desaparecida a ilusão inteira? Empurrando brutalmente a garota para longe depois de terminar, o santo homem reajusta suas vestes clericais, diz que foi enganado, logrado, porque a menina, jura, não tinha cagado anteriormente, estava cheia de merda, e engolira metade de sua bosta, confiado que estava. Deve notar-se que o senhor Abade queria apenas leite, não merda. Resmungando, praguejando, berrando, diz que não paga, que nunca mais volta, diz que o diabo o carregue se alguma vez voltar a incomodar-se com ranhosas como aquela, e sai gritando mil outras invectivas. Terei sem dúvida ocasião de relatar outra paixão na qual desempenham um papel principal e não, como agora, um papel secundário.

"Bem, por Deus", Curval observou, "aí está um homem muito enjoado que se zanga por engolir um pouco de merda, quando há por aí não sei quantos que rejubilam com isso".

"Paciência, Senhor", Duclos respondeu, "permita que meu recital prossiga na ordem que os Senhores mesmos determinaram, e verá os libertinos superiores a que alude fazerem maravilhas no palco".

Minha vez chegou dois dias mais tarde. Recebi instruções e fiquei afastada do toalete durante trinta e seis horas. Meu herói era um velho eclesiástico que servia de capelão ao Rei; a semelhança do atleta que acabo de mencionar, estava também atacado de gota: só nos podíamos aproximar dele quando estivéssemos nuas, e a parte da frente e o peito tinham de estar cuidadosamente cobertos; fora dada grande ênfase a este último artigo, e fui avisada de que se ele visse a menor dessas partes, nem que fosse de relance, isso seria uma grande desgraça, nunca conseguiria que tivesse uma descarga. Aproximo-me, estudo meu traseiro com extrema atenção, pergunta minha idade, pergunta se é verdade que estou cheia de vontade de cagar, quer saber a qualidade de merda que geralmente produzo, se é mole ou dura, e mil outras perguntas, as quais, me parece, têm o efeito de o animar, porque, a medida que fala, seu pau gradualmente levanta a cabeça e se inclina para mim. O pau, de aproximadamente dez centímetros de comprimento, por cinco ou sete de circunferência tinha, a despeito de seu reflexo brilhante, um ar tão humilde e digno de pena que era quase necessário usar óculos para se ter a certeza de sua existência. Solicitada por meu homem para assim proceder, deito uma mão firme ao instrumento, e observando que meus movimentos irritavam bastante seus desejos, preparou-se para consumir o sacrifício.

"Mas é um desejo verdadeiramente autêntico, minha filha", diz o Padre, "esse desejo de cagar em que fala? Não quero ser enganado; vem, vamos ver se você tem realmente merda em sua bunda".

E assim dizendo, enterra o seu dedo mais comprido da mão direita no meu fundamento,

enquanto com a esquerda sustenta a ereção que excitei em seu desejo. O dedo-sonda não precisou de mergulhar muito, o capelão logo se convenceu de que tinha, bem como dissera, o mais sincero desejo de cagar, e quando suas apalpadelas contataram o objeto de nossa mútua preocupação, ficou em perfeito êxtase:

"Ah, pela barriga de Deus", exclama, "ela disse a verdade, a galinha vai por, e eu senti o ovo".

Encantado, o velho e indecente padre passa um momento beijando minha bunda, e observando a pressa com que estou e vendo que não poderei agüentar muito tempo o monte que me aperta, faz-me subir num aparelho bastante semelhante ao que Vossas Senhorias têm aqui na capela; uma vez sentada, meu traseiro perfeitamente exposto a seu olhar, consegui alojar minha queixa num receptáculo localizado a seis ou sete centímetros de seu nariz. O aparelho foi construído expressamente para o capelão, e ele empregava-o freqüentemente, pois era raro o dia em que não vinha a casa da Fournier para ajudar no parto de alguma das moças da casa ou de fora. Uma cadeira de braços permitia-lhe observar de perto o processo, de um vantajoso ponto situado justamente por baixo do aro que sustentava minha bunda.

Depois de ocupadas nossas posições, em nossos respectivos tronos, ordenou-me que começasse a operação. Como prelúdio, solto uma série de peidos; aspira-os. A merda surge finalmente; o padre começa a latejar.

"Caga, pequenina, caga, meu anjo", exclama, todo inflamado." Mostra a merda que sai de sua adorável bunda".

E ajuda o parto, comprimindo os dedos em meu ânus, facilita a erupção; esfrega seu pau, observa, está bêbedo de luxúria, o excesso do prazer transporta-o finalmente por completo, perde a cabeça; grita, suspira, suas carícias e tudo o mais me convencem de que se aproxima do estágio final, e voltando minha cabeça para ele, vejo que pensei acertadamente, pois ali está seu engenho em miniatura cuspidando algumas gotas de esperma no mesmo vaso que acabo de encher. O campeão saiu bem humorado, e chegou a garantir-me que esperava ter a honra de me visitar de novo, promessa que eu sabia muito bem ser falsa, pois era do domínio público que nunca visitava a mesma mulher duas vezes.

"Bem, aprecio seus sentimentos a esse respeito, declarou o Presidente, que beijava a bunda de Aline. "É preciso estar em situação deplorável, estar-se reduzido a frangalhos e ruínas, para se poder suportar a merda da mesma bunda duas vezes".

"Senhor Presidente", falou o Bispo, "há um certo tom hesitante em sua voz que me leva a suspeitar que seu pau está no ar".

"Ora", Curval respondeu, "estou apenas beijando as nádegas de Mademoiselle sua filha, que nem sequer tem a delicadeza de soltar um miserável peidinho".

"Então estou com mais sorte que você", o Bispo anunciou, "porque Madame sua esposa, veja, acaba de presentear-me com o monte mais bonito e mais pesado..."

"Silêncio, cavalheiros, silêncio, digo eu!" disse o Duque, cuja voz parecia abafada como se alguma coisa cobrisse sua cabeça. "Silêncio, por Deus! estamos aqui para ouvir, não para agir".

"O que quer dizer, suponho, que você não está fazendo nada," perguntou o Bispo, "e é para ouvir que você está chafurdando debaixo de três ou quatro cus"?

"Bem, você sabe que ele tem razão. Continue Duclos, é mais sensato ouvir atos loucos



do que cometê-los. Precisamos de poupar nossas forças".

E Duclos estava prestes a recomeçar quando todos ouviram os gritos usuais e as costumadas blasfêmias que acompanhavam as descargas do Duque; rodeado por seu quarteto, masturbado por Augustine que, disse, o fazia deliciosamente, seu esperma voava enquanto executava inúmeras vilanias em Sophie, Zéphyr e Giton, de uma espécie muito parecida com as que Duclos acabara de descrever. "Grande Deus"! Curval exclamou. "Não posso tolerar estes maus exemplos; não há nada que me faça descarregar como uma descarga, e podem acreditar; vejam esta puta", acrescentou, referindo-se a Aline, "que há poucos momentos não conseguia nada e agora está fazendo tudo que se pode desejar... mas não adianta, vou-me segurar. Sua puta, caga tua cabeça, não adianta, não tenciono perder minha semente".

"Vejo muito bem, Senhores", disse Duclos, "que depois de os ter pervertido, é minha responsabilidade reconduzi-los a razão, e para isso, vou continuar minha história sem esperar pelas vossas ordens". "Não, não faça isso", exclamou o Bispo, "não sou tão continente quanto o Senhor Presidente, eu não, meu esperma está-me fazendo coceira, e tem de sair".

Logo após foi visto fazer coisas que a estrutura desta ficção muito complexa nos não deixa revelar nesta fase, mas coisas cuja deliciosa influência muito rapidamente fez pular o esperma cuja pressão crescente perturbara os colhões três vezes abençoados do Bispo. Quanto a Durcet, absorto na bunda de Thérèse, nada dizia, e é provável que a Natureza lhe negasse o que abundantemente concedia aos outros, porque não era por regra mudo quando recebia seus favores. Vendo que fora finalmente restabelecida a calma, Duclos prosseguiu com seus feitos lubrificos.

Um mês depois, cruzei armas com um homem a quem era preciso quase violar para levar a efeito satisfatoriamente uma operação parecida com a que acabei de relatar há alguns minutos. Cago em um prato, levo-o e ponho-o debaixo de seu nariz, enquanto está sentado numa cadeira de braços lendo um livro, aparentemente alheio a minha presença. Olha, começa a praguejar, pergunta como diabo pode a mulher ter a insolência de fazer uma coisa daquelas em sua presença, mas de qualquer modo trata-se de um bonito monte que ela tem na mão, olha para ele, mexe-lhe com os dedos; peço perdão pela liberdade que tomei, continua balbuciando incoerências, e depois descarrega com seus olhos fixos no monte de merda; e ao fazê-lo diz que me encontrará um dia de novo, que mais cedo ou mais tarde fará com que eu tenha o que mereço.

Um quarto cavalheiro só empregava mulheres de setenta anos ou mais em práticas muito semelhantes; observei sua atividade com uma velha criatura que não podia ter menos de oitenta anos. Estava reclinado num sofá, a matrona estava montada nele: depositava seu estranho pacote em sua barriga, ao mesmo tempo que esfregava um pau enrugado e gasto que mal chegava a descarregar.

Na casa da Fournier havia outro curioso artigo de mobiliário: uma espécie de cadeira toalete, provida do buraco habitual e fixada na parede; as coisas estavam de tal maneira preparadas que um homem podia ficar deitado num quarto ao lado, enquanto seus ombros passavam por uma abertura e sua cabeça ocupava o lugar geralmente reservado ao vaso. Fui nomeada para o cargo, e ajoelhando-me entre suas pernas, chupei seu pau durante toda a operação. Bem, esta extraordinária operação consistia em ter um trabalhador, que era pago para desempenhar um papel cujas conseqüências completas não sabia nem adivinhava; em ter, dizia eu, um homem do povo que entrava na sala que continha a cadeira, subir na mesma,

e fazer suas necessidades bem na cara do paciente a quem eu manobrava; mas o dono da merda tinha que ser absolutamente um farrapo procurado nos meios mais humildes, tinha que ser também velho e feio, era inspecionado antes de iniciar o trabalho, e se lhe faltasse alguma destas qualidades, nosso libertino nada queria com ele. Durante tudo isto, nada vi, mas ouvi bastante: o instante da colisão foi também o da descarga de meu homem, seu esperma correu pela minha garganta no momento em que a merda cobria sua cara, e quando emergiu, debaixo da cadeira e se levantou, vi pelo estado em que se encontrava que fora lindamente servido. Por acaso, depois de terminado o exercício, vi o camarada que trabalhara com tanto brilhantismo; era de Auvergne, um homem honesto que ganhava a vida como servente de pedreiro; parecia encantado por ter ganho uma moeda de ouro sem fazer nada a não ser livrando-se daquilo que de qualquer maneira teria de expelir de seus intestinos, e esse pequeno serviço parecia-lhe muito menos árduo do que o fardo que habitualmente carregava. Era pavoroso de aspecto, e devia ter mais de quarenta anos.

"Fé", murmurou Durcet, "acho que é isso".

E passando a seu aposento com o mais velho dos fodedores, Thérèse e Desgranges, foi ouvido zurrando o relinchando momentos depois; voltou, mas não se manifestou disposto a informar a companhia da natureza precisa dos excessos a que se entregara.

Foi anunciada a ceia; provou pelo menos tão libertina como sempre, e depois da refeição, tendo os quatro amigos decidido passar a noite longe uns dos outros, em vez de brincarem juntos como era seu hábito, o Duque foi para o aposento no extremo do corredor, levando consigo Hercule, Martaine, sua filha Julie, Zelmire, Hébé, Zélamir, Cupidon e Marie.

Curval instalou-se no auditório, permitindo-se a companhia que Constance lhe podia proporcionar, pois ela tremia todas as vezes que se achava com o Presidente, e ele fazia extremamente pouco por atenuar seus receios; levou também Fanchon, Desgranges, Clivador de Bundas, Augustine, Fanny, Narcisse e Zéphyr.

O Bispo foi para a sala com Duclos, que, nessa noite, se vingou do volúvel Duque, que se agarrara a Martaine; Aline, Invictus, Thérèse, Sophie, a encantadora Colombe, Céladon e Adonis completavam a comitiva do Prelado.

Durcet permaneceu na sala de jantar. Foi limpa, trouxeram tapetes e almofadas, as quais foram espalhados por toda a parte. Enclausurouse com Adelaide, sua adorada esposa, Antinous, Louison, Champville, Michette, Rosette, Hyacinthe e Giton.

Foram os redobrados apetites lascivos mais do que qualquer outra coisa que determinaram esta disposição, porque os cérebros estavam a tal ponto quentes nessa noite, que os amigos resolveram, por unanimidade, que ninguém iria dormir; é perfeitamente incrível o que se realizou em cada aposento a título de infâmias e impurezas.

Pela madrugada, Suas Senhorias resolveram voltar a mesa, embora tivessem bebido abundantemente durante a noite; todo mundo se dirigiu a sala de jantar, ouve uma misturada indistinta e promíscua, as cozinheiras foram acordadas e logo mandadas mexer ovos, fazer torradas, sopa de cebolas e omeletes. Voltou-se a beber, a companhia ficou ainda mais alegre, todos salvo Constance, que estava mergulhada numa tristeza inconsolável. O ódio de Curval crescia da mesma maneira que sua pobre barriga; experimentara, durante as orgias da noite os efeitos de sua hostilidade, tudo sofrera menos socos, pois os Senhores tinham decidido deixar amadurecer a pêra; sofreu, dizia eu, a exceção de socos, todas as vilanias imagináveis; pensou queixar-se a Durcet e a seu marido, o Duque; ambos lhe disseram que

fosse para o diabo, e observaram que ela era certamente culpada de alguma coisa que eles ignoravam, sim, sem dúvida, como podia chegar a desagradar ao mais virtuoso e gentil dos mortais; abanaram a cabeça e afastaram-se. E então, todo mundo foi dormir.

## O DECIMO PRIMEIRO DIA

Nesse dia levantaram-se tarde, e dispensando todas as cerimônias habituais foram diretamente para a mesa assim que saíram de seus quartos. O café servido por Giton, Hyacinthe, Augustine e Fanny foi em grande parte destituído de eventos, embora Durcet não conseguisse passar sem alguns pedidos de Augustine, e o Duque sem arremessar seu bravo instrumento entre os lábios de Fanny. Ora, como do desejo aquilo que o desejo causa nunca vai mais do que um passo, com personagens como nossos heróis, trataram sem hesitação de os satisfazer; felizmente, Augustine estava preparada, enviou uma firme brasa para a pequena boca do banqueiro, e este quase ficou duro; quanto a Curval e o Bispo, limitaram-se a acariciar os traseiros dos dois rapazinhos, e depois nossos campeões dirigiram-se ao auditório.

"Um dia, a pequena Eugénie, que estava já mais familiarizada com as restantes mulheres e a quem seis meses na casa tinham tornado ainda mais bonita, Eugénie, dizia eu, aproximou-se de mim e levantando suas saias, fez-me olhar para sua bunda." Está vendo, Duclos, como a Fournier quer que eu tenha hoje meu traseiro"?

Uma crosta de dois centímetros de merda cobria seu lindo ânus. "E por que motivo quer a Fournier que você use isso"? perguntei. "É por causa de um senhor de idade que vem esta tarde", explicou, "e ele quer uma bunda cheia de merda".

"Bem, bem", disse eu, "vai ficar muito satisfeito com você, tenho certeza, porque sua bunda não podia estar melhor encrustada". E disse-me que foi a Fournier quem a besuntou assim de merda. Curiosa por assistir a cena iminente, voei para o buraco de observação assim que a doce Eugénie foi chamada. O ator principal era um monge, mas um dos monges a que chamamos capuchões, um Cisterciense, alto, forte, e de perto de sessenta anos. Acaricia a criança, beija-a na boca, e perguntando se está arrumada e limpa, levanta-lhe ele mesmo as saias para verificar um constante estado de limpeza do qual Eugénie lhe dá plena certeza, embora sabendo que nada está tão longe da verdade; mas ensinaram-lhe que falasse assim com o monge.

"Que é isto, sua marota"? exclama o monge ao ver semelhante porcaria. "O quê? Você atreve-se a dizer que está arrumada e limpa e sua bunda está toda suja? Ora, pela Virgem, tenho certeza que há mais de quinze dias esta bunda não é limpa. É muito aborrecido realmente, porque gosto das coisas limpas, gosto sim, e parece-me melhor dar um jeito nisso".

Ao mesmo tempo que falava, depositou Eugénie na cama, ajoelhou-se por trás de suas nádegas e começou a afastá-las com ambas as mãos. No começo, podia pensar-se que o homem se propunha simplesmente observar o estado de coisas, que lhe causara grande surpresa, mas pouco a pouco acostuma-se as coisas tais como são, passa a ver virtude onde anteriormente só via falta, tira sua língua para fora e aproxima a cabeça e começa a polir a pedra preciosa, remove os torrões e manchas, o objeto prístino que ocultam inflama seus sentidos, seu pau levanta, seu nariz, boca e língua parecem trabalhar simultaneamente, seu êxtase parece tão delicioso, que só lhe falta ficar privado do poder da fala, seu esperma sobe finalmente — agarra seu pau, esfrega-o e enquanto descarrega acaba de limpar aquele anus, agora tão fresco e puro que ninguém poderia supor que estava imundo um minuto ou dois

antes.

Mas o libertino não estava ainda pronto para dar por concluído o negócio, essa sua mania voluptuosa constituía apenas uma preliminar; põe-se de pé, dá mais beijos em sua pequena companheira, exhibe a vista desta uma grande bunda de péssimo aspecto e muito suja, e ordena-lhe que lhe dê uma vigorosa sacudidela, que a socratize; isso levanta de novo furiosamente seu pau, volta agora a bunda de Eugénie, avassala-a de carinhos, lambidelas e assim por diante, mas o que fez depois disso não me compete a mim relatar, nem figuraria apropriadamente nestas narrações introdutivas; os Senhores, terão a bondade de permitir que Madame Martine conte o comportamento de um vilão com quem tinha grande intimidade; e a fim de evitar todas as perguntas, Senhores, que vossos próprios regulamentos me proíbem de tratar ou responder, continuo com outro episódio.

"Apenas uma palavra, Duclos", disse o Duque, que então interrogou a narradora de maneira indireta o que lhe permitiu dar uma resposta ajuizada. "Era grande o do monge? Foi a primeira vez de Eugénie..."? "Sim, Senhor, a primeira, e o do monge era mais ou menos do tamanho do seu".

"Ah, puta que o pariu"! exclamou Durcet; "uma grande demonstração, gostava de ter visto isso".

O Senhor ficaria igualmente curioso, disse Duolos ao pegar no fio de sua narrativa, acerca do indivíduo que, alguns dias depois, passou por minhas mãos. Equipado com um vaso contendo oito ou dez grandes montes apanhados a torto e a direito e cujos autores teria ficado muito perturbado se tivesse identificado, era minha obrigação esfregá-lo dos pés à cabeça com essa cheirosa pomada. Nem um centímetro de seu corpo foi negligenciado, nem mesmo o rosto, e depois de ter massageado seu pau, que esfreguei ao mesmo tempo, o porco infame, que durante todo o tempo se olhara num espelho, deixou evidência de sua humilde virilidade entre minhas mãos.

E finalmente, chegamos, Senhores; posso agora informá-los de que vai ser prestada homenagem no verdadeiro templo. Foi-me dito que estivesse pronta, conservei meus intestinos fechados durante dois longos dias. Era um Comandante da Ordem dos Cavaleiros de Malta com quem iria quebrar lanças; costumava visitar uma moça diferente todas as manhãs para esses exercícios; em sua casa transpirou a cena seguinte.

"Nádegas muito boas", foi sua opinião quando abraçou meu traseiro. "Contudo, minha filha", continuou, "é preciso mais do que ter apenas uma bunda razoável, sabe. Essa bunda deve saber cagar. Diga-me, tem vontade"?

"Tanta vontade, que estou morta por satisfazê-la, Senhor", confessei. "Bom, por Jesus, isso é delicioso"! exclamou o comandante, "é o que se chama um excelente serviço a sociedade, mas, minha patinha, você gostaria de cagar neste vaso de noite que tenho aqui"? "Verdade, Senhor", respondi, "com a vontade que tenho de cagar, faço em qualquer parte, cago até em sua boca". -

"Não! Em minha boca? Ora, eu seja abençoado, isso é delicioso, e é precisamente o lugar que tinha em mente para você", acrescenta, pondo o vaso de lado.

"Bem, Senhor, apressemo-nos, preparai vossa boca", disse eu, "porque realmente não sou capaz de agüentar muito mais tempo". Deita-se no divã, pulo por cima dele enquanto opero, esfrego seu pau, ele apóia meus quadris com suas mãos e recebe, peça por peça, tudo que deposito em sua ávida boca. Fica emocionado por tudo, aproxima-se de seu êxtase,

meu pulso quase não é necessário para provocar as torrentes de sêmen que saúdam meu desempenho; esfrego, concluo minha dejeção, nosso homem perde-se e a sua semente ao mesmo tempo, e deixo-o encantado comigo, ou pelo menos assim tem a amabilidade de dizer a Fournier, a quem ao mesmo tempo pede os serviços de outra moça para o dia seguinte. O personagem seguinte usava mais ou menos a mesma aproximação ao problema, mas simplesmente conservava as lingüiças mais tempo em sua boca. Reduzia-as a fluido, enxaguava sua boca com as mesmas durante um quarto de hora, e cuspiu pouco mais que água desbotada.

Um outro camarada ainda, se isso é possível, uma excentricidade ainda mais bizarra; gostava de encontrar quatro montes num vaso por baixo de uma cadeira furada, mas esses quatro montes não podiam ter nem uma gota de urina. Encerrava-se sozinho num quarto onde se encontrava seu tesouro, nunca permitia a presença de mulheres, e era necessário tomar todas as precauções para garantir sua solidão, não suportava o pensamento de poder ser observado, e quando finalmente se sentia seguro, entrava em ação; mas sou absolutamente incapaz de dizer o que fazia, porque nunca ninguém viu; tudo que se sabe é que quando saía do quarto, o vaso era encontrado perfeitamente vazio e tão limpo como se pode imaginar. Mas o que fazia com seus quatro montes só o diabo pode contar, se é que ide sabe. Podia jogá-los fora. também, podia fazer outra coisa com os mesmos.

Contudo, o que nos fazia suspeitar de que não fazia mitra coisa com os montes, é o fato de deixar a obtenção dos mesmos inteiramente nas mãos de Fournier, e nunca manifestou a menor curiosidade com sua origem. Um dia, para vermos se aquilo que lhe dissemos o alarmava — pois seu alarma podia ter-nos dado um indício acerca do destino dos quatro montes — comunicamos-lhe que os tesouros servidos naquele dia eram de várias pessoas sofrendo de sífilis. Riu alegremente conosco, não ficou em absoluto perturbado, reação que não era de se esperar de alguém que fizesse outra coisa além de jogar os montes fora. Quando tentamos, uma ou duas vezes, levar nossas perguntas um pouco mais longe, mandou-nos calar, e nunca mais conseguimos saber nada a respeito do assunto.

Isso conclui o que tenho a dizer por esta noite, disse Duolos ; amanhã proponho-me relatar meu novo modo de vida, ou antes, a nova volta que meu mesmo modo de vida deu, quando conheci o Senhor d'Aucourt: e quanto a encantadora paixão que os Senhores tão grandemente favorecem, espero ter a honra de os distrair com exemplos da mesma, durante pelo menos dois ou três dias.

As opiniões dividiram-se acerca do destino dos montes no episódio que Duolos acabava de relatar, e enquanto discutiam e raciocinavam a esse respeito, os Senhores fizeram produzir alguns para si próprios; e o Duque ansioso por fazer notar a todos o gosto que estava desenvolvendo por Duclos, mostrou a assembléia inteira sua maneira libertina de se divertir com ela, e a destreza, aptidão e prontidão, acompanhadas da linguagem mais estarrecedora, com que a narradora o sabia tão habilmente satisfazer.

A ceia e as orgias decorreram sem incidentes invulgares, nada de importante teve lugar antes da tarde do dia seguinte, e por isso podemos mover-nos diretamente para as recitações com que Duclos iluminou o dia 12 de novembro.

## O DECIMO SEGUNDO DIA

"O novo modo de vida que eu estava prestes a iniciar. disse Duclos, obriga-me a chamar

vossa atenção, Senhores, para meu aspecto pessoal e caráter na época; é mais fácil imaginar os prazeres descritos quando se conhece o objeto que os proporciona. Tinha acabado de completar vinte e um anos. Meus cabelos eram castanhos, mas, não obstante, minha pele era do branco mais agradável. A abundância de cabelo que cobria minha cabeça caía em caracóis flutuantes e perfeitamente autênticos até meus joelhos. Tinha os olhos que os senhores podem ainda observar em mim, os quais eram considerados adoráveis. Minha figura era um tanto cheia, embora alta, flexível e graciosa. No que diz respeito a meu traseiro, essa parte da anatomia na qual os libertinos têm hoje um interesse tão apurado, era, segundo o consenso comum, superior aos espécimes que geralmente se vêem, e havia muito poucas mulheres em Paris que tivessem uma bunda tão deliciosamente moldada; era cheia, redonda, muito rechonchuda, e extremamente macia, generosa. mas sem que sua amplitude lhe tirasse o que fosse de elegância, o menor gesto logo revelava aquele divino botãozinho de rosa de que os Senhores tanto gostam, e que, a semelhança dos Senhores, realmente acredito, é a atração mais mágica da mulher. Embora estivesse empenhada na libertinagem há muito tempo, minha bunda não podia ter mais saúde ou parecer menos usada; sua esplêndida condição era em parte devida à boa constituição que a Natureza me dera, e em parte à extrema prudência que eu exercia no campo de batalha, evitando escrupulosamente encontros que pudessem danificar meu mais precioso bem. Tinha muito pouco amor pelos homens, conhecera apenas uma ligação; tinha uma mente libertina, mas extraordinariamente libertina, e, depois de ter descrito meus encantos, é mais do que justo que diga uma palavra ou duas acerca de meus vícios. Adoro mulheres. Senhores, não nego. Não contudo no grau invulgar em que minha boa colega, Madame Champville as adora; simplesmente as preferi sempre aos homens. em meus prazeres, e os que me proporcionaram exerceram sempre um domínio mais poderoso sobre meus sentidos do que os deleites masculinos. Além deste defeito, tenho outro, adoro roubar: refinei essa mania a um ponto incrível. Inteiramente convencida de que todas as posses deveriam ser igualmente distribuídas no inundo, e que apenas a força e a violência se opõem a essa igualdade, lei máxima da Natureza, tenho-me esforçado por retificar o esquema real, e por fazer o possível por restabelecer o equilíbrio apropriado. E se não fosse esta vontade maldita talvez eu estivesse ainda com o benevolente mortal de quem a seguir falarei.

"Você diz que roubou consideravelmente"? perguntou Durcet. "Uma quantidade espantosa, Senhor; se não tivesse gasto sempre o que surrupiei, estaria rica".

"Mas não passou disso"? prosseguiu o financista. "Detalhes agravantes, como por exemplo, arrombamentos, abusos de confiança, dolo manifesto"?

"Tudo à luz do sol", Duclos garantiu. "Não achei que valesse a pena entrar nessas questões que teriam também perturbado a revelação suave de minha história, mas, uma vez que é evidente que as mesmas podem distraí-los, no futuro não deixarei de citar meus roubos.

"Além desse defeito, fui sempre censurada por outro: dizem que tenho um coração duro, muito mau na realidade: mas será esse defeito meu? Não será antes da Natureza que recebemos nossos vícios e nossas perfeições? E haverá alguma coisa que posso fazer para abrandar este coração que ela tornou tão insensível? Não creio que em toda minha vida tenha alguma vez chorado por minhas dificuldades, e posso seguramente garantir que nunca derramei uma lágrima pelas aflições dos outros; amava minha irmã, e perdia-a sem o mínimo vestígio de dor, os Senhores são testemunhas da indiferença estóica com que recebi as notícias do seu desaparecimento: por Deus, posso ver o universo parecer, sem um suspiro ou uma contração".

"É assim que se deve ser", disse o Duque, "a compaixão é virtude dos idiotas. Um exame apertado revela que é apenas a compaixão que nos custa prazeres. Mas, com esse seu coração empedernido, você deve ter cometido crimes, pois, você sabe, a insensibilidade só a isso conduz".

"Meu Senhor", Duclos respondeu, "os regulamentos prescritos para nossas narrações proibem-me de revelar imensas coisas; minhas companheiras relatarão aquilo que me ordenaram que omitisse. Contudo, tenho uma palavra a dizer: quando mais tarde elas tentarem apresentar-se a vossos olhos como vilãs, podeis ter certeza de que nunca fui melhor do que elas".

"Isso, devo dizer, é fazer justiça a si próprio", Blangis observou. "Bem, continue sua história; teremos de contentar-nos com o que nos disser, pois nós mesmos estabelecemos limites a seus discursos; mas lembre-se de que quando você e eu tivermos uma conversa a sós, insisto em conhecer seus vários pecadilhos".

"E não esconderei nenhum, Senhor. Talvez depois de os ter contado. não tenha motivo de arrependimento de sua indulgência por um dos piores súditos do Rei". Nesse momento ergueu a voz, e dirigiu-se de novo a assembléia:

A despeito de todos estes defeitos, e acima de tudo de ser totalmente indiferente ao valor do sentimento humilhante da gratidão, que considero apenas um fardo prejudicial a humanidade, e que completamente degrada o orgulho e o respeito próprio que a Natureza implanta em nós, com todas essas deficiências, dizia eu, minhas companheiras eram, não obstante, muito minhas amigas, e de todas era eu a mais procurada pelos homens.

Era essa minha situação quando um rico proprietário chamado D'Aucourt veio fazer uma festa em casa da Fournier; como era um de seus clientes mais assíduos, mas que preferia as moças residindo na casa, as de fora, era tido na maior estima, e Madame, que achou que eu devia conhecê-lo, avisou-me com dois dias de antecedência que não perdesse uma grama da preciosa matéria pela qual ele tinha uma paixão maior do que qualquer outro homem com quem até então me tivesse encontrado; mas, pelos detalhes, os Senhores poderão julgar tudo isso por si próprios. D'Aucourt chegou, e tendo-me olhado dos pés a cabeça, censurou Madame Fournier por ter demorado tanto tempo a fornecer-lhe aquela bonita criatura. Agradei sua galanteria, e lá subimos os dois. D'Aucourt tinha cerca de cinquenta anos de idade, forte, gordo, mas seu rosto era agradável de olhar, havia animação em seus traços, era espirituoso e, o que mais me agradou no homem, tinha uma delicadeza e honestidade de caráter que me encantou a partir do primeiro momento.

"Você deve ter a bunda mais bonita do mundo", disse, puxando-me para si e enfiando sua mão por baixo de minhas saias. Sua mão foi direta a meu traseiro. "Sou um conhecedor, e as moças de sua figura e aspecto geral, possuem quase invariavelmente bundas espantosas. Ora, claro, eu não disse"? continuou, depois de palpitar brevemente o objeto, " que fresca e redonda".

E fazendo-me voltar com grande agilidade, ao mesmo tempo que com uma das mãos levantava minhas saias até a cintura, e com a outra acariciava o artigo, começou a trabalhar examinando o altar a que dirigia suas orações.

"Jesus"! "exclamou," pelo Senhor, é realmente uma das melhores bundas em que pus os olhos durante toda minha vida e, pode crer, já estudei muitas... Abra... Nossa Senhora, veja este morango!.. permiti que o chupe... que o devore... é realmente uma bonita bunda, é... eh,

diga-me, recebeu as instruções"?

"Sim, Senhor".

"Disseram-lhe que gosto que elas caguem"?

"Sim, Senhor".

"Mas sua saúde"? continuou o capitalista, "não falta nada"? "Não tenha medo, bom senhor".

"É, simplesmente, sabe, eu levo as coisas um tanto longe", prosseguiu, "e se você tem a menor doença ou sintoma, corro um grande risco".

"Senhor", eu disse, "pode fazer absolutamente tudo que lhe agrada, garanto-lhe que estou tão pura e saudável como um recém-nascido; pode ter confiança".

Depois deste preâmbulo, d'Aucourt mandou-me inclinar para a frente, mantendo sempre minhas nádegas afastadas, e, colando sua boca a minha, chupou minha saliva durante quinze minutos, mais ou menos: retirou sua boca para expectorar um pouco de "esperma", e retomou depois seu bombeamento de boca.

"Cuspa em minha boca, cuspa", repetiu, "de vez em quando encha-a de saliva".

Depois senti sua língua correr minhas gengivas, entrar tanto quanto possível em minha boca, e tive a impressão de que tentava extrair tudo de mim.

"Excelente", disse o milionário, "estou ficando duro. Vamos trabalhar".

Então voltou a contemplar minhas nádegas, ordenando-me que encorajasse o içamento de seu pau. Retirei um estranho engenho, pequeno, de sete centímetros de circunferência e apenas doze de comprimento; era tão duro como uma pedra de calçada e cheio de fogo.

"Tire as saias", d'Aucourt ordenou, "enquanto tiro minha calça; suas nádegas e as minhas têm de estar completamente a vontade para a cerimônia que vamos executar". Então, depois de lhe ter obedecido:

"Levante mais sua blusa, isso mesmo, até seu espartilho", continuou, "e faça com que seu traseiro fique absolutamente desimpedido... Deite-se na cama de barriga para baixo".

Pegou numa cadeira e sentou-se ao lado da cama, então voltou a acariciar minha bunda, a mera visão da qual o parecia embriagar; afastou minhas nádegas por um momento, e senti sua língua entrar fundo em minhas entranhas, isto, segundo disse, para verificar sem sombra de equívoco se a galinha estava realmente inclinada a por; estou relatando suas próprias expressões. Durante todo este tempo não lhe toquei, não nessa fase, ele próprio bombeava o membro pequeno e seco que eu acabava de tirar de sua toca.

"Está pronta, minha filha"? perguntou. "Pois são horas de fazermos nossa obrigação; sua merda parece-me como deve ser, já comprovei isso, lembre-se de cagar gradualmente, um pouco de cada vez, e de esperar sempre que eu consuma um bocado antes de empurrar o seguinte. Minha operação demora bastante tempo, por isso não tenha pressa. Uma pequena palmada em sua bunda serve de aviso de que estou pronto para mais, mas é preciso cuidado para eu não receber mais do que um pouco de cada vez".

Adotando então a posição mais confortável, colou sua boca ao objeto de sua adoração, e em menos tempo do que demora a contar, soltei um pedaço de merda do tamanho de um ovo de pomba. Chupou-o, voltou-o mil vezes em sua boca, mastigou-o, saboreou-o, e ao cabo de



três minutos, distintamente o vi engoli-lo; empurro de novo, a mesma cerimônia se repete, e como tinha uma carga prodigiosa para eliminar, dez vezes seguidas encheu sua boca e a esvaziou, e mesmo depois de tudo terminado parecia ainda faminto.

"Acabou, Senhor", disse quanto tinha terminado, estou fazendo força em vão".

"Acabou, não foi, minha queridinha? Então, acho que vou descarregar, sim, descarregar ao mesmo tempo que rendo meus respeitos a esta soberba bunda. Oh, Grande Deus, que prazer me dá! Nunca comi merda mais deliciosa, juro perante qualquer júri. Dá-me, para perto, aproxima meu anjo, deixa-me chupar tua impecável bunda, deixa-me devorá-la".

E enfiando o que pareciam trinta centímetros de língua em meu ânus, enquanto ao mesmo tempo se manipulava, o libertino derrama seu esperma em minhas pernas, não sem pronunciar uma série de palavras obscenas e as pragas aparentemente necessárias, a coroação de seu êxtase.

Quando finalmente tudo terminou, sentou-se, convidou-me a ficar a seu lado, olhando-me com grande interesse, perguntou-me se não estava cansada da vida de bordel, e se não gostaria de encontrar alguém que me tirasse da mesma; vendo que ele gostara de mim, comecei a objetar, e para lhes poupar uma longa história que não tem, possivelmente, o menor interesse para os Senhores, depois de uma hora de discussão, deixei-me conquistar, e ficou decidido que no dia seguinte eu me instalaria em sua casa a troco de vinte luíses por mês e pensão; que como era viúvo, eu podia ocupar um grande apartamento em sua residência na cidade; que teria uma criada para mim e a sociedade de três de seus amigos e suas amantes com os quais se reunia em quatro ceias libertinas por semana, as vezes em sua residência, outras nas deles; que minha única obrigação e ocupação seria comer muito, e sempre a alimentação que me servisse, porque, fazendo o que fazia, era essencial que me alimentasse a uma dieta de acordo com seu gosto — que comesse muito, dizia eu, que dormisse muito e profundamente para que minha digestão fosse boa e completa, que me purgasse regularmente uma vez por mês, e que cagasse em sua boca duas vezes por dia; que esse ritmo de consumo de merda, ou antes, de produção da mesma, não me devia assustar porque, empanturrando-me de comida, como ele planejava fazer, talvez eu não sentisse vontade duas vezes por dia, talvez três. O capitalista ofereceu-me um brilhante muito bonito como prova de sua vontade de concluir o negócio; depois, abraçou-me, disse-me que regulasse meus assuntos com a Fournier, e que estivesse pronta na manhã seguinte, hora a que viria me buscar. Minhas despedidas foram feitas rapidamente; meu coração nada lamentou, pois nada sabia a respeito da arte de formar afeições, mas meus prazeres lamentaram a perda de Eugénie, com quem durante seis meses tive uma ligação extremamente íntima; parti. D'Aucourt recebeu-me com uma delicadeza maravilhosa e ele próprio me conduziu a suíte muito bonita que seria minha habitação; logo fiquei completamente instalada. Esperava, melhor, tinha-me condenado a comer quatro refeições, das quais eram excluídas imensas coisas que adoraria comer: tinha que passar sem peixe, ostras, carne salgada, ovos, e todas as espécies de laticínios; mas, por outro lado, era tão bem recompensada, que realmente não tinha razões de queixa. A base das refeições normais consistia numa imensa quantidade de peito de galinha, aves desossadas preparadas e apresentadas de todas as maneiras imagináveis, vitela ou outra carne vermelha, nada que contivesse gorduras, pouco pão ou frutas. Tinha que comer estes alimentos até ao desjejum, na manhã, e a tarde, ao chá; nessas horas, eram-me servidos com pão, e d'Aucourt gradualmente me induziu a abster-me de pão; desde então deixei por completo de o comer, e renunciei também a sopas. O resultado desta dieta, como meu amante calculara, eram dois

movimentos intestinais por dia, e as fezes eram muito macias, muito doces, um tanto pequenas mas, segundo d'Aucourt afirmava, de um gosto requintado que a alimentação comum não conseguia; e d'Aucourt era um homem cuja opinião merecia certo crédito, porque era um connoisseur. Nossas operações eram realizadas quando ele acordava e quando se recolhia, para a noite. Seus detalhes eram mais ou menos o que já mencionei: começava sempre por chupar prolongadamente minha boca, que eu lhe devia apresentar sempre em seu estado natural, isto é, por lavar: só me era permitido lavar a boca depois. Além disso, não descarregava todas as vezes que jantava, nossos arranjos não o obrigavam de modo algum a fidelidade. D'Aucourt conservava-me como uma pièce de résistance, eu era por assim dizer, o roast beef, mas isso não evitava que ele procurasse outro almoço todas as manhãs, noutros lugares.

Dois dias depois de minha chegada, seus camaradas de deboche vieram passar a noite em sua casa, e como os três tinham, quanto ao gosto que estamos analisando, uma paixão superficialmente diferente embora fundamentalmente idêntica, se me permitem, Senhores, aumentando cada pequeno exemplo nossa coleção, devotarei algumas palavras às fantasias a que se dedicavam.

Os convidados chegaram. O primeiro era um velho parlamentar, dos seus sessenta anos, chamado d'Erville; sua amante era uma mulher de quarenta, extremamente bonita, e não aparentando defeitos visíveis além de um certo excesso de carne: chamava-se Madame du Cange. O segundo era um oficial aposentado do exército, entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, chamado Desprès, sua amante era uma atraente pessoa de vinte e seis, com o corpo mais adorável que se pode imaginar: seu nome era Marianne. O terceiro era um abade, de sessenta anos, chamado Du Coudrais; seu amante era um garoto de dezesseis anos, bonito como uma estrela, que o bom eclesiástico fazia passar por sobrinho.

A mesa foi posta numa parte da casa perto de meus aposentos; a refeição foi festiva, a comida delicada, e observei que a moça e o rapaz estavam a dieta muito parecida com a minha. Os personagens revelaram-se durante o jantar; era impossível ser-se mais libertino que d'Erville; seus olhos, voz, gestos, tudo nele proclamava devassidão, a libertinagem estava pintada em todos seus traços; havia mais de contido, de deliberado, em Desprès, mas a luxúria era, não obstante, a alma de sua existência; quanto ao abade, era o ateu mais completo e vigoroso do mundo: blasfêmias voavam de seus lábios com virtualmente todas as palavras que pronunciava; quanto as senhoras, emulavam seus amantes, tagarelavam com grande rapidez, mas num tom agradável; o rapaz pareceu-me tão idiota quanto bonito, e du Cange, que parecia enamorado dele, deitou-lhe uma série de olhares, os quais o garoto nem mesmo notou.

Toda a propriedade desapareceu na altura da sobremesa, e a conversa era tão suja quanto os acontecimentos: d'Erville congratulou d'Aucourt por sua última aquisição, e pediu para saber se minha bunda tinha algum mérito, e eu gentilmente caguei.

"Oh, por Deus", meu capitalista respondeu com um sorriso, "você só precisa de comprovar os fatos por si próprio; nossos bens são comuns, você sabe, e emprestamos nossas amantes uns aos outros com a mesma boa vontade com que cedemos as bolsas". "Claro", murmurou d'Erville, "acho que vou dar uma bicada".

Pegando-me imediatamente pela mão, propôs que fossemos para um aposento. Como eu hesitasse, du Cange ergueu as sobrancelhas e disse numa voz grosseira:

"Vai embora, moça, aqui não há cerimônias. Eu tomo conta de seu amado durante sua ausência".

E d'Aucourt, cujos olhos consultei, tendo feito um sinal de aprovação, seguiu o velho legislador. É ele, Senhores, e bem assim os outros dois, que vão. oferecer-lhes as três demonstrações do gosto que estamos presentemente estudando, e que devem compor a melhor parte da narração de hoje.

Assim que fiquei fechada com d'Erville, ele muitíssimo aquecido pelas bebidas que tomara, beijou-me na boca com extremo entusiasmo, e, ao fazê-lo, empurrou alguns soluços em minha boca, o que quase me fez ejetar por esse orifício aquilo que, minutos mais tarde, parecia ter o desejo mais premente de ver emergir de outro. Levantou minhas saias, examinou meu traseiro com toda a lubricidade de um consumado libertino, depois informou-me que não estava em absoluto surpreendido com a escolha de d'Aucourt, pois realmente, disse, eu tinha uma das bundas mais bonitas de Paris. Mandou-me começar por alguns peidos, e depois de ter absorvido meia dúzia dos mesmos, voltou a beijar minha boca, ao mesmo tempo que me acariciava e abria vigorosamente minhas nádegas.

"Está começando a sentir vontade"? perguntou.

"Não sinto outra coisa", respondi.

"Muito bem, minha filha linda, seja boazinha e cague neste prato". Trouxera consigo um prato de porcelana, segurou-o enquanto eu fazia força, e escrupulosamente examinou o monte a medida que saía de meu traseiro, delicioso espetáculo que, assim afirmou, o embriagava de prazer. Quando terminei, ergueu o prato, estaticamente aspirou o voluptuoso produto que continha, mexeu, beijou, aspirou o monte, depois dizendo-me que não aguentava mais, e que estava agora bêbedo de lascívia graças a merda, o monte mais sublime que já vira, mandou-me chupar seu pau; embora não houvesse nada de agradável na operação, o medo de irritar d'Aucourt se não cooperasse com seu amigo fêz-me aceder a tudo. Sentou-se numa cadeira de braços, ou antes esparramou-se de lado na mesma, e tendo depositado o prato numa mesa vizinha na qual apoiou também metade de seu corpo, seu nariz enterrou-se na merda; esticou as pernas, e eu, depois de puxar uma cadeira baixa e de ter tirado de sua calça uma mera suspeita de um pau muito mole, em vez de um verdadeiro membro, a despeito de minha repugnância, comecei a chupar aquela miserável relíquia, esperando que um abocamento lhe desse ao menos um pouco de consistência. Não o conseguiu: assim que o débil objeto entrou em minha boca, o libertino iniciou sua operação e lançou na sua o bonito ovo, todo brilhante e novo, que eu acabara de por para ele; não o comeu, devorou-o: o jogo demorou três minutos, durante os quais seus estremecimentos, solavancos e contorções, declararam um deleite muito ardente e muito expressivo. Mas tudo foi em vão, nem um vestígio de solidez surgiu naquele pequeno toco de ferramenta o qual, depois de ter chorado lágrimas de mágoa em minha boca, se retirou mais envergonhado do que nunca, e deixou seu dono naquela prostração, naquele abandono, naquela exaustão que é a conseqüência certa de uma potente descarga de prazer.

"Ah", disse o parlamentar, "juro por minha fé: nunca vi ninguém cagar assim".

Ao voltar a sala de jantar, só encontrei o abade e seu sobrinho, e como estavam operando, posso dar-lhes imediatamente os particulares essenciais. Enquanto os outros trocavam de amantes nessa pequena sociedade, nada podia induzir Du Coudrais a fazer a mesma coisa: contente sempre com o que tinha, nunca aceitava um substituto; não conseguia,

ao que me informaram, divertir-se com mulheres; mas, sob todos os outros aspectos, ele e d'Aucourt eram iguais. O abade procedia à cerimônia da mesma maneira, o que é mais, e quando entramos na sala,

rapaz estava deitado de barriga para baixo na borda de um divã, apresentando sua bunda ao querido tio o qual, ajoelhado a seu lado, carinhosamente recebia em sua boca e firmemente consumia tudo que o rapaz produzia, esfregando ao mesmo tempo um pau extremamente pequeno que vimos balançar entre suas coxas. O abade descarregou, independentemente de nossa presença, e jurou que o garoto cagava melhor cada dia que passava.

Marianne e d'Aucourt, que se divertiam juntos, logo voltaram seguidos de Desprès e du Cange que, disseram, tinham apenas se acariciado e conversado enquanto esperavam por mim.

"Porque", Desprès disse, "ela e eu somos velhos conhecidos, enquanto você, minha adorável rainha, você a quem vejo pela primeira vez, inspira-me o desejo mais ardente de um divertimento mais completo".

"Mas", objetei, "O Senhor d'Erville levou tudo; nada mais tenho para lhe oferecer".

"Ah, sim"? respondeu sorrindo, "realmente, nada quero de você, eu forneço o que for necessário. Apenas preciso de seus dedos".

Curiosa por decifrar aquele enigma, acompanho-o, e assim que ficamos a sós, pede para beijar minha bunda durante um momento. Logo acedo e depois de duas ou três lambidelas e chupadas no orifício, desabotoa sua calça, e pede-me que lhe faça o que acabara de fazer em meu benefício. Sua posição excitou minha suspeita: estava sentado de frente para as costas de uma cadeira, a qual se agarrando mantinha seu equilíbrio, e por baixo estava um vaso pronto a ser cheio; e assim, observando que estava a ponto de executar sozinho, perguntei por que era necessário que eu beijasse sua bunda.

"Nada pode ser mais necessário, meu coração", respondeu; "é que minha bunda, na França inteira a bunda mais caprichosa, nunca caga sem ser beijada".

Obedeci, mas tive o cuidado de ficar fora de perigo; percebendo minha cautelosa manobra:

"Mais perto, pelo amor de Deus, mais perto, querida", disse num tom imperioso. "Tem medo de um pouco de merda"?

E então, finalmente, com o propósito de ser simpática, levei meus lábios a vizinhança de seu ânus; mas mal os tinha ali sentido e já disparava a mola, a erupção foi tão violenta que uma de minhas faces ficou salpicada da testa ao queixo. Só necessitou de uma descarga para submergir o prato; nunca vi em toda minha vida um monte assim: chegava para encher uma funda tigela de salada. Nosso homem arrebatava o prato, leva-o consigo, e deita-se na borda da cama, mostra sua bunda inteira cheia de merda, e ordena-me que brinque com ela enquanto se regala com o que acabava de sair de suas entranhas. Imunda que estava sua bunda, tinha de obedecer. "Sua amante sem dúvida faz a mesma coisa", pensei comigo mesma; "Devo fazer como ela". Mergulho três dedos na nojenta abertura suplicando minhas atenções; nosso homem fica fora de si de alegria, cai em seu próprio excremento, cimenta sua cara com ele, chafurda, come, uma de suas mãos segura o prato, a outra sacode seu pau majestosamente erguido entre suas coxas; redobro meus esforços, não são em vão, sinto seu ânus contrair-se

em volta de meus dedos, isso significa que seus músculos eretores estão prestes a lançar a semente, a perspectiva delicia-me, o prato está limpo de lambido, e meu companheiro descarrega.

De volta uma vez mais ao salão, vejo meu inconstante d'Aucourt com a adorável Marianne; o safado fizera também uso dela. O único que restava era o pajem, com o qual, acredito, podia ter também chegado a vias de fato, se o ciumento abade consentisse apenas em o deixar durante meia hora. Depois de todos voltarem, todo mundo falou em tirar a roupa e executar algumas extravagâncias na frente uns dos outros. A idéia pareceu-me excelente, pois permitiria que eu visse o corpo de Marianne, e qual tinha o maior desejo de examinar; provou delicioso, firme, claro, esplendidamente proporcionado, e sua bunda, que acariciei diversas vezes, título de brincadeira, pareceu-me uma verdadeira obra prima.

"Que quer com uma moça tão bonita"? perguntei 'a Desprès. "O prazer que o senhor parece adorar não dá ênfase a beleza".

"Ah", respondeu, "você não conhece todos meus jeitinhos misteriosos".

Fui absolutamente incapaz de saber mais coisas a esse respeito, e embora vivesse durante mais de um ano com d'Aucourt, e estivesse presente a todas as reuniões, nem Desprès nem Marianne me quiseram dizer fosse o que fosse, e fiquei na inteira ignorância de seus entendimentos secretos os quais, fosse qual fosse sua espécie, não evitavam que o gosto que seu amante costumava satisfazer comigo fosse uma autêntica e distinta paixão digna sob todos os aspectos de inclusão em nossa antologia. O que quer que fizesse com Marianne, pensei, devia ser meramente episódico, e já foi ou será certamente relatado em uma de nossas sessões.

Depois de algumas liberdades devassas bastante indecentes, alguns peidos e ainda alguns montes ou ovos mais, tivemos por parte do abade uma conversa considerável e sonoras impiedades, pois o santo homem parecia encontrar uma de suas mais perfeitas lubricidades na conduta no discurso impróprios; depois disso, todo mundo voltou a vestir-se foi para a cama dormir. Na manhã seguinte, como de costume, fui ao quarto de d'Aucourt no momento em que este se preparava para se levantar, e nenhum de nós censurou o outro pelas pequenas infidelidades da noite anterior. Disse-me que, a não ser eu, não conhecia ninguém que cagasse melhor do que Marianne; fiz-lhe várias perguntas, querendo saber que fazia ela com um amante que parecia tão auto-suficiente, e d'Aucourt respondeu que tudo isso era um segredo dos dois, e nunca se tinham decidido a revelá-lo. E nós, meu amante e eu, passamos a fazer nossas pequenas habilidades. Não estava tão confinada na casa de d'Aucourt como anteriormente; as vezes aventurava-me na rua; ele tinha completa fé, ao que me disse, em minha honestidade, eu podia ver muito bem a que perigo ó exporia se prejudicasse minha saúde, e deixou-me a vontade. No que diz respeito a saúde, na qual, muito egoisticamente, tinha tanto interesse, nada fiz que traísse sua confiança, mas quanto ao resto, considerei-me livre para fazer tudo que me pudesse trazer algum dinheiro. E assim, sendo repetidamente solicitada por Fournier, sempre ansiosa por me arranjar companheiros em seu estabelecimento, emprestei meu talento a todos os projetos que me garantissem um lucro razoável. Eu não era mais uma das moças de sua tripulação, era uma senhora teúda e manteúda por um Recebedor Geral; teria eu a bondade de dar a Madame Fournier uma hora de meu precioso tempo e passar em seu estabelecimento no dia tal e tal, etc. etc. Podem imaginar como isso era lucrativo para mim. Foi no curso destas breves distrações que encontrei o novo devoto da merda que passo a discutir.

"Espere um instante", exclamou o Bispo. "Não quis interrompê-la antes de chegar ao final de um capítulo; parece ter terminado um agora. Quer ter a bondade de lançar um pouco mais de luz em dois ou três pontos essenciais a respeito desta última pessoa? Quando celebrou as orgias depois de sua entrevista com Desprès, cometeu o abade, até então acariciando apenas seu trovador, atos de infidelidade? Numa palavra, ele jogou as mãos em você? Desertaram os outros suas mulheres pelo rapaz"?

"Monsenhor", disse Duclos, "o abade nem uma única vez deixou seu rapazinho; mal chegou a nos olhar de relance embora estivéssemos nus praticamente em cima dele. Mas brincou com a bunda de d'Aucourt de Desprès, e também com a de d'Erville: beijou-as, chupou-as, d'Aucourt e d'Erville cagaram em sua boca e ele engoliu a melhor parte de cada um desses dois montes. Mas não tocou nas mulheres. O mesmo não é verdade dos outros três amigos relativamente a seu jovem trovador; beijaram-no, lamberam-lhe a bunda, e Desprès afastou-se sozinho com o garoto mas não faço idéia do propósito".

"Excelente", o Bispo disse. "Note que não conta tudo, e que aquilo que acaba de relatar forma ainda outra paixão, uma vez que inclui o gosto de um homem que quer que outros homens caguem em sua boca, homens bem amadurecidos a propósito".

"É verdade, Monsenhor", Duclos admitiu, "confesso meu erro mas não o lamento, porque a noite chegou ao fim, e foi realmente muito longa. A campanha que vamos ouvir teria indicado que não tive tempo suficiente para terminar a história que me preparava para iniciar, e com vossa graciosa permissão, adiaremos até amanhã".

A campanha tocou realmente, e como ninguém descarregou durante os trabalhos e em virtude de todos os paus estarem, não obstante, no ar, só se resolveram a cear depois de prometerem compensar sua perda durante as orgias. Mas o impetuoso Duque nunca era capaz de adiar negócios importante, e tendo ordenado a Sophie que apresentasse suas nádegas, obrigou a encantadora criança a cagar, e engoliu o seu monte como sobremesa. Durcet, o Bispo e Curval, todos igualmente ocupados, concluíram a mesma operação, o primeiro com Hyacinthe, o segundo com Céladon, o terceiro com Adonis. Este último, não tendo dado ampla satisfação, viu seu nome inscrito no livro dos castigos, e Curval, praguejando como um sargento, vingou-se na bunda de Thérèse, que explodiu, a queima roupa, o monte mais pesado que se pode imaginar. As orgias foram eminentemente libertinas e Durcet, renunciando a montes jovens, disse que nos jogos da noite só aceitaria aquilo que seus três amigos pudessem oferecer-lhe. Satisfizeram-no com execuções razoáveis, e o pequeno libertino descarregou como um garanhão enquanto devorava a merda de Curval. A noite surgiu finalmente para restaurar certa medida de calma em tanta intemperança, e para restaurar também os desejos e faculdades de nossos libertinos.

## O DECIMO TERCEIRO DIA

O Presidente, que nessa noite dormia com Adelaide, sua filha, tendo brincado com ela até se sentir vencido pelo sono, relegara-a a uma almofada no chão, ao lado de sua cama, para que Fanchon pudesse ocupar seu lugar, pois gostava imenso de ter a velha duenha a seu lado quando a lascívia o acordava, o que ocorria quase todas as noites; pelas três da madrugada, abriu seus olhos em sobressalto, e começou a praguejar e blasfemar como safado que era. Ficava nessas ocasiões possuído de um furor lúbrico, e vez por outra se tornava perigoso. É por isso que tanto gostava de ter a velha e amiga Fanchon a seu lado, pois ninguém tinha tanta

habilidade para o acalmar, quer oferecendo-se a si própria, quer trazendo-lhe imediatamente um dos objetos dormindo em seus aposentos.

Nessa noite particular, o Presidente, recordando instantaneamente as infâmias que perpetrara em sua filha antes de adormecer, chamou imediatamente por ela, com a intenção de repetir as mesmas; mas ela não se encontrava no quarto. Imagine-se a consternação e a comoção criadas por tal incidente. Curval salta da cama furioso, pergunta onde suas naturezas semelhantemente ternas, sua piedade, sentimentos virtuosos, vasculhado, nada se encontra. Todas as camas são examinadas, e finalmente a interessante Adelaide é descoberta sentada, com sua camisola de dormir, na cama de Sophie. As duas encantadoras moças, unidas por sua filha se encontra; acendem-se velas, todo mundo procura, o lugar é candor, e amenidade absolutamente idêntica, tinham-se prendido pela mais linda afeição uma a outra e trocavam palavras de conforto, consolando-se uma a outra pelo pavoroso destino que lhes fora reservado. Ninguém tinha até então percebido suas relações, mas o que se seguiu provou que não era a primeira vez que se reuniam, e descobriu-se também que a mais velha das duas cultivava os melhores sentimentos da outra, e pedira-lhe especialmente que se não afastasse de sua religião e de seus deveres perante Deus, o Qual, um dia, as confortaria e consolaria por todos seus sofrimentos. Deixo ao leitor imaginar a fúria e reação tempestuosa de Curval quando localizou a adorável missionária; agarrou-a pelos cabelos, e esmagando-a com invectivas, todas muito severas, arrastou-a para seus aposentos, onde a amarrou aos pés de sua cama e a deixou até de manhã para ponderar sobre a indiscrição. Tendo todos os amigos corrido para a cena, pode também facilmente imaginar-se a pressa e decisão com que Curval fez com que os nomes das duas delinqüentes fossem inscritos no registro. O Duque defendeu apaixonadamente um corretivo instantâneo, e o que propôs não era de molde algum suave; mas tendo o Bispo feito uma objeção razoável ao que seu irmão sustentava e tinha vontade de fazer, Durcet satisfez-se simplesmente incluindo-as na agenda: Não houve maneira de atacar as duenhãs; as quatro estavam aboletadas nos aposentos dos Senhores nessa noite. Esse fato demonstrou as imperfeições da administração doméstica, tendo sido decidido que, de futuro, haveria sempre pelo menos uma duenha nos aposentos dos meninos, e outra no das meninas. Suas Senhorias voltaram a recolher-se ao leito, e Curval, a quem a cólera tinha tornado mais do que cruelmente impudico, fez coisas a sua filha que não podemos ainda descrever, mas que, precipitando sua descarga, o fizeram tranquilamente dormir.

Todas as frangas do galinheiro ficaram tão aterrorizadas que, de manhã, não se descobriu nenhuma falta, e entre os rapazes, somente Narcisse, a quem, na noite anterior, Curval proibira de limpar sua bunda, desejando-a bem suja de merda ao café, que o infante estava escalonado para servir, e que infelizmente esquecera as instruções, apenas Narcisse, dizia, limpou seu ânus e o fizera com extremo cuidado. Foi em vão que o pequeno camarada explicou que seu engano podia ser reparado, porque, disse o menino, queria cagar então e ali mesmo; foi-lhe dito que guardasse o que tinha, e que seria, não obstante, inscrito no livro fatal; inscrição que o temível Durcet instantaneamente fez diante de seus olhos, para assim o fazer sentir toda a enormidade de sua falta, verdadeiro pecado e possivelmente em si própria capaz de perturbar, ou quem sabe, de evitar, a descarga do Senhor Presidente.

Constance, a quem não dificultavam por causa de seu estado, Desgranges e Clivador de Bundas, foram os únicos a receber permissão para ir a capela; todos os restantes receberam ordem para não tirar a rolha até aos brindes da noite.

Os eventos da noite anterior proporcionaram a conversação do jantar; brincaram com o

Presidente por ter deixado o pássaro fugir de sua gaiola, etc. etc.; umas taças de champagne restabeleceram sua boa disposição, e a companhia investiu contra o café. Narcisse, Céladon e Zelmire distribuíram o café, o mesmo fazendo Sophie, grandemente envergonhada consigo própria; perguntaram-lhe quantas vezes a coisa tinha acontecido, respondeu que ocorrera apenas duas vezes, e que Madame de Durcet lhe dera conselhos tão bons que realmente achava muito injusto que as duas fossem castigadas por isso. O Presidente garantiu-lhe que aquilo a que chamava bons conselhos eram, na sua situação, os piores, que a devoção com que Madame de Durcet lhe enchia a cabeça só tinha como objetivo fazê-la castigar todos os dias, e que, em suas circunstâncias atuais, não podia ter senhores ou deuses a não ser seus três confrades e ele próprio, religião a não ser servir e obedecer cegamente aos quatro em tudo. E, enquanto lhe fazia o sermão, fê-la ajoelhar entre suas pernas e chupar seu pau, coisa que a pobre criança fé?. toda tremula. Como sempre, simpatizante de coxas, o Duque, obrigado que estava a abster-se da prática capital, empalou Zelmire dessa maneira, fazendo ao mesmo tempo que a menina cagasse em sua mão, e engolindo a porção com a mesma rapidez com que a recebia, e durante todo este tempo Durcet induzira Céladon a descarregar em sua boca, e o Bispo industriosamente extraia um monte de Narcisse. Apenas alguns minutos, não mais, foram destinados a sesta que consideravam grande auxiliar da digestão; depois, tendo tomado seus lugares no auditório. Duolos olhou para os assistentes, e iniciou a narrativa do dia.

"O galante octogenário que a Fournier tinha em mente para mim, Senhores, era um funcionário do Tribunal de Contas, baixo, atarracado, e com um rosto extremamente desagradável. Colocou um vaso entre nós, agachamo-nos costas com costas, e cagamos ao mesmo tempo; pega no vaso, com seus dedos mexe os dois montes, agita-os, engole a massa enquanto promovo sua descarga, erupção que tem lugar em minha boca. Mal chegou a olhar de relance para minha bunda. Tampouco me deu qualquer beijo, mas, não obstante, seu êxtase foi muito agudo e deter-minado, pavoneou-se pelo quarto inteiro, praguejando enquanto engolia e ejaculava, e depois retirouse, dando-me quatro luíses por aquela estranha cerimônia.

' Contudo, meu senhorio cada dia gostava mais de mim, e tinha também mais confiança, e essa confiança, que não perdi tempo em trair, logo se tornou a causa de nossa eterna separação. Um dia em que me deixara sozinha na sua biblioteca, observei que, antes de sair para a rua, enchia sua bolsa com dinheiro tirado de uma gaveta inteiramente cheia de ouro. "Ah, que captura"! disse comigo mesma, e tendo concebido nesse mesmo momento a idéia de fugir com aquela quantia, passei a ficar alerta a maneira e oportunidade de me apropriar da mesma: d'Aucourt nunca fechava a gaveta, mas levava consigo a chave da biblioteca, e depois de descobrir que essa porta e a fechadura eram muito fracas, imaginei que seria muito fácil rebentar uma e outra. Depois de adotar plano, concentrei-me apenas em aproveitar a primeira vez que d'Aucourt se ausentasse durante o dia inteiro; isso costumava acontecer duas vezes por semana, quando ia para bacanais privados com Desprès e o abade; talvez Madame Desgranges descreva o que ocorria durante essas saídas, estão além de meus domínios. O momento favorável logo surgiu; os criados de d'Aucourt, tão libertinos como seu amo, nunca deixavam de o acompanhar a essas festas, e assim me achei quase sozinha na casa. Cheia de impaciência por executar meu projeto, vou direta a porta da biblioteca, quebro a fina almofada com um soco, corro a gaveta, acho-a aberta como sabia que devia estar. Removo tudo que contém; meu prêmio ascende a nada menos de três mil luíses. Encho meus bolsos, abro outras gavetas; uma esplêndida caixa de jóias atrai meu olhar, pego nela, mas que não iria eu encontrar nas outras gavetas daquela bonita escrivania! ... Feliz d'Aucourt! Que grande boa



fortuna que sua imprudência não fosse descoberta por outra pessoa: a secretária tinha o suficiente para o mandar para a roda, Senhores, é tudo que lhes posso dizer. Bem a parte das notas transparentes e expressivas a ele dirigidas pelo abade e por Desprès relativas a suas relações secretas, havia toda a espécie de mobiliário necessário a execução dessas infâmias... Mas fico por aqui; os limites prescritos a meu depoimento não me deixam dizer mais; Desgranges tratará da questão na íntegra. Quanto a mim, efetuado o roubo, parti sem demora, tremendo ao pensar em todos os perigos a que talvez me expusera freqüentando a companhia de tais malandros. Atravessei o Canal para Londres e, como minha estada nessa cidade, onde durante seis meses morei no maior conforto, nada oferece que possa ter qualquer interesse particular para Vossas Senhorias, permitam-me que passe rapidamente sobre esta parte de minha história. Não mantinha contacto com ninguém em Paris, além da F'ournier; portanto, ela avisou-me do barulho dos demônios que o proprietário fez a respeito deste insignificante roubo, e finalmente resolvi pôr termo a essa conversa: peguei numa pena e em papel e muito friamente informei-lhe de que a pessoa que achou seu dinheiro descobriu também outras coisas, e que se resolvesse continuar procurando o culpado, eu enfrentaria tão bravamente quanto possível meu destino, e muito certa-mente depositaria, com o mesmo juiz que me interrogasse acerca do que eu tinha feito com o conteúdo das gavetas pequenas, uma declaração detalhada do que tinha encontrado nas grandes. Nosso homem ficou calado como um túmulo; e como seis meses mais tarde sua devassidão tripartida veio amplamente a luz e como eles próprios deixaram a França pela segurança no exterior, voltei a Paris e, preciso confessar meu comportamento? Voltei, Senhores, tão pobre quanto era antes de aliviar d'Aucourt, e meus apuros eram tais que fui obrigada a entregar-me uma vez mais a proteção de Madame Fournier. Como não tinha mais do que vinte e três anos na época, não queria aventuras; vou ignorar as estranhas a meu domínio e relatar, com a indulgente permissão de Vossas Senhorias, apenas aquelas que sei agora lhes merecem algum interesse.

Uma semana após meu regresso, foi colocado um barril cheio de merda até a borda, no aposento destinado aos prazeres. Meu Adonis chega; provou ser um santo eclesiástico, mas tão habituado aqueles prazeres, que não conseguia mais excitar-se a não ser através dos excessos que vou descrever. Estava nua quando entrou. Durante um momento olha para minhas nádegas, então, depois de as ter acariciado um tanto brutalmente, diz-me que o dispa e que o ajude a entrar no barril. Tiro sua sotaina, ajudo-o a subir, o velho porco entra em seu elemento; um furo fora especialmente aberto para o propósito e, quinze segundos depois de ter imergido, seu pau, quase duro, surge através da abertura; ordena-me que o esfregue. coberto que está de porcária e horrores. Faço o que me manda, mergulha sua cabeça na merda, chapinha na merda, engole merda, grita, descarrega, e, saindo meio tonto do barril, corre a imergir-se num banho, onde o deixo com duas criadas da casa, que passam um quarto de hora escovando-o para o limpar.

Um outro surgiu pouco tempo depois. Uma semana antes, caguei e mijei num vaso e cuidadosamente guardei a mistura; este período era necessário antes que as coisas atingissem o estágio que nosso último libertino desejava. Era um homem de trinta e cinco anos, e minha opinião é que estava ligado as finanças. Depois de entrar, perguntou onde estava o vaso; entreguei-lho, cheirou-o a título de experiência.

"Você está perfeitamente certa de que foi feito há uma semana"?

perguntou.

"Senhor", respondi, "estou preparada para responder por sua idade: o senhor pode ver

os primeiros sinais de mÍldio, um pouco de mofo perto da borda".

"Ah, sim, parece que vai servir muito bem", concordou, "é o mofo que eu adoro, sabe. Para mim, nunca muito mofado. Mostre-me, se faz favor", continua, "a bonita bunda que cagou isto".

Apresentei-a.

"Isso mesmo", disse, "coloque-a ali mesmo, na minha frente para eu poder vê-la enquanto como sua criação".

Preparamo-nos, ele prova sua guloseima, fica emocionado com o paladar, mergulha em frente, e em tempo incrivelmente curto devora o requintado almoço, só interrompendo a mastigação para perscrutar minha bunda; mas não houve outros episódios, nem sequer tirou seu pau de dentro da calça.

Um mês depois, outro camarada invulgar nos bateu à porta, e este só queria negócios com a própria Fournier. Que objeto escolheu, Meu Deus! ela já tinha visto sessenta e oito verões, unia erisipela comia cada centímetro de seu couro, e os oito dentes podres que decoravam sua boca comunicavam um odor tão fétido, que era impossível falar com ela a menos de cinco metros; mas eram essas deficiências e nada mais que encantavam o amor com quem ia dar uma caída. Ansiosa por observar a luta, corro ao buraco de observação: o Adonis era um velho médico, mas, não obstante, mais jovem do que ela. Toma-a em seus braços, beija-lha a boca durante uns bons quinze minutos, então, fazendo-a mostrar uma bunda velha. enrugada como só as vacas velhas têm, beija e chupa avidamente essa bunda. Surge uma seringa. e três meias garrafas de licor: o devoto Esculápio carrega sua seringa e bombeia a bebida balsâmica nas entranhas de sua Íris: esta recebe a poção, retém a mesma, o médico não pára de a beijar. lambe cada centímetro de seu corpo.

"Ah, meu amigo", a velha senhora exclama finalmente, "não me posso conter mais tempo, nem mais um segundo, prepare-se, querido amigo, vou ter que devolver tudo".

q aluno de Salermo ajoelha-se, de sua calça retira um toco de dispositivo negro e enrugado, que sacode e adula com ênfase, Fournier assenta sua grande bunda feia em sua boca, faz força, o médico sorve, um eivo ou dois emergem sem dúvida com o líquido, ofega mas tudo vai para baixo, o libertino descarrega e cai para trás, completamente embriagado. Era assim que este devasso satisfazia duas paixões com uma única cajadada: seu vinho e sua lascívia.

"Um momento", disse Durcet. "Esses excessos sempre me provocam uma ereção. "Desgranges", prosseguiu, "imagino que você tenha uma bunda parecida com a que Duclos acaba de descrever; venha aplicála em meu rosto".

A velha procuradora obedeceu.

"Pode começar, solte", Durcet disse com voz abafada, pois falava com a cabeça no meio daquele par de nádegas inspiradoras de pavor. "Dá-me velha puta, não importa que não seja liquido, sou perfeitamente capaz de mastigar, e engulo sempre o que surge em meu caminho".

E a operação foi concluída enquanto o Bispo executava uma semelhante com Antinous, Curval com Fanchon, e o Duque com Louison. Mas nossos quatro atletas, plenamente familiarizados com todas essas extravagâncias e totalmente a vontade enquanto as cometiam, procediam com absoluta tranqüilidade, e até com indiferença: os quatro depósitos foram consumidos sem ser derramada uma única gota de esperma em qualquer parte. "Bem, adiante

com sua história, Duclos, acabe por hoje", disse o Duque; "se não estamos mais tranquilos do que antes, estamos pelo menos impacientes e mais capazes de prestar atenção".

"Infelizmente, Senhores", respondeu nossa heroína, "receio que a anedota que tenho ainda a relatar esta noite é simples demais, temperada demais para o estado em que os Senhores se encontram. É uma pena, mas paciência; sua vez chegou, deve ocupar seu lugar". E continuou como segue: q herói da aventura era um velho Brigadeiro do Exército Real; ficava pelado, depois punha fraldas como um infante; quando estava assim preparado, fui obrigada a cagar enquanto ele olhava, levaválhe o prato e, com a ponta de meus dedos, dava-lhe meu monte como se fosse papa. Tudo feito de acordo com as prescrições, nosso libertino engole tudo, e descarrega em suas fraldas, simulando ao mesmo tempo o choro de um bebê."

"Recorramos então as crianças", disse o Duque, "uma vez que nos deixa com uma história de crianças; Fanny, minha querida", continuou "venha a seu velho amigo e cague na sua boca, e lembrese de chupar seu pau enquanto trabalha, pois parece estar pronto para descarregar outra vez".

"Assim será feito", murmurou o Bispo. "Vem aqui, Rosette; você ouviu as ordens dadas a Fanny. Então faça como ela".

"Que as mesmas ordens se apliquem a você", Durcet disse a Hébé, que respondeu a sua chamada.

"Em Roma", disse o sábio Curval, "sê romana, minha pequenina. Augustine emule suas companheiras, faça correr simultaneamente meu esperma em sua boca e sua merda na minha".

E todas estas coisas foram feitas; nessa ocasião surgiram todas essas coisas dignas; por todos os lados se ouviam sons de peido e de merda caindo, descargas também, e, satisfeita muita lascívia, dirigiram-se a mesa, seu apetite era enorme. Mas nas orgias, usaram-se refinamentos, os pequeninos foram mandados para a casa. Essas horas deliciosas foram passadas com a elite dos fodedores, as quatro damas de companhia, as quatro narradoras. Os Senhores ficaram completamente embriagados e fizeram horrores de tal imundície absoluta que eu não seria capaz de os descrever sem fazer uma injustiça aos quadros menos libertinos que devo oferecer ainda a meus leitores. Curval e Durcet foram carregados inconscientes, mas o Duque e o Bispo, frios como se nada tivesse acontecido, foram perfeitamente capazes de passar o resto da noite distraíndo-se em suas desordens habituais.

# O DECIMO QUARTO DIA

Descobriu-se nesse dia que o tempo emprestara sua aprovação as empresas infames de nossos libertinos, e os removera para uma distância maior da probabilidade de serem observados por olhos mortais; caíra um imenso manto de neve, encheu o vale circundante, parecendo proibir até os animais selvagens de se aproximarem do esconderijo de nossos safados; de todos os seres humanos, não existia um que se atrevesse a esperar atingir o lugar onde se encontravam. Ah, não é facilmente que se imagina a voluptuosidade, a lascívia, a alegria feroz conseguidas por tais certezas, ou o que significa quando podemos dizer a nós próprios: "Estou sozinho aqui, estou no fim do mundo, afastado de todos os olhares, aqui ninguém me pode alcançar, não há criatura que possa vir onde estou: não há limites, por isso, não há barreiras; sou livre". Portanto, quando se está assim colocado, os desejos surgem com uma impetuosidade que não conhece limites, nada os detém, e a impunidade que os eletrifica aumenta da maneira mais deliciosa toda a sua embriaguez. Então, nada existe a não ser Deus e a consciência de cada um; bem, que peso pode ter o primeiro, que valor pode Deus ter aos olhos de ateus de alma e coração? E que importância tem a consciência, que influencia sobre quem está tão acostumado a reprimir o remorso, a afugentar a culpa, para quem assim proceder se torna uma brincadeira, mais ainda, um pequeno prazer? Infeliz rebanho entregue ao dente assassino de tais vilões; como tremerias se não continuasses na ignorância do que te espera.

Nesse dia houve festival, terminava a segunda semana, foi celebrado o segundo casamento; os Senhores estavam de bom humor e só queriam divertir-se no dia festivo. O casamento a realizar era de Narcisse e Hébé, mas, cruel destino, foi também decretado que a noiva e o noivo fossem condenados a sofrer um castigo nessa noite; e assim, do abraço caloroso dos prazeres do himeneu, iriam diretamente para as lições mais amargas ensinadas naquela escola, que injustiça! O pequeno Narcisse, que não era burro, observou a ironia, mas os Senhores prosseguiram, não obstante, com a cerimônia usual. O Bispo oficiou, o par foi unido nos laços do sagrado matrimônio, e foi-lhes permitido que fizessem um ao outro, perante os olhos do público, tudo que quisessem: mas, quem poderia acreditar? A ordem fora de âmbito liberal demais, ou compreendida bem demais, e o maridinho, que tinha aptidão para aprender, perfeita- mente encantado com a perspectiva na sua frente, mas incapaz de se introduzir em sua bonita esposa, estava no entanto prestes a deflorá-la com seus dedos, e te-lo-ia feito, se o deixassem. Mãos firmes intervieram justamente a tempo, e o Duque, afastandose com Hébé, introduziu-lhe ali mesmo o seu pau nas coxas, enquanto o Bispo fazia a mesma coisa com Narcisse.

Seguiu-se o jantar, o casal recém-casado foi admitido na festa, e como lhe tinham ordenado e servido uma quantidade prodigiosa de comida, ambos, ao saírem da mesa cagaram lindamente, um em benefício de Durcet, o outro de Curval, o qual, depois de ter engolido aqueles pequenos produtos da infância, beijocou seus lábios e declarou que era delicioso.

O café foi servido por Augustine, Fanny, Céladon e Zéphyr. O Duque ordenou que Augustine esfregasse o pau de Zéphyr, e este último cagou na boca do nobre ao mesmo tempo que descarregava; a operação foi um sucesso espantoso, tanto que o Bispo quis repeti-la com Céladon; Fanny ajudou na bomba, e o garoto recebeu ordens para cagar na boca do Monsenhor no momento em que sentisse seu esperma correr. Mas os jovens trabalhadores

tiveram um sucesso menos brilhante que seus companheiros: Céladon não conseguiu coordenar sua cagada com sua descarga; contudo, como este exercício era meramente uma prova de habilidade, e os regulamentos não faziam referência a obrigação dos súditos se excederem no mesmo, não lhes foi infligido nenhum castigo.

Durcet catou a merda de Augustine, e o Bispo, firmemente ereto, mandou Fanny chupar-lhe o pau ao mesmo tempo que a menina cagava em sua boca; descarregou, e como sua crise foi violenta, brutalizou um tanto Fanny mas, infelizmente não conseguiu arranjar fundamento adequado para a fazer castigar, grande que era seu desejo aparente de conseguir alguma coisa para ela. Não havia brincadeira maior para o Bispo; assim que acabava de descarregar, desejava ver a desgraça do objeto de seu prazer; todos conheciam seu caráter, e as meninas, os meninos, as esposas, nada temiam tanto como ajudá-lo a libertar-se de seu esperma.

Passada a sesta do meio dia, passaram ao auditório, a companhia distribuiu-se, e Duclos retomou o fio a sua narrativa:

Costumava ir às vezes a cidade a festas, disse ela, e como eram geralmente mais lucrativas, Fournier fazia o que podia por conseguir o maior número das mesmas.

Uma vez mandou-me a casa de um velho Cavaleiro de Malta que abriu uma espécie de armário cheio de cubículos, cada um dos quais abrigava um vaso de noite em porcelana contendo um monte; o velho safado fizera uma combinação com uma sua irmã, abadessa de um dos conventos mais consideráveis de Paris; essa complacente irmã, a seu pedido, enviava-lhe todas as manhãs um engradado de merda fresca produzida por suas pensionistas mais bonitas. Ele guardava cada vaso de acordo com um sistema de classificação, e quando cheguei mandou-me apanhar o número tal e tal, e provou ser o mais venerável. Apresentei-lhe o vaso.

"Oh, sim", disse o homem, "esse pertence a uma mocinha de dezesseis anos, linda como o dia. Esfregue meu pau enquanto como o seu presente".

A cerimônia inteira consistia em esfregar seu dispositivo e em adornar minha bunda perante seus olhos enquanto comia, depois em reabastecer o vaso que acabara de esvaziar. Observou minha atividade, depois limpou minha bunda com sua língua e descarregou enquanto chupava meu ânus. Depois disso, o armário é fechado e trancado, recebo meu pagamento e nosso homem, a quem visitei a uma hora matutina, enrosca-se e vai beatificamente dormir.

Um outro, mais extraordinário em minha opinião, era um velho monge. Entra, pede oito ou dez ovos a primeira pessoa que encontra, mulher ou homem, é a mesma coisa para ele. Mistura-os numa pasta que a seguir manipula como uma massa, trinca o pedaço e, comendo pelo menos metade do mesmo, descarrega em minha boca.

Um terceiro, e de todos os homens que conheci em minha vida o que despertou em mim o maior asco, um terceiro, dizia eu, mandou-me abrir bem minha boca. Eu estava nua, deitada no chão, e ele na minha frente; enfiou seu assento em minha boca, e o vilão pôs ovo, depois, a meu lado, comeu o que cuspi, e espalhou seu esperma em minhas mamas.

"Bem, essa é agradável!" exclamou Curval: "por Jesus, creio realmente que quero cagar, preciso mesmo. Quem devo tomar, Senhor Duque"?

"Quem"? disse Blangis. "Por minha fé, recomendo Julie, minha filha; ela está aí mesmo a seu lado. Você gosta de sua boca, ponha-a a trabalhar".

"Obrigada pelo conselho", disse Julie tristemente. "Que fiz eu para que o senhor diga

essas coisas"?

"Bem, como a idéia não lhe agrada", disse o Duque, "e como é uma boa menina, tome Mademoiselle Sophie: é saudável, bonita, e tem apenas catorze anos, sabe".

"Muito bem, seja Sophie, está decidido", disse Curval, cujo turbulento pau começava a gesticular.

Fanchon faz aproximar a vítima, as lágrimas da pequena coitadinha começam a cair sem demora. Curval ri as gargalhadas, ajeita seu grande, feio e sujo traseiro, coloca-o em cima do encantador rosto, e dá-nos a impressão de um sapo pronto a insultar uma rosa. Seu pau é esfregado, a bomba explode, Sophie não perde nem uma grama, e a língua e os lábios do crapuloso magistrado reclamam tudo que ele próprio lançou; engole tudo com quatro bocas cheias ao mesmo tempo que seu pau é esfregado na barriga da pobre criatura que, terminada a operação, vomita até suas próprias tripas, e diretamente no nariz de Durcet, que se precipitou para nada perder, e que se esfrega a si mesmo enquanto é borrifado.

"Continue, Duclos"! disse Curval. "Adiante com suas histórias, e rejubile com o efeito de seus discursos; não levam o dia"?

E logo após Duclos prosseguiu, aquecida até ao fundo de seu coração pelo espantoso sucesso que sua anedota recebera.

O homem com quem tive relações imediatamente após aquele cujo exemplo seduziu os Senhores, Duolos disse, insistia em que a mulher a quem era apresentado tivesse indigestão; como consequência, Fournier, que não me dera conhecimento antecipado da coisa, fêz-me, durante o jantar, engolir um certo remédio laxativo que amolecia o conteúdo de meus intestinos, na realidade tornava-o fluido, como se meu assento tivesse sido transformado no efeito de um enema. Nosso homem chega, e depois de vários beijos preliminares dados no objeto de sua inteira veneração, que, agora, estava ficando dolorosamente cheio de gases, suplico-lhe para começar sem mais delongas; a injeção está pronta a escapar, agarro seu pau, arqueja, engole tudo, pede ainda mais; forneço-o com um segundo dilúvio, logo seguido por um terceiro, e a anchova do libertino cospe finalmente em meus dedos a evidência inequívoca da sensação que recebeu.

No dia seguinte, tratei com um personagem cuja mania barroca encontrará talvez alguns devotos entre Vossas Senhorias. Primeiramente, estava instalado no quarto contíguo àquele em que geralmente operávamos e em cuja parede se encontrava o buraco tão convenientemente colocado para as observações. Foi deixado a sós para se preparar; um segundo ator me aguardava no aposento vizinho: era um cocheiro que tínhamos trazido ao acaso, e que fora cabalmente informado da situação; como eu também o fora, nosso elenco sabia todos os papéis na perfeição. Era uma questão de fazer o Fiacre cagar bem em frente do buraco, para que o libertino escondido do outro lado da divisão nada perdesse do espetáculo. Recebo o monte num prato, tenho o cuidado de o manter intacto, afasto as nádegas do cocheiro, comprimo seu ânus, nada esqueço que possa tornar agradável a cagada; assim que meu homem faz tudo que tem a fazer, agarro seu pau e faço-o descarregar em cima da merda, e tudo isso bem à vista do observador; finalmente, pronto o pacote, precipito-me para o outro quarto.

"Aqui está, coma depressa, Senhor", exclamo, "bonito e quente". Não há necessidade de repetir o convite; agarra no prato, oferece-me seu pau, o qual esfrego, e o safado engole avidamente tudo que lhe dei, ao mesmo tempo que exala seu esperma ao ritmo dos diligentes

movimentos elásticos de minha mão.

"E que idade tinha o cocheiro"? perguntou Curval.

"Cerca de trinta", respondeu Duclos.

"Ora, isso não é nada", disse Curval. "Durcet aqui pode contar-lhe, quando você quiser, que conhecemos uma vez um indivíduo que fazia a mesma coisa, e positivamente nas mesmas circunstâncias, mas com um homem de sessenta ou setenta anos que teve de ser encontrado no esgoto mais baixo da miséria e da doença".

"E sabe", disse Durcet, "só assim é que é bonito". O engenho do financista vinha levantando gradualmente sua cabeça desde a aspensão de Sophie. "Ficaria feliz se alguma vez fizesse isso com o mais velho dos veteranos".

"Você está de pau duro, Durcet", disse o Duque, "não negue, porque eu conheço você: sempre que você começa com essa conversa desagradável, é porque seu esperma está quase a ferver. Segure, bom amigo; embora não tão amadurecido dos anos quanto você poderia gostar, mesmo assim, para apaziguar sua intemperança, ofereço-lhe tudo que tenho em minhas entranhas, e creio que será bastante para fazer uma refeição".

"Ah, pela barriga de Deus"! exclamou Durcet, "você serve sempre muito bem seus convidados, meu querido Duque".

O Duque entrou na alcova de Durcet, o último ajoelha-se entre as nádegas que o irão encher até transbordar, de boa disposição; o Duque geme uma vez, duas vezes, cai um prodígio, o banqueiro engole e, transportado por seu excesso crapuloso, descarrega ao mesmo tempo que jura que nunca provou semelhante prazer. "Duelos, disse o Duque, "venha fazer em mim o que fiz em nosso bom amigo".

"Meu Senhor", nossa narradora respondeu, "mas eu fiz esta manhã, e Vossa Senhoria comeu tudo".

"Ah, sim, é verdade", o Duque admitiu. "Muito bem, então, aqui, Martaine, preciso recorrer a você, pois não quero bunda de criança; sinto meu esperma subir, mas, sabe, com relutância, e por isso precisamos de algo fora de comum".

Mas o caso de Martaine era o de Duclos, Curval engolira sua merda de manhã.

"O. quê! fodam-se", exclamou o Duque, "quer dizer que não encontro um monte esta noite"?

Nesse momento Thérèse avançou e ofereceu a bunda mais suja, maior, e imunda que o querido leitor possa pensar ou imaginar.

"Bem, está certo, serve perfeitamente", disse o Duque, assumindo a posição, "e se em meu estado atual esta bunda infame não produzir seus efeitos, não sei a que terei de recorrer".

Momento dramático: Thérèse faz força; o Duque recebe! e o incenso era tão pavoroso quanto o templo de onde emergia, mas quando se está de pau tão duro como o Duque, nunca é de excesso de imundície que se ouvem queixas. Bêbedo de alegria, o safado engoliu até o último grama, e diretamente no rosto de Duelos, pois esta lhe esfregava o pau, disparou a proma mais indubitável de seu vigor masculino.

Depois para a mesa; as orgias que se seguiram foram devotadas a distribuição de justiça; nessa semana houve sete delinquentes: Zelmire, Colombe, Hébé, Adonis, Adelaide,

Sophie e Narcisse; a gentil Adelaide não teve quartel. Zelmire e Sophie ficaram também com algumas marcas do tratamento que sofreram e, sem dar mais particularidades, uma vez que as circunstâncias nos não permitem dá-los, todos se recolheram ao leito, e nos braços de Morfeu recuperaram a resistência necessária para fazer novos sacrifícios a Vênus.

## O DECIMO QUINTO DIA

Raramente o dia seguinte aos castigos oferecia novos sinais de delinqüência. Não houve então nenhum, mas severos como sempre, no artigo da permissão para se cagar de manhã, os Senhores só concederam tal favor a Hercule, Michette, Sophie e Desgranges, e Curval perigosamente se aproximou de uma descarga ao observar a narradora em ação. Não se fizeram grandes coisas ao café, os amigos contentaram-se em acariciar algumas nádegas e chupar um ânus ou dois; soou a hora, todos foram prontamente estabelecer-se no anfiteatro, Duelos enfrentou uma vez mais -a assistência, e assim se dirigiu a companhia:

"Surgira ultimamente na casa da Fournier uma menina de doze ou treze anos, idade preferida pelo singular cavalheiro de que lhes falei; mas duvido sinceramente que num longo tempo tivesse devassado coisa tão atraente, inocente ou bonita. Tinha cabelos claros, era alta para sua idade, e merecia ser pintada, sua fisionomia era terna e voluptuosa, seus olhos os mais adoráveis que se podem imaginar, em toda sua encantadora pessoa havia algo doce e intrigante que a tornava uma verdadeira tentação. Mas a que degradação tal conjunto de atrações não iria ser sujeitado, e que vergonhosa estréia lhe fora preparada! Era filha de um comerciante. de roupas finas, fornecedor do Palácio e homem de confortáveis meios, e sua filha fora sem dúvida destinada a uma sorte mais feliz do que a de puta; mas quanto mais o homem em questão conseguia, mediante suas pérfidas seduções, levar suas vítimas a ruína, e mais completa a depravação em que as deixava, maior seu prazer, mais feroz seu êxtase. A pequenina Lucille, imediatamente após sua chegada, foi destacada para satisfazer os caprichos odiosos e sujos de um homem que, não contente com os gostos mais crapulosos, desejava, ainda mais, infligi-los na virgem.

O homem chega: prova ser um tabelião cheio de ouro e que, juntamente com sua riqueza, tem toda a brutalidade que a avareza e a luxúria excitam quando combinadas num espírito amadurecido. A criança é-lhe mostrada; bonita como pode ser, sua primeira reação é de desdém; resmunga, rilha os dentes, murmura e pragueja, e diz que parece que já não se pode achar uma moça bonita em Paris; exige, finalmente, prova positiva de que se trata de uma virgem, garantem-lhe que sim, que o artigo é novo, Fournier oferece-se para lhe mostrar.

"O quê? Ver uma boceta, eu? Madame Fournier! Eu, olhar para uma boceta! Espero sinceramente que esteja dizendo isso por piada; já me viu perder tempo considerando tais objetos desde que frequento sua casa? Uso-os, é claro, mas de maneira que, estou certo, não atesta grande amor pelos mesmos".

"Muito bem, Senhor", Fournier disse, "terá de aceitar então a palavra da casa: declaro que ela é tão virgem como uma criança nascida há cinco minutos".

Sobem juntos e, como podem imaginar, curiosa com tal tête-à-tête, corro a estabelecer-me no buraco. A pobre coitadinha é dominada por uma vergonha que só se pode descrever com superlativos, e por isso não a descrevemos, porque essas expressões são necessárias para representar a impudência, a brutalidade, e o mau humor de seu amante sexagenário.

"Bem, que diabo está fazendo aí, você é uma pedra", diz numa voz ríspida. "Preciso de



lhe dizer que levante suas saias? Já devia ter mostrado sua bunda há mais de duas horas... Não fique aí como uma idiota, vamos".

"Mas, Senhor, que devo fazer"?

"O quê? Jesus Cristo, ainda se fazem perguntas destas? Que deve fazer? Levante as saias e mostre essa maldita bunda que estou pagando para ver".

Lucille obedece, tremendo como uma folha de árvore e revela uma bundazinha branca tão querida e doce como seria a da própria Vênus. "Hum ... não está mal", resmunga o bruto, "traga-a mais perto..." Então, agarrando firmemente as duas nádegas e afastando-as com violência :

"Você tem certeza de que nunca ninguém lhe fez nada aqui"? "Oh, Senhor, nunca ninguém me tocou..." "Muito bem. Agora peide". "Mas, Senhor, não posso".

"Bem, tente, pelo amor de Deus, trate de peidar".

Ela esforça-se, contorce-se, um pequeno sopro de vento aromático escapa e produz um pequeno eco ao entrar na boca infetada do velho libertino, que parece encantado.

"Você quer cagar"? pergunta.

"Não, senhor".

"Bem, eu quero, tenho uma coisa copiosa de que me quero libertar, isto se está interessada nos fatos pertinentes; portanto prepare-se para satisfazer esta necessidade particular que tenho... tire as saias".

São tiradas.

"Deite-se naquele sofá. Levante as coxas".

Lucille instala-se, o velho tabelião ajeita-a e coloca-a de modo a que suas pernas bem abertas mostrem sua boceta da melhor maneira possível, numa posição aberta e proeminente que possa ser prontamente empregada como um vaso de noite. Usá-la assim era sua santa intenção; para que o recipiente reaja mais perfeitamente aquilo que dele se espera, começa por alargá-lo tanto quanto possível, devotando ambas as mãos e toda sua força a tarefa. Toma seu lugar, faz força, um monte pousa no santuário que o próprio Cupido não teria desdenhado como templo. Volta-se, olha sua obra, e com seus dedos comprime e empurra o imundo excremento para dentro da vagina fazendo-o quase desaparecer; estabelece-se de novo em cima de Lucille e ejeta uma segunda e depois uma terceira dose, e cada uma é sucedida pela mesma cerimônia de enterro. Finalmente, tendo depositado seu último monte, empurra-o e tampao com um zelo tão brutal que a criança solta um grito, e através da desagradável operação perde talvez a preciosa flor, ornamento da Natureza, oferecida à criança como presente de Himeneu. Foi nesse momento que o prazer de nosso libertino atingiu sua crise: encher a jovem e bonita boceta até transbordar de merda, atulhá-la e atascála de mais merda ainda, era seu deleite supremo: entretanto, abre sua calça e retira uma espécie de pau, muito flácido, e sacode-o, e ao mesmo tempo que se afasta com dificuldade na sua maneira odiosa, consegue derramar no chão algumas gotas de um esperma aguado e descolorado, cuja perda pode ser creditada apenas as infâmias que praticou. Depois de terminar, retira-se, Lucille lava-se, e é tudo.

Algum tempo mais tarde, encontrei-me com outro indivíduo cuja mania não me pareceu menos desagradável: era um velho magistrado do Supremo Tribunal. Fui obrigada não apenas

a vê-lo cagar, não, houve mais do que isso: tive de ajudá-lo, com meus dedos, facilitando a saída da merda apertando, abrindo, agitando e comprimindo seu ânus, e quando acabou de se libertar de sua carga, mandou-me limpar com o máximo cuidado a área, usando minha língua.

"Bem, por Deus! eis um trabalho enfadonho, reconheço", disse o Bispo. "As quatro damas que está vendo, e são nossas esposas, filhas ou sobrinhas, essas senhoras, não obstante, são obrigadas a desempenhar esse mesmo papel todos os dias, sabe. E que diabo, pergunto, para que serve a língua da mulher senão para limpar rabos? Francamente, não consigo pensar noutra utilidade para a mesma. Constance", prosseguiu o Bispo, voltando-se para a encantadora mulher de Durcet, e que estava em seu sofá, "faça uma pequena demonstração a Duclos de sua proficiência na coisa; aí está, vou-lhe oferecer uma bunda muito suja, não é limpa desde hoje de manhã, conservei-a assim para você. Vamos, mostre suas habilidades".

E a pobre criatura, acostumada demais a tais horrores, executava-os como esposa exemplar e meticulosa que era; ah, grande Deus! que coisas produz o pavor e a escravidão!

"Oh, meu Deus", disse Curval, apresentando sua bunda imunda e feia a encantadora Mine, "ela não vai ser a única a dar exemplo de excelência. Trabalhe, putazinha", disse o Presidente a bonita e virtuosa moça, "exceda sua companheira".

E conseguiu.

"Ora, Duelos", disse o Bispo, "acho que podemos continuar agora; quisemos apenas provar que o pedido de seu homem nada tinha de invulgar, e que a língua da mulher só serve para limpar bundas".

A amável Duelos desatou a rir e continuou:

Permitam-me Senhores, disse a narradora, que interrompa o catálogo de paixões durante um instante, para lhes poder revelar um evento que nada tem que ver com o mesmo; diz-me apenas respeito, mas como me ordenaram que contasse os episódios interessantes de minha vida, mesmo que não tenham relação com a antologia de gostos que estamos compilando, acho que o caso não deve ser passado em silêncio.

Já estava há muito tempo na casa de Madame Fournier, de há muito me tornara a primeira por antiguidade, e na sua comitiva inteira era a mulher em quem a procuradora tinha maior confiança. Era quase sempre eu quem recebia as pessoas e os fundos. Fournier tomara, gradualmente, o papel da mãe que eu perdera, ajudara-me em momentos de dificuldades, cuidara de meu bem estar, escrevera-me fielmente quando vivi na Inglaterra, no meu regresso abriu-me suas portas como amiga quando, em circunstâncias difíceis, uma vez mais desejei encontrar abrigo em sua casa. Mais de vinte vezes me emprestara dinheiro, e muitas vezes não o exigia de volta. Surgiu a oportunidade de mostrar minha gratidão e de responder a sua ilimitada fé em mim, e os Senhores, julgarão com que ansiedade minha alma se abriu a entrada da virtude e que fácil acesso esta teve: Fournier adoeceu, e seu primeiro pensamento foi-me chamarme a seu lado.

"Duelos, minha filha, adoro você", disse-me, "você sabe bem, e vou provar-lho com a confiança absoluta que vou depositar em suas mãos. A despeito de seu espírito, que não é bom, acho-a incapaz de fazer mal a uma amiga; estou muito doente, muito velha, não sei que será de mim. Mas logo posso morrer; tenho parentes que serão, é claro, meus herdeiros. Posso ao mesmo deixar-lhes alguma coisa, e quero fazê-lo: tenho cem mil francos em ouro neste cofre; tome, minha filha", continuou, "tome, dou-lhos, mas com a condição de gastar este

dinheiro de acordo com minhas instruções".

"Oh, minha querida mãe", respondi, estendendo meus braços para ela, "suplico-lhe, essas precauções desgostam-me; são sem dúvida desnecessárias, mas, se infelizmente sucedesse o contrário, juro cumprir suas intenções".

"Acredito em você, minha filha", prosseguiu, "e é por isso que meus olhos se fixaram em você; esse pequeno cofre contém, portanto, cem mil francos em ouro; tenho escrúpulos, alguns escrúpulos, minha querida amiga, tenho remorsos da vida que levei, da quantidade de moças que arrastei ao crime e afastei de Deus. E por isso desejo fazer duas coisas por intermédio das quais espero que a divindade seja levada a tratar-me com menos severidade: penso agora em caridade e oração. Você pega em quinze mil francos desse dinheiro, e entrega-os aos Capuchinhos da rue Saint-Honoré, para que esses bons padres digam uma missa perpétua pela salvação de minha alma; outra quantia, também de quinze mil francos, será posta de lado, e depois de encerrar meus olhos, será entregue por você ao cura da paróquia a quem pedirá que a distribua pelos pobres do bairro. A caridade é uma coisa excelente, minha filha; nada melhor repara aos olhos de Deus os pecados que cometemos neste mundo. Os pobres são Seus filhos, e Seu amado é aquele que os socorre e conforta; nada agrada mais a Deus do que a distribuição de almas pelos necessitados. esse o verdadeiro caminho do Céu, minha filha! Quanto ao resto, assim que eu morrer, você entrega sessenta mil francos a um homem chamado Pétignon, aprendi, de sapateiro da rue du Bouloir: esse pobre homem é meu filho, nada sabe de sua origem: é fruto do adultério. Depois de morta, quero que o pobre órfão beneficie dos sinais de ternura que nunca lhe manifestei enquanto viva. Sobram dez mil francos; peço que os aceite, minha querida Duclos, guarde-os como uma modesta lembrança de minha ternura por você, que possam ser uma recompensa pelo trabalho que vai ter para distribuir o resto de minha fortuna. E possa esta pequena quantia ajudá-la a resolver-se a abandonar a pavorosa profissão que seguimos, ocupação da qual não há salvação, nem qualquer esperança. Porque não se é puta para todo o sempre".

Intimamente encantada por me ser confiada uma quantia tão simpática, e incondicionalmente determinada, com receio de ser confundida pelas complicadas instruções de Fournier para a partilhar, a conservar a fortuna intacta e exclusivamente para mim, produzi um mar de lágrimas muito artificiais, e arremessei-me nos braços da velha matrona, reiterei mil juras de fidelidade, e voltei todos meus pensamentos, a partir de então, para divisar maneiras de evitar os desapontamentos cruéis certos de ocorrerem se uma volta a saúde normal provocasse uma mudança em suas resoluções. O meio apresentou-se a si próprio no dia seguinte; o médico prescreveu um emético, e como o seu tratamento estava a meu cargo, foi a mim que o clínico entregou o remédio, chamando minha atenção para o fato do pacote conter duas doses, e advertindo-me que tivesse todo o cuidado em administrar apenas uma de cada vez porque, se lhe desse as duas ao mesmo tempo, a morte seria o resultado; se a primeira não produzisse efeito, ou se este fosse insuficiente, a segunda podia ser empregada mais tarde, se necessário. Prometi ao médico ter todo o cuidado possível, e mal ele tinha voltado as costas, banindo de meu coração todos os sentimentos que podiam deter um espírito timorato, pondo de lado todo o remorso e fraqueza, e pensando exclusivamente no meu ouro, no doce encanto de o tornar meu, e na deliciosa titilação que se experimenta sempre que se planeja uma má ação, no prognóstico certo do prazer que dá. pensando, dizia eu. em tudo isso e em nada mais, derramei logo as duas doses num copo e ofereci a mistura aos lábios de minha querida amiga: ela engoliu a poção sem um momento de demora e assim, com igual rapidez, encontrou a morte que eu ajudara a surgir.

Não posso descrever os sentimentos de que fui possuída quando vi que meu esquema triunfara, cada um dos estertores com que exalou sua vida produzira uma sensação verdadeiramente deliciosa em meu inteiro ser; emocionada, ouvi, observei, fiquei perfeitamente embriagada de alegria. Estendeu seus braços para mim, disse-me um último adeus, fiquei esmagada por essa sensação tão agradável, formava já mil planos para gastar o ouro. Não precisei de esperar muito tempo; Fournier expirou nessa mesma tarde; o prêmio era meu.

"Duclos", disse o Duque, "seja honesta: você masturbou-se, a sensação penetrantemente voluptuosa do crime atingiu seus órgãos de prazer"?

"Sim, Meu Senhor, confesso que sim; graças a minha travessura, descarreguei cinco vezes antes do anoitecer".

"Então é verdade", o Duque afirmou em voz alta e autoritária, "então é verdade que o crime tem em si próprio um atrativo tão dominante que, sem ajuda de qualquer atividade acessória, pode em si próprio ser suficiente para inflamar todas as paixões e lançar-nos no mesmo delírio ocasionado por atos lúbricos. Bem, que me diz"?

"Ora, Meu Senhor", respondeu Duclos, "digo que fiz enterrar minha empregadora com todas as honras, apropriei-me da herança do bastardo Pétignon, não gastei um tostão em missas perpétuas, tampouco me incomodei em fazer uma única contribuição caritativa, porque, na realidade, sempre tive a caridade na conta da coisa mais horrorosa, independentemente dos discursos, tais como o da Fournier, que ouvi pronunciar em seu favor. Afirmando que deve haver pobres neste mundo, que a Natureza deseja que os haja, que os exige, e que é voar diante de seus decretos pretender restaurar o equilíbrio, se é a desordem que ela quer".

"Que é isso"! Durcet disse. "Então você tem princípios, Duclos? Fico encantado sabendo disso; porque, como você parece realizar, qualquer alívio dado a desgraça, qualquer gesto que mitigue a carga dos infelizes, é um verdadeiro crime contra a ordem natural. A desigualdade que ela criou em nossas pessoas, prova que esse desacordo agrada a Natureza, uma vez que foi ela a estabelecer isso, e uma vez que deseja que ele exista- na fortuna e no corpo. E como os fracos podem sempre concertar as coisas através do roubo, os fortes têm igual permissão para restaurar a desigualdade, ou protegê-la, recusando-se a dar ajuda aos infelizes. O universo deixaria imediatamente de subsistir se houvesse uma semelhança exata entre os seres; é desta disparidade que nasce a ordem que preserva, contém e dirige tudo. É portanto preciso ter-se grande cuidado para não a perturbar; além disso, acreditando nela como uma coisa boa que se faz por essa miserável classe de homens, faz-se idêntico mal a outra, pois a indignação é a reserva a que os ricos e poderosos recorrem em busca dos objetos de que sua lascívia ou crueldade necessitam; priva-se o homem rico desse ramo do prazer quando, erguendo os desgraçados, se inibe esta classe de ceder aquele. E assim, minha caridade se limita a por uma parte da humanidade muito modestamente em meu favor, e fazer um prodigioso mal à outra. Assim, considero a caridade não só uma coisa má, em si própria, mas, o que é mais, considero-a um crime contra a Natureza que, tendo começado por tornar as diferenças aparentes a nossos olhos, nunca pensou certamente em idéias que as eliminassem de nossas cabeças. E assim, longe de dar almas aos pobres, consolar as viúvas, socorrer os órfãos, se é de acordo com as verdadeiras intenções da Natureza que desejo proceder, não só deixo esses desgraçados no estado em que a Natureza os colocou, mas empresto ainda a Natureza um forte braço direito e uma ajuda, prolongando esse estado, e opondo-me vigorosamente a quaisquer esforços que eles façam por mudá-lo e, nesse sentido, considero válidos todos os meios".

"O quê"? exclamou o Duque, "mesmo roubá-los e arruiná-los"?

"Ora, claro", respondeu o financista, "aumentando até o seu número, uma vez que esta classe serve a outra, e porque, aumentando o tamanho de uma, embora fazendo-lhe um mal pequeno, se presta um grande ser-viço a outra".

"Isso, meus amigos, é realmente um sistema muito severo", disse Curval, "Não ouviram falar nos doces prazeres de se fazer bem aos outros"?

"Prazeres abusivos"! Durcet respondeu imediatamente. "Esse deleite a que você alude não tem comparação com aquele que recomendo; o primeiro é ilusório, uma ficção; e segundo é autentico, real; o primeiro fundamenta-se em preconceitos vis, o segundo na razão; o primeiro, por intermédio do orgulho, a mais falsa de todas as nossas sensações, pode dar ao coração a titilação de um breve instante; o outro é uma verdadeira tomada de prazer mental, e inflama todas as outras paixões pelo fato de correr contra as opiniões comuns. Numa palavra, um faz com que meu pau endireite", Durcet concluiu, "e nada sinto praticamente com o outro".

"Mas deve nossos sentimentos constituir o critério de julgamento de tudo"? Perguntou o Bispo.

"O único, meu amigo". Disse Durcet; "nossos sentimentos, nada mais, devem guiar nossas ações na vida, porque apenas sua voz é verdadeiramente imperiosa".

"Mas Deus sabe quantos milhares de crimes podem resultar de tal doutrina", observou o Bispo.

"Deus sabe sim, e julga que isso importa"? Durcet inquiriu; "é segundo a qual a Natureza agita o homem, o faz mover-se. Ou você não quer que eu seja movido pela Natureza nessa direção, bem como na direção da virtude? A Natureza necessita de atos virtuosos e de atos torpes; sirvo do mesmo modo a Natureza cometendo uns e outros. Mas entramos numa discussão que nos poderia levar longe; a hora da ceia está próxima, e Duclos tem ainda muito terreno a cobrir antes de completar sua tarefa. Continue. encantadora moça, prossiga e acredite quando lhe digo que você acaba de reconhecer um ato e uma doutrina que a fazem merecedora de nossa eterna estima e bem assim da de todos os filósofos".

Minha primeira idéia depois de minha boa patroa ter sido inumada foi assumir a direção de sua casa e mantê-la no mesmo pé que ela achara tão lucrativo. Anunciei este projeto a minhas colegas, e todas elas, Eugénie acima do resto porque era minha amada, todas, dizia, prometeram considerar-me sua nova mãe. Não era jovem demais para pretender o título, estava então perto dos trinta anos, e possuía toda a inteligência e bom senso necessários a direção de um convento. E é assim, Senhores, que concluirei a história de minhas aventuras não como uma puta pública, mas como abadessa, suficientemente bonita e ainda as vezes suficientemente jovem, na realidade muitas vezes, para tratar diretamente com nossos clientes; e tratar com eles eu fiz: terei o cuidado, na seqüência, de os notificar sempre que tenha sido eu a ocupar-me diretamente dos problemas. Todos os clientes da Fournier me foram fiéis, eu sabia como arranjar novos: meus apartamentos eram cuidadosamente limpos e arrumados, e uma excessiva submissão inculcada em minhas meninas, as quais selecionava com discriminação, lisonjeava grandemente os caprichos de meus libertinos.

O primeiro comprador a chegar foi um velho Tesoureiro do Ministério da Fazenda, um antigo amigo da saudosa Fournier: dei-lhe a pequena Lucille, pela qual manifestou grande entusiasmo. Sua mania habitual, igualmente imunda e desagradável para sua companheira, consistia em cagar no rosto de sua Dulcinéia, espalhar o excremento por toda ela e depois

beijá-la naquele estado, e chupá-la. Por uma questão de amizade por mim, Lucille permitiu que o velho sátiro satisfizesse completamente sua vontade, e o devasso descarregou em sua barriga ao mesmo tempo que beijava e lambia sua odiosa representação.

Não muito tempo depois, chegou outro; Eugénie foi escolhida para a missão. Mandou vir um barril cheio de merda, mergulhou a moça nua no mesmo, lambeu cada milímetro de seu corpo, engolindo o que ia retirando, e só termina depois de a ter deixado tão limpa quanto o estava antes da imersão. Esse era um advogado famoso, homem muito rico e muito conhecido. Possuía, para gozo das mulheres, apenas as qualidades mais modestas, falta que remediava com essa espécie de libertinagem que apaixonadamente cultivara toda sua vida.

O Marquês de ..., uma dos mais velhos clientes da Fournier, chegou pouco depois da sua morte para manifestar seu pesar ao saber que ela não pertencia mais ao número dos vivos; garantiu-me também que patrocinaria a casa tão fielmente como antigamente, e para me convencer de sua devoção, quis ver Eugénie nessa mesma noite. A primeira paixão do velho safado consistiu inicialmente em beijar prodigiosamente a boca da moça; engoliu toda a saliva que possivelmente dela pôde arrancar, e depois beijou-lhe as nádegas durante quinze minutos, solicita peidos, e depois a coisa principal. Feito isso, conservou o monte em sua boca e, fazendo a moça inclinar-se para ele, mandou-a abraçá-lo com uma das mãos e esfregar-lhe o pau com a outra; e ao mesmo tempo que saboreava os prazeres de sua masturbação e brincava com a bunda cheia de merda da mulher, esta foi obrigada a comer o monte que depositara na boca do safado. Embora estivesse preparado para pagar muito bem, havia muito poucas moças que estivessem dispostas a cooperar na sua pequena abominação, e era esse o motivo das freqüentes visitas do Marquês a minha casa; tinha tanto desejo de continuar meu cliente, quanto eu tinha que fizesse freqüentes visitas a meu estabelecimento...

Nesse momento, o Duque, muitíssimo quente, disse que como estava na hora da ceia, gostaria de, antes de ir para a mesa, executar a fantasia citada em último lugar. E foi assim que cumpriu sua palavra: chamou Sophie, recebeu em sua boca o monte da menina, depois obrigou Zélamir a aproximar-se e a comer a criação de Sophie. Esta idiossincrasia talvez pudesse ser uma delícia para qualquer outra pessoa menos para uma criança como Zélamir; ainda insuficientemente amadurecido para apreciar a delícia, manifestou apenas asco, e esteve a ponto de se comportar mal. Mas o Duque ameaçou-o com tudo que sua cólera podia produzir se o rapaz hesitasse mais um segundo; o rapaz obedeceu. A graça pareceu tão deliciosa aos outros que cada um deles a imitou, mais ou menos, pois Durcet sustentava que os favores deviam ser divididos equitativamente; era justo, perguntou, que os meninos comessem a merda das meninas, e estas ficassem com fome? Não, claro que não, e conseqüentemente mandou Zéphyr cagar em sua boca e ordenou a Augustine que comesse a marmelada, o que a adorável e interessante menina prontamente fez, sendo seu repasto seguido com igual prontidão de convulsivos vômitos.

Curval imitou esta variação e recebeu o monte de Adonis, que Michette consumiu, não sem uma réplica das manifestações de Augustine: quanto ao Bispo, satisfez-se em emular seu irmão, e mandou a delicada Zelmire excretar um confeito que Céladon foi induzido a papar. Acompanhando tudo isso, houve certos sinais inconfundíveis de repugnância que, é claro, nossos libertinos consideravam com o maior interesse, pois em sua opinião, os tormentos que se afligem não têm paralelo na inspiração de satisfação. O Bispo e o Duque descarregaram, os outros dois não puderam, ou não quiseram, e todos quatro foram para a ceia, durante o curso da qual a ação de Duclos foi alvo dos maiores encômios.

"Uma criatura muito inteligente", observou o Duque, cuja admiração pela narradora não poderia ser mais profunda. "Inteligente, digo eu, sentir que a gratidão é um disparate, e uma alucinação, e nunca permitir que os laços da amizade ou de qualquer outra espécie nos façam parar ou mesmo suspender os efeitos do crime, porque o objeto que nos serviu não pode reivindicar qualquer direito a generosidade de nosso coração; esse objeto emprega-se a si próprio apenas em nosso nome, sua mera presença humilha as almas vigorosas, e devemos portanto odiá-lo ou eliminá-lo".

"Muito certo", disse Durcet, "tão verdadeiro que nunca se verá um homem sensato fazer com que os outros lhe fiquem gratos. É bem certo que a benevolência só cria inimigos, e os sábios só praticam as artes que sua sabedoria aprova para sua segurança".

"Um momento", interrompeu o Bispo, "quem nos serve não procura dar-nos prazer, mas antes se esforça por ganhar ascendência sobre nós, tornando-nos devedores. Bem, pergunto, que m r e um esquema assim? Não dizem, quando nos servem: sirvo-vos porque vos quero fazer bem. Não, dizem simplesmente: coloco-vos em obrigação, a fim de vos baixar e subir acima de vós".

"Estas reflexões parecem-me", disse Durcet, "provar abundantemente como são abusivos os serviços usualmente prestados, e como é absurda a prática do bem. Mas, dizem-nos, fazse o bem em proveito próprio e por nós mesmos; está certo que os pobres de espírito gozem através de sua fraqueza de tais prazeres, mas aqueles que se revoltam com eles, como é o nosso caso, grande Deus, seriam uns consumados idiotas se prestassem atenção a coisas tão tépidas".

Tendo estas doutrinas inflamado suas imaginações, os Senhores beberam muitíssimo, e as orgias foram celebradas com vivacidade e brio. Nossos libertinos, perfeitamente irmanados em seus pensamentos, mandaram as crianças dormir, e decidiram passar parte da noite apenas com as quatro velhas e as quatro narradoras, e na sua companhia excederem-se uns os outros em infâmias e atrocidades. Como entre essas doze pessoas não havia uma única que não merecesse o laço, a grade ou a roda, deixo ao leitor imaginar o que se disse e se fez. Pois das palavras passaram as ações, o Duque voltou a esquentar francamente, não sei como ou por que aconteceu, mas dizem que Thérèse ficou com as marcas de sua afeição durante semanas. Contudo, seja como for, deixemos que nossos atores se desloquem destas bacanais para os castos leitos das esposas que tinham sido preparadas para cada um dos quatro. e vamos ver o que transpirou no castelo no dia seguinte.

## O DECIMO SEXTO DIA

Nossos heróis levantaram-se tão brilhantes e frescos como se tivessem acabado de chegar da confissão; mas após cuidadosa inspeção, podia: perceber-se que o Duque começava a parecer fatigado. A culpa disso era de Duelos; não há dúvida de que a moça dominava inteiramente a arte de lhe dar prazer, e que, segundo suas próprias palavras, suas descargas não eram lúbricas com qualquer outra pessoa, o que corrobora a idéia de que essas questões dependem exclusivamente do capricho, da idiossincrasia e que a idade, aspecto, virtude e tudo o resto nada têm a ver com o problema, que tudo se resume a um certo tato que muito mais vezes se encontra em belezas no outono da vida, do que em outras sem experiência a quem a maré cheia não coroou ainda com toda a sua sabedoria.

Havia na companhia outra criatura que começava a tornar-se muito amável e a atrair

considerável atenção; referimo-nos a Julie. Anunciava já sinais de imaginação, deboche e libertinagem. Suficientemente astuta para perceber que precisava de proteção, suficientemente esperta para acarinhar as pessoas pelas quais não nutria sinceramente grande afeto, conseguiu tornar-se amiga de Duclos a qual, bem sabia, poderia, se o quisesse, exercer grande influência sobre os outros. Sempre que chegava sua vez de se deitar com o Duque, adotava as técnicas de Duelos e emulava-as com tal sucesso, dava provas de tanta habilidade, de tanta consideração, que o Duque conseguia sempre deliciosas descargas quando tinha por companheiras as duas amigas. Não obstante, seu entusiasmo pela própria filha declinava prodigiosamente, e talvez sem a assistência de Duelos, pois a narradora consistentemente falava em seu favor, nunca teria sido capaz de ocupar um lugar em suas boas graças. Seu marido, Curval, nutria mais ou menos os mesmos sentimentos a seu respeito, e embora, através de sua boca e beijos impuros, continuasse a arrancar-lhe algumas descargas, o asco aproximava-se perigosamente de se tornar sua atitude predominante a seu respeito: podia até dizer-se que as chamas de sua hostilidade eram avivadas por seus impudicos carinhos. Durcet não a estimava, ela não o conseguira fazer descarregar mais do que duas vezes desde o início das aventuras de Silling. E parecia portanto que ninguém lhe restava a não ser o Bispo, e este gostava realmente de seu jargão libertino, e considerava sua bunda a melhor do mundo; e era certo que a Natureza a favorecera com um traseiro tão adorável quanto o que dera a Vênus. Por isso valorizava ao máximo essa parte, pois queria em absoluto agradar, independentemente do preço; como sentia uma necessidade extrema de proteção, passou a cultivar Duelos. As visitas a capela nesse dia foram limitadas a três pessoas: Hébé, Constance, Martaine; ninguém estava em falta nessa manhã. Depois dos três súditos se terem libertado de sua carga, Durcet foi levado por um impulso a livrar-se da sua. O Duque, que desde manhã cedo murmurava e falava acerca do traseiro do financista, aproveitou a oportunidade para se satisfazer, e mandando todo mundo embora, a exceção de Constance, que conservou como ajudante, enclausuraram-se na capela. O Duque adorou a boca cheia de merda que recebeu de Durcet; os dois cavalheiros não se limitaram no entanto a esse prelúdio, e depois disso Constance contou ao Bispo que tinham executado infâmias durante mais de meia hora. Mas que se pode esperar de amigos desde a infância que nunca deixaram de se recordar dos prazeres escolares? Quanto a Constance de pouco serviu no tête-à-tête; limpou bundas, chupou e esfregou alguns paus, e não passou disso.

Retiraram-se para o salão, os quatro amigos conversaram durante algum tempo, e foi anunciada a refeição do meio dia. Foi, como de hábito, esplêndida e libertina e, depois de algumas carícias lascivas e palavras obscenas, e de observações escandalosas que apimentaram suas atitudes lúbricas, voltaram para o salão onde Zéphyr, Hyacinthe, Michette e Colombe serviram o café. O Duque papou as coxas de Michette, e Curval, as de Hycinthe; Durcet arrancou um pouco de merda de Colombe, e o Bispo derramou alguma na boca de Zéphyr. Curval, recordando uma das paixões que Duelos relatara na véspera, resolveu cagar na boceta de Colombe; a velha Thérèse, que supervisionava o quarteto do dia, colocou Colombe na posição apropriada, e Curval agiu. Mas como produziu montes colossais, em proporção com a imensa quantidade de vitualhas com que todos os dias se empanturrava, quase toda a sua criação se espalhou pelo chão e foi, por assim dizer, superficialmente que cagou naquela bonita bocetazinha que não fora, era fácil perceber, destinada pela Natureza a ser usada em prazeres tão desagradáveis.

Deliciosamente esfregado por Zéphyr, o Bispo derramou filosoficamente seu esperma, acrescentando as delícias que sentia a que lhe era oferecida pelo maravilhoso espetáculo que



Ihe era proporcionado. Estava furioso, ralhou com Zéphyr, ralhou com Curval, bufou e resmungou com todos. Deram-lhe um grande copo de elixir com que esperavam restabelecer suas faculdades, Michette e Colombe deitaram-no num sofá para sua sesta, e fizeram-lhe companhia enquanto dormia. Acordou ampla-mente refrescado e, a fim de lhe dar vigor adicional, Colombe chupou-o durante um momento ou dois; seu engenho respondeu mostrando alguns sinais positivos de vida, e depois foram para o auditório. O Bispo tinha Julie em seu divã; como gostava muito dela, sua presença melhorou sua disposição. O Duque tinha Aline; Durcet, Constance; o Presidente, sua filha. Estando tudo pronto, a adorável Duolos instalou-se no trono e começou assim:

"Nada há de mais falso do que dizer-se que o dinheiro adquirido pelo crime não traz felicidade. Não há erro maior, garanto-lhes; minha casa prosperou; nunca houvera no tempo da Fournier tantos clientes. Foi então que me ocorreu a idéia, uma idéia um tanto cruel, devo admitir, mas que, atrevo-me a acreditar, não será de todo desagradável a Vossas Senhorias. Parece-me que quando se não faz a alguém o bem que se lhe devia ter feito, há uma certa voluptuosidade malvada em lhe fazer o mal, e minha pérfida imaginação sugeriu uma pequena partida libertina a expensas do mesmo Pétignon, filho de minha benfeitora, e pessoa a quem eu fora encarregada de entregar uma fortuna que, teria, sem dúvida, provado muito bem-vinda ao desgraçado, e que eu começara já a gastar em banalidades. A ocasião surgiu deste modo: o pobre sapateiro, casado com uma mulher de sua própria classe e espécie, tinha, como único fruto de seu infeliz casamento, uma filha de cerca de doze anos; tinham-me dito que, além de todas as adoráveis particularidades da infância, ela possuía todos os atributos da mais terna beleza. Essa criança, sendo então humildemente educada mas, não obstante, tão cuidadosamente quanto a indigência dos pais o permitia, pois era a alegria e luz de sua vida, essa criança, dizia eu, pareceu-me uma captura digna de fazer.

Pétignon nunca visitara a casa, nada sabia a respeito dos direitos que lhe pertenciam; assim que Fournier a ele se referiu, meu primeiro cuidado foi obter informações acerca do sapateiro e das pessoas que o rodeavam, e soube assim que possuía um tesouro em sua casa. Na mesma ocasião, o Conde de Mesanges fêz-me uma visita; um famoso libertino a respeito de quem Desgranges terá sem dúvida pelo menos uma ocasião de falar, o Conde pediu-me que lhe arranjasse uma virgem de idade não superior a treze anos, a qualquer preço. Não sei o que queria com o artigo, pois passava por homem de escrúpulos muito rigorosos quando se tratava de mulheres, mas sua proposta era suficientemente simples: depois de ter, com a ajuda de peritos, estabelecido sua virgindade, disse que a compraria de mim a um determinado preço e, a partir desse momento, ela seria sua, ele seria seu senhor, e acrescentou, a criança seria levada, talvez para sempre, para fora da França.

Como o Conde era um de meus habitués — logo o verão entrar em cena — pus tudo em movimento num esforço para o satisfazer; a pequena filha de Pétignon pareceu-me exatamente o que ele precisava. Mas como lhe poderia deitar as mãos? A criança nunca saía de casa, era ali que recebia sua educação; tão cuidadosamente era supervisionada, tão circunspectamente, que comecei a desesperar do prêmio. Tampouco podia empregar aquele primoroso debochador de meninas que mencionei há pouco tempo; estava ausente da cidade, e o Conde manifestava grande urgência. E assim só achei uma maneira, e esta não podia ter sido melhor designada para servir a pequena maldade secreta que me levou a cometer esse crime, pois o crime foi agravado por ela. Resolvi envolver o marido e a mulher numa dificuldade, para os fazer prender a ambos, e afastando assim alguns dos obstáculos que me separavam da criança, pensei que não teria dificuldade em a atrair a armadilha. Logo após consultei um de

meus amigos, um talentoso advogado em quem tinha confiança e que era capaz de tudo; revelei-lhe o segredo e logo começou a trabalhar: compilou informações, fez investigações, localizou credores, alertou-os, apoiou suas reivindicações, em resumo, foi preciso menos de uma semana para instalar o marido e a mulher atrás das grades. Depois disso, tudo foi fácil; uma pessoa hábil abordou a menina, deixada aos cuidados de uns pobres vizinhos, e ela foi levada a minha presença. Seu aspecto estava perfeitamente de acordo com as notícias que recebera: tinha uma pele doce, macia e clara, os ornamentos mais redondos, encantos perfeitamente formados... Numa palavra, era difícil encontrar uma criança mais bonita.

Como me custou, ao todo, cerca de vinte luíses, e como o Conde queria pagar um preço fixo por ela e, tendo já comprado seus direitos, não desejava ouvir mais uma palavra a respeito da transação nem tratar com mais ninguém, deixei-a ir por cem luíses; sendo essencial a meus interesses que ninguém sonhasse com meu papel na coisa, contentei-me com um lucro líquido de sessenta luíses, dando a meu advogado outros vinte para criar o tipo de agitação que evitasse que seus pais tivessem notícias de sua filha durante muito tempo. Mas tiveram notícias do fato; o desaparecimento da criança foi impossível de esconder. Os vizinhos culpados de negligência desculparam-se o melhor que puderam, e quanto ao pobre sapateiro e sua mulher, meu homem de leis tratou das coisas tão bem que não conseguiram remediar o acidente, pois ambos morreram na cadeia onze anos depois de eu ter fugido com minha presa. Lucrei uma vantagem dupla com essa pequena traquinice, pois ela me deu simultaneamente a posse indiscutível da criança cuja venda estava negociando, e me garantiu também 60.000 francos pelo meu trabalho. Quanto a criança, o Conde ficou satisfeito com ela; nunca teve qualquer dificuldade, nem tampouco eu, nem uma palavra se disse, e é mais do que provável que Madame Desgranges conclua a sua história; nada mais sei a respeito. Mas são horas de voltar as minhas próprias aventuras, e aos eventos diários que vos podem oferecer os voluptuosos detalhes que relacionamos.

"Oh por Deus"! Curval interrompeu, "adoro sua prudência — há alguma coisa em seu método que evidencia uma vilania meditada, uma ordem que me agrada mais do que posso dizer. E quanto a patifaria de dar o golpe de misericórdia numa vítima a quem até então você tinha apenas arranhado... ah, isso parece-me um refinamento de infâmia que merece um lugar entre nossas próprias obras-primas".

"Não sei, contudo", disse Durcet, "se eu não teria feito pior, pois, afinal das contas, esses pais podiam ter conseguido sair da cadeia; Deus sabe quantos idiotas há no mundo que pensam apenas em ajudar pessoas assim. Esses onze anos em que eles se arrastaram significaram preocupação para você".

"Senhor", Duelos respondeu, "quando não se dispõe da influência de que o Senhor goza na Sociedade, quando para as partidinhas se é obrigado a empregar aliados de segunda categoria, a cautela torna-se muitas vezes muito necessária, e nessas ocasiões, não se tem o atrevimento de fazer tudo aquilo de que se gostaria".

"Verdade, sim senhor", disse o Duque, "ela não podia ter ido mais longe".

E a amável criatura retomou o fio de sua narrativa.

É pavoroso, Senhoras, disse a consumada moça, ter de relatar ainda torpezas da espécie de que venho falando há vários dias; mas Vossas Senhorias pediram-me que citasse tudo que apenas pudesse ter a menor semelhança com este grande gênero de abominação, e insistiram também para que nada suprimisse. Mas mais três exemplos destas imundas

atrocidades, e continuaremos depois com outras fantasias.

O primeiro que proponho mencionar é de um velho administrador de propriedades, um homem que eu diria ter uns sessenta e cinco anos. Queria que a mulher tirasse toda sua roupa e, depois de ter acariciado suas nádegas com menos delicadeza do que brutalidade, prontamente lhe ordenava que cagasse no chão diante de seus olhos, no meio do quarto. Depois de conseguido seu objetivo, fazia por seu turno seu monte ao lado do dela, depois, misturando-os com ambas as mãos, obrigava a moça a ficar de quatro e a comer a papa, e enquanto comia, a mulher devia mostrar-lhe seu traseiro que devia ter levado para a festa no estado mais maculado. Enquanto a cerimônia estava em progresso, manipulava-se a si mesmo, e costumava descarregar assim que desaparecia o último pedaço. Havia poucas mulheres, como Vossas Senhorias podem prontamente acreditar, que consentissem em se submeter a um uso tão vil, mas, de qualquer maneira, o administrador fazia questão que fossem jovens e saudáveis... Bem, seja como for, eu costumava conseguir aquilo de que ele necessitava, pois tudo se encontra em Paris; contudo, a mercadoria era dispendiosa. segundo exemplo dos três que deixei para citar esta espécie, exigia também o ,que se pode chamar docilidade furiosa por parte da moça; mas, como este libertino exigia que elas fossem extremamente jovens, eu tinha menos dificuldade em o abastecer: as crianças emprestam-se mais prontamente a estas brincadeiras do que as mulheres adultas. Localizei uma bonita caixeirinha de loja, de doze ou treze anos para o cavalheiro que logo veremos em ação; chega o homem, manda a moça tirar apenas as roupas que a cobrem da cintura para baixo, brinca durante um momento com seu traseiro, manda-a peidar um pouco, depois toma quatro ou cinco copiosos enemas que, subsequentemente, obriga sua pequena companheira a receber na boca e a engolir, ao mesmo tempo que a cascata se precipita de seu reto. Entretanto, como estava sentado em cima do peito da garota, usava uma das mãos para esfregar um dispositivo um tanto grosso, e com a outra amassava e beliscava seu mons veneris e, para tudo poder fazer como queria, fazia questão de ter uma boceta totalmente desprovida de cabelos para trabalhar. Esse indivíduo queria continuar até mesmo depois de sua sexta explosão, pois sua descarga não fora ainda conseguida. A garotinha, convulsa com vômitos, conseguiu articular sua pouca inclinação para continuar, implorou-lhe que a poupasse, ele riu, introduziu um sétimo gole, expeliu-o, e seu esperma correu finalmente.

Um velho banqueiro dá-nos o último exemplo destes imundos horrores — ou antes, o último exemplo de homem para quem eles são o elemento principal, pois devo adverti-los de que teremos repetidas ocasiões de os considerar acessórios do mesmo esforço. Queria sempre uma mulher bonita, mas dos quarenta aos quarenta e cinco, e com um par de mamas extremamente descaídas. Assim que se fechavam no quarto, mandava-a despir-se da cintura para cima, e depois de mexer brutalmente em seu peito, exclamava: "Esses malditos úberes! Para que servem essas tripas? Para que servem a não ser para limpar minha bunda? Depois apertava os seios da mulher, retorcia-os, massacrava-os, espremia-os, enrolava-os um no outro, amassava tudo, cuspiá-lhes, dava-lhes pontapés e pisava-os, dizendo sempre que coisa horrorosa são umas tetas descaídas, não entendia para que queria a Natureza aqueles sacos de peles, por que motivo tinha desonrado o corpo da mulher com tais coisas, etc. Depois de todas essas observações insultuosas, tirava toda a sua roupa. Meu Deus, que corpo! como poderei descrevê-lo a Vossas Senhorias! Não passava de uma úlcera asquerosa, uma chaga enorme, parecia estar coberto de pus da cabeça aos pés, podia cheirar seu odor infecto no quarto ao lado do qual observava o ritual; assim era a relíquia que, contudo, a mulher tinha de chupar.

"Chupar"? perguntou o Duque.

Sim, Senhores, afirmou Duclos, chupar de cima a baixo, cada centímetro de seu corpo tinha que ser chupado, a língua nada podia esquecer, tudo devia explorar; eu tinha avisado a mulher, mas aparentemente em vão. Ela não esperava uma coisa daquelas; pois ao ver aquele cadáver ambulatório encolheu-se de horror.

"Que é isso, puta"? disse o homem. "Você tem nojo de mim? Ora, que pena, porque você vai ter que me chupar, sua língua vai ser obrigada a lambar todas as partes de meu corpo. Vamos logo! Deixe de bancar a menina tímida; outras já fizeram isso, trate de fazer igual a elas. Chega, estou lhe dizendo, deixe-se de disparates".

Ah, é verdade, quando se diz que com dinheiro se pode conseguir tudo; a pobre criatura que eu lhe dera estava na miséria mais extremada, e ali estava a possibilidade de ganhar dois luíses: fez tudo que lhe mandaram, e o gotoso velho safado, emocionado pela sensação de uma língua passando suavemente em seu odioso corpo, e adoçando a amarga pungência que o devorava, masturbou-se voluptuosamente durante toda a operação. Depois de completada, como bem podem supor, a despeito da horrível repulsão da infeliz mulher, quando acabou, dizia eu, mandou-a deitar de costas no chão, montou-se em cima da desgraçada, cagou-lhe em cima dos seios, e comprimindo tudo entre os mesmos, usou primeiro um e depois o outro para limpar sua bunda. Mas no que diz respeito a sua descarga, não vi nem uma insinuação, e algum tempo depois soube que eram necessárias diversas operações semelhantes para o induzirem a separar-se de seu licor; e como era homem que raras vezes visitava duas vezes o mesmo lugar, nunca mais o vi, e para dizer a verdade, não tive pena nenhuma.

"Por minha alma", o Duque observou, "acho a conclusão da operação desse homem realmente muito razoável, e eu também nunca fui capaz de acreditar que as tetas servissem para outra coisa a não ser para limpar bundas". "Podemos ter a certeza", disse Curval, que no momento mexia um tanto brutalmente nas que pertenciam a doce e terna Aline, "pode ter-se certeza; realmente, de que as tetas são objetos muito infames. Nunca vejo uma sem ser logo mergulhado num ataque de cólera. Ao avistar essas coisas experimento um certo asco, uma certa repugnância me assalta... só uma boceta tem um efeito pior e mais decidido em mim".

E assim dizendo, precipitou-se para seu aposentos, arrastando Aline pelos seios e chamando Sophie e Zelmire, as duas meninas de seu quarteto, e Fanchon, para as seguir. Não podemos estar precisamente certos do que fez, mas um grito agudo, nitidamente de mulher, foi ouvido pelos outros no auditório, e logo após se ouviram os berros que usualmente indicavam que o Presidente tinha descarregado. Curval voltou, Aline usava um lenço em seu peito, e como tais eventos raramente criavam a menor agitação, ou, quando muito, algumas gargalhadas, Duclos prosseguiu sem demora na sua narração.

Alguns dias mais tarde eu própria cuidei, disse Duclos, de um velho monge cuja mania, mais fatigante para a mão, era muito menos revoltante para o estômago. Apresentou-me um grande e feio traseiro coberto de pele tão dura como o couro de um boi, e tão enrugado como uma folha seca; a tarefa no caso era amassar sua bunda, passar-lhe as mãos, dobrá-la e massacrá-la, apertá-la com toda minha força, mas, quando cheguei ao buraco, nada parecia ser suficientemente violento: queria que agarrasse na pele, a esfregasse, a apertasse e enrolasse entre meus dedos, que usasse minhas unhas, e só graças ao vigor de minhas ministrações seu esperma finalmente emergiu. Cuidou de sua própria masturbação enquanto eu castigava sua bunda e seu respiradouro, e nem sequer fui obrigada a mostrar-lhe meus tornozelos. Mas esse homem deve ter feito um velho e feroz hábito daquelas manipulações,

porque seu traseiro, embora frouxo e descaído, era não obstante forrado por uma pele tão dura e espessa como couro.

No dia seguinte, tendo sem dúvida falado bem de mim e de minha destreza a seus amigos no mosteiro, enviou-me um de seus irmãos cuja bunda exigia bofetões, na realidade pancadas e socos, e com toda a força; mas este novo eclesiástico, mais libertino e examinador, precedeu seu rito de um meticuloso exame das nádegas de sua mulher, e minha bunda foi beijada, fossada, lambida dez ou doze vezes, sendo os intervalos preenchidos por pancadas dadas na sua. Quando seu couro estava avermelhado, seu pau bravamente se levantou, e posso certificar que era um dos engenhos mais nobres que eu empalmaria e apalpara até esse dia. Colocou-o em minha mão, recomendando que o esfregasse ao mesmo tempo que o continuasse esbofetando com a outra.

"A não ser que eu esteja gravemente enganado", disse o Bispo, "chegamos finalmente ao artigo da fustigação passiva".

"Sim, Monsenhor", Duclos respondeu, "chegamos, e como minha tarefa de hoje foi cumprida, dar-me-á permissão para adiar até amanhã o começo dos gostos fustigadores; devotaremos várias soirées aos mesmos".

Como faltava quase meia hora para a ceia, Durcet disse que, para estimular seu apetite, desejava enxaguar um pouco suas entranhas; seu anúncio fez uma espécie de impressão junto das mulheres, que começaram a tremer; mas a sentença fora decretada, não havia maneira de a revogar. Thérèse, sua serva do dia, garantiu-lhe a introdução do tubo com maravilhosa habilidade; da asserção passou a prova, e assim que o financista sentiu seus intestinos carregados, chamou Rosette para perto de si, e mandou-a abrir a boca. Houve um certo recuo, algumas queixas e uma palavra ou duas de súplica, mas a coisa principal era a obediência e, claro, a pobre menina engoliu duas erupções, tendo-lhe sido permitido regurgitá-las depois. E regurgitar ela fez, e logo. Felizmente a campainha da ceia soou, pois o financista estava se preparando para começar de novo. Mas a perspectiva de uma refeição mudou a disposição de Suas Senhorias, foram saborear prazeres diferentes. Alguns montes foram alojados nalguns rapazinhos durante as orgias, e uma grande quantidade de merda foi respingada de bundas; a frente da assembléia inteira o Duque consumiu o monte de Duclos, ao mesmo tempo que essa esplêndida moça chupava, e enquanto as mãos de nosso alegre camarada se agitavam de um lado para o outro, seu esperma surgiu num jato grosso; tendo Curval imitado o colega com Champville, os amigos começaram a falar em se recolher para a noite.

## DECIMO SETIMO DIA

A terrível antipatia que o Presidente tinha por Constance era manifesta em explosões diárias: passara a noite com ela, tendo feito um acordo bilateral com Durcet, a quem a devolveu na manhã seguinte, com as mais amargas queixas de seu comportamento.

"Como por causa de sua condição", disse o Juiz, "a sociedade parece resolvida a não a expor aos castigos habituais com medo de que seja levada a cama antes da data fixada para lhe arrancarmos seu fruto, pelo menos, por Deus", continuou o Presidente, "devemos achar maneira de castigar a puta sempre que resolver fazer papel de idiota".

Ah, mas que espírito do demônio habita os libertinos? Pode conseguir-se um relance do mesmo analisando a prodigiosa falta de Constance. Oh! leitor, que coisa supões tenha

acordado a ira de Curval? Pior ainda do que podes ter sonhado: ela voltou infelizmente sua frente para seu senhor quando ele pedira seu traseiro, ah, sim, e tais pecados não se podem perdoar. Mas a pior parte de seu erro foi seu desmentido do fato; ela declarou, e parecia haver certa base na sua afirmação, que o Presidente a estava caluniando, que procurava apenas sua desgraça, que nunca se deitou com ele mas o Presidente ficava inventando coisas falsas; mas como a lei era precisa e formal nesse ponto, e a palavra das mulheres não tinha valor algum naquela sociedade, restava apenas uma questão: como castigar, no futuro, aquela mulher sem arriscar o fruto que dentro dela estava amadurecendo? Foi decidido que por cada ato de mau comportamento ela fosse obrigada a comer um monte e, conseqüentemente, Curval insistiu que se começasse ali e naquele momento mesmo. A aprovação saudou sua exigência. Estavam tomando naquele momento o desjejum nos aposentos das meninas, foi dada ordem, Constance foi convocada, o Presidente cagou no centro do quarto, e foi-lhe ordenado que se aproximasse da criação do magistrado com as mãos e os joelhos no chão, e devorasse o que o cruel homem acabara de produzir. A adorável mulher pôs-se de joelhos, sim, mas nessa posição pediu perdão, e suas solicitações foram em vão; a Natureza pusera bronze naqueles peitos onde geralmente se encontram corações. Nada mais divertido do que as caretas e ar afetado a que as mulheres recorriam antes de capitularem, e Deus sabe como os Senhores se divertiam com a cena. Final-mente, contudo, houve que tomar uma ação decisiva, a própria alma de Constance parecia explodir antes de chegar ao meio, mas, de qualquer maneira, era uma coisa que tinha que ser feita, e do chão de mosaico desapareceu até o último grama.

Excitado pelo que seus olhos viam, cada um dos amigos, enquanto observava, fez-se esfregar por uma das meninas; Curval, singularmente excitado pela operação e beneficiando da maravilhosa capacidade dos dedos encantados de Augustine, sentindo-se a ponto de transbordar, gritou por Constance, que mal tinha acabado de tomar seu café da manhã.

"Aqui, vem aqui, puta", disse o Presidente, "depois de se comer peixe é preciso um pouco de molho, um bom molho branco. Vem, pega uma boca cheia".

Bem, não houve como escapar também a essa provação, e Curval, que, enquanto operava estava ingerindo a merda de Augustine, abriu as comportas e deixou voar para a boca da miserável esposa do Duque, ao mesmo tempo que engolia o montinho fresco e delicado que a interessante Augustine pusera para ele.

Foram conduzidas as inspeções habituais, e Durcet achou merda no vaso de noite de Sophie. A jovem tentou desculpar-se afirmando que estava sofrendo de indigestão.

"Nada disso", Durcet observou com ar entendido, ao mesmo tempo que mexia no monte, "isso não é verdade: a indigestão produz diarreia, sopa, minha querida, e este artigo parece-me bem sólido". E pegando imediatamente em seu livro de notas, anotou o nome daquela encantadora criatura, que fez o possível por esconder as lágrimas e se absteve, a pedido de Durcet, de deplorar sua situação. Todos os restantes estavam de acordo com os regulamentos, mas nos aposentos dos rapazes, Zélamir, que cagara na noite anterior durante as orgias, e a quem fora dito que não limpasse sua bundinha, limpou-a mesmo assim, desobedecendo as ordens. Tratava-se de crimes de primeira grandeza: o nome de Zélamir foi inscrito. Independentemente da delinqüência do rapaz. Durcet beijou-lhe a bunda e fez-se chupar durante um breve momento, e depois os Senhores passaram a capela. onde observaram as cagadas de dois fodedores subalternos, de Aline, Fanny, Thérèse e Champville. O Duque recebeu o presente de Fanny na boca, e comeu-o, a boca do Bispo

apanhou os montes dos dois fodeedores, um dos quais o prelado devorou, Durcet fez seu o de Champville, e o Presidente, a despeito de sua descarga, papou o de Aline com toda a avidez, que demonstrara ao consumir o que Augustine lhe fizera.

A cena de Constante aquecera a imaginação da companhia, pois havia muito tempo que os Senhores não se permitiam tais extravagâncias a uma hora tão matutina. A conversação ao jantar girou em redor da ciência da moral. O Duque declarou não compreender por que motivo a lei, na França, era tão rigorosa quanto a libertinagem, uma vez que esta, mantendo os cidadãos ocupados, os afastava de cabalas e conspirações e revoluções; o Bispo observou que não, a lei não objetivava exatamente a supressão da libertinagem, mas seus excessos. Após o que os últimos foram analisados, e o Duque provou que nada de perigoso havia no excesso, excesso algum podia despertar justamente a suspeita do governo, e que, sendo esses fatos claros, a atitude oficial era não só cruel mas absurda: que outra palavra havia para descrever uma tomada de posição de artilharia para atacar mosquitos?

Das observações passaram aos efeitos, o Duque, meio embriagado, abandonou-se nos braços de Zéphyr, e durante trinta longos minutos chupou a boca da adorável criança, enquanto Hercule, explorando a situação, enterrava seu enorme engenho no ânus do aristocrata. Blangis era todo complacência, e sem se mexer, sem pestanejar, continuou com seus beijos como se, virtualmente sem o notar, tivesse mudado de sexo. Seus companheiros todos se entregaram a outras infâmias, e depois procederam para o salão, onde tomaram o café. Como tinham acabado de fazer um sem número de pequenas safadezas, a atmosfera estava calma, e essa deve ter sido a única hora do café durante as férias todas de quatro meses em que se não derramou esperma algum. Duclos estava já na tribuna aguardando a companhia; depois de todos terem ocupado seus lugares, ela assim se dirigiu ao auditório:

"Tinha acabado de sofrer uma perda em minha casa, a qual teve um profundo efeito em todos os sentidos. Eugénie, a quem eu amava com paixão e que, graças a sua extraordinária complacência em tudo que pudesse ter relação com dinheiro, fora-me especialmente útil, Eugénie, dizia eu, desapareceu pura e simplesmente. Aconteceu de maneira estranha: um criado, tendo pago primeiro o preço que para ela fora fixado, veio buscá-la, ao que disse, para uma ceia que seria realizada fora da cidade; sua participação no negócio seria de sete ou oito luíses. Eu não estava em casa quando a transação teve lugar, pois nunca a deixaria sair com pessoas desconhecidas, mas o criado foi diretamente a própria Eugénie, e esta concordou em ir... Nunca mais a vi desde então.

"Nem voltará a ver", disse Desgranges. "A festa proposta foi sua última, e será minha tarefa agradável acrescentar o desenlace da história dessa adorável moça".

"Grande Deus!" Duclos exclamou. "Era tão bonita essa moça... apenas vinte anos, seu rosto tão doce, era tão delicada..."

"E, pode acrescentar-se, seu corpo era o mais soberbo de Paris", disse Desgranges". Todos esses encantos conspiraram para sua destruição, mas continue sua história, deixemos as circunstâncias para lá".

Lucille é a moça que tomou seu lugar, Duclos continuou, em meu coração e em minha cama, mas não nas atividades do lar, pois não tinha de modo algum o temperamento submisso de Eugénie, nem sua grande compreensão.

Mesmo assim, foi a suas mãos que confiei, pouco tempo depois, um certo prior Beditino que de vez em quando me visitava, e que nos últimos tempos gostava de brincar

com Eugénie. Depois do bom padre ter aquecido a boceta da moça com sua língua, e ter intensamente chupado sua boca, começou a fase principal do processo: Lucille pegou num chicote e aplicou-o ligeiramente a seu pau e colhões, e ele descarregou de uma débil máquina; a ligeira esfregadela, a mera aplicação do chicote, produziram seu orgasmo. Seu maior prazer consistia em observar a moça atingir com o chicote as gotas de seu esperma espalhadas pelo chão.

No dia seguinte, eu própria me encarreguei de um cavalheiro em cuja bunda nua eu devia assentar cem chicotadas cuidadosamente contadas; antes da surra, preparou-se beijando minha bunda, e enquanto eu o chicoteava, esfregava seu pau.

Um terceiro, com quem tive relações uns dias mais tarde, tinha necessidades ainda mais fortes a satisfazer; adornava cada detalhe de cerimônias adicionais: fui avisada de sua chegada com uma semana de antecedência, e durante esse tempo tive que evitar lavar qualquer parte de meu corpo, e acima de tudo poupei minha boceta, bunda e boca; e além disso, assim que soube que ele vinha, escolhi três chicotes de nove pontas e mergulhei-os num vaso cheio de urina e merda, e ali os mantive imersos até o homem surgir. Era um velho recebedor do Imposto do Sal, homem de consideráveis meios, viúvo, sem filhos, e constantemente se tratava com festins semelhantes. A primeira coisa que lhe interessou foi saber se eu me tinha escrupulosamente abtido de abluções, tal como me mandara; garanti-lhe que seguira suas instruções a letra; desejou provas e começou por aplicar um beijo em meus lábios. Esta experiência deve tê-lo convencido, pois sugeriu então que fôssemos para o quarto, e realizei que se o homem tivesse descoberto, depois de me beijar, que eu tinha lavado de algum modo minha boca, não teria continuado com a festa. Subimos os dois, olhou para os chicotes mergulhados no vaso, depois, pedindo que me despisse, começou a cheirar meu corpo, particularmente os orifícios que expressamente me proibira de lavar; como honrara sua prescrição em perfeita fé e em todos os artigos, descobriu sem dúvida o aroma que desejava, porque o vi ficar irrequieto, parecer ansioso por começar, e ouvi-o exclamar: "Ah, por meu esperma, é isso que eu quero, é isso mesmo que quero"! Comecei a acariciar-lhe a bunda: estava revestida daquilo que positivamente parecia couro cozido, em cor, textura e dureza. Depois de passar um minuto acariciando, mexendo, beliscando aquele traseiro desgastado, peguei num dos chicotes e sem o enxugar apliquei-lhe dez chicotadas violentas, dando toda minha força aos repetidos golpes; mas este começo não produziu nem um tremor, não só continuou impassível, mas meus golpes não fizeram a menor marca na cidadela inabalável. Depois deste prólogo, mergulhei três de meus dedos em seu ânus, agarrei com força e comecei a retorcer para um lado e para o outro, mas nosso homem era tão insensível nesse lugar como noutro qualquer; meus esforços não mereceram nem um suspiro de reconhecimento. Completadas estas duas cerimônias iniciais, chegou sua vez de agir; fiquei de barriga para baixo na cama, ele ajoelhou-se, afastou minhas nádegas, e dardejou alternadamente sua língua de um orifício para o outro, e os dois, não haja dúvida, estavam de acordo com suas instruções, bem pouco aromáticos. Depois de ter chupado consideravelmente, peguei noutro chicote, e castiguei-o de novo, ajoelhou-se como da primeira vez, e voltou a suas lambidas, e assim continuou, cada um de nós fazendo seu papel pelo menos quinze vezes. Finalmente, dando-me novas instruções e fazendo-me guiar meus movimentos de acordo com o estado de seu pau, que eu devia observar cuidadosamente, mas no qual não devia tocar, quando se voltou a ajoelhar, soltei meu monte. Acertou em cheio no seu rosto, caiu para trás, exclamou que eu era uma criatura insolente, e descarregou enquanto se esfregava a si próprio e gritava com tanta força que se ouviria na rua se eu não tivesse tido



o cuidado de fechar as janelas. Mas o monte de merda caiu para o chão, apenas o olhou e cheirou, não lhe pondo a boca ou as mãos; recebeu pelo menos duzentas chicotadas, e posso garantir-lhes... seu corpo não tinha nem um sinal do que sofrera, sua bunda encourada, fortificada por anos de uso rude, não tinha a menor marca.

"Bem, pelo fundo da bunda de Deus"! exclamou o Duque, "ai está uma bunda digna pelo menos da curiosidade que você arrasta".

"Oh, sim, sim", disse Curval, com um tremor em sua voz, pois Aline esfregava-lhe o pau, "sim, realmente, esse camarada parece ter minhas nádegas e meus gostos, pois, sabe, oponho-me infinitamente ao uso do bidê, mas prefiro uma maior abstinência: fixo geralmente o período em três meses".

"Presidente, seu pau está duro", disse o Duque.

"Você acha"? replicou Curval. "Sinceramente, é melhor você consultar Aline, ela poderá dizer-lhe o que se passa, quanto a mim, sabe, estou tão acostumado a esse estado particular de coisas que raramente sei quando começa ou termina. Há apenas uma coisa que lhe posso dizer com plena confiança, e essa é que neste momento gostaria de deitar a mão a uma puta bem impura; gostava que ela me presenteasse com um balde cheio de merda, que enchesse uma bacia até a borda, gostaria que sua bunda cheirasse a merda, que sua boceta cheirasse como uma praia cheia de peixe morto. Mas espere! Thérèse, tu cuja imundície é da idade das montanhas, tu que desde o batismo não lavas tua bunda, e cuja infame boceta tem uma pestilência de três léguas por todos os lados, vem, traz tudo isso para deleite de meu nariz, suplico-te, e a isso acrescenta um bonito monte molhado, se for de teu agrado".

Thérèse aproxima-se, com encantos horrorosos e indignos com partes asquerosas, desgastadas e feridas, esfrega o rosto do magistrado, em seu nariz excreta o desejado monte, Aline esfregalhe o pau, o libertino descarrega, e Duclos volta então a sua história. "Um velho safado que costumava receber uma moça nova cada dia para a operação que vou descrever, convenceu um de meus amigos a persuadir-me a visitá-lo, e ao mesmo tempo foram-me dadas informações a respeito da cerimônia executada regularmente na casa do devasso. Chego, examina-me com um ar fleumático, o ar que se encontra nos libertinos consumados, e que num instante chega a uma estimativa infalível do objeto sob escrutínio.

"Ouvi dizer que você tem uma bunda ótima", disse num tom enrolado, "e como ao longo dos últimos sessenta anos minha fraqueza decidida sempre foram bochechas bonitas, quero verificar se há fundamento para sua reputação... levante as saias".

A última frase, pronunciada energicamente, surgiu como uma ordem; não só lhe mostrei o tesouro, como me aproximei o mais que pude do nariz do connaisseur. Primeiro fiquei ereta, depois pouco a pouco inclino-me e revelo o objeto de sua devoção sob todas as formas e aspectos mais aptos a agradar ao velho libertino. Com cada movimento sinto a mão do velho safado percorrer a superfície, perscrutar o terreno, sondar a geografia, criando as vezes um efeito mais consolidado, tentando outras dar-me um molde mais generoso, comprimindo aqui, alargando lá.

"O buraco é amplo, muito amplo", diz, "o aspecto atesta uma furiosa prostituição sodomística".

"Infelizmente, Senhor", concedo, estamos vivendo uma época em que os homens são tão caprichosos que para lhes agradar é preciso estar-se virtualmente preparada para tudo, e consentir em tudo". Logo após senti sua boca colada hermeticamente a meu ânus, e sua língua

esforçar-se por penetrá-lo: aproveito minha oportunidade, de acordo com o que me tinham avisado, e beneficiando da situação, faço deslizar, diretamente nessa língua que me sonda, a eructação mais quente, mais úmida e mais densa. A manobra não lhe desagrada em absoluto, mas pelo contrário, anima-o um pouco; finalmente, depois de eu ter soltado meia dúzia de ventos, levantase, conduz-me a cama e mostra-me e aponta para um jarro de barro no qual quatro cavalos marinhos estavam de molho. Por cima do vaso diversos chicotes pendiam de ganchos reluzentes.

"Arme-se", murmura o safado, "pegue um dos cavalos marinhos e uma das outras armas e bata em minha bunda. Como pode observar é seca, magra e extremamente bem curada. Toque nela".

Faço o que me manda; e continua:

"Pode ver", diz o homem, "que é couro velho, endurecido por tratamentos severos, e não se entusiasma a não ser através dos ataques mais incrivelmente excessivos. Vou conservar-me nesta posição", e ao mesmo tempo que falava esticou-se na cama com seus joelhos apoiados no chão. "Empregue esses instrumentos, primeiro um, depois o outro, ora o cavalo marinho, ora o chicote. Isso requer um certo tempo, mas você receberá um sinal inequívoco quando chegar o clímax. Assim que vir algo de extraordinário acontecer a esta minha bunda, esteja pronta para imitar o que a vir fazer; então trocamos de lugar, eu fico de joelhos diante de suas esplêndidas nádegas, você fará aquilo que me vir fazer, e eu descarrego. Mas acima de tudo não seja impaciente: advirto-a uma vez mais: o negócio não pode ser feito com precipitação".

Começo, alterno as armas de acordo com sua prescrição. Mas, meu Deus! que indiferença, que estoicismo! Fiquei alagada de suor; para meus golpes poderem ser aplicados com mais vontade do que sugerira, enrola minhas mangas até aos cotovelos. Quarenta e cinco minutos passaram e eu ainda lhe batia, pondo cada grama de minha força nos golpes, rasgando as vezes sua teimosa carne com o chicote de nove pontas, outras com as pontas de aço, três quartos de hora, dizia eu, e parecia que nada tinha acontecido. Quietos, silenciosos, nosso libertino estava tranqüilo como a morte; podia dizer-se que estava saboreando em silêncio a agitação interior do prazer suscitado por tal provação, mas não se via sinal algum de prazer, nem uma única indicação da influência do prazer sobre sua pele. Continuei. Mais tarde ouvi o relógio bater as duas horas e verifiquei que estava em atividade há três horas; então, de repente, vejo sua garupa levantar-se, suas nádegas afastarem-se, golpeio e mando minhas pontas sibilando entre certas fendas; surge um chouriço, cai, continuo açoitando, meus golpes mandam a merda voando para o chão.

"Coragem", digo-lhe, "estamos a vista do porto".

E então meu homem levanta-se furioso; seu pau, duro e revoltado, está colado a sua barriga.

"Faça o que fiz", determina, "imite-me, agora só preciso de merda para você ter meu esperma".

Prontamente adoto a posição que abandonou, ajoelha-se como disse que faria, e em sua boca ponho um ovo que há três dias para si tenho de reserva. No momento em que recebe a carga, seu esperma pula, e o homem arremessa-se para trás, gritando de alegria, mas sem engolir, e na realidade sem conservar o monte em sua boca mais de um segundo. Em conclusão, deixem-me dizer, Senhores, que, a exceção de Vossas Senhorias, por se tratar

sem dúvida de exemplos superiores desta espécie, vi poucos homens convulsionarem-se mais agitadamente, poucos que manifestassem um deleite mais acentuado; quase desmaiou ao libertar seu esperma. E essa sessão valeu dois luíses.

Mas assim que voltei para casa vi Louise defrontar-se com outro camarada velho que, sem lhe tocar com um dedo, sem quaisquer preliminares, simplesmente a mandara fustigá-lo da cintura até aos joelhos; Lucille usava um chicote de nove pontas molhado em vinagre, aplicava-lhe seus golpes com toda a força que tinha, e esse indivíduo concluiu seu ritual mandando-a chupar seu pau. A moça ajoelhou-se na sua frente quando lhe fez um sinal, ajustando-lhe os colhões descaídos de modo a ficarem apoiados em suas mamas, enfiou o frouxo engenho na boca onde o casto pecador se apressou a chorar pela sua transgressão".

E Duelos, pondo assim termo ao que tinha a relatar nesse dia, e não tendo chegado ainda a hora da ceia, os Senhores decidiram fazer alguns comentários obscenos enquanto esperavam.

"Você deve estar pronto, Presidente", brincou o Duque." Já o vi descarregar duas vezes hoje, e você não está acostumado a tais manifestações de liberalidade".

"Vamos apostar na terceira", respondeu Curval, que manuseava as nádegas de Duclos.

"Ora. quanto você quiser, e as vezes que quiser", respondeu o Duque. "E só peço uma condição", Curval disse, "a de poder fazer o que me apetecer".

"Oh. receio que não", respondeu o Duque, "porque você sabe que há certas coisas que mutuamente prometemos não fazer antes da data fixada em nosso programa: sermos enrabados era uma delas — antes de proceder a isso devíamos, de acordo com o convênio anterior, esperar que um exemplo dessa paixão nos fosse citado, mas atendendo a vosso pedido comum, cavalheiros, cedemos nesse ponto e suspendemos a restrição. Há muitos outros prazeres e modos de os desfrutar que nós devíamos ter proibido a nós próprios até o momento de serem incluídos na história, e que em vez disso toleramos, desde que as experiências sejam conduzidas na intimidade — isto é, em nossos anexos ou aposentos. Você, Presidente, ainda há pouco se entregou a um com Aline; terá ela soltado um grito penetrante sem razão alguma? E não tem motivo para conservar agora seu peito coberto? Muito bem, então, escolha um desses modos misteriosos, ou um dos permitidos em público, e eu aposto cem luíses que você não é capaz de derivar sua terceira descarga de uma dessas fontes legítimas".

O Presidente perguntou então se podia retirar-se para o boudoir no final do corredor e levar consigo os súditos que considerasse necessários ao sucesso; seu pedido foi deferido, embora ficasse estipulado que Duelos assistiria aos trabalhos, e que sua palavra seria aceita quanto a existência da descarga de Curval, ou a sua incapacidade de a produzir.

"Concordo", disse o Presidente, "aceito as condições".

E a título de preliminar, mandou Duclos dar-lhe quinhentas chicotadas diante da assembléia; isso feito, afastou-se com sua querida e devotada amiga Constance, em nome da qual seus colegas pediram a Curval que nada fizesse que pudesse afetar sua gravidez; o Presidente levou também consigo sua filha Adelaide, Augustine, Zelmire, Céladon, Zéphyr, Thérèse, Fanchon, Champville,

Desgranges, Duelos e, é claro, três fodedores.

"Assim, foda-se"! exclamou o Duque, "nada havia no trato que dissesse que ele podia

recrutar um exército".

Mas o Bispo e Durcet tomaram o partido do Presidente na questão da mão-de-obra, e firmemente lembraram a Blangis que os termos da aposta não incluíam limitação ao número. O Presidente afastou-se com seu conjunto, e ao cabo de trinta minutos, intervalo que o Bispo, Durcet e o Duque, com os poucos súditos que lhes ficaram, não passaram em santas orações, trinta minutos depois, dizia, Constante e Zelmire voltaram cm lágrimas, e o Presidente logo surgiu com o resto de sua força; Duolos relatou então as formidáveis coisas que o Presidente fizera, prestou homenagem a seu vigor. e atestou com toda a correção e justiça que ele merecia uma coroa de louro. O leitor gentilmente nos permitirá que suprimamos o texto da declaração de Duolos. pois a arquitetura de nossa novela nos obriga a ocultar as precisas circunstâncias do que transpirou nesse remoto boudoir; mas Curval ganhou sua aposta, e isso, achamos, é o ponto essencial. "Estes cem luíses", observou ao receber a quantia do Duque, "servirão para pagar uma multa que, receio, logo me será aplicada". E aí está ainda outra coisa a explicação da qual rogamos ao leitor que permita adiar até surgir o momento apropriado; de momento o leitor necessita apenas de observar a maneira como o safado Curval antecipava suas más ações, e como, com calma imperturbável, aceitava o fato delas lhe trazerem castigo certo e merecido, uma necessidade fatal que encarava inabalavelmente e com um sorriso orgulhoso.

Entre esse momento e a abertura das narrações do dia seguinte nada de absolutamente extraordinário transpirou, e propomos portanto levar sem demora o leitor para o auditório.

## DECIMO OITAVO DIA

Bonita, radiante, carregada de jóias, e mais brilhante cada dia que passava, Duclos assim começou as histórias da décima oitava sessão: "Uma criatura alta e de construção corpulenta chamada Justine acabava de ser acrescentada a minha comitiva; tinha vinte e seis anos, um metro e sessenta e dois de altura, os braços robustos e as pernas sólidas de uma criada de taberna, mas apesar disso seus traços eram finos, sua pele era clara e macia, e tinha um corpo tão esplêndido quanto se pode desejar. Como meu estabelecimento vivia enxameado pela multidão de velhos devassos incapazes de experimentarem o mais leve prazer a não ser quando aquecidos com chicote ou pela tortura, pensei que uma pensionnaire como Justine, dotada que era do braço de um ferreiro, só podia ser um verdadeiro patrimônio. No dia seguinte a sua chegada, resolvi pôr em prática seus talentos fustigadores; tinham-me informado que a mulher manejava o chicote com prodigiosa habilidade, e por isso a coloquei na frente de um velho comissário do bairro a quem devia chicotear do queixo as canelas e depois, no outro lado, do peito, a barriga de suas pernas. Terminada a operação, o libertino simplesmente levantava as saias da mulher e despejava sua carga nas nádegas do azorrague. Justine comportou-se como uma verdadeira heroína de Cítera, e nosso bom velho mártir confessou-me que em toda sua vida ninguém o flagelara como aquela sem-vergonha.

Para provar até que ponto contava com sua contribuição em nossa pequena comunidade, alguns dias depois combinei um encontro entre Justine e um velho veterano de muitas campanhas no campo do amor; necessitava de cerca de mil chicotadas por seu corpo inteiro, não queria que lhe poupassem parte alguma, e quando estava incendiado e bem sangrento, a mulher devia mijar em suas mãos em concha e espalhar sua urina pelas áreas de seu corpo mais seriamente molestadas. Esfregada a loção, os trabalhos pesados recomeçavam, e ele descarregava, a moça devia recolher cuidadosamente seu esperma, de novo com as mãos em

concha, e faria a nosso homem uma segunda massagem, desta vez empregando o bálsamo espremido de seu pau. Outro triunfo para minha colega, e cada dia que passava sua aclamação aumentava cada vez mais apaixonadamente; mas não foi possível usar seu braço no campeão que se apresentou desta vez.

Estes homem extraordinário não queria nada de vestidos femininos em mulheres: o ocupante do traje tinha que ser homem, por outras palavras, o malandro queria ser espancado por um homem vestido de mulher. E qual o instrumento que ela devia usar? Não pensem por um momento que ele se contentava com uma vara de bétula ou mesmo um chicote, não, queria um feixe de fibras de salgueiro com o qual suas nádegas deviam ser barbaramente dilaceradas. Parecendo este negócio particular ter grande ar de sodomia, achei que não me deveria envolver demais no mesmo: mas como o homem era um dos clientes mais antigos

E melhores da Fournier, um homem verdadeiramente amigo de nossa casa nos dias maus e nos bons, e que, podia, graças a sua posição, prestar-nos alguns serviços, não fiz objeções e, disfarçando muito bem um rapaz de dezoito anos que as vezes nos prestava serviços, e que tinha um rosto muito atraente, apresentei-lho, armado de um feixe de fibras de salgueiro, a seu oponente.

E que luta interessante foi — os Senhores podem facilmente imaginar com que curiosidade a observei. Começou por fazer um estudo cuidadoso de seu pretensio virgem, e achando-o, evidentemente, muito de seu agrado, deu-lhe logo cinco ou seis beijos na boca: esses beijos eram peculiares até a três quilômetros de distância; a seguir, exibiu suas bochechas, e em todo seu comportamento e palavras parecia tomar o rapaz por uma moça, disse-lhe que acariciasse suas nádegas e as agarrasse um pouco vigorosamente; o rapaz, a quem eu dissera exatamente o que esperar, fez exatamente o que o homem lhe pediu.

"Bem, vamos trabalhar", disse o indecente, "utilize o feixe, não poupe energias".

O rapaz agarra o feixe de fibras de salgueiro e com ele, sibilando alegremente, aplica cinqüenta golpes retalhantes num par de nádegas que apenas parece sedento de mais; já definitivamente marcado por aquelas cinqüenta listras, o libertino lança-se a sua flageladora masculina, puxa-lhe as saias, uma das mãos verifica-lhe o sexo, a outra fervorosamente lhe agarra as nádegas, não sabe em que altar se ajoelhar primeiro, a bunda finalmente captura suas primeiras atenções, gruda a boca a seu orifício, com grande ardor em sua expressão. Ah, que diferença entre a devoção que se diz que a Natureza prescreve e a outra que se diz ultrajá-la! Oh Deus de certa justiça, se aquilo fosse verdadeiramente um ultraje, seria a homenagem prestada com tão grande emoção? Nunca uma bunda de mulher foi beijada como a do rapaz; três ou quatro vezes a língua do amante desapareceu inteiramente no ânus do carrasco; voltando final-mente a sua posição anterior, "Oh, filha querida", exclamou, "recomece a operação".

Seguiu-se nova flagelação, mas como foi mais entusiástica, o paciente enfrentou o novo assalto com muito mais coragem e intrepidez. O sangue surge, outro golpe faz levantar seu pau, e ordena que o jovem objeto de seus transportes o agarre sem perda de um instante. Enquanto o último o manipula, deseja prestar ao jovem o mesmo serviço, levanta de novo as saias do rapaz, mas é um pau que agora procura; toca esse pau, agarra, agita, puxa e logo o introduz em sua boca. Depois destas carícias iniciais, pede um terceiro assalto de golpes e recebe uma tempestade dos mesmos. Esta última experiência deixa-o em perfeito tumulto; arremessa seu Adonis para a cama, deita-se em cima dele, brinca ao mesmo tempo com seu próprio pau e com o do amante, depois aperta os dois um contra o outro, cola seus lábios a

boca do látego, e tendo conseguido aquecê-lo com esses carinhos, procura-lhe o prazer divino no mesmo momento em que ele próprio se sente esmagado: ambos descarregam em harmonia. Encantado com a cena, nosso libertino tentou aplacar minha enorme indignação, e finalmente arrancou-me a promessa de que lhe conseguiria novos deleites da mesma espécie, com o mesmo rapaz ou com quaisquer outros que lhe pudesse conseguir. Tentei trabalhar na sua conversão, garanti-lhe que tinha algumas moças encantadoras que se sentiriam felizes por flagelá-lo e que eram igualmente eficientes; não, disse, nada disso, não queria nem ver o que lhe ofereci.

"Oh, posso facilmente acreditar", disse o Bispo". Quando se tem um gosto decidido por homens, não se pode mudar, a diferença entre rapazes e moças é tão extrema que não há possibilidade de se ter tentado por aquilo que é patentemente inferior".

"Monsenhor", disse o Presidente, "o senhor abordou uma tese que merece uma dissertação de duas horas".

"E que acabará sempre por dar novo apoio a minha afirmação", disse o Bispo, "porque o fato dos rapazes serem superiores as meninas é fora de dúvida ou discussão".

"E sem contradição também", Curval .concordou, "mas não obstante posso informá-lo de que são as vezes levantadas algumas objeções a sua doutrina e que, em certos tipos de prazeres, tais como os que Martaine e Desgranges discutirão, as meninas são preferíveis aos rapazes".

"Isso eu nego", disse o Bispo com ênfase, "e mesmo nos prazeres a que faz alusão, os rapazes valem mais do que as moças. Considere a questão do ponto de vista do mal, sendo o mal quase sempre o encanto maior e verdadeiro do prazer; considerado assim, o crime deve parecer maior quando perpetrado num ser de espécie idêntica a nossa e, estabelecido isso, o deleite duplica automaticamente". "Sim", disse Curval, "mas o despotismo, o domínio, o delírio nascido do abuso do poder sobre os fracos..."

"Mas o mesmo não é menos verdade no outro caso", o Bispo insistiu. "Se a vítima é sua, inteiramente sob seu poder, essa supremacia que usando mulheres você considera melhor estabelecida do que usando homens, baseia-se em puro preconceito, em nada, e resulta meramente do costume segundo o qual as mulheres se submetem mais usualmente a nossos caprichos do que os homens. Mas abandone essa superstição popular por um momento, encare a coisa com equidade, e desde que o homem esteja absolutamente preso a suas cadeias e pela mesma autoridade que você exerce sobre as mulheres, terá a idéia de um crime maior; sua lubricidade deve portanto aumentar pelo menos duas vezes".

"Sou da opinião do Bispo", Durcet interrompeu, "e uma vez certo que a soberania está plenamente estabelecida, considero o abuso do poder mais delicioso quando exercido as custas de nossos pares do que das mulheres".

"Cavalheiros", disse o Duque, "gostaria imenso que adiassem vossa discussão até a mesa. Acho que estas horas foram reservadas as narrações e parece-me apropriado que nos obtenhamos de as empregar em considerações filosóficas".

"Tem razão", disse Curval. "Continue com sua história, Duclos". E a agradável dirigente do esporte Citereano mergulhou de novo na questão que devia relatar.

"Outro homem velho, disse a narradora, este, funcionário do Parlamento, visitou-me uma manhã, e como durante a administração da Fournier estava acostumado a tratar

exclusivamente comigo, a tradição levou-o a solicitar então uma entrevista com esta vossa serva. Nossa conferência consistiu em esbofetear seu rosto com força crescente, e em esfregar-lhe seu pau ao mesmo tempo; isto é, eu devia esbofeteá-lo primeiro com delicadeza, depois, a medida que seu pau assumia consistência, aumentava lentamente a força dos bofetões, e finalmente, uma série de socos violentos provocava sua ejaculação. Eu conhecia tão bem a natureza precisa de sua excentricidade, que meu vigésimo golpe provocou a erupção de seu esperma.

"O vigésimo diz você? Por Jesus Cristo", exclamou o Bispo, "meu pau ficava morto ao terceiro".

"Aí está, meu amigo", declarou o Duque, "a cada um, sua mania particular, nunca nos devemos queixar nem admirar dos outros; tolerância, é o que aconselho. Continue, Duclos, conte mais uma e basta por hoje".

"Meu último exemplo da noite, disse Duclos, foi-me primeiramente contado por uma de minhas amigas; vivia há dois anos com um homem cujo pau nunca endireitava até lhe dar uma série de piparotes no nariz e o retorcer, puxar suas orelhas até sangrarem, e morder suas nádegas, mastigar seu pau, apertar seus colhões. Despertado por estas potentes titilações preliminares, seu pau subia como o de um garanhão, e ao mesmo tempo que praguejava como um demônio, quase sempre descarregava na cara da mulher de quem estivesse recebendo esse divertido tratamento".

De tudo que se contara durante a sessão da tarde, apenas as fustigações masculinas tinham afetado o cérebro de Suas Senhorias o qual, agora quente, só esfriou depois de um prolongado uso da fantasia que incendiara seu entusiasmo; assim foi que o Duque mandou Hercule flagelá-lo até o sangue espirrar de seus poros, Durcet empregou Invictus no mesmo propósito, o Bispo fez uso de Antinous, e Clivador de Bundas serviu Curval. O Bispo, que nada fizera nesse dia, descarregou finalmente nas orgias, dizem, comendo o monte que Zélamir preparara para quarenta e oito horas. E depois foram dormir.

## O DECIMO NONO DIA

Nessa manhã, depois de fazerem algumas observações relativas à merda que os súditos estavam produzindo para efeitos lúbricos, os amigos decidiram que a sociedade experimentasse uma coisa de que Duclos falara em suas narrações: refiro-me a supressão do pão e da sopa de todas as mesas, a exceção da dos Senhores. Estes dois artigos foram retirados e substituídos por duas vezes a quantidade anterior de aves de caça. Esperavam notar certa melhoria, e em menos de uma semana percebeu-se realmente uma diferença essencial nos excrementos da comunidade: eram mais macios, saborosos, dissolviam-se mais depressa, tinham um paladar infinitamente mais sutil, e os amigos descobriram que o conselho de d'Aucourt a Duelos era o de um consumado libertino integralmente penetrado na apreciação dessas questões. Foi no entanto observado que a nova dieta podia ter certo efeito nos hábitos:

"Bem, e que importância tem isso"? perguntou Curval a quem o Duque dirigira a objeção; "é errado pensar em afirmar que, a fim de dar prazer, a boca das mulheres ou das crianças deve ser absolutamente limpa e cheirar bem. Pondo de lado toda idiosincrasia durante um momento, admito de boa vontade que quem exige hábitos fedidos e bocas nojentas é apenas movido por depravação, mas é igualmente necessário que concordem comigo quando afirmo que uma boca inteiramente desprovida de odor não proporciona o menor prazer quando se

beija. Deve haver sempre uma espécie de condimento na coisa, algum sabor, pois caso contrário, onde está a alegria se não for avivada? A alegria está dormindo, afirmo, e só acorda com um pouco de imundície. Por muito limpa que a boca esteja, o amante que a chupa faz certamente uma coisa suja, e não há dúvida alguma em sua mente de que é essa própria sujeira que lhe agrada. Basta dar um pouco mais de força a esse impulso, e logo se quererá que essa boca seja impura. Se não cheirar como um cadáver podre, paciência, o sabor se desenvolverá, mas quando tem apenas o sabor de leite mel ou de infância, isso, garanto, é insuportável. E por isso a dieta a que os vamos sujeitar não leva, na pior das hipóteses, em absoluto a corrupção, mas apenas a uma certa alteração, e isso é tudo de que se necessita".

As inspeções da manhã nada revelaram... os jovens vigiavam estritamente sua conduta. Ninguém pediu licença para ir ao toalete, e a companhia sentou-se a mesa. Adelaide, uma das criadas na refeição, mandada pelo bispo peidar numa taça de champagne, e não o conseguindo fazer, foi imediatamente inscrita no livro fatal por seu insensível marido que, desde o princípio da semana, se esforçava continuamente por encontrá-la em falta.

Depois foi servido o café; foi distribuído por Cupidon, Giton, Michette e Sophie. O Duque fodeu as coxas de Sophie, e enquanto o fazia, mandou-a cagar em sua mão; o nobre pegou no bonito pacote e esfregou-se todo no rosto com o mesmo, o Bispo fez precisamente a mesma coisa com Giton e Curval com Michette, mas quanto a Durcet, enfiou seu pequeno dispositivo na boca de Cupidon ao mesmo tempo que o encantador menino mastigava seu monte. Não obstante, não houve descargas, e depois de despertados de sua sesta, os Senhores foram ouvir Duclos.

"Um homem a quem nunca tínhamos visto antes, disse a amável puta, foi a minha casa propor uma cerimônia um tanto invulgar: desejava ser amarrado a um dos lados de um escadote; amarramos suas coxas e cintura ao terceiro degrau e, levantando suas mãos acima da cabeça, prendemos seus pulsos ao último degrau. Estava nu. Uma vez firmemente amarrado, quis ser exposto a surra mais feroz, agredido com o cabo do chicote, quando a ponta das cordas se gastou. Estava nu, repito, não havia necessidade de lhe pôr um dedo, nem tampouco se tocava a si próprio, mas depois de receber um tratamento selvagem, seu instrumento monstruoso ergueu-se como um foguete, podia ver-se oscilar entre os degraus da escada como um pêndulo, e logo após, lança seu esperma no meio do quarto. Foi desamarrado, pagou, e foi tudo.

No dia seguinte mandou-nos um de seus amigos cujas nádegas e coxas, membro e testículos, tinham que ser picados com uma agulha de ouro. Só depois de coberto de sangue descarregava. Eu própria desincumbi-me da tarefa, e como constantemente me gritava que enfiasse mais fundo, quase tive de enterrar a agulha em sua glândula para que seu esperma salpicasse minha mão. Quando o libertou, lançou seu rosto contra o meu, chupou prodigiosamente minha boca, e ficou por aí.

Um terceiro — e este também conhecido de seus dois predecessores — ordenou-me que malhasse seu corpo inteiro com urtigas. Logo o fiz escorrer sangue, olhou-se no espelho, e só depois de ver seu corpo reduzido a uma ruína vermelha é que deixou escapar seu esperma, sem tocar em nada, acariciar nada, sem nada mais exigir de mim.

Esses excessos distraíam-me imenso, tinha um deleite secreto em participar dos mesmos; e todos meus estranhos clientes ficavam igualmente encantados comigo. Foi por ocasião destas três cenas que um nobre dinamarquês, que me foi enviado em busca de prazeres de um caráter muito diferente, que outras pessoas foram designadas para descrever,



cometeu a imprudência de chegar a meu estabelecimento com dez mil francos em brilhantes, igual quantia em pedras de outro tipo, e cinco mil luíses em dinheiro. O prêmio era grande demais para eu o deixar escapar; entre as duas, Lucille e eu conseguimos roubar o dinamarquês até seu último tostão. Pensou em apresentar queixa, mas como eu pagava generosamente a polícia, e nessa época se podia fazer o que se quisesse com ouro, o cavalheiro recebeu ordens para ficar quieto e calado, e seus pertences tornaram-se meus, ou antes, sua maior parte, pois, para me garantir com o título do tesouro, tive de entregar algumas pedras preciosas aos agentes da lei. Nunca cometi um roubo, e peço que atentem para este fato interessante, sem encontrar um golpe de boa fortuna no dia seguinte; este último maná era um novo cliente, mas um daqueles clientes diários que se pode considerar verdadeiramente o pão e a manteiga dos bordéis.

Este indivíduo era um velho cortesão que, cansado das homenagens que incessantemente recebia nos palácios dos reis, gostava de visitar as putas e gozar de uma mudança de papéis. Quis começar por mim; muito bem, respondi, e começamos sem mais conversa. Mandei-o recitar suas lições e pequenas orações, e sempre que cometia erros, ajoelhava-se e recebia nos nós dos dedos ou as vezes no traseiro, vigorosos golpes aplicados com uma palmatória semelhante a que os professores usam nas escolas. Era também obrigação minha estar alerta a quaisquer sinais de emoção; uma vez aceso o fogo, eu pegava em seu pau e agitava-o habilmente, ralhando ao mesmo tempo com o velho libertino, chamando-lhe devasso, miserável, afronta a Sua Majestade, e outros nomes infantis que lhe provocavam uma descarga muito voluptuosa. Esta cerimônia era executada cinco vezes por semana, nas mesmas condições, em meu estabelecimento, mas sempre com mulheres diferentes e bem instruídas, e por este serviço eu recebia um estipêndio de vinte e cinco luíses por mês. Conhecia tantas mulheres em Paris que não me era difícil prometer-lhe o que queria e cumprir minha palavra; tive esse encantador aluno em minha casa durante uma década, no final da qual ele decidiu fazer as malas e prosseguir seus estudos no inferno.

Contudo, eu também envelhecia com o decorrer dos anos, e embora tivesse o gênero de rosto que conserva sua beleza, comecei a observar que meus visitantes eram cada vez mais homens que surgiam por capricho ou acidente. Tinha ainda alguns admiradores fiéis e constantes aos trinta e seis anos, e o resto das aventuras em que participei pertence ao período entre essa época e os meus quarenta anos.

Embora com trinta e seis anos, como disse, o libertino, cuja mania vou relatar para encerrar a sessão de hoje, não queria pensar em mais ninguém. Era um abade de sessenta anos, ou coisa parecida, eu só recebia cavalheiros de uma certa idade e todas as mulheres que queiram ver a fortuna em nosso ramo acharão sem dúvida conveniente impor as mesmas regras banindo a juventude irresponsável de suas casas. O santo homem chega, e assim que estamos a sós, pede para ver minha bunda.

"Ah, sim, eis a bunda mais bonita do mundo", diz com admiração. "Mas infelizmente, não é esse o aparelho que me dará a esmola que tenciono consumir. Tome, segure", diz, colocando suas nádegas em minhas mãos, "é desta fonte que surgem todas as coisas boas... Tenha a gentileza de me ajudar a cagar".

Vou buscar um vaso de porcelana e coloco-o em meus joelhos, o abade recua para perto de mim, faz força, comprimo seu ânus, abroo, e, em resumo, agito-o de todas as maneiras que me parecem apressar sua evacuação. Esta ocorre, um monte enorme enche o vaso, ofereço-o a seu autor, ele aceita, precipita-se sobre o mesmo, devora-o e descarrega quinze

minutos depois da flagelação mais violenta que aplico ao mesmo traseiro que pouco antes pôs um ovo tão esplêndido para o seu almoço. Engoliu tudo; calculara tão bem a situação que seu esperma só surgiu depois de engolida a última pitada. Enquanto brando meu chicote, excito-o com comentários como: "Bem, então, seu malandro, que é isso"? e "Ora aqui está um camarada asqueroso, você é realmente capaz de comer merda assim"? e "Eu ensino você, seu engraçadinho filho da puta, a fazer coisas desagradáveis como essa"!

E foi através de ações e palavras destas que o libertino alcançou o clímax da alegria".

Nesse ponto, Curval resolveu fazer a companhia uma demonstração, espécie de aperitivo da ceia, daquilo que Duclos descrevera por palavras. Chamou Fanchon, esta extraiu um pouco de merda do Presidente, e o libertino devorou-a enquanto a velha bruxa o castigava com toda a força de seu braço magro mas vigoroso. Tendo essa exibição lúbrica inspirado seus confrades, começaram caçando merda onde quer que esta se encontrasse, o então Curval, que não descarregara, misturou o resto de seu monte com o de Thérèse, a quem fizera excretar sem muita conversa.

O Bispo, acostumado a fazer uso dos deleites de seu irmão. fez a mesma coisa com Duques, o Duque com Marie, o pequeno Durcet com Louison. Ela atroz, ora, até inconcebível empregar tais horrores velhos e decrépitos quando tinham ao seu alcance e prontas a primeira chamada criaturas tão bonitas; mas, é coisa bem sabida, a saciedade nasce nos braços da abundância, e nos píncaros dos deleites voluptuosos se sente um prazer mais apurado nos tormentos.

Terminadas estas habilidades sujas, e tendo os eventos custado apenas uma descarga, e foi o Bispo quem a produziu, os amigos foram para a mesa. Estando envolvidos numa série de atividades indecentes, acharam melhor não trocar de cavalos no meio do percurso, e para as orgias quiseram apenas as quatro velhas duenhas e as quatro narradoras; todos os restantes foram despachados para a cama. Suas Senhorias disseram tantas coisas, fizeram tantas mais, que os quatro gozaram como gêiseres, e nosso quarteto libertino só se recolheu depois de vencido pelo álcool e pela exaustão.

## O VIGESIMO DIA

Uma coisa realmente muito engraçada acontecera na noite anterior; absolutamente embriagado, o Duque, em vez de se dirigir a seus aposentos, instalara-se na cama da jovem Sophie, e a despeito de tudo que a criança conseguiu dizer, pois sabia muito bem que o que o Duque estava fazendo violava as regras, não se comoveu e continuou com grande calor a afirmar que estava muito bem onde era seu lugar, ou seja, em sua cama com Aline, escalada como sua esposa nessa noite. Mas como lhe eram permitidos certos privilégios com Aline os quais eram ainda proibidos com as meninas, quando tentou colocar Sophie na posição que favorecia os divertimentos de sua preferência, e quando a pobre criança, a quem ninguém fizera ainda semelhante coisa, sentiu a cabeça maciça do martelo pau do Duque na sua apertada entrada dos fundos, esforçando-se por abrir uma avenida, a pobre criaturinha começou a gritar, e, pulando, fugiu nua pelo quarto. O Duque correu logo atrás de seus calcanhares, praguejando como um demônio, confundindo-a ainda com Mine. "Sem vergonha" ! rosnou, "julga que é a primeira vez"? E supondo que a agarrou e a tem finalmente, cai na cama de Zelmire, pensando ser a sua própria, e abraça a pobre menina, pensando que Aline resolveu se comportar razoavelmente. Os mesmos trabalhos com Zelmire que momentos antes se passaram com Sophie, porque o Duque mais decididamente deseja atingir seu

objetivo; mas logo Zelmire percebe as suas intenções, imita sua companheira e duplica sua resistência, pronuncia um grito terrível e foge correndo.

Contudo, Sophie, a primeira a fugir, recupera sua calma, e vendo muito bem que só há uma maneira de pôr fim aquele quiproquó, parte em busca de uma luz e de alguém no seu juízo perfeito capaz de restabelecer a ordem, e conseqüentemente pensa em procurar Duclos. Mas Duclos comportara-se como um porco durante as orgias, e estava completa-mente embriagada, Sophie encontra-a esticada inconsciente no meio da cama do Duque, e não consegue absolutamente fazê-la recuperar os sentidos. Desesperada, sem saber em tais circunstâncias a quem poderá apelar, ouvindo todas as suas camaradas gritando por socorro, reúne coragem e entra no apartamento de Durcet; o financista está deitado com sua filha, Constance, e Sophie conta o que está acontecendo. Constance conseguiu levantar-se da cama, a despeito dos esforços que o bêbedo Durcet faz em contrário dizendo-lhe que quer descarregar; pega numa vela e acompanha Sophie aos aposentos das meninas; descobre as pobres coitadinhas, todas com suas camisolas de dormir, comprimidas no centro do quarto, e o Duque perseguindo agora uma, logo outra, persuadido ainda de que estava tratando com Aline, que jurou se tinha tornado uma bruxa nesta noite e tinha muitas caras. Constance finalmente mostrou-lhe seu erro, e pedindo-lhe que a deixasse servir de guia para seus aposentos, onde, ao que lhe garantiu, encontraria uma Aline muito submissa mais do que ansiosa por fazer tudo que resolvesse exigir dela, o Duque que, inteiramente enganado e procedendo como sempre na melhor das boas fés, não tinha realmente outro desígnio a não ser colocar seu bastão na bunda de Aline, deixou-se conduzir por ela; a adorável Aline lá estava para o saudar, e o nobre foi dormir; Constante retirou-se do quarto, e a calma foi finalmente restabelecida.

Riram alegremente durante o dia seguinte a respeito da aventura noturna do Duque, e este declarou que se, por grande desgraça, tivesse obliterado acidentalmente uma virgindade num caso assim, não mereceria, assim lhe parecia, ficar sujeito a multa porque, intoxicado, não podia ser responsabilizado por suas ações; mas, oh! não, os outros garantiram-lhe, estava enganado a esse respeito, teria realmente que pagar.

Tomaram como de costume seu desjejum entre as sultanas, e todas as meninas confessaram que tinham ficado apavoradas. Nem urna, no entanto, foi encontrada em falta a despeito dos alarmas da noite: do mesmo modo tudo estava em ordem no quarto dos rapazinhos, e o café, como o jantar, não ofereceram nada de extraordinário, pelo que passaram ao auditório onde Duclos, inteiramente de posse de suas faculdades depois da desordem da noite anterior, divertiu a companhia com os cinco episódios seguintes:

"Mais uma vez fui eu, Senhores, quem entrou no palco para a peça que lhes vou descrever. A outra pessoa no drama era um médico; o primeiro ato do clínico foi examinar minhas nádegas, e como chegou a conclusão de que eram soberbas, passou mais de uma hora beijando-as. Finalmente confessou suas pequenas fraquezas: estavam todas relacionadas com merda e cagar, como eu pensara, e sabendo o que se esperava de mim, adotei a posição apropriada. Enchi o vaso de porcelana branca que costumava empregar nessa espécie de empresa. Imediatamente fica dono de meu monte e começa a guardá-lo; mal deu uma bicada pego num vergalho de boi — era esse o instrumento com que queria que lhe acariciasse a bunda — grito-lhe ameaças e imprecações, depois ataco, insulto-o pelas pavorosas coisas que quer fazer, pelas coisas infames, e sem me prestar atenção, o libertino engole a última pitada, descarrega, e sai a velocidade da luz, deixando um luís em cima da mesa. Pouco

depois apareceu um outro na casa que eu confiei a Lucille, que teve realmente de lutar para o fazer descarregar. Primeiro quis ter a certeza de que o monte que lhe seria servido tinha origem numa velha mendiga, e para o convencer, fui obrigada a fazer com que a velha dama operasse diante de seus olhos. Dei-lhe uma venerável senhora de setenta anos, cheia de úlceras e tumores e outros sinais de erisipelas, e cujo último dente caíra de suas gengivas quinze anos antes. "Bem, excelente", disse, "precisamente o que quero". Depois, fechando-se com Lucille e monte, essa moça igualmente competente, complacente e determinada, teve de o excitar a ponto dele quase comer aquela massa bem amadurecida. Cheirou-a, fitou-a, até lhe tocou, mas não passou disso, não parecia querer ir mais longe. Lucille foi então obrigada a recorrer a uma coisa mais persuasiva do que a retórica, pôs os ferros da lareira no fogo e, retirando-os em brasa, anunciou que ia queimar-lhe as nádegas se não lhe obedecesse imediatamente e comesse seu almoço. Nosso homem treme, faz nova tentativa: o mesmo asco, recua. Fiel a sua palavra, Lucille baixa-lhe as calças, e mostrando a luz uma bunda de aspecto muito mau toda cheia de cicatrizes, descolorada e envelhecida por operações da mesma espécie, habilmente lhe tosta as bochechas. O devasso pragueja, Lucille aplica de novo seu ferro, agora queima e produz finalmente uma queimadura definida e suficientemente profunda no meio de sua bunda; a dor faz-lhe finalmente tomar uma resolução, come uma porção, novas queimaduras excitam-no ainda mais, e pouco a pouco o trabalho termina. A ingestão do último pedaço de merda coincide com sua descarga, e poucas vi tão excessivamente violentas; emitiu berros e gritos, uivou como um lobo e rolou pelo chão; pensei que tivesse sido presa de um frenesi ou de um ataque de epilepsia. Encantado com a paciente compreensão que encontrara em nossa casa, o libertino prometeu ser meu cliente regular, desde que lhe desse a mesma moça, mas uma velha diferente de cada vez. "Quanto mais repulsiva a fonte", disse, "mais bem paga será pela produção. Você não faz absolutamente idéia", acrescentou, "dos excessos a que minha depravação me leva ; quase não consigo admiti-los comigo mesmo".

Por recomendação sua, um de seus amigos visitou-nos no dia seguinte, a depravação desse indivíduo levava-o, em minha opinião, muito mais longe, pois em vez de um ferrete relativamente brando, tinha de ser solidamente castigado com ferros em brasa, e o autor do monte que lhe era oferecido tinha de ser o ladrão mais asqueroso, velho e imundo que pudéssemos encontrar. Um criado degenerado de cerca de oitenta anos, que há muitos anos tínhamos em casa, serviulhe maravilhosamente para essa operação, e, rolando os olhos, mordendo os lábios, engoliu o monte do velho diabo enquanto estava ainda quente, e ao mesmo tempo que a boa Justine, usando ferros tão quentes que eram difíceis de segurar, lhe espancava a bunda. E foi ainda obrigada a arrancar grandes pedaços de sua carne com o instrumento, e praticamente a assá-los.

Outro queria que suas nádegas, barriga, colhões e pau fossem picados com uma pesada sovela de sapateiro, e tudo isso mais ou menos nas mesmas circunstâncias, isto é, até comer um monte que eu lhe apresentava num vaso de noite. Não tinha no entanto curiosidade por saber a origem do presente.

Senhores, não é fácil imaginar a que excessos os homens são levados no delírio de suas inflamadas imaginações. Não tive um que, de acordo com os mesmos princípios, me mandava vibrar-lhe pancadas de rebentar os ossos com uma bengala enquanto comia um monte de merda que nos mandava pescar nas profundezas da privada da casa e sua pérfida descarga só corria em minha boca depois de ter devorado a última colherada do sórdido estrume?

"Bem, você sabe, tudo é imaginável e até possível", disse Curval ao mesmo tempo que pensativamente acariciava as nádegas de Desgranges. "Estou convencido que se pode ir ainda mais longe do que isso".

"Mais longe"? disse o Duque que nesse momento maltratava o traseiro descoberto de Adelaide, sua esposa no dia. "E que diabo seria preciso fazer"?

"Pior"! respondeu Curval, com uma espécie de silvo em sua voz. "Parece-me que nunca se explora suficientemente o possível".

"Concordo inteiramente com o Presidente", falou Durcet, então ocupado em enrubar Antinous, "e tenho a impressão de que minha mente é capaz de novos progressos em relação a todas essas habilidades sujas".

"Acho que sei o que Durcet quer dizer", disse o Bispo que, de momento, estava desocupado, ou antes, não começara ainda a operar.

"Bem, que diabo quer ele dizer"? perguntou o Duque.

Então o Bispo levantou-se e foi a alcova de Durcet, os dois cochicharam, o Bispo foi então junto de Curval, e este último disse.

"É isso, exatamente"! E depois o Bispo falou no ouvido do Duque.

"Putá merda", Sua Alteza exclamou, "nunca pensaria nessa".

Como os cavalheiros nada mais disseram que pudesse lançar luz na coisa, não temos maneira de saber exatamente o que Durcet quis dizer ou o Duque declarou que nunca teria pensado. E mesmo que soubéssemos, julgo que seria de bom aviso mantermos a coisa estritamente para nós próprios, pelo menos no interesse da modéstia, pois há um número de coisas que se devem apenas indicar, a circunspeção prudente determina q e se ponha um freio na língua; há coisas, não há. como ouvidos castos, podem encontrar-se de vez em quando, e estou absolutamente convencido que o leitor já teve ocasião de nos ser grato pela discrição que empregamos a este respeito; quanto mais nos ler, mais segura será nossa reivindicação a seu mais sincero louvor em sua cabeça, ora, claro, temos a impressão de já nesta fase inicial lho podemos garantir. Bem, seja o que for que se possa dizer, cada um tem sua própria alma para salvar, e que castigo não merecem, neste mundo e no outro, os que imoderadamente se deleitam divulgando todos os caprichos, todas as fantasias e gostos, todos os horrores clandestinos a que os homens ficam sujeitos quando sua imaginação é livre e se incendia? Seria revelar segredos que devem ser mergulhados na obscuridade para bem da humanidade, seria empreender a corrupção geral das maneiras e precipitar os irmãos de Jesus Cristo em todas as extravagâncias que tais quadros possam ilustrar em cores e profusão muito vivas: e Deus, Que vê até as profundezas de nossos corações, esse poderoso Deus Que fez o céu e a terra e Que um dia nos deve julgar, só Deus sabe se tempos algum desejo de ser por Ele censurados por nossos crimes.

Os Senhores deram os toques finais nalguns horrores que tinham começado; Curval, para citar um exemplo, mandou Desgranges cagar, os outros ocuparam-se com a mesma distração, ou com outras não muito melhores, e Suas Senhorias foram então para a ceia. Durante as orgias Duclos, ao ouvir os amigos discutirem a nova dieta a que aludimos anteriormente, cujo propósito era tornar a merda mais abundante e mais delicada, nas orgias, dizia, Duclos observou que estava verdadeiramente surpreendida por ver connaisseurs como os Senhores ignorando o segredo mediante o qual os montes de merda ficam mais gostosos e são mais

abundantes. Interrogada a respeito das medidas que deviam ser adotadas, a narradora disse que era necessária apenas uma: os súditos deviam apanhar uma indigestão; não havia necessidade de os obrigar a comer aquilo de que não gostassem ou que lhes fosse prejudicial, mas, obrigando-os a comer depressa e entre as refeições, os resultados desejados poderiam ser obtidos sem demora. A experiência foi executada nessa mesma noite: Fanny foi acordada - - ninguém lhe prestara atenção, e fora dormir depois da ceia — recebeu ordens para comer imediatamente quatro grandes bolos, e na manhã seguinte forneceu um dos maiores e mais bonitos montes que até então tinham conseguido arrancar a adorável criança. O sistema sugerido por Duclos foi portanto aprovado, embora mantivessem sua decisão de suspender o pão; Duclos disse que era muito sensata a decisão de eliminar o pão; os frutos produzidos por seu método, disse a narradora, seriam apenas melhores. A partir de então não passou um dia sem que gentilmente perturbassem a digestão das bonitas crianças, de uma maneira ou de outra, e os resultados foram simplesmente além de tudo que se possa imaginar. Menciono isto de passagem, para que se algum amador se dispuser a usar a fórmula, possa ser firmemente persuadido de que não há melhor.

Nada tendo o resto da noite trazido de extraordinário, todo mundo se retirou a fim de estar bem repousado no casamento do dia seguinte: a brilhante união destinava-se a unir Colombe a Zélamir, e essa cerimônia era a base das celebrações do festival da terceira semana.

## O VIGESIMO PRIMEIRO DIA

As preparações para cerimônia começaram de manhã cedo; foram da espécie usual mas, e não faço a menor idéia se foi por uma questão de sorte, a inspeção mostrou sinais de mau comportamento por parte da jovem noiva. Durcet declarou que encontrou merda em seu vaso de noite: ela negou o fato, asseverando que, para a fazer castigar, a duenha fizera a coisa durante a noite, e que as governantas muitas vezes plantavam tal evidência quando desejavam envolver as crianças em dificuldades. Bem, ela defendeu-se muito eloquentemente e sem qualquer resultado, pois não foi cuidadosamente ouvida, e como seu noivo estava já na lista, a perspectiva de corrigir os dois foi motivo de grande júbilo.

Não obstante, os jovens noivos, depois de dita a missa, foram conduzidos com grande pompa ao salão onde a cerimônia seria completada antes da refeição: eram ambos da mesma idade, e a menina foi entregue nua a seu maridinho, a quem foi permitido que fizesse com ela o que desejasse. Há alguma voz tão forte como a do exemplo? Enão era em Sillibg que era possível receber exemplos muito maus e os mais contagiosos? O jovem correu como uma seta para seu alvo, montou em sua jovem esposa, e como seu pau estava grandemente endurecido, embora ainda não capaz de uma descarga, teria inevitavelmente enfiado sua lança na menina... mas brando que fosse o prejuízo causado, a fonte de toda a glória dos Senhores não permitia que nada afetasse a tenra flor que apenas eles desejavam colher. E por isso foi o Bispo quem deteve a impetuosa carreira do rapaz, e aproveitando sua ereção, imediatamente enfiou em sua bunda o engenho muito bonito e já muito bem formado com o qual Zélamir estivera a ponto de sondar sua jovem esposa. Que desapontamento para o rapazinho, e que discrepância entre a velha janela rebentada e esburacada do Bispo e a boceta apertada e limpa de uma pequenina virgem de treze anos! Mas Zélamir tinha que tratar com pessoas surdas aos argumentos do senso comum. Jantaram, os recém-casados compareceram a refeição que nesse dia foi servida pela nata dos súditos, isto é, Augustine, Zelmire, Adonis, e

Zéphyr. Curval quis endireitar-se de novo, precisava em absoluto de um pouco de merda, e Augustine disparou o mais perfeito artefato que o poder humano possa criar: O Duque fêz-se chupar por Zelmire, Durcet por Colombe, o Bispo por Adonis. Estes último cagou na boca de Durcet depois de ter despachado o Bispo. Mas nem sinais de esperma; estava-se tornando raro, não tinham exercido a menor restrição no começo das férias, e como realizavam a extrema necessidade de semente que teriam no final, os Senhores estavam ficando mais frugais. Foram depois para o auditório, onde a majestosa Duclos, convidada a exhibir sua bunda antes de começar, expôs esse impecável conjunto, o mais libertinamente, aos olhos da assembléia, e começou a falar:

"Eis mais um traço de meu caráter. Senhores, disse a sublime mulher; depois de vos ter familiarizado o suficiente com ele, os senhores serão suficientemente gentis para julgarem o que tenciono omitir daquilo que lhes vou dizer ... e me dispensarão, estou certa, de ter que falar mais a meu respeito.

A mãe de Lucille estava na miséria mais degradante, e só graças a uma espantosa manifestação de sorte essa encantadora moça, que não tinha notícias de sua mãe desde que fugira de sua casa, soube de sua extrema doença: uma de nossas procuradoras de rua — empenhada na busca de uma moça para um cliente que partilhava dos gostos e desígnios do Marquês de Mesanges, isto é, que desejava fazer uma compra pura e definitiva — uma de nossas procuradoras veio comunicar-me, no momento em que me encontrava na cama com Lucille, que encontrara uma menina de quinze anos de idade, sem dúvida virgem, extremamente bonita e, disse, muito parecida com Mademoiselle Lucille; sim, continuou, como duas ervilhas, mas essa garotinha estava numa condição tão desgraçada que precisaria de ser cuidada e engordada durante alguns dias antes de ficar apta para o mercado. E depois disso fez uma descrição da mulher idosa com quem fora descoberta a criança, e da pavorosa indignação em que a mãe se encontrava; por certos traços, detalhes da idade e do aspecto, por tudo que ouvi a respeito da filha, Lucille teve a impressão de que as pessoas discutidas podiam muito bem ser sua mãe e irmã. Sabia que saíra de casa quando esta última era ainda muito nova, e por isso era difícil ter a certeza da coisa, e pediu minha permissão para ir verificar suas suspeitas.

Nesse momento meu espírito infernal concebeu um pequeno horror; seu efeito incendiaria meu corpo. Dizendo a procuradora que abandonasse o quarto, e sendo incapaz de resistir a fúria que percorria meu sangue, comecei por pedir a Lucille que esfregasse minha boceta. Depois, parando no meio da operação:

"Para que quer você ir ver essa mulher"? perguntei a Lucille; "que se propõe fazer"?

"Ora, não entende", disse Lucille, cujo coração não estava ainda desenvolvido, "há certas coisas que se devem fazer... devo ajudá-la se puder, e acima de tudo se for minha mãe".

"Idiota", murmurei, afastando-a de mim, "ir sacrificar-se apenas a seus odiosos preconceitos populares, e por não ter coragem de os enfrentar, ir perder a oportunidade incrivelmente melhor de irritar seus sentidos com um horror que a fará descarregar durante dez anos".

Confusa com minhas palavras, Lucille olhou para mim, e vi que precisava de explicar-lhe esta filosofia, pois aparentemente não tinha a menor noção da mesma. Fiz-lhe então uma preleção, fi-la compreender a baixeza dos laços com que procuram prender-nos aos autores de nossos dias; demonstrei-lhe que por nos ter trazido em sua barriga, em vez de merecer

gratidão, a mãe merece apenas ódio, pois foi apenas para seu prazer e ao risco de nos expor a todos os males e tristezas que o mundo nos reserva que deu a luz, com o único objeto de satisfazer sua brutal lubricidade. A isso acrescentei praticamente tudo que me pareceu útil para apoiar a doutrina que o pensamento correto dita, e que o coração nos ordena quando não é possuído das manifestações de estupidez embebidas na infância. "E que lhe importa", acrescentei, "que essa criatura seja feliz ou desgraçada? A situação dela tem alguma coisa a ver com a sua?"

Afeta você? Trate de libertar-se desses laços imbecis cujo absurdo acabo de lhe provar, e portanto isolando inteiramente essa criatura, separando-a radicalmente de você, você não só reconhecerá que seu infortúnio é coisa que lhe não interessa, mas que pode até ser excessivamente voluptuoso piorar sua situação. Porque, afinal das contas, você deve-lhe seu ódio, isso é claro, e assim tiraria sua vingança; você estaria fazendo aquilo que os idiotas chamam uma má ação, e você conhece a imensa influência que o crime exerce nos sentidos. E portanto há duas fontes de prazer nos ultrajes que eu gostaria que você lhes infligisse: os doces deleites da vingança, e os que sempre se sentem quando se pratica o mal".

Fosse porque empreguei uma maior eloquência em exortar Lucille do que em relatar-lhes agora o fato, ou porque seu espírito já muito libertino e corrupto instantaneamente notificou seu coração da voluptuosa promessa contida em meus princípios, ela aprovou-os, e vi suas adoráveis faces corarem em resposta a chama libertina que nunca deixa de surgir sempre que se viola uma proibição, ou elimina alguma restrição.

"Está bem", murmurou, "que vamos fazer"?

"Divertir-nos com ela", respondi, "e ganhar algum dinheiro ao mesmo tempo; quanto ao prazer, pode contar com ele se adotar meus princípios. E quanto ao dinheiro, a mesma coisa se aplica, pois posso fazer uso de ambas sua velha mãe grisalha e sua irmãzinha; arranjo duas pessoas diferentes que provem muito lucrativas".

Lucille aceita, esfrego-lhe a boceta o melhor que sei para a excitar a cometer o crime, e voltamos todos nossos pensamentos para a ação que estamos planejando. Permitam que primeiro esboce um deles, uma vez que merece ser incluído na categoria das paixões que tenho de discutir, embora tenha de alterar a cronologia exata a fim de o encaixar na seqüência dos eventos, e depois de ter relatado esta primeira parte de meu esquema, esclarecerei a segunda.

Havia um homem, bem colocado na sociedade e extremamente rico, influente, e que tinha um desarranjo mental que ultrapassa tudo que as palavras possam dizer; como eu o conhecia apenas por Conde, permitiam que, por muito bem informada de seu nome que possa estar, simplesmente o designe pelo título. O Conde tinha mais ou menos trinta e seis anos, e todas suas paixões tinham atingido o clímax do vigor; não tinha fé nem lei, deus ou religião, e era dotado, acima de tudo, como Vossas Senhorias, de um invencível horror por tudo que fosse sentimento de caridade; costumava dizer que compreender tal sentimento era coisa além de seu alcance, e que não concordaria nem um instante com a noção de que alguém se atrevesse a ultrajar a Natureza a ponto de perturbar a ordem que ela impôs quando criou diferentes classes de indivíduos; a mera idéia de elevar uma dessas classes mediante almas ou ajuda, e assim derrubar outra, a idéia de devotar somas em dinheiro, não a coisas agradáveis que pudessem proporcionar prazer, mas antes a essas empresas absurdas e revoltantes de socorro, tudo isto considerava um insulto a sua inteligência ou um mistério que sua sabedoria não podia entender. Completamente instilado, mais ainda, penetrado que estava por essas



opiniões, pensava ainda mais longe; não só derivava o deleite mais apurado recusando ajuda aos necessitados, como melhorava o que era já um êxtase perseguindo de modo ultrajante os humildes e donetes. Um de seus maiores prazeres, por exemplo, consistia em fazer pesquisas meticulosas nas regiões escuras e sombrias onde a indigência faminta consome as migalhas que ganha a custa de terríveis sacrifícios, e der-rama lágrimas na miséria das mesmas. Ficava de pau duro pensando nos prazeres que tal espetáculo lhe proporcionava, mas até... mas até em agravar sua causa, e sempre que possível, em roubar a parca substância que conservava os miseráveis entre os vivos. E este gosto não era capricho, fantasia leve, era uma fúria; costumava dizer que não conhecia deleite mais penetrante, nada que com maior sucesso o despertasse, inflamasse sua alma, do que os excessos de que falo. Tampouco sua cólera era, um dia me garantiu, fruto de depravação; não, fora possuído por essa mania desde seus tenros anos, e seu coração, perpetuamente endurecido contra os queixumes da miséria, nunca concebera sentimentos mais gentis ou brandos para com a mesma.

Como é da maior importância que os Senhores conheçam o indivíduo, é preciso começar por saber-se que o mesmo homem tinha três paixões diferentes: aquela que vou relatar, outra que Martaine explicará mais tarde quando se referir ao mesmo personagem, e uma terceira, mais atroz ainda, que Desgranges reservará sem dúvida para o final de sua contribuição, como indubitavelmente uma das mais impressionantes em sua lista. Mas, comecemos pela da minha. Assim que informei o Conde do ninho de miséria que para ele descobrira, dos habitantes desse ninho, foi transportado de alegria. Mas acontece que alguns negócios, intimamente ligados a sua fortuna e que tinham grande importância em seu progresso, que tinha grande cuidado em não negligenciar, pois o achava indispensável a sua má conduta, negócios, dizia, iam ocupar toda a sua atenção durante as duas semanas e como não queria deixar a garota escapar pelos dedos, preferiu sacrificar o prazer que a primeira cena lhe prometia, e ficar com a certeza de gozar a segunda. E assim me ordenou que fizesse raptar a criança a qualquer preço, mas sem demora, e a mandasse depositar no endereço que me indicou. E para não os manter durante mais tempo em suspenso, o endereço, Senhores, era o de Madame Desgranges, pois ela era a agente que o fornecia de material para a sua terceira espécie de festas secretas. E agora voltemos aos objetos de todas as nossas manobras.

Até então, pouco mais tínhamos feito do que localizar a mãe de Lucille, para palco da cena de reconhecimento entre mãe e filha, e para estudo dos problemas associados ao rapto da menininha. Lucille, bem ensinada em seu papel, apenas cumprimentou sua mãe para a insultar, para dizer que graças a ela fora lançada na libertinagem, e a essas acrescentou mil outras observações desagradáveis semelhantes, que desfizeram o coração da pobre mulher e arruinaram o prazer da descoberta de sua filha. Durante esta primeira entrevista, pensei ter visto a maneira apropriada de falar com a mulher, e acentuei que, tendo salvo sua filha mais velha de uma existência impura, não me importava de fazer a mesma coisa a outra mais jovem. Mas o estratagema não resultou, a pobre coitada começou a chorar e disse que nada no mundo a induziria a separar-se do único tesouro que lhe restava, que a garotinha era seu único recurso, ela própria era velha, doente, que a criança cuidava da mãe, e que ser privada da mesma seria perder a própria vida. Perante isso, Senhores, devo confessar, e faço-o com vergonha, senti uma leve agitação nas profundezas de meu coração; dizia-me que meu prazer voluptuoso apenas aumentaria com os horríveis refinamentos que decidi dar a meu premeditado crime, e tendo dito a velha senhora que pouco tempo depois sua filha lhe faria uma visita na companhia de homem de grande influência que talvez lhe pudesse ser útil, partimos, e dediquei todos meus esforços a empregar os atrativos e artifícios a que

geralmente recorria para minhas caçadas. Examinei cuidadosamente a garotinha, ela valia qualquer sacrifício meu: quinze anos de idade, figura bonita, pele adorável e feições muito lindas. Chegou três dias mais tarde, e depois de ter examinado todas as partes de seu corpo e de ter achado tudo encantador, adorável e muito limpo, a despeito da má alimentação a que há tanto estava sujeita, passei-a para Madame Desgranges: esta transação marcou o início de nossas relações comerciais.

Resolvidos seus negócios privados, nosso Conde reapareceu; Lucille acompanha-o a casa da mãe, e é nesse momento que começa a cena que quero descrever. A velha mãe estava de cama, o quarto não tinha aquecimento embora se estivesse então no meio de um inverno rigoroso; ao lado de sua cama um jarro de madeira continha leite. O Conde mijou no jarro assim que entrou. Para evitar qualquer possível complicação, e para se sentir senhor incontestado do forte, o Conde deixou dois de seus guardas, um par de rapazes fortes, nas escadas, os quais ofereciam um sério obstáculo a quaisquer entradas ou saídas indesejáveis.

"Minha querida e velha puta", disse o Conde, "viemos aqui com sua filha, está vendo aqui, e uma grande puta por sinal, pela minha alma; viemos aqui, estava dizendo, para libertar o que a atormenta, miserável leprosa que você é, mas antes de a podermos ajudar, você precisa dizer-nos o que está faltando. Bem, fale", disse o Conde, sentando-se e começando a palpar as nádegas de Lucille, "vamos, especifique seus sofrimentos".

"Infelicidade", disse a boa mulher, "o senhor vem aqui com essa megera não para me ajudar mas para me insultar".

"Megera? Que é isso", disse o Conde, "você atreve-se a insultar sua filha? Por Deus", continuou, pondo-se de pé e arrastando a velha coisa para fora da cama, "saia dessa cama, ponha-se de joelhos, e peça perdão pela linguagem que acaba de empregar".

Não havia maneira de resistir.

"E você, Lucille, levante suas saias e deixe sua mãe beijar suas nádegas, tenho certeza de que não quer outra coisa, pois deve estar ansiosa por uma reconciliação com você".

A insolente Lucille esfrega sua bunda na cara enrugada e vincada de sua querida e velha mãe; esmagando-a com uma tirada de epítetos brincalhões, o Conde deixa a pobre mulher engatinhar de volta para a cama. e continua então a conversação. — "Digo-lhe uma vez mais, que se me contar todas as suas dificuldades, terei todos os cuidados com você".

Os desgraçados são crédulos; e adoram lamentar-se. A velha mulher confidenciou todos os seus sofrimentos, e queixou-se, especialmente, com grande mágoa, do roubo da filha; acusou seriamente Lucille de ter ligações com o caso e de saber onde se encontrava então a criança, em virtude da senhora com quem ali estivera ter proposto tomá-la a seus cuidados; essa era a base de sua suspeita (e havia considerável lógica na maneira como punha o problema) de que essa mesma dama a levara consigo. Entretanto, o Conde, diante da bunda de Lucille, pois nessa altura ela já tirara as saias, o Conde, dizia, beijando de vez em quando aquela bonita bunda e esfregando seu pau sem interrupção, fazia-lhe perguntas, pedia detalhes, e regulou todas as titilações de sua pérfida lascívia de acordo com as respostas da velha mulher. Mas quando ela disse que a ausência de sua filhinha, graças ao trabalho de quem até então sobrevivera, a levaria gradual mas inexoravelmente a morte, em virtude de não ter coisa alguma e de durante quatro dias mal se ter mantido viva com a pequena quantidade de leite que ele tinha acabado de estragar.

"Por que então, sua puta", disse o Conde apontando seu pau para a velha criatura e continuando a explorar as nádegas de Lucille, "ora, então vá em frente e desapareça, sua puta nojenta, você acha que o mundo fica pior sem você '?"

E ao concluir suas perguntas, soltou seu esperma.

"Se isso acontecesse", observou o Conde, "creio que só lamentaria uma coisa, e essa era não ter sido eu a precipitar o evento".

Mas havia mais do que isso, o Conde não era do tipo de homem que se apaziguasse apenas com uma descarga; Lucille, bem ciente do papel que devia representar, agora que o nobre estava aliviado, tratou de evitar que a velha mulher visse o que ele estava fazendo, e o Conde, vasculhando todos os cantos do quarto, deparou com um copo de prata, último vestígio do antigo bem-estar material da pobre desgraçada; pôs o copo em seu bolso. Tendo este novo ultraje dado nova força a seu pau, uma vez mais arrastou a velha ruína para fora da cama, tirou-lhe a roupa, e ordenou a Lucille que lhe esfregasse o pau em cima da carcaça da velha matrona. Uma vez mais, nada se podia fazer para o deter, e o vilão derramou seu esperma por cima da velha carne, redobrou seus insultos, e disse que a infeliz podia ter certeza de que, não tinha ainda terminado com ela, e que logo teria notícias suas e de sua filhinha que, era bom que soubesse, se encontrava em seu poder. Procedeu então a última descarga, seus transportes de devassidão foram inflamados pelos horrores com que sua pérfida imaginação estava já em ebulição, pela ruína da família inteira que contemplava, e partiu. Mas para não ter de voltar a este assunto, ouçam, Senhores, como me excedi a mim própria em vilania. Vendo a confiança que podia ter em mim, o Conde informou-me da segunda cena que estava preparando em benefício da velha mulher e de sua filhinha; disse-me que queria a criança sem demora, e como queria reunir a família inteira, queria que eu lhe cedesse também Lucille, pois ficara muito impressionado com sua bonita bunda; não fez esforço algum por esconder que seu propósito era arruinar também Lucille e sua bunda, juntamente com sua mãe e irmã.

Eu amava Lucille. Mas amava ainda mais o dinheiro. Ofereceu-me um preço espantoso por essas três criaturas, concordei com tudo. Quatro dias depois, Lucille, sua irmã e sua mãe foram levadas em conjunto; Madame Desgranges relatará essa reunião. Quanto a vossa fiel Duclos, continua e retoma o fio de sua história que esta anedota interrompeu; na realidade, não sabe se a deveria ter relatado um pouco mais tarde, porque, considerando o episódio muito efervescente, acredita que seria um clima adequado a sua contribuição."

"Um momento", disse Durcet, "não posso ouvir história dessas sem ser afetado, sua influência sobre mim é difícil de descrever. Estou retendo meu esperma desde o meio da história, permita-me que o liberte agora".

E correu para seu anexo com Michette, Zélamir, Cupidon, Fanny, Thérèse e Adelaide; alguns minutos mais tarde seus gritos começaram a chegar ao auditório, e logo após o início da confusão, Adelaide surgiu em lágrimas, dizendo que tudo aquilo a fazia muito infeliz, não sabendo por que motivo tinham que excitar seu marido com histórias tão pavorosas; quem as contava, Adelaide declarou, não os outros, devia por direito ser a vítima. Durante o ínterim, o Duque e o Bispo não perderam um instante, mas pertencendo ainda a maneira como operaram a classe de práticas que as circunstâncias nos compelem ainda a esconder da vista do leitor, pedimos-lhe que sofra a continuação da cortina fechada, e que nos permita passar aos quatro episódios que Duolos tinha ainda a contar antes de terminar a reunião da vigésima quinta assembléia.

"Uma semana depois da partida de Lucille, recebi um patife abençoado com uma mania muito curiosa. Avisada com alguns dias de antecedência de sua chegada, deixei acumular um grande número de montes na minha cadeira com buraco no assento, e induzi uma de minhas senhoritas a acrescentar alguns mais a coleção. Nosso homem surgiu vestido de camponês da Sabóia; era de manhã, varreu o quarto, retirou o vaso que estava debaixo da cadeira, e passou a esvaziá-lo (este esvaziamento, posso observar entre parênteses, levou um tempo considerável); quando acabou, mostrou-me como fora cuidadoso na limpeza do vaso, e pediu o seu pagamento. Mas, é claro, tudo isso fora estipulado em nosso acordo anterior, em vez de lhe dar uma moeda, peguei na vassoura e passei a surrá-lo com o cabo.

"Seu pagamento, desgraçado"? exclamo, "ora, tome o que merece". E dou-lhe pelo menos uma dúzia de bordoadas. Tenta fugir, vou atrás dele, e o libertino, cujo momento crítico chegou, descarrega correndo pelas escadas abaixo, berrando que lhe estão quebrando a cabeça, que o querem matar, que estava na casa de uma sem-vergonha, que ela não é de maneira alguma a mulher honesta que parecia, etc.

Outro trazia, numa pequena caixa de bolso, um pequeno stick cheio de nós que conservava para um propósito invulgar; queria que eu enfiasse a varinha no canal de sua uretra e, tendo-a mergulhado até sete centímetros, a esfregasse com toda a força, e com a minha outra mão puxasse a pele do prepúcio para baixo, e lhe esfregasse seu pobre dispositivo. No instante em que descarregava, queria que eu tirasse a varinha, levantasse minha saia na frente, e ele descarregou em meu montículo.

Seis meses mais tarde tive de haver-me com um abade que me mandou segurar uma vela acesa, e deixar cair as gotas da cera derretida direta-mente em seu pênis e testículos; a sensação que esta cerimônia provo-cava, era suficiente para provocar sua descarga. Sua máquina não necessitava de ser tocada, mas ficava murcha durante todo o tempo; antes de produzirem esperma, seus órgãos genitais precisavam de uma tal camada de cera derretida, que ficavam irreconhecíveis como parte da anatomia humana.

Esse eclesiástico tinha um amigo que adorava ter sua bunda perfurada por um número enorme de alfinetes de ouro, e quando assim decorado, mais parecendo seu quarto traseiro uma almofada de costura do que uma bunda comum, sentava-se para melhor saborear o efeito desejado e, apresentando-lhe minhas nádegas bem abertas, retorcia seu membro e descarregava em meu ânus. "Durcet", disse o Duque, "gostaria imenso de ver essa doce bunda rechonchuda que você tem, forrada com alfinetes de ouro, ah, sim. Estou persuadido de que seria mais interessante do que nunca". "Vossa Graça", disse o financeiro, "sabe que há quarenta anos é minha glória e honra imitar todas as suas coisas; pelo que apenas precisa de ter a bondade de me dar o exemplo, e dou-lhe minha palavra de que o seguirei".

"Escama do lombo de Deus"! exclamou o bom Curval, que até então nada tinha dito, "por sua sagrada semente, declaro que essa história acerca de Lucile me deixou de pau duro! Já tive minha paz, mas minha cabeça nem por isso deixou de trabalhar. Olhem aqui", disse ele, exibindo seu pau endurecido, "vejam se não estou falando verdade. Tenho uma impaciência furiosa por ouvir a continuação dessas três bruxas; tenho as mais elevadas esperanças de que se encontrem umas as outras numa sepultura comum".

"Calma, calma", disse o Duque, "não antecipemos os eventos. Se não estivesse de pau duro, o Senhor Presidente não teria tanta pressa em ouvir falar de rodas e forcas. Você parece-se com um grande número de servidores da Justiça, cujos paus, dizem, se levantam todas as vezes que pronunciam uma sentença de morte".

"Deixe a magistratura em paz", respondeu Curval, "o fato subsiste de que estou encantado com os feitos de Duelos, que a acho uma moça encantadora, e sua história do Conde deixou-me em estado pavoroso, e nesse estado, dizia, facilmente me podiam persuadir a sair daqui, parar uma carruagem na estrada, e roubar seus ocupantes".

"Ah, Presidente, cuidado", disse o Bispo, "cuidado com isso, meu querido amigo, pois caso contrário deixamos de estar em segurança. Um deslize assim, e o mínimo que poderíamos esperar, seria o nó para todos nós".

"O nó? Ah, o nó, sim... mas não para nós. Contudo, não nego nem um minuto que não condenasse com satisfação essas jovens mulheres a forca, e especialmente a Senhora Duquesa que está deitada em meu sofá como uma vaca e que, só porque tem uma colher de sopa de esperma modificado no ventre, julga que ninguém se atreve a tocar-lhe."

"Oh", Constance disse, "não é seguramente com o Senhor que conto para ser respeitada por causa de meu estado. Seu ódio das mulheres grávidas é notório demais".

"Um ódio prodigioso, não é"? disse Curval com uma gargalhada, "ora, realmente prodigioso".

E, transportado por entusiasmo, estava, acredito, a ponto de cometer algum sacrilégio contra aquela soberba barriga, quando Duelos interveio.

"Venha, Senhor, venha comigo", disse a narradora; "uma vez que fui a causadora da mágoa, gostaria de repará-la".

E juntos passaram ao anexo íntimo, seguidos de Augustine. Hébé, Cupidon e Thérèse. Não demorou muito para os gritos do Presidente ecoarem pelo castelo, e a despeito de todas as atenções de Duclos, a pequena Hébé voltou chorando da confusão; havia mesmo mais do que lágrimas, mas não nos atrevemos ainda a revelar o que a deixaria toda trêmula. Um pouco de paciência, leitor amigo, e logo nada esconderemos de seu olhar inquiridor."

E agora é o próprio Curval que volta, resmungando entre dentes, e acusando todas aquelas leis de não deixarem um homem descarregar a sua vontade, etc.; Suas Senhorias sentaram-se a mesa. Depois da ceia retiraram-se para aplicar os castigos relativos aos atos de mau comportamento acumulados durante a semana, mas os culpados dessa noite não eram em grande número: somente Sophie, Colombe, Adelaide e Zélamir mereciam corretivo, e receberam-no. Durcet, que desde o início da noite ficara muito quente, e particularmente inspirado por Adelaide, não lhe deu quartel; Sophie, descoberta derramando lágrimas durante a história do Conde, foi punida por essa falta bem como pela outra anterior, e o Duque e Curval, nós compreendemos, trataram os nubentes do dia, Zélamir e Colombe, com uma severidade que quase raiou a barbaridade.

O Duque e Curval, em esplêndida forma e singularmente bem dispostos, disseram que não se queriam recolher, e mandando buscar uma grande quantidade de bebidas, passaram a noite bebendo com as quatro narradoras e Julie, cuja libertinagem, aumentando todos os dias, lhe dava o ar de uma criatura muito amável que merecia ser incluída no numero dos objetos por quem os Senhores tinham alguma consideração. Na manhã seguinte, enquanto fazia suas inspeções, Durcet encontrou os sete perdidos de bêbedos. A moça nua foi descoberta alojada entre seu pai e seu marido e numa posição que não evidenciava virtude ou decência de libertinagem; era óbvio ao financista que (para não deixar o leitor em suspenso durante mais tempo) ambos a tinham aproveitado simultaneamente. Duclos, que, ao que tudo aparentava, funcionara como um instrumento do crime, estava esparramada perto do trio compacto, e as

outras deitadas numa grande confusão no canto oposto à lareira, que alguém tivera o cuidado de conservar acesa durante a noite inteira.

# O VIGESIMO SEGUNDO DIA

Como resultado das bacanais da noite anterior, muito pouco se conseguiu realizar no dia vinte e dois de novembro; foi esquecida mais de metade dos exercícios habituais, ao jantar os Senhores pareciam tontos e só depois do café começaram a recuperar seus sentidos. O café foi-lhes servido por Rosette e Sophie, Zélamir e Giton. Num esforço para se reencontrar a si próprio, Curval mandou Giton cagar, e o Duque saboreou o monte de Rosette; o Bispo fêz-se chupar por Sophie, Durcet por Zélamir, mas ninguém descarregou. Zelosamente se deslocaram para o auditório; a impecável Duclos, fraca e tonta depois dos excessos do dia anterior, tomou seu lugar com olhos fatigados, e suas histórias foram tão greves, continham tão poucos episódios, foram relatadas perante uma indiferença tão grande da assistência, que resolvemos fornecê-las, e em nome do leitor, esclarecer o discurso um tanto confuso que ela fez a nossos amigos.

De acordo com a prescrição contou cinco paixões: a primeira foi a de um homem que mandava esfregarem-lhe a bunda com uma seringa de lata cheia de água quente, a qual era injetada em seu fundamento no instante da ejaculação; nada mais era necessário para obter esse efeito, não necessitava do ministério de mais ninguém.

O segundo homem tinha a mesma mania, mas queria usar um número muito maior de instrumentos; inicialmente pedia um muito diminuto, depois aumentava gradualmente o calibre, ascendendo a escala em milímetros de cada vez, até atingir uma arma com as dimensões de uma verdadeira peça de artilharia, e somente descarregava depois de receber uma torrente de sua boca.

Muito mais e misterioso era necessário para agradar o paladar do terceiro: no início do jogo, mandava introduzir um enorme instrumento em sua bunda, depois era o mesmo retirado, então cagava, comia o que acabava de produzir, e depois queria ser flagelado. Depois de administrada a flagelação, era altura de voltar a inserir o formidável dispositivo em seu reto, novamente removido após, e chegava então o momento da puta cagar, e para variar, esta voltava a empunhar o chicote e vergastava-o enquanto o homem comia o que ela acabava de soltar; mais uma vez, a terceira, sim a terceira, o instrumento era enfiado e isso, juntamente com o monte que acabava de comer, era suficiente para completar sua felicidade. Em sua quarta história, Duelos fez menção a um homem que gostava que lhe amarrassem todas as suas articulações com um barbante; para tornar sua descarga ainda mais deliciosa, seu próprio pescoço era comprimido, e, meio sufocado, disparava seu esperma diretamente no ânus da puta.

E em sua quinta história, a narradora referiu-se ao indivíduo que costumava atar apertadamente um fio a sua glande; a moça, nua, passava a outra ponta do fio entre suas coxas, e afastava dele, retesando o fio e dando-lhe uma visão completa de sua bunda; o homem então descarregava.

Verdadeiramente exausta depois de cumprir sua obrigação, a narradora pediu licença para se retirar, a qual lhe foi concedida. Foram dedicados uns momentos mais a comentários a respeito disto e daquilo, e os quatro libertinos foram então cear, mas todos sentiram os efeitos da desordem de nossos dois atores principais. Nas orgias foram tão prudentes e comedidos como era possível a tais devassos, e a família inteira foi mais ou menos tranquilamente dormir.

# O VIGESIMO TECEIRO DIA

"Mas como é possível gritar e rosnar como você faz quando descarrega"? o Duque perguntou a Curval, depois de lhe dar os bons dias na manhã do dia 23. "Por que diabo você berra desse jeito?"

Nunca vi descargas tão violentas"?

"Ora, por Deus", Curval respondeu, "e é você que se pode ouvir a uma légua de distância, quem dirige tal censura a um homem modesto como eu? Os pequenos murmúrios que você ouve, meu bom amigo, são causados por meu sistema nervoso extremamente sensível; os objetos que excitam nossas paixões criam uma comoção tão viva no fluido carregado eletricamente que corre em nossos nervos, o choque recebido pelos espíritos animais que compõem esse fluido tem um tal grau de violência, que o mecanismo inteiro é afetado por esses efeitos, e nossa incapacidade de suprimir os gritos quando se é esmagado pelos terríveis golpes desferidos pelo prazer, é igual a que sentimos quando as poderosas emoções da dor nos assaltam".

"Bem, você define a coisa muito bem, Presidente, mas qual foi o objeto delicado que pode ter produzido tal vibração em seus espíritos animais"?

"Eu estava chupando muito energicamente o pau de Adonis, a sua boca e seu ânus, pois me causava um grande desespero a circunstância de nada mais poder fazer a meu companheiro; durante todo o tempo tirei o melhor partido da situação, Antinous, secundado por sua querida filha Julie, esforçaram-se, cada um de sua maneira, por evacuar o licor cuja saída eventual ocasionou os sons musicais que, diz você, chocaram seus ouvidos".

"E tudo correu tão bem que agora, hoje", disse o Duque, "você está fraco com um bebê".

"Não, Vossa Graça, nada disso", Curval declarou; "dignai-vos observar minha carreira, meus movimentos de hoje, e concedei-me a honra de julgar meu estilo e veemência no esporte, e ver-me-eis conduzir-me como sempre, e certamente como Vossa Senhoria".

Estavam neste ponto da conversação quando Durcet entrou anunciando que o desjejum estava servido. Passaram aos aposentos das meninas, onde as adoráveis oito pequenas gurias distribuíam xícaras de café e água quente; o Duque quis logo saber de Durcet, o administrador do mês, por que motivo estariam servindo café com água.

"Você pode tomar com leite sempre que desejar", disse o financista.

"Prefere assim agora"?

O Duque disse que sim, que preferia.

"Augustine, minha querida", disse Durcet, 'um pouco de leite na xícara do Senhor Duque, se faz favor".

Logo após a menina, preparada para qualquer eventualidade, colocou a xícara de Blangis debaixo de sua bunda, e através de seu ânus escorreu três ou quatro colheres de leite, muito claro e perfeitamente fresco. Este hábil feito produziu agradáveis gargalhadas, todo mundo pediu leite no café. Todas as bundas estavam carregadas do mesmo modo que a de Augustine: foi uma agradável pequena surpresa que o diretor social do mês reservara a seus colegas. Fanny derramou algum na xícara do Bispo, Zelmire na de Curval, e Michette na do financista; os amigos tomaram mais uma xícara de café, e as quatro outras meninas



executaram em suas xícaras a mesma cerimônia que suas camaradas tinham feito nas primeiras; e assim pôr diante; a coisa distraiu imoderadamente Suas Senhorias. Aqueceu a cabeça do Bispo; afirmou que queria outra coisa além de leite, e a adorável Sophie deu um passo em frente para o satisfazer. Embora as oito quisessem decididamente cagar, tinham sido forte-mente avisadas para se coibirem enquanto servissem o leite, e para não produzirem absolutamente mais nada.

Depois, fizeram uma visita matinal aos meninos; Curval induziu Zélamir a cagar para ele, o Duque aplaudiu o que Giton deu a luz. Dois fodehores subalternos, Constance e Rosette, proporcionaram o espetáculo na latrina da capela. Rosette era uma das pessoas em quem fora tentada a velha fórmula para promover indigestão; ao- café, vira-se atrapalhada para conservar seu leite isento de ingredientes estranhos, e agora, sentada no trono, soltou o monte mais soberbo que se pode imaginar. Duelos foi felicitada, disseram que seu sistema era um sucesso retumbante, e a partir de então passou a ser usado diariamente; nunca falhou. A conversação ao jantar foi abrilhantada pela gentileza do desjejum, tendo sido inventado e proposto um sem número de coisas da mesma espécie; talvez tenhamos ocasião de as referir na seqüência.

Depois do jantar o café foi servido por quatro súditos da mesma idade: a saber, Zelmire, Augustine, Zéphyr e Adonis. O Duque foi nas coxas de Augustine, ao mesmo tempo que lhe enfiava um polegar na bunda, Curval fez a mesma coisa com- Zelmire, mas pode ou não ter usado o polegar, sua mão não estava bem a vista; o Bispo brincou entre as coxas muito apertadas de Zéphyr, e o financista enfiou seu pau na boca de Adonis. Augustine anunciou que estava com vontade de cagar, e perguntou como queriam que produzisse um pouco de merda. A pobre coitada não podia esperar nem mais um momento, fora também exposta as experiências produtoras de indigestão. Curval chamou-a, abriu a boca, e a deliciosa criança descarregou um monstruoso presente na mesma; o Presidente engoliu-o num abrir e fechar de olhos, não sem derramar uma verdadeira torrente de esperma nas mãos de Fanchon.

"Está vendo", disse ao Duque, "vê que os divertimentos da noite não têm efeito prejudicial nos prazeres do dia seguinte? Você está ficando para trás, Senhor Duque".

"Não durante muito tempo", disse o aristocrata, a quem Zelmire, inspirada por uma urgência não menos imperiosa prestava o mesmo ser-viço que Augustine momentos antes fizera a Curval. E, sim, ao pronunciar estas palavras, o Duque tropeça, relincha e engole a merda, e descarrega como um louco.

"Basta", disse a voz severa e austera do Bispo, expoente da moderação; "pelos menos dois devem preservar sua força para as histórias".

Durcet, que, ao contrário do Duque e de Curval não se podia permitir atitudes tão perdulárias com seu esperma, concordou

entusiasticamente, e depois da sesta mais curta possível, instalaramse no auditório, onde, nos termos seguintes, a encantadora Duelos retomou sua história brilhante e lasciva:

"Por que é, Senhores, a radiante criatura perguntou, que neste mundo há homens cujos corações são tão entorpecidos, cujos sentimentos de honra e delicadeza estão tão adormecidos, que ficam satisfeitos e divertidos com o que os degrada e suja? Chega até a supor-se que sua alegria só pode ser conseguida nas profundezas do opróbrio, que, para tais homens, o deleite só pode existir naquilo que os consorcia com a desonra e infâmia. Ao que vou agora contar a Vossas Senhorias. aos vários casos que porei diante de vossos olhos a fim

de provar minhas asserções, não me respondam. dizendo que é a sensação física que constitui a fundação desses prazeres subseqüentes: sei, é claro, que a sensação física está nisso envolvida, mas pode estar-se perfeitamente certo de que não existe de maneira alguma a não ser graças ao poderoso apoio que lhe for dado pela sensação moral, e pode também ter-se certeza de que, se desse a esses indivíduos a mesma sensação física e se deixas-se de se lhe acrescentam tudo que a moral pode produzir, deixar-se-ia inteiramente de os agitar.

Muitas vezes fui visitada por um homem cujo nome e qualidade ignorava, mas que, contudo, sabia com certeza ser homem de circunstância. A espécie de mulher com quem o casava não tinha a menor importância: bonita ou feia, nova ou velha, era tudo a mesma coisa; sua companheira só precisava de desempenhar seu papel competente-mente, e esse papel era o seguinte: de modo geral visitava a casa de manhã, entrava, como por acaso, num quarto onde a mulher estava na cama, suas saias levantadas acima da cintura, e numa atitude de quem se masturba. Assim que sua presença era notada, a mulher, como se surpreendida. pulava da cama.

"Que estás fazendo aqui vilão"? perguntava de muito mau humor; "quem te deu autorização para me incomodares"?

O homem pedia perdão, suas desculpas não eram atendidas, e lançando sempre sobre ele uma torrente de invectivas ásperas e as mais contundentes, a mulher começava a vibrar-lhe furiosos pontapés no posterior, e ficava cada vez mais segura de sua pontaria porque o paciente, longe de fugir ou proteger seu traseiro, gentilmente se voltava e apresentava o alvo a um alcance fácil, embora olhando para o mundo inteiro como se desejasse apenas escapar a seu castigo e fugir do quarto. Os pontapés duplicam, clama por perdão, pontapés e pragas são a única resposta que recebe, e quando sente que está suficientemente excitado, prontamente retira o pau de dentro das calças, que até então mantivera rigorosamente abotoadas, e dando levemente três ou quatro sacudidelas com o pulso em seu dispositivo, descarrega ao mesmo tempo que foge debaixo de uma tempestade incessante de pontapés e blasfêmias. Um segundo personagem, mais duro ou mais acostumado a esta espécie de exercício, não entrava na disputa a não ser com carregadores de rua ou outros malandros consumados que quisessem suar a seu serviço. O libertino entra furtivamente enquanto seu oponente está ocupado contando seu dinheiro; o rude grita, ladrão; logo após começa a linguagem pesada e a pancadaria. Embora com o primeiro debochado, os golpes fossem um tanto espalhados por seu corpo, este, conservando suas calças em baixo, na altura dos tornozelos, deseja receber tudo bem no centro de sua bunda despida, bunda essa que tem que ser acariciada por uma boa e pesada bota, amplamente revestida de taxas e bem forrada de lama. No momento em que se sentiu próximo de descarregar, nosso cavalheiro cessou de evadir os golpes; plantado firmemente no meio do quarto, suas calças ainda abaixadas. e agitando o pau com toda a força, arrostou com os ataques do inimigo e, nessa crucial situação, desafiou-o a fazer pior, insultando-o por sua vez, e jurando que estava prestes a morrer de prazer. Quanto mais vil, mais baixo, fosse o homem que eu descobrisse para este decidido libertino, quanto mais ordinário seu antagonista, mais pesadas e sujas suas botas, mais avassalador era o êxtase de meu cliente; tinha de empregar o mesmo tato e discriminação na seleção de seu assaltante, que teria de devotar a embelezar e embonecar a mulher de outro homem.

Um terceiro gostava de se encontrar naquilo que nos bordéis se chama harém, no mesmo instante dois outros homens, pagos para fazer isso e presentes apenas com esse objetivo,

começavam uma disputa. Ambos se voltavam para o libertino, este pedia para ser poupado. ficava de joelhos, não era atendido, e um dos campeões pegava direta-mente numa bengala e começava a bater-lhe ao mesmo tempo que o homem rastejava para a entrada de outro quarto onde se refugiava. Ali seria recebido por uma mulher, que o consolaria, o acariciava como se fosse uma criança que precisa de conforto, levantava suas saias, mostrava a bunda, e o libertino, todo sorrisos, espelhava seu esperma na mesma.

Um quarto exigia as mesmos preliminares, mas assim que as bengaladas começavam a chover em suas costas, esfregava seu pau na frente de todos os presentes. Depois esta operação final era suspensa por um momento; contudo, não havia interrupção no ataque duplo de golpes e palavrões; voltava então a aquecer, masturbava-se um pouco mais, e quando percebiam que seu esperma estava prestes a voar, abriam uma janela, pegavam no homem pela cintura, e jogavam-no pela janela fora: caía num monte de feno especialmente preparado depois de uma queda de menos de dois metros. Esse era o momento crítico; fora moralmente despertado pelas preliminares acima, e seu ego físico só se revelava graças a queda; deixava sempre seu sêmen no monte de feno.

Quando se olhava pela janela, já tinha desaparecido; havia uma pequena porta escura (da qual tinha uma chave) e logo desaparecia através da mesma.

Um homem pago para esse fim e vestido como um rufião, entrava abruptamente no aposento no qual o homem que nos proporciona o quinto exemplo estava deitado com uma mulher, a quem beijava a bunda enquanto aguardava os acontecimentos. Abordando o libertino, o desordeiro, depois de forçar a porta, perguntava-lhe insolentemente que direito tinha de se meter com sua amante e depois, deitando a mão a espada, dizia ao usurpador que se defendesse. Todo confuso, o último punha-se de joelhos, pedia perdão, arrastava-se no chão, beijava-o, beijava também os pés de seu rival, e jurava que estava pronto a renunciar imediatamente a dama, pois não desejava lutar por uma mulher. O rufião, a quem a fraqueza de seu adversário tornava ainda mais insolente, chamava então covarde a seu inimigo, pessoa desprezível, filho da puta, e cachorro, e ameaçava retalhar-lhe a cara com a ponta de sua espada. E quanto pior se tornava o comportamento de um, mais humilde e vil se tornava o do outro. Finalmente, após alguns minutos de debate, o assaltante propunha um acordo a seu inimigo:

"Vejo muito bem que você é uma porcaria", dizia, "e portanto vou deixá-lo sair, mas com a condição de beijar minha bunda".

"Oh, senhor, farei o que quiser", dizia o outro, encantado com a solução. "Até a beijo mesmo que esteja cheia de merda, se quiser, desde que n me faça mal". Enfiando espada na bainha, o rufião baixa as calças, o libertino, mais do que encantado, começa a trabalhar, e enquanto o espadachim solta meia dúzia de peidos em seu nariz, o velho safado, atingindo o máximo do êxtase, liberta seu esperma e suspira de prazer."

"Todos esses excessos me parecem normais", disse Durcet num tom vacilante, pois o pequeno libertino estava de pau duro depois de ouvir todas aquelas torpezas. "Nada mais lógico do que adorar a degradação e colher deleites no desprezo. Aqueles que amam ardentemente as coisas com desonra, acham prazer em ser desonrados e devem necessariamente excitar-se quando lhes dizem isso. A torpeza é, para certos espíritos, uma sólida causa de alegria. Adoramos que nos chamem aquilo que apenas merecemos ser, e é realmente impossível saber até que ponto o homem pode ir nessa direção, desde que não sinta vergonha por coisa alguma. É uma vez mais o caso de certas pessoas doentes a quem

nada agrada tanto como a desintegração de seu corpo".

"É tudo uma questão de cinismo", foi a deliberada opinião de Curval, pronunciada ao mesmo tempo que brincava com as nádegas de Fanchon. "Quem ignora que até o castigo produz entusiasmo, e não vimos o pau de certos indivíduos se endireitar no mesmo instante em que se vêem publicamente desgraçados? Todos conhecem a história do bravo Marquês de S... que, ao ser informado da decisão dos magistrados o queimarem em efígie, tirou o pau das calças e exclamou: "Deus seja fodido. levaram anos para o fazer, mas finalmente aconteceu; coberto de opróbrio e infâmia, não estou? Oh, deixem-me, pois preciso absolutamente de descarregar; e isso fez em menos tempo do que demora a contar".

"Isso são fatos indiscutíveis", comentou o Duque, aquiescendo gravemente. "Mas podem-me explicar sua causa"?

"Reside em nosso coração", respondeu Curval. "Quando o homem se degrada, se rebaixa pelos excessos, transmite uma espécie de têmpera odiosa a sua alma, e nada pode retificar essa situação. Em qualquer outro caso a vergonha serviria de impedimento e afastá-loia dos vícios a que sua mente o aconselha a entregar-se, mas, no caso presente, essa possibilidade foi radicalmente eliminada; é o primeiro símbolo de vergonha que oblitera, a chamada inicial que definitivamente silenciou, e do estado em que nos encontramos quando se deixa de corar, ao outro estado em que se adora tudo que faz os outros corarem, não há mais do que um simples passo. Tudo que anteriormente nos afetava desagradavelmente, encontrando agora uma alma preparada de modo oposto, é metamorfoseado em prazer, e desse momento para a frente, tudo que recordar o novo estado que se adotou, só pode ser voluptuoso".

"Mas a que distância é necessário chegar na estrada do vício para se atingir esse ponto!" disse o Bispo.

"Sim, sim, é verdade", Curval reconheceu; "mas pouco a pouco vaise progredindo, e o caminho que se percorre está repleto de flores; um excesso conduz a outro, e como o coração do viajante apenas endurece a medida que avança em sua carreira, logo atinge sua meta, e o coração que antes continha algumas virtudes, não mais reconhece uma única. Acostumado a coisas mais agitadas, prontamente esquece as impressões iniciais, as brandas e amargas, as destituídas de paladar que até então o embriagavam, e como sente fortemente que a infâmia e a desonra vão ser seguramente as conseqüências de seus novos impulsos, a fim de nada ter a recear dos mesmos, começa por se familiarizar com eles. Mal os acaricia e já a eles fica preso, porque são da mesma natureza que suas novas conquistas; e então, esse coração está inalteravelmente preparado para sempre".

"E isso", observou o Bispo, "é que torna tão difícil nossa própria correção".

"Diga antes impossível, meu amigo. E como podem ter sucesso os castigos infligidos em quem se desejar reformar, uma vez que, a exceção de uma privação ou duas, o estado de degradação que caracteriza a situação em que se coloca essa pessoa quando é castigada, lhe agrada, a diverte, a delicia, e intimamente abdica o ego que chegou ao ponto de merecer ser tratado desse modo"? "Oh, que é essa glória, piada e enigma do mundo"! suspirou o Duque.

"Sim, meu amigo, um enigma acima de tudo mais", disse o grave Curval. "E foi talvez isso o que levou um indivíduo de grande sabedoria a dizer que é melhor foder sempre o homem do que tentar compreendê-lo".

E tendo a hora da ceia interrompido nossos interlocutores, sentaramse a mesa sem nada

terem feito durante a soirée. Não obstante, a sobremesa, Curval, seu pau duro como o de demônio, declarou que o diabo o carregasse se não era uma pucelagem que queria estourar, mesmo que isso lhe custasse vinte multas, e deitando mãos rudes em Zelmire, que lhe fora reservada, começou a arrastá-la para seus aposentos quando seus três colegas, colocando-se em seu caminho, lhe pediram que reconsiderasse e se submetesse a lei que ele próprio prescrevera; e, disseram, como também eles próprios tinham desejos igualmente poderosos de infringir o contrato, mas de qualquer maneira se continham, Curval devia imitá-los, pelo menos por uma questão de camaradagem. E como já tinham mandado buscar Julie, pois Curval gostava dela, a moça, ao chegar, pegou-lhe diretamente na mão, e juntamente com Champville e Clivador de Bundas, foram os quatro para o salão; os outros três amigos logo a eles se reuniram, pois estava na hora das orgias. Ao entrarem viram Curval em apuros com seus ajudantes, os quais, adotando as posições mais lúbricas e proporcionando as exortações mais libertinas, lhe provocaram finalmente a saída de seu esperma.

No curso das orgias, Durcet mandou as duenhas darem-lhe duzentos ou trezentos pontapés na bunda; para não se deixarem ficar para trás, seus pares o ordenaram aos fodedores que lhes servissem idêntica dose e, antes de se retirarem para seus aposentos, ninguém escapou de derramar mais ou menos esperma, segundo as faculdades com que a Natureza os dotara. Receando novo acesso do capricho deflorador que Curval anunciara pouco tempo antes, as duenhas foram mandadas, por uma questão de precaução, dormir nos aposentos dos meninos e das meninas. Mas a medida foi desnecessária, e Julie, que tomou conta do Presidente durante a noite inteira, entregou-o a sociedade na manhã seguinte, murcho como uma luva vazia.

## O VIGESIMO QUARTO DIA

A piedade é verdadeiramente uma doença da alma. Apliquem-se os remédios que se quiserem, a febre não desaparece, o paciente nunca se cura; tendo acesso mais fácil as almas dos miseráveis e desgraçados, porque o serem devotos os consola de suas outras doenças, é de longe muito mais difícil de curar nessas pessoas do que nas outras. Tal era o caso de Adelaide: quanto mais o panorama do deboche e da libertinagem se abria diante de seus olhos, mais se recolhia e buscava santuário nos braços do Deus confortador que ela esperava surgisse um dia e a livrasse dos males que, sabia muito bem, sua pavorosa situação ia fazer desabar em cima de sua cabeça. Ninguém mais tinha uma noção tão profunda de suas circunstâncias do que ela própria: sua mente não podia prever com mais clareza tudo que se seguiria necessariamente ao começo fatal do qual fora já vítima, embora com suavidade; compreendia perfeitamente bem que, a medida que as histórias se tornavam mais fortes, o uso que os homens faziam de si e de seus colegas, desenvolvendo-se simpaticamente, era também cada vez mais feroz. Tudo isso, a despeito de tudo que lhe diziam, a fazia procurar avidamente, tantas vezes e durante tanto tempo quanto podia, a companhia de sua adorada Sophie. Não mais se atrevia a procurá-la durante a noite; seus observadores tinham a vista apurada, eram precavidos, e tinham sido tomadas medidas drásticas para fazer gorar qualquer daquelas fugas, mas sempre que se via livre durante um momento, corria para a sua alma irmã, e nesta mesma manhã do dia que agora estamos relatando, tendo-se levantado cedo da cama do Bispo, onde passara a noite, dirigiu-se aos aposentos das meninas para falar a sua correspondente. Durcet, que em virtude de suas obrigações durante o mês se levantava também mais cedo do que os outros, ali a encontrou e declarou-lhe que nada podia fazer, não

podia ao mesmo tempo executar suas funções e ignorar a infração das regras; a sociedade teria de decidir a questão de acordo com sua vontade. Adelaide chorou, as lágrimas eram sua única arma, e a elas recorreu. O único favor que se atreveu a pedir a seu marido foi tentar evitar que Sophie fosse punida; pois a criança, afirmou, não podia ter culpa, uma vez que fora ela, Adelaide, quem a procurara, e não Sophie quem fora em busca de Adelaide. Durcet disse que relataria o fato tal como o observara, nada esconderia; ninguém tem menos inclinação para se comover do que o castigador cujo maior interesse reside em punir. E tal era o caso, é claro; havia coisa mais bonita para punir do que Sophie? Claro que não, e que motivos tinha Durcet para a poupar?

Suas Senhorias reuniram-se, o financista fez seu relato. Ali estava uma prevaricadora habitual; o Presidente recordou que, quando estava no Palácio da Justiça, seus engenhosos confrades costumavam afirmar que a reincidência no homem prova que a Natureza atua mais forte-mente nele do que a educação ou os princípios; por isso, através de erros repetidos, atesta, por assim dizer, que não é seu próprio senhor; portanto, deve ser duplamente punido — o Presidente raciocinava agora com a mesma lógica e a mesma verve inspirada que lhe tinham conquistado a admiração de seus colegas de escola, e declarou que, em sua opinião, não havia alternativa a não ser invocar a lei e punir a incurável Adelaide e sua companheira com todo rigor possível. Mas, como a lei fixava a pena de morte para aquela falta, e os Senhores estavam dispostos a divertirem-se um pouco mais com as senhoras antes de darem o último passo, satisfaziam-se chamando-as, mandando-as ajoelhar-se, e lendo-lhes o artigo que se aplicava a seu caso, chamando sua atenção para o grave risco que tinham corrido cometendo tal transgressão. Isso feito, seus juizes pronunciaram uma sentença três vezes mais severa do que a que lhes prescreveram no sábado anterior, e foram obrigadas a jurar que não repetiriam seu crime, foram advertidas de que se a mesma coisa se repetisse sofreriam a pena máxima, e seus nomes foram inscritos no registro.

A inspeção de Durcet acrescentou mais três nomes a página; dois de meninas, um dos rapazes constituíram as capturas da manhã. Tudo isso foi resultado das experiências com as indigestões; estavam dando resultados extremamente bons, mas as pobres crianças, incapazes de se agüentarem mais um momento, começavam a incorrer, uma após outra, em faltas sucessivas; tal fora a experiência de Fanny e Hébé entre as meninas, e de Hyacinthe entre os rapazes. A evidência achada em seus vasos era enorme, e Durcet brincou com a mesma durante muito tempo. Nunca houve tantos pedidos de permissão numa manhã, e ouviram-se alguns personagens subordinados amaldiçoar Duclos por ter divulgado seu segredo. Independentemente da multidão de pedidos, a licença para cagar só foi concedida a Constance, Hercule, dois fodeiros de segunda categoria, Augustine, Zéphyr e Desgranges; proporcionaram alguns minutos de distração aos Senhores, os quais se sentaram depois para jantar.

"Bem, você pode reconhecer seu erro permitindo que sua filha recebesse instrução religiosa", Durcet disse a Curval; "nada se pode fazer agora a respeito. Essas imbecilidades enraizaram-se em sua cabeça. E eu lhe disse isso, há muitos anos".

"Sinceramente", Curval disse, "pensei que o conhecimento das mesmas fosse exatamente uma nova razão para as desprezar, e que a medida que fosse crescendo, se convenceria da estupidez desses dogmas infames".

"O que você diz é muito bom para espíritos que raciocinam", disse o Bispo, "mas não se pode simplesmente esperar que dê resultado numa criança".

"Receio que tenhamos de recorrer a violência", afirmou o Duque, que sabia muito bem que Adelaide estava de ouvido a escuta.

"Oh, sim, na devida altura", Durcet concordou. "Posso garantir a essa mulher que se apenas me tiver a mim como seu advogado, será pobremente defendida no tribunal".

Oh, sei disso, Senhor"! Adelaide balbuciou entre lágrimas"; todo mundo conhece seus sentimentos a meu respeito".

"Meus sentimentos"? protestou Durcet. "Mas, minha querida esposa, talvez eu deva começar por informá-la de que nunca tive sentimentos de qualquer espécie pelas mulheres, e certamente muito menos por você, que me pertence, do que por qualquer outra. Odeio a religião, bem como todos que a praticam, e advirto-a de que, da indiferença que tenho a seu respeito, passarei muito rapidamente a aversão mais violenta se você continuar a reverenciar ilusões infames e execráveis, fantasmas que sempre foram objeto de meu desprezo mais completo. E preciso começar por se perder a cabeça para poder reconhecer um deus, e ficar-se completamente louco para venerar semelhante coisa. Em resumo, declaro, na frente de seu pai, e dos outros cavalheiros, que não há extremo a que não recorra se voltar a achá-la culpada de tal pecado. Você devia ter sido mandada para um convento se queria orar a esse Deus filho da puta; lá você poderia rezar ao veado até seu coração ficar satisfeito".

"Ah"! exclamou Adelaide, soluçando, " "freira, Grande Deus, freira, quiseram os Céus que eu fosse".

E Durcet, que no momento estava sentado na frente da esposa, aborrecido com sua resposta, jogou uma salva de prata na sua cara; tê-la-ia matado se lhe acertasse na cabeça, pois o choque foi tão violento, que o míssil ficou todo dobrado a atingir a parede.

"Você é uma criatura insolente", disse Curval a sua filha, a qual, para evitar a salva, pulara para perto de seu pai e de Antinous. "Você merece um pontapé na barriga". E afastando-a com um soco para longe:

"Vá de joelhos pedir perdão a seu esposo", disse Curval, "ou expomos você a provação mais severa que você já imaginou".

Em pranto, lançou-se aos pés de Durcet, mas este, possuído de uma ereção muito sólida resultante do arremesso da salva, e declarando que teria pago mil luízes para acertar no alvo, Durcet, disse que pensava justificar-se um castigo geral, imediato e exemplar; outro seria, é claro, aplicado no sábado, mas propôs que desta vez passassem sem os serviços das crianças ao café, e devotassem esse período a divertirem-se com Adelaide. Todos concordaram com a proposta; Adelaide,, Louison e Fanchon, a mais perversa das quatro velhas e a mais temida pelas mulheres, passaram ao salão; certas considerações obrigam-nos a pôr uma cortina no que ali se passou. Mas de uma coisa podemos estar absolutamente certos: nossos quatro heróis descarregaram durante o espetáculo, e Adelaide foi autorizada a ir para a cama. Ao leitor compete inventar as combinações e cenas de que mais gostar, e permitir que, se isso for de seu agrado, o acompanhemos diretamente ao salão do trono, onde Duclos está preparada para recomençar sua narrativa. Todos os amigos tomaram seus lugares perto das esposas, todos, isto é, menos o Duque, a quem Adelaide cabia nessa tarde, e que a fez substituir por Augustine; todos então prontos, Duclos começa a falar. Um dia, disse a talentosa oradora, ao afirmar a uma de minhas colegas procuradoras que seguramente já vira tudo que era possível ver de mais furioso, a título de flagelação passiva, por ter já flagelado e visto outras fazerem o mesmo a homens com picos e vergalhos: "Oh, por Deus", minha colega

respondeu, "ainda lhe falta ver muita coisa, minha querida, e para a convencer de que você está longe de ter visto o pior, vou mandar-lhe um de meus clientes amanhã".

E tendo-me avisado da hora da visita, e advertido do ritual desejado pelo velho comissário dos correios cujo nome, agora me lembro, era Monsieur de Grancourt, fiz todos os preparativos e aguardei nosso homem; devia dar-lhe minha atenção pessoal, assim ficara combinado. O homem chega na casa, e depois de nos termos retirado para um quarto:

"Senhor", digo eu, "lamento profundamente ter de fazer a revelação seguinte, mas sou obrigada a informá-lo de que se encontra prisioneiro e não pode deixar este lugar. Mas lamento dizer que o Parlamento delegou em mim prendê-lo e castigá-lo, e a Legislatura assim deliberou, e tenho sua ordem em meu bolso. A pessoa que mandou o Senhor ao meu encontro armou-lhe uma cilada, pois conhecia muito bem as implicações de sua vinda a este lugar, e podia sem sombra de dúvida ter evitado esta cena. Quanto ao resto, o Senhor conhece os fatos no caso: não é com impunidade que se perpetram os crimes tenebrosos e pavorosos que cometeu, e considero-o involgarmente feliz por escapar com tão pouco".

Meu homem ouviu o discurso com a mais profunda atenção, e assim que terminei, irrompe em lágrimas e ajoelha-se a meus pés, implorando-me que tenha piedade".

"Bem sei", diz, "que me comportei muito mal. Sei que afrontei Deus e a justiça; mas uma vez que é você, minha doce senhora, a pessoa nomeada para me castigar, suplico fervorosamente sua indulgência a meu respeito".

"Senhor", respondi, "cumprirei meu dever. Como pode estar certo de que eu própria não esteja sendo observada de perto? Que o faz supor que está ao meu alcance responder a seus apelos de compaixão misericordiosa? Tire suas roupas e adote uma atitude dócil, é tudo que lhe posso dizer".

Grancourt obedeceu; num ápice estava tão nu como a palma da mão. Mas, grande Deus! que corpo era aquele que oferecia a meus olhos! Só posso comparar sua pele a tafetá franzido. Em todo aquele corpo, marcado em todos os lugares, não havia nem um ponto que não tivesse as terríveis marcas do chicote.

Entretanto, pusera no fogo um azorrague de ferro, guarnecido de pontas de aço; recebera a arma durante a manhã, juntamente com as instruções finais. O instrumento assassino atingira já uma cor vermelha brilhante no momento em que Grancourt despia sua última costura de roupa. Retirei o azorrague das brasas e, começando a bater-lhe com o instrumento, suavemente no começo, depois com severidade crescente, finalmente com toda minha força, e isso independentemente do lugar onde meus golpes acertavam, rasgando-o do pescoço aos calcanhares, fiz meu homem escorrer sangue num instante.

"Você é um vilão", disse-lhe quando o azorrague sibilava em seu corpo, "você é um vilão e cometeu todas as espécies de crimes. Nada é sagrado para você, e ouvi recentemente contar que envenenou sua mãe".

"É verdade, Senhora, ah, é mais que verdade. Sou um monstro. Sou um criminoso", disse enquanto esfregava seu pau. "Não há infâmia que não tenha perpetrado e estou preparado para fazer de novo. Ouça, seus golpes são completamente em vão, nunca me emendarei, o crime delicia-me demais. Você precisava matar-me para pôr fim a minha alegria; o crime é o meu elemento, é a minha vida, vivi no crime, nele morrerei".

E os Senhores podem imaginar como, inspirando essas suas observações meu braço e



minha língua, redobrei meus golpes e invectivas. A palavra "esperma" escapou, contudo, de seus lábios: era o sinal: ponho todo meu vigor e tento atingir suas partes mais sensíveis. Salta, dança, pula e dá cambalhotas, escapa-me e, descarregando, mergulha numa banheira de água quente especialmente preparada para o purificar depois do cerimonial sangrento. Ah, por minha alma, sim! cedi a minha colega a honra de ter visto mais coisas daquelas do que eu, e acredito que as duas pudéssemos dizer na época que tínhamos visto mais do que o resto de Paris, porque as necessidades de nosso Grancourt nunca variavam, e durante mais de vinte anos freqüentara o estabelecimento daquela mulher para se submeter ao mesmo tratamento.

Pouco tempo depois, a mesma mulher fêz-me conhecer outro libertino cuja idiossincrasia, creio, lhes pareça igualmente invulgar. A cena teve lugar em sua pequena casa em Roule. Sou introduzida num pequeno quarto um tanto obscuro, onde encontro um homem deitado na cama, e, pousado no centro do quarto, um caixão.

"Você tem na sua frente", nosso libertino disse-me, "um homem deitado em seu leito de morte, um homem que não pode fechar seus olhos sem prestar uma última homenagem ao objeto de sua veneração.

Adoro cus, e se devo perecer, quero morrer beijando um. Quando a vida tiver abandonado este esqueleto, você mesma me içará para aquele caixão, enrolará a mortalha, e pregará a tampa. E meu desígnio morrer assim nos braços do prazer, e ser neste último momento servido pelo próprio objeto de meus calores lúbricos. Venha, venha", continuou numa voz comovida, fraca, murmurante, "venha depressa, pois estou já no limiar".

Aproximo-me, volto-me e mostro minhas nádegas.

"Ah, maravilhosa bunda" exclama. "Muito bem, posso assim levar facilmente comigo para a sepultura a idéia de um traseiro tão bonito como esse!"

E acariciou minha bunda, abriu-a, cheirou-a e beijou-a da mesma maneira que o homem mais saudável do mundo podia ter feito.

"Oh, realmente"! disse momentos depois, ao deixar sua tarefa e rolar para a parede, "bem, eu sabia que não poderia ter este prazer durante muito tempo; estou expirando, lembre-se do que lhe mandei fazer".

E assim dizendo, suspirou profundamente, ficou rígido, e desempenhou seu papel com tanta habilidade que o diabo me leve se não pensei que estivesse morto. Conservei minha calma; ansiosa por ver o final de uma cerimônia tão bizarra, embrulhei-o na mortalha. Deixou de mexer, e porque conhecia algum segredo para imitar a morte, ou minha imaginação fora afetada, estava tão rígido e frio como uma barra de ferro; apenas seu pau dava alguns sinais de vida: também rígido, mas não frio, e colado a sua barriga, e gotas de esperma pareciam brotar dele a despeito de sua condição moribunda. Imediatamente o envolvo no lençol, pego-o em meus braços, e não foi muito fácil, pois a maneira como ficara rígido tornara-o tão pesado como um veado. Consegui não obstante transportá-lo para o caixão. Assim que o depositei, começo a recitar a oração dos mortos, e finalmente fecho e prego a tampa do caixão; foi esse o momento crítico de nosso homem: mal acabei de colocar o último prego e já ele começa a gritar como um louco:

"Santo nome de Deus, estou gozando! Fora, puta, sai, pois se te pego, estás liquidada!"

Fico apavorada, corro para as escadas, nas quais encontro um discreto criado plenamente familiarizado com as manias de seu amo e que me dá dois luízes; encaminho-me

para a porta, enquanto o valet corre aos aposentos o paciente para o libertar do caixão fechado. "Ora aí está um gosto esquisito", disse Durcet. "Bem, Curval, que acha deste caso"?

"Maravilhoso", respondeu o Presidente; "aí está um indivíduo que deseja familiarizar-se com a idéia da morte, e por isso não tem medo da mesma, e nesse propósito não achou maneira melhor do que associá-la a uma idéia libertina. Não há absolutamente dúvida alguma a respeito: esse homem morrerá acariciando uma bunda".

"Sem dúvida alguma", disse Champville, "é orgulhosamente ímpio; conheço-o, e terei ocasião de descrever o uso que faz dos mistérios mais sagrados da religião".

"Não admira que seja descrente", disse o Duque. "É claramente um homem que ri da história toda e que deseja acostumar-se a agir e pensar da mesma maneira durante os últimos minutos".

"Pela minha parte", disse o Bispo, "acho algo de picante nessa paixão, e não escondo o fato de estar de pau duro por causa da mesma. Continue, Duclos, prossiga, pois tenho a impressão de que posso fazer alguma asneira, e prefiro passar o resto do dia bem disposto".

"Muito bem, disse a esplêndida raconteur, aí está uma menos complexa; é a história de um homem que durante cinco anos regularmente bateu à minha porta pelo simples prazer de me fazer costurar seu ânus. Costumava deitar-se de barriga para baixo na cama, e eu sentava-me entre suas pernas e, equipada com uma agulha grossa e meio carretel de linha de sapateiro, costurava completamente seu ânus, e a pele do camarada nessa área era tão dura e acostumada a golpes de agulha que minha operação não provocou uma única gota de sangue de seu couro. Enquanto eu trabalhava, esfregava seu pau, e costumava descarregar como um cavalo quando lhe dava o último ponto. Dissipado seu êxtase, prontamente desfazia meu trabalho, e acabou-se.

Um outro mandava-me esfregar cognac em todas as partes de seu corpo onde a Natureza pusera cabelos, e depois lançar fogo nas áreas que eu esfregara com o álcool, e todos os cabelos desapareciam nas chamas. Descarregava ao se ver em chamas, enquanto lhe mostrava minha barriga, boceta etc., pois o camarada tinha o mau gosto de só querer ver a parte da frente".

"Mas, digam-me, algum dos Senhores conheceu Mirecourt hoje Presidente da Câmara Alta, e na época Procurador da Coréia"? "Conheci, sim", disse Curval.

"Bem, Meu Senhor, sabe qual era, e atrevo-me a dizer, qual é ainda sua paixão"?

"Não; e ele passa, ou deseja passar, por devoto e bom cidadão, gostaria imenso de saber".

"Senhor", Duelos disse, "gosta de se fazer passar por jumento..."

"Ah! por Deus" disse o Duque; e voltando-se para Curval: "que acha disso meu amigo? Que gosto desgraçado, não acha, para um juiz? Aposto que quando julga que é burro pensa que vai ditar uma sentença. Bem, e depois"? perguntou a Duclos.

"Depois, Senhor, quer que o levem pelo cabresto, que o façam andar pelo quarto durante uma hora, zurra, que o montem, e quando a mulher está na sala, manda-a bater-lhe pelo corpo todo com uma chibata, como se para apressar seu passo. Começa a trotar, e como nesta altura já começou a se masturbar, logo descarrega e, enquanto o faz, faz um barulho enorme, dá pinotes, recua e derruba o cavaleiro".

"Isso, devo dizer, é mais divertido do que lúbrico. E peço que me diga, Duclos", o Duque continuou, "esse homem falou alguma vez em alguém que tivesse o mesmo gosto"?

"Ora, claro, falou sim", disse a amável Duclos, entrando na brincadeira com uma gargalhada e descendo de sua plataforma, pois seus deveres tinham terminado naquele dia. "Sim, Senhor, disse-me que tinha uma data de camaradas, mas que nem todos se deixavam montar".

A sessão terminara, os Senhores estavam dispostos a fazer algumas gracinhas antes da ceia; o Duque afagou Augustine num abraço apertado.

"Sabe", disse sonhadoramente, esfregando-lhe o clitóris e dirigindo-lhe a mão para o seu pau, "sabem, não me surpreende nada que Curval tenha as vezes tentação de violar o pacto e rebentar um cabaço ou dois, pois sinto neste mesmo momento, por exemplo, que de boa vontade mandava Augustine para o diabo".

"Qual deles"? Curval inquiriu.

"Os dois, pela minha alma", respondeu o Duque; "mas temos que nos comportar durante este recesso; sendo obrigados a esperar um pouco mais por nossos prazeres, tornamo-los muito mais deliciosos. Bem, menininha", continuou, "mostre suas nádegas, talvez mudem o caráter de minhas idéias... Cristo sangrento! vejam as nádegas da putinha! Curval, que me aconselha a fazer com esta coisa"?

"Ponha-lhe molho de vinagre", respondeu o Presidente.

"Piedade"! exclamou o Duque, "que idéia. Mas paciência, paciência... tudo virá com o tempo".

"Meu querido irmão", disse o Bispo com voz perturbada, "há alguma coisa em suas palavras que cheira a esperma".

"Realmente? De fato tenho o maior desejo de perder algum". "E por que não"? o Bispo quis saber.

"Muitas coisas, muitas coisas", o Duque respondeu. "Primeira-mente, não vejo merda no cano, e eu queria merda, e depois... não sei — há tantas coisas de que gostaria..."

"Quais"? perguntou Durcet exatamente no momento em que a merda de Antinous lhe caía em cascata na boca.

"Quais"? ecoou o Duque. "Para começar, há uma pequena infâmia que simplesmente tenho de executar".

E retirando-se para o aposento distante com Augustine, Zélamir, Cupidon, Duclos, Desgranges e Hercule, foi ouvido, um minuto depois, soltar gritos contundentes e pragas que provavam que o Duque conseguira finalmente acalmar seu cérebro e tranquilizar seus colhões. Há poucas informações precisas acerca do que fez a Augustine, mas, independentemente de seu amor por ela, foi vista voltar em prantos e, sinal ominoso! um de seus dedos estava torcido. Lamentamos profundamente não poder ainda explicar tudo isso ao leitor, mas é mais que certo que estes cavalheiros, as escondidas, e antes da chegada do dia da proclamação do campo livre, se entregavam a truques que até agora não foram incluídos na história, e portanto, a feitos não sancionados, e assim procedendo, estavam agindo em violação formal dos regulamentos que tinham jurado honrar e observar; mas, é claro. quando uma sociedade inteira comete as mesmas faltas, estas são geralmente perdoadas. O Duque voltou e ficou

satisfeito por ver que Durcet e o Bispo não tinham perdido seu tempo, e que Curval, nos braços de Clivador de Bundas, fazia deliciosamente tudo que possivelmente se pode fazer com todos os objetos voluptuosos que se pode desejar reunir em nosso redor. A ceia foi servida, seguiram-se as habituais orgias, a família foi dormir. Imperfeita e doente como Adelaide estava, o Duque, escalonado para a ter como esposa essa noite, assim a quis, e como saíra das orgias um tanto bêbedo, como era seu hábito, diz-se que não a tratou com muita ternura. Mas, de modo geral, a noite passou como todas as outras, isto é, nas profundezas do delírio e do deboche, e tendo chegado a Aurora de cabelos claros, como dizem os poetas, para abrir os portões do palácio onde morava Apoio, esse deus, um tanto libertino ele próprio, só montou seu coche azul para derramar a luz que iluminasse novas luxúrias.

## O VIGESIMO QUINTO DIA

Entretanto, uma nova intriga estava tranquilamente tomando forma dentro dos impenetráveis muros do Château de Silling: mas não tinha o significado perigoso que fora atribuído à aliança de Adelaide com Sophie. Esta última associação estava sendo chocada entre Aline e Zelmire; a conformidade de caráter das duas moças contribuiu grandemente para sua afeição mútua: ambas tinham natureza calma e sensível. apenas trinta meses as separavam na idade, eram as duas muito infantis, muito simples, sempre bem dispostas: tinham, em resumo, quase todas as mesmas virtudes, e quase todos os vícios, pois Zelmire. doce e terna. era também, como Aline, descuidada e preguiçosa. Entendiam-se tão bem uma a outra que, na manhã do dia 25, foram descobertas na mesma cama, e foi assim que isso aconteceu: estando destinada a Curval. Zelmire dormiu, como sabemos, em seus aposentos. Aline era a esposa de Curval nessa mesma noite. Mas Curval, voltando perdido de bêbedo das orgias, só quis dormir com Invictus, e sucedeu assim que as duas pombinhas, abandonadas e reunidas pela fortuna, com medo do frio, acamparam ambas na mesma cama e, na cama. ao que se firmou, seus dedinhos sentiam mais coceira que seus pequeninos cotovelos.

Ao abrir seus olhos de manhã e vendo os dois pássaros no mesmo ninho, Curval quis saber que estavam fazendo, e ordenando a ambas que fossem imediatamente a sua cama, cheirou as duas exatamente por baixo do clitóris, e reconheceu claramente que ambas estavam ainda cheias de esperma. O caso era grave: os Senhores desejavam realmente que as senhoritas fossem vítimas de falta de pudor, mas insistiam em que, entre si, se comportassem decentemente — oh, em que coisas a libertinagem, a perpetuamente inconsistente libertinagem não insistirá! — e se as vezes permitiam que as damas se dedicassem a umas pequenas impurezas recíprocas, tudo isso tinha que ser feito por ordem expressa dos Senhores e diante de seus olhos. E foi assim que o caso foi levado ao conselho, e as duas delinqüentes, que não podiam nem se atreveram a negar a coisa, receberam ordens para demonstrar o que tinham feito, e para exibirem perante a assistência seus talentos individuais. Fizeram o que lhes mandaram, com muito rubor nas faces e não poucas lágrimas, e pediram para que sua falta lhes fosse perdoada. Mas a perspectiva de incluir o adorável casal entre os delinqüentes a castigar no sábado seguinte era por demais atraente; conseqüentemente, não foram perdoadas, mas sim rapidamente incluídas no livro de mágoas de Durcet, o qual, a propósito, estava sendo agradavelmente preenchido nessa semana.

Completada esta tarefa, terminou o café, e Durcet conduziu suas investigações. A indigestão fatal produziu ainda outra canalha; foi a pequenina Michette, não conseguiu segurar a ponte, disse que a tinham feito comer demais na noite anterior, e a essa seguiu-se um milhar

de outras desculpas infantis, que não evitaram que seu nome fosse inscrito na lista fatal. Curval, seu pau pulando como um pônei, pegou no vaso de noite e devorou seu conteúdo. E depois fixando seu olhar irado na culpada:

"Oh, sim, por Jesus", disse o Presidente, "sim, pelo esperma do Salvador, você será espancada, sua sem-vergonha, minhas mãos cuidarão disso. Há regras que não permitem que se cague dessa maneira; você devia pelo menos ter-nos avisado; sabe muito bem que estamos preparados para receber merda a qualquer hora do dia ou da noite".

E acariciou vivamente suas nádegas, enquanto lhe repetia as regras. Os rapazes estavam intactos, não lhes foi dada permissão para visitarem a capela, e os Senhores dirigiram-se a mesa. Durante a refeição teve lugar uma discussão detalhada e penetrante acerca da ação de Aline; atribuíram-lhe uma atitude de santinha, disseram que ela era uma hipócrita, e afirmaram que aí estava a prova de seu temperamento final-mente trazida a luz.

"E agora, meu amigo", Durcet disse ao Bispo, "como se pode ter alguma confiança nas aparências, acima de tudo na destas moças"? Foi unanimemente acordado que nada há de mais traiçoeiro do que as mulheres, como todas são falsas, nunca usam seu juízo a não ser para se tornarem mais habilmente falsas. Estas observações fizeram com que a conversação a mesa girasse em torno das mulheres, e o Bispo, que as detestava, exteriorizou todo o ódio que elas lhe inspiravam. Reduziu-as ao estado dos animais mais vis, e provou que sua existência neste mundo era tão inútil que podiam ser extirpadas da face da terra sem que isso contrariasse no mínimo os desígnios da Natureza que, tendo seguramente achado no passado maneiras de criar sem as mulheres, as encontraria de novo quando voltasse a haver apenas homens.

Passaram ao café; foi-lhes servido por Augustine, Michette, Hyacinthe e Narcisse. O Bispo, que incluía em seus maiores prazeres simples chupar o pau de rapazinhos, estava há alguns minutos brincando assim com Hyacinthe, quando de repente se recostou e soltou, não um grito, mas um som borbulhante, porque sua boca ficou cheia; sua exclamação foi assim interpretada: "Ah, pelos colhões de Deus, meus amigos, um cabaço! Foi a primeira vez que este sem-vergonha descarregou, tenho certeza"! E, de fato, ninguém vira até então Hyacinthe levar as coisas até esse ponto; era na realidade considerado jovem demais para isso. Mas estava bem adiantado em seu décimo quarto ano, idade em que a Natureza geralmente concede seus favores, e nada pode ser mais real do que a vitória que o Bispo pensou ter conseguido. Não obstante, os outros ficaram ansiosos por verificar a coisa, e desejando cada um ser testemunha da aventura, puxaram suas cadeiras num semicírculo em redor do rapaz. Augustine, a mais consumada esfregadora de paus do serralho recebeu permissão para manipular o garoto a vista da assembleia, e Hyacinthe foi autorizado a apalpar e acariciar a moça em qualquer parte de seu corpo que desejasse. Não há espetáculo mais voluptuoso do que o de uma virgem de quinze anos, linda como o dia, emprestando-se a acariciar um rapaz de catorze e provocando, através das poluições mais deliciosas, sua descarga de sua maré grande.

Hyacinthe, ajudado talvez pela Natureza, mas com muito mais certeza pelos exemplos que tinha diante de seu nariz, acariciou, mexeu, beijou as bonitas coxas de sua esfregadora, e pouco mais foi necessário do que um instante para dar cor a seu rosto, para arrancar dois ou três suspiros a seus lábios, e induzir seu bonito pauzinho a disparar, a distância de um metro, cinco ou seis jatos de doce esperma branco como creme, emissões que aterraram na coxa de Durcet, pois o banqueiro estava sentado mais perto do rapaz e seu pau estava sendo

esfregado por Narcisse, enquanto observava a operação. Uma vez estabelecido, indubitavelmente, o fato, beijaram e acariciaram a criança um tanto universalmente, cada um jurou que adoraria receber uma pequena porção daquele esperma jovem, e como parece que, naquela idade e no começo, seis descargas não são demais, e como afinal das contas só se tinha libertado de duas, sem a menor dificuldade, nossos libertinos induziram-no a derramar uma outra em cada uma de suas bocas.

Muito aquecido com este desempenho, o Duque deitou as mãos em Augustine e esfregou-lhe o clitóris com a língua, até conseguir arrancar algumas sólidas descargas da menina; cheia de vida e abençoada com um espírito impetuoso, a pequena atrevida disparou com pouca ordem. Enquanto o Duque assim poluía Augustine, nada mais interessante de observar do que Durcet. para buscar os sintomas do prazer que não estava provocando, beijar a boca dessa adorável criança mil vezes, e engolir, por assim dizer, a voluptuosidade que outro estava causando em seus sentidos. A hora ia adiantada, foram obrigados a omitir a sesta do meio dia e a passar diretamente ao auditório onde Duclos os aguardava há muito tempo; assim que todo mundo se instalou, a narradora retomou o fio de suas aventuras e disse aquilo que se segue:

"Já tive a honra de observar na presença de Vossas Senhorias, que é muito difícil avaliar todas as torturas que o homem inventa para si próprio, para achar, na degradação que produzem, ou nas agonias, as centelhas de prazer que a idade ou a saciedade lhe enfraqueceram. É difícil acreditar a asserção de que um cavalheiro desta espécie, pessoa de sessenta anos e estragada até certo grau por todos os prazeres da lubricidade, só costumava conseguir restabelecer seus sentidos a vida fazendo aplicar a chama de velas a todas as partes de seu corpo, e principalmente aquelas que a Natureza destina a esses mesmos prazeres. Mandava cauterizar suas pernas, queimar seu pau e testículos e acima de tudo seu ânus: enquanto tudo isso era feito, beijava uma bunda, e depois de repetida pela décima quinta ou vigésima vez a dolorosa operação, descarregava ao mesmo tempo que chupava o ânus da mulher que o estivera queimando.

Logo depois desse homem, recebi outro que me obrigou a usar uma almofada de cavalos esfregando seu corpo inteiro com o instrumento, exatamente como se faz com os animais que mencionei. Seu corpo ficava logo uma ferida aberta, e logo após me mandava esfregá-lo com álcool, e esta segunda tortura levava-o a descarregar abundantemente em meus seios — pois era esse o campo de batalha que gostava de molhar com seu esperma. Eu ficava de joelhos na sua frente, espremia seu pau entre minhas mamas, e ele tranquilamente as lavava com o humor ácido de seus colhões.

Um terceiro gostava que lhe arrancassem os cabelos da bunda, um a um. Enquanto essa demorada operação progredia, esfregava seu pau em cima de um monte de merda quente que eu fazia para ele. Depois, no mesmo momento em que a convencional gota de esperma anunciava a aproximação da crise, para lhe dar o encorajamento necessário, enfiava-lhe as pontas da tesoura suficientemente em suas nádegas até provocar um esguicho de sangue. Sua bunda era um emaranhado de feridas e cicatrizes, a tal ponto que foi com dificuldade que achei um lugar para aplicar meus dois golpes: no momento. em que as pontas de aço penetraram seu corpo, mergulhou o nariz na merda. espalhou esta em seu rosto, e torrentes de esperma coroaram seu êxtase.

Um quarto punha seu pau em minha boca e mandava-me mordê-lo com toda força; entretanto, ao mesmo tempo que mastigava seu pobre dispositivo, devia lacerar-lhe as

nádegas com um pente de ferro cujos dentes eram pontos afiadíssimos; e depois, no momento em que sentia que seu pau estava pronto a derreter-se — uma ereção muito débil, quase imperceptível mo dizia — e depois, dizia eu, abria-lhe prodigiosamente as nádegas, fechava-as lentamente sobre uma vela acesa que conservava a mão, e refogava seu ânus com a mesma. A sensação da queimadura da vela debaixo de seu ânus decidia sua emissão: mandava-me então redobrar minhas

mordidas, e logo minha boca ficava cheia."

"Um momento se faz favor", disse o Bispo. "Todas as vezes que me dizem que alguém descarregou numa boca recordo-me da boa fortuna que tive esta manhã, e meu espírito fica disposto a saborear novos prazeres da mesma espécie".

Dizendo isso, chama Invictus para perto de si, pois esse campeão estava de plantão a alcova do Bispo nessa tarde, e começa a chupar o pau do bravo rapaz com toda a luxúria enérgica de um verdadeiro veado. O esperma explode, o prelado avidamente o engole, e imediatamente repete a operação com Zéphyr. O Bispo brandia seu cacete, e era raro as mulheres sentirem-se completamente a vontade quando se encontrava naquele estado crítico e estavam perto do prelado. Infelizmente foi sua sobrinha Aline quem por acaso estava ao alcance.

"Que está fazendo aqui, sua puta"? rosnou; "quero homens para me divertir".

Aline tenta escapar, ele agarra-a pelos cabelos, e arrastando-a para seu anexo com Zelmire e Hébé, as duas meninas de seu quarteto: "Vocês vão ver", diz a seus amigos, "vocês vão ver como ensino a estas vagabundas a porem a boceta em minhas mãos quando o que quero são paus".

Por ordem sua Fanchon acompanhou as três moças, e um instante após ouviu-se Aline soltar gritos pungentes: chegaram depois os ecos da descarga do Monsenhor, ursos prolongados que se misturavam com os berros de dor de sua querida sobrinha. Todo mundo voltou... Aline estava chorando e protegendo e apertando seu traseiro. "Venha mostrar o que ele fez a você", disse o Duque; "não há coisa de que goste mais do que os vestígios da brutalidade de meu distinto irmão".

Aline mostrou não faço idéia o quê, porque nunca consegui descobrir o que se passava naqueles anexos infernais, mas o Duque exclamou: "Putá que o pariu! Isso é delicioso, acho que vou fazer a mesma coisa". Mas como Curval lhe dissesse que o tempo urgia, e acrescentasse que tinha uma coisa engraçada em mente para as orgias, programa que exigia cabeça fresca e todo seu esperma, pediram a Duclos que prosseguisse com sua quinta história a fim de se encerrar convenientemente a sessão; a narradora voltou então a dirigir-sé a assistência:

"Pertencendo a essa extraordinária classe de indivíduos, disse Duclos, cuja mania consiste em se afundarem na degradação e em insultarem sua própria dignidade, havia um certo juiz cujo nome era Foucolet. Não se pode verdadeiramente acreditar a que ponto esse camarada levava seu furor; queria provar quase todas as torturas. Costumava enforcá-lo, mas a corda rebentava justamente a tempo e nosso homem caía em cima de um colchão; a seguir amarrava-o a uma cruz de Santo André e fingia quebrar-lhe os membros com um ferro, que não passava de um rolo de papel; marcava-o no ombro, o ferro que usava estava apenas morno e deixava uma leve marca, nada mais; chicoteava suas costas imitando precisamente o servidor público que executa tão nobre tarefa, e durante todo o tempo esmagava-o com um

dilúvio de invectivas atrozes, censuras por vários crimes, pelos quais, durante cada sucessiva operação, pedia, de vela na mão e apenas com sua camisa vestida, o perdão de Deus e da lei, pronunciando suas palavras num tom muito humilde e contrito; finalmente, a reunião terminava em minha bunda, onde o libertino derramava seu esperma quando sua cabeça atingia o último grau da distração."

"Muito bem. posso descarregar em paz agora que Duclos terminou". o Duque perguntou a Curval.

"Não. nem um pouco", o Presidente respondeu; "guarde seu esperma. já lhe disse que vai precisar dele para a' orgias".

"Oh, então você acha que sou seu criado. não é"? o Duque exclamou. "Acha que sou um veado aposentado? Julga que a pequena quantidade de esperma que vou perder num momento não me deixa aderir a todas as infâmias que durante horas lhe passem pela cabeça? Vamos, Presidente, você conhece-me bem: não tenha medo, dentro de quinze minutos estou de novo pronto para qualquer eventualidade, mas meu bom e santo irmão teve a delicadeza de me dar um pequeno exemplo de atrocidade que não me desagradaria executar em Adelaide, sua querida e estimada filha".

E empurrando-a para o anexo, juntamente com Thérèse, Colombe e Fanny, os elementos femininos de seu quarteto, ali fez provavelmente com elas o que o Bispo fizera com sua sobrinha e descarregou com os mesmos episódios, pois. como pouco antes se tinham ouvido os terríveis gritos de Aline, ouviam-se agora os que saíam dos lábios de Adelaide, e com os berros de lascívia do indecente Duque. Curval quis saber qual dos dois irmãos se tinha comportado melhor: chamou as duas mulheres, e examinando atentamente seus traseiros, decidiu que o Duque não tinha apenas imitado, mas ultrapassado o Bispo.

Sentaram-se a mesa, e tendo mediante drogas ou outra coisa empanturrado os intestinos de todos os súditos, homens e mulheres, com uma abundância de vento, depois da ceia brincaram aos peidos na cara: os Senhores, todos quatro, deitaram-se em sofás, suas cabeças levantadas, e um após outro os membros da família desfilaram entregando seus peidos as bocas ansiosas. Duclos recebeu ordens para fazer a contagem e escrever os resultados; havia trinta e seis peidadores para quatro engolidores: por isso houve quem recebesse cento e cinqüenta peidos. Era para essa interessante cerimônia que Curval queria que o Duque se mantivesse em forma, mas tais precauções, como Blangis perfeitamente tornara claro, eram absolutamente desnecessárias; era por demais amigo da libertinagem para permitir que qualquer novo excesso o achasse desprevenido; pelo contrário, os novos excessos tinham sempre o maior efeito no Duque, independentemente de sua situação, e não deixou de descarregar uma segunda vez graças ao mistral úmido que Fanchon alojou em sua boca. Quanto a Curval, foram os peidos de Antinous que lhe custaram seu esperma, enquanto Durcet se debruçou sobre a ventania que saiu do ânus de Martaine, e o Bispo perdeu todo o controle a vista do que Desgranges lhe ofereceu. Os esforços das jovens belezas, deve observar-se, de nada valeram; mas não é verdade que são sempre os indivíduos crapulosos a executarem melhor as ações infames?

## O VIGESIMO SEXTO DIA

Em virtude de nada ser mais delicioso do que a aplicação de castigos, e de nada preparar o caminho para tantos novos prazeres, prazeres da espécie que os Senhores se



tinham mutuamente prometido não saborear até que a sua menção nas histórias permitisse a plena indulgência nos mesmos, os libertinos tentavam por todos meios imagináveis levar os súditos a estados de delinqüência, e assim se proporcionarem a alegria de castigar suas indefesas vítimas; nesse propósito, os amigos, tendo convocado uma assembléia extraordinária nessa manhã, tendo por objetivo deliberar sobre o problema, acrescentaram diversos artigos aos regulamentos do lar, a infração dos quais ocasionava necessariamente punição. Primeiro, as esposas, os rapazinhos e as meninas ficavam expressamente proibidos de peidarem em qualquer lugar a exceção da boca dos amigos. Assim que tivessem vontade de soltar ventos, deviam procurar imediatamente um dos amigos e administrar-lhe os mesmos; uma severa penalidade seria a recompensa da desobediência. Segundo, o uso de bidês e de limpezas de bunda de qualquer espécie era absolutamente ilegal; estabeleceu-se que a partir de então todos os súditos sem exceção deixariam de se lavar e que em circunstância alguma limpariam o rabo depois de terem cagado; que, sempre que um ou fosse encontrado limpo, ao infrator cabia provar que o mesmo fora lambido por algum dos Senhores, e esse teria de ser mencionado pelo nome. Em resposta a tal citação, o amigo seria interrogado, ficando em posição de se proporcionar dois prazeres em vez de um, a saber: o de ter limpo a bunda com sua língua, e o de fazer punir o súdito que lhe tivesse proporcionado esse primeiro prazer... Serão dados exemplos disso.

Terceiro, era introduzida uma nova cerimônia: por ocasião do café da manhã, no momento de sua entrada nos aposentos das meninas e quando também, depois disso, passassem aos dos rapazes, cada um dos súditos daria, a partir de então, na sua vez, um passo em frente e diria em voz clara e alta, a cada um dos Senhores: "Quero que Deus se foda: meu cu tem merda, quer um pouco"? Todos aqueles que deixassem de pronunciar em voz inteligível a blasfêmia e o convite seriam imediata-mente inscritos no livro dos pavores. O leitor imaginará prontamente as dificuldades que a piedosa Adelaide e sua jovem pupila Sophie tiveram que sobrepor antes de conseguirem pronunciar tais infâmias, e sua luta interior proporcionou aos Senhores uma excelente distração.

Transformado em lei o que acabamos de relatar, passaram a considerar delações e decidiram admitir as mesmas; esta maneira bárbara de multiplicar as vexações, aceita por todos os tiranos, foi calorosamente adotada por estes. Foi decidido, em quarto lugar, que todos os súditos que tivessem razão de queixa dos outros, veriam sua punição relativa a próxima falta que cometessem, reduzida em metade. Os Senhores não foram de modo algum prejudicados por este sistema, porque o súdito que acusasse outro nunca poderia saber o grau do castigo, a supressão de metade do qual lhe fora prometida; e assim, era apenas questão de lhe darem precisamente aquilo que lhe queriam dar, e persuadi-lo ainda de que escapara menos rigorosamente do que outro modo. Os Senhores concordaram e publicaram sua decisão de que nenhuma delação necessitava de prova competente para ser acreditada, e que, para ser inscrita, a acusação feita por qualquer súdito era suficiente. Além disso, foi aumentada a autoridade das duenhas, e a base de sua mais leve queixa, verdadeira ou falsa, o súdito seria condenado imediatamente. Numa palavra, sobre aquela pequena população estabeleceram todas as vexações e injustiças que se podem imaginar, convencidos de que quanto mais severamente sua tirania fosse exercida, maior a soma de prazeres que derivariam de sua situação privilegiada.

Composta e votada toda esta legislação, visitaram os vasos de noite. Colombe foi achada em falta; suas desculpas centralizaram-se em redor da comida que a tinham obrigado a ingerir na véspera no intervalo das refeições; não fora capaz, explicou, de resistir, lamentava

profundamente a coisa toda, e era a quarta semana consecutiva em que era castigada. A afirmação era verdadeira, e só tinha a lamentar sua bunda, que era a mais fresca, mais doce e mais bem feita e adorável bundazinha que se pode desejar. Acentuou que não se limpava, o que, supunha, devia ser considerado um ponto em seu favor. Durcet examinou-a, e descobrindo realmente uma camada muito grossa e larga de merda, garantiu-lhe que, a luz disso, seria tratada um pouco menos rigorosamente. Curval, de pau duro na ocasião, deitou as mãos a adorável menina, e limpando completamente seu ânus, mandou-a buscar seu monte e comeu-o imediatamente, ao mesmo tempo que ela lhe esfregava o pau, interrompendo periodicamente sua mastigação para a beijar na boca e para a mandar engolir, por sua vez, o produto de sua criação que lhe levava aos lábios. Inspeccionaram a seguir Augustine e Sophie, instruídas solenemente, depois das fezes que tinham produzido na noite anterior, para se manterem no estado mais impuro. O aspecto de Sophie estava de acordo com essas instruções, muito embora tivesse dormido nos aposentos do Bispo, mas o de Augustine estava limpo como um alfinete. Segura de sua resposta, orgulhosamente avançou e disse que sabiam muito bem que ela tinha passado, como era seu costume, a noite nos aposentos do Senhor Duque, onde o nobre lambera sua bunda enquanto ela lhe chupava o pau. Ao ser interrogado o Duque disse que não se recordava da coisa (embora a história fosse completamente verdadeira) que adormecera com seu pau na bunda de Duclos, que podiam comprovar o fato.

Examinaram a questão com toda a seriedade e gravidade possíveis, mandaram chamar Duolos que, vendo claramente o que estava acontecendo, emprestou seu apoio a tudo que o Duque dissera, e afirmou que Augustine apenas fora chamada a cama do Senhor durante um instante, que o Senhor cagara na boca de Augustine e depois, pensando melhor, a tinha mandado para a cama a fim de poder comer o seu monte. Augustine tentou defender sua tese e refutar as afirmações de Duolos, mas foi-lhe imposto silêncio e, embora perfeitamente inocente, seu nome foi escrito no livro. Entre os rapazes, cujos aposentos visitaram a seguir, Cupidon estava em falta; fizera o monte mais apetitoso do mundo em seu vaso de noite. O Duque pegou nele e engoliu-o ao mesmo tempo que o pequeno mal-feitor lhe chupava o pau.

Todos os pedidos de licença para visitar a capela foram recusados; depois, foram jantar. A bonita Constante, a quem as vezes dispensavam de servir a mesa em virtude de seu estado, estava-se sentindo bem naquele dia, e apareceu nua; a vista de sua barriga, que começava a inchar um pouco, aqueceu imenso a cabeça de Curval; os outros, vendo seu tratamento das nádegas e seios da pobre criatura ficar um pouco violento — o horror de Curval por Constance redobrava cada dia, isso era claro — eram moderados por suas súplicas e pelo desejo comum de preservarem seu fruto, pelo menos até uma certa data, e ela era dispensada das funções de todos os dias, exceto as narrações, das quais nunca era desculpada. Curval recomeçou com suas pavorosas ameaças acerca de criadoras de crianças, declarou que se mandasse no país adotaria a lei da Formosa, onde as mulheres grávidas com menos de trinta anos são trituradas, juntamente com seus filhos, num grande almofariz; mesmo que essa lei fosse adotada na França, a população, protestou, ainda seria o dobro do que devia ser.

Seguiu-se o café; foi apresentado por Sophie, Fanny, Zélamir e Adonis, mas servido de maneira extremamente estranha: vinha na boca das crianças, era preciso chupá-lo. Sophie serviu o seu ao Duque, Fanny a Curval, Zélamir ao Bispo e Durcet bebeu da boca de Adonis. Extraíam uma boca cheia, saboreavam um pouco antes de engolir, e voltavam a fonte que os servia. Curval, que se levantara da mesa em grande excitação, ficou outra vez de pau duro graças a cerimônia, e quando, esta terminou, deitou a mão em Fanny e descarregou em sua boca, mandando-a engolir o soro de leite; as ameaças que acompanharam suas instruções

sucederam em fazer a pobre coitada obedecer sem pestanejar. O Duque e seus dois outros confrades deliciaram-se com merda ou peidos; terminada a sesta, todos se precipitaram para ouvir Duelos, que assim lhes falou:

"Passarei rapidamente, disse a simpática moça, pelas duas últimas aventuras que dizem respeito aos homens invulgares que só encontram deleite na dor que se fazem sofrer, e depois, com permissão de Vossas Senhorias, passaremos a uma variedade diferente.

O primeiro, ao mesmo tempo que eu esfregava seu pau, nu e de pé, queria que nos derramassem torrentes de água quente através de uma abertura no teto; nossos corpos tinham que sofrer o impacto da água durante a operação inteira. Foi em vão que argumentei que, embora não partilhando de sua paixão, eu era, não obstante, como ele próprio, vítima da mesma; respondeu garantindo-me que nada sofreria com a experiência, e que aqueles aguaceiros eram bons para a saúde. Acreditei e deixei-o fazer sua vontade; como esta cena tinha lugar em sua casa, a temperatura da água, um detalhe crítico, estava um pouco além de meu controle. Estava praticamente a ponto de ferver. Senhores, não se pode conceber o prazer que o homem sentia com o dilúvio. Quanto a mim, operando durante todo o tempo com toda a velocidade possível gemia, sim, confesso, gemia como um gato morrendo afogado; minha pele acabou saindo, e fiz a mim mesma a firme promessa de não voltar a casa desse homem. "Ah, que delícia!" exclamou o Duque, "tenho a mais forte inclinação por dar um escaldão desses a bonita Aline".

"Senhor Duque", esta respondeu num tom humilde mas decidido, "eu não sou nenhum gato".

E tendo o candor inocente de sua resposta infantil provocado uma gargalhada geral, foi pedido a Duclos que desse o segundo e último exemplo do mesmo gênero.

Foi muito menos doloroso para mim, Duelos continuou; tinha simplesmente de calçar uma luva resistente, depois com a mão assim protegida pegava em areia escaldante retirando-a de uma panela aquecida num fogão e, com a mão cheia, esfregava a terrível areia no corpo de meu homem, da cabeça aos pés. Seu corpo estava tão acostumado a este exercício que o homem parecia coberto de couro e não de pele. Quando cheguei a seu pau, mandou-me agarrá-lo e massageá-lo com a mão cheia de areia quase ao rubro; endireitou como um tiro. Depois com a outra mão, coloquei uma pequena pá de fogão, ao rubro, debaixo de seus colhões. A massagem com uma das mãos, o calor consumidor que assava seus testículos, talvez um leve toque em minhas nádegas, as quais tinha que conservar bem a vista e ao seu alcance durante a operação, esta combinação de elementos derreteram-no todo e descarregou, tendo o cuidado de derramar seus esperma na pá quente onde, para seu maior deleite, o viu chiar e evaporar-se."

"Curval", disse o Duque, "aí está um homem que me parece não ter mais amor a população do que você".

"Também acho", Curval assentiu; "não faço mistério do fato de que adoro a idéia de ver o esperma arder".

"Oh, conheço todas as idéias que o esperma lhe inspira", disse o Duque com uma sonora gargalhada. "E mesmo que a semente amadurecesse, o ovo chocasse, você faria uma combustão com o mesmo prazer, não faria"?

"Por minha alma, receio que sim", Curval respondeu, enquanto fazia não sei o quê em Adelaide que arrancou um grito horrível de seus lábios".

"E com quem diabo julga você que está tratando sua puta"? Curval perguntou a sua filha. "Qual a razão de todos esses chilreios e choros? Lembre-se da companhia em que você está. Não está vendo que o Duque me quer falar acerca de queimar, provocar, instilar boas maneiras no esperma chocado, e que é você, faz favor de me dizer, a não ser uma coisinha chocada com o esperma de meus colhões? Duclos, continue, por favor", Curval acrescentou, "pois tenho a impressão de que as lágrimas desta puta me podem fazer descarregar, mas eu não quero".

E aqui estamos, disse nossa heroína, chegados a detalhes que, trazendo consigo personagens de um sabor mais singular, talvez agradem mais aos Senhores. Sabem com certeza que em Paris há o costume de expor os mortos a porta de casa. Havia um determinado cavalheiro, bem colocado na sociedade, que me pagava doze francos por cada um desses objetos lúgubres a que, numa determinada noite, eu o pudesse conduzir; seu único prazer consistia em ir comigo tão perto do morto quanto possível, ao lado do caixão se houvesse oportunidade, e uma vez ali instalados, queria que o masturbasse de maneira a que seu esperma caísse em cima do caixão. Costumávamos andar de um lado para outro, e as vezes rendíamos nossas homenagens a três ou quatro na mesma noite; tudo dependia do número de mortos que eu descobrisse antes, e executávamos a mesma operação ao lado de todos eles; nunca tocou em outra coisa a não ser meu traseiro enquanto eu brincava com seu pau. Era um homem de cerca de trinta e cinco anos, e foi meu cliente durante pelo menos dez anos. Tenho certeza de que, durante o período de nossa colaboração, fi-lo descarregar em mais de dois mil caixões." "Mas ele não dizia nada durante o rito"? perguntou o Duque. "Não falava com você nem com o morto"?

"Derramava invectivas no cadáver", Duclos respondeu; por exemplo: "Toma, desgraçado, toma, vilão, filho da puta, leva meu esperma contigo para o inferno".

"Uma mania muito invulgar, não há dúvida", Curval comentou. "Meu amigo", disse o Duque, "pode estar certo de que esse homem era como nós, e sem dúvida não ficava por aí".

"Correto, meu Senhor", Martaine disse, "e terei ocasião de fazer voltar esse ator ao palco".

Aproveitando o silêncio que se seguiu a observação de Martaine, Duclos continuou:

"Um outro, disse a narradora, levando mais ou menos a mesma fantasia muito mais longe, queria que eu tivesse espiões perto dos cemitérios o que o avisasse ser sempre que houvesse um funeral de uma moça jovem cuja morte tivesse sido causada por qualquer razão, a exceção de doenças perigosas — era muito enfático nesse ponto. Assim que sabia de alguma coisa adequada, e como me pagava sempre muito generosamente essas descobertas, partíamos ao anoitecer, entrávamos no cemitério de uma maneira ou outra, e dirigimo-nos imediatamente a campa que nosso informante indicara, em cima da qual a terra fora derramada pouco tempo antes, começávamos os dois a trabalhar, tirávamos o cadáver, e depois de o descobrirmos, eu esfregava-lhe o pau enquanto ele acariciava a morta, especialmente suas nádegas. Se por acaso, o que ocorria frequentemente, seu pau endireitava a segunda vez, cagava e mandava-me também cagar no corpo, e descarregava, apalpando sempre todas as partes do corpo a que pudesse deitar a mão."

"Que coisa, como isso me provoca uma reação", disse Curval, "e se tivesse que me confessar aqui e agora, garantia-lhes que já fiz a mesma coisa. É claro que acrescentei outros episódios que não me atrevo a dizer pois nossos regulamentos não me permitem descrever

nesta altura. De qualquer maneira, meu pau cresceu monstruosamente; abres as pernas Adelaide ... "

E não faço a menor idéia do que aconteceu a seguir; tudo que sabemos é que o sofá gemeu debaixo de sua carga, sons inconfundíveis de uma descarga filtraram-se através do nicho do Presidente, e sou levado a supor que, muito simples e virtuosamente, Sua Excelência o Juiz, acabava de cometer um incesto.

"Presidente", o Duque chamou, "aposto que você pensou que ela estava morta".

"Ora, claro, é verdade", disse Curval, "caso contrário como poderia ter descarregado"?

E não ouvindo mais nada do lado das várias alcovas, Duclos encerrou a história da noite da seguinte maneira:

"Para não os deixar, Senhores, com idéias sombrias e pensamentos tristes, vou concluir a noite com a história da paixão do Duque de Bonnefor. Esse jovem fidalgo, a quem distraí quatro ou cinco vezes, e que frequentemente visitava amigas minhas para a mesma operação, queria uma mulher, armada de um consolador, para se esfregar a si mesma, nua, na sua presença — para esfregar-se, dizia eu, a frente e atrás, e para continuar assim durante três horas sem um momento de interrupção. O homem fica de relógio para orientação da mulher, e se esta abandonava o trabalho antes da hora marcada, não havia pagamento. Sentou-se na minha frente, observou,» mandou-me voltar para um lado, depois para outro, exortou-me a empregar o consolador com mais energia, fêz-me perder a cabeça com prazer, e se na realidade, transportada pelos efeitos da operação, a mulher desmaiasse de prazer, se a mulher, dizia eu, desmaiasse de prazer, isso apressava certamente o seu. Mas se a mulher não perdesse a cabeça, no preciso instante em que o relógio marcasse a terceira hora, levantava-se, aproximava-se, e descarregava na face da companheira.

"Sinceramente", disse o Bispo, "não consigo entender, Duclos, por que motivo não preferiu deixar-nos com outras imagens e pensamentos em vez deste retrato inócuo. Os primeiros tinham algum sabor, alguma cor, e excitaram-nos poderosamente, enquanto que agora temos um negócio de um maricas o que, uma vez que a sessão terminou, nada deixa em nossas cabeças".

"Não, fez muito bem, no que me diz respeito", disse Julie, que estava deitada com Durcet, "e meus pais calorosos agradecimentos. Todos pode-remos ir mais tranquilamente para a cama agora que os Senhores não ficam com essas idéias pavorosas na cabeça".

"Ah, adorável Julie, você pode estar muito gravemente enganada", disse Durcet, "pois só me recordo da história anterior quando a última me desagradou; você duvida de minha palavra? Então queira ter a bondade de me seguir".

E, juntamente com Sophie e Michette, Durcet correu para seu anexo para descarregar não sei como, mas não obstante de maneira que não deve ter agradado a Sophie, porque deu um grito penetrante e emergiu do santuário vermelha como a crista de um galo.

"Bem", disse o Duque, "você não pode ter querido certamente confundi-la com um cadáver nessa habilidade; pois fez com que a moça desse o mais furioso sinal de vida".

"Teve medo, é tudo", Durcet explicou; "pergunte-lhe o que lhe fiz e mande-a responder ao seu ouvido". Mandou então Sophie falar ao Duque.

"Ah", disse este em voz alta, "não há nisso nada que justifique gritos, ou, quanto ao resto,

uma descarga".

E em virtude de ter tocado a campainha para a ceia, suspenderam sua conversação e seus prazeres a fim de gozarem os da mesa. As orgias foram celebradas com bastante tranqüilidade, e os Senhores foram dormir em boa ordem; nem um deles parecia bêbedo; e isso era extremamente invulgar.

## O VIGESIMO SETIMO DIA

As denúncias, autorizadas na véspera, começaram de manhã cedo; as sultanas, observando que estavam todas incluídas, a exceção de Rosette, na lista dos corretivos, decidiram que as oito deveriam participar da brincadeira e prontamente lhe passaram a fazer acusações. Comunicaram que a adorável criança passara a noite inteira peidando, e como isso não passava de brincadeira que lhe estavam fazendo, seus desmentidos defrontaram-se com o harém todo; seu nome foi inscrito sem demora. Tudo mais se processou muito bem e, a exceção de Sophie e Zelmire que praguejaram um pouco, os amigos ficaram emocionados com os cumprimentos das garotas descaradas e levadas: "Bom dia, Senhores tenho merda em minha bunda, quem quer um pouco"? E, na realidade: havia merda por todos os lados a disposição, porque, com medo de alguma tentação de lavagem, as governantas tinham removido todos os vasos, todos os receptáculos, todas as toalhas e toda a água. A dieta de carne sem pão começava a aquecer aquelas boquinhas não lavadas, os Senhores notaram que havia já uma diferença acentuada no hálito das meninas.

"Agora sim"! exclamou Curval ao retirar sua língua da goela de Augustine; "isso agora representa pelo menos alguma coisa; só de beijar esta boca já fiquei de pau duro".

Todo mundo concordou que houvera uma melhoria sensível.

Como nada mais houve de novo ou extraordinário até a hora do café, vamos transportar o leitor diretamente ao salão. O café foi servido por Sophie, Zelmire, Giton e Narcisse. O Duque disse estar absolutamente seguro de que Sophie era o tipo de moça que podia descarregar; a experiência, em sua opinião, era indispensável. Pediu a Durcet para a observar atentamente e, deitando-a num divã, poluiu simultaneamente as bordas da sua vagina, seu clitóris e seu ânus, primeiro com os dedos, depois com a língua; e a Natureza triunfou: depois de quinze minutos de atividade, a linda garotinha ficou irrequieta, agitou-se, ficou vermelha, suspirou, arquejou. Durcet chamou a atenção de Curval e do Bispo para todas aquelas manifestações, pois os dois tinham duvidado da capacidade de descarga da garota; o Duque sugeriu que, corno sempre tivera confiança nessa capacidade, aos outros competia convencerem-se a si próprios, e por isso todos passaram a sorver aquele jovem esperma, e a boceta da pequena sem-vergonha deixou todos os lábios molhados. O Duque não conseguiu resistir a lúbrica atração da experiência; levantou-se e, acocorando-se por cima da criança, descarregou em sua boceta entreaberta e depois usou seus dedos para empurrar o máximo de sua semente para o seu interior. Sua cabeça inspirada pelo espetáculo na sua frente, Curval agarrou na pequenina boceta e pediu outra coisa além de seu esperma; ela estendeu sua bonita e suave bunda, o Presidente colou sua boca a mesma, o leitor inteligente não terá grande trabalho a pensar no que dali recebeu. Zelmire, entretanto, divertia o Bispo: primeiro, esfregou-lhe o pau, depois chupou-o, finalmente sugou seu fundamento. E durante todo esse tempo, Curval estava sendo masturbado por Narcisse cuja bunda beijava ardentemente. No entanto, ninguém além do Duque perdeu esperma: Duclos anunciara algumas histórias bonitas

para a tarde a qual, prometeu, deixaria a perder de vista tudo que tinha contado até a véspera, e os Senhores estavam com disposição para poupar suas forças para o auditório. Chegada a hora, passaram a suas alcovas, e essa interessantíssima mulher expressou-se da maneira seguinte:

"Um homem, cujas circunstâncias e existência até então ignorava por completo, disse a narradora, e a respeito de quem mais tarde pouco vim a saber, e, portanto, um homem a respeito do qual só posso dar um retrato imperfeito, enviou-me um bilhete, no qual me convidava a ir a sua casa, na rue Blanche-du-Rempart, as nove horas da noite. Não tinha motivos para desconfiar, sua nota dizia; embora não o conhecesse, podia estar certa de que não teria razão de queixa se aceitasse seu convite. Dois luíses acompanhavam a carta e, a despeito de minha habitual cautela que certamente se devia ter oposto a minha aceitação de um convite de um homem de quem nada sabia, a despeito de tudo isso aceitei o risco, confiando não sei em que intuição que, em voz muito baixa, me dizia que nada tinha a recear. E portanto fui: cheguei ao endereço dado. Fui recebida por um criado que me aconselhou a me despir inteiramente, porque, explicou, era preciso que eu estivesse inteiramente nua para me deixar entrar nos aposentos de seu amo; executei a ordem e imediatamente me viu no estado desejado, levou-me pela mão, e tendo-me conduzido através de vários aposentos intermediários, bateu finalmente a uma porta. A porta abriu-se, entrei, o criado retirou-se, a porta volta a fechar-se; mas no que respeita a quantidade de luz no quarto, havia muito pouca diferença entre esse lugar e o interior de um chapéu, nem ar nem luz penetravam no quarto através de qualquer abertura. Mal acabo de entrar quando um homem nu surgiu e me agarrou sem uma palavra; conservei minha calma, persuadida de que o negócio se resumia apenas a um pequeno derrame de esperma de uma maneira ou outra:., que uma vez terminado meu serviço, disse comigo mesma, terá terminado aquela aventura noturna. E por isso não perdi nem um momento levando minha mão as suas virilhas, com a intenção de extrair o veneno do monstro o mais depressa possível. Descobri um pau muito grande, muito duro e também muito rebelde, o qual mal lhe toquei os dedos são afastados a força: meu oponente parece não ter desejado que eu descobrisse a menor coisa a seu respeito; fui levada até um banco e sentei-me. O libertino instalou-se perto de mim, e agarrando minhas mamas uma após a outra, espremeu e torceu as mesmas tão violentamente que protestei dizendo que me estava machucando. Logo após sua brutalidade cessou, conduziu-me a um sofá elevado, e fêz-me deitar ao comprido no mesmo; depois sentando-se entre minhas pernas afastadas, começou a fazer em minhas nádegas o que parou de fazer a meus seios: apalpou e apertou com violência sem paralelo, afastou-as, comprimiu-as de novo, amassou-as, malhou, beija e morde, chupou meu ânus, e como estes reiterados ataques eram menos perigosos desse lado do que o podiam ser do outro, fiquei calma e não ofereci resistência, e enquanto ele se divertiu com meu quarto traseiro perguntei a mim mesma qual poderia ser o propósito de todo aquele mistério quando, afinal, as coisas que estava fazendo eram perfeitamente normais. Estava tentando imaginar o que queria quando de repente meu homem começou a soltar uns gritos de fazer gelar o sangue:

"Corre, corre puta, foge, estou-te dizendo", gritou, "sai daqui puta, pois estou descarregando e não me responsabilizo pela tua vida"!

Como podem prontamente imaginar, meu primeiro movimento foi por-me de pé; vi um pequeno raio de luz — vindo através da porta por onde entrara — corro para ele — esbarro no criado que me recebera a entrada — lanço-me em seus braços... Devolve-me minhas roupas, dá-me ainda dois luíses, abandono a casa imediatamente, muito satisfeita por ter escapado

tão facilmente". "E tinha excelentes razões para se felicitar a si mesma", disse Martaine, "porque aquilo a que você se expôs foi meramente uma versão reduzida de sua paixão normal. Apresentarei de novo o homem, Senhores", aquela dama do mundo continuou, "mas num aspecto mais perigoso".

"Creio que minha caracterização do homem será ainda mais sombria", disse Desgranges, "e desejo associar-me a Madame Martaine garantindo-lhe que você foi extremamente feliz por ter passado apenas pelo que passou, pois o mesmo cavalheiro tem paixões muito mais invulgares".

"Mas vamos esperar e ouvir a história inteira antes de discutir a questão", o Duque sugeriu, "e, Duelos, trate de nos contar outra para afastar de nosso espírito a imagem de um indivíduo que indiscutivelmente nos excitará se continuamos ocupados com ele". "O libertino com quem a seguir tive contacto, Duelos continuou, desejava mulheres de busto muito bonito, e como isso é uma de minhas belezas, depois de o ter exposto ao seu escrutínio, preferiu-me a qualquer das outras mulheres de minha casa. Mas que uso queria aquele desgraçado libertino fazer de meus seios e rosto? Mandou-me deitar, inteiramente nua, num divã, escarranchou-se em meu peito, depositou seu pau entre minhas mamas, ordenou-me que as apertasse uma contra a outra com toda a força de que fosse capaz, e depois de uma breve carreira, o perverso camarada inundou-as de esperma ao mesmo tempo que expectorava pelo menos vinte bocas cheias de cuspo, que aterraram todas em minha cara".

"Bem", disse Adelaide, em cujo rosto o Duque acabava de cuspir, "não vejo necessidade de imitar essa infâmia. Já acabou?" continuou enquanto limpava o rosto. Mas o Duque não tinha descarregado. "Acabo quando quiser, doce criança", o Duque respondeu; "lembre-se bem de que, se está viva, é só para obedecer e deixar fazer em você o que nos agrada. Continue com sua história, Duelos, porque posso fazer coisa pior e, adorando esta bonita criatura como eu amo", disse, recorrendo a um pouco de troça, "não desejo inteiramente ultrajá-la".

"Não sei, Senhores, Duelos disse ao recomeçar seu discurso, se já ouviram falar na paixão do Comandante de Saint-Elme. Tinha uma casa de jogo onde todas as pessoas que iam arriscar seu dinheiro eram habilmente tosquiadas; mas, a parte mais extraordinária de tudo isso, é que roubo de seus clientes costumava fazer endurecer o pau do Comandante: todas as vezes que roubava um homem descarregava nas calças, uma mulher com quem eu estava nas melhores relações, e a quem ele mantinha há muito tempo, contou-me um dia que, as vezes, a coisa aquecia-o tanto que era obrigado a procurá-la em busca de alívio do ardor que o devorava. Não se limitava a roubar os clientes na roleta; qualquer outra espécie de roubo era igualmente atraente a seus olhos, não havia nada seguro quando ele estava nas proximidades. Se jantasse a mesa de alguém roubava as pratas; quando entrava nos aposentos de outra pessoa, pilhava as jóias, se perto das pessoas, apropriava-se da caixinha de rapé ou do lenço. Tudo estava sujeito a roubo: tudo o que interessava profundamente desde que lhe pudesse deitar as mãos, e tudo lhe dava uma firme ereção, e o levava mesmo a descarregar assim que tivesse satisfeito sua vontade.

Mas nessa sua excentricidade era certamente menos extraordinário do que o juiz parlamentar com quem tive de me haver logo depois de minha chegada ao estabelecimento da Fournier, e a quem tive como cliente durante muitos anos; sendo seu caso muito delicado só tratava comigo.

O jurisconsulto tinha um pequeno apartamento alugado ao ano que dava para a place de



Greve; uma velha criada vivia como governanta do apartamento, e seus únicos deveres eram estes dois: manter as instalações em boa ordem e mandar recado a seu amo quando eram visíveis na praça os preparativos para uma execução. O juiz imediatamente se punha em contacto comigo, dizendo-me que estivesse pronta; disfarçava-se e vinha buscar-me numa carruagem, e dirigíamos-nos a seu pequeno apartamento.

No salão a janela de batente estava colocada de maneira tal que tinha uma vista direta e estava situada perto do cadafalso; ali nos podíamos colocar, o juiz e eu, por trás de uma persiana que tinha em uma de suas tábuas horizontais dois binóculos de teatro, e enquanto aguardava a chegada do paciente, o sábio carrasco de Temis divertia-se numa cama que fora colocada perto da janela; enquanto esperava, como digo, beijava minha bunda, episódio que, a propósito, lhe agradava enorme-mente. Finalmente, a agitação da multidão anunciava a chegada da vítima, o homem da toga voltava a seu lugar a janela e fazia-me tomar o meu a seu lado, com a injunção de esfregar lentamente seu pau, proporcionando meus movimentos ao progresso da execução que estava a ponto de observar, de tal maneira que o esperma não escapasse até o paciente ter entregado sua alma ao criador. Tudo estava preparado, o criminoso subia na plataforma, o jurista contemplava-o; quanto mais o paciente se aproximava da morte, mais furioso se tornava o pau do vilão em minhas mãos. A lâmina era levantada, a lâmina descia, era nesse instante que descarregava: "Ah, bom Jesus"! dizia, "bom Cristo! como gostaria de ser o carrasco, e como a lâmina deslizaria melhor em minhas mãos".

Além disso, as impressões de seus prazeres podiam ser medidas pelo método de execução, um enforcamento produzia-lhe pouco mais do que uma leve sensação, um homem rebentado na roda levava-o ao delírio, mas se o criminoso fosse queimado vivo ou esquartejado, meu cliente desmaiava de prazer. Homem ou mulher, era a mesma coisa para ele".

"Atrevo-me a dizer", observou uma vez, "que só uma mulher grávida teria um efeito mais forte em mim, e, infelizmente, a coisa não pode ser feita".

"Mas, Meritíssimo", disse-lhe uma certa ocasião, "através de suas funções públicas o senhor cooperou na destruição desta infeliz vítima".

"Mas é claro", respondeu, "e é isso precisamente que cria toda a diversão em mim; há mais de trinta anos que julgo e nunca pronunciei outra sentença além da de morte".

"E o senhor supõe", disse-lhe, "que não tem, embora no mínimo, motivos para se censurar pela morte dessas pessoas, que tanto se assemelha a um assassinato"?

"Esplêndido", murmurou; "será preciso, contudo, olhar tão de perto para a questão"?

"Mas na sociedade uma coisa assim chama-se horror", protestei.

"Oh", replicou, "é preciso aprender a tirar o melhor partido do horror; no horror há matéria para produzir uma ereção, sabe, e a razão disso é bastante simples: essa coisa, por muito pavorosa que se queira imaginar, deixa de ser horrível assim que adquire o poder de fazer descarregar; deixa, portanto, de ser horrível a não ser aos olhos dos outros, mas quem me garante que a opinião dos outros, quase sempre errônea ou defeituosa sob todos os outros aspectos, o não é igualmente neste caso? Não há nada", prosseguiu,

"fundamentalmente bom, ou fundamentalmente mau; tudo é relativo, relativo ao nosso ponto de vista, isto é, a nossas maneiras, a nossas opiniões, a nossos preconceitos. Uma vez estabelecido o ponto, é extremamente possível que alguma coisa, perfeitamente indiferente

em si própria, possa ser realmente desagradável a seus olhos, mas possa ser a mais deliciosa aos meus; e imediatamente a considero agradável, imediatamente a acho divertida, independentemente de nossa capacidade, de acordo na atribuição de um caráter a mesma, não seria eu um idiota se me privasse da mesma meramente porque você a condena? Vamos, vamos, minha querida Duclos, a vida de um homem é uma coisa de importância tão insignificante que se pode brincar com ela tanto quanto se quiser do mesmo modo que com a vida de um gato ou de um cachorro; compete aos débeis e fracos defenderem-se a si próprios, têm virtualmente as mesmas armas que possuímos. E como você é tão escrupulosa", meu homem acrescentou, "estrelas minhas! que pensaria você da fantasia de um de meus amigos"?

E, com licença de Vossas Senhorias, terminarei a noite relatando, como minha quinta história, o caso que o juiz me contou.

Este jurista filosófico disse-me que seu amigo só tratava com mulheres condenadas a morte. Quanto mais próximo o momento em que lhe fossem entregues, estivesse de sua morte, melhor pagava por elas. Mas insistia em que a conferência se realizasse depois de notificadas de sua sentença. Graças a sua posição na sociedade, ao alcance fácil desta espécie de presa, nunca deixava nenhuma escapar pelos dedos e", meu informante continuou, "já o vi pagar cem luíses por esse gênero de encontro. Contudo, não as aproveita carnalmente, ou antes, nada requer delas a não ser que lhe mostrem as nádegas e caguem na sua frente; quanto a sabor de merda, nada há, ao que afirma, que se aproxime do das mulheres que sabem que vão ser executadas. Não se poupa esforço algum para conseguir uma destas entrevistas particulares, e é claro, como os Senhores podem muito bem supor, não deseja ser conhecido pela vítima. Às vezes faz-se passar por confessor, outras por amigo da família, e suas propostas são sempre fortificadas pela promessa de que, se entregarem a seus pequenos caprichos, muito possivelmente poderá ajudar as pobres vítimas.

"E depois de terminar, quando se satisfez, como, minha querida Duolos", disse o juiz, "imagina você que ele conclui esta operação? Exatamente como eu, minha digna amiga; reserva seu esperma para o clímax, e liberta-o finalmente quando diante de seus olhos deleitados a pessoa condenada expira". "Ah, isso é a verdadeira vilania", comentei.

"Vilania"? interrompeu. "Minha querida filha, tudo isso é pura conversa, palavras. Nada que provoque uma ereção se pode considerar vilania, e o único crime que existe neste mundo é a pessoa recusar-se alguma coisa que possa produzir uma descarga". "E era assim que ele nada se recusava", disse Martaine; "Madame Desgranges e eu teremos, ou pelo menos esperamos ter, ocasião para distrair a companhia com algumas anedotas lúbricas e criminosas relativas a este personagem".

"Excelente", disse Curval, "pois aí está um homem a quem já admiro muito. É assim mesmo que se deve raciocinar acerca dos prazeres próprios, e sua filosofia agrada-me infinitamente. É verdadeiramente incrível como o homem, já restrito em todos seus divertimentos, em todas as suas faculdades, tenta ainda apertar o escopo de sua existência através de seus preconceitos desprezíveis. Por exemplo, não se suspeita geralmente das limitações impostas a todos os seus deleites, por aqueles que promovem o assassinato a crise, privam-se a si próprios de cem alegrias, cada uma mais deliciosa do que a outra, atrevendo-se a adotar a ilusão odiosa que forma esse disparate particular. Que diabo de diferença pode fazer a Natureza que haja um, dez, vinte, quinhentos seres humanos a mais ou menos na Terra? Os conquistadores, heróis, tiranos — regulam-se por essa lei absurda?

Alguém os ouve dizer que não devemos fazer aos outros aquilo que não queremos que nos façam? Realmente, meus amigos, digo-lhes francamente que tremo e gemo quando ouço loucos atreverem-se a dizer que é essa a Lei da Natureza, etc... Deus Misericordioso! toda sequiosa de crimes e assassinatos, é para fazer com que eles sejam cometidos, para os inspirar, que a Natureza forjou sua lei, e o mandamento que grava profundamente em nossos corações é satisfazermos-nos seja a que custo for. Mas, paciência: terei talvez, brevemente, uma ocasião melhor para expandir estas questões, fiz o estudo mais profundo das mesmas e, comunicando minhas conclusões, espero convencê-los, como eu o estou, de que a única maneira de servir a Natureza é responder cegamente a seus desejos, seja qual for sua espécie, porque, para se manter o equilíbrio divino que ela universalmente estabeleceu. sendo o vício tão necessário ao esquema geral como a virtude, tem por hábito incitar-nos a fazer isto, ora a fazer aquilo, segundo o que de momento é necessário a seus desígnios. Sim. meus amigos, discutirei um dia isso diante de vós, mas de momento preciso ficar calado. pois tenho esperma que precisa sair, esse camarada diabólico das execuções fez com que meus colhões ficassem terrivelmente cheios". E o Presidente partiu para o boudoir no final do corredor: com ele foram Desgranges e Fanchon, suas duas queridas amigas, que eram tão safadas quanto ele; e com o Presidente foram também Aline, Sophie, Hébé, Antinous e Zéphir. Tenho poucas informações concretas a respeito daquilo que passou pela cabeça do libertino fazer no meio daquelas sete pessoas, mas sua ausência foi prolongada e ouviram-se seus gritos: "Vem, chega, volta deste lado, ouviu? Mas não foi isso que eu disse para você 'fazer'" e outras observações irritadas intercaladas com pragas das quais reconhecidamente era grande devoto quando se dedicava a cenas de devassidão; as mulheres voltaram finalmente, seus rostos muito vermelhos, seus cabelos muito desalinados, e com o ar de terem sido muito furiosamente malhadas e agredidas a pontapé em todos os sentidos. Entretanto, o Duque e seus dois amigos pouca coisa fizeram, e de todos apenas o Bispo descarregou e de uma maneira tão extraordinária que é melhor nada dizermos. de momento acerca da mesma.

Foram para a mesa da ceia, onde Curval filosofou um pouco mais, pois. com esse homem, as paixões não tinham a menor influência nas doutrinas: firme em seus princípios, era igualmente ateu, iconoclasta e criminoso depois de ter derramado seu esperma ou antes, quando estava em fermento lúbrico, e é assim, precisamente, que deviam ser todas as pessoas sensatas e equilibradas. O esperma não devia poder ditar ou afetar nossos princípios; nossos princípios é que deviam regular nossa maneira de o derramarmos. E quer se esteja de pau duro, ou não, nossa filosofia, agindo independentemente das paixões, devia ser sempre a mesma.

O divertimento nas orgias consistiu numa verificação que até então não tinha sido efetuada, mas que, não obstante, foi interessante: os Senhores decidiram determinar quem tinha a bunda mais bonita, entre os rapazes, e entre as meninas. E assim, primeiramente fizeram os oito meninos formar uma linha: estavam de pé, sim, mas por outro lado, foram mandados inclinar-se um pouco para a frente, pois é essa a única maneira de julgar convenientemente uma bunda. O exame foi muito prolongado e muito severo, opiniões colidiram, opiniões mudaram, foram retificadas, cada bunda foi inspecionada quinze vezes e a maçã foi acordada a Zéphyr; foi unanimemente acordado que era fisicamente impossível achar coisa mais perfeita, mais bem moldada, melhor fendida.

Depois voltaram-se para as meninas, que adotaram a mesma postura. A deliberação foi inicialmente lenta, prolongada, provou ser quase impossível distinguir entre Augustine, Zelmire e Sophie. Augustine, mais alta, mais bem feita do que as outras duas, teria sem dúvida

triunfado se o júri fosse composto por pintores; mas libertinos gostam mais de graça do que de exatidão, de corpulência do que de regularidade. Havia contra si um traço a mais de magreza e delicadeza; as outras duas concorrentes ofereciam uma compleição tão fresca, tão saudável, tão gorducha, nádegas tão brancas e rechonchudas, umas costas cujas linhas desciam tão voluptuosamente, que Augustine foi eliminada de consideração ulterior. Mas como iriam decidir entre as duas que restavam? Depois de dez tentativas de votação, as opiniões continuavam igualmente divididas.

Finalmente, Zelmire ganhou o prêmio; os dois encantadores vencedores foram reunidos, beijados, apalpados, esfregados para o resto da noite, Zelmire foi mandada esfregar o pau de Zéphyr o qual, descarregando como um mosquete, proporcionou, nos espasmos do prazer, o espetáculo mais encantador; depois, por sua vez, esfregou a boceta da jovem que só faltou desmaiar em seus braços, e todas estas cenas de lubricidade indescritível, provocaram a perda de esperma do Duque e de seu irmão, mas apenas excitaram moderadamente Curval e Durcet, que concordaram necessitar sim, mas de cenas menos bucólicas, muito menos etéreas, para que suas almas endurecidas se alegrassem, e que todas aquelas brincadeiras encantadoras servissem apenas para crianças. Foram dormir, e Curval, mergulhado profundamente na lama de novas infâmias, compensouse pela: ternas pastorais a que fora obrigado a assistir. Era dia de casamento, e a vez de Cupidon e Rosette serem unidos pelo sagrado matrimônio, e ainda por outra fatal combinação de acidentes, estavam ambos na lista dos castigos dessa noite. Como não se apanhou ninguém em falta nessa manhã, essa parte inteira do dia foi devotada a cerimônia do casamento, e depois de determinado este, os recém-casados foram levados ao salão para ver o que faziam um ao outro. Os mistérios de Vênus eram muitas vezes celebrados, como sabemos, na presença das crianças; embora até então nenhuma delas tivesse tido qualquer papel importante nos mesmos, estavam suficientemente entranhadas na teoria da coisa para poderem executar tudo que há a fazer. Cupidon, seu pau muito rigidamente levantado, insinuou seu pequeno batoque entre as coxas de Rosette, e ela emprestou-se a essas manobras com todo o candor da mais pura inocência; o rapaz estava atuando tão bem que estava provavelmente no caminho do sucesso quando o Bispo, tomando-o nos braços, pos em si próprio aquilo, que, imagino, a criança teria gostado imenso de por na sua jovem esposa; enquanto perfurava o amplo buraco do Bispo, olhava-a com olhos de pesar, mas ela logo ficou ocupada: o Duque foi-lhe nas coxas. Curval aproximou-se da maneira mais lúbrica para afagar a bunda do pequeno fodedor do Bispo, e como a bonita bundinha em questão estava, de acordo com as instruções, no estado desejado, lambeu-a e começou a ficar de pau duro. Durcet dedicava-se as mesmas habilidades com a garotinha que o Duque segurava com o peito voltado para si.

No entanto, ninguém descarregou e os Senhores foram jantar; os jovens noivos, que foram admitidos a mesa, serviram também o café juntamente com Augustine e Zelamir. E a voluptuosa Augustine, profundamente aborrecida por não ter ganhado o prêmio de beleza da noite anterior deixara, como se por mau humor, seus cabelos num estado de desarranjo que lhe davam um ar mil vezes mais intrigante. Curval ficou agitado ao vê-la, e examinando suas nádegas:

"Não consigo compreender como esta safada não ganhou a palma", disse o Presidente, "pois o diabo me carregue se no mundo inteiro há uma bunda melhor do que esta".

Assim dizendo, abriu essa bunda, e perguntou a Augustine se ela estava pronta para fazer uma grande gentileza a seu velho amigo. "Oh, sim", respondeu, "um favor bem grande na

realidade, porque tenho de libertar-me do que tenho aqui".

Curval deita-a num sofá, e ajoelhando-se diante daquele radiante traseiro, devora seu conteúdo num relâmpago.

"Sagrado nome de Deus", diz o magistrado, lambendo os lábios, voltando-se para seus colegas e mostrando o seu pau batendo em sua barriga. "Estou em estado de fazer furiosamente uma coisa ou outra".

"E que seria"? perguntou o Duque, que gostava muito de fazer o Presidente dizer horrores quando se encontrava naquele estado particular.

"O quê"? Curval disse, "Ora, qualquer infâmia que deseje propor, mesmo que seja desmembrar a Natureza ou desparafusar o universo".

"Vamos embora", disse Durcet ao vê-lo deitar uns olhares furiosos na direção de Augustine, "vamos ouvir Duelos, são horas de a ouvir. Estou convencido", continuou, dirigindo-se aos outros, "de que se lhe põe o dente, a patinha vai passar uma mau quarto de hora".

"Oh, sim"! disse o inflamado Presidente, "muito mau, posso garantir". "Curval", disse o Duque, cujo pau se agitava no ar como uma lança ameaçadora e que acabara de subtrair um pouco de merda de Rosette. "os outros que nos confiêm o harém durante duas horas e vão ver o que somos capazes de fazer".

Durcet e o Bispo, no momento mais calmos do que seus coproprietários, pegaram em cada um destes pelo braço, e foi assim, isto é, calças caídas até os tornozelos e paus no ar, que os libertinos fizeram sua solene entrada no auditório, onde a assembléia estava já reunida e pronta a ouvir as últimas façanhas de Duclos; tendo a narradora antecipado pelo estado dos dois cavalheiros, que logo seria interrompida, começou nestes termos:

"Um nobre da corte, de cerca de trinta e cinco anos de idade, procurou-me e pediu uma das mulheres mais bonitas que eu pudesse conseguir. Nada disse que indicasse sua mania favorita, e para satisfazer qualquer necessidade que pudesse ter, dei-lhe uma jovem costureira que nunca assistira até então a qualquer cena de devassidão e que era incontestavelmente uma das criaturas mais adoráveis de que a França se podia orgulhar. Apresentei-os um ao outro, e curiosa por observar o que ia acontecer, corri para meu posto de observação no buraco da parede".

"Onde diabo foi Madame Duelos", começou por dizer, "descobrir uma sirigaita como você? Andou rebuscando no esterco de alguém? Você devia ser criada de algum soldado quando a foram buscar".

E a jovem, corando de vergonha até as orelhas, pois não fora avisada de nada, ficou sem saber que atitude tomar.

"Bem, então tire suas roupas", o cortesão exigiu. "Meu Deus, mas você é uma porcaria horrorosa! Já vi putas feias em minha vida, mas nunca vi uma como você, nem tão estúpida. Hei e então? Conseguiremos acabar com isto hoje? Ah, sim, aí está o corpo que louvam até aos céus. Sagrada Mãe, mas que tetas, até parece que foram arrancadas a uma vaca velha".

"Nem uma senhor, posso garantir".

"Oh, estou vendo, nem uma eh! E assim que todas estas putas falam; basta ouvi-las para nos tentarem convencer de que são todas virgens... Bem, ande um pouco, dê a volta... infame bunda que você arrasta por aí. Nádegas caídas, asquerosas — agora compreendo como

disseram que você era invulgar. Deve ter preciso uma data de pontapés para ficar assim".

E deixem que lhes diga, Senhores, que a bunda a que o homem se referia era tão bonita como se pode imaginar. De qualquer maneira, a moça começou a ficar irritada; quase pude sentir o tremor de seu coração, e vi seus olhos ficarem preocupados, depois úmidos. E quanto mais perturbada ficava, mais energicamente o safado a tentava mortificar. Não posso lembrar-me possivelmente de todas as coisas desagradáveis que lhe disse; não se dizem coisas mais ofensivas, cruéis a criatura mais vil, mais infame. Finalmente, um nó cresceu em sua garganta e as lágrimas começaram a correr. Foi a esse último desenvolvimento que o libertino, que se vinha poluindo com toda sua força, reservara o buquê de suas ladainhas. É uma vez mais impossível reproduzir todas as horríveis observações que fez a sua pele, figura, feições, o nojento odor que disse sair da moça, como criticou seu comportamento, sua mente; em resumo, a tudo recorreu, tudo inventou, tudo para humilhar seu orgulho, e descarregou por cima de todo seu corpo enquanto vomitava atrocidades que um varredor de ruas nunca se atreveria a sonhar. A cena teve um desfecho muito divertido: a moça parece tê-la tomado como uma lição, e isso a levou a fazer um juramento; jurou que nunca mais se exporia a semelhante aventura, e uma semana mais tarde soube que entrou para um convento para o resto de sua vida. relatei isso ao homem, que achou tudo isso prodigiosamente divertido e que mais tarde me pediu novas moças para converter.

Um outro, Duclos continuou, pediu-me que lhe arranjasse moças extremamente sensíveis que aguardassem notícias de acontecimentos cujo desfecho desfavorável lhes provocasse acessos de profunda mágoa. Tive grande dificuldade em descobrir alguém que correspondesse a esta descrição, e era virtualmente impossível impingir-lhe um paliativo. Sabia o que queria, há anos que se dedicava a essa brincadeira, e em olhar era suficiente para lhe dizer se o golpe que queria vibrar acertaria em cheio no alvo. E por isso não fiz esforço algum para o enganar, e consegui de alguma maneira conseguir-lhe moças no estado mental que desejava. Descobri um dia uma criada que aguardava notícias de Dijon de um jovem ao qual adorava e que chamava Valcourt. Apresentei a moça ao libertino. "Onde nasceu, senhorita"? perguntou a moça de maneira decente e respeitosa. "De Dijon, Senhor".

"De Dijon? Mas, que estranha coincidência, pois acabo de receber uma carta de Dijon contendo novidades que muito me entristeceram".

"E de que se trata"? a moça perguntou com grande interesse: "Conheço todo mundo na cidade, e quem sabe se essas notícias terão interesse para mim".

"Oh, não creio", nosso homem respondeu, "só me dizem respeito a mim; trata-se da morte de um jovem — de quem eu gostava profunda-mente, tinha-se casado recentemente com uma moça que meu irmão, que também reside em Dijon, lhe apresentara, moça por quem estava apaixonadíssimo, e no dia seguinte ao casamento, morreu súbitamente". "E como se chamava o rapaz"?

"Chamava-se Valcourt; nasceu em Paris", e o libertino citou a rua e o número onde Valcourt vivera. "Você não deve tê-lo conhecido com certeza".

Mas a jovem desmaiara.

Logo após o libertino, fora de si com prazer, balbuciou uma série de palavrões, desabotoou suas calças, e começou a esfregar seu pau no soberbo corpo da mulher. "Ah, por Deus! é isto que quero. Vamos depressa agora", disse para si mesmo, "as nádegas, só preciso das nádegas para descarregar".

E fazendo-a voltar-se, e levantando-lhe as saias, lança sete ou oito jatos de esperma na bunda imóvel da moça, e depois retirou-se sem um pensamento pelas conseqüências do que disse, ou pelo que viesse a acontecer a infeliz criatura".

"E ela morreu como resultado disso"? inquiriu Curval, que estava sendo vigorosamente enrabado.

"Não", Duclos respondeu, "mas adoeceu e ficou seis semanas de cama".

"Boa piada, sim senhor"! disse o Duque. "Mas", continuou o safado, "mas preferia que seu homem tivesse escolhido a época de sua menstruação para lhe fazer a revelação".

"Sim", declarou Curval, "sem dúvida. Mas, Senhor Duque, diga-nos a verdade; seu pau está no ar, posso notar daqui: o senhor teria preferido que ela morresse na hora, não é"?

"Bem", como quiser", respondeu o Duque. "Se prefere assim, concordo, porque, sabe, não tenho grandes escrúpulos pela morte de uma mulher".

"Durcet",. disse o Bispo, "se você não manda estes dois malandros lá fora descarregarem, esta noite vamos ter festa".

"Ah, não diga isso", Curval disse, dirigindo-se ao prelado, "você tem medo de seu rebanho. Mas que diferença fazem dois mais ou menos? Bem, o Senhor Duque, ouviu a sugestão do Monsenhor, vamos para o aposento, mas vamos juntos, pois é mais do que evidente que os dois cavalheiros querem evitar um escândalo esta noite".

Mal o disseram, já o fizeram; e nossos dois libertinos fizeram-se seguir de Zelmire, Augustine, Sophie, Colombe, Cupidon, Narcisse, Zélamir, Adonis, escoltados por Clivador de Bundas, Invictus, Thérèse, Fanchon, Constance e Julie. Seguiu-se um breve intervalo, depois ouviram-se os gritos de duas ou três mulheres e a seguir os urros de nossos dois devassos que derramaram seu esperma ao mesmo tempo. Augustine reapareceu, limpando seu nariz sangrento, os seios de Adelaide cobertos por um lenço. Quanto a Julie, sempre suficientemente libertina e esperta para passar por qualquer provação sem conseqüências, ria como uma pessoa histérica e dizendo que não fosse ela os dois não teriam conseguido descarregar. O resto da companhia voltou; Zelamir e Adonis tinham ainda suas nádegas cheias de esperma. Tendo garantido a seus confrades que se tinham comportado com toda a decência e moderação possível, que nada se lhes podia censurar, e agora perfeitamente calmos estavam em condições de ouvir, os Senhores deram a Duclos ordem para continuar o que ela fez nos termos seguintes:

"Lamento sinceramente a precipitação do Senhor Curval em se aliviar de suas necessidades, disse a soberba criatura, pois tenho duas histórias de mulheres grávidas a contar-lhe, as quais lhe teriam sem dúvida dado grande prazer. Conheço seu gosto pela fruta guardada, e estou certa de que, se tiver ainda uma centelha de calor, em seus intestinos, estas duas histórias o divertiriam".

"Mas conte da mesma maneira", disse Curval. "Você sabe, espero, que uma descarga a mais não tem importância nenhuma em meus sentimentos, e que no momento em que estou mais apaixonado pelo diabo é sempre aquele que se segue a uma".

"Muito bem, Duclos disse, conheci um homem cuja mania tinha estreita ligação com a observação de uma mulher dando a luz; começava a esfregar seu próprio pau no momento em que começavam os trabalhos da mulher, e costumava descarregar em cima da cabeça do infante a frente de sua vítima.

Um segundo empoleirava uma mulher grávida de sete meses num pedestal isolado de mais de 5 metros de altura. A mulher era obrigada a conservar seu equilíbrio, e seu espírito naquilo que estava fazendo, pois que por pouca sorte ficasse tonta, ela e seu filho seriam definitivamente arruinados. O libertino de que falo, muito pouco afetado pela situação da pobre criatura cuja habilidade acrobática pagava, conservava a infeliz no poleiro até descarregar, e esfregava seu pau diante da mulher ao mesmo tempo que dizia: "Ah, que estátua linda, que orna-mento bonito, a imperatriz em seu trono". "Bem, Curval, você sacudia a coluna, não sacudia"? disse o Duque.

"Ah, nada disso, você está enganado; tenho muito respeito pela Natureza e por suas obras. Não é a mais interessante de todas elas a propagação de nossa espécie"? Não uma espécie de milagre que devemos adorar incessantemente e ter o interesse mais caloroso por quem o pratica? Pela minha parte nunca vejo uma mulher grávida sem ficar comovido; pensem um momento que coisa maravilhosa é a mulher, exatamente como um forno, chocar um pouco de ranho no fundo de sua vagina. Há coisa mais bonita, mais encantadora do que isso? Constance, querida moça, vem aqui, pelo que me deixe beijar o santuário no qual neste preciso momento um profundo mistério está em progresso".

E quando se viu com ela em sua alcova, não perdeu muito tempo procurando o templo a que queria ministrar. Mas há razões para supor que Constance encarou suas intenções de uma maneira um tanto diferente, ou, pelo menos, só acreditou em metade de suas profissões, pois um instante depois ouviu-se soltar um grito que não tinha relação alguma com as conseqüências de uma reverência ou homenagem. Depois o silêncio voltou a reinar; observando que tudo estava calmo, Duclos concluiu suas narrações com a seguinte história:

"Conheci um homem, disse ela, cuja paixão consistia em ouvir crianças lamuriarem e chorarem; precisava de uma mãe com um filho no máximo de três ou quatro anos. Mandava a mãe dar a criança uma boa surra; isso tinha que ser feito na sua frente, e quando a pequena criatura, despertada por tal tratamento, começa a berrar, a mãe devia pegar no pau do sem vergonha, apontando a glande ao rosto da criança, no qual descarregava quando a criança fazia mais barulho".

"Agora, aposto", disse o Bispo a Curval, "que esse camarada era tão amigo da multiplicação quanto você".

"Não me atrevo a dizer", Curval concedeu. "Deve ser, de acordo com o argumento de uma senhora reputadamente possuidora de uma grande reserva de sabedoria, deve ser, dizia eu, um grande safado; porque, de acordo com os pensamentos da mulher, os homens que não amam os animais, crianças ou mulheres de barriga inchada, são monstros que merecem ser postos em jaulas. Bem, segundo a opinião dessa agradável velha louca, meu caso foi ouvido e decidido e retirado da agenda", o Presidente disse, "porque sem dúvida não tenho afeto nenhum por nenhuma dessas três coisas".

E como já era tarde, e as interrupções tinham consumido uma grande parte da sessão, foram diretamente para a ceia. À mesa, debateram as questões seguintes: que necessidade tem o homem de sensibilidade? Curval provou que nada há de tão perigoso, e que a bondade humana é o primeiro sentimento a extirpar das crianças, fazendo-as acostumarem-se desde pequenas aos espetáculos mais ferozes. Tendo cada um abordado o problema de maneira diferente, através de longos e inúmeros atalhos acabaram finalmente por concordar com Curval. Terminada a ceia, o Duque e o Presidente foram de opinião que as mulheres e as crianças deviam ser mandadas dormir, e propuseram que as orgias fossem um torneio



exclusivamente masculino; todos concordaram, a idéia foi adotada, os Senhores recolheram-se a seus aposentos com os oito fodedores e passaram quase a noite inteira fazendo-se enrabar e tomando licores. Caíram na cama duas horas antes da alvorada, e a manhã trouxe consigo, eventos e histórias que o leitor talvez ache interessantes se der ao trabalho de ler o que se segue.

## O VIGESIMO NONO DIA

Há um provérbio — e que coisas excelentes são os provérbios — há um, dizia eu, que diz que o apetite se restaura comendo. Este provérbio, rude, grosseiro, mais ainda, vulgar que possa ser, tem, não obstante, um significado muito grande: a saber, que, quando se executam horrores, o desejo de cometer outros é aquecido, e quanto mais se cometem, mais se desejam.

Bem, era esse exatamente o caso de nossos insaciáveis libertinos. Através de uma severidade imperdoável, de um refinamento detestável de deboche, eles, como sabemos, tinham condenado suas esposas a prestar-lhes os serviços mais vis e mais sujos a sua emergência das privadas. Não se contentaram com isso e no dia 29 de dezembro proclamaram uma nova lei (que parecia ter sido inspirada na libertinagem sodomística da noite anterior) uma nova lei, dizia eu, que determinava que, a partir do dia 14 de dezembro essas mulheres seriam os únicos vasos das necessidades de seus maridos, e que as referidas necessidades, grandes e pequenas, nunca seriam executadas a não ser na boca de suas esposas; quando os Senhores tivessem vontade de satisfazer essas necessidades fundamentais, seriam seguidos por quatro sultanas as quais lhes prestariam, depois de satisfeitas as mesmas, o serviço até então desempenhado pelas esposas e que a partir de então as citadas esposas seriam incapazes de executar, uma vez que suas obrigações seriam maiores; que as quatro sultanas oficiantes seriam Colombe para Curval, Hébé para o Duque, Rosette para o Bispo e Michette para Durcet; e que o menor erro ou fracasso cometido no curso de qualquer dessas operações, na que envolvia as esposas ou na que empregava as meninas, seria castigado com prodigiosa severidade. Mal as mulheres souberam deste novo regulamento choraram e agitaram as mãos, infelizmente, tudo em vão. Foi no entanto determinado que cada esposa serviria seu marido e Mine o Bispo, e que para essa operação os Senhores não poderiam trocar de companheira. Foi resolvido que duas duenhas se revezassem apresentando-se para o mesmo serviço, e o horário dessa obrigação seria inalteravelmente fixado a hora que os Senhores se dirigissem as orgias noturnas; foi decidido que os Senhores procederiam sempre aquele ritual na companhia uns dos outros, e que enquanto as velhas operavam, as quatro sultanas, enquanto esperavam para prestar os serviços que lhes competiam, exibiriam conspicuamente suas bundas, e as velhas iriam de anus em ânus, apertando-o, abrindo-o encorajando-o a funcionar geralmente. Promulgada esta legislação, os amigos procederam então a aplicação dos castigos não distribuídos na noite anterior em virtude da decisão de se dedicarem a orgias com a assistência exclusiva de homens.

A operação foi executada nos aposentos das sultanas; foram atendidas as oito, e depois delas foi a vez de Adelaide, Aline e Cupidon, que foram também incluídos na lista fatal; a cerimônia, com os detalhes e todo o protocolo observado em tais circunstâncias, arrastou-se durante quase quatro horas, terminadas as quais Suas Senhorias desceram para jantar, suas cabeças em fogo, especialmente a de Curval que, adorando prodigiosamente exercícios

daqueles, nunca tomava parte nos mesmos sem a ereção mais definida. Quanto ao Duque, descarregara no meio da cena, o mesmo fazendo Durcet. Este último, que começava a desenvolver uma impertinência libertina muito maliciosa por sua esposa Adelaide, não era capaz de a disciplinar sem tremores de prazer que em última análise soltavam sua semente.

O jantar foi seguido, como sempre, de café; os Senhores, dispostos a ter a mão umas bundzinhas bonitas, tinham nomeado Zéphyr e Giton para servir as xícaras e a estes dois podiam ter acrescentado um grande número de outros; mas nem uma única sultana tinha sua bunda em estado apropriado. De acordo com o horário, a equipe do café foi reforçada por Colombe e Michette. Curval, examinando a bunda de Colombe, a condição enlameada da mesma, em parte obra do próprio Presidente, ficou possuído de desejos singulares, enfiou o pau entre as coxas por trás, apalpando avidamente as nádegas da menina; de vez em quando, em suas idas e vindas, seu engenho, como se por distração, roçava no querido orifíciozinho que ele daria um reino por perfurar. Por um momento chegou a pensar nisso.

"Oh, Deus sagrado", disse voltando-se para seus amigos. "Pago a sociedade duzentos luíses, agora mesmo, se me derem licença para perfurar esta bunda".

A razão prevaleceu, não obstante, conseguiu controlar-se e nem sequer descarregou. Mas o Bispo fez com que Zéphyr descarregasse em sua boca e derramou seu próprio esperma santificado no momento em que engolia o da criança; Durcet teve sua bunda atacada a pontapés por Giton, depois ordenou a este que cagasse e comeu o presente, e continuou casto. Os Senhores passaram ao auditório, onde cada pai, por uma combinação um tanto freqüente, teve sua filha a seu lado; abertas as calças, passaram a ouvir as cinco histórias de nossa narradora.

"Parecia que, desde o dia em que executara a piedosa vontade de Fournier, a felicidade sorria cada vez mais calorosamente a minha casa, disse aquela distinta puta. Nunca tivera tantos conhecidos ricos. O prior Beneditino, entre meus clientes mais fiéis, um dia disse-me que, tendo ouvido relatar uma fantasia notável e tendo depois visto um de seus amigos executá-la, amigo que era louco pela coisa, tinha grande desejo de a experimentar e para isso queria que eu lhe arrumasse uma moça de cabelos abundantes. Dei-lhe uma grande criatura de vinte e oito anos que tinha uma verdadeira floresta debaixo dos braços e na boceta. "Esplêndido", disse o prior ao examinar a mercadoria, "é exatamente o que quero". E como éramos muito amigos, ele e eu, como já nos tínhamos divertido juntos muitas vezes, não fez qualquer objeção quando lhe pedi para o ver trabalhar. Mandou a mulher despir-se e semi-reclinar-se num sofá, seus braços estendidos por cima da cabeça e, armado de uma grande tesoura começou a cortar-lhe os cabelos das axilas. Depois de ter cortado o último voltou-se para sua boceta e fêz-lhe também a barba, mas tão meticulosamente que quando terminou nunca ninguém acreditaria que tivesse havido o mínimo vestígio de cabelos nas áreas em que trabalhara. Cumprida a obrigação, beijou as partes que tosquiou e derramou seu esperma no monte sem cabelos, em perfeito êxtase com os frutos de seu labor.

Um outro exigia uma cerimônia sem dúvida muito mais bizarra; estou pensando no Duque de Florville; recebi ordem para lhe levar uma das mulheres mais bonitas que conseguisse descobrir. Um criado recebeu-nos no palácio do Duque, e entramos por uma porta lateral. "Vamos agora preparar esta atraente criatura", disse-me o criado; "é preciso fazer alguns ajustamentos para ficar em estado de divertir meu Senhor o Duque... venham comigo".

Através de passagens e corredores igualmente sombrios e imensos, chegamos finalmente a uma série de quartos lúgubres, iluminados apenas por seis velas no chão em

redor de um colchão coberto por cetim preto; o quarto inteiro estava cheio de coisas fúnebres, e o espetáculo, quando entramos, causou-nos a pior impressão.

"Não tenham medo", disse nosso guia, "não lhes acontecerá nada; mas estejam prontas para tudo", acrescentou, falando a moça, "e acima de tudo, trate de fazer tudo que lhe vou dizer".

Fê-la despir toda sua roupa, soltou seus cabelos, e disse-lhe que devia deixar seus cabelos que eram soberbos, bem soltos. Depois mandou-a deitar no colchão rodeada pelas velas enormes, disse-lhe que fingisse de morta e que se esforçasse durante toda a cena por nem se agitar nem respirar mais profundamente do que o necessário. "Porque se infelizmente meu amo, que vai imaginar que a senhorita está morta, perceber que está apenas fingindo, fica furioso, retira-se imediatamente, e é claro que não paga nem um centavo".

Instalou a moça no colchão numa atitude de cadáver, fê-la torcer a boca dando a impressão de dor, seus olhos deviam também sugerir que morreria em agonia; espalhou as tranças pelo seu peito nu, colocou um punhal a seu lado, e em cima de seu coração espargiu sangue de galinha, pintando uma ferida do tamanho de uma mão. "Repito, uma vez mais", disse a moça, "não tenha medo, não precisa dizer nada, fazer nada, precisa apenas ficar absolutamente quieta e sustar sua respiração nos momentos em que o sentir mais próximo".

E agora, Madame, o criado me disse, "podemos sair do quarto. Venha comigo, se faz favor; para não ficar preocupada com sua moça, vou colocá-la num lugar onde poderá observar e ouvir a cena inteira". Deixamos o quarto, deixando a moça que não ficou sem apreensões, mas a quem as palavras do criado tranqüilizaram um pouco. Conduziu-me a um pequeno aposento contíguo ao quarto onde o mistério ia ser celebrado, e através de uma fenda entre dois painéis, dos quais o tecido preto pendia, consegui ouvir tudo. Ver foi ainda mais fácil, porque o pano era apenas crepe, conseguia distinguir os objetos do outro lado com a mesma clareza com que os veria se eu também estivesse do outro lado.

q criado puxou o cordão que tocou a campainha, era o sinal, e alguns minutos mais tarde, vemos um homem alto, magro, gasto e de cerca de sessenta anos entrar no palco. Por baixo de um robe de tafetá da Índia muito solto estava completamente nu. Parou ao entrar na porta; é melhor dizer-lhes agora que o Duque, supondo que estava absolutamente sozinho, não fazia a menor idéia de que estava sendo observado.

"Ah, que lindo cadáver"! exclamou sem demora. "A morte é linda de observar... Mas, meu Deus, que é isto"! disse ao avistar o sangue, o punhal. "Deve ter sido um assassino... apenas há momentos... ah, Grande Deus, como deve sentir seu pau duro, a pessoa que fez isso.

E esfregando seu pau:

"Como teria adorado vê-lo vibrar o golpe".

E acariciando o cadáver, passando suas mãos na barriga da moça: "Grávida?... Não, aparentemente não. Que pena".

E continuando a explorar com suas mãos:

"Soberba carne. Ainda está quente... que peito adorável". Então debruçou-se e beijou a boca da moça com incrível emoção: "Ainda se baba", disse, "como adoro esta saliva".

E uma vez mais lhe enfiou a língua quase até a goela; ninguém podia talvez ter representado o papel com mais convicção do que a moça, continuou como morta, e sempre que o Duque se aproximava deixava imediatamente de respirar. Finalmente, voltou-a de barriga

para baixo:

"Preciso ver esta linda bunda", murmurou.

E depois de a ter escrutinado:

"Jesus Cristo! Que nádegas, beijou e distintamente o vimos enfiar sua língua naquele atraente burquinho.

"Oh, palavra de honra"! exclamou, suando de admiração, "é certamente um dos cadáveres mais maravilhosos que vi em toda minha vida; feliz de quem tirou a vida desta moça, oh, pessoa invejável, que prazer deves ter conhecido".

A própria idéia fê-lo descarregar; deitou-se a seu lado, suas coxas coladas as nádegas da mulher, e descarregou em seu ânus, dando incríveis sinais de prazer, e ao soltar seu esperma, gritando como um demônio:

"Ah, coisa boa, meu Deus, se ao menos eu a tivesse morta, se ao menos tivesse sido eu".

Assim terminou a operação, o libertino levantou-se e desapareceu; entramos no quarto e resuscitamos a corajosa amiga. Estava exausta, incapaz de se mexer: constrangimento, medo, tudo tinha afetado seus sentidos, sinceramente estava bem perto de se tornar o personagem que tão habilmente tinha desempenhado. Partimos com quatro luíses que o criado nos deu; como podem bem imaginar, não nos deve ter dado nem metade daquilo que o Duque mandou pagar". "Muito bem" ! exclamou Curval, "isso é uma paixão. Para dizer o mínimo, a coisa tem sabor, tem aroma".

"Estou de pau duro como um macho", disse o Duque; "aposto minha fortuna, mas esse camarada tinha outros truques em sua manga". "E ganhava, meu Senhor", disse Martaine; "de vez em quando empregava um realismo maior. Creio que Madame Desgranges e eu temos evidência para provar isso".

"E que diabo vai você fazer enquanto espera"? Curval perguntou ao Duque.

"Não me perturbe, não me perturbe", gritou o Duque, "estou fodendo minha filha, fazendo de conta que ela está morta".

"Malandro", Curval, reportou, "isso representa dois crimes em sua cabeça".

"Ah", disse o Duque, representaria se fosse verdade..." E sua impura semente explodiu na vagina de Julie.

"E agora, Duclos, que temos a seguir? Continue com suas histórias", disse assim que terminou seu negócio, "continue, querida amiga, não deixe o Presidente descarregar, pois posso ouvi-lo daqui ter relações incestuosas com sua filha; o camarada está com algumas idéias loucas em sua cabeça; seus pais fizeram-me tutor dele, esperando que fique de olho em seu comportamento e muito me aborreceria se ficasse pervertido".

"Muito tarde", Curval disse, "tarde demais, meu velho, estou descarregando; e não há dúvida, que linda morte".

E enquanto fodia Adelaide, o malandro pensou consigo mesmo, como o fizera o Duque, que estava fodendo sua filha assassinada; incrível distração da mente de um libertino, que não pode ver, não pode ouvir, mas que a cada instante imita!

"Duclos, você precisa continuar", disse o Bispo, "pois caso contrário posso ser seduzido

pelo exemplo dos dois traquinas, e em meu estado atual podia levar as coisas muito mais longe do que eles". "Algum tempo depois desta última aventura, fui a casa de outro libertino, disse Duclos, cuja mania, talvez mais humilhante, não era, no entanto, tão saturnina. Recebeu-me numa sala cujo chão estava coberto por um tapete muito bonito. Mandou-me tirar tudo que estava usando e depois, fazendo-me ficar de joelhos e com as mãos no chão:

"Vamos ver", disse, afagando e acarinhando a cabeça de dois grandes cães dinamarqueses que se encontravam a seu lado, "vamos ver se você é tão ágil e rápida quanto meus cães. Pronta? Pega"!

E com isso arremessou uns biscoitos grandes no chão; falando-me como se eu fosse um animal, diz:

"Pega"!

Corro de quatro para o biscoito, achando melhor entrar na brincadeira com bom humor e participar do espírito de sua excentricidade; corro, dizia eu, e tento apanhar os biscoitos, mas os dois cães, que também correram, chegaram primeiro, agarraram os biscoitos, e levam-nos a seu dono.

"Bem, não há dúvida de que você está precisando de treino antes de ficar em boa forma", disse o cavalheiro; "não estará você, por acaso, com medo de que meus cães lhe façam mal? Não se preocupe com eles, minha querida, eles não lhe tocam, mas por dentro, sabe, ficarão com um fraco conceito a seu respeito se perceberem que você é uma criatura desajeitada. Vamos tentar outra vez — mas mais depressa. Aí está sua oportunidade de tirar uma desforra... pega". Outro biscoito jogado, outra vitória dos cães, outra derrota para mim; bem, em resumo, a brincadeira durou duas horas, durante as quais só consegui pegar o biscoito uma vez e levar-lho de volta em minha boca. Mas vencida ou vencedora os cães não me fizeram mal algum; pelo contrário, pareciam estar-se divertindo muito, como se pensassem que era outro animal como eles.

"Basta", disse o cavalheiro. "Já trabalhou muito: são horas de comer".

Tocou a campainha e entrou um criado.

"Traz comida para os meus animais".

E um momento depois o criado voltou, trazendo uma gamela de ébano cheia de uma espécie de carne picada muito delicada. Pos a gamela no chão.

"Muito bem", meu senhor me diz, "trate de comer com os meus cães, e veja se faz melhor figura do que fez brincando".

Nada lhe pude responder; tinha de obedecer. Ainda de quatro, mergulho minha cabeça na gamela; esta era muito limpa, a comida era muito boa, comecei a mastigar ao lado dos cães, que muito gentilmente se afastaram, deixando-me pacificamente a minha parte. E foi esse o

momento crítico de nosso libertino; a humilhação da mulher, a degradação a que a reduzira, estimulavam maravilhosamente sua disposição.

"Oh, desgraçada", disse, enquanto esfregava assiduamente seu pau, "vagabunda, veja isto, empanturrando-se com os cães, é assim que se deve tratar as mulheres, e se todos fizessem assim, não fariam mal

a ninguém, ah, não! Animais domésticos como os cães, por que motivo não devem ser tratadas do mesmo modo? Ah, puta sem vergonha, cachorra, lodo, escumalha"! gritou,

aproximando-se e derramando seu esperma em minha bunda, "desgraçada, você só merece comer com os cães".

E assim terminou o caso; nosso homem desapareceu, vesti-me prontamente, e ao lado de minha roupa- achei dois luízes, preço corrente e sem dúvida a quantia que o safado estava habituado a pagar por seus prazeres".

Neste ponto, Senhores, Duclos continuou, sou obrigada a voltar atrás e, a título de conclusão das narrações da noite, ao lado forte, poderiam ter ficado deslocadas no seio das escapadas com que me fizeram começar no início do mês; e por isso pu-las de lado e reservei-as para o final de minha contribuição.

Tinha apenas dezesseis anos na época, e estava ainda em casa de Madame Guérin; fui enviada a residência de um homem de indiscutível . distinção, e, após minha chegada, disseram-me simplesmente que esperasse numa pequena antecâmara, que ficasse a vontade, que obedecesse em tudo ao senhor que logo surgiria para se divertir comigo; mas tiveram o cuidado de me não dizer tudo: não me teria assustado tanto se me tivessem avisado, e nosso libertino não teria certamente tanto prazer. Já estava no quarto há uma hora quando a porta finalmente se abriu. Era o próprio dono da casa.

"Que diabo está fazendo aqui", perguntou com um ar de surpresa, "a estas horas do dia?... Responde, puta"! exclama, pegando-me pela garganta e quase me sufocando, "responde. Você, sua porcaria, está aqui para me roubar"?

Chama por alguém, imediatamente surge um criado de confiança. "La Fleur", diz seu irado amo, "apanhei uma ladra; estava escondida quando entrei. Tira-lhe a roupa e prepara a mulher para executar as ordens que eu der".

La Fleur faz o que lhe mandam, sou privada de minhas roupas num segundo, muito bem arremessadas para o lado a medida que me são tiradas.

"Muito bem", o libertino diz ao criado, "vai buscar um saco, coloca a mulher dentro, e joga-a no rio".

O criado vai buscar o saco. Deixo aos senhores imaginarem que aproveitei esses poucos momentos para me ajoelhar aos pés do nobre pedir-lhe que me perdoasse, que fora Madame Guérin, sua fornecedora habitual, quem me mandara. Mas o devasso cavalheiro não quis ouvir nada, agarra minhas nádegas, e vibrando-lhes violentos socos diz:

"Uma merda", acrescenta, "acho que vou dar esta bonita bunda aos peixes".

Era essa a única ação libertina que parecia inclinado a permitir-se, até então nada mostrara que me pudesse ter levado a supor que a libertinagem tinha algo a ver com a cena inteira. O criado volta, trazendo um saco; a despeito de todos meus protestos, e foram calorosos, sou mergulhada no saco. a boca do mesmo é costurada, e La Fleur levanta-me em seus ombros. Foi então que ouvi os efeitos da crescente crise do homem; deve ter começado a esfregar seu pau no momento em que me colocaram no saco. No mesmo momento em que La Fleur me pôs em seus ombros, o esperma do vilão deixou seu corpo.

"Para o rio, para o rio, está ouvindo, La Fleur"? disse, gaguejando de prazer. "Sim, para o rio com ela, e ponha uma pedra no saco, para a puta morrer mais depressa".

E foi tudo que disse, fui libertada, fomos para o quarto adjacente onde La Fleur me devolveu minhas roupas, deu-me dois Luízes e me deu provas inequívocas da maneira, radicalmente oposta à de seu amo, como se conduzia na busca do prazer; depois voltei para a

casa de Madame Guérin. Severamente a admoestei por me ter enviado a casa tão pobrememente preparada; para me aplacar. arranjou-me outro encontro: teve lugar dois dias mais tarde, e fui ainda menos preparada para a batalha que tive de travar com meu novo adversário.

Mais ou menos como na aventura que acabo de relatar, fui e mandaram-me esperar numa antecâmara da casa pertencente a um Recebedor do Rei, mas desta vez esperei na companhia do criado que, enviado por seu amo, me fora buscar a casa da Guérin. Para me distrair enquanto cavalheiro não surgia, o criado mostrou-me uma grande coleção de pedras preciosas guardadas numa gaveta da escrivaninha.

"Deus me abençoe", disse o velho alcoviteiro, "se a senhora levasse uma ou duas destas pedras, mas acho que isso fizesse alguma diferença; o velho Cresus é tão rico que aposto que nem sabe quantas pedras tem na escrivaninha ou a qualidade das mesmas. Aproveite, se quer. não se preocupe comigo, não sou o gênero de pessoa que traia uma amiga como a senhora".

Infelicidade! eu estava mais que disposta a seguir seus pérfidos conselhos; os Senhores conhecem minhas predileções, já falei a respeito das mesmas; e portanto, sem que ele precisasse de proferir outra palavra, deitei a mão a uma caixinha de ouro valendo sete ou oito luízes, não me atrevendo a tirar um dos objetos realmente valiosos. Isso foi tudo que o criado sem vergonha quis, e para evitar o ter que voltar ao assunto mais tarde, soube depois que, se tivesse recusado sua sugestão. ele teria colocado uma jóia ou duas em meu bolso sem que eu desse por isso. O senhor chega, cumprimenta-se com amabilidade e cortesia. o criado deixa o quarto, ficamos a sós. Este homem, ao contrário do outro, divertia-se num sentido bem real; derramou uma profusão de beijos em minha bunda, ordenou-me que o chicoteasse, que peidasse em sua boca, pos seu pau na minha, e numa palavra, teve sua dose de todas as espécies de lubricidade a exceção de minha boceta: mas de nada valeu, não descarregava. O momento propício ainda não chegara, tudo aquilo que estava fazendo era secundário, preparatório; logo saberão onde tudo isso me levou.

"Estrela minha"! exclamou subitamente, "esqueci-me por completo. Está um criado esperando ainda no outro quarto por uma jóia que há pouco lhe prometi entregar para dar a seu amo. Desculpe-me, minha querida, mas não posso fazê-lo esperar mais tempo; depois vamos de novo ao trabalho".

Culpada do pequeno furto que há pouco cometera a instigação do maldito criado, podem bem supor que a observação do homem me fez tremer. Pensei por um momento contar-lhe tudo, mas logo resolvi que era melhor bancar a inocente e correr o risco. Abre a gaveta, olha primeiro numa gaveta e depois noutra, remexe tudo, e não encontrando o que procura, olha para mim com um ar furioso. "Você, porcaria, só você, diz, "além do criado em quem tenho inteira confiança, foi a única pessoa a entrar neste quarto nas últimas três horas: o artigo está faltando; você deve tê-lo consigo".

"Oh, Senhor", digo, tremendo por todos os lados "pode ter certeza de que sou incapaz..."

"Vá para o diabo", troveja (deve notar-se que suas calças estavam ainda abotoadas, que seu pau era perceptível por dentro das mesmas e seu contorno era bem arqueado; tudo isso, é de supor, me devia ter alegrado e afastado meus temores, mas perdera minha cabeça, e não via nada), vem aqui, puta, meus valores têm que ser encontrados".

Mandou-me despir; vinte vezes lhe pedi de joelhos que me poupasse a humilhação de tal

inspeção, nada o movia, nada o comovia, ele próprio irado arrancou minhas roupas, e assim que fiquei nua, examinou meus bolsos e é claro não levou muito tempo a encontrar a caixinha.

"Ah, grande puta!" exclamou, "não preciso de mais nada para me convencer. Então, sua vagabunda, você vem a casa de um homem para o roubar"?

E chamando imediatamente seu lugar tenente:

"Vá chamar imediatamente a polícia", ordenou.

"Oh, Senhor!" exclamei. "tenha piedade de meu ato infantil. fui levada a isso, não fiz por minha vontade, disseram-me para..." "Bem", interrompeu o devasso, "você explica tudo isso ao guarda, pois o diabo me carregue se não acabo com todos estes roubos". O criado parte de novo: o libertino, portador ainda de uma ereção que o cega, senta-se numa cadeira de braços e, enquanto mexe em seu pau, lança-me mil invectivas.

"Esta vagabunda. este monstro", disse. "vem a minha casa para me roubar, queria dar-lhe uma recompensa por seus serviços... mas agora, meu Deus! ela vai ver".

Quando acaba de pronunciar estas palavras ouvem-se umas pancadas na porta, e vejo um gendarme entrar.

"Senhor guarda", diz o dono da casa, "tenho aqui uma ladra desgraçada que quero que o senhor ponha a ferros, e vou entregá-la nua, pois mandei-a tirar suas roupas para melhor a revistar; aí está a mulher, suas roupas estão ali, e eis o artigo roubado; quero que a mande enforcar, e boa noite".

Logo após rodou nos calcanhares, voltou a sentar-se na cadeira de braços e descarregou.

"Sim, enforque essa puta, pelo amor de Deus, quero vê-la enforcada, senhor guarda, o senhor compreende? Enforque-a, é tudo que lhe peço!" disse quase gritando.

O pretense gendarme leva-me com minhas roupas e a maldita caixinha, num quarto contíguo tira o uniforme, e revela-se o mesmo criado que me recebeu e me incitou a cometer o roubo; tão perturbada estava que não o reconheci vestido de policial.

"Bem, bem!" disse o gendarme, "ficou assustada"?

"Claro", murmurei, mal podendo falar, "completamente apavorada".

"Já passou", disse então o homem, "e aqui está seu dinheiro".

Assim dizendo, entrega-me a mesma caixinha que eu roubara, é um presente do patrão, devolve-me minhas roupas, oferece-me um cálice de cognac e acompanha-me de volta a casa de Madame Guérim".

"Essa mania é bizarra e agradável", disse o Bispo; "a maior parte da mesma pode ser aproveitada noutras ocasiões. Minha crítica a mesma é que contém um excesso de delicadeza; vocês sabem, é claro, que não favoreço muito a mistura de sentimentos delicados com libertinagem. Deixem esse elemento fora e, nessa história, pode aprender-se um método infalível para evitar que as putas se queixem, independentemente da maneira iníqua com que se possa ter disposição de lhes falar. E apenas necessário dar-lhes a isca, levá-las a armadilha, e depois de apanhadas com a mão na massa, fica-se a vontade para se lhes fazer o que se quiser, nada mais há a recear, não se atrevem a dizer um ai, com medo de serem acusadas ou objeto de nossas' recriminações".



"É verdade", disse Curval, "e estou certo de que se eu estivesse no lugar do cavalheiro, ter-me-ia permitido ir muito mais longe, e você, minha querida Duolos, talvez não tivesse escapado com tanta facilidade".

Como as histórias tinham sido compridas nessa noite, a hora da ceia chegou antes dos Senhores terem oportunidade para se dedicarem a quaisquer brincadeiras. Foram portanto para a mesa firmemente resolvidos a tirar o melhor partido do período que se seguia a refeição. Foi então que, depois de reunida a família inteira, decidiram determinar quais meninos e meninas podiam ser justamente classificados como homens e mulheres adultos. Para estabelecer os fatos críticos os Senhores resolveram masturbar todos, de um sexo e do outro, a respeito de quem tivesse quaisquer dúvidas, ou antes, suspeitas; das mulheres estavam certos quanto a Augustine, Fanny e Zelmire: estas encantadoras criaturas, que contavam entre catorze e quinze anos, descarregavam todas em resposta ao menor toque; Hébé e Michette, que contavam apenas doze anos, mal eram dignas de consideração, e por isso era simplesmente questão de experimentar com Sophie. Colombe e Rosette, a primeira das quais tinha catorze e as últimas duas treze anos.

Entre os rapazes era questão do conhecimento geral que Zéphyr, Adonis e Céladon disparavam seu esperma como homens adultos; Giton e Narcisse eram jovens demais para qualquer esforço nesse sentido; a capacidade de Zélamir, Cupidon e Hyacinthe necessitava de ser tirada a limpo. Os amigos formaram um círculo em redor de uma pilha de almofadas bem confortáveis colocadas no chão, Champville e Duclos foram nomeadas para as poluições: uma, devido as suas qualidades como tríbade, agiria como friccional das meninas, a outra, senhora absoluta da arte de esfregar membros masculinos, poluiria os três rapazes. Entraram dentro do círculo formado pelas cadeiras dos amigos e pelas almofadas e ali Sophie, Colombe, Rosette, Zélamir, Cupidon e Hyacinthe foram entregues aos cuidados de Champville e Duclos; e cada amigo, para apreciar melhor o espetáculo, colocou uma criança entre suas coxas:

o Duque apropriou-se de Augustine, Curval recorreu a Zelmire, Durcet entregou-se aos cuidados de Zéphyr e o Bispo favoreceu Adonis para satisfazer suas necessidades.

A cerimônia começou pelos rapazes; Duclos, de seios e bunda a mostra, suas mangas enroladas até o cotovelo, mobilizou todos os seus muitos talentos e dedicou-se a poluir os deliciosos Ganimedes um após o outro. A mão humana não podia ter certamente vagueado e puxado, apertado e acariciado mais voluptuosamente; seu pulso, seus dedos voavam com uma habilidade... seus movimentos eram de uma delicadeza e intenção... ofereceu aos garotinhos sua boca, seios, bunda, toda se entregou com tal arte que não podia haver dúvida de que quem não acabasse por descarregar não estava ainda em condições de o fazer. Zélamir e Cupidon ficaram de pau duro, mas com todos os atrativos de Duclos, toda sua agilidade, tudo foi em vão. Com Hyacinthe, no entanto, a explosão ocorreu depois do sexto movimento do pulso da professora: esperma pulou no colo de Duclos, e a criança perdeu a cabeça enquanto lhe acariciava a bunda. Os Senhores foram cuidadosos certificando-se de que ao lado da operação inteira os garotos nunca pensassem em tocar na parte da frente de Duclos.

Depois foi a vez das meninas; virtualmente nua, seus cabelos muito elegantemente arranjados e igualmente sofisticada em todas as suas outras partes, Champville não parecia ter trinta anos, embora já tivesse feito cinquenta um dia. A lubricidade da operação da qual, como tríbade consumada, esperava extrair o máximo prazer, animava seus grandes olhos castanhos os quais, desde sua juventude, sempre foram muito bonitos. Pos pelo menos tanta

verve, coragem e brilhantismo em suas ações quanto Duclos nas suas, poluiu simultaneamente clitóris, a entrada das vaginas e o ânus, mas a Natureza nada produziu de digno de nota em Colombe e Rosette; suas expressões nem mesmo demonstraram qualquer vislumbre de prazer. Mas as coisas não foram assim com a linda Sophie; o décimo movimento digital quase a fez desmaiar nos braços de Champville; suspiros, sons de respiração ofegante, o terno tom rosa que aflorou a suas faces, seus lábios afastados que ficaram úmidos, tudo manifestou o delírio em que a Natureza a lançara, e foi declarada mulher. O Duque, seu dispositivo sólido como uma clava, ordenou a Champville que lhe esfregasse a boceta outra vez, e quando a garotinha descarregou de novo, o vilão escolheu o momento para misturar seu esperma impuro ao da jovem virgem. Quanto a Curval, fez seu produto cair entre as coxas de Zelmire, e os outros dois fizeram a mesma coisa nos rapazinhos que tinham presos entre suas pernas.

A companhia recolheu-se para dormir, e não tendo a manhã seguinte fornecido eventos que mereçam citação neste catálogo de feitos extraordinários, e não tendo o jantar produzido coisas importantes, nem o café, iremos imediatamente para o auditório, onde a magnífica Duclos, luxuosa-mente engalanada, se encontra já na plataforma, desta vez para terminar, com cinco histórias novas, as cento e cinqüenta narrações que lhe foram confiadas durante os trinta dias do mês de novembro.

## O TRIGESIMO DIA

"Não tenho certeza, disse a bela narradora, se os Senhores ouviram falar no capricho, tão invulgar quanto perigoso, pelo qual é famoso o Conde de Lernos, mas tendo-me minhas várias ligações com este personagem proporcionado um conhecimento detalhado de suas manobras, e como as achei realmente mais do que extraordinárias, creio que devam ser incluídas entre as delícias que os Senhores me mandaram detalhar. A paixão do Conde de Lernos é levar ao mal tantas moças e mulheres casadas quantas puder, e além dos livros que emprega para as seduzir, não há realmente artifício a que não recorra para as entregar aos homens; ou explora seus desejos secretos unindo-as aos objetos em quem ardorosa-mente pensam, ou procura-lhes amantes quando os não têm. Tem uma casa devotada exclusivamente a isso, na qual todas as uniões que faz são experimentadas quando as pessoas em questão se conhecem. Une essas pessoas, garante-as contra quaisquer intrusões, e depois instala-se num aposento contíguo para gozar o prazer de as ver em ação. Mas o ponto a que multiplica esses desarranjos desafia simplesmente a imaginação, como também é difícil acreditar nos obstáculos que se dispõe a vencer para formar esses pequenos casamentos. Tem associados em quase todos os conventos de Paris e junto de uma vasta quantidade de mulheres casadas, e este exército é comandado por um general de tanta habilidade que não há dia em que se não travem na sua casa três ou quatro escaramuças destas. Nunca deixa de assistir aos voluptuosos combates — sem que os participantes suspeitem de sua presença — mas depois de ter ocupado seu lugar no buraco de observação, como tudo observa sozinho, ninguém sabe como ocorre sua descarga, nem a natureza da mesma; só é conhecido o fato, e é tudo; achei que mesmo assim era digno de menção.

A fantasia do velho Presidente Desportes provará sem dúvida mais divertida. Plenamente informada da etiqueta observada na casa deste velho debochado habitual, chego a sua casa\_ pelas dez horas da manhã e, completamente nua, apresento minhas nádegas a seus beijos; está sentado numa cadeira de braços, muito grave, muito solene, e a primeira coisa que faço é peidar em seu rosto. Meu Presidente fica irritado, põe-se de pé, pega um feixe de chibat

que tem a mão e começa a perseguir-me; meu primeiro impulso é fugir de seu caminho

"Sua descarada", diz, perseguindo-me pelo aposento, "vou ensinar você a vir a minha casa e a portar-se desta maneira indecente"

Eu fujo, ele corre atrás de mim; finalmente, consigo refugiar-me num canto inacessível, mas, paciência, ei-lo que consegue pegar-me. As ameaças e imprecações do Presidente redobram quando me vê indefesa; brande a chibata, ameaça usá-la em mim: de rastos fujo para um canto, encolho-me, ponho um ar apavorado, fico do tamanho de um rato; esta atitude apavorada e bajuladora de minha parte acorda finalmente seu esperma e o devasso derrama-o em meu peito ao mesmo tempo que 'grita de prazer".

"O quê! Você diz que ele não lhe deu uma única vez com o chicote"? perguntou o Duque.

"Não o aproximou nem a um metro de mim", Duclos respondeu. "Um homem muito paciente, não há dúvida", Curval observou; "meus amigos, creio que todos estamos de acordo que somos um tanto menos assim quando temos nas mãos o instrumento que Duolos menciona".

"Mas os senhores precisam apenas de um pouco de paciência", disse Champville, "pois logo lhes apresentarei outros exemplos da mesma semente, mas muito menos temperados do que o Presidente de Madame Duclos".

E Duclos, observando o silêncio que se sucedeu a este comentário, viu que podia continuar com suas histórias, e prosseguiu da maneira seguinte:

"Pouco tempo depois desta aventura me ter acontecido, fui a casa do Marquês de Saint-Giraud, cuja fantasia consistia em fazer sentar uma mulher nua num balanço de criança e fazê-lo ir a grande altura, para trás e para diante. Todas as vezes que a mulher passava por seu nariz, ele estava esperando, por um peido na cara ou então dava uma palmada na bunda da mulher. Fiz o que me foi possível por satisfazê-lo; recebi algumas palmadas, mas também disparei alguns fortes peidos. O Marquês descarregou finalmente após uma hora desta monótona e fatigante cerimônia, momento em que o balanço parou, e meu espetáculo terminou.

Aproximadamente três anos depois de me ter tornado a dona do estabelecimento de Fournier, um homem fêz-me uma proposta invulgar: queria que eu lhe arranjasse libertinos que se divertissem com sua mulher e filha, com a única condição de ficar escondido num lugar do qual pudesse observar tudo que acontecesse. Não só todo o dinheiro que conseguisse ganhar com as duas seria meu, mas, continuou, tinha intenção de me dar mais dois luíses por cada encontro que arranjasse as duas; e para terminar havia apenas mais uma condição: como sócios de sua mulher queria apenas homens de um certo gosto, e para sua filha, homens devotos de outra espécie de capricho: os homens da esposa deviam cagar-lhe nos seios, e a prática exigida para a filha implicava nos homens levantarem suas saias, exporem seu traseiro bem a vista do buraco de observação através do qual via tudo que se passava, e depois descarregarem em sua boca. Entregava a mercadoria para estas paixões, mas apenas para essas. Depois de ter feito o cavalheiro aceitar toda a responsabilidade no evento de sua esposa e filha fazerem queixa da minha casa, concordei com tudo que queria e prometi-lhe por meu turno que as duas senhoras seriam abastecidas em estrita concordância com suas instruções. Chegou com sua mercadoria no dia seguinte: a senhora tinha uns trinta e cinco anos, não era muito bonita, mas era alta e majestosamente formada, com um grande ar de doçura e modéstia; a filha tinha quinze anos, loira, um tanto inclinada para a gordura, com o

rosto mais bonito e terno que se podia imaginar...

"Realmente, senhor", a mulher disse, "obriga-nos a fazer cada coisa..."

"Eu sei minha querida, eu sei, e isso mortifica-me, mas é preciso. Aceite sua sorte, faça o que lhe digo, não é nada demais, não desisto. E se você retroceder por pouco que seja nas propostas e ações a que se vai submeter — a senhora, e sua filha — serão levadas amanhã a um lugar que eu conheço, do qual não é muito provável que voltem com vida".

Nesse momento a mulher derramou uma lágrima ou duas; como o homem que eu arranjava estava esperando, pedi a mulher que passasse sem mais demora ao aposento que lhe reservara; a filha iria para outro quarto com uma de minhas mulheres, onde ficaria perfeitamente segura e seria avisada da sua vez. Neste momento crucial houve mais algumas lágrimas, e era bem claro que se tratava da primeira vez que o brutal marido exigia semelhante coisa da esposa; infelizmente, sua estréia foi árdua, pois além do gosto barroco do indivíduo a quem a entreguei, era velho e desagradável libertino que certamente a não trataria com qualquer excesso de cortesia ou consideração.

"Chega, nada de lágrimas", disse o marido. "Lembre-se de que estou observando sua conduta, e que se não der ampla satisfação ao amável cavalheiro que a vai ter em suas mãos, eu próprio a obrigarei a fazer o que ele quiser".

A mulher entra na arena, o marido e eu vamos para o quarto vizinho do qual tudo observamos. E difícil imaginar a que ponto a imaginação do velho safado ficou excitada ao contemplar sua miserável esposa ser tornada vítima da brutalidade de um estranho; o marido ficava emocionado com todas as coisas que a desgraçada era obrigada a fazer; a modéstia e candura daquela pobre mulher humilhada submetida aos ataques atrozes do libertino empenhado em exercitá-la, formavam um delicioso espetáculo para o marido. Mas quando a viu ser brutalmente arremessada ao chão, e quando o macaco a quem eu a entregara depositou a merda em seu peito, e o marido viu as lágrimas, observou os tremores apavorados da esposa quando primeiro lhe falou na coisa e depois a viu executar não agüentou mais tempo, e a mão com que eu esfregava seu pau ficou ensopada de esperma. A primeira cena terminou finalmente, e se lhe dei prazer, em nada se comparou com o clímax produzido pela segunda. Foi só com grande dificuldade, e acima de tudo com numerosas e graves ameaças que conseguimos fazer a jovem entrar na arena; viu as lágrimas da mãe mas nada sabia a respeito do que as provocara. A garota fez todas as espécies de objeções; finalmente conseguimos convencê-la. O homem a quem eu a entregara estava plenamente instruído quanto ao que devia fazer: era um de meus clientes habituais que ficou encantado com o maná e que, para manifestar sua gratidão, acedeu a tudo que lhe ordenei.

"Oh, que linda bunda"! declarou o pai libertino assim que o garanhão de sua filha a mostrou toda nua. "Oh, meu Deus, que nádegas". "Misericórdia"! exclamei, "então é a primeira vez que o senhor põe os olhos na bunda de sua filha"?

"Sim, realmente", disse o homem, "necessitei deste expediente para gozar o espetáculo; mas se é a primeira vez que vejo esta soberba bunda, pode estar certa de que não será a última".

Esfreguei-lhe o pau em ritmo acelerado, ficou estático; mas quando viu as coisas pavorosas a que a jovem virgem estava sendo forçada a submeter-se, quando viu as mãos do consumado libertino apalparem aquele extraordinário corpo que até então não sofrera semelhantes carícias, quando a viu obrigada a ficar de joelhos, abrir a boca, quando viu um

gordo pau introduzido na mesma, e viu aquele engenho descarregar lá dentro, recuou, e praguejando como um possesso, gritando que nunca em sua vida sentira um prazer assim, deixou em meus dedos a prova de suas declarações. A aventura terminou, as duas pobres mulheres retiraram-se chorando copiosamente, e o marido, mais do que entusiasmado com o drama que elas para ele representaram, sem dúvida achou maneira de as persuadir a fazerem novas encenações, pois recebi essa família em minha casa durante mais de seis anos e, seguindo sempre as ordens que o marido me dava, tornei essas duas relutantes criaturas bem conhecidas de praticamente todas as diferentes paixões que mencionei no curso de meus trinta dias de narrações; houve, é claro, dez ou doze paixões que não tiveram oportunidade de experimentar, porque não as praticávamos em nossa casa".

"Oh, sim", disse Curval, "há muitas maneiras de prostituir a esposa e a filha. Como se essas putas fossem feitas para outra coisa! Não nascem para nossos prazeres, e a partir desse momento não os devem satisfazer seja a que preço for? Tive uma quantidade de esposas", disse o Presidente, "e três ou quatro filhas das quais, graças a Deus, só resta uma, e se não me engano, o Senhor Duque está neste preciso momento fodendo a Senhorita Adelaide; mas se alguma vez, uma dessas criaturas tivesse hesitado em se deixar prostituir, de qualquer das numerosas maneiras de prostituição a que regularmente as submeti, seja eu condenado vivo ou a foder apenas bocetas durante o resto de minha vida — o que é pior — se não lhes tivesse estourado os miolos".

"Presidente, seu pau está de novo no ar", disse o Duque; "seus comentários sempre traem você".

"Meu pau está no ar? Não", o Presidente disse, "mas estou quase a arrancar um pouco de merda de nossa adorada Sophie, e tenho grandes esperanças que seu monte delicioso precipite alguma coisa. Oh, por minha alma, mais ainda do que eu suspeitava", disse Curval, depois de ter engolido o petisco; "pelo bom Deus, acho que quero descarregar, acredito que meu pau esteja tomando uma certa consistência. Quem, entre os senhores, gostaria de me acompanhar ao aposento"?

"Será uma honra", disse Durcet, arrastando Aline, a quem há uma hora firmemente massacrava.

E nossos dois libertinos, depois de convocarem Augustine, Fanny, Colombe, Zébé, Zélamir, Adonis, Hyacinthe e Cupidon, e de terem arrolado Julie e duas duenhas, Martaine e Champville, Antinous e Hércule, ausentaram-se durante meia hora, após o que voltaram triunfantemente, tendo cada um derramado seu licor vital em favor dos excessos mais doces da crapulice e do deboche.

"Continue", Curval disse a Duclos, "conte-nos sua última história, querida amiga. E se ela conseguir fazer dançar de novo este meu pau, pode felicitar-se por ter feito um milagre, porque realmente, há mais de um ano que não perdia tanto esperma de uma vez. Por outro lado é verdade que..."

"Muito bem", o Bispo interrompeu, "chega; se ouvirmos você, será coisa muito pior do que a paixão que Duclos nos vai descrever. E portanto, como isso seria retroceder do mais forte para o mais fraco, permita-me que peça seu silêncio e que em vez de suas palavras ouçamos as da narradora".

A talentosa puta terminou então suas recitações com a paixão seguinte:

"Chegou finalmente o momento, Senhores, para relatar a paixão do Marquês de

Mesanges a quem, como se recordam, vendi a filha do infeliz sapateiro, Petignon, que pareceu na cadeia enquanto eu gozava a herança que sua mãe lhe deixara. Como foi Lucille que o satisfez, permitam-me que ponha a história em sua boca.

"Cheguei a casa do Marquês", contou-me a encantadora moça, "cerca da uma hora da madrugada. Assim que entrei, todas as portas foram fechadas.

"Que estás fazendo aqui, minha puta"? pergunta o Marquês todo irritado. "Quem te deu permissão para me incomodares?"

"E como você não me avisou do que aconteceria, pode imaginar prontamente o pavor que semelhante recepção me provocou".

"Bem, tire suas roupas, vamos, rápido", o Marquês continua. "Já que tenho minhas mãos em ti, puta, não vais sair daqui com tua pele intacta... na realidade vais morrer — teu último momento chegou". "Irrompo em lágrimas, caio aos pés do Marquês, mas nada o demove. E como não me despi com suficiente rapidez, ele mesmo me arrancou as roupas, rasgando-as a força. Mas o que realmente me petrificou foi vê-lo arremessá-las uma após a outra na lareira acesa.

"Não precisas mais disto", resmungou, lançando a última peça no fogo. "Não necessitas mais deste chale, do vestido, das meias, espartilho, não", disse depois de tudo ter sido consumido pelo fogo, "agora só precisas de um caixão".

"E eu ali estava nua; o Marquês, que nunca me vira até então, contemplou rapidamente minha bunda, resmungou enquanto a apalpou, mas não aproximou seus lábios da mesma.

"Muito bem, puta", disse então, "chega de conversa, vais atrás de tuas roupas, vou-te amarrar aqueles ferros; sim, juro, por Deus, vou-te queimar viva, puta sem vergonha, vou ter o prazer de aspirar o aroma da tua carne queimada".

"E dizendo isto cai meio inconsciente numa cadeira de braços e descarrega, derramando seu esperma nos restos de minhas roupas queimadas. Toca uma campainha, entra um criado que me acompanha, e noutro quarto, encontro um conjunto novo de roupas, duas vezes melhor do que as que incinerara".

É este o relato que Lucille me fez; falta agora descobrir se foi para isso ou para outra coisa que quis a menina que lhe vendi".

"Para uma coisa muito pior", disse Desgranges; "estou contente por você ter apresentado o Marquês a Suas Senhorias, porque creio que também tenho alguma coisa a dizer a seu respeito".

"Talvez, Madame", Duclos respondeu a Desgranges, e "vocês, minhas duas amáveis companheiras", acrescentou dirigindo-se a suas outras duas colegas, "faço votos para que falem com mais energia do que eu, com imagens mais vivas, uma dicção mais brilhante, sabedoria superior, e uma eloquência mais persuasiva. É agora a vossa vez, eu terminei, e só posso pedir a Suas Senhorias que tenham a bondade de me perdoar se por acaso as aborreci de alguma maneira, pois no recital de tais anedotas há uma monotonia quase inevitável; todas compostas, encaixadas na mesma estrutura, perdem o brilho que lhes pertence quando isoladas".

Com estas palavras a soberba Duclos saudou respeitosamente a companhia, fez uma vênia e desceu do trono; foi então de alcova em alcova e foi geralmente aplaudida e acarinhada por todos os amigos. A ceia foi servida, Duclos foi convidada a sentar-se a mesa,

favor que até então não tinha sido concedido a mulher alguma. Sua conversação foi tão agradável quanto suas narrações o tinham sido, e a título de recompensa pelo prazer que lhes dera, os Senhores nomearam-na governadora geral dos dois haréns, e os quatro amigos fizeram-lhe a promessa, num aparte, que qualquer que fosse o tratamento extremo a que pudessem expor as mulheres no curso das férias, ela seria sempre tratada com delicadeza, e muito certamente levada de volta a Paris onde a sociedade amplamente a recompensaria pelo trabalho a que se dera para ajudar os Senhores na sua procura de boa disposição. Duclos, Curval e o Duque tão completamente se empanturraram durante a ceia que ficaram praticamente incapacitados e só conseguiram, as custas de grande esforço, chegar as orgias, que logo abandonaram, permitindo que o Bispo e Durcet, pros seguissem sozinhos, e dirigiram-se ao remoto aposento do final do cor-redor; Champville, Antinous, Clivador de Bundas, Thérèse e Louison acompanharam-nos e, podemos ficar tranquilos que disseram e fizeram ao grupo pelo menos tantas infâmias e horrores quantos, por seu lado, seus dois amigos mais sóbrios conseguiram inventar.

Todo mundo se retirou para seus aposentos as duas da madrugada, e foi assim que terminou o mês de novembro, que acabou a primeira fase destas férias lúbricas e interessantes, pela segunda parte das quais não permitiremos que o público espere, se por consideração por nós gentilmente recebeu o que até agora relatamos.

# ERROS QUE COMETI

Fui explícito demais, não suficientemente reticente, acerca das atividades da capela, no começo; não devo detalhar as mesmas até surgirem as histórias em que as mesmas são mencionadas.

Falei demais acerca de sodomia passiva e ativa; ocultar isso até as histórias discutirem o assunto.

Errei ao fazer Duclos reagir fortemente a morte de sua irmã; isso não está de acordo com o resto de seu caráter; mudar.

Se disse que Aline era virgem ao chegar ao castelo, isso foi um erro: não é virgem, nem o podia ser. O Bispo já a descabou em todos os setores.

E como não me foi possível ler de novo tudo isto, deve haver muitos outros erros<sup>8</sup>.

Quando mais tarde puser o texto final em ordem, preciso ter muito cuidado e ter sempre um caderno de notas a meu lado; preciso de anotar cuidadosamente cada acontecimento e cada retrato que fizer; de outro modo, farei uma grande confusão, por causa do grande número de personagens.

Na Segunda Parte começar pela suposição de que Augustine e Zéphyr já estão dormindo nos aposentos do Duque na Primeira Parte; do mesmo modo Adonis e Zelmire nos de Curval, Hyacinthe e Fanny com Durcet, Celadon e Sophie nos do Bispo, embora nenhuma das crianças tenha sido já deflorada.



# PARTE SEGUNDA

AS 150 PAIXÕES COMPLEXAS, OU AS QUE PERTENCEM À SEGUNDA CLASSE, COMPONDO OS TRINTA E UM DIAS DE DEZEMBRO PASSADOS A OUVIR AS NARRAÇÕES DE MADAME CHAMPVILLE, INTERCALADAS NAS QUAIS SE ENCONTRAM OS ESCANDALOSOS FEITOS NO CASTELO DURANTE ÊSSE MÊS; TUDO ANOTADO SOB A FORMA DE UM DIÁRIO

(RASCUNHO)

1 de dezembro: Champville assume a tarefa das narrações e relata as cento e cinqüenta histórias seguintes (o número de cada uma precede a história).

1. Não deflorava ninguém a não ser dos três aos sete anos, mas apenas na boceta. Foi esse homem quem deflorou Champville aos cinco anos.
2. O homem amarra uma menina de nove anos em posição enrolada e deflora-a por trás.
3. Deseja deflorar uma menina de doze ou treze anos e despucela-a ao mesmo tempo que lhe aponta uma pistola contra o coração.
4. Gosta de esfregar o pau de um homem em cima da boceta de uma viagem, usa o esperma como pomada, e depois deflora a moça na boceta enquanto o outro homem a segura.
5. Deseja deflorar três meninas em sucessão, uma no berço, outra de cinco anos, a outra de sete.

2 de dezembro: 6. O homem não deflora ninguém que não tenha de nove a treze anos. Seu pau é enorme; quatro mulheres são necessárias para segurar a virgem. O mesmo homem de quem Martaine fala, que apenas enraba crianças de três anos, o mesmo indivíduo inspirado no inferno.

7. Manda seu criado deflorar a virgem, de dez a doze anos, diante de seus olhos, e durante a operação só lhe toca na bunda. Acaricia agora a bunda da menina, e logo a do criado. Descarrega na do criado.
8. Deseja deflorar uma moça destinada a casar no dia seguinte.
9. Deseja que o casamento se realize, e deflorar a noiva entre a hora da missa e o momento em que o casal se recolhe a seu quarto.
10. Mandava seu criado, um personagem muito engenhoso, casar a torto e a direito e trazer as mulheres para casa do patrão 'que depois as fodia e as vendia a procuradoras.

3 de dezembro. 11. Precisa de ter duas irmãs; deflora ambas.

12. Casa com a moça, deflora-a, mas é tudo mentira, o casamento é falso, depois de a foder, abandona-a.
13. Só fode virgens, mas só imediatamente depois de outro homem as deflorar na sua frente. A boceta delas tem de ficar molhada com o esperma dos outros.
14. Este deflora com um engenho artificial, muito grande e, sem introduzir seu pau, descarrega no buraco que fez.

15. Só quer virgens de posição e distinção, e paga por elas segundo sua riqueza. Este indivíduo prova ser o Duque, que admite ter deflorado mais de mil e quinhentas ao longo de trinta anos. 4 de dezembro. 16. Força o irmão a foder sua irmã na sua presença, depois fode-a a seguir; obriga ambos a cagarem primeiro.
17. Obriga um pai a foder sua própria filha, depois de lhe tirar o cabaço.
18. Leva sua filha de nove anos a um bordel, e enquanto a procuradora a segura, deflora-a. Teve doze filhas; tirou doze cabaças. 19. Quer virgens dos trinta aos quarenta para foder.
20. Só deflora freiras, e gasta somas imensas de dinheiro para as conseguir; fode várias.

Na noite de 4 de dezembro, durante as orgias, o Duque deflora Fanny, que é agarrada pelas quatro governantas e ministrada por Duclos. Fode-a duas vezes seguidas, a menina desmaia, a segunda vez que a fode ela está inconsciente.

5 de dezembro. Para celebrar o festival da quinta semana, Hyacinthe e Fanny são unidos pelo matrimônio, o casamento é consumado muito publicamente.

21. Mandava uma mãe segurar a filha, primeiro fodia a mãe, depois deflorava a filha enquanto a mãe a agarrava. O mesmo homem que Desgranges menciona a 20 de fevereiro.
22. Só gosta de adultério; queria que lhe descobrissem mulheres geralmente conhecidas como virtuosas e bem comportadas, aborrece-as com seus maridos.
23. Gosta que os maridos venham prostituir suas esposas e as agarrem enquanto as fode. (Os senhores imitam sem demora esta paixão).
24. Deita uma mulher casada na cama, fode-a ao mesmo tempo que a filha da mulher, suspensa por cima, lhe apresenta a boceta para ele lambar; no momento seguinte troca e fode a filha ao mesmo tempo que beija a bunda da mãe. Depois de chupar a boceta da filha, obriga-a a mijar; depois beija o ânus da mãe e manda-a cagar.
25. Tem quatro filhas, legítimas e casadas; deseja foder todas quatro: faz todas conceberem e ter filhos para um dia poder ter o prazer de deflorar as crianças que têm de suas filhas, e cujos maridos pensam ser suas.

A propósito do que o Duque conta — mas sua anedota não pode ser incluída nas histórias porque, não podendo os Senhores repeti-la, não forma uma paixão — o Duque conta, dizia eu, que conheceu um dia um homem que fodeu três filhas que teve de sua mãe, entre essas filhas casou uma com seu filho, de modo a que fodendo-a, estava fodendo sua irmã, sua filha e nora, e obrigou o filho a foder sua própria irmã e sogra. Curval conta outra história invulgar, a de um irmão e irmã que fizeram um acordo segundo o qual cada um entregaria os filhos ao outro: a irmã teve um rapaz e uma menina, o mesmo sucedendo ao irmão. Misturaram o pudim de tal maneira que às vezes fodiam seus sobrinhos, outras seus próprios filhos, e ainda outras seus primos. ou então os irmãos e irmãs fodiam uns com os outros enquanto o pai e a mãe. isto é, o irmão e a irmã, fodiam também um com o outro.

Nessa noite Fanny é entregue, na boceta, à assembléia, mas como o Bispo e o Senhor Durcet não fodem bocetas, só é fodida por Curval e pelo Duque. A partir de então passa a usar uma pequena fita enviesada, como um boldrié, depois da perda de suas duas pucelas usa uma fita cor-de-rosa muito larga.

6 de dezembro. 25. Faz-se esfregar no pau ao mesmo tempo que uma mulher é esfregada no clitóris. e deseja descarregar ao mesmo tempo que ela, mas descarrega nas

nádegas do homem que masturba a moça.

27. Beija a bunda de uma mulher enquanto uma segunda lhe chupa a bunda e uma terceira o pau; depois trocam de tarefa, para que, quando terminarem, todas tenham sido chupadas na bunda, tenham esfregado seu pau e chupado sua bunda. São exigidos peidos de todas.
28. Chupa a boceta de uma moça ao mesmo tempo que fode uma segunda na boca e sua bunda é chupada por uma terceira; depois trocam de posição como acima. As bocetas devem descarregar, engole seu bálsamo.
29. Chupa uma bunda suja de merda. enquanto uma língua chupa sua própria bunda também toda cheia de merda. e esfrega seu pau em cima de uma terceira bunda também suja; as três mulheres trocam depois de posição.
30. Manda esfregar a boceta de duas mulheres na sua frente, e alternadamente fode as masturbadoras por trás e pela frente, enquanto as duas continuam com seus sadismos.

Zéphyr e Cupidon são descobertos nesse dia se masturbando um ao outro, mas não recorreram ainda a outros usos de seus respectivos paus; são castigados. Fanny é muito fodida durante as orgias.

7 de dezembro. 31. Queria mulheres mais velhas que iniciassem outras mais novas em maus hábitos; as mais velhas esfregavam as mais jovens, davam-lhes maus conselhos, e acabam segurando-as enquanto as fodia, virgens ou não.

32. Chama quatro mulheres: fode duas oralmente, duas na boceta, tendo o grande cuidado para não inserir seu pau numa boca sem primeiro o ter metido numa boceta. Enquanto tudo isto tem lugar, é acompanhado de perto por uma quinta mulher que lhe esfrega o ânus com um consolador.

Este libertino exige doze mulheres, seis jovens e seis velhas e, se possível, seis devem ser mães e as outras seis suas filhas. Bombeia suas bocetas, bundas e bocas; ao aplicar seus lábios às bocetas, quer abundante urina; as bocas, muita saliva e as bundas, abundantes peidos.

34. Emprega oito mulheres para o esfregarem; cada uma das oito deve adotar uma posição diferente. (Será melhor ilustrar isto com um desenho).

35. Deseja três homens e três mulheres fodendo uns com os outros em diferentes atitudes.

8 de dezembro. 36. Forma doze grupos de duas moças cada: são dispostas de modo que apenas suas bundas são visíveis; o resto de seu corpo deve estar escondido de sua vista. Masturba-se a si próprio enquanto estuda todas aquelas nádegas.

37. Faz com que seis pares se masturbem simultaneamente numa sala forrada de espelhos; cada par é constituído por duas moças masturbando-se uma a outra em várias posições igualmente lubrificadas. O homem está no meio da sala, olha para os pares e seu reflexo, e descarrega no meio de tudo aquilo, tendo seu pau sido esfregado por uma velha mulher. Beija as nádegas de todas as participantes em seu drama.

38. Faz com que quatro putas de rua se empanturrem de vinho e depois lutem umas com as outras na sua frente; e quando estão completamente embriagadas, vomitam em sua boca uma de cada vez. Favorece as mulheres mais velhas e feias que se possam conseguir.

39. Manda uma moça cagar em sua boca, mas não come o monte, e enquanto a mulher está

em ação, uma segunda chupa seu pau e esfrega-lhe a bunda: ao descarregar caga na mão da mulher que o socratiza. As mulheres trocam de lugar.

40. Manda um homem cagar em sua boca ao mesmo tempo que um rapazinho lhe esfrega o pau, depois o homem esfrega e o menino caga.

Nessa noite, nas orgias, Curval deflora Michette pela frente: ela é agarrada pelas quatro duenhas e ministrada por Duelos: esta disposição é convencional e observada em todas as ocasiões; portanto não volta-remos a fazer-lhe alusão.

9 de dezembro. 41. Põe o pau na boca de uma mulher na qual acabou de cagar; uma segunda mulher está deitada por cima da primeira, com a cabeça desta entre suas coxas, e no rosto da segunda, uma terceira faz um presente e o homem, ao mesmo tempo que fode sua própria merda na boca da primeira, come a merda depositada pela terceira na cara da segunda, e depois alternam os papéis, de maneira tal que cada mulher represente os três.

42. Trinta mulheres passam por suas mãos em um determinado dia, e todas cagam em sua boca, consome o presente das três ou quatro mais bonitas. Repete esta festa cinco vezes por semana, o que significa que recebe 7.800 mulheres por ano. Quando Champville o conhece tem setenta anos de idade e está em atividade há cinqüenta.

43. Recebe doze moças todas as manhãs e engole seus montes; todas ao mesmo tempo. Instala-se numa banheira; trinta mulheres mijam e cagam uma após a outra dentro da mesma até a encher; descarrega chapinhando naquilo tudo.

44. Caga na presença de quatro mulheres. exige que elas observem e na realidade o ajudem a libertar-se de seu fardo: a seguir quer que elas o dividam em quatro porções e o comam; depois cada uma das mulheres faz seu próprio monte. O homem mistura tudo e engole a massa inteira, mas suas fornecedoras de merda não podem ter menos de sessenta anos.

Nessa noite a boceta de Michette é posta a disposição da assembleia; a partir de então passa a usar uma pequena faixa.

10 de dezembro. 46. Manda as moças A e B cagarem. Depois força B a comer o monte de A, e A o de B. Então A e B cagam pela segunda vez: o homem come seus dois montes.

47. Precisa de uma mãe e três filhas, e come a merda das filhas em cima da bunda da mãe, e a da mãe em cima da de uma das filhas.

48. Obriga uma filha a cagar na boca da mãe e a limpar a bunda com as suas mamas; depois o homem come o presente na boca da mãe, e a seguir manda a mãe cagar na boca da filha, e como anteriormente, come o monte.

(Talvez fosse aconselhável substituir por mãe e filho para estabelecer contraste com o n.o 47).

49. Deseja que um pai coma o monte de seu filho, depois este come o do pai.

50. Manda um irmão cagar na boceta da irmã, e come o monte; a irmã caga depois na boca do irmão. Come também este segundo monte.

11 de dezembro. 51. Champville anuncia que vai passar a falar de impiedades, e faz menção do homem que deseja que a puta, enquanto esfrega seu pau, pronuncie blasfêmias pavorosas; por sua vez ele faz a mesma coisa. O divertimento do homem durante o diálogo consiste em beijar a bunda da mulher; não passa disso.

52. Leva uma moça a uma igreja e ali a manda esfregar seu pau, especialmente no momento em que o sagrado sacramento é exposto. Instala-se tão perto do altar quanto possível, e acaricia a bunda da mulher durante a execução da sua tarefa.
53. Vai a um confessorário com o único propósito de fazer levantar o pau de seu padre confessor; relata uma quantidade de ações infames, e masturba-se ao mesmo tempo que vai relatando seus feitos.
54. Manda uma mulher confessar-se, e depois fode-a oralmente no momento em que ela sai da confissão.
55. Fode uma puta durante uma missa dita em sua capela particular.  
e descarrega quando a História é elevada.

Nessa noite, o Duque deflora Sophie na frente, e durante a operação, profere horríveis blasfêmias.

12 de dezembro. 56. Compra um confessor, que lhe cede seu lugar; assim consegue ouvir a confissão das jovens internadas e dar-lhes os piores conselhos possíveis ao mesmo tempo que lhes perdoa seus pecados.

57. Manda sua filha confessar-se a um monge que previamente subornou, e coloca-se numa lugar onde possa ouvir tudo: mas o monge ordena a penitente que conserve suas saias levantadas durante a recitação de suas faltas. e sua bunda posta bem a vista do pai: este pode assim ouvir a confissão da filha e contemplar sua bunda ao mesmo tempo.
58. Manda dizer uma missa para umas putas completamente nuas; enquanto observa o espetáculo esfrega seu pau na bunda de uma outra mulher.
59. Manda sua esposa confessar-se a um monge que comprou: o monge seduz a esposa e fode-a diante do marido, que está escondido. Se a mulher recusa, o marido aparece e ajuda o monge a violentá-la.

Nesse dia celebram o festival da sexta semana com o casamento de Céladon e Sophie, união que é consumada, e a noite a boceta de Sophie é oferecida ao uso geral, e colocam-lhe a fita. Em virtude deste evento, no dia 12, só são relatadas quatro paixões.

13 de dezembro. 60. Fode umas putas no altar ao mesmo tempo que a missa vai ser dita; elas têm suas bundas descobertas na pedra sagrada.

61. Manda uma moça sentar-se de pernas abertas e inclinar-se para a frente em cima de um grande crucifixo; fode sua boceta por trás enquanto ela assim escarranchada tem a cabeça de Cristo esfregando-lhe o clitóris.
62. Peida e manda a puta peidar também no Cálice, onde mija e a manda também mijar, caga e ela faz o mesmo, e finalmente descarrega em cima da mistura.
63. Manda um rapaz cagar no prato, e come o monte ao mesmo tempo que o rapaz lhe chupa o pau.
64. Manda duas moças cagarem num Crucifixo, onde também caga depois delas, e seu pau é esfregado contra os três montes que cobrem o rosto do ídolo.

14 de dezembro. 65. Quebra um crucifixo, estilhaça diversas imagens da Virgem e do Padre Eterno, caga nos pedaços e queima tudo isso. O mesmo homem tem a mania de levar uma puta para ouvir o sermão ao mesmo tempo que ela o masturba enquanto ouve a palavra

de Deus.

66. O homem comunga, e com a hóstia ainda em sua boca, manda quatro putas cagarem dentro da mesma.
67. Manda a mulher ir comungar, e no seu regresso fode-a na boca. 68. Interrompe um padre no meio da missa em sua capela particular, interrompe-o, dizia eu, para esfregar seu pau dentro do Cálice, obriga a puta a esfregar o do padre no mesmo lugar, e obriga este último a engolir o hidromel.

70<sup>9</sup>. ' Intervém no momento em que a Hóstia é consagrada, e força o padre a foder a puta com a Hóstia.

Nesse dia Augustine e Zelmire são apanhados se masturbando; são ambos rigorosamente castigados.

15 de dezembro. 71. Manda a mulher peidar na Hóstia, o mesmo faz também, e depois engole a Hóstia enquanto fode a puta.

72. O mesmo homem que se mandou encerrar dentro do caixão — Duclos fêz-lhe referência — compele a puta a cagar na Hóstia; ele também caga nela e joga o negócio todo numa privada.

73. Esfrega o clitóris da puta com a Hóstia, obriga-a a descarregar na mesma, depois enterra-lha na boceta e fode-a, descarregando por sua vez na referida Hóstia.

74. Corta-a em pedacinhos com uma faca, e manda enfiar os pedacinhos em sua bunda.

75. Manda que lhe esfreguem o pau e descarrega em cima da Hóstia e finalmente, depois de recuperada sua calma e depois de seu esperma ter corrido, dá tudo aquilo e biscoitos a um cão.

Na mesma noite o Bispo consagra uma Hóstia e Curval destrói a virgindade de Hébé com a mesma, enfia-a em sua boceta e descarrega em cima dela. Várias outras são consagradas e as sultanas defloradas são todas fodidas com Hóstias.

16 de dezembro. A profanação, Champville anuncia, até então o elemento principal em suas histórias será de futuro apenas acessória e aquilo, adotando o termo de bordel, a que se chamam pequenas cerimônias, proporcionarão o ingrediente principal das seguintes paixões complexas. Pede a seus patrocinadores que se lembrem que tudo que tiver relação com isso será apresentado meramente como matéria secundária, mas que a diferença subsistindo entre suas histórias e os exemplos dados por Duclos, consiste em que Duclos retratou sempre um homem com uma mulher, enquanto ela, Champville, mostrará sempre várias mulheres administrando a um único homem.

76. Manda uma moça chicoteá-lo durante a missa, fode oralmente uma outra, e descarrega na elevação da Hóstia.

77. Manda duas mulheres flagelarem suavemente sua bunda com um martinete; cada mulher aplica dez golpes, alternando-os com esfregação da bunda do homem.

78. Quatro moças chicoteiam-no enquanto em sua boca são dados peidos: as mulheres alternam-se de modo a que cada uma possa chicotear e peidar.

79. Ordena a sua esposa que o chicoteie enquanto fode a filha, depois é esta que o flagela enquanto fode a esposa; é o mesmo indivíduo de quem Duclos falou, o mesmo que

prostituiu a esposa e filha na casa da narradora.

80. Faz-se chicotear simultaneamente por duas moças, uma golpeia na frente, a outra nas costas, e depois de ter sido finalmente bem estimulado, fode uma delas enquanto a outra vibra o chicote, depois a segunda enquanto a primeira o fustiga.

Nessa mesma noite a boceta de Hébé é posta a disposição do público, e passa a usar a pequena fita, só tendo direito a fita larga depois de perder ambas as pucelas.

17 de dezembro. 81. Faz-se chicotear enquanto beija a bunda de um rapaz e fode uma moça na boca, depois fode o rapaz na boca e beija a bunda da menina, durante todo o tempo recebendo as chicotadas de outra mulher, depois manda o rapaz flagelá-lo, fode oralmente a puta que o vinha chicoteando, e depois é chicoteado pela moça cuja bunda tinha beijado.

82. Faz-se chicotear por uma mulher muito velha, fode um homem velho na boca, e manda a filha do casal cagar em sua própria boca, depois troca, de modo que, em última análise, todo o mundo desempenha por seu turno, todos os papéis.

83. Faz-se chicotear ao mesmo tempo que se masturba e descarrega num crucifixo seguro nas nádegas de uma moça.

84. Faz-se chicotear ao mesmo tempo que fode uma puta por trás, usando seu pau para empurrar uma Hóstia para dentro de seu fundamento.

85. Passa em revista um bordel inteiro; recebe chicotadas de todas as putas enquanto beija a bunda da madame e recebendo em sua boca ventos, chuvas e granizo.

18 de dezembro. 86. Faz-se chicotear por grupos de cocheiros e limpa-chaminés, que desfilam dois de cada vez, um vibrando o chicote o outro peidando em sua boca; emprega dez ou doze numa manhã.

87. Nu, coloca-se no meio de seis moças; tem um rebate de consciência, pede para ser perdoado, põe-se de joelhos. Cada moça decreta uma penitência e recebe cem chicotadas por cada penitência que se recusa fazer: a moça não obedecida é quem empunha o chicote. Bem, todas estas penitências são extremamente desagradáveis: uma quer cagar-lhe na boca, outra manda-o lambar seu cuspo no chão; uma terceira está menstruada e ordena-lhe que lhe lamba a boceta; a quarta não lavou os pés, queira ter a gentileza de lambar o intervalo entre seus dedos; a quinta tem uma data de ranho a disposição de sua língua, etc.

89. Chegam quinze mulheres em grupos de três: uma dá-lhe chicotadas, outra chupa-lhe o pau, a outra caga-lhe na boca; depois a que cagou, pega no chicote; a que chupou, caga, a que tinha o chicote chupa. E assim por diante até ter usado as quinze; o homem nada vê, nada ouve, fica louco de alegria: uma procuradora dirige a brincadeira. Renova esta festa seis vezes por semana.

(Esta é encantadora e tem minha recomendação decidida; a coisa deve proceder muito vigorosamente, cada moça deve dar vinte e cinco chicotadas, e é entre as chicotadas que a primeira chupa e a terceira caga. Se preferir cinqüenta chicotadas de cada mulher, isso totaliza setecentas e cinqüenta, número muito agradável, e de modo algum excessivo).

90. Vinte e cinco putas amaciam a bunda do homem com uma quantidade de tapas e carícias; só se retira quando sua bunda fica totalmente insensível.

Nessa noite o Duque é chicoteado ao mesmo tempo que tira o cabaço posterior de Zelmir.

19 de dezembro. 91. Faz-se julgar por seis putas; cada uma conhece o papel que deve desempenhar. E condenado a forca. E enforcado é, mas a corda rebenta: é nesse instante que descarrega. (Relacionar esta com outras paixões semelhantes que Duclos descreveu).

92. Dispõe seis velhas em semicírculo; ao mesmo tempo que seis putas novas lhe aplicam chicotadas, as seis cospem-lhe na cara.

93. Uma moça esfrega-lhe a bunda com o cabo de um chicote, outra dá-lhe chicotadas nas coxas e no pau, pela frente; assim descarrega eventualmente nas mamas da mulher que o fustiga pela frente.

94. Duas mulheres fustigam-no com vergalhos de boi enquanto uma terceira, de joelhos na sua frente, o faz descarregar em seu peito.

A narradora só relata quatro nesse dia em virtude do casamento de Zelmire e Adonis, que marca a conclusão da sétima semana, e o qual é consumado, tendo Zelmire sido deflorada, no que se refere a sua boceta, na noite anterior.

20 de dezembro. 95. Luta com seis mulheres, cujos golpes de chicote ele finge desejar evitar; tenta tirar os chicotes de suas mãos, mas elas são fortes demais e fustigam-no mesmo assim. Está nu.

96. É passado pelas varas entre duas filas de doze moças cada, que brandem chicotes; é chicoteado no corpo todo, e descarrega depois da nona passagem.

97. Manda fustigar a sola de seus pés, depois seu pau, e finalmente suas coxas ao mesmo tempo que, deitado num sofá, três mulheres lhe montam sucessivamente em cima e cagam em sua boca.

98. Três moças alternadamente o flagelam, uma com uma martinete, outra com um vergalho de boi, a outra com um chicote de nove pontas. Uma quarta, de joelhos na sua frente e cuja bunda ó criado do devasso está esfregando, chupa o pau do amo ao mesmo tempo que esfrega o do lacaio, que faz descarregar nas nádegas de sua chupadora.

99. Fica no meio de seis moças: uma pica-o com uma agulha, a segunda usa uma pinça, a terceira queima-o, a quarta morde-lhe, a quinta arranha-o, a sexta flagela-o. Tudo isso por todo seu corpo, indiscriminadamente. Descarrega no auge desta atividade.

Nessa noite Zelmire, deflorada a 18 de dezembro, é entregue pela frente a assembléia — a, isto é, Curval e o Duque, que dos quatro amigos são os únicos que fodem bocetas. Depois de Curval foder Zelmire seu ódio por Adelaide e Constance redobra; deseja que Constance ministre a Zelmire.

21 de dezembro. 100. Faz-se masturbar por seu lacaio enquanto a moça, nua, se equilibra num estreito pedestal; durante todo o tempo de sua masturbação, a moça não se pode mexer nem perder seu equilíbrio.

101. Ordena a procuradora que lhe esfregue o pau enquanto lhe apalpa as nádegas; e ao mesmo tempo, em suas mãos, a mulher tem uma vela pequena que não deve deixar cair antes do malandro ter cuspidado seu esperma; o homem tem grande cuidado em não descarregar antes dos dedos da moça estarem todos queimados. 102. Janta numa mesa imensa; como luz, tem seis velas acesas, cada uma enfiada na bunda de uma moça nua deitada na mesa.

103. Enquanto come sua ceia uma moça ajoelha-se em cima de pedras aguçadas, e se no curso da refeição inteira ela se mexer, não lhe paga. Por cima da mulher encontram-se



duas velas inclinadas que lhe pingam cera derretida nas costas e nos seios. Se fizer o menor movimento é mandada embora sem receber um tostão.

04. Obriga a mulher a ficar quatro dias numa jaula de ferro muito apertada, na qual não pode sentar nem deitar-se; alimenta-a através das grades. É o homem a quem Desgranges se referirá a respeito do balé do peru.

Nessa mesma noite Curval deflora Colombe na boceta.

22 de dezembro. 105. Enrola um gato e uma moça num grande cobertor, manda-a ficar de pé e dançar; o gato morde, arranha-a quando ela cai no chão; mas, aconteça o que acontecer, ela deve pular e saltar, e continuar seus exercícios até o homem descarregar. 106. Dá uma massagem a uma mulher com uma certa substância que lhe irrita a pele de maneira tão violenta que a mulher se coça até o sangue correr abundantemente; o homem observa tudo isso, esfregando ao mesmo tempo seu pau.

107. Dá a mulher uma poção a beber, que lhe faz parar a menstruação e assim fazê-la correr o risco de uma grave doença. 108. Manda a mulher engolir um remédio destinado a cavalos, o qual lhe provoca dores e cólicas horríveis; observa-a sofrer e cagar o dia inteiro.

109. Esfrega uma moça nua com mel, depois amarra-a a uma coluna e solta-lhe em cima um enxame de grandes moscas.

Nessa mesma noite, a boceta de Colombe é posta a livre disposição da companhia.

23 de dezembro. 110. Coloca a moça num eixo que roda a prodigiosa velocidade. Ela está nua e amarrada, e gira até ele descarregar.

11. Conserva unia mulher suspensa de cabeça para baixo até descarregar.

12. Obriga a mulher a engolir uma forte dose de emético, persuade-a de que foi envenenada, e esfrega seu pau ao mesmo tempo que a vê vomitar.

13. Aperta e bate em seus seios até ficarem inteiramente pretos e roxos.

14. Aperta e maltrata sua bunda durante três horas; repete este rito durante nove dias consecutivos.

24 de dezembro. 115. Manda uma mulher subir uma escada alta até ela ficar pelo menos a 6 metros do chão, altura em que o degrau se quebra e ela cai, mas em cima de um colchão preparado de antemão; o homem dirige-se a moça e descarrega-lhe em cima do corpo no instante em que ela atinge o colchão, e as vezes resolve fodê-la naquele momento.

16. Esbofeteia o rosto da moça com toda a força e descarrega enquanto o faz; está sentado com todo o conforto numa cadeira de braços, e a mulher está de joelhos, na sua frente.

17. Bate-lhe nos nós dos dedos com ponteiros de noqueira. 118. Poderosos bofetões em suas nádegas até seu traseiro ficar vermelho.

119. Insere o bico de um fole em seu ânus; depois enche-o de ar. 120. Introduz um enema de água a ferver em seus intestinos, depois diverte-se vendo-a contorcer-se, e descarrega em sua bunda.

Nessa noite, a bunda de Aline é sonoramente esbofeteada pelos quatro colegas, que continuam dando-lhe palmadas até ficar vermelha; uma duenha segura-a pelos ombros. São também aplicadas algumas palmadas na bunda de Augustine.

25 de dezembro. 121. Faz recrutar algumas mulheres piedosas para seu prazer, bate-

lhes com um crucifixo e rosários, e depois obriga cada uma delas a posar como uma estátua da Virgem num altar, mas posar numa posição difícil da qual não podem mexer-se. Devem permanecer assim durante uma missa excessivamente longa; quando ocorre finalmente a Elevação, cada urna das mulheres deve cagar na Hóstia.

22. Faz a mulher correr nua num jardim durante a noite, no inverno, com tempo gelado; há diversas cordas esticadas pelo jardim nas quais a mulher tropeça e cai.
23. Depois da mulher ter despido todas as suas roupas, lança-a, como por acidente, num vaso cheio de água quase a ferver, e não a deixa sair sem ter primeiro descarregado em seu corpo.
24. Nua, num dia de inverno, é amarrada a um poste no meio do jardim até ter dito cinco Padre Nossos e cinco Ave Marias, ou até ter derramado seu esperma, que outra mulher excita enquanto ele contempla o espetáculo.
25. Espalha uma poderosa cola na tampa de uma privada, e manda a mulher cagar; assim que ela se senta sua bunda fica logo presa. Entretanto, do outro lado, é introduzido um pequeno braseiro com carvão debaixo de sua bunda. Queimada, dá um salto, deixando um círculo quase perfeito de pele atrás de si.

Nessa noite as brincadeiras profanas são realizadas às custas de Adelaide e Sophie, as duas crentes, e o Duque deflora Augustine por quem está grandemente apaixonado há semanas; três vezes descarrega em sua boceta. E nessa mesma noite ocorre-lhe a idéia de a fazer correr nua no pátio, embora o tempo esteja pavoroso. Propõe a idéia com grande energia e em linguagem violenta, mas seus confrades lamentavelmente a rejeitam, dizendo que Augustine é muito bonita e que o programa determina seu uso ulterior; e, o Bispo acentua, não foi ainda deflorada a ré. O Duque oferece a sociedade duzentos luíses para o fundo comum se a sociedade lhe permitir que a leve para o subsolo imediatamente; novamente é recusado. Deseja pelo menos que a bunda da menina seja espancada; ela recebe vinte e cinco pancadas de cada amigo. Mas o Duque aplica as suas com o seu punho e descarrega uma quarta vez entre o décimo oitavo e o décimo nono soco. Requisita-a para sua cama e nessa noite fode-a na boceta mais três vezes.

26 de dezembro. 126. Embebeda completamente a mulher, e ela adormece. Enquanto dorme, sua cama é levantada. No meio da noite, ela tenta pegar no vaso; não o achando, debruça-se mais e cai em cima de um colchão; o homem está esperando por ela e fode-a assim que chega ao chão.

27. Obriga-a a correr nua pelo jardim, persegue-a brandindo um chicote de carroceiro, mas apenas a ameaça com o mesmo. É obrigada a correr até cair de cansaço; nesse preciso momento monta a mulher e fode-a.
28. Aplica cem chicotadas, dez de cada vez, com um chicote de seda preta; entre cada série de açoites, beija a bunda da mulher com grande fervor.
29. Castiga-a com um chicote de nove pontas mergulhados em aguardente, e só descarrega depois do sangue da mulher começar a correr. Então descarrega em cima de suas nádegas.

Champville relata apenas quatro paixões no dia 26 de dezembro, por se tratar do dia do festival da oitava semana. É celebrado pelo casamento de Zéphyr e Augustine, ambos de propriedade do Duque, e que passam a noite em seus aposentos; mas antes da cerimônia,

Sua Graça mandou Curval fustigar o rapaz ao mesmo tempo que ele, Blangis, flagela a menina. Cada um recebe cem chicotadas, mas o Duque, mais do que nunca excitado por causa de Augustine que o faz descarregar freqüente-mente, flagela muito enfaticamente, e só se contenta com muito sangue.

Relativamente às distrações da noite, precisamos explicar minuciosamente os castigos de sábado — a maneira como são aplicados e o número de chicotadas distribuídas. Podia fazer uma lista detalhando os crimes e, à direita, o número apropriado de chicotadas.

27 de dezembro. 130. Só gosta de chicotear meninas dos cinco aos sete anos, e acha sempre um pretexto para fingir que as está castigando.

31. Uma mulher vai-se confessar ao homem, ele é padre; ela recita todos os seus pecados, e a título de penitência, recebe quinhentas chicotadas.

32. Recebe quatro mulheres e aplica a cada uma seiscentas chicotadas.

33. Faz com que a mesma cerimônia seja executada na sua frente por dois criados, um substituindo o outro quando seus braços ficam cansados da fustigação; são tratadas vinte mulheres, cada uma das quais merecendo seiscentas chicotadas: as mulheres não estão amarradas. O homem masturba-se enquanto os trabalhos estão em curso.

34. Só flagela rapazes dos catorze aos dezesseis anos, os quais obriga a descarregarem em sua boca depois da punição. Cada um dos rapazes é aquecido por seiscentas chicotadas; recebe sempre dois de cada vez.

A boceta de Augustine é entregue nessa noite<sup>10</sup>; Curval fode-a duas vezes e, a semelhança do Duque, deseja flagelá-la depois de terminar. Os dois cavalheiros caem em cima da encantadora como dois animais selvagens; propõem uma contribuição de quatrocentos luíses para o fundo comum se lhes for permitido tomá-la a seu cargo nessa noite; sua oferta é rejeitada.

28 de dezembro. 135. Manda uma mulher nua entrar num quarto; logo após dois homens caem-lhe em cima e fustigam suas nádegas até sangrarem. Depois amarram-na. Feito isso, o homem esfrega o pau dos dois homens na bunda sangrenta da puta, e depois masturba-se também a si próprio.

36. A mulher é amarrada de pés e mãos a parede. Na sua frente, e presa também a parede, encontra-se uma lâmina de aço ajustada à altura de sua barriga. Quando tenta evitar uma chicotada, a mulher puxa-se para frente; corta-se na lâmina. Se deseja evitar esta, precisa de esticar-se para trás e oferecer-se ao chicote.

37. Fustiga uma mulher, aplicando-lhe cem chicotadas no primeiro dia, duzentas no segundo, quatrocentas no terceiro, etc., etc., e pára no nono dia.

38. Manda a puta ficar de quatro, monta em suas costas olhando para suas nádegas; aperta suas pernas contra as costelas da mulher. Uma vez na sela, aplica-lhe chicotadas na bunda fazendo com que as pontas a atinjam na boceta, e como para esta operação emprega um martinete, não tem dificuldade em dirigir seus golpes para o interior da vagina, e é isso justamente o que faz.

39. Precisa de um mulher grávida, fá-la inclinar para trás por cima de um cilindro que suporta suas costas. Sua cabeça, no outro lado do cilindro, está apoiada no assento de uma cadeira ao qual está presa; os cabelos estão soltos, e as pernas amarradas tão abertas

quanto possível, e sua barriga inchada fica extremamente tensa; a boceta da mulher quase boceja em seu rosto. Na barriga da mulher toca tambor, e quando seus paus provocam uma profusão de sangue, vai para o outro lado do cilindro, e descarrega na cara da mulher.

Nessa noite, o Duque repudia Constance, que a partir de então cai no maior descrédito; contudo, tratam-na com certa consideração, por causa de sua gravidez, a respeito da qual os Senhores têm certos planos. Augustine passa a ser agora esposa do Duque, e a partir de então só faz serviços de esposa no sofá e na capela. Constance desce de categoria para o nível de governanta.

29 de dezembro. 140. Só trabalha com moças de quinze anos, e flagela-as com urtigas e azevim até sangrarem; seu gosto por bundas é muito desenvolvido, não é fácil de agradar.

41. Flagela apenas com vergalhos de boi, continuando até as nádegas ficarem em farrapos; usa quatro mulheres uma atrás da outra. Dormem nos quartos dos amigos que as adotaram.

42. Só flagela com martinetes com pontas de aço, só descarrega quando o sangue corre livremente.

43. O mesmo homem de quem Desgranges falará a 20 de fevereiro exige mulheres grávidas; flagela-as com um chicote de tiras de couro, com o qual consegue tirar respeitáveis pedaços de carne nas nádegas; de tempos em tempos dirige um golpe a barriga da mulher. Rosette é fustigada nessa noite, e Curval tira-lhe a pucela dianteira. A intriga entre Hercule e Julie é descoberta; ela estava fodendo com ele. Ao ser censurada por seu mau comportamento, responde libertinamente; é portanto extraordinariamente chicoteada. Depois, como os Senhores gostam dela, e também de Hercule, que até então prestou grandes serviços, são perdoados e brincam com os dois.

30 de dezembro. 144. Coloca uma vela a uma certa altura. Preso ao dedo médio da mão direita da mulher encontra-se um pedaço de pão molhado em cera e a que põe fogo, se não anda depressa fica queimada. Sua tarefa, com o pedaço de pão incendiado, consiste em acender outra vela que se encontra na prateleira; é obrigada a pular para a alcançar; o libertino, armado com um chicote de pontas de couro, fustiga-a com toda a força, com o propósito de a encorajar a pular mais alto e acender a vela mais depressa. Se ela consegue, a brincadeira pára; caso contrário, é chicoteada até perder os sentidos. 145. Flagela primeiro a esposa, depois a filha e prostitui as duas no bordel a fim de serem fustigadas enquanto ele observa, mas não é o mesmo homem de quem já falamos.

46. Flagela com um chicote de nove pontas do pescoço a barriga das pernas; a mulher fica amarrada, o homem escoria-lhe as costas inteiras.

47. Só fustiga os seios; insiste que são excessivamente grandes. E paga duas vezes a quantia quando a mulher está grávida.

A boceta de Rosette é entregue a sociedade nessa noite; depois de Curval e o Duque a terem fodido abundantemente, os dois e seus colegas flagelam-na de maneira rigorosa. A garota está de joelhos e mãos no chão; os Senhores têm o cuidado de fazer com que as pontas de aço do martinete lhe entrem bem no corpo.

31 de dezembro. 148. Só flagela o rosto, usando um ramo de vime; quer rostos encantadores. Desgranges falará sobre este homem a 7 de fevereiro.

49. Usando chibatatas, flagela imparcialmente o corpo inteiro, nada poupando, rosto, boceta e seios incluídos.
50. Dá duzentos golpes com um vergalho de boi, sendo estes distribuídos igualmente pelas costas de rapazes de dezesseis a vinte anos.
51. Está num quarto, quatro moças levantam-se e flagelam-no; quando finalmente fica todo inflamado, pula em cima de uma quinta moça, a qual está nua e esperando por ele no quarto ao lado e, brandindo um vergalho de boi, ataca tudo que puder pegar de seu corpo, mantendo a saraivada de golpes até descarregar; mas para que sua ejaculação surja mais depressa e a paciente sofra menos, não vai para o quarto do lado até sentir iminente sua descarga.

(Verificar por que motivo há uma a mais)

Champville é aplaudida, são-lhe conferidas as mesmas honras dispensadas a Duelos, e nessa noite as duas narradoras jantam com os Senhores. Mais tarde, nas orgias, Adelaide, Aline, Augustine e Zelmire são condenadas a sofrer chicotadas no corpo todo a exceção dos seios, mas como os amigos se vão ainda divertir com elas durante mais dois meses, são tratadas circunspectamente.

# PARTE TERCEIRA

AS 150 PAIXÕES CRIMINOSAS, OU AS QUE PERTENCEM À TERCEIRA CLASSE, COMPONDO OS TRINTA E UM DIAS DE JANEIRO PASSADOS A OUVIR AS NARRAÇÕES DE MADAME MARTAINE, INTERCALADAS NAS QUAIS SE ENCONTRAM OS FEITOS ESCANDALOSOS NO CASTELO DURANTE ÊSSE MÊS; TUDO ANOTADO SOB FORMA DE DIÁRIO.

(RASCUNHO)

1 de janeiro. 1. Só gosta de ser enrabado, e nunca consegue achar um pau suficientemente grosso. Mas, Madame Martaine diz que não dará grande importância a esta paixão que é um gosto simples demais, e com a qual os assistentes estão por demais familiarizados.

2. Só deseja deflorar garotinhas dos três aos sete anos, na bunda. Trata-se do homem que a deflorou desta maneira: tinha então quatro anos, a provação fê-la adoecer, sua mãe implorou ao homem que ajudasse, que desse dinheiro. Mas seu coração era de pedra...

E este homem é o mesmo sobre quem Duolos falou a 29 de novembro; o mesmo também que aparece na história de Champville de 2 de dezembro. um pau de proporções colossais, é enormemente rico. Deflora duas garotinhas por dia: uma na boceta, de manhã, como Champville relatou a 2 de dezembro, a outra na bunda, de tarde; e tem igualmente uma grande quantidade de outras paixões. Quatro mulheres agarraram Martaine quando o homem a enrabou. Sua descarga dura seis minutos, e bufa como um touro durante a mesma. Seu método simples, direto e experiente de enfiar a agulha dela, embora fosse apenas uma coisinha de quatro anos; descrever tudo isso.

3. Sua mãe vende o cabaço do irmão mais velho de Martaine a um homem que apenas sodomiza rapazes, e que os queria exatamente de sete anos.

4. Martaine tem agora catorze anos, seu irmão quinze; vão a casa de um homem que obriga o irmão a foder a irmã, e que alternadamente enraba o rapaz e a irmã, enquanto estão fodendo um com o outro. Martaine orgulhosamente descreve sua bunda; os Senhores pedemlhe que a mostre, ela exhibe-a da plataforma.

O homem a respeito de quem acabou de falar, continua dizendo, é a mesma pessoa que figurou na história de Duclos de 21 de novembro, o Conde, e que surgirá na de Desgranges de 24 de fevereiro.

5. Faz-se enrabar enquanto enraba seu irmão e irmã; o mesmo personagem a quem Desgranges se referirá a 24 de fevereiro.

Nesse mesma noite, o Duque rebenta a pucela da bunda de Hébé que conta apenas doze anos. A operação só triunfa ao preço de dificuldades sem fim: a menina é agarrada pelas quatro duenhas e administrada por Duclos e Champville. E como no dia seguinte há um festival, para que as coisas corram bem na ocasião, a bunda de Hébé é também. na noite de 1 de janeiro, entregue a sociedade, e nossos quatro amigos aproveitam-na completamente. É levada inconsciente; foi enrabada sete vezes.

(Martaine não deve dizer que tem uma deformidade uterina; isso seria falso.)

2 de janeiro. 6. Tem quatro meninas peidando em sua boca enquanto enraba uma quinta,

depois troca. Todas mudam: todas peidam, todas são enrabadas; só descarrega depois de liquidar a quinta bunda.

7. Diverte-se com três rapazinhos; enraba-os a todos e fá-los cagar, põe os três em cada tarefa, e esfrega o pau do rapazinho inativo.
8. Fode a irmã na boca enquanto faz seu irmão cagar na sua, depois inverte os papéis dos dois, e durante os dois exercícios, é enrabado.
9. Só enraba meninas de quinze anos, mas só depois de as ter flagelado, a título de preliminar, com toda sua força.
10. Durante uma hora belisca suas nádegas e ânus, depois enraba enquanto a faz flagelar com excessiva violência.

O festival da nona semana é celebrado neste dia: Hercule casa com Hébé e fode-a na boceta. Curval e o Duque revezam-se sodomizando primeiro o marido, depois a esposa.

3 de janeiro. 11. Só enraba durante a missa, e descarrega no momento da Elevação da Hóstia.

12. Só enraba quando dá pontapés num crucifixo na poeira; a moça deve tratar o crucifixo com igual desprezo.
13. O homem que se divertiu com Eugénie no décimo primeiro dia de Duclos, manda-a cagar, depois lambe a bunda cheia de merda; tem um pau descomunal, e enraba-a, enfiando-lhe na bunda uma Hóstia sagrada.
14. Enraba um rapaz, e um segundo o enraba, ambos sulcando, como acima, atrás de uma Hóstia protetora; na nuca do rapaz que está enrabando repousa outra Hóstia em cima da qual um terceiro rapaz caga. Descarrega assim, sem mudar de posição, mas proferindo pavorosas blasfêmias.
15. Enraba o padre enquanto este está dizendo missa, e quando o prelado executa a consagração, o enrabador retira por um momento; aproveitando este breve intervalo o padre enterra a Hóstia em sua bunda, o enrabador volta imediatamente ao trabalho e volta a enrabá-lo, empurrando o biscoito.

Nessa noite, Curval, com uma Hóstia, rebenta a pucela da bunda do encantador Zelmir. E Antinous enraba o Presidente com outra Hóstia; durante o exercício a língua do Presidente enfia uma terceira na bunda de Fanchon.

4 de janeiro. 16. Só gosta de enrabar mulheres muito velhas enquanto estão sendo flageladas.

17. Só enraba homens muito velhos ao mesmo tempo que é também enrabado.
18. Tem uma intriga regular com seu filho.
19. Só enraba monstros, ou negros ou pessoas deformadas.
20. A fim de combinar incesto, adultério, sodomia e sacrilégio, enraba sua filha casada, com uma Hóstia.

Nessa noite os quatro amigos aproveitam a bunda de Zelmir.

5 de janeiro. 21. Tem dois homens alternadamente enrabando-o e flagelando-o, ao mesmo tempo que enraba um rapaz e um velho lhe despeja um monte de merda da boca. Come o presente.

22. Dois homens fazem turnos fodendo-o. um na boca, o outro na bunda; este exercício deve durar um mínimo de três horas contadas pelo relógio. Engole o esperma que emana do homem que o está fodendo na boca.
23. Faz-se foder por dez homens; a quem paga tanto por descarga; durante um determinado dia agüenta vinte e quatro sem descarregar.
24. Para efeitos de deleites traseiros, prostitui a esposa, a filha e a irmã, e assiste aos trabalhos.
25. Emprega oito homens de cada vez: um na boca, um na bunda, um debaixo do testículo esquerdo, outro sob o direito: esfrega o pau de mais dois, cada um com uma das mãos, aloja um sétimo entre suas coxas e o oitavo esfrega o pau na sua cara.

Nessa noite, o Duque deflora a bunda de Michette e causa-lhe uma dor pavorosa.

6 de janeiro. 26. Manda enrabar um homem velho na sua presença; várias vezes o pau é retirado da bunda do ancião, colocado na boca do examinador, que o chupa, depois chupa o pau do velho, chupa-lhe a bunda, e penetra-a ao mesmo tempo que o enrabador do velho enraba agora o devasso, que é flagelado pela sua governanta. O devasso é ainda um homem jovem.

27. Vigorosamente aperta o pescoço da moça de quinze anos a quem está enrabando — a compressão de seu pescoço resulta no aperto de seu ânus: ao mesmo tempo é flagelado com um vergalho de boi.
28. Faz inserir grandes bolas de mercúrio em seus intestinos. As esferas sobem e descem em suas entranhas, e durante a excessiva titilação causada pelas mesmas, chupa paus, engole esperma, come merda na bunda das putas, caga. O êxtase dura bem duas horas.
29. É enrabado por um pai ao mesmo tempo que sodomiza o filho e a filha do homem.

A bunda de Michette é entregue a companhia nessa noite. Durcet escolhe Martaine como companheira de noite, seguindo o precedente estabelecido pelo Duque, que escolheu Duclos, e por Curval, que quer Fanchon; Martaine começou a exercer sobre Durcet a mesma influência lúbrica que Duelos exerce sobre Blangis.

7 de janeiro. 30. Enraba um peru cuja cabeça está presa nas pernas de uma mulher deitada de barriga para baixo — durante a ação parece estar enrabando a moça. Durante o trabalho, é enrabado, e no momento da descarga, a moça corta o pescoço do peru.

31. Enraba uma cabra ao mesmo tempo que ê flagelado: a cabra concebe e dá à luz um monstro. Monstro ou não, enraba-o.
32. Enraba bodes.
33. Quer ver uma mulher descarregar depois de lambida por um cão; e mata o cão a tiro enquanto a cabeça do animal está entre as coxas da mulher. Mas não faz mal a esta.
34. Enraba um cisne depois de lhe ter enfiado uma Hóstia na bunda; depois estrangula a ave ao descarregar. Nessa noite o Bispo enraba Cupidon pela primeira vez.

8 de janeiro. 35. Coloca-se numa estrutura especial de vime dotada de uma abertura numa extremidade: contra essa abertura coloca sua bunda depois de a ter untado com esperma de égua. A estrutura em que se encontra representa o corpo de uma égua e está coberta por couro de cavalo. Trazem um cavalo autêntico, que monta a égua artificial, isto é.



enraba o homem enquanto este enraba uma bonita cadela branca que tem a seu lado no cesto.

36. Fode uma vaca, esta concebe, e dá a luz um monstro o qual, pouco tempo depois, enraba.
37. Num cesto semelhante coloca uma mulher que recebe o membro de um touro em sua boceta. Observa este divertido espetáculo.
38. Tem uma serpente domesticada que introduz em seu ânus; enquanto é assim sodomizado, enraba um gato, num cesto. Firmemente preso no cesto, o animal não lhe pode fazer mal.
39. Enraba uma burra ao mesmo tempo que é enrabado por um burro. (Para este prazer é indispensável uma máquina complicada.

Será feita uma descrição da mesma noutra lugar).

Nessa noite a bunda de Cupidon é apresentada à sociedade.

9 de janeiro. 40. Fode as narinas de uma cabra que entretanto lhe lambe os colhões; e durante este exercício é alternadamente flagelado e faz lambe sua bunda.

41. Enraba um carneiro enquanto um cão lhe lambe a bunda.

42. Enraba um cão cuja cabeça é cortada quando descarrega.

43. Obriga uma puta a esfregar o pau de um macaco, e é enrabado enquanto observa o espetáculo.

44. Enraba um macaco, o animal está encerrado num cesto; enquanto é sodomizado, o animal é torturado para que seu ânus aperte o membro do libertino.

Nessa noite, celebra-se o festival da décima semana, com o casamento de Clivador de Bundas e Michette; a união é consumada, é uma dolorosa experiência para a noiva.

10 de janeiro. Martaine anuncia que vai passar a outra paixão, e que o chicote, de importância fundamental nas contribuições de Champville, de dezembro. goza de importância secundária nas suas.

45. A procuradora é obrigada a descobrir mulheres culpadas de um crime ou outro; ele chega, assusta-as, diz que vão ser presas mas que se encarregará de as proteger desde que se submetam a violenta fustigação, e temerosas que estão, deixam-se fustigar até sangrarem.

46. Manda buscar uma mulher de cabelos bonitos, dizendo que simplesmente os quer examinar; mas corta-lhos traiçoeiramente, e descarrega ao vê-la irromper em lágrimas e lamentar sua desgraça, da qual ri desalmadamente.

47. Com todas as espécies de cerimônias de expectativa, a mulher entra num quarto escuro. Não vê ninguém, mas ouve uma conversação a seu respeito — dar detalhes da conversação — que é de natureza a assustá-la quase até a morte. Finalmente, recebe um dilúvio de bofetões e socos sem saber de onde vêm; ouve os gritos que acompanham uma descarga, e depois é levada para fora do quarto.

48. Entra numa espécie de sepulcro subterrâneo iluminado por algumas lâmpadas de óleo; revelam todo o horror do lugar. Após um momento, durante o qual pode observar tudo, todas as lâmpadas se apagam, ouvem-se gritos horríveis e o arrastar de correntes, a mulher desfalece; se não perde os sentidos, os ruídos continuam até desmaiar de terror.

Uma vez inconsciente, um homem monta-se nela e enraba-a, abandona-a e os criados vêem buscá-la mais tarde; o homem quer moças muito jovens e muito inexperientes. Noviças, se possível.

49. Entra num lugar semelhante, mas dar alguns detalhes para o distinguir do sepulcro acima. Tiram-lhe a roupa, e jogam-na nua num caixão, a tampa deste é pregada, e o ritmo do martelo que aplica os pregos excita finalmente a descarga do homem.

Nessa tarde, Zelmire foi levada para o subsolo previamente mencionado, e preparado da maneira que acabamos de descrever. Os quatro amigos ali se encontram, nus e equipados com armas: Zelmire desfalece, e enquanto está inconsciente Curval rebenta-lhe a pucela da bunda. O Presidente foi possuído pelos mesmos sentimentos de amor (misturados com cólera lúbrica) pela menina, que o Duque tem por Augustine.

11 de janeiro. 50. O mesmo Duque de Florville, de quem Duelos falou a 29 de novembro, e de quem Desgranges, em sua quinta história falará a 26 de fevereiro, deseja o cadáver de uma moça bonita e recentemente assassinada, colocado numa cama, coberto de cetim branco; acaricia o corpo, explora todos os seus recantos, e enraba-o.

51. Outro indivíduo quer dois cadáveres, de um rapaz e de uma moça, e enraba o corpo do merino ao mesmo tempo que beija as nádegas da menina e lhe enfia a língua no ânus.

52. Recebe a moça num pequeno quarto cheio de convincentes representações de cadáveres feitas de cera, todos mutilados de diversas maneiras. Diz a moça que escolha, dizendo que tenciona matá-la da maneira que preferir, convidando-a a escolher o corpo cujas feridas mais lhe agradam.

53. Amarra-a a um cadáver verdadeiro, joelhos com joelhos, boca com boca, e flagela-a até as suas costas ficarem cheias de sangue.

A bunda de Zelmire é o prato da noite, mas antes de ser servido, é submetido a julgamento, e é informada de que vai morrer essa noite; acredita no que lhe dizem mas, em vez de a despacharem, os Senhores contentam-se em darem-lhe cada um cem chicotadas depois de generosamente a enrabarem, e Curval leva-a para a cama consigo. É ainda enrabada a noite inteira.

12 de janeiro. 54. A mulher deve estar menstruada. Chega a casa do homem, um criado acompanha-a ao porão onde o libertino está a sua espera, mas encontra-se perto de uma espécie de reservatório cheio de água gelada, com mais de quatro metros de diâmetro por três de altura; está escondido de tal maneira que a moça não se apercebe. Aproxima-se do homem, ele passa-lhe uma rasteira, e descarrega no momento em que ouve o baque do corpo; a mulher é pescada imediatamente, mas como está menstruada, o resultado muito freqüente destas aventuras são graves deficiências.

55. Baixa a mulher para dentro de um poço muito fundo e grita-lhe depois que vai encher o buraco de pedras muito grandes; atira um punhado ou dois de terra para a assustar, e descarrega para dentro do poço, pousando seu sêmen na cabeça da puta nua.

56. Manda chamar uma mulher grávida e apavora-a com ameaças e palavras, flagela, continuando o mau tratamento da mesma até ela abortar ali e então, ou fazê-lo mais tarde ao voltar para casa. Se expelir seu fruto enquanto estiver debaixo de suas telhas, recebe pagamento em dobro.

57. Encerra-a numa masmorra sombria, rodeada de gatos, ratos e camundongos; faz-lhe

saber que ali ficará durante o resto de sua vida, e todos os dias chega até a porta, masturba-se, e troça dela.

58. Insere gavelas de palha em sua bunda, incedeia-as, e assiste ao espetáculo de suas nádegas tostadas a medida que a palha se vai queimando.

Nessa noite, Curval anuncia que vai tomar Zelmire por esposa, e casa realmente com a mesma em público. O Bispo oficia o casamento, o Presidente repudia Julie que cai logo no maior descrédito, mas sua libertinagem abona grandemente em seu favor, e o Bispo decide protegê-la um pouco, até chegar a altura de se declarar inteiramente em seu favor — declaração que fará mais tarde.

Com mais claridade do que nunca, os amigos notam nessa noite, em particular, o ódio implicativo de Durcet por Adelaide; o banqueiro atormenta-a, vexa-a, ela lamenta-se e fica melancólica. E seu pai, o Presidente, não lhe dá de modo algum seu apoio.

13 de janeiro. 59. Prende uma moça e uma cruz de Santo André suspensa no ar, e flagela-a com toda a força, chicoteando suas costas inteiras. Depois disso, desamarra-a e joga-a pela janela afora, onde se encontram colchões para amortecer a queda, ao ouvir a qual descarrega. Dar mais detalhes da cena para justificar a reação do homem.

60. Fá-la engolir uma droga que solta sua imaginação e a faz ver coisas horríveis no quarto. Pensa que o quarto está sendo inundado, vê a água subir, sobe numa cadeira, mas a água continua subindo, já a atinge, e diz-lhe que sua única alternativa é pular e nadar; a mulher mergulha, mas cai no chão de pedra e fere-se gravemente. É neste ponto que o libertino descarrega; antes disso, delicia-se beijando a bunda.

61. Conserva-a suspensa por uma corda que corre através de uma roldana fixa no cimo de uma torre; fica na janela, e ela está pendurada diretamente do lado de fora, na sua frente. Esfrega seu pau e ameaça cortar a corda no momento em que descarrega. Durante esse tempo é chicoteado, e primeiro induz a puta a cagar para ele.

62. A mulher é sustentada por quatro cordas finas, cada uma presa a um de seus membros. É assim mantida numa posição muito cruel e dolorosa; por baixo da mulher abre-se um alçapão e surge aos olhos dela um braseiro com carvão incandescente: se as cordas rebentam, ela cai dentro da fogueira. O safado brinca com as cordas, estica-as, corta uma quando descarrega. Outras vezes suspende a mulher na mesma atitude, põe-lhe um peso na barriga, de repente solta as quatro cordas, puxando-a para cima, e ao fazer isso, rompe-lhe o estômago e rasga-lhe os músculos. A mulher fica onde está até ele descarregar.

63. Amarra-a a um banco baixo; suspenso a trinta centímetros de sua cabeça encontra-se um punhal cuja ponta é afiada como uma agulha; o punhal está preso por um cabelo — se o cabelo rebenta, o punhal entra-lhe na cabeça. O libertino masturba-se assistindo as ansiosas contorções de sua vítima. Uma hora mais tarde liberta-a, e sangra-lhe as nádegas com golpes do mesmo punhal que, quer que a mulher observe, fica muito bem; descarrega em cima da bunda sangrenta da mulher.

Nessa noite, o Bispo deflora Colombe na 'bunda, e depois de sua descarga, flagela-a com o chicote, pois não pode suportar que uma moça lhe provoque uma descarga.

14 de janeiro. 64. Enraba uma jovem noviça que nada sabe das maneiras do mundo, e quando descarrega, faz dois disparos de pistola muito perto de seu ouvido. A pólvora queima

os cabelos da moça.

65. Fá-la sentar numa cadeira de braços equilibrada em molas: seu peso solta um certo número de molas ligadas a anéis de ferro que a prendem firmemente a cadeira. Umas alavancas e engrenagens fazem avançar vinte punhais até suas pontas roçarem em sua pele; o homem esfrega seu pau, explicando entretanto que o menor movimento da cadeira lhe provocará a morte. Derrama seu esperma na mulher e, ao fazê-lo, toca na cadeira com um pé.
66. Um básculo desce-a para uma pequena cripta forrada de preto decorada com um genuflexório, um caixão, e uma coleção de cabeças de mortos. A mulher vê seis espectros armados de paus, espadas, pistolas, sabres, clavas e lanças, e cada um está prestes a dilacerá-la num lugar diferente. Vencida pelo medo, desfalece, está prestes a cair; o homem entra, pega-a nos seus braços, e flagela-a até se cansar, depois descarrega e enraba-a. Se a mulher estiver inconsciente no momento de sua entrada, e isso sucede frequentemente, suas chicotadas fazem-na recuperar os sentidos.
67. A mulher entra num quarto, numa torre, e no meio vê um braseiro de carvão; em cima de uma mesa, veneno e um punhal; é-lhe permitido escolher a maneira como quer morrer. Sucede geralmente que escolhe veneno. Trata-se de uma variedade de opiato que a mergulha numa profunda inconsciência; enquanto isso, o libertino enraba-a. É o mesmo personagem que Duelos citou a 27 de novembro e a respeito de quem Desgranges falará mais a 5 de fevereiro.
68. O mesmo cavalheiro que figura na história de Desgranges de 16 de fevereiro, participa da cerimônia inteira de preparativos para decapitar a moça; no preciso momento em que a lâmina cai, uma corda puxa subitamente o corpo da mulher, a lâmina penetra sete centímetros no cepo. Se a corda falha, a mulher morre. O homem descarrega quando aciona a descida da lâmina. Mas antes disso, enraba-a quando está com a cabeça em cima do cepo.

Nessa noite a bunda de Colombe é sondada pela sociedade, e os Senhores pretendem corta-lhe a cabeça. São atores consumados.

15 de janeiro. 69. Passa um laço em redor da garganta da puta e enforca-a. Seus pés estão apoiados num banco, uma corda está presa a um dos pés do banco, ele senta-se numa cadeira de braços, observando, enquanto a filha da mulher lhe esfrega o pau. Quando descarrega puxa a corda, a puta enforca-se, o homem deixa o aposento, criados entram e libertam a mulher. Uma sanguessuga chupa algum sangue de suas veias, e a mulher volta a vida, mas estes cuidados são ministrados sem conhecimento do libertino. Este vai para a cama com a filha da mulher e sodomiza-a a noite inteira, dizendo-lhe ao mesmo tempo que lhe enforcou a mãe. Por Martaine e Desgranges a falarem de novo neste personagem.

70. Segura a mulher pelas orelhas, e anda em redor do quarto, descarregando enquanto desfila com ela.
71. Belisca o corpo da moça. marcando-a em toda a parte, menos nos seios, até ela ficar preta e roxa.
72. Belisca-lhe os seios, molesta-os, retorce-os até ficarem completamente escoriados.
73. Escreve letras e palavras em seus seios, trabalhando com uma agulha que tem a ponta envenenada; os seios ficam infeccionados, e a mulher sofre horrivelmente.

74. Espeta de mil a dois mil alfinetes em seus seios, e descarrega depois de os cobrir totalmente.

Mais libertina cada dia que passa, Julie é descoberta esfregando-se com Champville. O Bispo concede-lhe nova proteção, e admite-a em seus aposentos, do mesmo modo que o Duque tem Duelos, Durcet Martaine, e Curval Fanchon. Julie confessa que no momento de seu repúdio, tendo sido condenada a dormir no estábulo com os outros animais, apelou a Champville, e foi levada para seu quarto: desde então dormiam juntas.

16 de janeiro. 75. Espeta grandes pregos de chapéu na carne da moça, ponteando-lhe o corpo inteiro. incluindo os mamilos. Descarrega depois de enfiar o último alfinete. Desgranges voltará ao mesmo entusiasta em sua quarta história do dia 27 de fevereiro.

76. Manda-a beber muito, depois costura-lhe a boceta e a bunda; deixa-a assim fechada até observar que está prestes a desmaiar com vontade de mijar e cagar, duas atividades impossíveis no estado em que se encontra: ou então espera até que o peso da merda e a pressão do mijo rebentem finalmente os pontos.

77. Quatro cavalheiros entram no quarto e esbofeteiam a moça, batem-lhe, e dão-lhe pontapés até ela cair. Quando está no chão, os quatro se masturbam, mutuamente. e descarregam.

78. A mulher é privada de ar, depois abastecida de ar, depois privada de novo. Está instalada numa máquina pneumática.

Para celebrar o final da décima primeira semana, realiza-se nesse dia o casamento de Colombe e Antinous, o qual é consumado. O Duque, que se tem dedicado a prodigiosas fodas na boceta de Augustine, fica possuído de uma fúria lúbrica: manda Duelos segurar a moça, dá-lhe trezentas chicotadas distribuídas entre o pescoço e a barriga das pernas, e, depois disso, enraba Duelos ao mesmo tempo que beija a flagelada bunda de Augustine. Imediatamente depois de a molestar faz coisas loucas, pois sua cabeça está completamente tonta: fá-la sentar na mesa a seu lado, só toca em comida extraída da boca dela, está louco por ela, e faz mil coisas mais, todas muito ilógicas e muito libertinas. Mas o Duque e seus confrades são homens de estranhas manifestações de caráter.

17 de janeiro. 79. Amarra a mulher a uma mesa de jantar e come uma omelete a escaldar servida em cima de suas nádegas. Usa um garfo extremamente afiado.

80. Imobiliza a cabeça da mulher em cima de uma grelha, acende um fogo intenso, e assa-a até perder a consciência, enrabando-a vigorosamente.

81. Lentamente torra os seios e nádegas da mulher, procedendo muito gradativamente, e usando palitos impregnados em enxofre.

82. Usa velas e apaga-as repetidas vezes encostando-as na sua boceta, bunda e mamilos.

83. Com um fósforo cauteriza suas pálpebras; isso não deixa a mulher dormir nessa noite, porque não consegue fechar os olhos.

Nessa noite, o Duque deflora Giton, que acha a experiência incômoda, porque o Duque é enorme, fode com grande brutalidade, e Giton só tem, afinal das contas, doze anos.

18 de janeiro. 84. Apontando-lhe uma pistola ao coração, obriga a mulher a mastigar e engolir um carvão aceso, e depois lava-lhe a boceta com água forte.

85. Fá-la dançar os alfinetes. Nua, é obrigada a dançar em redor de quatro pilares: mas o

único caminho que seus pés descalços podem seguir está cheio de cacos de vidro e pedaços de metal aguçado e tachas e pregos; em cada pilar está um homem, de chicote na mão, o qual chicoteia a parte de seu corpo que ela oferecer cada vez que passa perto dele. É assim obrigada a dar um certo número de voltas, tudo dependendo de ser mais ou menos atraente. As mais bonitas são as mais judiadas.

86. Esbofeteia violentamente no rosto até que os golpes de seu punho provoquem sangue em seu nariz, e continua um pouco mais, independentemente do sangue; descarrega e mistura seu esperma com o sangue que a mulher perde.
87. Empregando pinças de carvão muito bem aquecidas, aperta sua carne, e principalmente suas nádegas, boceta e seios. Desgranges dirá mais coisas a respeito deste personagem.
88. Em várias partes de seu corpo nu e reclinado, especialmente as mais sensíveis, põe pequenos montículos de pólvora, que depois incendeia.

A bunda de Giton é tornada propriedade pública nessa noite, e depois desta cerimônia, é flagelado por Curval, pelo Duque e pelo Bispo, que o enrabaram.

19 de janeiro. 89. Insere um cilindro de pólvora em sua boceta, remove o cilindro, deixa a pólvora; lança fogo à carga e ejacula ao ver as chamas espirrarem. Antes disso beija a bunda da mulher.

90. Ensopa-a dos pés à cabeça em conhaque, depois chega-lhe um fósforo e distrai-se com o espetáculo da moça coberta de chamas.

Depois descarrega. Repete a mesma operação duas ou três vezes.

91. Dá aos intestinos da mulher uma lavagem com óleo a ferver.
92. Introduz-lhe um ferro em brasa no ânus, outro na boceta, depois de ter flagelado intensamente esta última.
93. Gosta de pisotear mulheres grávidas até elas abortarem. Antes disso açoita-as.

Nessa mesma noite, Curval deflora a bunda de Sophie, mas essa provação sucede a outra: recebeu primeiro cem açoites de cada um dos amigos, e está escorrendo sangue. Imediatamente após descarregar em sua bunda, Curval oferece à sociedade quinhentos lises para a poder levar para o porão, nessa mesma noite, e fazer o que quiser com ela. O pedido de Curval é rejeitado, enraba-a de novo, e ao sair de sua bunda, depois da segunda descarga, dá-lhe um pontapé que a manda de roldão até um colchão a cinco metros de distância. Vingase em Zelmire, a quem açoita até seu braço não agüentar mais.

20 de janeiro. 94. Parece estar acariciando a moça que o está masturbando, ela não suspeita de nada; mas no momento em que descarrega, pega-lhe na cabeça e bate-a contra a parede. O golpe é tão forte e inesperado, que a mulher geralmente fica inconsciente.

95. São quatro libertinos reunidos; julgam uma mulher e, como em última análise não chegam a acordo quanto ao castigo a infligir-lhe, decidem condená-la individualmente. Ao todo recebe cem chicotadas; cada jurado aplica vinte e cinco; o primeiro flagela-a das costas às virilhas; o segundo das virilhas à barriga das pernas; o terceiro do pescoço ao umbigo, incluindo os seios: o quarto da barriga às canelas.
96. Usando um alfinete, fura cada um de seus olhos, mamilos e o clitóris.
97. Derrama lacre derretido em suas nádegas, boceta e seios.

98. Abre-lhe as veias de um braço e sangra a mulher até ela desmaia. Curval sugere que sangrem Constance em virtude de sua gravidez; e sangrada é, até desfalecer, é Dulcet que faz de sua sanguessuga. A noite os Senhores aproveitam-se da bunda de Sophie, e o Duque propõe que ela seja igualmente sangrada, não lhe pode certamente fazer mal algum, podiam talvez fazer um bonito pudim com o seu sangue para o almoço do dia seguinte. Sua idéia é aclamada, Curval faz agora de sanguessuga, Duclos esfrega-lhe o pau enquanto opera, e deseja fazer o golpe no momento em que o esperma partir de seus colhões; faz um golpe generoso, mas mesmo assim sua lâmina consegue encontrar a veia. Apesar de tudo isso. Sophie agradou ao Bispo, que a adota como esposa, repudiando Aline, que cai no maior descrédito.

21 de janeiro. 99. Sangra seus dois braços e obriga-a a ficar de pé enquanto o sangue corre; de vez em quando pára a sangria e flagela-a, depois volta a abrir as feridas, e isso continua até a mulher desfalecer. Só descarrega quando ela desmaia. No começo da brincadeira, manda-a cagar.

100. Sangra-a nos quatro membros e na veia jugular, e masturba-se observando as cinco fontes de sangue.

101. Escarifica ligeiramente sua carne, concentrando-se nas nádegas, mas negligenciando os seios.

102. Escarifica-a vigorosamente, cortando fundo, devotando particular atenção a seus seios e especialmente a seus mamilos e à região de seu ânus quando volta sua atenção para seu traseiro. A seguir cauteriza as feridas com um ferro em brasa.

Faz-se amarrar de pés e mãos, como se fosse um animal selvagem, e veste uma pele de tigre. Quando assim preparado, é excitado, chicoteado, surrado, sua bunda esfregada; na sua frente encontra-se uma moça rechonchuda, nua e presa pelos pés ao chão, pelo pescoço ao teto, de tal maneira que não se pode mexer. Quando o safado está todo suado, seus captos libertam-no, pula em cima da jovem, morde-a por toda a parte e acima de tudo seu clitóris e mamilos, que geralmente consegue remover com os dentes. Ruge e urra como um animal selvagem, e descarrega guinchando. A mulher deve cagar, ele come seu monte no chão.

Nessa noite, o Bispo descabaça Narcisse; o rapaz é entregue à sociedade na mesma noite, para que o festival do dia 23 não seja perturbado. Antes de o enrubar, o Duque manda-o cagar em sua boca, e entregar-lhe, juntamente com o monte, o esperma de seu antecessor. E então, depois de sodomizar o garoto, Blangis flagela-o. 22 de janeiro. 104. Arranca-lhe os dedos e esfrega-lhe as gengivas com agulhas. Às vezes aquece as agulhas.

105. Quebra um de seus dedos, ocasionalmente vários.

106. Empregando um martelo pesado, achata um dos pés da mulher.

107. Remove uma das mãos, serrando-a no pulso.

108. Ao descarregar, quebra-lhe os dentes da frente com um martelo. Gosta muito de chupar a boca da mulher antes de proceder à fase principal desta operação.

O Duque deflora Rosette, atrás, nessa noite, e no mesmo momento em que seu pau sonda sua bunda, Curval extrai um dos dentes da menina — isso para que ela possa experimentar duas dores terríveis ao mesmo tempo. Para que o festival do dia seguinte não seja perturbado, sua bunda é posta à disposição da coletividade nessa mesma noite. Depois

de Curval ali ter descarregado (e ele é o último dos quatro a fazê-lo) manda a criança rodopiando com um soco.

23 de janeiro. Como é feriado, só são relatadas quatro paixões.

109. Amputa um pé.

110. Quebra um de seus braços e depois enraba-a.

111. Usando um pé-de-cabra, quebra um osso de sua perna e depois de fazer isso, enraba-a.

112. Amarra a mulher a um escadote, seus membros presos de maneira peculiar, uma corda é atada ao escadote; puxa a corda, o escadote cai. Às vezes a mulher quebra um dos membros, outras vezes outro.

Nesse dia Invictus casa com Rosette; seu casamento celebrou o festival da décima segunda semana. Nessa noite, Rosette é sangrada depois de ser fodida, e Aline é igualmente sangrada depois de fodida por Hercule: ambas são sangradas de maneira a que seu sangue espirre nas coxas e paus dos libertinos. Os Senhores masturbam-se enquanto observam, e descarregam quando as duas desmaiam.

24 de janeiro. 113. Corta uma das orelhas da mulher. (Não esquecer de especificar o que estas pessoas fazem a título de prelúdio de sua brincadeira principal.)

114. Retalha seus lábios e narinas.

115. Depois de a ter chupado e mordido, fura a língua da mulher com um ferro em brasa.

116. Arranca diversos pregos de seus dedos das mãos e dos pés.

117. Corta um dos dedos da mulher na última articulação

E, depois de apertado interrogatório, a narradora disse que, desde que a ferida seja tratada imediatamente, tal mutilação não tem efeitos indesejáveis, e logo Durcet corta a ponta de um dos dedos de Adelaide, pois sua implicância lasciva é cada vez mais dirigida a adorável criatura. Sua brincadeira provoca a descarga do libertino, seu esperma é acompanhado de transportes inauditos.

Na mesma noite, Curval deflora a bunda de Augustine, embora ela seja agora esposa do Duque. Sua angústia, seu sofrimento. Curval fica furioso com ela logo após; conspira com o Duque para a levarem para o porão sem mais demora, e dizem a Durcet que se tiverem permissão para levar a efeito sua expedição, por seu turno, dão-lhe licença para despachar Adelaide imediatamente, mas o Bispo faz um sermão apaixonado aos dois atrevidos, e obtém a promessa de que se controlarão um pouco mais a bem de seu próprio prazer. Curval e o Duque limitam-se a dar uma feroz punição a Augustine. Ambos a flagelam imediatamente.

25 de janeiro. 118. Instila quinze ou dezoito gotas de chumbo derretido na boca da mulher, e queima-lhe as gengivas com água forte.

19. Depois de a ter obrigado a lambar-lhe a bunda cheia de merda, corta a ponta dessa mesma língua. E, quando mutilada, enraba-a.

20. Emprega uma máquina que inclui uma broca de aço, oca, que faz buracos na carne e que, quando retirada, traz consigo pedaços redondos de carne do tamanho que a broca tiver penetrado; a máquina fura automaticamente até ser retirada.

21. Transforma um rapaz de dez ou doze anos em eunuco. 122. 122, Isolando e levantando



com um alicate cada um dos mamilos, corta os mesmos com uma tesoura.

Nessa mesma noite, a bunda de Augustine é posta geralmente a disposição. Enquanto a enrabava, Curval quis beijar os seios de Constance, e ao descarregar, apareceu com um mamilo nos dentes, mas como sua ferida foi tratada e coberta imediatamente, os Senhores garantiram uns aos outros que o acidente não teria efeitos prejudiciais a criança em sua barriga. Curval diz a seus colegas, em resposta a suas amabilidades relativas a seu ódio crescente por Constance, que não consegue controlar a fúria que ela lhe inspira. Quando, por seu turno, o Duque enraba Augustine, seus próprios sentimentos poderosos por essa linda garota são exalados com incomparável violência: se os outros não estivessem de olho, tê-la-ia ferido, apertando seus seios ou mordendo sua nuca com toda a força no momento da descarga. Uma vez mais pede a sociedade que lhe conceda direitos sobre a moça, mas pedem-lhe que espera pelas narrações de Desgranges. Seu irmão pede-lhe que seja paciente e se abstenha até ele próprio estabelecer um exemplo despachando Aline; a pressa, o Bispo acentua, é prejudicial; e por que estragar a parte final das férias perturbando um programa tão admiravelmente designado para lhes garantir uma dose diária de moderação, na qual apenas se encontra felicidade. Porém, o Duque ouve a razão, não consegue mais controlar-se, e portanto, como precisa em absoluto de torturar a adorável menina, é autorizado a 'fazer-lhe uma pequena ferida no braço. Executa-a na parte carnuda do antebraço esquerdo, chupa o sangue do corte que fez, e descarrega: Augustine é tratada com tanta habilidade que quatro dias mais tarde não tem o menor vestígio da marca dos dentes do Duque.

26 de janeiro. 123. Quebra uma garrafa de vidro fino na cara da moça, a qual está amarrada e é incapaz de se proteger; antes de fazer isso, chupou-lhe a boca com grande vigor e chupou-lhe também a língua.

Dilacera-lhe ambas as pernas, amarra-lhe uma das mãos atrás das costas, põe um pequeno pau na mão livre da mulher. e diz-lhe que se defenda. Depois ataca-a, brandindo a espada com grande vigor e destreza, fere-a aqui e ali, e finalmente descarrega nas suas feridas.

Estica-a numa cruz de Santo André, procede a cerimônia de a quebrar, esforça-se mas não desloca três de seus membros, mas quebra decididamente o quarto, um braço ou uma perna.

De pistola em punho, manda a mulher ficar de pé olhando para a direita, e faz uma descarga que esfola os dois seios da mulher: aponta para lhe tirar um de seus dois mamilos.

Manda a mulher agachar-se a seis metros de distancia e mostrar suas nádegas; dá-lhe um tiro na bunda.

Nessa mesma noite o Bispo deflora a bunda de Fanny.

27 de janeiro. 128. O mesmo homem de quem Desgranges falará a 24 de fevereiro, flagela uma mulher grávida na barriga até ela abortar; a mulher tem que por o ovo na sua presença, e ele açoita-a até o fazer:

Muito habilmente castra um rapaz de dezesseis ou dezessete anos, depois de o ter enrabado e chicoteado.

Precisa que lhe levem uma virgem, fende-lhe o clitóris com uma lâmina, depois deflora-a com um cilindro de ferro quente, enfiando o dispositivo a marteladas.

Este personagem faz um aborto quando a gravidez da mulher atinge o oitavo mês.

Obriga-a a beber uma certa mistura fermentada que faz sair a criança morta num instante. Outras vezes, este libertino, com sua arte, faz com que a criança nasça pela bunda da mãe. Mas a criança emerge morta, e a vida da mulher é gravemente posta em perigo. Corta um braço.

Nessa noite, a bunda de Fanny é oferecida a companhia, Durcet salva-a de uma tortura que seus colegas lhe estavam preparando; toma-a por esposa, manda o Bispo officiar o casamento, e repudia Adelaide, que é submetida a tortura originalmente preparada para Fanny. Mas, afinal das contas, não passa de brincadeira: o Duque enraba-a enquanto Durcet lhe quebra um dedo.

28 de janeiro. 133. Corta ambas as mãos da mulher pelo pulso, e cauteriza as feridas com um ferro em brasa.

Remove a língua, cortando-a na raiz, e cauteriza-a com um ferro em brasa.

Amputa uma perna, tendo geralmente alguém para a cortar enquanto enraba a mulher.

Extrai-lhe todos os dentes, substituindo-os por pregos em brasa, que fixa no lugar a marteladas. Faz isso imediatamente depois de fuder a mulher na boca. Remove um olho.

Julie é vigorosamente açoitada por todos, nessa noite, e seus dedos são furados com agulhas. Esta última operação tem lugar ao mesmo tempo que o Bispo, que gosta razoavelmente dela, a enraba. 29 de janeiro. 138. Derramando lacre derretido em um, e depois no outro, dissolve-lhe os olhos.

Meticulosamente corta um seio, depois cauteriza a ferida com um ferro em brasa. Desgranges fará então um aparte dizendo que foi esse mesmo homem que lhe tirou o mamilo que lhe falta, e que tem absoluta certeza de que ele o comeu depois de o ter grelhado.

Amputa ambas as nádegas depois de a ter flagelado e enrabado.

Julga-se que também come a carne.

Corta-lhe as duas orelhas.

Corta-lhe todas as extremidades, a saber: dez dedos das mãos, dez dedos dos pés, dois mamilos, um clitóris e a ponta da língua.

Nessa noite, Aline, depois de violentas chicotadas ministradas pelos quatro amigos e de uma enrabadela que o Bispo executa pela última vez, é condenada a perder um dedo da mão e do pé cortados por cada um dos amigos. Perde assim um total de oito partes.

30 de janeiro. 143. Corta diversos pedaços de carne, selecionando-os em diversas áreas de seu corpo; manda assar esses pedaços e obriga a mulher a comê-los com ele. Desgranges mencionará o mesmo homem a 8 e 17 de fevereiro.

Corta os quatro membros de um rapaz, enraba o tronco, alimenta-o bem, e deixa-o viver; como as pernas e braços não foram cortados muito rente ao corpo, o rapaz vive bastante tempo. E o cirurgião enraba-o intensamente durante um ano.

Põe uma corrente na mão da moça e prende-a a parede; deixa-a assim sem comida. Perto da mulher encontra-se uma grande faca, e um pouco além de seu alcance uma excelente refeição: se desejar comer, precisa de cortar o antebraço; caso contrário, morre de fome. Antes disso enraba-a. Observa tudo através de uma janela.

Algema mãe e filha; para que ambas sobrevivam, uma tem que ir buscar comida

colocada não muito longe: a sobrevivência, significa que uma tem que sacrificar uma das mãos. Diverte-se ouvindo-as discutir seu dilema, e discutir quem o deve resolver.

Só conta quatro histórias, pois nessa noite realiza-se o festival da décima terceira semana. Durante o mesmo, o Duque, fazendo papel de mulher, casa-se com Hercule, que é o marido; agora corno homem. o Duque toma Zéphyr por esposa. O jovem trovador que, como o leitor se recorda, possui a bunda mais bonita dos oito meninos, esta; vestido de menina, e assim adornado parece tão bonito quanto a rainha do amor. A cerimônia é consagrada pelo Bispo e transpira à vista da família inteira. O querido Zéphyr entrega sua bundinha virgem ao Duque, que nela encontra todo o seu prazer, mas grande dificuldade em entrar: Zéphyr sofre um bocado, e sangra profusamente. Hercule enraba o Duque durante esta operação.

31 de janeiro. 147. Arranca-lhe os dois olhos e deixa-a trançada num quarto, dizendo-lhe que tem na sua frente aquilo de que necessita para comer, mas que precisa levantar-se e procurar. Mas para atingir a comida, precisa de atravessar uma larga chapa de ferro. a qual. é claro, não pode ver, e que está aquecida a uma temperatura muito elevada. Instalado na janela, diverte-se observando a mulher: prefere queimar-se, ou morrer de fome? Antes de tudo isso, chicoteou-a violentamente.

48. Sujeita-a à tortura da corda; isso consiste em lhe amarrar os quatro membros com cordas, depois uma é içada bem alto e subitamente largada de considerável altura, depois içada. depois largada: cada queda desloca e as vezes quebra o membro, porque não cai bem no chão. as cordas detêm a pessoa a uma pequena distância do mesmo.

49. Inflige a mulher um certo número de ferimentos profundos nos quais derrama piche a ferver e chumbo derretido.

50. Logo após dar a luz uma criança, amarra a mulher de pés e mãos, e prende a criança não muito longe da mãe. O infante chora, ela não pode acudir-lhe. E assim, a mulher vê seu filho expirar. Aproxima-se então e chicoteia a mãe, dirigindo o azorrague a sua boceta e manejando o instrumento de modo a tocar bem no interior da vagina da mulher. Geralmente é ele próprio o pai da criança.

51. Dá-lhe copiosamente de beber, depois costura-lhe a boceta, bunda e boca, e deixa-a assim até que a água rebente suas condutas, ou a mulher morra.

(Determinar por que motivo há uma a mais: se houver que eliminar uma, suprimir a última, pois estou convencido de que já a usei.) Nessa mesma noite, os Senhores aproveitam-se da bunda de Zéphyr, e Adelaide é condenada a uma rude fustigação, após o que um ferro em brasa é levado muito próximo do interior de sua vagina e axilas, e é queimada de leve por baixo de cada mamilo. Sofre tudo como uma heroína, e invoca frequentemente o nome de Deus. Isso irrita ainda mais seus perseguidores.

# PARTE QUARTA

AS 150 PAIXÕES ASSASSINAS, OU AS QUE PERTENCEM A QUARTA CLASSE, COMPONDO OS VINTE OITO DIAS DE FEVEREIRO PASSADOS A OUVIR AS NARRAÇÕES DE MADAME DESGRANGES, INTERCALADAS NAS QUAIS SE ENCONTRAM OS FEITOS ESCANDALOSOS NO CASTELO DURANTE ÊSSE MÊS; TUDO ANOTADO SOB A FORMA DE DIÁRIO.

(RASCUNHO)

Comecemos por uma descrição completa da nova situação existente em fevereiro: houve uma mudança radical no aspecto das coisas. As quatro esposas originais foram repudiadas. mas o Bispo aumentou sua proteção a Julie. a quem conserva perto de si como urna espécie de doméstica para o servir: Duolos foi autorizada a partilhar seu quarto com Constance. cujo fruto os Senhores estão ansioso por conservar; Aline e Adelaide foram expulsas da casa e dormem agora com os animais destinados à mesa de Suas Senhorias. As sultanas Augustine, Zelmire, Fanny e Sophie substituíram as esposas e desempenham agora todas as suas funções. a saber: limpadores da capela. criadas à mesa, companheiras de cama dos Senhores durante a noite. Além do fodedor que muda todos os dias, os Senhores têm:

O Duque: Augustine. Zéphyr e Duclos em sua cama, juntamente com seu fodedor: dorme rodeado pelos quatro, e Marie ocupa um sofá em seus aposentos:

Curval: o Presidente, do mesmo modo, dorme no seio de Adonis, Zelmire. um fodedor e Fanchon: seu quarto não acomoda mais ninguém; Durcet dorme com Hyacinthe, Fanny, um fodedor e Martaine (verificar o acima), e tem Louison num sofá ao lado.

O Bispo dorme entre Céladon, Sophie, um fodedor, e Julie: Thérèse dorme no divã.

O que revela que cada um dos pequenos lares, Zéphyr e Augustine, Adonis e Zelmire, Hyacinthe e Fanny, Céladon e Sophie, os quais são todos casados, pertence, marido e mulher, a um só Senhor. Apenas quatro meninas permanecem no harém das moças e quatro meninos, no dos rapazes. Champville dorme nos aposentos das meninas e Desgranges no dos rapazes. Aline vive no estábulo, como já dissemos, e Constance no quarto de Duclos, mas sozinha, porque Duclos passa todas as noites na cama do Duque.

O jantar é sempre servido pelas quatro sultanas (isto é, pelas quatro novas esposas) e a ceia pelas outras quatro; um quarteto serve sempre o café; mas os quartetos antigamente atribuídos a cada nicho no auditório estão agora reduzidos em número a um menino e uma menina.

leitor recorda-se de mencionarmos os pilares no auditório; no começo de cada sessão Aline é presa a um e Adelaide a outro, com suas nádegas voltadas para as alcovas, e perto de cada pilar encontra-se uma pequena mesa coberta de diversos instrumentos de punição; e portanto, as duas mulheres estão sempre prontas a receberem o chicote. Constance tem permissão para se sentar com as narradoras. Cada duenha fica junto de seu casal. e Julie. completamente nua. anda de sofá em sofá, recebendo ordens e executando-as imediatamente.

É esta a situação quando Desgranges começa sua narração. Os amigos decidiram também, por decreto especial que, durante este mês, Aline. Adelaide. Augustine e Zelmire serão entregues às brutais paixões dos Senhores. e que os Senhores têm liberdade, no dia

prescrito, para os imolar reservadamente ou para convidarem os amigos que quiserem para testemunharem o sacrifício: e que no que diz respeito a Constance, ela será empregada na celebração da última semana, da qual será dada ampla explicação no lugar e momento devidos. Se o Duque e Curval, que mediante estas disposições ficarão viúvos, estiverem dispostos a tomar novas esposas para cuidarem de suas necessidades até o final das férias, poderão fazê-lo escolhendo entre as quatro sultanas restantes. Mas os pilares ficarão desguarnecidos depois das duas mulheres que agora os adornam terem recebido o adeus final.

Desgranges começa, e depois de ter lembrado seu auditório que a partir daquele momento as histórias serão exclusivamente de caráter assassino, acrescenta que será cuidadosa, tal como Suas Senhorias lhe determinaram que fosse, e entrará nos mais minuciosos detalhes, e acima de tudo indicará com que caprichos ordinários os libertinos assassinos prefaciam seus exercícios mais sérios; assim, Suas Senhorias, poderão perceber e julgar sua relação e associação, e ver como um exemplo de simples libertinagem, retificado e elaborado por indivíduos rudes e sem princípios, pode levar diretamente ao crime, e a que espécie de crime. Depois começa.

1º de fevereiro. 1. Costumava divertir-se com uma mendiga que não comia nada há três dias, e sua segunda paixão é deixar uma mulher morrer de fome numa masmorra; mantém estreita vigilância sobre a mulher e masturba-se enquanto a observa, mas só descarrega depois dela perecer.

2. Mantém a mulher numa cela, brincando com ela durante muito tempo, diminuindo gradualmente sua ração diária de comida; antes disso, manda-a cagar, e come seu monte num prato.

3. Antigamente gostava de chupar a boca e engolir a saliva; ultimamente desenvolveu a paixão de encerrar uma mulher numa masmorra, com comida para apenas quinze dias; no trigésimo dia, entra na prisão e masturba-se no cadáver.

4. Primeiro, mandava a mulher mijar, depois lentamente a destruía, não a deixando beber embora lhe dando tudo que quisesse comer.

5. Primeiro flagelava-a, depois matava a mulher não a deixando dormir.

Nessa mesma noite, Michette, depois de ter comido muito a ceia, é pendurada de cabeça para baixo até ter vomitado tudo em Curval, que está sentado por baixo dela masturbando-se e comendo o maná que cai das alturas.

2 de fevereiro. 6. Sua primeira paixão era fazê-la cagar em sua boca, e comia à medida que emergia; hoje em dia dá à mulher uma dieta inócua de pão e vinho ordinário. Um mês assim e a mulher morre de fome.

7. Antigamente era um grande fodeador de bocetas; agora dá à mulher urna doença venérea, por injeção, mas de tal virulência que a mulher não demora muito a morrer.

8. Quando jovem, gostava de receber vômitos em sua boca, agora, mediante uma certa decocção, dá-lhe uma febre mortal, que resulta no seu rápido desaparecimento.

9. Antigamente estava habituado a receber merda de bundas, agora injeta-lhes um enema contendo ingredientes tóxicos dissolvidos em água fervente ou água forte.

10. Em tempos, um famoso fustigador, hoje em dia amarra a mulher a um eixo em volta do qual ela ininterruptamente gira até morrer.

Nessa noite, dão um enema de água a ferver a Rosette, no momento em que o Duque acaba de a enrabar.

3 de fevereiro. 11. Costumava gostar de esbofetear a cara das putas; como homem amadurecido, torce-lhes o pescoço até ficarem a olhar para trás. Quando assim ajustadas, é possível olhar ao mesmo tempo para seu rosto e nádegas.

12. Viciado na bestialidade quando jovem, agora gosta de ver um garanhão deflorar moças enquanto assiste. Geralmente morrem.

13. Em tempos, fodedor de bundas, enterra agora a mulher até à cintura, e assim a mantém até a parte de baixo de seu corpo apodrecer.

14. Antigamente, estava habituado a esfregar-lhes o clitóris, e ainda o faz, mas mais vigorosamente, empregando um de seus criados nesse serviço até elas expirarem.

15. Aperfeiçoando gradualmente sua paixão ao longo dos anos, fustigador, agora flagela todas as partes do corpo da mulher até ela perecer.

Nessa noite, o Duque determinou que Augustine, dotada de um clitóris invulgarmente sensível, fosse ali esfregada por Duclos e Champville, que se revezam no posto e continuam a tarefa até a mocinha perder a consciência.

4 de fevereiro. 16. Sua antiga paixão era apertar o pescoço das putas, depois passou a amarrá-las pelo pescoço. Na frente da mulher coloca uma suntuosa refeição, mas para a alcançar, ela estrangulase; caso contrário, morre de fome.

17. O mesmo homem que assassinou a irmã de Duclos e cujo gosto é sujeitar a carne a prolongado flagelo, maltrata os seios e nádegas com uma violência tão furiosa, que seu tratamento das putas prova- ser-lhes fatal.

18. O homem que Martaine mencionou a 20 de janeiro, que antigamente adorava sangrar as mulheres, mata-as agora mediante repetidas sangrias.

19. O homem que antigamente obrigava as mulheres a correrem nuas até caírem de cansaço, nesta idade de libertinagem desenfreada tranca-as num banheiro cheio de vapor, onde morrem asfixiadas.

20. Aquele que Duclos citou anteriormente, o cavalheiro que gostava de ser embrulhado em fraldas e alimentado a merda de putas feita em papa e comida as colheres, embrulha agora as mulheres em cobertores, mas tão apertadas, que morrem.

Pouco antes da companhia ter-se deslocado para o auditório, nessa tarde, Curval foi descoberto enrabando uma das criadas da copa. Pagou multa; a moça recebeu ordens para comparecer as orgias da noite, onde o Duque e o Bispo a enrabam por sua vez, e recebe duzentas chicotadas da mão de cada um. Trata-se de uma forte moça do campo, de vinte e cinco anos, com saúde satisfatória, e tem uma ótima bunda.

5 de fevereiro. 21. Sua primeira paixão é a bestialidade, a segunda é enfiá-la numa pele não curtida de macaco, com a cabeça de fora; alimenta-a e cuida dela até a pele do animal encolher e a esmagar até morrer.

22. Aquele de quem Martaine falou a 15 de janeiro e que gostava de enforçar as mulheres para se divertir, distrai-se agora pendurando-as pelos pés até o sangue afluír a sua cabeça e as matar. 23. O libertino de Duclos de 27 de novembro que gostava de embriagar as putas, insere agora um funil na boca das mesmas e inunda-as de líquidos até morrerem.

24. Em tempos tinha o hábito de maltratar mamãos, mas progrediu desde então e enfia agora uma espécie de vaso de ferro em cada seio, abaixa a mulher sobre um fogão; o ferro aquece, e ela morre com dores pavorosas.
25. Seu maior encanto consistia em observar uma mulher nadando, mas agora mergulha-a num tanque e pesca-a meia afogada, depois pendura a mulher pelos pés para ajudar a água a sair de dentro de seu corpo. Assim que recupera os sentidos, outra vez para dentro de água. e assim por diante, até entregar a alma.

Nesse dia e a mesma hora, outra criada da cozinha é encontrada no momento em que era enrabada, desta vez pelo Duque: o nobre paga a multa, a criada é convocada para as orgias, onde todo mundo se diverte com ela, fazendo Durcet bom uso de sua boca, os outro de sua bunda e até de sua boceta. pois a moça é virgem, e é condenada a receber duzentas chicotadas de cada um de seus amigos. Tem dezoito anos, alta e bem feita, cabelos castanhos, e tem uma bunda muito razoável.

Nessa mesma noite, Curval manifesta a opinião de que é uma questão de extrema urgência sangrar Constance outra vez, em virtude de sua gravidez: o Duque enraba-a, e Curval sangra-a enquanto Augustine lhe esfrega o pau contra as nádegas de Zelmire e outra pessoa fode esta. Ao descarregar executa a incisão; sua pontaria é perfeita.

6 de fevereiro. 26. Quando jovem, costumava dar pontapés na bunda das mulheres, derrubando-as num braseiro, do qual se levantavam sem sofrer muito. Retificou mais tarde esta gracinha, obriga agora a mulher a ficar de pé entre duas grandes fogueiras: uma cozinha-a na frente, a outra por trás; e ali fica até se derreter a gordura de seu corpo.

Desgranges anuncia que vai descrever homicídios que, provocando morte instantânea, provocam pouco sofrimento.

27. Antigamente impedia a respiração apertando o pescoço da mulher com as mãos, ou bloqueando seu nariz e boca, mas agora, deposita a puta entre quatro almofadas e ela morre sufocada.
28. É o mesmo a quem Martaine se referiu e que costumava permitir que sua vítima escolhesse a maneira de morrer (ver 14 de janeiro). ultimamente, rebenta os miolos das putas, negando-lhes qualquer opinião a respeito; primeiro enraba-as, e depois de descarregar, puxa o gatilho.
29. O homem a quem Champville se referiu a 22 de dezembro como o libertino que obrigava a mulher a dançar com o gato, catapulta agora a puta do alto de urna torre. Cai em cima de cascalho. Descarrega ao ouvi-la tocar o solo.
30. O cavalheiro que gostava de abafar sua companheira enquanto a enrabava, e que Martaine descreveu no dia 6 de janeiro, atingiu agora o estágio em que, quando a enraba, passa-lhe um cordão de seda preta em redor do pescoço e estrangula-a no momento em que descarrega; este prazer, diz Desgranges, é um dos mais requintados que um libertino se pode proporcionar.

Nesse dia, os Senhores celebram o festival da décima quarta semana, e, vestido de mulher, Curval torna-se a esposa de Clivador de Bundas, e, como homem, toma Adonis por esposa; só então o rapazinho é deflorado, e o evento corre muito publicamente, enquanto Clivador de Bundas enraba o Presidente.

Os Senhores embriagam-se a ceia. E flagelam Zelmire e Augustine nos quadris,

nádegas, coxas, barriga, boceta e virilhas, depois, Curval manda Adonis, sua nova esposa, foder Zelmire, e enraba os dois, um atrás do outro.

7 de fevereiro. 31. Em tempos gostava de foder uma mulher sonolenta; agora faz muito melhor: mata-a com uma forte dose de ópio, e fode-a durante seu sono de morte.

32. O mesmo safado a quem recentemente se referiu, e que sujeita a puta a uma série de mergulhos, tem ainda outra paixão: amarrando uma pedra a seu pescoço, afoga a mulher.

33. Enquanto antigamente se contentava esbofeteando-lhe o rosto, agora leva as coisas mais longe: derrama chumbo derretido no ouvido da puta, enquanto ela está dormindo.

34. Gostava de chicotear o rosto da mulher; Champville falou nele a 30 de dezembro (verificar isso): mas agora despacha a puta com uma rápida martelada na testa.

35. Este libertino deixava antigamente uma vela acesa no ânus da mulher; agora, amarra-a a um pára-raios durante uma trovoadas, e aguarda um golpe fortuito.

36. Antigo fustigador. Obriga a puta a inclinar-se com seu traseiro de frente para o cano de uma pequena peça de artilharia. A bala entra-lhe na bunda.

Nesse dia é o Bispo que descobrem com seu pau aboletado na bunda da terceira criada da cozinha. Paga a multa, o Duque e Curval enrabam-na e fodem-na, pois também é virgem, depois recebe um total de oitocentas chicotadas, duzentas de cada amigo. suíça, tem dezenove anos, de pele muito clara, gordinha, e tem uma bunda esplêndida. As cozinheiras queixam-se e dizem que o serviço não poderá continuar se os Senhores persistirem em se meter com as criadas, e a sociedade concorda num armistício até março.

Rosette perde um dedo nessa noite, e a ferida é cauterizada com fogo. É comprimida entre Curval e o Duque durante a operação: um fode sua bunda, outro sua boceta. A bunda de Adonis é tornada pública nessa mesma noite; e é assim que o Duque fode uma criada e Rosette na boceta, nas orgias, e enraba a mesma criada e também Rosette, e Adonis. Fica cansado.

8 de fevereiro. 37. Seu maior prazer consistia em tempos em bater no corpo inteiro da mulher com um vergalho de touro; é o homem a quem Martaine aludiu como a pessoa que esticou os quatro membros da vítima num estrado e partiu um deles. Gosta agora de quebrar a mulher na roda, mas sufoca-a até a morte quando termina seu exercício.

38. O cavalheiro de Martaine que simulava uma decapitação e arrancava a mulher do cepo no último momento, agora corta-lhe simplesmente a cabeça. Descarrega quando o golpe a atinge. Esfrega seu próprio pau.

39. O libertino de Martaine, de 30 de janeiro, que tinha o hábito de executar uma longa escarificação, consigna agora suas vítimas a morrerem em masmorras.

40. Costumava flagelar a barriga de mulheres grávidas, aperfeiçoou mais tarde sua técnica provocando a queda de um peso enorme na barriga da mulher, esmagando-a assim, e a seu fruto, com uma cajadada.

41. Antigamente era conhecido como apreciador do espetáculo do pescoço de mulheres, o qual apertava e molestava um tanto; essa moderada paixão foi substituída pela inserção de um alfinete num certo ponto do pescoço da mulher. O alfinete mata-a instantaneamente.

42. No começo queimava várias partes do corpo da puta com uma vela acesa, mais



recentemente começou a jogar as mulheres num forno de têmpera onde são consumidas instantaneamente.

Durcet, de pau muito duro e que durante a narração se aproximou duas vezes de Adelaide, presa ao pilar, para a flagelar, propõe deitá-la ao comprido no fogo, e depois da adorável criatura ter tempo suficiente para estremecer quanto a uma idéia que os Senhores não hesitariam nada, em pôr em execução, queimam-lhe os mamilos por uma questão de conveniência; Durcet, seu marido, queima um, seu pai, Curval, queima o outro. Esta excitante operação leva os dois a descarregar.

9 de fevereiro. 43. Em seus anos mais verdes, espetador de alfinete, tem agora uma arma mais formidável; descarrega enquanto enterra três vezes um punhal no coração da mulher.

44. Costumava adorar queimar pólvora dentro da boceta, mas melhorou grandemente essa paixão: amarra mulheres magras a foguetes grandes, acende-os, os foguetes sabem, depois voltam a terra com a mulher ainda presa.

45. O mesmo personagem que punha pólvora em todos os orifícios do corpo da mulher, enfia agora cartuchos nos mesmos; explodem simultaneamente espalhando os membros por todos os lados.

46. Primeira paixão: adorava misturar eméticos na comida das mulheres sem que elas soubessem; sua segunda paixão: mistura um certo pó em seu rapé, ou espalha-o em flores, elas aspiram, e morrem instantaneamente.

47. Primeira paixão: flagelava seus seios e pescoço; refinamento da mesma: vibra uma pancada com uma barra de ferro na garganta da vítima, e ela cai para sempre.

48. Duclos falou a seu respeito a 27 de novembro, Martaine a 14 de janeiro (verificar as datas) : a puta entra e caga diante do safado, ele protesta; brandindo um chicote, persegue-a, a mulher pensa refugiar-se num sótão. Uma porta abre-se, ela vê uma pequena escada, julga-se segura, sobe os degraus correndo, mas um deles cede e ela mergulha num grande depósito de água a ferver; morre, escaldada, afogada, asfixiada. Seus gostos anteriores consistiam em mandar a mulher cagar e chicoteá-la enquanto o fazia.

Curval solicitou e obteve nessa manhã merda de Zelmire; agora, assim que termina a última história, o Duque exige mais merda da menina. A coitada nada pode produzir; é prontamente condenada a ter sua bunda picada com uma agulha de ouro até ficar coberta de sangue; em virtude de ter sido o Duque a vítima cujos interesses sofreram com o resultado de sua recusa, é ele o beneficiário dos danos.

Curval pede merda a Zéphyr; este responde, dizendo que o Duque o mandou cagar de manhã. Isso o Duque nega, Duclos é chamada para testemunhar, corrobora a afirmação de Blangis, embora seja falsa. Conseqüentemente, Curval tem o direito de punir Zéphyr, a despeito do fato dele ser o trovador do Duque, do mesmo modo que o Duque puniu Zelmire, que é a esposa de Curval. O Presidente flagela Zéphyr até o rapaz escorrer sangue, depois torce-lhe o nariz seis vezes; isso provoca mais sangue, o que faz o Duque rir as gargalhadas.

10 de fevereiro. Desgranges diz que vai agora discutir crimes de impostura e duplicidade nos quais a maneira é de significado principal; isto é. o crime, propriamente dito, é puramente incidental. Pelo que, acrescenta, os envenenamentos serão apresentados em primeiro lugar.

49. Um homem cujo capricho consistia apenas em foder bundas, envenena agora todas as suas esposas; está atualmente na sua vigésima segunda. Nunca as fode a não ser na bunda. nem tampouco são alguma vez defloradas noutra lugar.
50. Um devasso convida um certo número de amigos para jantar, e a cada prato que se sucede, alguns são atacados de cólicas de estômago que provam fatais.
51. Duclos falou neste a 26 de novembro, Martaine a 10 de janeiro; é um safado, finge que é ajuda que está dando aos pobres, distribui comida, mas envenenada.
52. Um safado traiçoeiro emprega regularmente uma droga que, espalhada no chão, mata muito bem quem lhe puser o pé em cima; espalha-a muito freqüentemente, e em grandes áreas.
53. Um outro, igualmente talentoso em alquimia, usa outra substância que provoca a morte depois de inconcebível tortura; os estertores da morte duram umas boas semanas, e nenhum médico foi até agora capaz de diagnosticar ou tratar o mal. Tem o maior `prazer em -visitar as vítimas nesse estado.
54. Um sodomizador de homens e mulheres usa ainda outro pó que priva a pessoa dos sentidos e a torna como morta. E assim, julgandose que a pessoa está morta, enterram-na e, em desespero, a vítima morre no caixão, onde assim que a pessoa é depositada, logo recupera a consciência. Tenta descobrir o lugar exato onde a pessoa é enterrada. para 'encostar um ouvido a terra e ouvir alguns gritos, isso é suficiente para quase o fazer desfalecer de prazer. Foi assim que liquidou parte de sua família.

Quando brincavam e se divertiam nessa noite, os Senhores deram a Julie um pó escondido em sua comida, que lhe provocou cólicas pavorosas; disseram-lhe que estava envenenada, ela acreditou, ficou fora de si. Enquanto observa suas convulsões o Duque manda Augustine esfregar-lhe o pau bem na frente de Julie. Augustine tem o grande infortúnio de deixar que o prepúcio cubra a glande do Duque, e isso é uma coisa que desagrade extremamente a Sua Graça; estava quase a descarregar, a falta de cuidado da menina evita isso. Declara que lhe vai cortar um dos dedos, e fiel a sua palavra, assim faz, decepando um dígito da mão que o traiu e, enquanto corta, manda sua filha Julie, persuadida ainda de que foi envenenada, rastejar até ele e completar sua descarga. Julie fica curada na mesma noite.

11 de fevereiro. 55. Um perverso consumado jantava freqüentemente em casa de amigos ou conhecidos e nunca deixava de envenenar a pessoa que o anfitrião mais adorava entre todas as criaturas vivas. Empregava um pó que acabava por matar depois de provocar dois dias de agonia atroz.

56. Um antigo destruidor de seios aperfeiçoou sua paixão: envenena infantes amamentados por suas enfermeiras.
57. Antigamente gostava de receber na boca enemas de leite que injetava no reto de suas companheiras: sua última paixão: administra injeções tóxicas que matam provocando horríveis espasmos e cólicas. 58. Outro perverso gostava de provocar a morte de mulheres durante o parto; fazia uma visita de cumprimentos, levando consigo um pó cujo odor provocava espasmos e convulsões que terminavam na morte.

60. O homem a quem Duclos se referiu em sua vigésima oitava noite gosta de ver uma mulher dar a luz; mata imediatamente a criança mal ela emerge do útero e a vista da mãe, e faz isso fingindo acariciar o infante.

À noite Adelaide recebeu primeiro cem chicotadas de cada amigo, e depois, já bem sangrada, exigem-lhe que cague; ela deu um pouco a Curval de manhã, mas este jura que é mentira. Conseqüentemente, queimam-lhe os dois seios, a palma das mãos, espalham gotas de lacre derretido em suas coxas e barriga, enchem-lhe o umbigo com a mesma coisa, queimam-lhe o -seu cabelo púbico depois de o esfregarem com aguardente. O Duque. tenta arranjar uma discussão com Zelmire, o Presidente corta um dedo de- cada uma de suas mãos. Augustine é açoitada na boceta e no eu.'

12 de fevereiro. Os Senhores reúnem-se de manhã e decidem que as quatro governantas, que já não são de grande utilidade para a sociedade e cujas funções as quatro narradoras serão, a partir de então, perfeitamente capazes de executar, bem podiam proporcionar a sociedade um pouco de divertimento; os Senhores decretam portanto que as velhas sejam martirizadas uma após a outra, sendo o primeiro sacrifício marcado para a noite do mesmo dia. As quatro narradoras são convidadas a substituir as velhas; aceitam com a condição de não sofrerem maus tratos. Os Senhores prometem não sujeitá-las a nenhum.

61. Os três amigos, d'Aucourt, o abade e Desprès, de quem Duclos falou a 12 de novembro, vivem agora no exterior e gozando ainda a companhia uns dos outros, e esta é uma de suas paixões comuns: necessitam de uma mulher cuja gravidez esteja em seu oitavo mês ou nos começos do nono, abrem-lhe a barriga, arrebatam a criança, queimam-na diante da mãe, e no seu lugar colocam um pacote contendo enxofre e mercúrio, a que largam fogo, depois costuram de novo a barriga, deixando a mãe morrer no meio de incríveis agonias, enquanto observam e se fazem masturbar pela mulher que tem em sua companhia. (Verificar o nome da moça).

A bunda de Céladon é posta à disposição geral nessa noite: o Duque e Curval aproveitam fortemente. A gravidez de Constance não sai da cabeça do Presidente; sugere que ela seja sangrada, e ele próprio a sangra ao mesmo tempo que descarrega na bunda de Céladon; depois corta um dos mamilos de Thérèse enquanto enraba Zelmire, e o Duque sodomiza a duenha durante a ,amputação.

15 de fevereiro. 78. Em tempos devoto dos encantos da boca para chupar, e da saliva para engolir, agora são coisas mais fortes que o prendem: todos os dias insere um funil na boca da mulher e despejalhe uma pequena quantidade de chumbo derretido pela boca abaixo; entrega a alma no nono dia.

79. Primeiro, torcedor de dedos, agora quebra todos os membros da mulher, arranca-lhe a língua, arranca-lhe os olhos, e deixa-a viver assim, diminuindo seu sustento dia a dia.

80. Perpetrador de sacrilégios, o segundo que Martaine mencionou a 3 de janeiro, amarra um jovem bonito a uma cruz. prendendo-o com cordas e deixando-o como alimento das aves de rapina.

81. Cheirador e fodedor de axilas, a quem Duclos aludiu, amarra a mulher de pés e mãos e suspende-a numa corda que lhe passa por baixo dos braços; todos os dias lhe pica uma parte do corpo para que as feridas atraíam as moscas; sua morte progride lentamente.

82. Admirador apaixonado de bundas, retifica sua devoção: tranca agora a moça numa caverna subterrânea onde existe comida para três dias; antes de a deixar, faz diversos ferimentos em seu corpo, para assim tornar sua morte mais dolorosa. Quer que sejam virgens, e passa uma semana acariciando-lhes a bunda antes de organizar sua destruição.

83. Antigamente, adorava foder bundas e bocas muito jovens, seu último progresso consiste

em subtrair o coração de uma moça bonita, alargar o buraco que o órgão ocupava, foder o orifício quente, substituir o coração por aquele mar de sangue e esperma, costurar a ferida, e abandonar a moça a seu destino, sem ajuda de espécie alguma. Caso em que a espera não é muito grande.

Exaltado ainda com a adorável Constance, Curval afirma que não há razão, a luz do sol, que não permita que se possa ter um filho mesmo quando se tem um membro quebrado, e portanto .fraturam um braço da infeliz criatura nessa mesma noite. Durcet corta um dos mamilos de Marie, depois de a aquecer bastante com o chicote, e de a obrigar a cagar copiosamente.

16 de fevereiro. 84. Um fustigador refina sua paixão: aprende e depois pratica a arte de remover delicadamente a carne dos ossos; depois extrai a medula, geralmente chupando-a, e derrama chumbo derretido na cavidade.

Nesta altura exclama alto e a bom som, que não f ode outra bunda enquanto for vivo se não é a provação que tem em mente para sua adorada Augustine; a pobre menina, a quem Blangis vem enrabando há algum tempo, grita e derrama um mar de lágrimas. E como graças a seu mau comportamento ela interfere na sua descarga efetivamente frustra a mesma, o Duque retira, segura seu engenho com uma das mãos, e enquanto com a outra lhe dá uma dúzia de palmadas que ecoam através do castelo, consegue sozinho descarregar muito satisfatoriamente.

85. Um pederasta usa uma engenhosa máquina para cortar a moça em pedacinhos: trata-se de uma tortura chinesa.

86. Cansado de sua antiga paixão por cabaços de meninas, sua última consiste em empalar a moça na ponta de uma picareta aguçada introduzida em sua boceta; ali a senta, como se fosse num cavalo, amarra uma bola de ferro a cada uma de suas pernas, a picareta vai penetrando, e a moça é deixada a si mesma e a uma morte lenta.

87. Um fustigador esfola a moça três vezes; ensopa a sua quarta camada de pele num escarótico devorador que provoca a morte acompanhada de odiosa agonia.

88. Sua primeira paixão consistia em cortar um dedo; sua segunda traduz-se em puxar um pedaço de carne com uma pinça de lareira em brasa, cortar a carne com uma tesoura, e queimar a ferida. É capaz de passar quatro ou cinco dias desfazendo lentamente o corpo da moça, aos poucos, e a vítima morre geralmente durante o curso da cruel operação.

Sophie e Céladon foram apanhados divertindo-se um ao outro, e são castigados nessa noite; são os dois chicoteados no corpo inteiro pelo Bispo, a cujo patrimônio pertencem. Sophie perde dois dedos na tesoura, Céladon outros tantos; mas recuperam-se muito rapidamente. O Bispo não diminui seu desejo de os usar em seus prazeres, por muito mutilados que estejam.

Fanchon volta ao centro do palco. Depois de açoitada com um vergalho de touro, queimam-lhe as solas dos pés, as coxas, a frente e atrás, bem como a testa e as mãos, e os Senhores extraem-lhe os últimos dentes. O pau do Duque fica quase continuamente grudado a sua bunda durante esta demorada operação.

Mencionar que foi prescrito por lei que as nádegas dos súditos ficarão intactas até o dia em que termina sua carreira.

17 de fevereiro. 89. O cavalheiro que Martaine mencionou a 30 de janeiro, e o mesmo que

descreveu a 5 de fevereiro, apara os seios e nádegas da moça, come-os, e nas feridas coloca emplastos que lhe queimam tão violentamente a carne, que são sua desgraça. Força-a também a comer sua própria carne, que mandou grelhar. 90. Um pederasta cozinha uma menininha numa grande caldeira.

91. Um perverso: fá-la assar viva num espeto imediatamente depois de a enrabar.
92. Um homem cuja paixão inicial era ver meninos e meninas serem enrabados na sua presença, por paus poderosos e maciços, empala a moça, uma lança em sua bunda, e deixa-a morrer assim enquanto estuda suas contorções.
93. Outro perverso: prende uma mulher a uma roda, depois põe a roda em movimento e, sem lhe ter feito qualquer mal anterior, deixaa ter uma morte muito bonita.

Nessa noite, o Bispo, sua disposição tumultuada, deseja fazer torturar Aline, sua cólera contra a moça atingiu o grau máximo. Ela surge nua, manda-a cagar e enraba-a, depois, sem descarregar, retira daquela encantadora bunda com uma fúria crescente. e injeta na mesma um clister de água a ferver, obrigando-a a eliminá-lo imediatamente, enquanto está ainda quentíssimo, na cara de Thérèse. Depois disso, os Senhores arrancam todos os dedos das mãos e dos pés que Aline ainda tinha, quebram-lhe os dois braços e queimam-nos com ferros em brasa. Depois flagelam-na, surram-na e esbofeteiam-na, e depois o Bispo. furioso ainda, corta-lhe um mamilo e descarrega.

Logo após transferem suas atenções para Thérèse, o interior de sua vagina é cauterizado, as narinas, língua. pés e mãos são todos queimados: depois aplicam-lhe seiscentas chicotadas com um vergalho de boi. Arrancam o resto de seus dentes, introduzem fogo em sua garganta. Testemunha destes brutais trabalhos. Augustine começa a chorar: o Duque flagela-lhe a barriga e a boceta até ter extraído uma quantidade adequada de sangue das mesmas.

18 de fevereiro. 94. Escarificador de carne em seus tempos idos. seu passatempo de adulto consiste em esquartejar moças amarrando quatro ramos de árvore, prender um braço ou perna a cada um, soltar as árvores que voltam a sua posição vertical.

95. Um fustigador coloca a moça numa máquina que a desce e imediatamente içã de uma fogueira, e depois repete a operação até sobrar muito pouco da paciente.
96. Antigamente, adorava apagar velas encostando-as a carne; agora, envolve as moças em enxofre e usa-as como archotes, tendo o cuidado de evitar que os gases as sufoquem.
97. Um sodomista: extrai os intestinos de um menino e de uma menina, coloca os do menino na menina, insere os da menina no menino, costura as incisões, amarra-os costas com costas a um pilar que os apóia, e assiste a sua morte.
98. Um homem que gostava de infligir pequenas queimaduras, melhora sua paixão: assa agora suas vítimas numa grelha, voltandoas repetidas vezes.

Michette é exposta, nessa noite, a fúria dos libertinos: todos começam por chicoteá-la, depois cada um arranca-lhe um dente, cortam-lhe quatro dedos, (cada amigo amputa um), suas coxas são queimadas em quatro lugares, dois a frente e dois atrás, o Duque maltrata um dos seios até ficar verdadeiramente irreconhecível, sodomizando ao mesmo tempo Giton.

A seguir é a vez de Louison; mandam-na cagar, recebe oitocentas chicotadas com o vergalho de boi, perde o resto de seus dentes, sua língua é queimada. do mesmo modo que sua vagina, ânus e o último mamilo, e bem assim seis lugares em suas coxas.

Depois de todos se terem recolhido para dormir, o Bispo vai em busca de seu irmão, acordam Desgranges e Duelos, e os quatro levam Aline para o porão: o Bispo enraba-a, o Duque enraba-a, pronunciam sua sentença de morte, e mediante tormentos excessivos que duram até de manhã. executam-na. Ao voltarem, trocam palavras de inqualificável louvor pelas duas narradoras, e aconselham seus dois colegas a não empreenderem projetos sérios sem sua ajuda.

19 de fevereiro. 99. Coloca a mulher de modo que a base de sua espinha fique encostada a ponta aguçada de um poste alto, seus quatro membros são suspensos no ar apenas por cordas finas: os efeitos de seu sofrimento fazem o devasso rir desbragadamente, a tortura é pavorosa.

00. Um homem que adorava cortar pequenas fatias dos quadris da mulher. tornou-se absolutamente um carneiro: coloca a moça entre duas pranchas, e depois, lenta e cuidadosamente, serra-a ao meio.

01. Um enrabador de ambos os sexos manda buscar irmão e irmã; declara ao irmão que vai morrer de morte horrível e mostra ao jovem todos os aparelhos que se propõe usar; contudo, o libertino continua, a vida do irmão será poupada se ele foder a irmã e a estrangular logo após. O rapaz concorda, e enquanto fode sua própria irmã, o libertino enraba ora um, ora outro. Depois o irmão, temeroso por sua vida, priva a irmã da sua, e no momento em que completa a operação, ele e sua irmã morta caem por um alçapão numa grande fornalha acesa, onde o libertino os vê serem consumidos.

02. Um outro compele um pai a foder a filha na sua presença. Depois, o pai segura a filha, e o malandro sodomiza-a; logo após informa o pai que a moça deve em absoluto morrer mas que tem a alternativa de a matar, ele próprio, estrangulando-a, o que lhe provocará pouco sofrimento, ou, na outra hipótese, se não quiser matar sua filha, ele libertino, o fará, mas o pai terá de assistir a tudo, e a agonia da menina será atroz.

Em vez de a ver sofrer torturas pavorosas, o pai decide matar sua filha com um lenço de seda preta, mas quando se prepara para as despachar, é agarrado, amarrado, e diante de seus olhos a criança é esfolada viva, depois rolada em cima de pregos de ferro em brasa, a seguir lançada na fornalha, e o pai é estrangulado; isso, diz o libertino, é para lhe ensinar uma lição para não ter tanta pressa de estrangular sua própria filha, porque isso é uma coisa bárbara. Logo após, é jogado na mesma fornalha onde a filha pereceu.

03. Um grande devoto de bundas e do chicote reúne mãe e filha. Diz a moça que vai matar sua mãe se ela, moça, não consentir no sacrifício de suas duas mãos; a garota concorda, são cortadas no pulso.

Logo após as duas criaturas são separadas; uma corda suspensa do teto é passada em redor do pescoço da moça, que está de pé em cima de um banco: outra corda vai do banco ao quarto do lado, e dão a ponta a mãe. Convidam-na depois a puxar a corda: ela obedece sem saber o que está fazendo, é imediatamente levada ao outro quarto para contemplar sua obra, e durante esse momento de sua enorme desgraça, é atingida por um golpe de sabre na cabeça vibrado por trás.

Ciumento do prazer que os dois irmãos tiveram na noite anterior, Durcet. nessa noite. resolve sugerir que vexem Adelaide, cuja vez, ele assegura a sociedade, logo chegará. E assim Curval, seu pai, e Durcet, seu marido, atormentam suas coxas com pinças de ferro em brasa enquanto o membro não lubrificado do Duque lhe sonda a bunda. Cortam-lhe a ponta da

língua; o mesmo sucede a ponta de suas duas orelhas; com a ajuda de instrumentos os Senhores privam-na da posse de quatro dentes, e finalmente chicoteiam-na selvaticamente. Nessa mesma noite o Bispo sangra Sophie enquanto sua querida e adorada amiga, Adelaide, vê o sangue sair das veias da criança; as fontes são deixadas abertas até Sophie perder a consciência; enquanto a sangra, o Bispo enraba-a, permanecendo dentro de sua bunda durante toda a operação.

Enquanto Curval o sodomiza, Narcisse perde dois dedos, depois Marie é levada ao tribunal, ferros em brasa são enfiados em sua boceta e bunda, mais ferros são aplicados em seis pontos de suas coxas, no seu clitóris, língua, no seio que lhe resta, e fora com seus últimos dentes.

20 de fevereiro. 104. O homem de Champville de 5 de dezembro, aquele que gostava que a mãe prostituísse o filho e o agarrasse enquanto ele enrabava o rapaz, melhora seus gostos reunindo mãe e filho. Diz a mãe que a vai matar, mas que a poupa se ela matar o filho. Se ela recusa, corta o pescoço do filho diante da mãe. Se ela consente: é amarrada ao cadáver do filho e abandonada a meditação até morrer finalmente.

05. Um personagem muito incestuoso reúne duas irmãs depois de ter enrabado as duas; amarra-as a uma máquina, cada uma com uma faca na mão: a máquina é posta em movimento, as moças são comprimidas subitamente uma contra a outra, e matam-se mutuamente.

06. Outro devoto do incesto quer uma mãe e seus quatro filhos. São trancados num quarto; observa-os através de uma pequena janela Não lhes dá nada para comer a fim de estudar os efeitos da fome na mulher, e para descobrir qual dos filhos comerá primeiro. 107. O homem de Champville de 29 de dezembro que gostava de flagelar mulheres grávidas, quer mãe e filha, ambas grávidas: são amarradas a duas placas de aço, uma por cima da outra; as mulheres estão de frente uma para a outra; a máquina é posta em movimento, as maxilas do torno fecham-se com grande velocidade e força, as duas mulheres são reduzidas a pó, juntamente com seus frutos.

108. Um cavalheiro muito perverso distrai-se da seguinte maneira: reúne dois amantes: "Há apenas uma pessoa no caminho de sua felicidade", diz o homem, chamando o amante de lado: "vou por essa pessoa em suas mãos". E conduz o homem a um quarto obscuro, com uma cama; na cama há uma pessoa dormindo. Grandemente excitado, o jovem, pega num punhal e liquida seu inimigo. Depois de o matar, reconhece o cadáver de sua amante; foi ela a vítima; em desespero mata-se a si próprio, ou se não o faz, o libertino mata-o com um tiro de espingarda, disparado a distância, por não se atrever a entrar no quarto com o amante furioso que tem ainda uma arma nas mãos. Antes disso, enraba o jovem e também sua adorada, os dois cedem a isso na esperança do homem os ajudar a reunirem-se, é depois de os aproveitar que liberta o mundo dos dois.

Nas celebrações da décima sexta semana, Durcet, como mulher, casa com Invictus, que faz papel de homem; e como homem, toma Hyacinthe por esposa. As cerimônias realizam-se a noite e, a título de festividade, Durcet resolve atormentar Fanny, sua esposa feminina.

Conseqüente-mente, seus braços são queimados, o mesmo sucede a suas coxas em seis lugares, dois dentes são extraídos de sua boca, é flagelada; Hyacinthe, que adora a menina e que é o seu marido, graças aos arranjos voluptuosos já descritos, Hyacinthe, dizia eu, é obrigado a cagar na boca de Fanny, e ela a comer o monte.

O Duque arranca um dente de Augustine e imediatamente após mete-lhe o pau na boca. Fanchon reaparece, é sangrada, e enquanto o sangue escorre de seu braço, este é quebrado; a seguir arrancam-lhe as unhas dos pés, e cortam-lhe os dedos de ambas as mãos.

21 de fevereiro. Anuncia que os exemplos seguintes são de elementos que apenas desejam cometer crimes masculinos.

09. Enterra o cano de uma espingarda no cu do rapaz, a arma está carregada com chumbo grosso, e acabou de enrabar o garoto. Puxa o gatilho; a arma e seu pau disparam simultaneamente.
10. Obriga o rapaz a ver sua amante ser mutilada, e a comer sua carne, principalmente as nádegas, seios e coração. Pode escolher entre comer esta carne ou morrer de fome. Assim que a devora, se é isso que prefere, o libertino faz-lhe diversos ferimentos profundos e deixa-o sangrar assim até morrer; se o jovem se abstém de comer, morre de fome.
11. Rasga os testículos do jovem e, pouco depois, serve-lhos num ensopado, depois, no lugar do tesouro roubado, coloca esferas de mercúrio e enche seu escroto vazio de enxofre, o que causa um sofrimento tão violento que o paciente sucumbe. Durante sua agonia, o libertino enraba-o e aumenta as dores do rapaz, queimando-o por toda a parte com plaquetas impregnadas em enxofre, e esfregando, picando e queimando ainda mais as feridas.
12. Enfia um prego enorme na bunda do rapaz e prega-o a um poste delgado, e deixa-o lamentar suas últimas horas, ou dias. 113. Enraba, e enquanto sodomiza, abre o crânio, remove o cérebro, e enche a cavidade de chumbo derretido.

Vigorosamente fustigado de antemão; a bunda de Hyacinthe é tornada pública nessa noite. Narcisse é apresentado a assembléia; fora saem seus colhões com uma tesoura. Adelaide é chamada, uma pá em brasa é encostada a parte de trás de suas coxas, queimam-lhe o clitóris, furam-lhe a língua, retalham seus seios com instrumentos cruéis, cortam os dois lindos botões do seu peito, quebram-lhe os dois braços, arrancam seus últimos dedos, arrancam os cabelos de sua boceta, arrancam-lhe uma mão cheia deles de sua cabeça, arrancam-lhe seis dentes. Assim maltratada, provoca a descarga dos Senhores todos a exceção de Durcet que, seu pau em riste, pede licença para tratar de Thérèse sozinho. Licença concedida; usando um canivete, abre-lhe as unhas todas, e ao fazer isso, queima-lhe os dedos com uma vela, depois fratura-lhe um braço, e continua sem descarregar; furioso, pula em cima de Augustine, fode-a e arrancalhe um dente, no momento em que cospe sua semente no útero da criança.

22 de fevereiro. 114. Quebra um rapaz na grade, depois afixa-o numa roda na qual o deixa expirar: na roda é voltado de maneira a expor suas nádegas, e o safado, seu carrasco, tem a mesa posta ao lado da roda, e ali janta todos os dias até o paciente deixar de existir.

115. Esfola um rapaz, esfrega seu corpo com mel, e convida as moscas para a festa.
16. Corta-lhe o pau e os mamilos, prega um de seus pés a um poste, uma das mãos a outro, e assim é deixado expirar indignamente.
17. O mesmo homem que obrigou Duclos a comer com seus cães, têm também um leão e, armando um rapaz com um pequeno pau, introduz o jovem na jaula da fera. A defesa do rapaz excita ainda mais o animal; o libertino assiste a luta e descarrega quando o vencido é completamente devorado.



18. Vestido com uma pele de égua, sua bunda besuntada de esperma da mesma égua, um rapaz é entregue a um cavalo excitado. O libertino assiste a luta e a morte do rapaz.

Giton é sujeito a torturas nessa noite: o Duque, Curval, Hercule e Clivador de Bundas penetraram sua bunda, a seco. É fustigado muito lascivamente, os Senhores extraem-lhe quatro dentes, cortam quatro de seus dedos (como sempre cada amigo tem um quinhão no despojamento da vítima) e Durcet esmaga um de seus colhões entre o polegar e o indicador. Os quatro cavalheiros flagelam sonoramente Augustine. Sua gloriosa bunda logo fica lavada em sangue, o Duque enraba-a enquanto Curval lhe decepa um dedo, depois Curval avança pela brecha enquanto o Duque lhe cauteriza seis vezes as coxas com um ferro quente; Blangis extrai ainda mais um dedo no preciso instante em que seu colega descarrega, e a despeito de todo esse brutal tratamento, a moça passa a noite, e tempestuosa. na cama do Duque. Marie sustém um braço par-tido. suas unhas estão puxadas para fora, seus dedos queimados.

Na mesma noite, Durcet e Curval, secundados por Desgranges e Duclos. acompanham Adelaide ao porão. Curval dá-lhe uma enrabadela de despedida, depois provocam-lhe a morte no meio de pavoroso sofrimento, o qual darei em amplo detalhe.

23 de fevereiro. 119. Coloca um rapazinho em uma máquina que o estica, deslocando seus ossos: é meticulosa e integralmente partido, depois removido da máquina, e tratado convenientemente, novamente exposto ao processo; e assim continua durante vários dias, até a morte do paciente.

120. Uma mocinha bonita polui e fatiga um rapaz; o moço fica realmente seco, mas a moça continua sua atividade, não alimenta o rapaz o qual morre eventualmente no meio de horríveis convulsões. 121. No espaço de um só dia, executa quatro operações no jovem: remoção de um cálculo biliar, trepanação, excisão de uma fístula do olho, e de outra do ânus. Sabe o suficiente de cirurgia para remendar as quatro operações; depois abandona o paciente, não lhe dando mais assistência, e vendo-o expirar.

22. Depois de ter cortado o pau e os colhões do rapaz, usando um ferro em brasa faz-lhe uma boceta no lugar antes ocupado pelos seus órgãos genitais; o ferro faz o buraco e cauteriza simultaneamente; fode o novo orifício do paciente e estrangula-o com suas mãos, ao descarregar.

23. Dá-lhe uma massagem com um pente de cavalos; depois de lhe ter retalhado a pele desta maneira, esfrega-o com álcool, incendeia-o, recomeça a penteadeira, volta a esfregar com álcool, acende de novo, procedendo assim até a morte tornar desnecessários outros cuidados.

Nessa mesma noite chega a vez de Narcisse ser vexado; aplicam fogo a suas coxas e a seu pequenino pau, depois os Senhores esmagam seus dois colhões.

Voltam-se de novo para Augustine por recomendação do Duque, cuja atitude desprezível a seu respeito só parece ter piorado; queimam-lhe as coxas e axilas, uma barra de ferro muito quente é enfiada em sua boceta. Desmaia, o Duque fica ainda mais furioso, corta-lhe um dos mamilos, bebe seu sangue, quebra-lhe os dois braços, e arranca-lhe os cabelos da boceta, todos os dentes, e corta-lhe todos os dedos que lhe restam nas mãos, cauterizando as feridas com fogo. E uma vez mais é na cama do Duque que a pobre criança dorme, ou melhor, jaz, essa noite, pois a acreditar em Duolos, fode-a adiante e atrás a noite inteira, dizendo-lhe repetidamente que o dia prestes a nascer será o seu último.

Louison surge, quebram um de seus braços, queimam-lhe a língua, o clitóris, arrancam-

lhe todas as unhas, e queimam a ponta de seus dedos sangrentos. Curval sodomiza-a neste estado e, em sua fúria, retorce e maltrata um dos seios de Zelmire no momento de sua descarga. Não satisfeito com tais violências, agarra-a outra vez e açoita-a até não poder mais levantar seu braço.

24 de fevereiro. 124. O mesmo homem a quem Martaine se referiu a 1 de janeiro deseja enrabar o pai na frente de seus dois filhos, e no momento em que descarrega, apunhala uma das crianças com uma das mãos, e com a outra estrangula a segunda.

25. Sua primeira paixão era flagelar a barriga de mulheres grávidas; a segunda é reunir seis mulheres cuja gravidez tenha atingido o final do oitavo mês: amarra-as costas com costas, suas barrigas bem puxadas para a frente: abre a barriga da primeira; perfura a barriga da segunda com punhaladas, dá cem pontapés a terceira, cem pauladas esvaziam a barriga da quarta, queima a da quinta, aplica uma raspadeira a última, e depois, usando um cacête na sua barriga, acaba com as que tiverem sobrevivido ao tratamento. Curval interrompe a narração com uma cena furiosa ou outra, tendo esta paixão grande efeito sobre seu espírito.

26. O sedutor mencionado por Duclos reúne duas mulheres. Diz a primeira "Nega Deus e a religião se queres viver", mas seu criado segreda-lhe ao ouvido que nada diga, pois se o fizer, morrerá sem dúvida, mas ficando calada, nada tem a recear. Por isso fica muda; rebenta-lhe os miolos, murmurando, "Esta é por Deus". Chama a segunda; apavorada pelo exemplo da primeira e lembrando-se do que lhe disseram antes de entrar naquele quarto, que não tinha alternativa além de renunciar a fé na religião e em Deus para salvar sua vida, concorda com tudo que ele propõe: rebenta-lhe os miolos: "E esta é pelo diabo". O vilão faz esta brincadeira todas as semanas.

27. É um grande devasso e gosta de dar bailes, mas o teto do salão é de natureza especial, cai assim que o salão está cheio, e quase todo mundo morre. Se vivesse na mesma cidade durante muito tempo, seria descoberto, mas muda freqüentemente; eventualmente é descoberto, mas só depois de dar seu quinquagésimo baile.

28. Martaine mencionou-o em 27 de janeiro, seu gosto é promover abortos, estabelece três mulheres grávidas em três posições cruéis, formando um grupo artístico. Assim colocadas dão a luz enquanto ele observa, depois amarra cada infante ao pescoço da mãe até a criancinha morrer ou ser comida, pois o libertino conserva as mulheres onde se encontram e não lhes dá comida. O mesmo personagem tem ainda outra paixão: duas mulheres dão a luz na sua presença, tapa-lhes os olhos, e depois de ter identificado os infantes por meio de marcas suas, põe-os lado a lado e pede a cada uma das mulheres que identifique seu filho; se as mulheres acertam, permite que as crianças vivam, mas se erram, racha as crianças com um sabre.

Narcisse comparece as orgias da noite. Enquanto o Bispo sodomiza o pequeno camarada, Durcet alivia-o dos dedos que lhe restam e insere uma agulha em brasa em sua uretra. Mandam Giton apresentarse, dão-lhe pontapés, jogam com ele um agradável jogo da péla, três dos amigos fraturam-lhe uma perna enquanto o Duque o enraba. Vez de Zelmire: torram-lhe o clitóris, queimam-lhe a língua, assam-lhe as gengivas, extraem-lhe quatro dentes, queimam-lhe as coxas em seis pontos a frente e atrás, decepam-lhe os mamilos, arrancam-lhe os dedos todos das mãos, e depois de estar assim preparada para dar prazer, Curval enraba-a. Mas não descarrega.

Em frente marcha Fanchon. Suas atenções custam-lhe um olho.

Escoltados por Desgranges e Duclos, o Duque e Curval fazem uma visita ao porão com Augustine no curso da noite; sua bunda está conservada em excelentes condições, é agora chicoteada até ficar em farrapos, depois os dois irmãos alternadamente a enrabam, mas poupam sua semente, e então o Duque faz-lhe cinquenta e oito ferimentos nas nádegas, deita óleo a ferver em cada chaga. Enfia-lhe um ferro quente na boceta, outro na bunda, e fode seus encantos feridos, seu pau metido num preservativo de pele de foca, o que piora o já lamentável estado de suas cavidades. Isso feito, a carne é tirada dos ossos de seus braços e pernas, ossos que são serrados em diversos lugares, depois seus nervos são expostos em quatro lugares adjacentes, as pontas do nervos são atadas a um pequeno pau que, a semelhança de um torniquete, é torcido, puxando assim para fora os citados nervos, que são partes muito delicadas da anatomia humana, e que, quando maltratados, provocam grande sofrimento no paciente. As agonias de Augustine são inauditas.

Fazem uma pausa para ela recuperar suas forças, depois os Senhores retomam o trabalho, mas desta vez, no momento em que os nervos são puxados e ficam expostos, são raspados com o fio de uma navalha. Os amigos completam essa operação e vão então para outro lugar; um buraco é feito em sua garganta, a língua é empurrada para trás, para baixo, e passada pelo orifício, é um efeito cômico, torram o seio que lhe resta, depois, pegando num escalpelo, o Duque enfia a mão em sua boceta e corta a parte que separa o ânus da vagina; põe o escalpelo de lado, introduz de novo sua mão e remexendo em suas entranhas força-a a cagar pela boceta, outra brincadeira divertida; então, aproveitando a mesma entrada, chega e rasga-lhe o estômago. A seguir concentram-se em seu rosto: cortam-lhe as orelhas, queimam a passagem nasal, cegam seus olhos com lacre derretido, recortam-lhe o crânio, penduram-na pelos cabelos, amarram pesadas pedras a seus pés, e deixam-na cair: a tampa do crânio continua balançando.

Respirava ainda quando caiu, e o Duque fodeu-a na boceta neste lamentável estado; descarregou e sacou seu pau ainda mais furioso. Abriram-lhe a barriga, e aplicaram fogo a suas entranhas: de escalpelo em punho, o Presidente cava seu peito e fustiga seu coração, furando-o em diversos lugares. Só então sua alma fugiu de seu corpo; aos quinze anos e oito meses assim pereceu uma das criaturas mais divinas jamais formada pela hábil mão da Natureza. Etc. Sua eulogia.

25 de fevereiro. De manhã, o Duque toma Colombe por esposa, e a partir de então a moça executa todas as funções inerentes a essa posição.

29. Grande apreciador de bunda e espantosamente amigo da mesma, enraba a amante diante do amante, depois este enquanto a amante observa, depois com um grande prego prende o amante por cima da amante, e deixa-os expirar, boca com boca.

Tal será o fim de Céladon e Sophie, que estão apaixonados, e os Senhores interrompem a narradora para obrigar Céladon a derramar um pouco de lacre derretido nas coxas de sua querida Sophie; ao obedecer as instruções, perde os sentidos: enquanto permanece inconsciente, é enrabado pelo Bispo.

30. O homem que gostava de se divertir jogando a moça na água e pescando-a depois, tem como segunda paixão a de jogar sete ou oito putas num tanque e vê-las esbracejar, pois são fracas nadadoras. Estende-lhes uma vareta de ferro, mas em brasa; mesmo assim agarram-se a mesma, ele empurra-as, mas o mais certo, é que morram, porque, antes de

as jogar na água, amputou um membro de cada uma.

31. Seu primeiro capricho era causar vômitos; seu refinamento do mesmo consiste agora: usando um meio secreto, espalha o mal por uma província inteira: já provocou a morte de um número incrível de pessoas. Também envenena poços e rios.
32. Amante do emprego do chicote, fecha três mulheres grávidas numa jaula de ferro, e com elas aprisiona seus três filhos; acende uma fogueira por baixo da jaula, seus ocupantes pulam e dançam cada vez mais a medida que o chão vai aquecendo; as mulheres tomam as crianças em seus braços, e finalmente caem e morrem desta maneira.  
(Esta pertence um pouco mais atrás; mudá-la para seu lugar apropriado).
33. Antigamente usava uma soveia para picar a mulher; mais homem, hoje fecha uma mulher grávida num baú cujo interior está forrado de pregos aguçados; depois arrasta e rola o baú pelo jardim. Estas histórias de mulheres grávidas castigadas provaram ser tão fatais para Constance como agradáveis para Curval; ela sabe bem demais o que o futuro lhe reserva. Como sua hora fatal se aproxima, os Senhores são de opinião que suas vexações podem ser inauguradas: suas coxas são queimadas em seis lugares, derramam-lhe cera derretida no umbigo, e seus seios são molestados com alfinetes.  
Giton surge, uma agulha escaldante é enfiada em seu pequeno membro, seus colhões são furados com um punhal, quatro de seus dentes são arrancados.  
Depois é a vez de Zelmire, cuja morte não está longe; em sua boceta, enterram um ferro em brasa, seis ferimentos são feitos em seus seios, uma dúzia em suas coxas, agulhas são espetadas a grande profundidade em seu umbigo, cada amigo aplica vinte violentos socos em seu rosto. Arrancam-lhe quatro dentes, seu olho é furado, é açoitada, é enrabada. Enquanto a sodomiza, Curval, seu esposo, notifica-a de sua morte, marcada para o dia seguinte; declara que não lamenta saber disso, pois porá fim a suas mágoas. Rosette avança; quatro dentes pulam de sua boca, seus dois ombros são marcados a fogo, suas coxas e barrigas da perna são retalhadas e picadas; é então enrabada com várias mãos apertando seus seios. E agora é Thérèse quem avança; um olho salta logo fora, cem chicotadas de vergalho de boi chovem em suas esqueléticas costas. 26 de fevereiro. 134. Um safado instala-se na base de uma torre; o terreno a sua volta está cheio de varetas de aço pontiagudas viradas para cima; seus associados jogam várias crianças de ambos os sexos do cimo da torre. Previamente enrabou essas crianças, e agora diverte-se vendo-as empaladas pela segunda vez. Considera muito emocionante ser salpicado por seu sangue.
35. O mesmo personagem citado a 11 e 13 de fevereiro, cujo gosto consiste em instigar combustões, delicia-se também amarrando seis mulheres grávidas a fardos de materiais inflamáveis; lança-lhes fogo, e se as vítimas conseguem salvar-se, espera por elas, de forçado na mão, espeta-as e arremessa-as de volta a fogueira. Porém, depois de meio assadas, o solo cede, e mergulham num grande reservatório de água fervente, onde finalmente perecem.
36. É o nobre de quem Duclos falou, que não tem amor pelos pobres, e que comprou Lucille, sua mãe e irmã, e que Desgranges citou já (verificar isso); uma de suas paixões consiste em reunir uma família de mendigos em cima de uma mina, e ver as infelizes criaturas serem feitas em bocados.
37. Notório sodomita, para combinar esse crime com os de incesto, assassinato, estupro, sacrilégio e adultério, insere primeiro uma Hóstia em sua bunda, faz-se enrabar por seu

filho, violenta sua filha casada, e mata a sobrinha.

38. Grande partidário de bundas, estrangula uma mãe enquanto a enraba; depois de morta, volta-a e fode-a no boceta. Ao descarregar mata a filha com uma faca, retalhando-lhe os seios, então enraba a moça mesmo morta; aparentemente convencido de que ainda há vida em suas vítimas, e imaginando que ainda podem sofrer, joga os cadáveres numa fogueira e descarrega ao vê-los arderem. Duclos falou sobre este rico indivíduo em 29 de novembro: era ele que gostava de ver a moça no catre coberta de cetim preto; é também o mesmo da primeira história de Martaine de 11 de janeiro.

O programa da noite começa com Narcisse. Uma de suas mãos é decepada.

Giton perde também uma das mãos.

O interior da boceta de Michette é queimado, o mesmo tratamento é dado a de Rosette, e depois as duas são queimadas no corpo e nos seios. Mas Curval, que perdeu o controle de si próprio, viola a carta da sociedade e arranca um seio inteiro do peito de Rosette, enquanto enraba Michette.

Thérèse faz nova aparição; recebe duzentas chicotadas com o vergalho de boi, e perde o outro olho.

Curval vai em busca do Duque durante a noite, quando tudo está calmo e, na companhia de Duolos e Desgranges, os dois campeões levam Zelmire para o porão onde a moça sofre as torturas mais refinadas: são mais dolorosas, mais severas do que as empregadas em Augustine, os homens estão ainda trabalhando duro quando chega a hora do café na manhã seguinte. A encantadora menina morre aos quinze anos e dois meses. Era sua a bunda mais adorável do harém das moças. E assim, privado da esposa, o Presidente casa com Hébé no dia seguinte.

27 de fevereiro. O festival da décima sétima e última semana é adiado para o dia seguinte, de modo a que o feriado possa coincidir com o final das narrações; Desgranges conta as seguintes paixões:

139. Um homem que Martaine descreveu a 12 de janeiro, aquele que punha fogos de artifício na bunda das mulheres, tem, como segunda paixão, esta outra: amarra duas mulheres grávidas uma a outra de modo a formarem uma bola, e dispara-as de um grande morteiro.

140. Cortava as mulheres e esfregava suas feridas; coloca agora duas mulheres grávidas num quarto e obriga-as a lutar com facas (fica observando de um lugar seguro); estão nuas, ameaça-as com uma arma que conserva apontada as infelizes, e promete disparar se começarem a fingir ou desanimar na luta. Se matam uma a outra, muito bem, é isso que ele precisamente deseja, caso contrário, de espada na mão, entra na arena, e depois de matar uma, tira as tripas da outra e queima-lhe as entranhas com água forte, ou com pedaços de metal em brasa.

41. Um homem que antigamente gostava de flagelar a barriga de mulheres grávidas, modificou-se: atualmente amarra uma mulher grávida a uma roda, por baixo da qual, fixada numa cadeira e incapaz de se mover, senta-se a mãe da moça, a cabeça puxada para trás, a boca aberta e pronta a receber todas as porcarias que caíam do cadáver, e do infante também, se a mulher o der a luz.

42. O homem de Martaine de 16 de janeiro, cuja alegria era picar bundas, prende uma mulher a uma máquina cheia de pontas de ferro aguçadas; fode-a em cima dessa cama, com

cada movimento de seus rins mais a enterra nos pregos, depois volta-a, enraba-a, para a poder furar do outro lado. Depois de terminada essa fase da operação, coloca uma segunda prancha por cima da mulher, prancha essa igualmente cravejada de pregos; as pranchas são apertadas mediante parafusos, a paciente morre esfaqueada numa multidão de lugares. A pressão só aumenta gradualmente, é-lhe dada ampla oportunidade de saborear sua dor.

43. Um fustigador estende uma mulher grávida numa mesa; ali a prega, primeiro aplicando um prego enorme em cada olho, outro na boca, outro em cada seio, depois queima-lhe o clitóris e os mamilos com uma vela, e lentamente serra seus joelhos ao meio, quebra-lhe as pernas, e termina martelando um ferro em brasa de tamanho enorme em seu umbigo: mata mãe e filho. Gosta que a mulher esteja pronta a dar a luz.

Os Senhores chicoteiam Julie e Duolos, mas por divertimento, uma vez que as duas constam dos habitantes de Silling que transferirão sua residência para Paris: não obstante, as coxas de Julie são queimadas em dois lugares, e sofre depilação.

Condenada a morrer no dia seguinte, mas alheia a seu destino iminente, Constance aparece; seus mamilos são escorchados, derramam cera derretida em sua barriga, perde quatro dentes, os Senhores furam a pupila de seus olhos com agulhas.

Narcisse, marcado também para desaparecer a 28 de fevereiro, entra no palco; perde um olho e quatro dentes.

Giton, Michette e Rosette destinados a acompanhar Constance a sepultura cada um perde um olho e quatro dentes, Rosette e seus dois mamilos na faca, e seis pedaços de carne, alguns cortados de seus braços, outros das coxas; todos os seus dedos são cuidadosamente extraídos, e ferros quentes são introduzidos em sua boceta e bunda. Curval e o Duque descarregam duas vezes. Em cena, Louison; recebe uma tempestade de cem golpes de vergalho de boi; os Senhores tiram-lhe um olho, e muito cinicamente mandam-na engoli-lo. Já engoliu.

28 de fevereiro. 144. Um malandro; manda vir duas moças, são logo amigas, amarra-as boca com boca, e a seu lado, uma excelente refeição; mas elas não lhe podem tocar; e assiste ao espetáculo de se morderem uma a outra quando a fome começa a exercer sua influencia sobre as duas.

145. Um homem que em rapaz gostava de flagelar mulheres grávidas, encerra agora seis desta espécie numa jaula redonda formada por grandes arcos de ferro: estão todas de frente umas para as outras. Pouco a pouco, os arcos contraem-se, pouco a pouco aproximam-se, lenta-mente ficam achatados, gradualmente as seis são esmagadas, seus frutos esmagados igualmente. Mas antes disso, cortou uma nádega e um seio a cada uma e fez seis colares dos mesmos: cada mulher usa um como se fosse um cachecol de pele. 146. Outro castigador de mulheres grávidas amarra cada um de dois objetos destes a ponta de um grande poste flexível; uma máquina engenhosa, na qual os outros extremos dos postes estão encaixados, bate e atira as mulheres uma contra a outra. Estas repetidas colisões são seu mútuo fim, e ele descarrega. Faz todos os esforços por conseguir mãe e filha, ou duas irmãs.

147. O conde de quem Duclos falou detalhadamente, e a quem Desgranges aludiu uma vez no dia 26, aquele que comprou Lucille, a mãe de Lucille e a irmãzinha de Lucille, sobre quem Martaine também falou em sua quarta história, esse Conde, dizia eu, tem ainda outra paixão: consiste em suspender três mulheres em cima de três buracos. A

primeira mulher está suspensa pela língua, por baixo encontra-se um poço muito fundo; a segunda está pendurada pelos seios, por baixo tem um braseiro incandescente; o couro cabeludo da terceira foi arrancado, ela está suspensa pelos cabelos sobre um poço revestido de bicos de ferro pontiagudos. Quando o peso de seus corpos as faz ficarem livres — quando o couro cabeludo é arrancado da cabeça da terceira, os seios da segunda se separam do dorso, quando a língua da primeira é arrancada da boca — só escapam de uma dificuldade para encontrarem outra. Sempre que possível, suspende três mulheres grávidas, ou três mulheres da mesma família; foi esse seu uso nada gentil de Lucille, sua mãe e irmã.

148. A última paixão.

(Mas por que a última? Onde estão as outras duas? Estavam as três no esboço original).

Desgranges conta a última paixão:

O Nobre que se empenha na paixão final que designaremos por capricho infernal ou, mais simplesmente, a paixão do inferno, foi citado quatro vezes: por Duclos na última história que contou a 29 de novembro; por Champville, ao se referir a um personagem que só deflorava crianças de nove anos; por Martaine, como o homem que despucelava crianças de três anos na bunda; por Desgranges que o mencionou a respeito de uma coisa anterior (estabelecer essa ligação com mais precisão). Trata-se de um homem de cerca de quarenta anos, de estatura enorme e fornecido com o membro de um garanhão: seu pau tem perto de 22 centímetros e meio de circunferência e uns trinta de comprimento total; é excessivamente rico, um senhor muito poderoso, muito severo, muito cruel, seu coração é de pedra. Tem uma casa nos subúrbios de Paris, que usa apenas no propósito da gratificação de sua paixão.

O ambiente onde saboreia seu deleite é um quarto espaçoso, simplesmente mobiliado, mas todo almofadado, o chão coberto de tapetes; ao entrar no quarto vê-se uma única janela de batente, o quarto não tem qualquer outra abertura além da porta: a janela dá para um porão, seis metros abaixo do salão onde se distrai, no qual se vêem os colchões que amortecem a queda das moças que arremessa para o referido porão, uma descrição do qual logo daremos. Esta festa exige quinze moças; suas idades devem estar incluídas entre os quinze e os dezessete anos, nem mais, nem menos; emprega seis procuradoras em Paris, bem como doze nas províncias, as quais não devem poupar esforços ou despesas para lhe proporcionarem o que houver de mais encantador que se possa encontrar nessa idade, e a medida que é obtido, o material é enviado para um convento no interior sobre o qual tem controle absoluto, e ali, nessa creche, as moças amadurecem, e entre elas escolhe os quinze objetos de seu deboche, executado regularmente cada quinzena.

Na noite da festa, antes desta começar, pessoalmente examina o referido material, o mínimo defeito no qual provoca rejeição; insiste em que as criaturas sejam perfeitos modelos de beleza. Escortadas por uma procuradora, chegam à casa e ficam alojadas numa dependência ao lado do salão dos prazeres. São primeiramente mostradas ao cavalheiro nesta sala, estando as quinze nuas. Toca, apalpa, acaricia, experimenta, escrutiniza, chupa-lhes a boca, e uma após outra, todas cagam em sua boca. Mas não engole.

Executada esta operação inicial com pavorosa seriedade, marca cada uma delas no ombro, gravando um número na carne: é para indicar a ordem em que as irá receber. Isso feito, dirige-se sozinho ao salão, onde permanece durante um momento: ninguém sabe o que faz durante esse momento de solidão. Depois bate na porta. A moça número um é lançada em

seu covil. E é realmente lançada no mesmo: a procuradora arremessa-a contra o homem, este agarra-a nos braços, nua. Fecha a porta. Pega num chicote e começa a flagelar a bunda da moça; depois disso sodomiza-a com seu gigantesco pau. Nunca necessita de qualquer ajuda. Não descarrega. Seu pau retirase ainda duro como uma pedra; volta a pegar no chicote e fustiga novamente as costas da moça, a frente e a parte de trás de suas coxas, depois volta a deitá-la e deflora-a na boceta; em seguida volta a bater-lhe, agora nos seios, os quais agarra, aperta e comprime com toda sua força, e trata-se de um homem forte. Então pega num furador e seis vezes o crava em seu corpo, enfiando sua ponta uma vez em cada seio já contundido.

Depois de tudo isto feito, abre a porta da janela, coloca a moça no meio do quarto, de pé, e em posição de sentido, de frente para a janela; fica atrás dela e, quando tudo está pronto, dá-lhe um pontapé na bunda com uma violência tão espantosa, que ela levanta vôo pelo quarto, colide com o peitoril da janela, passa-lhe por cima, e desaparece no porão. Mas antes de a lançar, passa-lhe uma fita em redor do pescoço, a qual significa a tortura que em sua opinião é mais adequada a essa paciente particular, a tortura que será mais voluptuosa de lhe infligir, e seu rigor de julgamento nestas questões, seu ato e discriminação, são verdadeiramente maravilhosos.

E assim as moças passam uma a uma por suas mãos, idêntica cerimônia as espera a todas, e assim consegue trinta cabaços num único dia, e sai dessa batalha incólume: nem uma gota de esperma perde. O apartamento subterrâneo no qual as moças caem, está equipado com quinze coleções diferentes de pavorosas máquinas de tortura, e um carrasco, usando a máscara e o emblema do demônio, usando também as cores de sua especialidade, preside a cada aparelho. A fita colocada no pescoço da moça corresponde em cor a tortura a que foi condenada. e assim que cai no poço, o carrasco apropriado avança, depois de reconhecer sua vítima, e arrasta-a para a máquina a seu cargo, mas as torturas só começam depois da décima quinta ter entrado na galeria e ter sido reivindicada pelo seu demônio. Quando tidas desceram, nosso homem, então num estado furioso depois de ter deflorado trinta orifícios sem descarregar, nosso homem, dizia eu. faz sua entrada na casa infernal: está praticamente nu, seu pau colado à barriga. Tudo está pronto, todas as torturas estão em movimento, e são efetuadas simultaneamente, no meio de muito barulho.

O primeiro engenho de tortura é uma roda na qual a moça é amarrada e que, rodando ininterruptamente, toca num círculo exterior cheio de lâminas que por todos os lados arranham e rasgam e dilaceram a infeliz vítima, mas como as lâminas não cortam profundamente, apenas superficialmente, a moça roda pelo menos durante duas horas antes de morrer.

O segundo: a moça encontra-se cinco centímetros acima de uma chapa de ferro em brasa que lentamente a derrete.

O terceiro: está presa pela cintura a um pedaço de ferro incandescente, e todos os seus membros são retorcidos e pavorosamente deslocados.

O quarto: os quatro membros presos cada um a uma mola que lentamente se desloca, esticando gradualmente seus braços e pernas até se separarem, e o tronco cair na fornalha.

O quinto: um sino de ferro fundido, em brasa, é colocado em cima de sua cabeça, mas como o chapéu é muito grande, o ferro não lhe toca. mas seu cérebro derrete lentamente, sua cabeça é assada também lentamente.

O sexto: é acorrentada dentro de uma banheira de ferro com água a ferver.



O sétimo: fica de pé diante de uma máquina que, seis vezes por minuto, dispara uma pequena seta em seu corpo num lugar diferente; a máquina só pára depois da vítima estar completamente coberta de penas.

O oitavo: seus pés ancorados numa fornalha, uma massa de chumbo desce muito lentamente sobre sua cabeça, empurrando-a mais para baixo e para dentro do braseiro.

O nono: seu carrasco continuamente a pica com um agulhão de ferro em brasa; está amarrada diante do homem, pelo que ele pode trabalhar meticulosamente em cada centímetro de seu corpo. O décimo: está acorrentada a um pilar debaixo de uma cúpula de vidro; vinte répteis famintos devoram-na viva.

O décimo primeiro: uma bala de canhão amarrada a cada pé, suspensa por uma mão, se cair, é na fornalha.

O décimo segundo: um gancho é metido em sua boca; assim fica pendurada, um dilúvio de piche escaldante constantemente sobre seu corpo.

O décimo terceiro: os nervos são puxados da carne e atados a fios que os puxam ainda mais, e entretanto seu corpo é perfurado por pregos em brasa.

O décimo quarto: alternadamente rasgada por pinças e chicotadas na boceta e bunda com martinetes cujas pontas de aço estão em brasa. e de tempo em tempo esfregada com grades de ferro também em brasa.

O décimo quinto: é envenenada por uma droga que queima e lacera suas entranhas, que a lança em convulsões pavorosas, fá-la soltar gritos odiosos, e lhe garante a morte; mas é lenta, e é a última a sucumbir. Trata-se de uma das provações mais terríveis.

O vilão começa a andar pela câmara de torturas assim que entra na mesma, e passa quinze minutos contemplando cada operação, enquanto pragueja como um possesso e esmaga a paciente com invectivas inqualificáveis. Quando perto do final, não pode agüentar mais e seu esperma, captivo durante tanto tempo. está pronto a fugir-lhe, senta-se numa confortável cadeira de braços. dois demônios aproximam-se. revelam suas bundas e esfregam-lhe o pau, e ele derrama sua semente enquanto pronuncia gritos tão pavorosos que se sobrepõem a toda a enorme barulheira que suas quinze pacientes produzem. Então levanta-se e deixa a galeria, dão o golpe de misericórdia nas moças que ainda não tenham morrido, seus corpos são enterrados, e acabou a história. até quinze dias depois. Com estas palavras Desgranges termina sua contribuição; é felicitada, brindada, aclamada. etc....

Na manhã desse dia realizaram-se os preparativos mais ominosos para a grande festa em que os Senhores pensavam. Curval, detestando Constance como só ele, começou a fodê-la na boceta desde muito cedo, e enquanto a fodia foi-lhe dando notícias graves. O café foi servido pelas cinco vítimas, a saber: Constance. Narcisse. Giton. Michette e Rosette. Coisas horríveis foram perpetradas no salão: durante as recitações que o leitor acaba de ler, os quartetos que os Senhores tinham escondido eram compostos por crianças nuas. E assim que Desgranges concluiu suas narrações, Fanny foi mandada avançar em frente: seus restantes dedos das mãos e dos pés foram cortados. e Curval enrabou-a sem pomada. o mesmo fazendo o Duque. e o mesmo se permitindo os quatro fodedores de primeira categoria.

Sophie foi conduzida ao centro do palco: Céladon. seu amante, fora obrigado a queimar-lhe o interior da boceta. todos seus dedos foram cortados, seus quatro membros sangrados. sua orelha direita mutilada. o olho direito obliterado. Céladon manifestou constrangimento em

dar assistência em todas estas operações. e seu mínimo murmúrio ou franzir de sobrolho foi recompensado com chicotadas e um martinete de pontas em brasa. Chegou a hora da ceia. a refeição foi voluptuosa, os Senhores só beberam champagne e licores.

As torturas tiveram lugar na hora das orgias: quando os amigos estavam saboreando a sobremesa, foram informados de que estava tudo pronto, desceram e acharam os porões agradavelmente engalanados e apropriadamente mobiliados. Constance estava deitada numa espécie de mausoléu, as quatro crianças decorando seus cantos. Como suas bundas estavam ainda em excelentes condições, os Senhores puderam sentir considerável prazer molestando-as: finalmente, começou então o trabalho mais pesado; enquanto enrabava Giton, Curval abriu a barriga de Constance e rasgou o fruto, já bem amadurecido, e claramente do sexo masculino; depois a sociedade continuou, infligindo torturas aquelas cinco vítimas. Seus sofrimentos foram vários, longos e cruéis.

No dia 1.º de março, notando que as neves não se tinham derretido. os Senhores decidem despachar o resto dos súditos um a um. Os Senhores arquitetam novos arranjos através dos quais mantinham seus aposentos abastecidos, e resolvem dar uma fita verde a todas as pessoas que se propõem levar consigo de volta a França; o favor verde é dado, contudo, na condição do recebedor desejar emprestar uma mão na destruição. das outras vítimas. Nada se diz as seis mulheres da cozinha: os Senhores decidem eliminar as três criadas da copa, mas poupar as cozinheiras. em virtude de seus consideráveis talentos. E portanto, fazem uma lista; verifica-se que, até então, tinham já sido sacrificadas as criaturas seguintes :

Esposas: Aline, Adelaide e Constance .....	3
Sultanas: Augustine. Michette, Rosette e Zelmire.....	4
Trovadores: Giton e Narcisse.....	2
Fodedores:.....	1
subalterno.....	1
Total	10
Os novos lares estão assim dispostos:	
O Duque toma para si ou sob sua proteção: Hercule, Duclos,.....	1
cozinheira .....	4
Curval tem: Clivador de Bundas. Champville.....	1
cozinheira .....	4
Durcet tem: Invictus, Martaine.....	1
cozinheira .....	4
E o Bispo: Antinoüs. Desgranges. Julie.....	4
Total	16

Os Senhores decidem que, a um dado sinal c com a ajuda dos quatro fodedores e das quatro narradoras. mas não das cozinheiras que não desejam empregar em tais propósitos, prenderão todos os outros. fazendo uso dos meios mais traiçoeiros possíveis quando suas vitimas menos o esperarem; deitarão a mão a todos os outros, dizia eu, a exceção das três

copeiras, que só serão apanhadas mais tarde; mais se decide que os quartos de cima serão transformados em quatro prisões, que os três fodehores subalternos fortemente algemados serão alojados na mais forte dessas prisões; Fanny, Colombe, Sophie e Hébé na segunda; Céladon, Zelamir, Cupidon, Zéphyr, Adonis e Hyacinthe, na terceira; e as quatro velhas na quarta; que será despachado um súdito por dia; e que quando chegar o momento de apanhar as três criadas da copa, serão trancadas na prisão que estiver livre.

Concluídas estas disposições, os Senhores nomeiam cada uma das narradoras guarda de uma prisão. E sempre que quiserem, os Senhores divertir-se-ão com as vítimas, na sua prisão ou nos quartos grandes, ou nos aposentos de Suas Senhorias, segundo a preferência individual de cada um. E assim, tal como indicamos, um súdito é despachado por dia, na ordem seguinte:

1 de março: Fanchon

2: Louison

3: Thérèse

4: Marie

5: Fanny

6 e 7: Sophie e Céladon em conjunto, pois são amantes, e morrem pregados um ao outro, como já se explicou.

8: Um fodehor subalterno

9: Hébé

10: Outro fodehor subalterno

11: Colombe

12: O último fodehor subalterno

13: Zelamir

14: Cupidon

15: Zéphyr

16: Adonis

17: Hyacinthe

Na manhã do dia 18, os Senhores e suas cortes prendem as três criadas da copa, trancam-nas na prisão anteriormente ocupada pelas velhas, e despacham uma nesse dia.

Outra no dia 19.

A última no dia 20.

Total, 20

A recapitulação seguinte relaciona os habitantes do Castelo de Silling durante o memorável inverno:

Senhores .....4

Velhas.....4

Pessoal de cozinha.....6

Narradoras.....4

Fodedores.....8

Meninos..... 8

Esposas.....

.....4

Meninas..... 8

Total.....46

Dos quais trinta foram imolados e dezesseis regressaram a Paris.

#### BALANÇO FINAL

Massacrados antes de 1 de março, no curso das orgias...10

Massacrados depois de 1 de março.....20

Sobreviventes que regressaram.....16

Total .....46

No que diz respeito as torturas e mortes dos últimos vinte súditos, e a vida no castelo até o dia da partida, darás detalhes quando achares conveniente e estiveres disposto, dirás, antes de mais nada, que treze dos dezesseis sobreviventes (dos quais três eram as cozinheiras, tomavam toda as suas refeições em conjunto; intercala as torturas que quiseres.

# NOTAS

Não desviar em circunstância alguma deste plano, tudo foi pensado, a íntegra examinada várias vezes com o maior cuidado e rigor. Detalhar a partida. E, no conjunto, introduzir uma quantidade grande de dissertação moral e diatribe, acima de tudo durante as ceias.

Quando produzires a versão final, debes ter um livro de notas; nele debes inscrever os nomes de todos os personagens principais e o de todos os que desempenham papéis importantes, como dos que têm várias paixões e que aparecem diversas vezes no romance, como, por exemplo, o libertino do inferno; deixar uma grande margem ao lado de seus nomes e, ao passar a limpo, encher esses espaços com tudo que surgir que tenha alguma importância a respeito dos mesmos; esta nota é muito essencial, é a única maneira de conservar o trabalho isento de obscuridades e de evitar repetições.

Adoçar a Parte Primeira, é demasiado forte; as coisas desenvolvem-se com demasiada rapidez e vão longe demais, não pode ser possivelmente mole, temperada, fraca e débil demais. Acima de tudo nunca deixar que os quatro amigos façam seja o que for até isso ser primeiro contado. A esse respeito não foste suficientemente escrupuloso.

Na Parte Primeira, dizer que o homem que fode a boca da menina prostituída pelo pai, é o mesmo homem de quem ela já falara, que fode com o pau sujo.

Não esquecer de colocar em dezembro a cena das meninas servindo a ceia, esguichando licores de suas bundas nos copos dos Senhores; anunciaste esta cena, mas não a incluístes no plano.

# TORTURAS SUPLEMENTARES

— Mediante um tubo oco, um rato é introduzido em sua boceta, o tubo é retirado, a boceta costurada, e o animal, incapaz de sair, devora suas entranhas.

— É obrigada a engolir uma cobra que de maneira semelhante se alimenta de suas entranhas.

# ADENDA

Em geral descrever Curval e o Duque como dois malandros de sangue quente e imperiosos, foi assim que os concebeste no plano e na Parte Primeira, e representar o Bispo como um vilão frio, calculista e duro. Quanto a Durcet, deve ser malvado, implicativo, falso, traiçoeiro, pérfido. De acordo com o que, eles devem fazer tudo em conformidade com seus caracteres.

Recapitular cuidadosamente todos os nomes e as qualidades de todos os personagens que as narradoras mencionam; isto para evitar repetições.

Numa página do livro de notas dos personagens desenhar o plano do castelo, quarto por quarto, e no espaço branco ao lado dessa página, relacionar todas as coisas feitas por cada um.

Este grande rolo inteiro foi começado a 22 de outubro de 1785 e terminado em trinta e sete dias.

## Notes

[ ← 1 ]

Antes de transferir a minuta final para o rôlo, Sade preparara notas copiosas; isso explica, sem dúvida, a velocidade com que transcreveu o material para o rôlo de papel.

[← 2]

The Marquis de Sade: The Complete Justine, Philosophy in the Bedroom, an Other Writings. New York, Grove Press, 1965, p. 144. (O Marquês de Sade: Na Integra — Justine, Filosofia na Alcôva e Outros Escritos. New York, Grove Press, 1965, p. 144.)



[← 3]

Les 120 Journées de Sodom, ou l'Ecole du Libertinage, par le marquis de Sade. Edition critique sur le manuscrit original autographé par Maurice Heine, A Paris, par S et C, aux dépens das bibliophiles souscripieurs, 1931-1935. (Os 120 Dias de Sodoma, ou a Escola da Libertinagem, pelo Marquês de Sade. Edição Crítica baseada no manuscrito original autografado por Maurice Heine, Em Paris, por S e C, a expensas dos bibliófilo subscritores, 1931-1935.)<sup>4</sup> Ibid.

[← 4]

As reservas de Lely centralizam-se em redor da ênfase exagerada que Sade dá, nos 120 Dias, à aberração coprofílica.

[←5]

Lely, op. Cit., vol II, p. 534.

[← 6]

Coloque-se aqui o retrato de Durcet, tal como se encontra no caderno de notas 18, aquele encadernado em cor-de-rosa e depois de se ter concluído este retrato com as palavras de (a) no caderno de notas, continua-se com (b).

[← 7]

N. do T. A despeito do que Sade diz ,a respeito da anotação à margem destinada a distinguir as paixões particulares descritas a partir da recitação de eventos simples na vida das narradoras, aparentemente nunca as fez. A primeira edição francesa, completa, cuja publicação foi preparada por Maurice Heine, tendo por base o manuscrito original de Sade, não as contém; tampouco a edição Pauvert de 1953, que segue escrupulosamente Heine. Na última, da qual foi feita a presente **nesta edição, o exemplo da edição francesa, de 1953,** tradução, as narrações das mulheres, nas quais e apresentada a recitação das várias paixões, são grifadas. Seguimos,

[← 8]

N. do T. Como Sade observa, a velocidade a que escreveu o rascunho final de *Os 120 Dias*, e em virtude de não ter podido ler de novo e corrigir seu manuscrito, resultou num certo número de pequenas discrepâncias em datas, personagens e situações, que o leitor cuidadoso sem dúvida descobrirá. Não obstante, atendendo ao grande número de personagens, e a complexidade das regras e práticas, seu rigor de detalhe é notável.

[← 9]

N. do T. A paixão número 69 foi omitida por Sade.

[← 10]

N.B. — De acordo com minhas notas, as adoções só ocorrem depois dos defloramentos, por isso dizer que o Duque adota Augustine neste ponto. Verificar se isso é ou não verdade, e se adoção das quatro sultanas não ocorre no comêço, e se não digo no início que elas